

UM
ESTRANHO
NUMA
TERRA
ESTRANHA



Robert A. Heinlein

fr

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM ESTRANHO NUMA TERRA
ESTRANHA

Robert A. Heinlein

Título original: Stranger in a stranger land

Tradução de Luisa Rodrigues (português de Portugal)

© 1961 - Robert A. Heinlein

Publicações Europa-América Ltda.

Aviso: Todos os homens, deuses e planetas desta história são imaginários. Qualquer coincidência é lamentável. R. A. H.

Para Robert Cornog, Frederic Brown, Philip José Farmer.



ÍNDICE

[NOTA DO EDITOR PORTUGUÊS](#)

[NOTA MUITO SUMÁRIA A PROPÓSITO DESTE LIVRO](#)

[PRIMEIRA PARTE - A SUA MACULADA ORIGEM](#)

[SEGUNDA PARTE - A SUA HERANÇA IRRACIONAL](#)

[TERCEIRA PARTE - A SUA EXCÊNTRICA EDUCAÇÃO](#)

[QUARTA PARTE - A SUA ESCANDALOSA CARREIRA](#)

[QUINTA PARTE - O SEU FELIZ DESTINO](#)

NOTA DO EDITOR

ROBERT A. HEINLEIN: Uma das figuras centrais da moderna cultura americana

Em 1939 então com 32 anos, Robert Anson Heinlein publica pela primeira vez um pequeno conto intitulado Life-Life. É o início da sua longa carreira como escritor profissional, duas ou três vezes interrompida pela guerra e por motivos de saúde.

Quatro Prêmios Hugo, um recorde jamais igualado. Foi galardoado pela Associação dos Escritores Americanos de Ficção Científica com o título de Grão-Mestre Nebula, pela sua contribuição para a ficção científica ao longo da sua vida. Traduzido em vinte e oito línguas e com uma extensa produção que já conta com trinta e seis livros e centenas de contos curtos.

Robert A. Heinlein é, sem dúvida, um dos mais populares escritores americanos, bastante controverso e talvez o mais influente nas duas últimas décadas. Sabe-se que a ficção se move inexoravelmente para o centro da moderna cultura ocidental através dos livros, revistas, filmes, novelas, televisão, banda desenhada, jogos diversos, brinquedos, linguagem, planos econômicos, investigações científicas, construção, envio e retorno de naves espaciais reais. Já são muitos os que admitem esta realidade dos nossos dias. É uma das mais rápidas e profundas alterações na história humana verificada no nosso século.

Heinlein, com a sua vasta obra, permite-nos de certo modo antever esse futuro. Porque lidera a evolução da ficção científica quer em livros, filmes ou TV. Foi a partir do seu livro Rocket Ship Galileo que surgiu o primeiro filme moderno de ficção científica, Destination Moon (1950). A obra Space Cadet serviu de base à série televisiva com o mesmo título. A engenharia conhece bem o termo waldo. Foi criado por Heinlein, assim como outros hoje utilizados por milhões de pessoas em todo o mundo.

Vários são os assuntos sobre que se debruçou nos seus livros: as viagens-tempo com Ali You Zombies e By His Bootstraps; a

longevidade foi tema para os livros Os Filhos de Matusalém, Time Enough For Love e The Number Beast; a teocracia serviu-lhe de inspiração para Revolta no Ano 2100; a igualdade de direitos da mulher é focada no livro A Rapariga de Marte; Glory Road é uma fantasia-heróica e The Moon Is a Harsh Mistress uma novela revolucionária; os problemas raciais e a capacidade humana para o diálogo são tratados no livro O Monstro do Espaço. O autor de Um Estranho Numa Terra Estranha escreveu dezenas de outras obras, numa fabulosa série de livros e personagens que marcaram a vida das duas últimas gerações.

Engenheiro e matemático, Robert A. Heinlein dedica a sua atenção a áreas tão diversificadas como a arquitetura, xadrez e viagens pelo mundo. Em ficção científica é usual servirem-se de Heinlein como termo de comparação; infelizmente, para a maioria dos escritores, este padrão é demasiado alto.

NOTA MUITO SUMÁRIA A PROPÓSITO DESTE LIVRO

Se Robert Anson Heinlein não tivesse escrito uma só palavra mais após a publicação de *Um Estranho Numa Terra Estranha* (1961), ter-lhe-ia bastado esta obra para permanecer, igualmente, como uma das figuras mais importantes da moderna cultura americana.

Este livro é, sem dúvida, a peça mais conhecida de Heinlein. Magistralmente bem escrita e concebida — brilhante, espetacular e uma das mais populares, além de ser um bestseller sem paralelo nesta área editorial, com milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. Introduziu novos conceitos na língua inglesa, influenciou a imaginação e talvez a vida dos seus leitores. É um fenômeno sociológico que tem sido estudado atentamente.

Comemora-se este ano o vigésimo aniversário da primeira publicação deste livro, em 1961, que arrecadou para Heinlein mais um Prêmio Hugo.

Em meados dos anos 60, milhões de jovens em rebelião contra os valores mais «sagrados» do sistema americano adotaram esta obra como um dos estandartes do movimento beatnik. *Um Estranho* encaixava-se perfeitamente nos seus conceitos libertários e liberais, anarquistas e socializantes, essa amálgama incrível que tinha por lema o célebre *don't war, make love* e que, de certo modo, viria a expressar-se como oposição à guerra no Vietnam.

É assim que a geração dos «filhos das flores» descobre, espantada, que a história desta obra reflete a sua própria história, os seus desejos e angústias. Valentine Michael Smith, o personagem, central deste livro, é a voz a um tempo individual e coletiva dessa geração americana em busca da sua própria identidade. Hoje, vinte anos mais tarde, a geração beatnik é composta por homens e mulheres a rondar os 40 anos, talvez desajustados, talvez negando os valores comunitários e pacíficos que então defendiam.

Provavelmente os acontecimentos sociais e políticos americanos dos últimos anos são uma resposta a estas questões.

Um Estranho Numa Terra Estranha tem um início sugestivo: «Era uma vez um marciano chamado Valentine Michael Smith. »

Dando este estranho nome ao seu personagem mais conhecido, Heinlein desdobra-o em múltiplas identidades: Valentine é um santo-mártir padroeiro dos noivos e namorados, com uma carga amorosa e erótica a envolver o seu nome; Michael, o Arcanjo Miguel, chefe da Milícia Celeste que combate o «mal»; Smith é um sobrenome vulgar da língua inglesa.

A sugestão desta múltipla identidade é evidente que foi rapidamente entendida: o amor livre — imagine-se o escândalo que foi nos anos 60!— e o combate ao que está errado eram dois dos objetivos da juventude de então.

Numa obra onde os caminhos históricos estão patentes, não deixa de ser curioso notar que o seu personagem central não é encarado como um líder histórico, no sentido que hoje o entendemos, em que um homem (político, religioso, etc.) encaminha os seus seguidores para um futuro que se pretende melhor e diferente. O início da obra adverte-nos, de imediato, que Valentine é um elemento anti-histórico («Era uma vez... »). Surge-nos do passado, da fantasia, da lenda, como um messias, para nos salvar de algo difuso e pouco perceptível. É não só anti-histórico como profundamente anti-científico. Valentine representa apenas a liberdade, o que já não é pouco. Simboliza, de algum modo, o sonho da utopia, parte integrante do movimento beatnik.

Uma nota muito sumária como a presente não comporta uma análise mais profunda sobre esta obra, que poderíamos considerar um livro de conteúdo politizante, com uma carga religiosa acentuada e fazendo uma clarificação no campo sexual, ímpar na moderna literatura americana.

É, acima de tudo, a voz dos anos 60!

PRIMEIRA PARTE - A SUA MACULADA ORIGEM

I

Era uma vez um marciano chamado Valentine Michael Smith.

A primeira expedição a Marte foi selecionada com base na teoria que considera que o maior perigo para o homem é o próprio homem. Nessa época, oito anos terrenos após a fundação da primeira colônia humana na Lua, resolveu-se realizar uma viagem interplanetária feita por humanos em órbitas de queda livre: da Terra a Marte, duzentos e cinqüenta e oito dias para a viagem de ida, o mesmo para o regresso, mais quatrocentos e cinqüenta e cinco dias de espera em Marte, enquanto os planetas reocupavam lentamente as posições para a órbita de regresso.

Só reabastecendo-se numa estação espacial é que a nave *Envoy* poderia fazer a viagem. Depois de chegada a Marte poderia voltar — se não se esmagasse no solo, se encontrasse água para reabastecer os seus tanques de reação, se um sem-número de coisas não corresse mal.

Oito humanos, convivendo juntamente durante quase três anos terrestres, tinham de se dar muito melhor do que aquilo que é habitual nos humanos. Uma tripulação constituída apenas por homens foi vetada, por ser considerada pouco saudável e instável. Quatro casais casados foi considerado óptimo, se se conseguissem encontrar as especialidades requeridas em tal combinação.

A Universidade de Edimburgo, contratador principal, subcontratou o Instituto de Estudos Sociais para selecionar a tripulação. Depois de pôr de lado numerosos voluntários, devido à sua idade, saúde, mentalidade, grau de instrução ou temperamento, o Instituto ficou com nove mil possíveis candidatos. As especialidades requeridas eram: astro navegador, médico de clínica geral,

cozinheiro, maquinista, comandante de nave, semântico, engenheiro químico, engenheiro eletrônico, físico, geólogo, bioquímico, biólogo, engenheiro atômico, fotógrafo, técnico de culturas hidropônicas, engenheiro de foguetes. Havia centenas de possíveis combinações de oito voluntários possuindo estas especialidades; depois se transformaram em três combinações de casais — mas, em todos os três casos, os psicólogos que avaliavam os fatores de compatibilidade levaram as mãos à cabeça, horrorizados. O contratador principal sugeriu baixar o nível-padrão de compatibilidade; o Instituto ofereceu-se para devolver os seus parcos honorários.

Os computadores continuaram a rever os dados que se iam alterando devido a mortes, desistências, novos voluntários. O capitão Michael Brant, M. S., comodoro D. F. Reserve, piloto e veterano de trinta das viagens à Lua, levava uma certa vantagem no Instituto. Várias pessoas procuravam para ele nomes de mulheres solteiras que pudessem (juntamente com ele) completar uma tripulação, depois juntavam estes nomes ao dele e introduziam-nos nos computadores para determinar quando é que uma dessas combinações seria aceitável. Isto resultou no seu vôo para a Austrália para ir propor casamento à Dra. Winifred Cobum, uma solteirona nove anos mais velha do que ele.

Depois de se apagarem e acenderem muitas luzes e depois de muitos cartões emitidos pelas máquinas, encontrou-se uma tripulação:

Capitão Michael Brant, no comando: piloto, astro navegador, segundo-cozinheiro, segundo-fotógrafo, engenheiro de foguetes;

Dra. Winifred Cobum, quarenta e um anos, semântica, enfermeira, oficial de armazém, historiadora;

Sr. Francis X. Seeney, vinte e oito anos, oficial executivo, segundo-piloto, astro navegador, astrofísico, fotógrafo;

Dra. Olga Kovalic Seeney, vinte e nove anos, cozinheira, bioquímica, técnica de culturas hidropônicas;

Dr. Ward Smith, quarenta e cinco anos, físico e cirurgião, biólogo;

Dra. Mary Jane Lyle Smith, vinte e seis anos, engenheira atômica e eletrônica e técnica de energia;

Sr. Sergei Rimsky, trinta e cinco anos, engenheiro eletrônico, engenheiro químico, maquinista e operador dos instrumentos de bordo, criologista;

Sra. Eleanora Alvarez Rimsky, trinta e dois anos, geóloga e selenóloga, técnica de culturas hidropônicas.

A tripulação possuía todas as especialidades requeridas, tendo algumas delas sido adquiridas através de um intenso treino durante as semanas que antecederam a partida. Mas ainda mais importante que isso: eram mutuamente compatíveis.

O *Envoy* partiu. Durante as primeiras semanas os seus relatórios eram recolhidos por radiouvintes privados. À medida que os sinais se iam tornando mais fracos, eram retransmitidos pelos satélites terrestres. A tripulação parecia saudável e bem disposta. As impigens eram a coisa mais grave que o Dr. Smith tinha de tratar: a tripulação estava habituada à queda livre e as drogas anti-náusea deixaram de ser necessárias a partir da primeira semana. Se o capitão Brant tinha problemas de disciplina, não os comunicava.

O *Envoy* atingiu uma órbita de estacionamento dentro da órbita de Fobos e passaram duas semanas em vigilância fotográfica. Então o capitão Brant radio difundiu: «Aterraremos amanhã a 1200 T. S. G. (Tempo sideral de Greenwich) ao sul do Lacus Soli.»

Não foi recebida mais nenhuma mensagem.

II

Passou um quarto de século terrestre até Marte ser de novo visitado por humanos. Seis anos depois de o *Envoy* silenciar, a sonda *Zombie*, patrocinada por La Société Astronautique Internationale, atravessou o vazio e escolheu uma órbita para o período de espera,

e em seguida regressou. Fotografias tiradas pelo veículo *robô* mostravam uma terra pouco atraente relativamente aos padrões humanos; os seus instrumentos confirmaram a leveza e a inadequabilidade da atmosfera marciana para a vida humana.

Mas as fotografias da *Zombie* mostravam que os «canais» eram obras de engenharia e outros pormenores foram interpretados como ruínas de cidades. Uma expedição tripulada teria sido preparada se a terceira guerra mundial não tivesse intervindo.

Mas a guerra e os atrasos resultaram numa expedição mais bem organizada do que a do *Envoy*. A nave *Champion*, da Federação, com uma tripulação composta apenas por homens, oito astronautas, e transportando vinte e três pioneiros, fez a travessia utilizando a propulsão Lyle em dezenove dias. A *Champion* aterrou ao sul de Lacus Soli, pois o capitão Van Tromp tencionava procurar o *Envoy*. A segunda expedição comunicava diariamente; três dessas comunicações tiveram um interesse especial. A primeira constou do seguinte:

«Nave foguete *Envoy* localizada. Não há sobreviventes. »

A segunda foi a seguinte: «Marte é habitado. »

A terceira: «Correção ao relatório 23-105: Localizado um sobrevivente do *Envoy*. »

III

O capitão Willem van Tromp era um homem cheio de humanidade. Radiodifundiu antes de chegar: «O meu passageiro não deve ser submetido a uma recepção pública. Providenciem um transporte de baixa gravidade, uma maca e uma ambulância, e guarda armada.»

Mandou o cirurgião da nave verificar se Valentine Michael Smith era instalado numa *suíte* no Centro Médico de Bethesda, se tinha sido transferido para uma cama hidráulica, e se estava

protegido de qualquer contacto vindo do exterior. Van Tromp foi a uma sessão extraordinária do Conselho Supremo da Federação.

Ao saber que Smith tinha sido levado para a cama, o alto-ministro da Ciência disse, irritado:

— Aceito, capitão, que a sua autoridade como comandante daquilo que apesar de tudo era uma expedição científica lhe dê o direito de pedir serviço médico para proteger uma pessoa temporariamente ao seu cuidado. Não percebo como é que você tem agora a pretensão de interferir no meu departamento. Por que, se Smith é um tesouro redescoberto da informação científica?

— Suponho que é, senhor.

— Então por que... — O ministro da Ciência voltou-se para o alto-ministro para a Paz e Segurança. — David? Importas-te de dar instruções à tua gente? No fim de contas, não se pode fazer esperar o Prof. Tiergarten e o Dr. Okajima, para mencionar apenas estes dois.

O ministro da Paz lançou um olhar ao capitão Van Tromp. O capitão abanou a cabeça.

— Por quê? — perguntou o ministro da Ciência. — Você, Van Tromp, admite que ele não está doente.

— Dá uma oportunidade ao capitão, Pierre — aconselhou o ministro da Paz. — Bem, capitão?

— Smith não está doente, senhor — disse o capitão Van Tromp —, mas não está bem. Nunca tinha estado antes num campo de gravidade igual à nossa. Pesa duas vezes e meia mais do que aquilo a que está habituado e os seus músculos não estão aptos a suportá-lo. Não está habituado à pressão normal da Terra. Não está habituado a *nada* e a tensão é demasiada. Com os diabos, meus senhores, eu próprio estou exausto... e eu nasci neste planeta.

O ministro da Ciência olhou-o com desdém.

— Se a fadiga de aceleração o está a preocupar, deixe-me assegurar-lhe, meu caro capitão, que nós previmos isso. No fim de

contas, também eu já estive no espaço. Sei aquilo que se sente. Este homem Smith deve...

O capitão Van Tromp achou que chegara a altura de se mostrar irritado. Podia desculpar-se com a sua real fadiga, sentia-se como se tivesse acabado de aterrar em Júpiter. Por isso interrompeu:

— Hum! «Este homem Smith»... Este «*homem*»! Não está a ver que ele *não é*?

— O quê?

— Smith... não... é... um... *homem*.

— O quê? Explique-se, capitão.

— Smith é uma criatura inteligente com a ancestralidade de um homem, mas é mais marciano do que homem. Até nós chegarmos ele nunca tinha posto a vista num homem. Pensa como um marciano, sente como um marciano. Foi educado por uma raça que não tem *nada* de comum conosco... e nem sequer têm sexo. Ele é um homem por origem, um marciano por ambiente. Se o querem enlouquecer e perder esse «tesouro redescoberto», chamem os vossos estúpidos professores. Não lhe dêem uma oportunidade de se habituar a este louco planeta. Isso não me diz respeito; fiz o meu trabalho!

O silêncio foi quebrado pelo secretário-geral Douglas.

— E um bom trabalho, capitão. Se este homem, ou homem-marciano, precisa de alguns dias para se adaptar, tenho a certeza de que a ciência pode esperar... por isso tem calma, Pete. O capitão Van Tromp está cansado.

— Há uma coisa que não pode esperar — disse o ministro para a Informação Pública.

— O quê, Jock?

— Se não mostrarmos o homem que veio de Marte nas câmaras estereofônicas, muito em breve teremos tumultos, Sr. Secretário.

— Hum... Estás a exagerar, Jock. Marte enche as notícias, claro. Eu a condecorar o capitão e a sua tripulação... — amanhã,

suponho. O capitão Van Tromp a narrar as suas experiências... depois de uma noite de descanso, capitão.

O ministro abanou a cabeça.

— Não é suficiente, Jock?

— O público esperava que eles trouxessem um verdadeiro marciano vivo. Uma vez que não trouxeram, precisamos de Smith, e precisamos mesmo muito.

— Marcianos vivos? — o secretário-geral Douglas virou-se para o capitão Van Tromp. — Viu filmes de marcianos?

— Montes deles.

— Aqui tens a resposta, Jock. Quando as personagens reais escasseiam, exibem-se filmes. Agora, capitão, sobre extraterritorialidade: diz que os marcianos não se opuseram?

— Bem, eles não se opuseram, senhor... mas também não eram a favor.

— Não estou a compreender.

O capitão Van Tromp mordeu o lábio.

— Senhor, falar com um marciano é como falar com um eco. Não há discussões, mas também não há resultados.

— Talvez devesse ter trazido... qual é mesmo o nome? O seu semântico. Ou será que ele está à espera lá fora?

— Mahmoud, senhor. O Dr. Mahmoud não se sente bem. Uma... uma ligeira crise nervosa, senhor. — Van Tromp pensou que a *cair de bêbado* era a expressão mais apropriada.

— Angústia espacial?

— Talvez um pouco. — (Vejam só os espertalhões!)

— Bom, vá buscá-lo quando ele se sentir melhor. Suponho que o jovem Smith também deve precisar de ajuda.

— Talvez — disse Van Tromp duvidosamente.

O jovem Smith estava ocupado em manter-se vivo. O seu corpo, insuportavelmente comprimido e enfraquecido pela estranha

forma de espaço neste inacreditável lugar, estava finalmente aliviado pela suavidade do ninho no qual os outros o tinham colocado. Deixou de fazer esforço para sustentar a respiração e voltou o seu terceiro nível para a observação dessa mesma respiração e para o pulsar do seu coração.

Viu que estava prestes a consumir-se. Os seus pulmões batiam tão fortemente como o faziam em casa, o seu coração esforçava-se por distribuir o influxo, tudo numa tentativa de cooperar com a pequenez do espaço — e isto ao mesmo tempo que quase asfixiava devido a uma atmosfera rica em veneno e perigosamente quente. Tomou providências.

Quando as pulsações do seu coração eram de vinte por minuto e a sua respiração quase imperceptível, vigiou o tempo suficiente para se assegurar de que não se desintegraria enquanto a sua atenção estava noutro lado. Quando se deu por satisfeito, pôs uma parte do seu segundo nível em guarda e descontraíu o resto do seu corpo. Era necessário rever as configurações destes muitos e novos acontecimentos de modo a que ele os entendesse, e depois congratular-se e sentir-se elogiado por eles — a menos que eles o engolissem.

Por onde é que havia de começar? Pelo momento em que saíra de casa rodeado por estes outros que eram agora os seus companheiros de ninho? Ou pela sua chegada a este reduzido espaço? Foi de repente assaltado pelos sons e luzes dessa chegada, que o encheram de terríveis dores de cabeça. Não, ainda não estava preparado para receber essa configuração — para trás, para trás! Para trás ainda da primeira visão que tivera destes outros que agora eram os seus. Para trás ainda da cura que se tinha seguido à primeira vez que grocara que ele não era igual aos seus companheiros de ninho... para trás até ao próprio ninho. (Nota do editor: O verbo grocar é o aportuguesamento do verbo to grok criado por R. A. Heinlein, com o sentido lato de «compreensão total, completa e profunda das coisas». Intraduzível, portanto).

Nenhum dos seus pensamentos era em símbolos terrestres. Tinha aprendido recentemente a falar inglês simples, menos

facilmente do que um hindu habituado a comerciar com um turco. Smith usava o inglês como uma pessoa pode usar um livro de código, com uma tradução fastidiosa e imperfeita. Neste momento os seus pensamentos, abstrações de meio milhão de anos de estranha cultura, vagavam tão longe da experiência humana que quase não podiam ser traduzidos.

No quarto ao lado, o Dr. Thaddeus jogava às cartas com Tom Meechum, o enfermeiro particular de Smith. Thaddeus espreitava os seus mostradores e os seus aparelhos de medição. Quando uma luzinha tremente mudou de noventa e duas pulsações para menos de vinte pulsações por minuto, correu para o quarto de Smith, imediatamente seguido por Meechum.

O paciente flutuava na película flexível da cama hidráulica. Parecia estar morto. Thaddeus disse com brusquidão:

— Chama o Dr. Nelson!

— Sim, senhor! — disse Meechum, e acrescentou: — E se lhe aplicássemos um choque de velocidade, doutor?

— Chama o Dr. Nelson!

O enfermeiro saiu a correr. O médico examinou o paciente, não lhe tocou. Um médico mais velho entrou, caminhando com a dificuldade de um homem que permaneceu muito tempo no espaço e que ainda não se adaptou à maior gravidade.

— Então, doutor?

— A respiração, a temperatura e o pulso do doente desceram subitamente há cerca de dois minutos atrás, senhor.

— Que é que você fez?

— Nada, doutor. As suas instruções...

— Ótimo. — Nelson observou Smith, estudou os instrumentos que estavam por detrás da cama, gêmeos dos outros que se encontravam no quarto de observações. — Avise-me se houver alguma alteração. — Preparou-se para sair.

Thaddeus estava abismado.

— Mas, doutor...

Nelson disse:

— Sim, doutor? Qual é o seu diagnóstico?

— Hum, não desejaria pronunciar-se sobre o seu doente, doutor?

— Perguntei qual era o seu diagnóstico.

— Muito bem. Choque... atípico, talvez — arriscou Thaddeus —, mas choque conduzindo a estado terminal.

Nelson acenou com a cabeça.

— Isso é bastante razoável. Mas este não é um caso razoável. Já viu o doente nesta situação uma dúzia de vezes. Observe. Nelson largou o braço do doente, deixando-o cair. Ficou onde o largara.

— Catalepsia? — perguntou Thaddeus.

— Chame-lhe o que quiser. Preocupe-se apenas para que não o aborreçam e chame-me se houver alguma alteração. — Tornou a pousar o braço de Smith.

Nelson saiu. Thaddeus olhou para o paciente, abanou a cabeça e voltou para a sala de observação. Meechum agarrou as cartas.

— Joga?

— Não. Meechum acrescentou:

— Doutor, se me perguntar, digo-lhe que este é um caso perdido antes do amanhecer.

— Ninguém te perguntou nada. Vai fumar um cigarro com os guardas. Quero pensar.

Meechum encolheu os ombros e juntou-se aos guardas do corredor. Estes endireitaram-se, depois viram quem era e descontraíram-se. O mais alto dos fuzileiros disse:

— A que se devia a excitação?

— O doente teve cinco gêmeos e estávamos a discutir os seus nomes. Qual de vocês, seus estúpidos, tem um cigarro e fogo?

O outro fuzileiro tirou um maço de cigarros.

— Quanto lhe pagam para se calar?

— O suficiente. — Meechum esmagou o cigarro na cara do outro. — Juro por Deus, meus senhores, que não sei absolutamente nada sobre este doente.

— Qual é a idéia de ordenarem «Estritamente proibida a entrada de mulheres»? Ele é tarado sexual?

— Tudo o que eu sei é que o trouxeram da *Champion* e disseram que ele precisava de repouso absoluto.

— A *Champion*? — disse o fuzileiro que tinha falado em primeiro lugar.

Tudo se conjuga.

— Conjuga-se para quê?

— Parece razoável. Não teve nenhuma, não viu nenhuma e não tocou em nenhuma... durante meses. E ele está doente, compreende? Eles receiam que, se ele pusesse as mãos nalguma, se suicidasse. — Pestanejou. — Aposto em como ele o faria.

Smith estivera de pé atrás em relação aos médicos, mas tinha grocado que as suas intenções eram benéficas; não era necessário repelir a maior parte deles.

De manhã, quando os enfermeiros humanos refrescavam as faces dos doentes com toalhas úmidas, Smith voltou a si. Aumentou a velocidade do seu coração, desenvolveu a sua respiração, e observou aquilo que o rodeava, com serenidade. Observou o quarto, notando com prazer todos os pormenores. Estava a vê-lo pela primeira vez, pois fora incapaz de o observar quando o tinham trazido para ali. Este quarto não era um lugar comum para ele; não havia nada parecido com aquilo em Marte, nem sequer se assemelhava com o espaço em forma de cunha dos compartimentos de metal da *Champion*. Depois de ter revivido os acontecimentos e de ter relacionado o seu ninho com este lugar, estava agora preparado para o aceitar, para o elogiar e até para o apreciar.

Apercebeu-se de outra criatura viva. Um homem de longas pernas descia do teto ao mesmo tempo que rodopiava. Smith olhou-

o com prazer e pensou se seria um companheiro de ninho.

O Dr. Archer Frame, o interno que substituíra Thaddeus, caminhava para ele nesse momento.

— Bom dia — disse. — Como é que se sente?

Smith examinou a pergunta. A primeira frase reconheceu-a como um som formal, que não requeria resposta. A segunda era ouvida no seu espírito como possuindo diversas traduções. Se o Dr. Nelson a usava, queria dizer uma coisa; se era o capitão Van Tromp que a usava, era um som formal.

Experimentou aquela sensação de desmaio que tantas vezes o assaltava quando tentava comunicar com estas criaturas. Mas forçou o seu corpo a permanecer calmo e arriscou uma resposta.

— Sentir bem.

— Ótimo! — gritou a criatura. — O Dr. Nelson deve estar a chegar. Apetece-lhe tomar o café da manhã?

Todos os símbolos constavam do vocabulário de Smith, mas teve dificuldade em acreditar que tinha ouvido bem. Sabia que se tratava de comida, mas não lhe «apetecia» comida. Nem sequer tinha sido avisado que tinha sido escolhido para uma tal honra. Não soubera que o fornecimento de comida era tal que era necessário reduzir o grupo. Estava cheio de um brando pesar, pois havia ainda muito para grocar nos novos acontecimentos, mas não sentia relutância.

Mas foi poupado ao esforço de traduzir uma resposta pela entrada do Dr. Nelson. O médico da nave examinou Smith e a fila de mostradores, depois voltou-se para Smith.

— Os intestinos mexem-se?

Smith compreendeu isto; Nelson perguntava-o sempre.

— Não.

— Bom, tenha cuidado com isso. Mas primeiro a sua comida. Servente, traga aquele tabuleiro.

Nelson deu-lhe três colheradas, depois pediu-lhe para segurar na colher e para comer por si próprio. Era cansativo mas deu-lhe uma sensação de alegre triunfo, pois este era o primeiro ato em que não era assistido desde que tinha chegado a este estranho e distorcido espaço. Limpou a tigela e lembrou-se de perguntar: «Quem é isto?», de modo a que o seu benfeitor se sentisse lisonjeado.

— Que é isto, quer você dizer — respondeu Nelson. — É uma geléia sintética... e agora sabe tanto como sabia antes de perguntar. Acabou? Muito bem, desça da cama.

— Como? — Este era um símbolo atencioso que era útil quando a comunicação falhava.

— Eu disse para sair daí. Ponha-se de pé. Ande. É verdade que você está fraco como um gatinho, mas nunca porá um músculo a trabalhar aí nessa cama. — Nelson abriu uma válvula e a água começou a escoar-se. Smith experimentou um sentimento de insegurança, sabendo que Nelson o animava. Passado pouco tempo estava já fora da cama com a cobertura hidráulica enrugada à sua volta. Nelson acrescentou: — Dr. Frame, agarre o outro cotovelo.

Com Nelson a encorajar e ambos a ajudar, Smith ultrapassou as grades da cama.

— Firme. Agora ponha-se de pé. — Nelson dirigia as operações. — Não tenha medo. Nós agarramo-lo, se for necessário.

Fez um esforço e pôs-se de pé sozinho — um jovem esbelto com músculos subdesenvolvidos e peito ultradesenvolvido. O seu cabelo fora cortado na *Champion*, assim como as suíças. A sua mais marcada feição era o seu doce e infantil rosto — guarnecido de uns olhos que pareciam os de um homem de noventa anos.

Estava de pé, sozinho, tremendo levemente, depois tentou andar. Conseguiu dar três passos arrastados e rebentou num sorriso luminoso e infantil.

— Muito bem! — aplaudiu Nelson.

Tentou um outro passo, começou a tremer e subitamente desmaiou. Mal conseguiram evitar a queda.

— Raios! — Nelson espumava. — Entrou noutra crise. Aqui, ajude-me a metê-lo na cama. Não... encha-a primeiro.

Frame cortou o fluxo quando a película flutuava a cerca de 15 cm do topo. Levaram-no dificilmente, porque ele imobilizara-se na posição fetal.

— Ponha-lhe uma *almofada debaixo do pescoço* — disse *Nelson* — e chame-me se precisar de mim. Esta tarde pomô-lo outra vez a andar. Dentro de três meses estará a balançar-se nas árvores, como um macaco. Na realidade não se passa nada de invulgar com ele.

— Sim, doutor — respondeu Frame duvidosamente.

— Ah, é verdade, quando sair da crise ensine-o a usar o banheiro. Chame o enfermeiro para o ajudar: não quero que ele caia.

— Está bem, doutor. Hum, algum método especial... quero dizer, como...

— O quê? Mostre-lhe! Ele não percebe grande coisa do que você diz, mas é esperto como um rato.

Smith almoçou com ajuda. Neste momento entrou um servente para retirar o tabuleiro. O homem inclinou-se.

— Ouça — disse em voz baixa —, tenho uma ótima proposta a fazer-lhe.

— Como?

— Um contrato, um meio de você ganhar dinheiro fácil e rapidamente.

— Dinheiro? Que é dinheiro?

— Deixemos a filosofia; toda a gente precisa de dinheiro. Vou falar depressa porque não posso ficar muito tempo... foi preciso muita perseverança para chegar até aqui. Represento a Editora Peerless. Pagamos-lhe seis mil pela sua história e não terá o mínimo

de trabalho... temos os melhores escritores-fantasmas no assunto: Tem apenas de responder a perguntas; eles compilam-nas. Tirou um papel de dentro das roupas. — Basta assinar isto.

Smith aceitou o papel, olhou pasmado para ele, de pernas para o ar. O homem abafou uma exclamação.

— Deus! Não sabe ler inglês?

Smith compreendeu o suficiente para responder:

— Não.

— Bom... dê cá, eu leio-o, e depois você imprime o seu dedo no quadrado e eu sirvo de testemunha. «Eu, abaixo assinado, Valentine Michael Smith, por vezes conhecido como o Homem de Marte, concedo à Editora Peerless, Ltda., todos os direitos sobre a minha verdadeira história para ser intitulada, *Em Marte Eu Era Um Prisioneiro* em troca de... »

— Servente!

— O Dr. Frame estava à porta; o papel desapareceu dentro das roupas do homem.

— Vou já, senhor. Vim buscar este tabuleiro.

— Que é que estava a ler?

— Nada.

— Eu vi-o. Este doente não pode ser perturbado.

Saíram; o Dr. Frame fechou a porta atrás de si. Smith permaneceu sem se mexer durante cerca de uma hora; embora tentasse, não podia grocar tudo.

IV

Gillian Boardman era uma enfermeira competente e o seu passatempo eram os homens. Nesse dia estava de serviço como supervisora do andar em que se encontrava Smith. Quando lhe chegou aos ouvidos que o paciente da *suíte* K-12 nunca tinha visto uma mulher, em toda a sua vida, não acreditou. Decidiu fazer uma visita ao estranho paciente.

Sabia da ordem de «Proibidas as visitas femininas» e, como não se considerava uma visita, foi em frente, sem tentar utilizar a porta guardada — os fuzileiros tinham o hábito de interpretar as ordens literalmente. Em vez disso dirigiu-se para a sala de observação ao lado.

O Dr. Thaddeus olhou para cima.

— Olha! Que é que traz por cá, querida?

— Isto faz parte da minha ronda. Que há de novo sobre o teu paciente?

— Não preocupes a tua cabecinha, querida; não é da tua responsabilidade. Consulta o teu livro de serviço.

— Já o li. Quero vê-lo.

— Numa palavra: Não!

— Oh, Ted, não sejas tão respeitador do regulamento. Ele olhou para as suas unhas.

— Se eu te deixasse pôr um pé ali dentro voaria imediatamente para a Antártida. Não gostaria que o Dr. Nelson te apanhasse sequer aqui, nesta sala de observação.

Ela levantou-se.

— É provável que o Dr. Nelson entrasse subitamente?

— Não, a não ser que eu o chame. Está a dormir, devido à fadiga de aceleração.

— Então qual é a idéia de ser tão cumpridor do dever?

— Pode sair, enfermeira.

— Muito bem, doutor! — E acrescentou: — Ordinário.

— Jill!

— E presunçoso também. Ele suspirou.

— Continua de pé a nossa combinação para sábado à noite?
Ela encolheu os ombros.

— Penso que sim. Uma rapariga não se pode preocupar com coisas insignificantes, nestes dias que correm.

Voltou para o seu posto, pegou na chave-mestra. Tinha perdido uma batalha, mas não perdera a guerra: a *suíte* K-12 tinha uma porta que dava para o quarto de trás, uma sala usada como sala de espera quando a *suíte* estava ocupada por um oficial importante. A sala não estava a ser utilizada. Entrou. Os guardas não prestaram atenção, não sabendo que tinham sido ultrapassados pelo flanco.

Hesitou em frente à porta que ligava os dois quartos, sentindo a excitação que costumava sentir quando se esgueirava para fora dos alojamentos das estudantes de enfermagem. Abriu-a e olhou lá para dentro.

O paciente estava na cama, olhou para ela assim que a porta se abriu. A sua primeira impressão foi que se encontrava perante um paciente demasiado doente para ser salvo. A sua falta de expressão parecia mostrar a apatia dos doentes desesperados. Depois reparou que os seus olhos estavam vivos de interesse: pensou se a sua face estaria paralisada.

Assumi o seu ar profissional.

— Como é que está hoje? Sente-se melhor?

Smith traduziu as perguntas. A inclusão de ambas na forma interrogativa era confusa; decidiu que podia simbolizar um desejo de animação e de aproximação. A segunda parte condizia com as formas de discurso de Nelson.

— Sim — respondeu.

— Ótimo! — À parte a sua estranha falta de expressão, não viu nada de especial nele; e se para ele as mulheres eram seres desconhecidos, estava a conseguir escondê-lo muito bem. — Posso fazer alguma coisa por si? — Ela reparou que não havia copo na prateleira ao pé da cama. — Posso ir buscar-lhe água?

Smith apercebeu-se imediatamente que esta criatura era diferente da outra. Comparou o que estava a ver com as fotografias que Nelson lhe havia mostrado, durante a viagem desde casa até este local — as fotografias pretendiam mostrar uma confusa configuração deste grupo de pessoas. Este, então, era «mulher».

Sentiu-se ao mesmo tempo estranhamente excitado e desapontado. Suprimiu ambas as sensações de modo a que pudesse grocar profundamente, conseguindo-o com tal sucesso que o Dr. Thaddeus não notou nenhuma alteração nos mostradores da sala ao lado.

Mas quando traduziu a última pergunta sentiu uma tal onda de emoção que quase deixou aumentar o bater do seu coração. Dominou-se e ralhou consigo próprio por ter sido indisciplinado. Depois verificou a sua tradução.

Não, não estava enganado. A criatura mulher tinha-lhe oferecido água. Portanto, desejava aproximar-se.

Com grande esforço, procurando meios adequados, tentou responder com a devida cerimônia.

— Agradeço-lhe pela água. Espero que possa sempre beber profundamente.

A enfermeira Boardman parecia surpreendida.

— Por que, que amor!

Encontrou um copo, encheu-o e entregou-lho. Ele disse:

— Você beber.

«Será que ele pensa que estou a tentar envenená-lo?», perguntou a si própria — mas existia algo de obrigatoriedade no seu pedido. Bebeu um pequeno gole, após o que ele fez o mesmo; a seguir a isto ele parecia pronto a refastelar-se, como se tivesse feito algo importante.

Jill disse para si própria que, como aventura, isto era um fiasco. Disse:

— Bom, se não precisa de nada, devo voltar para o meu trabalho. Dirigiu-se para a porta. Ele chamou:

— Não! Ela deteve-se.

— Como?

— Não se vá embora.

— Bom... tenho de ir dentro de pouco tempo. — Voltou. — Quer alguma coisa?

Ele olhou-a de alto a baixo.

— Você é... mulher?

A pergunta espantou Jill Boardman. O seu impulso era responder irreverentemente. Mas a face grave de Smith e os seus olhos estranhamente perturbadores examinavam-na. Apercebeu-se emocionalmente que o inverossímil fato acerca deste paciente era verdadeiro; não sabia o que era uma mulher. Respondeu, cuidadosamente:

— Sim, sou uma mulher.

Smith continuava a olhá-la. Jill começou a ficar embaraçada. Esperava ser mirada por um homem, mas isto era como se estivesse a ser examinada ao microscópio. Estremeceu.

— Bem, pareço uma mulher, não pareço?

— Não sei — respondeu Smith lentamente. — Como é que são as mulheres? Que é que a faz mulher?

— Por piedade! — Esta conversa era completamente diferente das que ela costumava ter com os homens desde que tinha feito doze anos. — Não está à espera que eu me dispa e lhe mostre!

Smith levou tempo a examinar estes símbolos e a tentar traduzi-los. Quanto ao primeiro grupo, não o podia grocar de maneira nenhuma. Podia ser que fosse um dos sons formais que aquela gente usava... contudo tinha sido proferido violentamente, como se fosse uma última comunicação antes da retirada. Talvez se tivesse enganado profundamente no modo de lidar com uma criatura mulher e ela estivesse prestes a desintegrar-se.

Ele não queria que a mulher morresse naquele momento, muito embora talvez fosse esse o seu direito e possivelmente a sua obrigação. A mudança abrupta de relações, do ritual da água para uma situação em que um recém-adquirido irmão de água estava pronto a retirar-se ou a desintegrar-se, poderia tê-lo feito entrar em pânico se ele não tivesse conscienciosamente suprimido tal

perturbação. Mas ele decidiu que se ela morresse agora, ele teria também de morrer imediatamente — não a podia grocar de outra maneira, não depois da oferta da água.

A segunda metade continha símbolos que ele já encontrara antes. Não grocou muito bem a intenção, mas parecia que havia um meio de evitar esta crise — acedendo à sugestão feita. Talvez se a mulher tirasse as roupas nenhum deles desaparecesse. Sorriu alegremente.

— Sim, por favor.

Jill abriu a boca e tornou a fechá-la. Abriu-a de novo.

— Bem, com mil diabos!

Smith podia grocar a violência emocional e compreendeu que dera uma resposta errada. Começou a compor o seu espírito para a desintegração, saboreando e congratulando-se com tudo aquilo que vira e com tudo por que passara, com especial referência a esta criatura mulher. Depois apercebeu-se que a mulher estava curvada sobre ele e sabia, de algum modo, que ela não estava a morrer. Estava a olhar para ele.

— Corrija-me se estiver enganada — disse ela —, mas você estava a pedir-me que me despisse?

As inversões e as abstrações requeriam uma tradução cuidadosa, mas Smith conseguiu obtê-la.

— Sim — respondeu, esperando que ela não tivesse uma nova crise.

— Foi isso que eu pensei que você tivesse dito. Irmão, você não está doente.

Considerou a palavra «irmão» em primeiro lugar — a mulher estava a recordar-lhe que se tinham juntado na água. Pediu a ajuda dos seus companheiros de ninho para decifrar o que queria aquela mulher.

— Não estou doente — concordou.

— Macacos me mordam se sei o que é que se passa de errado consigo. Eu não me vou descascar e, além disso, tenho de me ir

embora. — Voltou-se e dirigiu-se para a porta do lado, depois deteve-se e olhou para trás com um sorriso enigmático. — Pode voltar a pedir-me, muito gentilmente, noutras circunstâncias. Tenho curiosidade em saber o que é que posso fazer.

A mulher tinha saído. Smith descontraíu-se e deixou que a imagem do quarto desaparecesse. Sentia um certo triunfo, sabendo que se comportara de modo a que não tinha sido necessário morrerem ambos... mas havia ainda muito que grocar. O último discurso da mulher continha símbolos que eram novos para ele — e os que não o eram tinham sido compostos em formas que não eram de fácil compreensão. Mas sentia-se feliz por ter sabido conduzir a comunicação entre irmãos de água — embora sentindo algo perturbador e terrivelmente agradável. Pensou neste seu novo irmão, a criatura mulher, e sentiu uns estranhos formigueiros. Esta sensação recordou-lhe a primeira vez que fora autorizado a assistir a uma desintegração e sentiu-se feliz sem saber por quê.

Desejou que o seu irmão Dr. Mahmoud estivesse ali. Havia tanta coisa para grocar, e tão pouca coisa com que grocar.

Jill passou o resto do tempo completamente confundida. O rosto do homem de Marte permanecia no seu espírito e matutava sobre as loucas coisas que ele dissera. Não «loucas» não: ela trabalhara no bloco psiquiátrico e tinha a certeza de que os comentários dele não tinham sido psicopáticos. Decidiu que «ingênuos» era o termo — depois decidiu que a palavra não era adequada. A sua expressão era inocente, mas os seus olhos não o eram. Que espécie de criatura possuía uma tal face?

Trabalhara em tempos num hospital católico; subitamente viu o rosto do homem de Marte emoldurado pelo toucado de uma freira. A idéia perturbou-a; não havia nada de feminino no rosto de Smith.

Estava a trocar de roupa quando uma outra enfermeira meteu a cabeça no quarto.

— Telefone, Jill.

Jill recebeu a chamada, som sem imagem, enquanto se vestia.

— É a Florence Nightingale? — perguntou uma voz de barítono.

— A própria. És tu, Ben?

— O corajoso defensor da liberdade de imprensa em pessoa. Estás ocupada, pequenina?

— Que é que tens em mente?

— Tenho em mente comprar-te um bife, encher-te de bebida e fazer-te uma pergunta.

— A resposta continua a ser «Não».

— Não é *essa* pergunta.

— Ah, sabes mais alguma? Conta-me.

— Mais tarde. Primeiro quero acalmar-te.

— Um bife verdadeiro? Sem ser sintético?

— Garantido. Espeta-lhe um garfo que ele mugirá.

— Deves estar com muito dinheiro. Ben.

— Isso é irrelevante e ignóbil. Alinhas?

— Falaste-me ao coração.

— Telhado do Centro Médico. Dez minutos.

Pôs no seu cacifo o vestido que trazia e vestiu um fato (roupa) que estava aí guardado para as emergências. Era um fato sóbrio, quase transparente, e com um corpo tão apertado que quase recriava o efeito que ela teria produzido se não tivesse nada vestido. Jill olhou para si com satisfação e tomou o tubo ascensional até ao telhado.

Estava à procura de Ben Caxton quando o servente do telhado lhe tocou no braço.

— Está um carro à sua espera, Menina Boardman... aquele *Talbot*.

— Obrigado, Jack. Viu o táxi preparado para arrancar, já com a porta aberta. Subiu para o carro, prestes a cumprimentar Ben, quando viu que ele não estava lá dentro. O táxi era automático; a

porta fechou-se e o carro levantou vôo, deu uma volta sob o círculo e partiu pela Potomac. Parou num andar de aterragem por cima de Alexandria e Caxton entrou; o táxi tornou a partir. Jill olhou para ele. — Meu Deus, como ele é importante! Desde quando é que mandas um *robô* buscar a tua mulher?

Ele deu uma palmadinha no joelho dela e disse gentilmente:

— Existem razões, minha pequenina. Não posso ser visto a ir-te buscar...

— Ora essa!

—... E tu não deves ser vista comigo. Portanto, acalma-te, foi necessário.

— Hum... qual de nós é que tem lepra?

— Os dois. Jill, eu sou um jornalista.

— Estava a pensar que eras outra coisa.

— E tu és uma enfermeira do hospital onde eles detêm o homem de Marte.

— Será que isso me torna imprópria para conhecer a tua mãe?

— Precisas que te faça um desenho, Jill? Existem mais de mil repórteres nesta área, mais uns quantos agentes da imprensa, gravadores, espiões e toda uma manada de gente que chegou quando a *Champion* aterrou. Todos eles têm tentado entrevistar o homem de Marte... e nenhum conseguiu. Achas que seria prudente sermos vistos a abandonar o hospital juntos?

— Não vejo o que é que isso tem. Eu não sou o homem de Marte. Ele olhou para ela.

— Com certeza que não. Mas vais ajudar-me a vê-lo... Razão pela qual eu não te fui buscar.

— O quê? Bem, tu andaste ao sol sem chapéu. Eles têm uma guarda de fuzileiros à sua volta.

— Portanto sempre têm. Falamos nisso mais tarde.

— Não sei o que é que há para falar.

— Mais tarde. Vamos comer.

— Agora estás a ser razoável. Terás dinheiro que chegue para o New Mayflower? *Estás* com bastante dinheiro, não estás?

Caxton franziu as sobrancelhas.

— Jill, não me vou arriscar a ir a um restaurante mais perto que em Louisville. Esta campana levaria quase duas horas a chegar lá. Que tal se jantássemos no meu apartamento?

—... disse a Aranha à Mosca. Ben, estou demasiado cansada para lutar.

— Ninguém te pediu para o fazeres. O King's X passou-me pela idéia, mas já cá não está quem falou.

— Para estar em segurança contigo devo passar despercebida. Isso também não me agrada muito. Bom, está bem, vamos lá para o King's X.

Caxton carregou nos botões; o táxi, que tinha estado a dar voltas aguardando instruções, despertou e dirigiu-se para o hotel de apartamentos onde Ben vivia. Marcou um número de telefone e disse a Jill:

— Quanto tempo é que queres para te fartares de beber, torrãozinho? Vou dizer à cozinha para ter os bifes prontos.

Jill considerou.

— Ben, a tua ratoeira tem uma cozinha privada.

— De todas as espécies. Posso grelhar um bife.

— Eu grelho o bife. Passa-me o telefone. — Deu as ordens, parando apenas para se assegurar de que Ben gostava de chicória.

O táxi deixou-os no telhado e desceram para o apartamento. Era antiquado, o seu único luxo era um relvado verdadeiro na sala de jantar. Jill deteve-se, descalçou os sapatos, dirigiu-se descalça para a sala de jantar e agitou os dedos dos pés por entre as folhas verdes. Suspirou.

— Meu Deus, isto sabe bem. Doem-me os pés desde que entrei ao serviço.

— Senta-te.

— Não, quero que os meus pés se lembrem disto amanhã.

— Serve-te à vontade. Foi até à dispensa e preparou as bebidas.

Nesse momento ela seguiu-o e transformou-se em dona de casa. O bife estava no elevador das encomendas; junto a ele encontravam-se batatas previamente cozinhadas. Ela preparou a salada, colocou-a no frigorífico, preparou uma combinação para grelhar o bife e aquecer as batatas, mas não pôs o ciclo em andamento.

— Ben, este fogão não tem controle remoto?

Ele estudou o painel de comandos, ligou um botão.

— Jill, que é que farias se tivesses de cozinhar diretamente sobre o fogo?

— Sair-me-ia muito bem. Fui escoteira. E tu, espertinho?

Foram para a sala; Jill sentou-se aos seus pés e dedicaram-se a beber martinis. Em frente à cadeira de Ben encontrava-se uma estereocabina televisiva disfarçada de aquário; ele ligou-a, os (peixes) *guppis* e *tetras* desapareceram para darem lugar à cara do conhecido jornalista Augustus Greaves.

—... isto pode ser considerado autoritarismo — dizia a imagem —, o fato de o homem de Marte estar sob o efeito de drogas para o impedirem de descobrir estes fatos. A Administração acharia isso extremamente...

Caxton desligou o aparelho.

— Gus, velho amigo — disse gentilmente —, não sabes nada a mais do que eu. — Franziu as sobrancelhas. — Contudo, pode ser que tenhas razão quanto ao fato de o Governo o manter sob o efeito de drogas.

— Não, não está — disse Jill subitamente.

— O quê? Que dizes, pequenina?

— O Homem de Marte não está sob o efeito de hipnóticos. — Tendo deixado escapar a verdade, acrescentou: — Tem um médico

continuamente a observá-lo, mas não existem ordens para lhe dar sedativos.

— Tens a certeza? Tu não és uma das enfermeiras dele?

— Não. Hum... na realidade existe uma ordem para manter as mulheres afastadas dele e alguns enormes fuzileiros para assegurarem que a ordem é cumprida.

Caxton assentiu.

— Portanto, segundo eu entendi, não tens a certeza se o mantêm debaixo do efeito de drogas ou não.

Jill mordeu o lábio. Tinha de se denunciar para poder acabar aquilo que começara a dizer.

— Ben, tu não serias capaz de me entregar?

— O quê?

— Seja de que maneira for.

— Hum... Isso cobre um campo muito vasto, mas vou arriscar-me.

— Está bem. Dá-me outro martini. — Ele serviu-a, Jill prosseguiu: — Sei que eles não têm o Homem de Marte hipnotizado... porque falei com ele.

Caxton assobiou.

— Eu sabia. Quando me levantei, esta manhã, disse para comigo: «Vai ver a Jill. Ela é que te vai valer.» Meu cordeirinho, toma outra bebida. Toma seis. Toma, pega na garrafa.

— Não vás tão depressa!

— Como quiseres. Posso massagear os teus pobres pés? Minha senhora, estás prestes a ser entrevistada. Como...

— Não, Ben, tu prometeste. Tu citas-me e eu perco o emprego.

— Hum... E que tal «de uma fonte normalmente bem informada»?

— Ficaria assustada.

— Então? Vais deixar-me morrer de frustração e comer aquele bife por ti?

— Oh, eu falo. Mas não o podes utilizar.

Ben permaneceu em silêncio; Jill descreveu-lhe como tinha enganado os guardas. Ele interrompeu:

— Diz-me: podes fazê-lo outra vez?

— O quê? Acho que sim, mas não o farei; é arriscado.

— Bom, podes meter-me lá dentro do mesmo modo? Ouve, eu visto-me de electricista: fato-macaco, emblema do sindicato, estojo de ferramentas. Dás-me a chave e...

— Não!

— O quê? Olha, menina, sê razoável. Esta é a história que mais interesse suscitou desde que Colombo levou Isabel a pôr as jóias no prego. A única coisa que me preocupa é que posso encontrar outro electricista...

— A única coisa que a mim me preocupa sou *eu* — interrompeu Jill. — Para ti é uma história; para mim é a minha carreira. Tirar-me-iam a minha boina, o meu ordenado e corriam-me da cidade.

— Hum... então é isso.

— Claro que é.

— Minha senhora, está prestes a ser subornada.

— Quanto? Precisarei de bastante para andar à moda o resto da minha vida, no Rio.

— Bem... não podes esperar que eu cubra o lance da Associated Press ou da Reuter. Que tal cem?

— Quem é que pensas que eu sou?

— Já assentamos isso, estamos a negociar o preço. Cento e cinquenta?

— Dá-me o número de telefone da Associated Press, isso é uma ninharia.

— Capitol 10-9000. Jill, queres casar comigo? É o máximo até onde posso ir.

Ela ficou atônita.

— Que é que disseste?

— Queres casar comigo? Assim, quando correrem contigo, estarei à espera na saída da cidade e levar-te-ei para longe da tua sórdida existência. Voltarás aqui e refrescarás os teus dedos dos pés na minha relva... *nossa* relva... e esquecerás a tua ignomínia. Mas primeiro tens de me introduzir no quarto.

— Ben, quase pareces estar a falar a sério. Se eu chamar uma testemunha repetes isso?

Caxton suspirou.

— Chama uma testemunha. Ela levantou-se.

— Ben — disse docemente —, não te obrigarei a fazê-lo. — Beijou-o. — Não brinques com o casamento ao pé de uma solteirona.

— Não estava a brincar.

— Imagino. Limpa o *batom* e eu conto-te tudo o que sei, depois pensaremos na forma como tu poderás utilizar o que te vou dizer, sem ser preciso correrem comigo da cidade. Está combinado?

— Está combinado.

Ela fez uma narração pormenorizada.

— Tenho a certeza de que ele não estava drogado. Tenho igualmente a certeza de que ele era racional... embora falasse da forma mais estranha possível e fizesse as perguntas mais esquisitas.

— Seria ainda mais estranho se ele não tivesse falado de modo estranho.

— Hã?

— Jill, não sabemos muito acerca de Marte, mas sabemos que os Marcianos não são humanos. Supõe que eras atirada para uma tribo no interior da selva que nem sequer sabia o que são sapatos. Saberias de que assunto é que havias de falar com eles? Esta é uma

analogia moderada; a verdade é pelo menos quarenta milhões de milhas mais estranha.

Jill abanou a cabeça em sinal de assentimento.

— Pensei nisso. Foi por isso que eu dei desconto aos seus estranhos comentários. Não sou estúpida.

— Não, na verdade és mesmo muito esperta, para uma mulher.

— Estás com vontade que eu te deite este martini no cabelo?

— Peço desculpa. As mulheres são mais inteligentes do que os homens; é um facto provado por toda a nossa técnica. Gimme, deixa-me encher-te o copo.

Ela aceitou as ofertas de paz e prosseguiu:

— Ben, aquela ordem de não deixarem ver mulheres é estúpida. Ele não é maníaco sexual.

— Sem dúvida não querem confrontá-lo com muitos choques ao mesmo tempo.

— Ele não ficou chocado. Estava apenas... interessado. Não era como ter um homem a olhar para mim.

— Se tivesses acedido a esse pedido para dar uma olhadela, poderias não ter tido mãos a medir.

— Acho que não. Penso que lhe devem ter falado sobre macho e fêmea; ele apenas queria ver em que é que as mulheres eram diferentes.

— *Vive la différence!* — respondeu Caxton entusiasticamente.

— Não sejas vulgar.

— Eu? Estava a ser respeitador. Estava a dar graças por ter nascido humano e não marciano.

— Fala a sério.

— Nunca falei mais a sério.

— Então está calado. Ele nunca me teria dado qualquer problema. Tu não viste a cara dele: eu vi.

— Que é que se passa com a cara dele? Jill parecia confusa.

— Ben, já alguma vez viste um anjo?

— Tu, minha querida. De outro modo, não.

— Eu também não... mas era isso que ele parecia. Tinha uns olhos envelhecidos e sábios numa face completamente plácida, uma face de uma inocência extraterrena. — Ela estremeceu.

— Extraterrena é a palavra — respondeu Ben lentamente. — Gostaria de vê-lo.

— Ben, porque é que o mantêm isolado? Ele não faria mal a uma mosca. Caxton uniu as pontas dos dedos.

— Bem, querem protegê-lo. Cresceu na gravidade de Marte; provavelmente está fraco como um gato.

— Mas a fraqueza muscular não é perigosa; *miastenia gravis* é muito pior e nós sabemos lidar bastante bem com ela.

— Querem também impedi-lo de apanhar coisas. Ele é como esses animais para experiências de Notre-Dame; nunca esteve exposto.

— Claro, claro: não tem anticorpos. Mas daquilo que eu ouvi no meio de toda a confusão, o Dr. Nelson, o cirurgião da *Champion*, tratou disso na viagem de regresso. Transfusões mútuas até metade do seu tecido sanguíneo ter sido substituído.

— Posso usar isso, Jill? Isso é novidade.

— Mas não me cites. Eles deram-lhe injeções contra tudo, até contra o higroma do joelho. Mas, Ben, para o proteger das infecções não é necessário uma guarda armada.

— Hum... Jill, recolhi algumas informações que se calhar não sabes. Não as posso usar porque tenho de proteger as minhas fontes. No entanto vou contar-te... mas não fales nada sobre isto.

— Não falarei.

— É uma longa história. Queres outra bebida?

— Não, vamos começar a comer o bife. Onde é que é o botão?

— Mesmo aqui.

— Bom, prime-o.

— Eu? Tu ofereceste-te para fazer o jantar.

— Ben Caxton, morrerei de fome até conseguir levantar-me para premir um botão a quinze centímetros do teu dedo.

— Como queiras. — Carregou no botão. — Mas não esqueças quem cozinhou o jantar. Agora sobre Valentine Michael Smith. Existe uma séria dúvida ao seu direito a usar o nome «Smith».

— Hã!?

— Querida, o teu compincha é o primeiro bastardo interplanetário que se conhece.

— Ao diabo com o que tu dizes!

— Por favor, porta-te como uma senhora. Recordas-te de alguma coisa sobre a *Envoy*? Quatro casais. Dois desses casais eram o capitão e a Sra. Brant, o doutor e a Sra. Smith. O teu amigo de cara de anjo é o filho da *Sra. Smith* e do capitão Brant.

— Como é que eles sabem? E quem se rala com isso? É muito hipócrita escavar um escândalo depois de todo este tempo. Eles estão mortos... deixem-nos em paz!

— Quanto à maneira como o souberam, nunca houve provavelmente oito pessoas mais minuciosamente medidas e tipificadas. Tipo sanguíneo, fator Rh, cor de cabelo e de olhos, todas essas coisas da genética sobre as quais sabes mais do que eu. É certo que Mary Jane Lyle Smith era a sua mãe e que Michael Brant é o seu pai. Isso dá a Smith uma óptima hereditariedade; o seu pai tinha um Q. I. de 163, a sua mãe de 170, e ambos eram o máximo dentro dos seus campos.

»Quanto a quem isso importa — prosseguiu Ben —, pois muita gente se importa... e mais se importarão quando isto vier a lume. Já ouviste falar da Propulsão Lyle?

— Claro. Foi a que a *Champion* usou.

— E todas as outras naves, nos nossos dias. Quem a descobriu?

— Não... Espera um segundo! Queres dizer *ela*...

— Batam palmas à senhora! A Dra. Mary Jane Lyle Smith. Tinha trabalhado nela antes de partir, embora tivesse deixado alguns aperfeiçoamentos por fazer. Assim, fez um registro de patente e colocou-a num *trust* — *não* numa corporação sem fins lucrativos, lembra-te —, depois atribuiu o controle e o rendimento provisório à Fundação da Ciência. Assim, o Governo controlou-a temporariamente... mas o teu amigo é o seu dono. Vale milhões, talvez centenas de milhões; não posso imaginar.

Trouxeram o jantar. Caxton usava mesas suspensas no teto para proteger o seu relvado; baixou uma até à sua cadeira e outra de estilo japonês para que Jill pudesse estar sentada na relva.

— Tenro? — perguntou.

— Maravilhoso! — respondeu Jill.

— Obrigado. Lembra-te que fui eu que o fiz.

— Ben — disse ela depois de engolir —, e quanto a Smith ser um... quero dizer, ilegítimo? Ele pode herdar?

— Ele não é ilegítimo. A Dra. Mary Jane era de Berkeley; as leis da Califórnia negam o conceito de bastardia. O mesmo se passa com o capitão Brant, pois a Nova Zelândia possui leis civilizadas. Enquanto no Estado natal do Dr. Ward Smith, o marido de Mary Jane, uma criança nascida durante o matrimônio é legítima, aconteça o que acontecer. Temos aqui, Jill, um homem que é o filho legítimo de três pais.

— Hã? Agora espera, Ben; não pode ser. Não sou advogada, mas...

— Com certeza que não és. Tais ficções não preocupam um advogado. Smith é legítimo de diferentes maneiras em diferentes jurisdições... mesmo sendo um bastardo. Portanto herda. Além disso, ao mesmo tempo que a sua mãe era rica, os seus pais também não viviam nada mal. Brant enterrava grande parte do seu escandaloso salário como piloto na viagem à Lua na Empresa Lunar. Sabes como essa gente prosperou: declararam só mais um dividendo de fundos estatais. Brant tinha um vício, o jogo... mas o

comandante ganhava regularmente e investia esse dinheiro também. Ward Smith possuía fortuna de família. Smith é herdeiro de ambos.

— Uau!

— E isto é só metade da história. Smith é o herdeiro de toda a tripulação.

— O quê?

— Todos os oito assinaram um contrato de «Cavalheiros Aventureiros», que os tornava mutuamente herdeiros uns dos outros... todos eles *e também* a sua descendência. Fizeram-no com cuidado, usando como modelo contratos do século XVI e XVII que se mantiveram através dos tempos, apesar de todos os esforços que foram feitos para os anularem. Todos eles eram pessoas muito poderosas. Entre todos possuíam um belo ganho. Aconteceu que incluíram nesse contrato consideráveis dividendos da Empresa Lunar, para além dos que Brant possuía. Smith pode possuir um controle dos lucros, ou pelo menos um bloco-chave.

Jill pensou na infantil criatura que tinha feito com ela uma tocante cerimônia do beber da água e sentiu pena dele. Caxton prosseguiu:

— Gostava de poder dar uma vista de olhos no diário de bordo da *Envoy*. Eles recuperaram-no... mas duvido que o divulguem.

— Porque é que não o hã-de fazer, Ben?

— É uma triste história. Soube estas coisas que te vou contar até o meu informador ficar sóbrio. O Dr. Ward Smith entregou a sua mulher à secção das cesarianas... e ela morreu na mesa de operações. O que ele fez em seguida mostra que ele estava a par dos acontecimentos; com o mesmo bisturi que tinha servido na operação, cortou a garganta do capitão Brant... e depois a sua. Desculpa, querida.

Jill estremeceu.

— Sou uma enfermeira. Estou imune a essas coisas.

— És uma mentirosa e adoro-te por isso. Fiz a ronda da polícia durante três anos, Jill; nunca consegui acostumar-me a isso.

— Que aconteceu aos outros?

— Se não tirarmos o diário de bordo aos burocratas, nunca o saberemos... e eu sou um jornalista muito idealista que acha que o devemos saber. O segredo gera a tirania.

— Ben, podia ser melhor se o despojassem da sua herança. Ele é muito... hum, desprendido das coisas deste mundo.

— É essa a expressão exata, tenho a certeza. Ele nem sequer precisa de dinheiro; o Homem de Marte nunca há-de ficar sem jantar. Qualquer governo e milhares de bizarros universitários gostariam de o ter como hóspede permanente.

— Era preferível que ele assinasse tudo e o esquecesse.

— Isso não é assim tão fácil. Jill, conheces o famoso caso da General Atomics contra Larkin, *et alii*?

— Ah, queres dizer a Decisão Larkin. Dei-a na escola, como toda a gente. Que é que tem isso a ver com Smith?

— Recua um pouco no tempo. Os Russos mandaram a primeira nave à Lua, e explodiu. Os Estados Unidos e o Canadá combinaram enviar uma; regressou, mas não deixou ninguém na Lua. Assim, enquanto os Estados Unidos e a Commonwealth se preparavam para enviarem para lá uma nave colonizadora patrocinada pela Federação e a Rússia organizava a mesma coisa por sua conta própria, a General Atomics iniciava a marcha lançando uma nave dum ilha alugada ao Equador.

Quando a nave da Federação apareceu, logo seguida pela da Rússia, os homens da General Atomics já lá estavam, muito bem instalados e com um ar enfatuado.

Assim a General Atomics, uma corporação suíça controlada pela América, exigiu a Lua. A Federação não podia correr com eles e apoderar-se da Lua; os Russos não teriam ficado quietos. Assim, o Supremo Tribunal legislou que uma pessoa corporativa, uma mera ficção legal, não podia possuir um planeta; os possuidores reais eram os homens que mantinham a ocupação: Larkin e associados. Assim, eles reconheceram-nos como uma nação soberana e

incorporaram-nos na Federação... atribuindo uma pequena fatia dos lucros àqueles que lá se encontravam, e as concessões à General Atomics e à sua corporação filha, a Empresa Lunar. Isto não agradou a ninguém nem ao Supremo Tribunal da Federação, que não era nessa altura todo-poderoso, mas era um compromisso que todos podiam suportar. Daí resultou uma legislação para os planetas colonizados, toda ela baseada na Decisão Larkin e que tentava evitar o derramamento de sangue. Elaborada, também: a terceira guerra mundial não resultou de nenhum conflito sobre a viagem no espaço ou coisa parecida. Portanto, a Decisão Larkin é lei e aplica-se a Smith.

Jill abanou a cabeça.

— Não vejo a ligação.

— Pensa, Jill. Segundo as nossas leis, Smith é uma nação soberana... e o único dono do planeta Marte.

V

Jill estava de olhos arregalados.

— Martinis a mais, Ben. Ia jurar que tinhas dito que o paciente era o dono de Marte.

— E é. Ocupou-o durante o período requerido. Smith é o... rei, presidente, único corpo cívico, ou o que tu quiseres... de Marte. Se a *Champion* não tivesse deixado colonos, a reivindicação de Smith poderia ter acabado. Mas deixou e por isso a ocupação continua, apesar de Smith ter vindo para a Terra. Mas Smith não tem de dividir com eles; eles são apenas imigrantes até ele lhes conceder cidadania.

— Fantástico!

— Mas legal. Querida, estás a perceber porque é que as pessoas estão interessadas em Smith? E porque é que a Administração o mantém escondido? O que eles estão a fazer não é legal. Smith também é um cidadão dos Estados Unidos e da Federação; é ilegal manter um cidadão, nem que seja um criminoso,

incomunicável em qualquer sítio dentro da Federação. Igualmente, em toda a história sempre foi considerado um acto pouco amistoso o encerramento de um monarca visitante (o que ele é, de facto) e não o deixar ver gente, especialmente a imprensa, ou seja *eu*. Continuas a não querer introduzir-me lá dentro?

— O quê? Assustaste-me, pateta. Ben, se eles me tivessem apanhado, que é que me teriam feito?

— Hum... nada de especial. Encerravam-te numa cela acolchoada, com um certificado assinado por três médicos, e deixavam-te receber correio em anos bissextos alternados. Estou a pensar é no que é que eles *lhe* vão fazer.

— Que é que eles *podem* fazer?

— Bem, ele pode morrer... de fadiga de aceleração, digamos.

— Queres dizer, *assassiná-lo*?

— Chiu, chiu! Não uses palavras feias. Acho que não o farão. Em primeiro lugar porque ele é uma mina de informações. Em segundo lugar, ele é uma ponte entre nós e a outra única raça que encontrámos. Que tal estás nos clássicos? Já leste *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells?

— Há muito tempo, na escola.

— Supõe que os Marcianos se tornavam nossos inimigos. Isso é possível e não temos meio de adivinhar o perigo que eles podem representar. Smith pode ser o elo de ligação que poderia tornar desnecessária a primeira guerra interplanetária. Mesmo sendo isto improvável, a Administração não o pode ignorar. A descoberta de vida em Marte é uma coisa que, politicamente, eles ainda não calcularam.

— Achas que ele está a salvo?

— Por enquanto. O secretário-geral tem de pensar bem nas coisas. Como tu sabes, a Administração dele é fraca.

— Não ligo muito à política.

— Devias ligar. É pouco menos importante que o nosso bater de coração.

— Também não ligo a isso.

— Não fales enquanto estou a discursar. A incoerente maioria liderada por Douglas pode desmembrar-se de um dia para o outro: o Paquistão desapareceria com um ataque de tosse nervosa. Seria apresentado um voto de desconfiança e o Sr. Secretário-Geral Douglas voltaria a ser um reles advogado. O homem de Marte pode ajudá-lo ou destruí-lo. Vais introduzir-me lá dentro?

— Vou dar entrada num convento. Tens mais café?

— Vou ver.

Levantaram-se. Jill espreguiçou-se e disse:

— Ah, os meus velhos ossos! Deixa lá o café, Ben; espera-me um dia trabalhoso, amanhã. Levas-me a casa? Ou, melhor, manda-me para casa, é mais seguro.

— Está bem, embora a noite seja ainda uma criança. — Ele dirigiu-se para o quarto e voltou trazendo um objecto do tamanho de um pequeno isqueiro. — Não vais meter-me lá dentro?

— Ora, Ben, eu quero ajudar-te, mas...

— Deixa lá. É perigoso... e não é bom para a tua carreira. — Mos-trou-lhe o objecto. — És capaz de lhe pôr um besouro?

— O quê? Que é isso?

— A maior dádiva para os espões desde o *Mickey Finn*. Um microgra-vador. A gravação é accionada por mola, portanto não pode ser descoberto por um circuito espião. Os interiores são envolvidos em plástico: podes até deixá-lo cair de um táxi. A energia é tão radiactiva como um mostrador de relógio, mas blindado. As fitas são para vinte e quatro horas. Depois basta tirar uma bobina e meter uma outra; a mola faz parte da bobina.

— Pode explodir? — perguntou ela nervosamente.

— É completamente inofensivo.

— Ben, assustaste-me de mais para entrar no quarto dele.

— Podes ir ao quarto ao lado, não podes?

— Acho que sim.

— Esta coisa tem orelhas de elefante. Prende o lado côncavo contra uma parede... fita adesiva serve... e ele regista tudo no quarto ao lado.

— Estou sujeita a que me vejam entrar e sair desse quarto. Ben, o quarto dele tem uma parede em comum com um quarto no outro corredor. Isso serve?

— Perfeito. Vais fazê-lo?

— Hum... dá-mo. Vou pensar nisso. Caxton limpou-o bem com o seu lenço.

— Calça as luvas.

— Porquê?

— A sua posse pode dar origem a umas feriazinhas atrás das grades. Usa sempre luvas e não te deixes apanhar com ele.

— Pensas nas coisas mais simpáticas!

— Queres desistir? Jill respirou fundo.

— Não.

— Menina bonita! — Uma luz apagou-se e acendeu-se, Ben foi ver o que era. — É o teu táxi. Chamei-o quando fui buscar isto.

— Oh. Procura os meus sapatos, procuras? Não venhas ao telhado. Quanto menos for vista contigo melhor.

— Como queiras.

Quando ele se ia a endireitar, depois de lhe ter calçado os sapatos, ela tomou a sua cabeça entre as mãos e beijou-o.

— Querido Ben! Não pode vir nenhum bem de tudo isto e não tinha percebido que eras um criminoso... mas és um bom cozinheiro, desde que eu escolha uma boa combinação... Sou capaz de casar contigo se te apanhar a fazer a proposta outra vez.

— A oferta continua de pé.

— Os *gangsters* casam com as suas companheiras? — E saiu apressadamente.

Jill colocou o besouro facilmente. A paciente do quarto do corredor ao lado não podia sair da cama; Jill parava aí muitas vezes para conversar. Encostou-o à parede, debaixo de uma prateleira do armário, enquanto ia conversando sobre o facto de as criadas *nunca* limparem o pó às prateleiras.

Mudar as bobinas no dia seguinte foi fácil; a paciente estava a dormir. Acordou quando Jill estava empoleirada numa cadeira; Jill distraiu-a contando-lhe um boato picante que corria nos alojamentos das enfermeiras.

Jill enviou a figa gravada pelo correio, pois o sistema postal parecia mais seguro que o estratagema tradicional de capa e espada. Mas a tentativa de meter a terceira bobina falhou. Esperou que a doente adormecesse, mas, mal tinha acabado de subir para a cadeira, a paciente acordou.

— Oh! Olá, Menina Boardman. Jill ficou petrificada.

— Olá, Sra. Fritschlie — conseguiu responder. Fez uma boa sesta?

— Assim-assim — respondeu a mulher de mau humor. — Doem-me as costas.

— Eu dou-lhe uma massagem.

— Não vale a pena. Porque é que está sempre a remexer no meu armário? Passa-se alguma coisa?

Jill tentou acalmar o estômago.

— Ratos — respondeu.

— Ratos? Tenho de mudar de quarto!

Jill apanhou precipitadamente o instrumento solto e meteu-o no bolso, depois saltou para o chão.

— Ora, ora, Sra. Fritschlie... estava apenas a ver se havia buracos de ratos. Não há.

— Tem a *certeza*?

— Toda a certeza. Agora vamos dar uma massagem nas costas. Vamos lá.

Jill decidiu arriscar o quarto vazio que fazia parte da *suite* K-12, onde estava o homem de Marte. Foi buscar a chave-mestra.

No entanto encontrou o quarto sem estar fechado à chave e com mais dois fuzileiros; a guarda tinha sido dobrada. Um deles olhou assim que ela abriu a porta.

— Procura alguma coisa?

— Não. Não se sentem na cama, rapazes — disse rudemente.
— Se Precisam de cadeiras, nós mandamos buscá-las.

O guarda levantou-se relutantemente; ela saiu, tentando esconder que tremia.

O besouro estava ainda no seu bolso quando largou o serviço; decidiu devolvê-lo a Caxton. Uma vez no ar e em direcção ao apartamento de Ben, conseguiu respirar mais facilmente. Telefonou-lhe durante o voo.

— Fala Caxton.

— Ben? Daqui Jill. Quero ver-te. Ele respondeu lentamente:

— Não acho que isso seja prudente.

— Ben, tenho de te ver. Vou a caminho.

— Bom, está bem, se tem de ser.

— Que entusiasmo!

— Ora, querida, não é que eu...

— Adeus! — Ela desligou, acalmou-se e decidiu não descarregar sobre Ben; tinham de ir até ao fim da sua aliança. Pelo menos ela estava... ela devia era ter deixado a política em paz.

Sentiu-se melhor quando se aninhou nos braços de Ben. Ele era tão querido... talvez devesse casar com ele. Quando tentou falar, ele tapou-lhe a boca e murmurou:

— Não fales. Posso estar a ser gravado.

Ela acenou com a cabeça em sinal de assentimento, pegou no gravador e entregou-lho. As suas sobancelhas ergueram-se mas não fez comentários. ' Em vez de o fazer, deu-lhe uma cópia da edição da tarde do jornal *Post*.

— Viste o jornal? — disse com uma voz natural. — Podes dar-lhe uma vista de olhos enquanto eu me lavo.

— Obrigado. — Assim que ela lhe pegou, ele apontou-lhe uma coluna, depois saiu, levando com ele o gravador. A coluna era a do próprio Ben.

O NINHO DE CORVOS *por Ben Caxton*

Toda a gente sabe que as cadeias e os hospitais têm uma coisa em comum: pode tornar-se muito difícil sair de lá. De certo modo, um prisioneiro é mais livre que um paciente; um prisioneiro pode mandar chamar o seu advogado, pedir uma testemunha, invocar o *habeas corpus* e exigir que o seu carcereiro se justifique em tribunal aberto.

Mas um simples letreiro com os dizeres NÃO SÃO PERMITIDAS VISITAS, mandado afixar por um dos homens-medicina da nossa peculiar tribo, é suficiente para votar um doente de hospital ao esquecimento mais completamente do que aquilo que se passou com o Homem da Máscara de Ferro.

Para ser mais preciso, os parentes mais próximos do doente não podem ser afastados — mas o Homem de Marte parece não possuir parentes próximos. A tripulação da infortunada *Envoy* tinha poucos laços na Terra; se o Homem da Máscara de Ferro — perdoem-me; quero dizer, o Homem de Marte — tem qualquer parente zelando pelos seus interesses, alguns milhares de repórteres têm sido incapazes de o verificar.

Quem fala pelo Homem de Marte? Quem é que ordenou uma guarda armada à sua volta? Qual é a sua terrível doença para que ninguém o possa ver, nem sequer fazer-lhe uma pergunta? Dirijo-me a si, Sr. Secretário-Geral; a explicação sobre fadiga de aceleração e

fraqueza física não chega; se isso fosse uma resposta, uma enfermeira vulgar serviria tão bem como uma guarda armada.

Será que essa doença é de natureza financeira? Ou (digamos mais suavemente) de natureza política?

O artigo continuava no mesmo estilo: Jill podia ver que Ben combatia a Administração, tentando forçá-la a uma abertura. Sentia que Caxton estava a arriscar-se seriamente ao hostilizar as autoridades, mas não tinha noção do alcance do perigo, nem quais as formas de que esse perigo se podia revestir.

Deu uma vista de olhos pelo jornal. Estava cheio de histórias sobre a *Champion*, de fotografias do secretário-geral a colocar medalhas, de entrevistas com o capitão Van Tromp e com a sua corajosa tripulação, de fotografias de marcianos e de cidades marcianas. Havia pouca coisa acerca de Smith, somente um boletim que dizia que ele estava a recuperar lentamente dos efeitos da viagem.

Bem entrou e deixou cair no seu colo algumas folhas de papel muito fino.

— Toma outro jornal. — Tornou a sair.

Jill viu que o «jornal» era uma transcrição daquilo que a sua primeira gravação tinha recolhido. Estava marcado Primeira Voz, Segunda Voz, etc, mas Ben escrevera nomes sempre que tinha sido capaz de identificar as vozes. Escrevera no cimo da folha: «Todas as vozes são masculinas.»

A maior parte das conversas apenas mostravam que Smith tinha sido alimentado, lavado, massageado, e que tinha feito exercício sob a vigilância de uma voz identificada como «Dr. Nelson» e de outra marcada com «Segundo Médico».

Mas uma das passagens não tinha nada a ver com o tratamento do paciente. Jill releu-a:

Dr. Nelson: Como é que se sente, rapaz? Suficientemente forte para falar?

Smith: Sim.

Dr. Nelson: Um homem quer falar consigo.

Smith: (pausa) Quem? [Caxton escrevera: Todas as falas de Smith são precedidas por pausas.]

Nelson: Este homem é o nosso grande (*palavra gutural intraduzível — marciano?*). Ele é o nosso Velho mais Velho. Vai falar com ele?

Smith: (*pausa muito longa*) Estou muito feliz. O Velho falará e eu ouvirei e aprenderei.

Nelson: Não, não! Ele quer fazer-lhe perguntas.

Smith: Eu não posso ensinar um Velho.

Nelson: O Velho deseja-o. Deixa que ele lhe faça perguntas?

Smith: Sim.

(Vozes de fundo.)

Nelson: Por aqui, senhor. O Dr. Mahmoud traduz.

Jill leu «Nova voz». Caxton riscara isto e escrevera em seu lugar: «Secretário-geral Douglas!!!»

Secretário-geral: Não preciso dele. Você diz que Smith percebe inglês.

Nelson: Bem, percebe e não percebe, Excelência. Sabe umas quantas palavras, mas, como diz o Dr. Mahmoud, falta-lhe o contexto cultural para saber como usá-las. Pode ser confuso.

Secretário-geral: Oh, eu desenvencilho-me, tenho a certeza. Quando eu era rapaz viajei à boleia por todo o Brasil sem saber uma palavra de português, quando comecei. Agora, se não se importa, apresente-nos... depois deixe-nos a sós.

Nelson: Senhor? É melhor eu ficar com o meu doente.

Secretário-geral: A sério, doutor? Receio que tenha de insistir. Desculpe.

Nelson: E *eu* receio que também tenha de insistir. Desculpe, senhor. Ética médica...

Secretário-geral: (*interrompendo*) Como advogado, conheço alguma coisa da jurisprudência médica; portanto, não me venha ensinar essa disparatada «ética médica». Este paciente escolheu-o?

Nelson: Não exactamente, senhor, mas...

Secretário-geral: Ele teve oportunidade para escolher médicos? Duvido. O seu estado é da competência do Estado. Eu estou a actuar como parente mais próximo, *de facto...* e concordará que *de direito* também. Desejo falar com ele a sós.

Nelson: (*longa pausa, depois com firmeza de voz*) Se põe as coisas desse modo, Excelência, retiro-me do caso.

Secretário-geral: Não tome isto desse modo, doutor. Não estou a pôr em causa o seu tratamento. Mas você não tentaria impedir uma mãe de ver o seu filho a sós, tentaria? Tem medo que eu lhe faça mal?

Nelson: Não, mas...

Secretário-geral: Então qual é a sua objecção? Vamos, apresente-nos e vamos acabar com isto. Esta agitação pode prejudicar o seu doente.

Nelson: Excelência, eu apresento-o. Depois tem de escolher um outro médico para o seu... protegido.

Secretário-geral: Lamento, doutor. Realmente lamento-o. Não posso tomar isso como definitivo... discutiremos esse assunto mais tarde. Agora, se me dá licença...?

Nelson: Venha até aqui, senhor. Filho, é este o homem que o quer ver, o nosso Velho mais Velho.

Smith: (intraduzível).

Secretário-geral: Que é que ele disse?

Nelson: Uma saudação respeitosa. Mahmoud diz que a sua tradução é a seguinte: «Sou apenas um ovo.» Mais ou menos isso, de qualquer modo. É uma expressão amigável. Filho, fala a fala dos homens.

Smith: Sim.

Nelson: É melhor usar palavras simples, se lhe posso dar um último conselho.

Secretário-geral: Oh, usarei.

Nelson: Adeus, Excelência, Adeus, filho.

Secretário-geral: Obrigado, doutor. Até logo.

Secretário-geral: (continuou) Como é que te sentes?

Smith: Sinto-me bem.

Secretário-geral: Ótimo. Se quiseres qualquer coisa, basta pedir. Queremos que estejas feliz. Agora quero que faças uma coisa por mim. Sabes escrever?

Smith: «Escrever»? Que é «escrever»?

Secretário-geral: Bem, a tua impressão digital é suficiente. Quero ler-te um papel. Este papel contém muita linguagem judicial, mas, resumindo-o de um modo simples, o que diz é que tu concordas em que, a partir do momento em que deixaste Marte, concordas em abandonar... quero dizer, em desistir... de todo e qualquer direito que aí possas ter. Compreendes-me? Concedes esses direitos ao Governo em forma de trust.

Smith: (não responde).

Secretário-geral: Bem, vamos pôr as coisas deste modo. Tu não possuis Marte, pois não?

Smith: (longa pausa) Não compreendo.

Secretário-geral: Hum... vamos tentar outra vez. Queres ficar aqui, não queres?

Smith: Não sei. Fui enviado pelos Velhos. (Longo discurso intraduzível, sons que lembram uma rã a lutar com um gato.)

Secretário-geral: Com os diabos! Deviam ter-lhe ensinado mais inglês. Olha, filho, não precisas de te preocupar. Deixa-me apenas pôr o teu dedo no fim desta página. Dá-me a tua mão direita. Não, não te contorças dessa maneira. Está quieto! Não te vou magoar... Doutor! Doutor Nelson!

Segundo Médico: Diga, senhor?

Secretário-geral: Vá buscar o Dr. Nelson.

Segundo Médico: O Dr. Nelson? Mas ele foi-se embora, senhor. Disse que o tinha retirado do caso.

Secretário-geral: Nelson disse isso? Diabos o levem! Bem, faça alguma coisa. Dê-lhe respiração artificial. Dê-lhe uma injeção. Não fique aí parado... não vê que este homem está a morrer?

Segundo Médico: Acho que não se pode fazer nada, senhor. Apenas deixá-lo sozinho até ele sair da crise. Foi isso que o Dr. Nelson sempre fez.

Secretário-geral: Maldito Dr. Nelson!

A voz do secretário-geral não voltou a aparecer, nem a do Dr. Nelson. Jill pôde deduzir, daquilo que ouvira dizer, que Smith entrara num dos seus estados catalépticos. Havia mais dois registos. Num deles lia-se: «Escusa de falar baixo. Ele não o pode ouvir.» No outro lia-se: «Leve esse tabuleiro. Alimentamo-lo quando ele sair da crise.»

Jill relia o papel quando Ben entrou. Tinha mais folhas de papel mas não lhas deu; em vez de o fazer, disse:

- Estás com fome?
- Esfomeada!
- Vamos matar uma vaca!

Ben não disse uma palavra durante o caminho até ao telhado para irem apanhar um táxi, e continuou calado durante o voo até à plataforma de Alexandria, onde mudaram de táxi. Ben escolheu um com a matrícula de Baltimore. Uma vez no ar dirigiu-o para Hagerstown, em Maryland, depois relaxou-se.

- Agora podemos falar.
- Ben, porquê todo este mistério?
- Desculpa, pezinhos lindos. Não sei se o meu apartamento está sob escutas. Se eu o posso fazer a eles, eles podem fazer o mesmo a mim. Do mesmo modo, embora não seja provável que um táxi chamado do meu apartamento tenha um microfone dentro dele,

apesar disso, pode ter; as brigadas do Serviço Especial são minuciosas. Mas este táxi... — Ben bateu com a mão nos estofos do carro. — Eles não podem pôr microfones em milhares de táxis. Um escolhido ao acaso deve ser seguro.

Jill tremeu.

— Ben, não pensas que eles... — Jill deixou morrer a frase.

— Ai não que não penso! Les-te a minha coluna. Registei aquela cópia há nove horas. Achas que a Administração me deixava dar-lhe um pontapé no estômago sem ripostar?

— Mas tu estiveste sempre contra esta Administração.

— Está bem. Mas isto é diferente. Acusei-os de manterem detido um prisioneiro político. Jill, um governo é um organismo vivo. Como todas as coisas com vida, a sua primeira característica é o instinto de sobrevivência. Tu atinge-la, e ela responde. Desta vez, atingi-a de verdade. — Acrescentou: — Mas não te devia ter envolvido.

— Não tenho medo. Não tenho desde que te entreguei aquela engenhoca.

— Estás associada comigo. Se as coisas ficarem feias, isso é suficiente.

Jill calou-se. Para quem nunca experimentara nada pior que uma tarefa enquanto criança, e ocasionalmente palavras desagradáveis depois de adulta, a noção de que podia estar em perigo era difícil de aceitar. Como enfermeira, tinha visto as consequências da violência — mas isso não podia acontecer com ela.

O táxi estava a dar voltas para aterrar quando ela quebrou o silêncio.

— Ben? Supõe que este doente morre. Que é que acontece?

— Hã? — Ele franziu o sobrolho. — É uma boa pergunta. Se não há mais perguntas, a aula está acabada.

— Não te armes em engraçado.

— Hum... Jill, passei noites em claro a tentar encontrar uma resposta para isso. Eis as melhores que encontrei: se Smith morrer, os seus direitos sobre Marte desaparecem. Provavelmente o grupo que a Champion deixou em Marte reivindicará novos direitos... e é quase certo que a Administração elaborou um contrato antes da sua partida da Terra. A Champion é uma nave da Federação, mas é possível que esse tal acordo deixe todas as decisões nas mãos do secretário-geral Douglas. Isso poderia mantê-lo no poder por muito tempo. Por outro lado, pode não significar absolutamente nada.

— Hã? Porquê?

— A Decisão Larkin pode não se aplicar. A Lua não era habitada, mas Marte é: pelos Marcianos. Neste momento os Marcianos são um zero legal. Mas o Supremo Tribunal pode ter em conta a situação política e decidir que a ocupação humana não significa nada num planeta habitado por não humanos. Então, os direitos sobre Marte teriam de ser atribuídos aos Marcianos.

— Mas, Ben, de qualquer modo seria esse o caso. Esta noção de que um único homem é dono de um planeta... é fantástica!

— Não uses essa palavra com um advogado; preocupar-se com ninharias e com casos fantásticos é um curso muito necessário nas escolas de Direito. Além disso existe um precedente. No século XV o papa decidiu doar por escritura o hemisfério ocidental à Espanha e a Portugal e ninguém se importou com o facto de o território real estar ocupado por índios com as suas próprias leis, costumes e direitos de propriedade. A sua concessão foi também efectiva. Olha para um mapa e observa onde é que se fala português e espanhol.

— Sim, mas... Ben, não estamos no século XV.

— Para um advogado, estamos. Jill, se o Supremo Tribunal decidir que a Decisão Larkin se aplica, Smith está em posição de conceder concessões que podem valer milhões, ou talvez biliões. Se ele conceder os seus direitos à Administração, então o secretário-geral Douglas controla a parte de leão.

— Ben, porque é que alguém haveria de querer tanto poder?

— Porque é que uma borboleta nocturna voa em direcção à luz? Mas as possessões financeiras de Smith são quase tão importantes como a sua posição de rei-imperador de Marte. O Supremo Tribunal pode anular os seus direitos de usurpador, mas duvido que alguma coisa possa abalar a sua possessão da Propulsão Lyle e de uma grande parte da Empresa Lunar. Que acontece se ele morrer? Um milhar de possíveis primos apareceriam com certeza, mas a Fundação da Ciência tem afastado durante anos muitos desses parasitas ávidos de dinheiro.

Parece possível que, se Smith morrer sem deixar testamento, a sua fortuna reverta a favor do Estado.

— Queres dizer para a Federação ou para os Estados Unidos?

— Essa é outra pergunta para a qual não tenho resposta. Os seus pais são de dois países da Federação e ele nasceu fora de qualquer deles... e, para algumas pessoas, fará uma diferença crucial quem aprova esses valores e quem autoriza essas patentes. Não será Smith; ele não distinguiria uma procuração de um bilhete de trânsito. É provável que seja quem o agarrar primeiro e o mantiver junto de si. Duvido que a companhia de seguros Lloyd's segurasse a sua vida.

— Pobre bebê! Pobre, pobre criança!

VI

O restaurante em Hagerstown tinha «ambiente»: mesas espalhadas num relvado que conduzia a um lago e mais mesas nos ramos de três enormes árvores. Jill queria comer numa árvore, mas Ben subornou o chefe de mesa para que este pusesse uma mesa perto da água, depois pediu que colocassem uma cabina estereofónica junto dela.

Jill ficou zangada.

— Ben, para quê pagar estes preços, se não podemos comer nas árvores e temos de suportar esta horrível caixa falante?

— Paciência, pequenina. As mesas nas árvores têm microfones; têm de os ter para o serviço. Esta mesa não está sob escuta, espero!, pois vi o criado tirá-la de uma pilha. Quanto à cabina, não só é antiamericano comer sem estéreo, como também o barulho interfere com um microfone direccional... se os investigadores do Sr. Douglas estiverem interessados na nossa conversa.

— Pensas realmente que eles nos andam a seguir, Ben? — Jill estremeceu. Não sou feita para uma vida de crime.

— Que impaciência! Quando estava a trabalhar no escândalo da General Synthetics, nunca dormi duas vezes no mesmo lugar e apenas comi comida embalada. Habitua-te a gostar disso: estimula o metabolismo.

— O meu metabolismo não precisa disso. Tudo o que eu pretendo é um paciente de uma certa idade e rico.

— Não vais casar comigo, Jill?

— Depois de o meu futuro marido esticar o pernil, sim. Ou então talvez seja tão rica que te poderei manter como favorito.

— E que tal se começássemos esta noite?

— Depois de ele esticar o pernil.

Durante o jantar, o show musical que tinha estado a martelar nos seus ouvidos parou. A cabeça de um anunciante encheu a tela; sorriu e disse:

— NWNW. New World Network e o seu patrocinador, Pastilhas Malthusianas Wise Girl, têm a honra de ceder o seu tempo para uma história radiodifundida pelo Governo da Federação. Lembrem-se, amigos, toda a rapariga sensata usa Wise Girl. Fácil de transportar, agradável ao tacto, resultados garantidos, e aprovado para venda pela Lei 1312. Porquê arriscar métodos antiquados, inestéticos, perigosos e falíveis? Porquê arriscar-se a perder o seu amor e respeito? O atraente anunciante olhou para o lado e apressou o anúncio: — Dou-lhes Wise Girl, que em troca vos traz o secretário-geral!

A tela do canal 3-D mostrou então uma jovem, tão sensual, tão feminina, tão sedutora, que faria qualquer homem sentir-se insatisfeito com os talentos locais. Ela espreguiçou-se, meneou-se e disse com uma voz ensonada:

— Eu uso sempre Wise Girl.

A imagem desvaneceu-se para dar lugar a uma orquestra que tocava o Hino à Paz Soberana. Ben perguntou:

— Usas Wise Girl?

— Não é da tua conta! — Jill ficou perturbada e acrescentou: — Isso não passa de banha de cobra. De qualquer maneira, que é que te faz pensar que preciso disso?

Caxton não respondeu; a cabina enchera-se com as feições paternais do secretário-geral Douglas.

— Amigos — começou —, cidadãos da Federação, tenho esta noite uma honra e um privilégio únicos. Desde a triunfante chegada na nossa pioneira Champion...

Ele continuou a congratular os cidadãos da Terra pelo seu triunfante contacto com outro planeta, com outra raça. Conseguiu dar a entender que o feito fora conseguido por cada cidadão, que qualquer deles podia ter comandado a expedição, se não estivesse ocupado com outro trabalho importante — e ele, secretário Douglas, tinha sido o seu humilde instrumento para fazer cumprir a sua vontade. Tudo o que ele dizia era dito de uma maneira suave, querendo demonstrar que todo o homem comum era igual a qualquer outro e melhor que a maior parte deles — e o bom e velho Joe Douglas encarnava o homem comum. Até a sua gravata amarrotada e o seu corte de cabelo tinham características e a mesma qualidade do «homem vulgar».

Ben Caxton pensou em quem teria escrito o discurso. Provavelmente Jim Sanforth: Jim era, de todos os que trabalhavam para Douglas, aquele que possuía o toque mais habilidoso para seleccionar adjectivos carregados de significado que acalmavam e agradavam; escrevera anúncios comerciais antes de enveredar pela carreira política e não tinha compunções. Sim, aquele excerto sobre

«a mão que embala o berço» era trabalho de Jim: ele era o tipo de homem capaz de seduzir uma rapariginha com rebuçados.

— Desliga isso! — pediu Jill.

— Está calada, pezinhos delicados. Tenho de ouvir isto.

— ... e assim, amigos, tenho a honra de trazer até vós o nosso amigo cidadão Valentine Michael Smith, o Homem de Marte! Mike, sabemos que estás cansado e que não tens passado bem... mas és capaz de dizer algumas palavras aos nossos amigos?

A tela apresentou então um plano de um homem numa cadeira de rodas. Pairando sobre ele estava Douglas e do outro lado estava uma enfermeira, muito direita, empertigada e fotogénica.

Jill sobressaltou-se. Ben murmurou:

— Está calada!

O rosto infantil e calmo do homem da cadeira de rodas mostrou um tímido sorriso; olhou para a câmara e disse:

— Olá, amigos. Desculpem-me por estar sentado. Ainda estou fraco. — Parecia falar com dificuldade e logo a enfermeira lhe tomou o pulso.

Ao responder às perguntas de Douglas apresentou cumprimentos ao capitão Van Tromp e à sua tripulação, agradeceu a toda a gente o seu salvamento, e disse que todos em Marte estavam muito excitados com o contacto com a Terra, e que esperava poder ajudar no estabelecimento de relações amigáveis entre os dois planetas. A enfermeira interrompeu, mas Douglas disse gentilmente:

— Mike, sentes-te suficientemente forte para mais uma pergunta?

— Com certeza, Sr. Douglas... se for capaz de responder.

— Mike... que é que achas das raparigas aqui da Terra?

— Uau!

O rosto infantil pareceu aterrorizado e extático e ficou cor-de-rosa. A imagem mudou para a cabeça e os ombros do secretário-geral.

— Mike pediu-me para lhes dizer — prosseguiu no seu tom paternal — que voltaria aqui assim que pudesse. Ele tem de exercitar os seus músculos, sabem. Possivelmente na próxima semana, se os médicos disserem que ele está suficientemente forte.

A imagem tornou a apresentar as pastilhas Wise Girl e um pequeno filme tornou claro que uma rapariga que não as usasse era completamente louca; os homens atravessariam para o outro lado da rua para a evitar. Ben mudou de canal, depois voltou-se para Jill e disse de mau humor:

— Bem, posso rasgar o meu artigo de amanhã. Douglas têm-o sob a sua alçada.

— Ben!

— Hã?

— Não é o Homem de Marte!

— O quê? Querida, tens a certeza?

— Oh, era parecido com ele. Mas não era o doente que eu vi naquele quarto guardado.

Ben apontou diversas pessoas que tinham visto Smith: guardas, internos, enfermeiros, o capitão e a tripulação da Champion, e provavelmente outros. Muitos deles deviam ter visto a transmissão: a Administração teria de contar com o facto de que alguns deles dariam pela substituição — um risco demasiado grande.

Jill simplesmente esticou o seu lábio inferior e insistiu: a pessoa da cabina não era o doente que ela conhecera. Finalmente disse, zangada:

— Seja como quiseres. Homens!

— Ora, Jill...

— Leva-me a casa, por favor.

Ben foi buscar um táxi. Não pediu um do restaurante: escolheu um da plataforma de aterragem de um hotel do outro lado da estrada. Jill permaneceu silenciosa no voo de regresso. Ben pegou nas transcrições e releu-as. Pensou durante um certo tempo e disse:

— Jill?

— Sim, Sr. Caxton?

— Vou passar a tratar-te por Sua Excelência! Ouve, Jill, peço desculpa. Estava enganado.

— E que é que te leva a essa conclusão? Bateu com as folhas contra a palma da mão.

— Isto. Smith não podia ter mostrado este comportamento ontem e depois ter dado tal entrevista esta noite. Ter-lhe-ia feito saltar os fusíveis... fá-lo-ia entrar num daqueles estados de transe.

— Estou agradecida por finalmente teres conseguido ver aquilo que era óbvio.

— Jill, queres fazer o favor de me dar um pontapé gentilmente para depois ficares de bem comigo? Sabes o que isto quer dizer?

— Quer dizer que eles usaram um actor para o imitar. Disse-te isso há uma hora atrás.

— Claro. Um actor e um dos bons, cuidadosamente caracterizado e treinado. Mas implica mais do que isso. Tal como eu o vejo, existem duas possibilidades. A primeira é que Smith está morto e...

— Morto! — Jill pensou subitamente naquela cerimónia do beber da água e sentiu a sensibilidade estranha, quente e pura da personalidade de Smith, e sentiu-a com uma pena insuportável.

— Talvez. Nesse caso o sócia permanecerá «vivo» enquanto precisarem dele. Depois o sócia «morrerá» e eles pô-lo-ão fora da cidade com uma ordem hipnótica tão forte que sufocaria de asma se tentasse revelar o segredo... ou talvez até uma lobotomia. Mas, se Smith estiver morto, podemos esquecer tudo; nunca conseguiremos provar a verdade. Portanto vamos supor que ele está vivo.

— Oh, espero que esteja!

— Que é Hécuba para ti, ou tu para Hécuba? — citou Caxton erradamente. — Se ele está vivo, pode não haver nada de sinistro em tudo isto. Afinal, as figuras públicas usam duplos. Talvez dentro de duas ou três semanas o nosso amigo Smith esteja em forma para

aguentar a tensão de um aparecimento em público, então eles exibilo-ão. Mas duvido muito disso!

— Por quê?

— Usa a cabeça. Douglas já falhou uma tentativa para levar Smith a fazer o que ele quer. Mas Douglas não pode falhar. Portanto penso que ele enterrará Smith o mais fundo possível... e nós nunca veremos o verdadeiro Homem de Marte.

— Assassiná-lo? — disse Jill lentamente.

— Para quê ser violento? Encerra-o numa clínica privada e não o deixa aprender nada.

— Oh, coitado! Ben, que é que vais fazer? Caxton carregou o sobrolho.

— Eles têm a faca e o queijo na mão e são eles que fazem as leis. Mas vou entrar lá dentro com uma testemunha e um robusto advogado e pedir para ver Smith. Talvez possa fazer luz sobre o assunto.

— Estarei logo atrás de ti!

— Não vais estar em lado nenhum. Tal como tu o disseste, isso arruinar-te-ia profissionalmente.

— Mas tu precisas de mim para o identificar.

— Frente a frente, sou capaz de distinguir um homem que foi educado por não humanos de um actor pretendendo sê-lo. Mas se algo correr mal tu és o meu trunfo escondido: uma pessoa que sabe que eles estão a fazer trapaça e que tem acesso ao interior do Centro Médico de Bethesda. Querida, se não ouvires falar de mim, fazes o que achares melhor.

— Ben, eles não te fariam mal?

— Estou a lutar contra um gigante, rapariga.

— Ben, não gosto disto. Ouve, se conseguires vê-lo, que farás em seguida?

— Perguntar-lhe-ei se ele quer deixar o hospital. Se ele disser que sim, convido-o para vir comigo. Na presença de uma

testemunha eles não se atreverão a detê-lo.

— Hum... e depois? Ele necessita de cuidados médicos, Ben; não é capaz de cuidar de si próprio.

Caxton tornou a carregar o sobrolho.

— Tenho andado a pensar nisso. Eu não posso servir de enfermeiro. Podemos pô-lo no meu apartamento...

— ... e eu posso cuidar dele. Bom, faz isso, Ben!

— Mais devagar! Douglas ainda tiraria algum coelho do seu chapéu e Smith voltaria para o cubículo. E o mesmo se passaria conosco, provavelmente. — Ben franziu as sobrancelhas. — Conheço um homem que pode consegui-lo.

— Quem?

— Já ouviste falar de Jubal Harshaw?

— Hã? Quem é que não ouviu?

— Essa é uma das vantagens dele; toda a gente sabe quem ele é. O que torna mais difícil afastá-lo. Sendo ao mesmo tempo médico e advogado é três vezes mais difícil afastá-lo. Mas, mais importante do que isso, ele é tão obstinado e individualista que lutaria contra a Federação inteira apenas com uma navalha no bolso, se isso lhe trouxesse algum proveito... e isso torna-o oito vezes mais difícil. Conheci-o durante os julgamentos de deslealdade; é um amigo, posso contar com isso. Se conseguir tirar Smith de Bethesda, levá-lo-ei para a casa de Harshaw, em Poconos... e então deixa só esses brutos tentarem apanhá-lo! Com a minha coluna e o amor de Harshaw por uma boa luta, vamos fazê-los passar um mau bocado.

VII

Apesar de se ter deitado tarde, Jill tomou o seu lugar como enfermeira de bloco dez minutos mais cedo. Tencionava obedecer às ordens de Ben e não tentar ver o Homem de Marte, mas planejou ficar por perto. Ben podia precisar de reforços.

Não havia guardas no corredor. Tabuleiros, medicamentos e dois doentes para serem operados mantiveram-na ocupada durante duas horas; teve apenas tempo para verificar a porta da suite K-12. Estava fechada, assim como a porta da sala de estar. Pensou em entrar através da porta da sala de estar, agora que os guardas se tinham ido embora, mas teve de adiar a visita: estava ocupada. Contudo manteve-se atenta a todas as pessoas que vinham ao seu andar.

Ben não apareceu e, através de perguntas discretas feitas à sua assistente no quadro de distribuição, obteve a certeza de que nem Ben nem qualquer outra pessoa tinha entrado na suite K-12 enquanto Jill estivera noutro lado. Ficou confusa; Ben não marcara uma hora, mas tencionara atacar subitamente a cidadela de manhã cedo.

No momento apenas lhe restava investigar. Durante um momento de descanso bateu à porta da sala de observações, meteu a cabeça por entre a porta e fingiu ficar surpreendida.

— Oh! Bom dia, doutor. Pensava que o Dr. Frame estivesse aqui;

O médico sentado na secretária de observação sorriu enquanto a mirava de alto a baixo.

— Não o vi, enfermeira. Sou o Dr. Brush. Posso ajudar? Ao ver a reação tipicamente masculina, Jill acalmou-se.

— Nada de especial. Que tal está o Homem de Marte?

— Hã? Ela sorriu.

— Não é segredo para o pessoal, doutor. O seu paciente... indicou a

porta interior.

— O quê? — Parecia surpreendido. — Eles têm-no aqui?

— Ele não está aqui agora?

— Claro que não. Quem ali está é a Sra. Rose Bankerson, a doente do Dr. Garner. Trouxemo-la esta manhã muito cedo.

— Verdade? Que aconteceu ao Homem de Marte?

— Não faço a menor ideia. Diga-me, foi realmente por um triz que eu não vi Valentine Smith?

— Ontem estava aqui.

— Há pessoas com muita sorte. Veja o que eu tenho aqui. — Ligou o receptor interno que estava por cima da sua secretária; Jill viu uma cama hidráulica; flutuando dentro dela estava uma minúscula mulher.

— Que é que ela tem?

— Hum... Enfermeira, se ela não tivesse dinheiro para queimar, poder-lhe-ia chamar demência senil. Como tem, está aqui para descansar e para um exame completo.

Jill conversou sobre banalidades, depois fingiu ver uma luz de chamada. Foi até à sua secretária, tirou para fora o livro de registos — sim, estava lá: V. M. Smith, K-12 — transferido. Por baixo estava: Rose S. Bankerson (Sra.) — K-12 (dieta prescrita pelo Dr. Garner— sem instruções).

Porque é que tinham transferido Smith de noite? Para evitar mirones, provavelmente. Mas para onde é que o teriam levado? Numa situação habitual, ela teria ligado para a Recepção, mas as opiniões de Ben mais a transmissão estereofónica tinham-na tornado insegura; decidiu esperar e ver o que podia saber através das conversas de corredor.

Mas, primeiro, Jill foi à cabina pública do seu andar e telefonou a Ben. Do seu escritório disseram-lhe que o Sr. Caxton tinha deixado a cidade. Ficou sem voz — depois acalmou-se e deixou recado para que Ben lhe telefonasse.

Telefonou para o seu apartamento. Não estava lá; deixou gravada a mesma mensagem.

Ben Caxton não perdera tempo. Assegurou os serviços de James Oliver Cavendish. Embora qualquer testemunha servisse, o prestígio de Cavendish era tal que um advogado quase não era necessário — o velho senhor testemunhara muitas vezes no

Supremo Tribunal e dizia-se que os testamentos fechados dentro da sua cabeça representavam milhões. Cavendish tinha recebido a sua instrução do célebre Dr. Samuel Renshaw e a sua aprendizagem hipnótica como membro da Fundação Rhine. Os seus honorários por um dia eram maiores que o ordenado de Ben numa semana, mas Ben esperava obter o dinheiro do Sindicato do Post — pois o melhor não era bom de mais para o seu trabalho.

Caxton foi buscar o Frisby júnior de Biddle, Frisby, Frisby, Biddle & Reed, depois telefonaram para a testemunha Cavendish. A magra figura do Sr. Cavendish, envolto na capa branca própria da sua profissão, recordou a Ben o Estatuto da Liberdade — e quase foi conspícuo. Ben explicara a Mark Frisby o que tencionava tentar (e Frisby sublinhara que ele não tinha direitos) antes de terem telefonado para Cavendish; uma vez na presença da testemunha conformaram-se com o protocolo e não discutiram aquilo que ele ia ver e ouvir.

O táxi deixou-os no Centro Bethesda; foram ao gabinete do director. Ben entregou o seu cartão e pediu para ver o director.

Uma mulher arrogante perguntou se ele tinha entrevista marcada. Ben admitiu que não tinha.

— Então as suas hipóteses de ver o Dr. Broemer são quase nulas. Quer dizer-me qual é o assunto?

— Diga-lhe — disse Caxton em voz alta, de modo a que as pessoas que passavam pudessem ouvir — que Caxton, do Ninho de Corvos, está aqui com um advogado e com uma testemunha para entrevistar Valentine Michael Smith, o Homem de Marte.

Ela ficou surpreendida, mas recompôs-se e disse glacialmente:

— Vou informá-lo. Queiram sentar-se, por favor.

— Obrigado, esperamos aqui.

Frisby tirou um cigarro, Cavendish esperava com a calma daqueles que já viram todas as formas do mal e do bem, Caxton estava nervoso. Finalmente a rainha de neve anunciou:

— O Sr. Berquist vai recebê-los.

— Berquist? Gil Berquist?

— Acho que o seu nome é Sr. Gilbert Berquist.

Caxton pensou nesse nome — Gil Berquist fazia parte do poletão de «assistentes executivos» de Douglas.

— Eu não quero Berquist; quero o director.

Mas Berquist já vinha na sua direcção, de mão estendida e com um grande sorriso de acolhimento no rosto.

— Benny Caxton! Como é que estás, pá? Ainda continuas a vender as mesmas tretas de sempre? — Olhou para a testemunha.

— As mesmas tretas. Que é que estás aqui a fazer, Gil?

— Se alguma vez conseguir sair do serviço público vou também arranjar uma coluna num jornal: telefono a minha crónica com um milhar de palavras acerca de boatos e descanso o resto do dia. Invejo-te, Ben.

— Eu perguntei: «Que é que estás aqui a fazer, Gil?» Quero ver o director, e depois ver o Homem de Marte. Não vim aqui para te ouvir a dizer baboseiras.

— Ora, Ben, não tomes essa atitude. Estou aqui porque o Dr. Broemer tem andado de cabeça perdida por causa da imprensa; assim, o secretário-geral mandou-me para carregar com o fardo.

— Está bem. Eu quero ver Smith.

— Ben, velho amigo, todos os repórteres, correspondentes, escritores, comentadores, jornalistas independentes e até aquelas mulheres que escrevem histórias sentimentais para os jornais querem a mesma coisa que tu. Polly Peepers esteve aqui há vinte minutos atrás. Ela queria entrevistá-lo sobre a vida amorosa entre os Marcianos. — Berquist levantou ambas as mãos.

— Eu quero ver Smith. Posso ou não posso?

— Ben, vamos até um lugar onde possamos conversar com uma bebida à frente. Podes perguntar-me o que quiseres.

Não te quero perguntar nada; quero ver Smith. Este é o meu advogado, Mark Frisby. — Tal como era costume, Ben não

apresentou a testemunha.

— Já nos conhecemos. — Berquist cumprimentou. — Como está o seu pai, Mark? Está melhor da sinusite?

— Mais ou menos na mesma.

— Este horrível clima. Vamos, Ben. Você também, Mark.

— Aguenta aí — disse Caxton. — Quero ver Valentine Michael Smith. Represento o Sindicato do Post e indirectamente represento duzentos milhões de leitores. Posso vê-lo? Se não posso, diz isso em voz alta e declara qual é a tua autoridade legal para o recusares.

Berquist suspirou.

— Mark, és capaz de dizer a este historiador de buraco de fechadura que ele não pode irromper no quarto de um homem doente? Smith apareceu publicamente ontem à noite... contra o conselho do seu médico. O homem quer é paz e sossego e uma oportunidade para refazer as suas forças.

— Correm por aí boatos — declarou Caxton — que dizem que o aparecimento de ontem à noite foi uma farsa.

Berquist parou de sorrir.

— Frisby — disse friamente — quer avisar o seu cliente no que diz respeito à difamação?

— Calma, Ben.

— Conheço a lei da difamação, Gil. Mas quem é que eu estou a difamar? O Homem de Marte? Ou outra pessoa qualquer? Menciona um nome. Repito — prosseguiu, levantando a voz — que eu ouvi dizer que o homem entrevistado ontem à noite no canal 3-D não era o Homem de Marte. Quero vê-lo e perguntar-lho.

A sala de recepção, cheia de gente, estava muito silenciosa. Berquist olhou para a testemunha, depois dominou a sua expressão e disse, sorrindo:

— Ben, é possível que estejas determinado a fazer uma entrevista... assim como um processo legal. Espera um momento.

Desapareceu e voltou dentro de pouco tempo.

— Consegui — disse com uma voz que demonstrava cansaço.
— Contudo não o mereces, Ben. Vem. Só tu... Mark, peço desculpa, mas não podemos consentir numa multidão; Smith é um homem doente.

— Não — disse Caxton.

— O quê?

— Ou os três ou nenhum.

— Ben, não sejas pateta; estás a ter um privilégio muito especial. Olha... Mark pode vir e esperar cá fora. Mas não precisamos dele. — Berquist fez sinal com a cabeça em direcção a Cavendish; a testemunha parecia não estar a ouvir.

— Talvez não precisemos. Mas a minha coluna frisarà esta noite que a Administração recusou permissão a uma testemunha para ver o Homem de Marte.

Berquist encolheu os ombros.

— Vamos. Ben, espero que tenhas um processo por difamação.

Foram de elevador em deferência à idade de Cavendish, depois montaram numa prancha e deslizaram através de laboratórios, de salões de terapia, enfermaria após enfermaria. Foram detidos por um guarda que telefonou para avisar que iam a caminho e finalmente foram introduzidos numa sala de fisioterapia usada para observação de pacientes em estado crítico.

— Este é o Dr. Tanner— apresentou Berquist. — Doutor, o Sr. Caxton e o Sr. Frisby. — Claro que não apresentou Cavendish.

Tanner parecia preocupado.

— Meus senhores, preciso de os avisar de uma coisa. Não façam nem digam nada que possa excitar o paciente. Ele está numa condição extremamente neurótica e entra muito facilmente num estado de apatia patológica... em transe, se lhe quiserem chamar assim.

— Epilepsia? — perguntou Ben.

— Um leigo poderia confundi-lo com isso. É mais parecido com catalepsia.

— Doutor, o senhor é especialista em alguma coisa? Psiquiatria? Tanner olhou para Berquist.

— Sim — admitiu.

— Onde é que tirou a sua especialização? Berquist disse:

— Ben, vamos ver o doente. Podes espremer o Dr. Tanner depois.

— Está bem.

Tanner olhou para os seus mostradores, depois ligou um interruptor e olhou para o seu receptor interno. Depois abriu uma porta e conduziu-os para um quarto adjacente, pondo um dedo sobre os lábios.

O quarto estava escuro.

— Mantemos o quarto em semi-escuridão porque os olhos dele não estão acostumados aos nossos níveis de luz — explicou Tanner numa voz abafada. Foi até uma cama hidráulica colocada no centro do quarto. — Mike, trouxe alguns amigos para te verem.

Caxton aproximou-se. Flutuando, um corpo meio escondido afundava-se dentro da película de plástico e estava coberto até às pontas dos braços com um lençol; era o corpo de um jovem. Olhou para eles mas não disse nada; a sua face redonda e calma era inexpressiva.

Até onde Ben o podia afirmar, este era o homem da transmissão da noite anterior: Tinha uma desagradável sensação de que a pequena Jill lhe tinha atirado uma granada viva: um processo por difamação que o podia arruinar.

— Você é Valentine Michael Smith?

— Sim.

— O Homem de Marte?

— Sim.

— Foi à transmissão estereofónica ontem à noite? O homem não respondeu. Tanner disse:

— Acho que ele não percebeu. Mike, lembra-se do que fez com o Sr. Douglas ontem à noite?

A face adoptou uma expressão petulante.

— Luzes brilhantes. Doem.

— Sim, as luzes magoam os seus olhos. O Sr. Douglas pediu-lhe que dissesse olá às pessoas.

O paciente sorriu levemente.

— Longo passeio na cadeira.

— Está bem — concordou Caxton. — Estou a perceber. Mike, eles tratam-no bem?

— Sim.

— Não tem de continuar aqui. Consegue andar? Tanner disse colericamente:

— Ora, Sr. Caxton...

Berquist pôs a mão no braço de Tanner.

— Posso andar um pouco... Cansado.

— Vejo que tem uma cadeira de rodas. Mike, se não quer continuar aqui, eu levo-o para qualquer sítio que você deseje.

Tanner sacudiu a mão de Berquist e disse:

— Não consinto que você interfira com o meu paciente.

— Ele é um homem livre, ou não é? — Caxton persistiu. — Ou será que é um prisioneiro?

Berquist respondeu:

— Claro que é livre! Mantenha-se calmo, doutor. Deixe este louco cavar a sua própria sepultura.

— Obrigado, Gil. Você ouviu-o, Mike. Pode ir para onde quiser. O paciente olhou receoso para Tanner.

— Não, não, não, não!

— Está bem, está bem. Tanner exaltou-se:

— Sr. Berquist, isto foi longe de mais!

— Está bem, doutor. Ben, já chega.

— Hum... mais uma pergunta. — Caxton pensava freneticamente, tentando descobrir uma maneira de descobrir a verdade. Aparentemente Jill tinha-se enganado... contudo não se tinha enganado!, ou pelo menos assim lhe parecera na noite passada.

— Mais uma pergunta — acedeu Berquist de má vontade.

— Obrigado. Hum... Mike, ontem à noite, o Sr. Douglas fez-lhe algumas perguntas. — O paciente não fez comentários. — Vejamos, ele perguntou-lhe o que é que você pensava das raparigas aqui na Terra, não perguntou?

A face do paciente abriu-se num grande sorriso.

— Uau!

— Sim, Mike... quando e onde é que você viu essas raparigas?

O sorriso desapareceu. O paciente olhou para Tanner, depois imobilizou-se; os seus olhos rolaram nas órbitas, e colocou-se na posição fetal, joelhos para cima, cabeça curvada, braços cruzados sobre o peito.

Tanner exaltou-se.

— Saíam! — Moveu-se rapidamente e tomou o pulso do doente. Berquist disse rudemente:

— Isto é de mais! Caxton, queres fazer o favor de sair? Ou terei de chamar os guardas?

— Oh, já estamos a caminho — concordou Caxton.

Todos menos Tanner saíram do quarto e Berquist fechou a porta.

— Só uma coisa, Gil — insistiu Caxton. — Vocês têm-no encaixotado... portanto onde é que ele viu essas raparigas?

— Hã? Não sejas parvo. Ele viu montes de raparigas. Enfermeiras... empregadas do laboratório. Tu sabes.

— Mas isso é que não sei. Pelo que eu percebi, ele só tem enfermeiros e as visitas femininas são terminantemente proibidas.

— O quê? Não seja ridículo. — Berquist parecia aborrecido, depois subitamente o seu rosto abriu-se num sorriso. — Tu viste uma enfermeira ao pé dele ontem à noite, no estéreo.

— Oh. Pois vi. — Caxton calou-se.

Não tornaram a discutir o assunto até estarem ao ar livre. Então, Frisby comentou:

— Ben, acho que o secretário-geral não te vai processar. Contudo, se tens alguma fonte para esses boatos, é preferível dar-nos a conhecer a prova.

— Esquece isso, Mark. Ele não vai processar ninguém. — Ben fitou o solo com um ar ameaçador. — Como é que sabemos que era o Homem de Marte?

— O quê? Deixa-te disso, Ben.

— Como é que sabemos? Vimos um homem com mais ou menos a mesma idade, numa cama de hospital. Temos a palavra de Berquist... e Berquist iniciou-se na política publicando desmentidos. Vimos um estranho que se pressupõe ser psiquiatra... e, quando tentei descobrir onde é que ele tinha estudado, fui corrido. Sr. Cavendish, viu alguma coisa que o convencesse de que aquele sujeito era o Homem de Marte?

Cavendish respondeu:

— Não é minha função formar opiniões. Vejo, ouço: é tudo.

— Desculpe.

— Já não precisa mais dos meus serviços profissionais?

— Como? Oh, claro, Sr. Cavendish. Obrigado.

— Eu é que agradeço. Uma observação interessante. — O velho senhor tirou a capa que o distinguia do comum dos mortais. Descontraiu-se e as suas feições suavizaram-se.

— Se eu tivesse conseguido trazer comigo um membro da tripulação da Champion — insistiu Caxton — podia ter descoberto

tudo.

— Devo admitir — comentou Cavendish — que fiquei surpreendido com uma coisa que você não fez.

— Hã? Em que é que eu falhei?

— Calos.

— Calos?

— Claro. Pode ler-se a história de um homem através dos seus calos. Fiz, em tempos, uma monografia sobre isso para a Revista Trimestral das Testemunhas. Este jovem de Marte, uma vez que nunca usou sapatos como os nossos e como viveu numa gravidade cerca de um terço mais baixa que a nossa, deve apresentar calos em consonância com o seu ambiente anterior.

— Bolas! Sr. Cavendish, porque é que não sugeriu isso?

— Senhor? — O velho cavalheiro endireitou-se e as suas narinas dilataram-se. — Sou uma testemunha, senhor. Não um participante.

— Desculpe. — Caxton carregou o sobrolho. — Vamos voltar para trás. Observaremos os seus pés... ou deito aquilo tudo abaixo!

— Terá de encontrar outra testemunha... por causa da minha indiscrição em sugerir isso.

— Hum, sim, é verdade. — Caxton pareceu preocupado.

— Acalma-te, Ben — aconselhou Frisby. — Já estás metido em trabalhos. Pessoalmente estou convencido de que era o Homem de Marte.

Caxton deixou-os, depois mandou o táxi dar voltas enquanto pensava. Já lá estivera uma vez — com um advogado, com uma testemunha. Pedir para ver o Homem de Marte uma segunda vez na mesma manhã era pouco razoável e seria recusado.

Mas não conseguira uma coluna do Sindicato por desistir facilmente. Tencionava voltar a entrar.

Como? Bem, ele sabia onde é que o suposto «Homem de Marte» estava. Entrar disfarçado de electricista? Demasiado fácil;

nunca conseguiria ultrapassar o «Dr. Tanner».

«Tanner» era médico? Os médicos tinham tendência para evitar qualquer trapaça contrária aos seus códigos. Vejamos aquele cirurgião da nave, Nelson: tinha lavado as suas mãos do caso simplesmente por causa...

Esperem um segundo! O Dr. Nelson podia dizer se aquele jovem era ou não o Homem de Marte, sem examinar os seus calos ou qualquer outra coisa. Caxton tentou telefonar ao Dr. Nelson, fazendo primeiro uma ligação visual para o seu escritório, uma vez que não sabia onde é que o Dr. Nelson estava. O assistente de Ben, Osbert Kilgallen, também não o sabia, mas o Arquivo do Sindicato do Post localizou-o no New Mayflower. Alguns minutos depois, Caxton falava com ele.

O Dr. Nelson não tinha visto a transmissão. Sim, ouvira falar nela; não, não tinha razão para pensar que fosse uma farsa. O Dr. Nelson tinha conhecimento de que fora feita uma tentativa para obrigar Smith a desistir dos seus direitos atribuídos pela Decisão Larkin? Não, e não estaria interessado se isso fosse verdade; era ridículo dizer que alguém possuía Marte; Marte pertencia aos Marcianos. E então? Vamos pôr uma hipótese, doutor; se alguém estivesse a tentar...

O Dr. Nelson desligou. Quando Caxton quis refazer a ligação, uma voz de gravador falou: «O assinante suspendeu o serviço temporariamente. Se quiser gravar...»

Caxton fez um comentário idiota respeitante à família do Dr. Nelson. O que fez em seguida foi ainda mais idiota; telefonou para o Palácio Executivo e pediu para falar com o secretário-geral.

Em todos estes anos como bisbilhoteiro, Caxton aprendera que os segredos podiam ser descobertos indo até ao topo e tornando-se insuportavelmente desagradável. Sabia que fazer cócegas nas unhas do tigre era extremamente perigoso; compreendia a psicopatologia do grande poder tão completamente quanto Jill Boardman não percebia nada disso — mas confiava, para a sua posição de

negociador, numa outra espécie de poder quase universalmente apaziguado.

O que ele esqueceu foi que ao telefonar para o Palácio de um táxi não o estava a fazer publicamente.

Caxton falou com meia dúzia de subalternos e foi-se tornando mais agressivo com cada um deles. Estava tão ocupado que não notou que o seu táxi cessara de pairar.

Quando deu por isso era já demasiado tarde; o táxi recusou-se a obedecer às suas ordens. Caxton apercebeu-se relutantemente de que se deixara apanhar numa armadilha em que nem um vagabundo teria caído: a sua chamada fora localizada, o seu táxi identificado, o seu piloto robô colocado sob ordens de uma frequência policial — e o táxi estava a ser usado para o trazer, privadamente e sem confusão.

Tentou telefonar ao seu advogado.

Continuava ainda a tentar quando o táxi aterrou dentro de um pátio e o sinal foi cortado pelas paredes desse mesmo pátio. Tentou sair do táxi, viu que a porta não abria e ficou inteiramente surpreendido ao ver que estava rapidamente a perder a consciência.

VIII

Jill disse para consigo que Ben devia ter ido no encalço de outra pista e que se esquecera de a avisar. Mas não acreditou na hipótese. Ben devia o seu sucesso à atenção meticulosa que dedicava aos pormenores humanos. Lembrava-se sempre dos aniversários e mais facilmente fugiria para não pagar uma dívida de jogo do que se esqueceria de mandar um cartão de agradecimentos. Fosse lá para onde fosse e qualquer que fosse a urgência disso, poderia despender — tinha de despender — dois minutos para gravar uma mensagem para ela.

Ele tinha de ter deixado recado! Jill telefonou para o seu escritório durante o intervalo para almoço e falou com o investigador e chefe de escritório de Ben, Osbert Kilgallen. Este insistiu que Ben

não deixara nenhuma mensagem para ela, nem lá voltara desde que ela tinha telefonado.

— Ele disse quando voltava?

— Não. Mas ele tem sempre colunas pendentes para inserir quando temos um assunto destes entre mãos.

— Bem... donde é que ele lhe telefonou? Ou estou a ser bisbilhoteira?

— De maneira nenhuma, Menina Boardman. Ele não telefonou; foi uma ligação por telex, enviada de Paoli Flat, em Filadélfia.

Jill tinha de se dar por satisfeita com aquilo. Almoçou no refeitório das enfermeiras e debicou a comida. Não era, disse para consigo, como se alguma coisa tivesse corrido mal... ou como se estivesse apaixonada por aquele casmurro.

— Hei! Boardman! Estás a pensar na morte da bezerra!

Jill levantou a cabeça para encontrar Molly Wheelwright, a chefe das dietistas, a olhar para ela.

— Desculpa.

— Eu disse: «Desde quando é que o teu andar põe doentes de caridade em suites de luxo?»

— Não pomos.

— A K-12 não é no teu andar?

— K-12? Isso não é caridade; é uma velha rica, tão rica que pode pagar para ter um médico a observar a sua respiração.

— Hunf! Deve ter ficado rica muito rapidamente. Esteve na enfermaria do santuário dos geriátricos durante os últimos dezassete meses.

— Deve haver algum engano.

— Não meu: não permito erros na minha cozinha. Esse tabuleiro é complicado: dieta para engordar e uma longa lista de sensibilizadores, mais uns tantos medicamentos dissimulados. Acredita-me, querida, uma dieta pode ser tão individual como uma

impressão digital. — A Menina Wheelwright pôs-se de pé. — Temos de ir embora, meus pintainhos.

— Que é que a Molly estava a bisbilhotar? — perguntou uma enfermeira.

— Nada. Está confundida.

— Ocorreu a Jill que podia localizar o Homem de Marte examinando as dietas. Pôs a ideia de parte; levaria dias a visitar todas as cozinhas. O Centro de Bethesda tinha sido um hospital naval no tempo em que as guerras se travavam no meio dos oceanos e mesmo nesses tempos era enorme. Tinha sido transferido para a Saúde, Educação e Bem-Estar e tinham-no aumentado; agora pertencia à Federação e era uma pequena cidade.

Mas havia algo de estranho sobre o caso da Sra. Bankerson. O hospital aceitava toda a espécie de doentes, privados, de caridade e do Governo; o andar de Jill tinha habitualmente pacientes do Governo e as suas suites eram para senadores da Federação ou outras altas personalidades. Não era vulgar um doente privado estar no seu andar.

A Sra. Bankerson podia estar lá, se a parte do centro aberta aos doentes particulares não tivesse uma suite disponível. Sim, provavelmente era isso.

Esteve muito ocupada depois do almoço para pensar nisso, ocupando-se das admissões. Passado pouco tempo precisou de uma cama energética. Normalmente teria telefonado a pedir uma — mas o armazém era no rés-do-chão, a cerca de meio quilómetro, e ela precisava da cama imediatamente. Recordou-se de ter visto a cama energética que pertencia à K-12 estacionada na sala de estar da suite; lembrava-se de ter dito aos fuzileiros para não se sentarem em cima dela. Aparentemente devia ter sido tirada de lá quando a cama hidráulica fora instalada.

Provavelmente ainda lá estava; se assim fosse, ela poderia ir buscá-la imediatamente.

A porta da sala de estar estava fechada e Jill reparou que a sua chave-mestra não a abria. Depois de fazer uma nota de serviço

para avisar os serviços de manutenção, dirigiu-se à sala de observação da suite, tencionando saber se a cama ainda lá estava através do médico que estava a observar a Sra. Bankerson.

O médico era o mesmo que ela tinha conhecido, o Dr. Brush. Não era interno nem residente, mas tinha sido trazido para olhar por esta doente, segundo ele tinha dito, pelo Dr. Gamer. Brush olhou para cima assim que Jill abriu a porta.

— Menina Boardman! Você é mesmo a pessoa de que preciso!

— Porque é que não tocou? Como é que está a sua paciente?

— Ela está bem — respondeu, dando uma olhadela ao receptor interno —, mas eu não estou.

— Algum problema?

— Cerca de cinco minutos. Enfermeira, pode ceder-me cinco minutos do seu precioso tempo? E não dizer nada a ninguém?

— Acho que sim. Deixe-me usar o seu telefone para dizer à minha assistente onde me encontro.

— Não! — disse ele aflito. — Feche apenas essa porta depois de eu sair, não a abra até me ouvir bater *Shave and a Haircut (N. da T.: Alusão ao ritmo de uma canção)*, e será uma menina bonita.

— Está bem — disse Jill desconfiadamente. — Quer que faça alguma coisa à sua doente?

— Não, não, apenas lhe peço para se sentar e vigiá-la através da tela. Não a perturbe.

— Bem, se acontecer alguma coisa onde é que está? No vestiário dos médicos?

— Vou ao banheiro dos homens ao fundo do corredor. Agora cale-se, por favor, isto é urgente.

Saiu e Jill fechou a porta. Depois olhou para a doente através do receptor e percorreu os mostradores com o olhar. A mulher estava adormecida e os mostradores indicavam que o seu pulso estava forte e a sua respiração quase normal; Jill pensou porque é que seria necessária uma «observação de mortos».

Em seguida decidiu ir ver se a cama estava na sala de espera. Embora não estivesse a cumprir as ordens do Dr. Brush, não ia perturbar a paciente — sabia como caminhar num quarto sem acordar um doente! — e tinha decidido há muitos anos que aquilo que os médicos não sabiam raramente a podia prejudicar. Abriu lentamente a porta e entrou.

Assegurou-se com um olhar que a Sra. Bankerson estava a dormir com o sono típico dos senis. Caminhando sem fazer barulho dirigiu-se para a sala de estar. A porta estava fechada à chave, mas graças à sua chave-mestra conseguiu entrar.

Viu que a cama energética estava lá. Depois apercebeu-se de que o quarto estava ocupado: sentado numa cadeira, com um livro de fotografias ao colo, estava o Homem de Marte.

Smith levantou o olhar e ofereceu-lhe o sorriso luminoso de um bebê feliz.

Jill sentiu vertigens. Valentine Smith, aqui? Não podia ser; tinha sido transferido; o livro de registos mostrava-o.

Depois pensamentos repugnantes começaram a surgir no seu espírito... o falso «Homem de Marte» no estéreo... a velha senhora, prestes a morrer, encobrindo o facto de estar ali outro paciente... a porta que não se abria com a sua chave-mestra — e o pesadelo de um «vagão de carne» saindo do hospital à noite, com um lençol cobrindo não apenas um cadáver, mas dois.

À medida que estes pensamentos lhe atravessavam o espírito, o seu medo ia aumentando, tomando consciência do perigo que corria ao penetrar neste segredo.

Smith levantou-se desajeitadamente da cadeira, ergueu ambas as mãos e disse:

— Irmão de água!

— Olá. Hum... como está?

— Estou bem. Estou feliz. — Acrescentou alguma coisa num estranho discurso sufocado, corrigiu-se e disse cuidadosamente: —

Estás aqui, meu irmão. Estiveste longe. Agora estás aqui. Bebo profundamente de ti.

Jill sentiu-se desamparada, dividindo-se entre emoções, uma que despedaçava o seu coração — e um medo glacial de ser apanhada. Smith não reparou. Em vez de o fazer, disse:

— Estás a ver? Eu ando! Estou a ficar forte. — Deu alguns passos, depois parou, triunfante, arquejando e sorrindo.

Ela forçou um sorriso.

— Estamos a fazer progressos, não estamos? Continue a recuperar, assim é que é! Mas tenho de me ir embora... passei por aqui apenas para dizer olá.

A expressão dele transformou-se em desolação.

— Não vás!

— Oh, tenho de ir!

Ele patenteou o seu desapontamento, em seguida acrescentou com uma trágica certeza:

— Magoei-te. Não sabia.

— Magoar-me? Oh, não, de maneira nenhuma! Mas tenho de ir... e depressa!

A face dele era inexpressiva. Disse, em tom mais afirmativo que interrogativo:

— Leva-me contigo, irmão.

— O quê? Oh, não posso. E tenho de ir, imediatamente. Ouça, não diga a ninguém que eu estive aqui, por favor!

— Não dizer que o meu irmão de água esteve aqui?

— Sim. Não diga a ninguém. Hum... Eu voltarei. Porte-se bem e espere. E não diga a ninguém.

Smith digeriu estas palavras, pareceu sereno.

— Eu espero. Não direi nada.

— Ótimo! — Jill pensou em como é que poderia manter a sua promessa. Compreendia agora que a fechadura «estragada» não

estava estragada e deitou um olhar para a porta do corredor — e viu porque é que não fora capaz de a abrir. Tinham aparafusado uma tranca à porta. Era costume todas as portas dos armários, dos banheiros e todas as outras serem preparadas para abrirem com a chave-mestra, para que os pacientes não se pudessem fechar lá dentro. Neste caso, a fechadura mantinha Smith preso e uma tranca do género não permitido nos hospitais mantinha afastados mesmo aqueles que possuíam chaves-mestras.

Jill abriu a tranca.

— Espere. Eu volto.

— Esperarei.

Quando voltou à sala de observação ouviu o Toc! Toc! Ti-toc, toc!... Toc, Toc!, o sinal que Brush tinha dito que usaria; apressou-se a abrir-lhe a porta.

Ele irrompeu na sala dizendo rudemente:

— Onde é que estava, enfermeira? Bati três vezes. — Olhou desconfiadamente para a porta interior.

— Vi a sua doente voltar-se — mentiu Jill rapidamente. — Estava a arranjar-lhe a almofada à volta do pescoço.

— Bolas, disse-lhe simplesmente para se sentar à minha secretária!

Jill percebeu subitamente que o homem estava assustado; contra-atacou.

— Doutor — disse friamente —, a sua doente não é da minha responsabilidade. Mas a partir do momento em que você me a confiou, fiz aquilo que me pareceu necessário. Já que o está a pôr em causa, vamos chamar o superintendente do sector.

— Hã? Não, não... esqueça isso.

— Não, senhor. Uma doente daquela idade pode asfixiar numa cama hidráulica. Algumas enfermeiras aceitariam toda e qualquer repreensão dos médicos... mas eu não. Vamos chamar o superintendente.

— O quê? Ouça, Menina Boardman, exaltei-me sem pensar. Peço desculpa.

— Muito bem, doutor — respondeu Jill secamente. — Precisa de mais alguma coisa?

— Hã? Não obrigado. Agradeço-lhe ter ficado aqui no meu lugar. Apenas... bem, posso ter a certeza que não mencionará o facto?

— Não o mencionarei. — (Pode apostar a sua querida vida em como não o vou mencionar! Mas o que é que eu vou fazer agora? Oh, quem me dera que Ben estivesse na cidade!) Foi até à sua secretária e fingiu examinar alguns papéis. Finalmente lembrou-se de telefonar a pedir a tal cama energética de que tinha andado à procura. Depois mandou a sua assistente dar uma volta pelos quartos e tentou pensar.

Onde é que estava Ben? Se ele estivesse comunicável, ela faria um intervalo de dez minutos, telefonar-lhe-ia, e passaria a sua preocupação para os ombros dele. Mas Ben, diabos o levassem, estava fora, passeando e deixando-a carregar com o fardo.

Estaria mesmo? A inquietação que fervilhava no seu subconsciente veio finalmente à superfície. Ben não teria deixado a cidade sem a avisar do resultado da sua tentativa para ver o Homem de Marte. Sendo ela sua companheira de conspiração tinha esse direito — e Ben jogava sempre jogo limpo.

Podia ouvir dentro da sua cabeça uma coisa que ele tinha dito: «... Se alguma coisa correr mal, tu és o meu trunfo escondido... querida, se não voltares a ouvir falar de mim, faz o que achares melhor.»

Não tinha pensado nisto no momento em que ele proferira estas palavras, do mesmo modo que não acreditara que pudesse acontecer alguma coisa a Ben. Mas agora estava a pensar nisso. Há sempre uma altura na vida de todo o ser humano em que ele ou ela tem de decidir arriscar «a sua vida, a sua fortuna e a sua honra» num empreendimento de resultado duvidoso. Jill Boardman viu que

tinha chegado esse momento e aceitou o desafio às 3:47 h. da tarde.

O Homem de Marte voltou a sentar-se depois de Jill sair. Não pegou no livro de fotografias. Ficou simplesmente à espera, de um modo que poderia ser descrito como «resignado», isto porque a linguagem humana não é capaz de descrever as atitudes marcianas. Manteve-se sossegado com uma calma feliz porque o seu irmão tinha dito que voltaria. Estava preparado para esperar, sem se mover, sem fazer coisa alguma, durante vários anos.

Não fazia uma ideia clara do tempo que tinha decorrido desde que partilhara a água com o seu irmão; não só este lugar era curiosamente distorcido em forma e em tempo, apresentando sequências de visões e de sons que ele ainda não tinha grocado, como também a cultura do seu anterior ninho apresentava uma maneira diferente de contar o tempo. A diferença não residia em durações de vida maiores, que na Terra eram contadas em anos, mas na atitude básica. «É mais tarde do que pensas» era uma expressão que não podia ser proferida em marciano — assim como a expressão «Não há pressa que não dê em vagar», embora por uma razão diferente: a primeira noção era inconcebível, enquanto que a última era uma expressão básica da língua marciana que não era proferida, tal como é desnecessário dizer a um peixe que tome banho. Mas «Aquilo que era no começo, é agora e assim continuará a ser» era uma expressão tão tipicamente marciana que podia ser mais facilmente traduzida que «Dois mais dois são quatro» — o que em Marte não era um truísmo.

Smith esperou.

Brush entrou e olhou para ele; Smith não se mexeu e Brush saiu.

Quando Smith ouviu uma chave na porta exterior, lembrou-se de que ouvira esse som pouco tempo antes da última visita do seu irmão de água; portanto, pôs o seu metabolismo em preparação, para o caso de a sequência se processar novamente. Ficou atónico quando a porta exterior se abriu e Jill se esgueirou por ela, pois não

tinha conhecimento de que aquilo fosse uma porta. Mas grocou-o imediatamente e entregou-se àquela plenitude de felicidade que só aparecia na presença dos seus companheiros de ninho, dos irmãos de água, e (nalgumas circunstâncias) na presença dos Velhos.

A sua alegria diminuiu ao aperceber-se de que o seu irmão não a partilhava: parecia mais assustado do que aquilo que era possível presenciar em alguém que estivesse prestes a desintegrar-se devido a ter cometido alguma falha ou algum erro vergonhoso. Mas Smith aprendera que estas criaturas podiam suportar terríveis emoções sem morrerem. O seu irmão Mahmoud sofria uma agonia espiritual cinco vezes por dia e não só não morria como também adoptara a agonia como uma coisa necessária. O seu irmão capitão Van Tromp sofria de espasmos horríveis e imprevisíveis, cada um dos quais, segundo os padrões de Smith, teria produzido desintegração imediata para pôr termo ao conflito — contudo estava ainda íntegro, segundo ele sabia.

Portanto ignorou a agitação de Jill.

Jill entregou-lhe uma trouxa.

— Toma, veste isto. Depressa!

Smith aceitou a trouxa e esperou. Jill olhou para ele e disse:

— Oh, coitadinho! Está bem, despe-te. Eu ajudo.

Foi obrigada a despi-lo e a vesti-lo. Ele usava a camisa do hospital, o roupão e chinelos, não porque o quisesse, mas porque lhe tinham dito para o usar. Actualmente já era capaz de se vestir, mas não tão depressa como Jill queria; despiu-o rapidamente. Sendo Jill enfermeira e nunca tendo ele ouvido falar do tabu do pudor — mesmo que tivesse ouvido nunca o teria podido compreender —, não foram atrasados por coisas irrelevantes. Estava encantado com as falsas peles que Jill punha nas suas pernas. Ela não lhe deu tempo para as apreciar; atou-lhe as meias às pernas, em vez de lhe pôr um cinto de ligas. O uniforme de enfermeira, com que o estava a vestir, tinha sido pedido emprestado a uma mulher muito encorpada, com a desculpa de que um primo seu queria mascarar-se. Jill prendeu uma capa de enfermeira à volta do pescoço dele e reflectiu

que essa capa cobria a maior parte das diferenças de sexo — pelo menos ela assim o esperava. Os sapatos trouxeram dificuldades; não serviam bem e Smith achou que andar nesta gravidade implicava um esforço mesmo descalço.

Mas ela conseguiu vesti-lo e pôs-lhe na cabeça uma boina de enfermeira.

— O teu cabelo não é muito comprido — disse ansiosamente — mas é do tamanho que é usado por muitas raparigas e tem de servir.

Smith não respondeu, pois não tinha compreendido completamente o comentário. Tentou fazer com que o seu cabelo crescesse, mas compreendeu que isso levaria tempo.

— Agora — disse Jill —, ouve com atenção. Aconteça o que acontecer, não digas uma única palavra. Compreendes?

— Não falar. Não falarei.

— Segue-me apenas... eu seguro na tua mão. Se conheces algumas orações, reza!

— Reza?

— Deixa isso. Vem e não fales.

Abriu a porta que dava para o corredor, olhou lá para fora e conduziu-o para o corredor.

Smith achou as várias estranhas configurações extremamente perturbadoras; foi assaltado por imagens que não podia controlar. Foi caminhando aos tropeções, com os olhos e os sentidos quase adormecidos para se proteger contra o caos.

Ela conduziu-o até ao fim do corredor e subiram para uma prancha-deslizante que se movia transversalmente. Ele tropeçou e teria caído se Jill não o tivesse amparado. Uma criada de quarto olhou para eles e Jill praguejou em voz baixa — depois foi muito cuidadosa a ajudá-lo a descer. Tomaram um elevador até ao telhado, pois Jill tinha a certeza de que não seria capaz de o levar pelas escadas.

Aí encontraram um obstáculo, embora Smith não tivesse consciência disso. Ele estava a contemplar a penetrante beleza do céu; não voltara a ver o céu desde Marte. Este céu era brilhante e colorido e alegre — um dia enevoado, típico de Washington. Jill estava à procura de um táxi. O telhado estava deserto, tal como ela o esperava, pois as enfermeiras que tinham acabado o serviço ao mesmo tempo que ela estavam já a caminho de casa e as visitas da tarde já se tinham ido embora. Mas os táxis também tinham desaparecido. Não se arriscou a tomar um autocarro aéreo.

Continuava a tentar apanhar um táxi quando viu que um se dirigia para lá. Chamou pelo guarda do telhado.

— Jack! Este táxi está ocupado?

— Chamei-o para o Dr. Phipps.

— Oh! Jack, vê se me arranjas um depressa, está bem? Esta é a minha prima Madge... trabalha na Ala Sul; está com uma laringite e não pode apanhar este vento.

O guarda coçou a cabeça.

— Bem... visto que é para si, Menina Boardman, tome este e eu chamarei outro para o Dr. Phipps.

— Oh, Jack, você é um amor! Madge, não fales; eu agradeço-lhe. Ela está sem voz; vou tratá-la com rum quente.

— Isso deve fazer-lhe bem. A minha mãe costumava dizer que os remédios antiquados são os melhores.

Entrou no carro e ligou de memória a combinação para a casa de Jill. Depois ajudou-os a entrar. Jill entrou e encobriu a falta de familiaridade de Smith com este cerimonial.

— Obrigada, Jack. Muito obrigada.

O táxi levantou voo e Jill respirou fundo.

— Podes falar agora.

— Que é que eu devo dizer?

— Hã? O que tu quiseres.

Smith pensou nisto. O alcance do convite pedia uma resposta importante, própria para irmãos. Pensou em várias, pô-las de lado por não poder traduzi-las, escolheu uma que transmitia, mesmo neste estranho discurso formal, uma sensação calorosa que deveria agradar a um irmão em vias de se aproximar.

— Deixemos os nossos ovos partilharem o mesmo ninho.

Jill ficou pasmada.

— Hã? Que é que disseste?

Smith sentiu-se desolado por não ter conseguido responder gentilmente e achou que a culpa era sua. Compreendia que, vez após vez, trazia agitação a estas criaturas, quando o seu objectivo era criar harmonia. Tentou novamente, ordenando o seu parco vocabulário para conseguir exprimir o pensamento de uma maneira diferente.

— O meu ninho é teu e o teu ninho é meu. Desta vez Jill sorriu.

— Mas que amor! Meu caro, não tenho a certeza de te compreender, mas acabei de receber a proposta mais bonita desde há muito tempo a esta parte. — Acrescentou: — Mas agora não temos mãos a medir com os nossos problemas... portanto vamos esperar, está bem?

Smith percebia tanto Jill como Jill o percebia a ele, mas apercebeu-se da agradável disposição do seu irmão de água e percebeu a sugestão para esperar. Esperar era coisa que fazia sem esforço; recostou-se, satisfeito por estar tudo bem entre ele e o seu irmão, e apreciou a paisagem. Era a primeira que via e por todos os lados havia novas coisas para tentar grocar. Ocorreu-lhe que o meio de transporte usado no seu antigo lar não permitia esta maravilhosa visão do que existia à sua volta. Isto quase o levou a fazer uma comparação entre os métodos marcianos e humanos, comparação essa que não era favorável aos Velhos, mas o seu espírito afastou-se da heresia.

Jill mantinha-se calada e tentava pensar. Subitamente apercebeu-se de que o táxi estava quase a chegar ao seu

apartamento — e compreendeu que aquela casa era o último sítio para onde devia ir, sendo o primeiro lugar em que eles procurariam logo que calculassem quem tinha ajudado Smith a escapar. Embora não soubesse nada de métodos policiais, supôs que devia ter deixado impressões digitais no quarto de Smith, para não falar das pessoas que os tinham visto sair. Era até possível (segundo tinha ouvido dizer) um técnico ler a fita no piloto do táxi e dizer que viagem é que tinha feito, para onde e quando.

Carregou nos interruptores e apagou as instruções para se dirigir para sua casa. O táxi saiu da fila de trânsito e ficou a pairar. Para onde é que ela podia ir? Onde é que poderia esconder um homem adulto que é meio idiota e que nem sequer se consegue vestir sozinho — e que é a pessoa mais procurada do globo? «Oh, se Ben estivesse aqui! Ben... onde é que estás?»

Pegou no telefone e, sem esperança, ligou o número de Ben. O seu espírito animou-se quando ouviu a voz de um homem — depois, esmoreceu quando compreendeu que não era Ben, mas sim o seu mordomo.

— Oh. Desculpe, Sr. Kilgallen. Fala Jill Boardman. Pensei que tinha ligado para casa do Sr. Caxton.

— E ligou. Tenho as chamadas para ele ligadas para o escritório quando ele se ausenta por mais de vinte e quatro horas.

— Então ele ainda está fora?

— Está. Posso ajudá-la?

— Hum, não. Sr. Kilgallen, não é estranho Ben ter desaparecido da vista? Não está preocupado?

— Como? De maneira nenhuma. A mensagem que ele deixou dizia que não sabia quanto tempo estaria fora.

— Isso não é estranho?

— Não no trabalho do Sr. Caxton, Menina Boardman.

— Bem... Acho que existe algo de muito estranho acerca da sua ausência! Acho que devia comunicá-lo. Tem de espalhar isto em todos os serviços de notícias do país... do mundo!

Embora o telefone do táxi não possuísse circuito visual, Jill sentiu que Osber Kilgallen se tinha levantado.

— Receio, Menina Boardman, que seja eu que tenha de interpretar as instruções do meu empregador. Hum... se me permite dizê-lo, sempre que o Sr. Caxton se ausenta, há sempre algum «bom amigo» que lhe telefona freneticamente.

«Alguma amiguinha tentando apanhá-lo», interpretou Jill colericamente, «e este indivíduo pensa que eu sou uma dessas suas amiguinhas.» Isso fez desaparecer qualquer pensamento de pedir ajuda a Kilgallen; desligou.

Para onde é que ela podia ir? Uma solução iluminou o seu espírito. Se Ben tinha desaparecido — e se as autoridades tinham responsabilidade nisso — o último lugar onde eles esperariam encontrar Smith seria no apartamento de Ben... a menos que a relacionassem com Ben, o que parecia improvável.

Podiam tirar alguma coisa para comer da despensa de Ben e ela poderia arranjar algumas roupas para a sua idiota criança. Programou a combinação para o apartamento de Ben; o táxi escolheu a fila de trânsito e lançou-se nela.

À porta do apartamento de Ben, Jill encostou a cara ao intercomunicador e disse:

— Carthago delenda est!

Não aconteceu nada. «Oh, bolas!» disse para consigo, «ele mudou a senha." Ela permaneceu ali, com as pernas a tremer, e afastou o olhar de Smith. Depois tornou a falar pelo intercomunicador. O circuito que accionava a porta era o mesmo que servia para anunciar os visitantes; ela anunciou-se com a esperança remota de que Ben tivesse voltado.

— Ben, é a Jill. A porta deslizou.

Entraram e a porta tornou a fechar-se. Jill pensou que fora Ben que os fizera entrar, em seguida compreendeu que tinha acertado acidentalmente na nova combinação da porta... o que tinha, calculou

Jill, a intenção de ser um cumprimento; teria dispensado bem o cumprimento, preferia evitar o horrível pânico que tinha sentido.

Smith estava de pé calmamente à beira do espesso tapete de relva e olhava pasmado. Aqui estava um lugar tão novo que não podia ser grocado imediatamente, mas sentiu-se imediatamente satisfeito. Era menos excitante que o «sítio-móvel» onde tinham estado, mas era mais confortável. Olhou com interesse para a janela panorâmica numa das paredes, mas não reconheceu nela uma janela, confundindo-a com um quadro vivo como aqueles que tinha em casa... a sua suite de Bethesda não tinha janelas, por estar localizada numa nova ala; nunca tinha adquirido a ideia de «janela».

Notou com aprovação que a simulação da profundidade e do movimento no «quadro» era perfeita — devia ter sido criado por algum grande artista. Até esse momento ele não vira nada que o levasse a pensar que aquela gente possuía arte; as suas novas experiências aumentaram a sua compreensão dos costumes e da maneira de ser desta gente e sentiu-se animado.

Um movimento despertou-lhe a atenção; voltou-se e encontrou o seu irmão a tirar as falsas peles e os chinelos das pernas.

Jill suspirou e enterrou os seus dedos dos pés na relva.

— Deus, como me doem os pés! — Olhou para cima e viu Smith a observá-la com aquela curiosa e perturbadora cara de bebê.
— Faz o mesmo. Vais adorar.

Ele pestanejou.

— Como fazer?

— Estou sempre a esquecer-me. Vem cá, eu ajudo. — Ela tirou-lhe os sapatos, desatou as meias e tirou-as. — Então? Não sabe bem?

Smith enterrou os dedos dos pés na relva, depois disse timidamente:

— Mas isto está vivo?

— Claro, está vivo, é relva verdadeira. Ben gastou muito dinheiro para ter esta relva. Só os circuitos de iluminação costumam

mais do que aquilo que eu ganho num mês. Portanto anda um pouco e deixa que os teus pés a apreciem.

Smith não entendeu a maior parte das coisas que Jill tinha dito, mas compreendeu que a relva era constituída por criaturas vivas e que tinha sido convidado para andar em cima delas.

— Caminhar em cima de coisas vivas? — perguntou com um horror incrédulo.

— Hã? Porque não? Isso não magoa a relva; foi criada especialmente para servir de tapetes para interiores.

Smith foi forçado a lembrar-se que um irmão de água não o podia induzir a cometer uma ação errada. Deixou-se encorajar a andar sobre a relva — e viu que gostava de o fazer e que as criaturas vivas não protestavam. Programou a sua capacidade de sentir para o máximo; o seu irmão tinha razão, era esta a sua finalidade: tinham sido criadas para que caminhassem em cima delas. Resolveu compreendê-lo e apreciá-lo, num esforço parecido com aquele que um ser humano faria para reconhecer os méritos do canibalismo — um costume que Smith achava normal.

Jill deixou escapar um suspiro.

— Tenho de parar de brincar. Não sei por quanto tempo estaremos seguros.

— Seguros?

— Não podemos ficar aqui. Podem estar a examinar todas as coisas que saíram do Centro.

Concentrou-se. A sua casa não servia, esta casa também não... e Ben tinha a intenção de o levar para casa de Jubal Harshaw. Mas ela não conhecia Harshaw nem sabia onde ele vivia — algures em Poconus, tinha dito Ben. Bom, teria de o descobrir; não se podia virar para mais lado nenhum.

— Porque é que não estás feliz, meu irmão?

Jill voltou a si e olhou para Smith. Porquê? A pobre criança pensava que estava tudo bem! Tentou pensar no assunto segundo o ponto de vista dele. Não conseguiu, mas compreendeu que ele não

tinha noção de que eles estavam a fugir de... de quê? Dos chuis? Das autoridades do hospital? Ela não sabia bem o que tinha feito, quais as leis que tinha infringido; sabia simplesmente que entrara em confronto com os Grandes, os Patrões.

Como é que ela podia dizer ao Homem de Marte contra quem é que estavam a lutar, se ela própria não o sabia? Teriam eles polícias em Marte? Metade das ocasiões em que falava com ele era como se estivesse a gritar para uma barreira de chuva.

Deus, teriam eles barreiras de chuva em Marte? Ou chuva?

— Não liguês — disse ela seriamente. — Faz apenas aquilo que eu te mandar.

— Sim.

Era uma aceitação ilimitada, um acordo eterno. Jill apercebeu-se subitamente de que Smith saltaria da janela se ela lhe dissesse para o fazer — e tinha razão; ele teria saltado, apreciando cada segundo da queda, e teria aceito sem surpresa ou ressentimento a desintegração ou o impacto. Nem sequer desconhecia que tal queda o mataria; o medo da morte era uma ideia que estava para além da sua compreensão. Se um irmão de água escolhesse para ele uma tão estranha desintegração, ele apreciá-la-ia, e tentaria grocar.

— Bem, não podemos ficar aqui parados. Tenho de arranjar qualquer coisa para comermos, tenho de te vestir com outras roupas e temos de nos ir embora. Despe as roupas que tens vestidas. — Foi ver o que é que encontrava no guarda-fatos de Ben.

Escolheu um fato de viagem, uma boina, uma camisa, roupas interiores, sapatos e depois voltou à sala. Smith estava todo emaranhado como um gatinho brincando com um novelo de lã; tinha um braço preso e a cara envolta na camisa. Não tirara a capa antes de tentar despir o vestido.

Jill disse:

— Oh, coitado! — e correu a ajudá-lo.

Libertou-o das roupas, depois meteu-as num alçapão... mais tarde pagaria a Etta Schere, pois não queria que os chuis as

encontrassem — só para o caso.

— Vais tomar um banho, meu bom homem, antes de te vestir com as roupas limpas de Ben. Têm sido descuidados contigo. Vem comigo.

Sendo enfermeira, estava acostumada aos maus cheiros, mas (sendo enfermeira) era fanática pela água e pelo sabão... e parecia que ninguém tinha dado banho a este doente nos últimos dias. Embora Smith não tresandasse, lembrou-lhe, na verdade, um cavalo num dia quente.

Smith observou deliciado Jill a encher a banheira. Havia uma banheira no banheiro da suite K-12, mas Smith desconhecia qual era a sua utilidade; os únicos banhos que tinha tomado tinham-lhe sido dados na cama, e não tinham sido muitos; os seus estados de transe tinham interferido.

Jill experimentou a temperatura.

— Está boa, salta lá para dentro. Smith estava atônito.

— Depressa! — disse Jill com firmeza. — Entra na água.

As palavras constavam do seu vocabulário humano e Smith fez o que lhe tinham ordenado, tremendo de emoção. Este irmão queria que ele colocasse todo o seu corpo na água da vida! Nunca tal honra lhe tinha sido concedida; e, segundo o que lhe era dado saber, nunca ninguém tivera tal privilégio. Contudo, tinha começado a compreender que esta gente tinha um maior relacionamento com a substância da vida... um facto ainda não grocado, mas que ele tinha de aceitar.

Meteu um pé a tremer dentro da água, depois o outro... e foi escorregando até a água o cobrir completamente.

— Hei! — gritou Jill, e puxou-lhe a cabeça para fora de água, sentindo-se chocada ao verificar que parecia que estava a mexer num cadáver. Bom Deus!, ele não podia afogar-se, não numa altura destas. Mas ficou assustada, abanou-o. — Smith! Acorda!

De muito longe Smith ouviu o seu irmão chamá-lo, e voltou. Os seus olhos ganharam brilho, o seu coração acelerou-se, voltou a

respirar.

— Estás bem? — perguntou Jill.

— Estou bem. Estou muito feliz... meu irmão.

— Assustaste-me. Ouve, não te ponhas outra vez debaixo de água. Senta-te apenas, tal como estás agora.

— Sim, meu irmão. — Smith acrescentou algo num coaxar ininteligível, agarrou uma mancheia de água como se ela fosse um líquido precioso e levou-a aos lábios. Tocou-lhe com a boca e depois ofereceu-a a Jill.

— Hei, não bebas a água do teu banho! Ora, eu também não bebo.

— Não beber?

O seu sofrimento desprotegido era tal que Jill não sabia o que fazer. Hesitou, depois curvou a cabeça e tocou com os lábios na oferta.

— Obrigada.

— Que nunca tenhas sede!

— Espero que também tu nunca tenhas sede. Mas já chega. Se queres beber, eu vou buscar água. Não bebas mais desta água.

Smith pareceu satisfeito e sentou-se calmamente. Agora Jill sabia que ele nunca tinha tomado banho e como tal não sabia o que havia de fazer. Claro que lhe podia ensinar... mas estariam a perder tempo precioso.

Ora! Não era tão mau como cuidar de pacientes na enfermaria dos velhos. A blusa de Jill estava molhada até aos ombros por causa de ter tido de puxar Smith do fundo da banheira; tirou-a e pendurou-a. Usava roupas de sair, e tinha vestida uma pequena saia que flutuava por cima dos seus joelhos. Olhou para baixo. Embora as pregas não se desmanchassem, era idiota molhá-la. Encolheu os ombros e despiu-a; ficou em cuecas e soutien.

Smith observava, pasmado, com o olhar interessado de uma criança. Jill corou, o que a surpreendeu. Pensava que estava livre do

pudor mórbido — lembrou-se subitamente de que tinha ido à sua primeira festa numa piscina para nudistas aos quinze anos. Mas este olhar infantil perturbava-a; decidiu que era preferível suportar a roupa interior molhada do que fazer o que era natural: despi-la.

Cobriu-se com vontade.

— Vamos despachar-nos e esfregar esta pele.

Ajoelhou-se ao pé da banheira, ensaboou-o e começou a transformá-lo em espuma.

Nesse momento, Smith esticou-se e tocou-lhe no seu seio direito. Jill endireitou-se imediatamente.

— Hei! Nada disso!

Ele ficou como se ela o tivesse esbofeteado.

— Não? — disse tragicamente.

— Não — disse ela com firmeza, depois olhou para o seu rosto e acrescentou suavemente: — Está bem. Mas não me distraias, estou ocupada.

Jill apressou o banho, deixando escorrer a água e mantendo-o de pé enquanto utilizava o chuveiro. Depois vestiu-se enquanto o ventilador o secava. O ar quente assustou-o e Smith começou a tremer; ela disse-lhe para não ter medo e fê-lo agarrar-se ao varão.

Jill ajudou-o a sair da banheira.

— Agora cheiras melhor e aposto como te sentes melhor.

— Sinto-me bem.

— Ótimo. Vamos vestir-te.

Conduziu-o ao quarto de Ben. Mas antes que ela pudesse explicar, demonstrar ou ajudá-lo a vestir os calções, uma voz de homem assustou-a quase a pontos de a fazer perder os sentidos:

— ABRAM VOCÊS AÍ DENTRO!

Jill deixou cair os calções. Saberiam que estava alguém lá dentro? Sim, deviam saber — de outro modo nunca teriam vindo ali. Aquele maldito taxi-robô devia ter-lhes dado a indicação!

Devia responder? Ou fingir-se doente?

O grito transmitido pelo intercomunicador repetiu-se. Murmurou a Smith: «Fica aqui!», depois dirigiu-se para a sala.

— Quem é? — gritou, tentando manter a sua voz normal.

— Abra em nome da lei!

— Abrir em nome de qual lei? Não seja idiota. Diga quem é antes que eu chame a polícia.

— Nós somos a polícia. Você é Gillian Boardman?

— Eu? Eu sou Phyllis O'Toole e estou à espera do Sr. Caxton. Vou chamar a polícia e comunicar uma invasão de privacidade.

— Menina Boardman, temos um mandato de prisão contra si. Abra ou será pior para si.

— Eu não sou «Menina Boardman» e vou chamar a polícia.

A voz não respondeu. Jill esperou, engolindo em seco. Dentro de pouco tempo sentiu um calor insuportável na sua face. A fechadura da porta estava a ficar vermelha, depois branca; houve qualquer coisa que estalou e a porta abriu-se. Dois homens entraram; um deles adiantou-se, sorriu e disse:

— É esta a queridinha! Johnson, vê se o descobres.

— Está bem, Sr. Berquist.

Jill tentou fazer-se forte. O homem chamado Johnson empurrou-a para o lado e dirigiu-se para o quarto. Jill disse, colérica:

— Onde é que está o seu mandato? Isto é uma afronta! Berquist disse suavemente:

— Não se faça difícil, querida. Comporte-se bem e eles tratá-la-ão com cuidado.

Ela deu-lhe um pontapé nas canelas. Ele esquivou-se agilmente.

— Mau. mau — censurou. —Johnson! Encontre-o?

— Está aqui, Sr. Berquist. Nu como uma ostra... Sabe-se lá o que eles se estavam a preparar para fazer.

— Deixa-te disso. Trá-lo.

Johnson reapareceu, empurrando Smith à sua frente, controlando-o, torcendo-lhe um braço.

— Ele não queria vir.

— Ele vem!

Jill esquivou-se a Berquist e atirou-se a Johnson. Este esbofeteou-a.

— Nada disso, sua cabrazinha!

Johnson não bateu em Jill com tanta força como costumava bater na sua mulher antes de ela o deixar. E nem nada que se parecesse com a força com que batia nos prisioneiros que não queriam falar. Até esse momento, Smith não mostrara qualquer expressão e não proferira palavra; tinha-se simplesmente deixado arrastar. Não percebia nada do que se estava a passar e não tentara fazer nada.

Quando viu o seu irmão de água ser agredido por este outro, ele girou, libertou-se e dirigiu-se para Johnson...

... e Johnson desapareceu.

Apenas as pequenas folhas de relva pisadas, onde o seu enorme pé tinha estado, mostravam que ele estivera ali. Jill olhou, pasmada, para a marca e sentiu que estava prestes a desmaiar.

Berquist fechou a boca, tornou a abri-la, e disse roucamente:

— Que é que você fez com ele? — Olhava para Jill.

— Eu ? Eu não fiz nada.

— Não me venha com histórias. Tem alguma porta disfarçada ou alguma coisa do género?

— Para onde é que ele foi? Berquist molhou os lábios.

— Não sei. — Tirou uma arma de debaixo do casaco. — Mas não tente os seus truques comigo. Você fique aí... estou a falar com ele.

Smith recaíra na sua passiva espera. Não percebendo o que se passava, ele fizera o mínimo que podia fazer. Mas já tinha visto

armas, nas mãos dos homens, em Marte; e a expressão de Jill, ao ter uma apontada para ela, não lhe agradou. Ele grocou que este era um daqueles momentos críticos do crescimento de um ser, em que a contemplação devia dar lugar a uma ação justa de modo a permitir que o crescimento prosseguisse. Agiu.

Os Velhos tinham-no ensinado bem. Avançou para Berquist; a arma moveu-se na sua direcção. Ele expandiu-se — e Berquist deixou de estar ali.

Jill gritou.

O rosto de Smith permanecera até então inexpressivo. Agora tornava-se tragicamente desolado à medida que compreendia que devia ter escolhido uma ação errada para o momento. Olhou, implorante, para Jill e começou a tremer. Os olhos rolaram-lhe nas órbitas; foi lentamente perdendo os sentidos, enrolou-se e ficou inanimado.

A histeria de Jill desapareceu. Um doente precisava dela; não tinha tempo para gastar com emoções, não tinha tempo para pensar como é que os homens tinham desaparecido. Caiu de joelhos e examinou Smith.

Não conseguia detectar respiração, nem pulso; encostou um ouvido às suas costelas. Pensou que a ação do coração tinha parado mas, depois de bastante tempo, ouviu um fraco lub-dub, seguido, depois de quatro ou cinco segundos, por outro.

A condição recordava-lhe a inanimação esquizofrénica, mas nunca vira um transe tão profundo, nem sequer nas aulas de demonstrações de anestesia hipnótica. Tinha ouvido falar desses estados de morte aparentes entre os faquires da Índia Oriental, mas na verdade nunca acreditara nessas narrações.

Em circunstâncias vulgares ela não teria tentado acordar um paciente em tal estado, teria antes mandado chamar um médico. Mas estas não eram circunstâncias vulgares. Longe de abalarem a sua decisão, os últimos acontecimentos haviam-na ainda determinado mais a não deixar que Smith caísse de novo nas mãos

das autoridades. Mas, depois de tentar durante dez minutos, ficou convencida que não era capaz de o despertar.

No quarto de Ben encontrou uma velha mala de viagem, muito grande para bagagem de mão, mas muito pequena para ser um baú. Abriu-a e viu que continha um gravador, um estojo de toilette, uma muda de roupa, tudo o que um repórter atarefado precisava se tivesse de sair à pressa da cidade — até uma ligação auditiva para improvisar um serviço telefónico. Jill pensou que este saco era mais uma prova de que a ausência de Ben não era o que Kilgallen pensava, mas não tinha tempo a perder com isso; esvaziou o saco e arrastou-o até à sala.

Smith era demasiado pesado para as suas forças, mas os seus músculos desenvolvidos por ter de manejar doentes duas vezes mais pesados do que ela tornaram-na capaz de meter Smith dentro do saco. Teve de o dobrar para conseguir fechar a grande mala. Os músculos dele resistiam à força, mas sob pressão suave podiam ser manejáveis, como se se tratasse de massa de moldar. Acolchoou os cantos com algumas das roupas de Ben. Tentou fazer uns furos para o ar entrar, mas o saco era de vidro laminado. Reflectiu que ele não poderia sufocar com uma respiração tão reduzida e com uma taxa metabólica tão baixa como deveria ser a sua.

Mal podia levantar o saco, agarrando-o com ambas as mãos, e não o podia carregar. Mas a mala estava equipada com rodinhas. Deixaram uns feios sulcos na relva de Ben antes de Jill o conseguir levar até ao soalho da entrada.

Não foi para o telhado; outro táxi era a última coisa que ela queria. Saiu pela porta de serviço do rés-do-chão. Aí não estava ninguém, a não ser um rapaz encarregado de examinar as entregas da cozinha. Chegou-se para o lado para a deixar passar rolando o saco para o passeio.

— Hei, irmã. Que é que levas aí?

— Um corpo — disse Jill com brusquidão. Ele encolheu os ombros.

— Uma pergunta estúpida, uma resposta estúpida. Já devia ter aprendido.

SEGUNDA PARTE - A SUA HERANÇA IRRACIONAL

IX

O terceiro planeta a contar do Sol abrigava nesse dia mais 230.000 humanos do que no dia anterior; entre cinco bilhões de terrestres, tal aumento não era relevante. O Reino do Sul de África, associado da Federação, foi mais uma vez citado perante o Supremo Tribunal por perseguição à minoria branca. Os ditadores da moda, reunidos no Rio, decretaram que as bainhas iam descer e que os umbigos seriam cobertos. As estações de defesa da Federação rondavam no céu, prometendo morte a quem perturbasse a paz do planeta; as estações espaciais de comércio perturbavam a paz com o barulho ilimitado que faziam anunciando marcas de produtos comerciais. Meio milhão de casas móveis a mais do que aquelas que tinham emigrado na mesma data do ano passado, tinham pousado nas praias da baía do Hudson; a cintura de arroz chinesa foi declarada zona de subalimentação de emergência pela Assembleia da Federação; Cynthia Duchess, conhecida como a Rapariga Mais Rica do Mundo, tinha corrido com o seu sexto marido.

O reverendo Dr. Daniel Digby, bispo supremo da Igreja da Nova Revelação (Fosterita), anunciou que tinha nomeado o anjo Azreel para guiar o senador Thomas Boone e que estava à espera da confirmação dos Céus durante esse dia; os serviços de notícias transmitiam-no como notícias de confiança, pois os Fosteritas tinham destruído no passado os escritórios dos jornais. O Sr. e a Sra. Harrison Campbel tiveram um filho e herdeiro de uma mãe-hospedeira no Hospital Pediátrico de Cincinnati, enquanto os felizes pais estavam de férias no Peru. O Dr. Horace Quackenbush, professor de artes de lazer na Escola de Divindade de Yale, apelava para um regresso à fé e à cultura dos valores espirituais; um

escândalo envolvia metade dos profissionais da equipe de futebol de West Point; três químicos de guerra bacteriana estavam detidos em Toronto devido a instabilidade emocional; anunciaram que levariam os seus casos ao Supremo Tribunal Federal. O Supremo Tribunal Federal anulava as sentenças do Supremo Tribunal dos Estados Unidos no que dizia respeito às eleições primárias que envolviam deputados da Federação no caso de Reinsberg contra o Estado de Missouri.

Sua Excelência, o Muito Honorável Joseph E. Douglas, secretário-geral da Federação Mundial dos Estados Livres, debicava o seu café da manhã e pensava porque é que um homem não podia tomar uma xícara de café descansado. O seu matutino, preparado pelo turno da noite do pessoal de informação, ia passando à frente dos seus olhos, à sua velocidade óptima de leitura, num monitor. As palavras corriam sempre que ele olhava na sua direcção e paravam quando ele deixava de olhar. Estava nesse momento a olhar para elas, mas simplesmente para evitar os olhos da sua patroa do outro lado da mesa. A Sra. Douglas não lia jornais, tinha outros meios de descobrir as coisas.

— Joseph...

Ele olhou para cima, a máquina parou.

— Sim, minha querida?

— Tens alguma coisa na ideia.

— Hã? O que é que te faz dizer isso, minha querida?

— Joseph! Há trinta e cinco anos que eu te acarinho, te coso as meias, e te livro de apuros: sei quando alguma coisa te preocupa.

«E o pior de tudo isto», admitiu ele, «é que ela sabe realmente.» Olhou para ela e pensou porque raio é que a tinha deixado arrastá-lo para um contrato sem termo. Ela tinha sido sua secretária, nos «Bons Velhos Tempos», quando ele era um legislador do Estado. O seu primeiro contrato tinha sido um acordo de noventa dias de co-habitação, para economizar os fundos da campanha poupando nas contas dos hotéis. Ambos tinham concordado que esse acordo era uma mera conveniência, e que «co-habitação»

deveria ser simplesmente interpretada como viver debaixo do mesmo tecto — e nem mesmo nesse tempo ela tinha cosido as suas meias!

Tentou recordar-se como é que essa situação se tinha alterado. A biografia da Sra. Douglas, *Sombra da Grandeza: História de Uma Mulher*, declarava que ele tinha afirmado, durante a contagem dos votos na sua primeira eleição — e isso era devido ao facto de querer mostrar o seu lado romântico —, que nada serviria a não ser o antiquado casamento «até-que-a-morte-nos-separe».

Bem, não ganhava nada em argumentar contra a versão oficial.

— Joseph! Responde-me!

— Hã? Nada minha querida. Passei uma noite horrível.

— Eu sei. Quando eles te acordam de noite, pensas que eu não o sei? Ele reflectiu que a suite dela distava da sua cerca de cinquenta metros.

— Como é que podes saber, querida?

— Hã? Intuição feminina. Qual foi a mensagem que Bradley te trouxe?

— Por favor, querida... tenho de acabar de ler o noticiário antes da reunião do Conselho.

— Joseph Edgerton Douglas, não me evites. Ele suspirou.

— Perdemos de vista aquele miserável Smith.

— Smith? Queres dizer o Homem de Marte? Que é que queres dizer com «perdemos de vista»? Isso é ridículo!

— É assim, minha querida, ele desapareceu. Desapareceu do seu quarto no hospital, ontem.

— Ridículo! Como é que ele o poderia fazer?

— Disfarçado de enfermeira, segundo parece.

— Mas... Não interessa. Ele desapareceu, é isso que importa. Que esquema confuso é que estás a utilizar para o trazer de volta?

— Bem, temos pessoas a procurá-lo. Pessoas de confiança. Berquist...

— Essa cabeça cheia de lixo? Quando devias estar a usar todos os polícias da FDS, mandas o Berquist!

— Mas, minha querida, tu não estás a ver a situação. Nós não podemos. Oficialmente ele não desapareceu. Compreendes, existe... bem, o outro sujeito. O, hum, o Homem de Marte «oficial».

— Oh... — Ela tamborilou na mesa. — Eu disse-te que esse esquema de substituição nos ia meter em trabalhos.

— Mas, minha querida, foste tu que o sugeriste.

— Não sugeri nada. E não me contraries. Hum... manda chamar o Berquist.

— Ah, Berquist está fora, seguindo o rasto dele. Ainda não comunicou conosco.

— Hã? Berquist a esta hora está a caminho de Zanzibar. Vendeu-nos. Nunca confiei nesse homem. Eu avisei-te, quando o contrataste, que...

— Quando eu o contratei?

— Não me interrompas!, que um homem que rouba dinheiro duas vezes roubaria três vezes. — Concentrou-se no pensamento. — Joseph, a Aliança Oriental está por detrás disto. Podes contar com um voto de confiança na Assembleia.

— Hã? Não vejo porquê. Ninguém sabia de nada.

— Oh, por amor de Deus! Toda a gente ficará a saber; a Aliança Oriental tratará disso. Está calado e deixa-me pensar.

Douglas calou-se. Leu que o Conselho da Condado da Cidade de Los Angeles tinha pedido auxílio à Federação para o seu problema da poluição, pois o ministro da Saúde não fora capaz de o resolver — tinha de lhes ser concedida uma verba, pois Charlie ia passar um mau bocado recandidatando-se ao mesmo tempo que os Fosteritas apresentavam o seu próprio candidato. A cotação da Empresa Lunar tinha subido dois pontos...

— Joseph.

— Sim, minha querida?

— O nosso «Homem de Marte» é o único; aquele que a Aliança Oriental nos vai atirar à cara é falso. É assim que tem de ser.

Mas, minha querida, não podemos impô-lo.

— Que é que queres dizer com não podemos? Temos de o fazer.

— Mas não podemos. Os cientistas dariam pela substituição imediatamente. Tenho tido um trabalho dos diabos para os manter afastados dele, todo este tempo.

— Cientistas!

— Mas eles podem, sabes.

— Não sei nada disso. Cientistas! Metade é adivinhação e metade superstição. Deviam ser todos presos; deviam ser proibidos por lei. Joseph, estou farta de dizer e de repetir: a única ciência verdadeira é a astrologia.

— Bem, não sei, minha querida. Eu não sigo a astrologia...

— Acho bem que nunca o faças! No fim de contas, tudo é feito por ti.

— ... mas estes cientistas são muito espertos. Um deles dizia-me outro dia que havia uma estrela que pesava seis mil vezes mais do que chumbo. Ou era sessenta mil? Deixa-me ver...

— Disparates! Como é que eles podem saber uma coisa dessas? Está calado, Joseph. Nós não admitimos nada. O homem deles é falso. Entretanto vamos utilizar a máxima capacidade dos nossos esquadrões de Serviço Especial e trazê-lo de volta; se possível, antes de a Aliança Oriental fazer a sua apresentação. Se forem necessárias medidas duras e se esse tal Smith apanhar um tiro, ao tentar resistir à prisão ou a outra coisa qualquer, bem, tanto pior. Só nos tem dado chatices.

— Agnes, tens consciência do que estás a sugerir?

— Eu não estou a sugerir nada. Todos os dias há pessoas que são feridas. Este assunto tem de ser esclarecido, Joseph, por todos nós. A bem da maioria, como tu estás sempre a dizer.

— Não quero que o rapaz seja ferido.

— Quem é que falou em feri-lo? Tens de tomar medidas firmes, Joseph; é o teu dever. A história dar-te-á razão. Que é mais importante: manter as coisas como estão e poder até prejudicar cinco biliões de pessoas, ou deixar-se levar por sentimentalismos acerca de um homem que nem sequer é propriamente um cidadão?

Douglas não respondeu. A Sra. Douglas levantou-se.

— Bom, não posso perder tempo a discutir coisas intangíveis; tenho de pedir a Madame Vesant que faça um novo horóscopo. Não perdi os melhores anos da minha vida a pôr-te onde tu estás, para te ver cair devido a falta de inteligência. Limpa o ovo do queixo.

Saiu.

O chefe executivo do planeta ficou para mais duas xícaras de café até se sentir à altura de enfrentar o Conselho. Pobre velha Agnes! Ele pressentia que tinha sido uma desilusão para ela... e não havia dúvida que a modificação da vida não tornava as coisas mais fáceis. Bom, pelo menos ela era leal, até às pontas dos pés... e todos nós temos defeitos; ela estava provavelmente tão farta dele como ele — sem dúvida alguma!

Endireitou-se. Havia uma coisa de que ele tinha a certeza: não os ia deixar ser violentos com Smith. É claro que ele era uma fonte de aborrecimentos, mas tinha um modo de pedir ajuda totalmente desprotegido e semi-deliberado. Agnes deveria ter visto como ele se assustava facilmente, e então não falaria deste modo. Smith apelaria para o seu instinto maternal.

Mas Agnes tem algum instinto maternal? Quando ela se punha a gritar era difícil ouvi-la. Oh, que interessava isso, todas as mulheres tinham instintos maternais; a ciência tinha provado isso. Bem, teriam mesmo?

De qualquer modo, ao Diabo com a sua coragem, não ia permitir que ela o manobrasse. Ela passava a vida a dizer-lhe que fora ela que o colocara no topo, mas ele sabia mais... e a responsabilidade era só dele. Levantou-se, endireitou os ombros, e foi para o Conselho.

Esperou durante todo o dia que aparecesse alguém com quem partilhar a sua preocupação. Mas ninguém apareceu. Foi forçado a concluir que o facto de Smith ter desaparecido era considerado, pelo seu próprio pessoal, tão inverosímil como parecia. O secretário-geral desejou poder fechar os olhos e esquecer toda aquela horrível confusão, mas os acontecimentos não lho permitiriam, nem a sua mulher.

Agnes Douglas não esperou que o marido actuasse no caso do Homem de Marte. O pessoal do marido recebia ordens tão prontamente dele como dela — ou ainda mais prontamente dela. Mandou chamar o secretário executivo para a informação civil, em seguida virou-se para a sua necessidade mais urgente, um horóscopo fresquinho. Havia um improvisado circuito televisivo interno da sua suite para o estúdio de Madame Vesant; as feições roliças da astróloga surgiram imediatamente na tela.

— Agnes? Que é que se passa, querida? Estou com um cliente.

— O seu circuito não está sob escuta?

— Claro que não.

— Livre-se desse cliente.

Madame Vesant não mostrou qualquer aborrecimento.

— Só um momento.

As suas feições desapareceram e foram substituídas pelo sinal de «espera». Um homem entrou e aproximou-se da secretária da Sra. Douglas; ela viu que era James Sanforth, o agente da imprensa que mandara chamar.

— Sabe alguma coisa de Berquist? — perguntou.

— Hã? Eu não estava a tratar disso; isso é da competência de McCrary. Ela ignorou o que James dissera.

— Tem de o desacreditar antes que ele fale.

— Acha que Berquist nos vendeu?

— Não se faça de ingênuo. Devia ter falado comigo antes de o utilizar.

— Mas não falei. Era trabalho de McCrary.

— Você tem obrigação de saber o que se passa. Eu... — O rosto de Madame Vesant voltou a aparecer na tela. — Espere aí — disse a Sra. Douglas a Sanforth. Voltou-se para a tela. — Allie querida, quero novos horóscopos para mim e para o Joseph, imediatamente.

— Com certeza. — A astróloga hesitou. — Posso ser-lhe muito mais útil se me disser qual a natureza da emergência.

A Sra. Douglas tamborilou na secretária.

— Não precisa de saber, pois não?

— Claro que não. Todo aquele que possui os ensinamentos rigorosos necessários, a perícia matemática e o conhecimento das estrelas pode calcular um horóscopo, sabendo apenas a hora e o local de nascimento do indivíduo. Você podia aprender... se não estivesse sempre tão terrivelmente ocupada. Mas lembre-se: as estrelas dão somente tendências, não obrigam a nada. Se tenho de fazer uma análise pormenorizada para que a possa aconselhar numa crise, preciso saber em que sector devo procurar. Estará mais relacionado com a influencia de Vénus? Ou possivelmente com a de Marte? Ou...

A Sra. Douglas decidiu:

— Com Marte — interrompeu. — Allie, quero um terceiro horóscopo.

— Muito bem. De quem?

— Hum... Allie, posso confiar em si? Madame Vesant pareceu ofendida.

— Agnes, se não tem confiança em mim, é melhor não me consultar. Existem outras pessoas que lhe podem dar leituras

científicas. Não sou a única estudiosa da sabedoria arcaica. O Prof. Von Krausemeyer é muito competente, muito embora esteja inclinado para... — Madame Vesant deixou a sua voz diminuir de intensidade.

— Por favor, por favor! Nunca pensaria em deixar outra pessoa fazer um cálculo para mim. Agora ouça. Ninguém a está a ouvir?

— Claro que não, querida.

— Quero um horóscopo para Valentine Michael Smith.

— Valentine Mich... O Homem de Marte?

— Sim, sim. Allie, ele foi raptado. Temos de o encontrar.

Duas horas mais tarde, Madame Alexandra Vesant afastou-se da sua cadeira e suspirou. Mandara a sua secretária cancelar todos os seus compromissos; folhas cobertas de diagramas e de figuras e um almanaque náutico com as folhas dobradas testemunhavam os seus esforços. Alexandra Vesant diferia dos outros astrólogos no aspecto de que ela tentava realmente calcular as «influências» dos corpos celestes, usando um livro cosido à mão intitulado A Arcana Ciência da Astrologia Judiciosa e Chave para a Pedra de Salomão, que pertencera ao seu último marido, o Prof. Simon Magus, mentalista, hipnotizador de palco, ilusionista e estudioso do arcano.

Confiava no livro como confiara nele; não havia ninguém que fosse capaz de fazer um horóscopo como Simon, quando estava sóbrio — em metade das vezes nem precisara do livro. Ela sabia que nunca conseguiria atingir esse grau de perícia; usava sempre tanto o almanaque como o manual. Os seus cálculos eram muitas vezes confusos; Becky Vesey (como tinha sido conhecida) nunca dominara realmente as tabelas de multiplicação e tinha uma tendência para confundir os setes com os nove.

Contudo os seus horóscopos eram eminentemente satisfatórios; a Sra. Douglas não era o seu único distinto cliente.

Fora tocada pelo pânico quando a Sra. Douglas tinha pedido um horóscopo para o Homem de Marte — sentira a mesma coisa que costumava sentir quando qualquer idiota da plateia lhe atava a

venda à volta dos olhos, antes de o professor lhe começar a fazer perguntas. Mas descobrira nesses tempos em que era ainda rapariga, que possuía talento para responder acertadamente; tinha dominado o seu pânico e prosseguido com o show.

Assim, pedira a Agnes que lhe dissesse a hora exacta, a data e o local de nascimento do Homem de Marte, tendo quase a certeza de que não eram conhecidos.

Mas tinham-lhe sido fornecidas informações precisas, depois de um pequeno atraso, tiradas do diário de bordo do Envoy. Nessa altura ela já não estava assustada, e tinha simplesmente aceitado os dados e prometido voltar a comunicar, já com os horóscopos prontos.

Mas, depois de duas horas de penosa aritmética, embora tivesse completado as pesquisas para o Sr. e Sra. Douglas, não tinha nada para Smith. O problema era simples — e insuperável. Smith não nascera na Terra.

A sua bíblia astrológica não incluía uma tal ideia; o seu autor anónimo morrera antes de o primeiro foguete chegar à Lua. Tentou encontrar uma solução para o dilema, pressupondo que os princípios eram imutáveis e que apenas tinha de corrigir os deslocamentos. Mas viu-se perdida num labirinto de relações desconhecidas; não tinha a certeza se os signos do Zodíaco eram os mesmos vistos de Marte... e que é que alguém podia fazer sem os signos do Zodíaco?

Podia muito facilmente ter extraído uma raiz cúbica, mas tinha sido esse o obstáculo que a fizera abandonar a escola.

Foi buscar um tónico que guardava para ocasiões difíceis. Apressou-se a tomar uma dose, deitou outra no copo e pensou no que Simon teria feito. Pôde então ouvir a sua voz firme: «Confiança, garota! Tem confiança e os rústicos terão confiança em ti. Deves-lhes isso.»

Sentiu-se muito melhor e começou a escrever os horóscopos para os Douglas. Tornou-se então fácil escrever um para Smith; viu que, como sempre, as palavras no papel autenticavam-se a si

próprias — e eram tão maravilhosamente verdadeiras! Estava a acabar quando Agnes voltou a ligar.

— Allie, já acabou?

— Mesmo agora — respondeu Madame Vesant, com vivacidade. — Compreende que o horóscopo desse jovem Smith apresentou um problema invulgar e difícil para a ciência. Tendo nascido como ele nasceu, noutra planeta, todos os aspectos tiveram de ser recalculados. A influência do Sol é diminuta; a de Diana quase não existe. Júpiter tem uma enorme importância, deveria dizer, é o «único» aspecto, se eu tiver razão, compreende. Isto requeria computação de...

— Allie! Deixe isso. Sabe as respostas?

— Naturalmente.

— Oh, graças a Deus! Pensei que me estava a dizer que era de mais para si.

Madame Vesant mostrou-se ofendida na sua dignidade.

— Minha querida, a ciência nunca muda; o que muda são apenas as configurações. Os meios que predisseram o momento e o local do nascimento de Cristo, que disseram a Júlio César o momento e o modo da sua morte... como é que podia falhar? Verdade é Verdade, inalterável.

— Sim, claro.

— Está pronta?

— Deixe-me ligar o gravador... pode começar.

— Muito bem. Agnes, este é um período muito crítico na sua vida; nunca os céus se tinham juntado em tão forte configuração. Acima de tudo, tem de estar calma, não impaciente, e pensar bem nas coisas. No seu conjunto, os presságios são a seu favor... desde que você evite tomar decisões precipitadas. Não deixe que a sua mente seja perturbada pelas aparências superficiais...

Madame Vesant prosseguiu, dando conselhos. Becky Vesey dava sempre bons conselhos e dava-os com convicção, pois acreditava neles. Aprendera com Simon que, mesmo quando as

estrelas estavam sombrias, havia sempre um meio de suavizar o golpe, um aspecto que o cliente podia utilizar tendo em vista a felicidade...

O rosto tenso que se lhe opunha na tela ia acalmando e começou a acenar em sinal de assentimento à medida que ela ia apresentando os seus pontos de vista.

— Portanto, compreende — concluiu —, a ausência do jovem Smith é uma necessidade, sob as influências conjuntas de três horóscopos. Não se preocupe; ele voltará... ou ouvirá falar dele... muito em breve. O importante é não tomar nenhuma decisão drástica. Tenha calma.

— Sim, compreendo.

— Mais uma coisa. O aspecto de Vénus é mais favorável e potencialmente dominante sobre o de Marte. Vénus simboliza-a a si, claro, mas Marte é ao mesmo tempo o seu marido e o jovem Smith... como resultado das circunstâncias únicas do seu nascimento. Isto atira para cima de si um duplo fardo e você tem de superar o desafio; tem de demonstrar aquelas qualidades que são peculiares às mulheres: calma, sensatez e autodomínio. Tem de apoiar o seu marido, guiá-lo através desta crise e acalmá-lo. Tem de substituir as nascentes de sabedoria da mãe-terra. Isto é o seu principal talento... tem de o utilizar.

A Sra. Douglas suspirou.

— Allie, você é simplesmente maravilhosa! Não sei como lhe agradecer.

— Agradeça aos Antigos Mestres, de que sou uma humilde estudiosa.

— Não lhes posso agradecer, portanto agradeço-lhe a si. Isto não está coberto pelos seus honorários, Allie. Haverá um presente.

— Não, Agnes. É um privilégio servi-la.

— E é meu privilégio apreciar o serviço. Allie, nem mais uma palavra. Madame Vesant deixou-se persuadir, em seguida desligou, sentindo-se riosamente satisfeita por ter dado uma leitura que ela

sabia que era correcta. Pobre Agnes! Era um privilégio suavizar a sua vida, tornar os seus fardos um pouco mais leves. Ajudar Agnes fazia-a sentir-se bem.

Madame Vesant sentia-se bem pelo facto de ser tratada quase de igual para igual pela esposa do secretário-geral, embora não pensasse nisso desse modo, pois não era pedante. Mas a jovem Becky Vesey tinha sido tão insignificante que os porteiros dos recintos da feira nunca se conseguiam lembrar do nome dela, embora tivessem reparado no seu busto. Becky Vesey não lhes guardava ressentimento; Becky gostava das pessoas. Gostava de Agnes Douglas.

Becky Vesey gostava de toda a gente.

Sentou-se por uns momentos, apreciando o calor e apenas um pouco mais de tónico, enquanto o seu cérebro perspicaz juntava os bocadinhos que tinha ouvido aqui e ali. A seguir telefonou ao seu corretor da bolsa e deu-lhe instruções para vender as ações da Empresa Lunar dentro em breve.

Ele resmungou incrédulo:

— Allie, essa dieta para emagrecer está a enfraquecer o teu cérebro.

— Ouve, Ed. Quando elas descerem dez pontos, vende, mesmo que continuem a descer. Depois, quando recuperarem três pontos, compra outra vez... em seguida, quando voltarem a estar mais ou menos com a cotação de hoje, vende-as.

Houve um longo silêncio.

— Allie, tu sabes alguma coisa. Conta ao Tio Ed.

— As estrelas disseram-me, Ed.

Ed fez uma sugestão astronomicamente impossível.

— Está bem, se tu o queres, assim seja. Hum... Nunca tive juízo suficiente para me manter afastado de jogos duvidosos. Importas-te se eu fizer o mesmo?

— Claro que não Ed. Mas não dêes muito nas vistas. Esta é uma situação muito delicada, com Saturno oscilando entre Virgem e Leão.

— Como queiras, Allie.

A Sra. Dougals dedicou-se imediatamente às suas actividades, feliz por Allie ter confirmado todas as suas opiniões. Deu ordens para a campanha para desacreditar a reputação do desaparecido Berquist, depois de ter mandado buscar o seu processo; convocou o comandante Twitchell dos Esquadrões do Serviço Especial — este último saiu parecendo descontente e tornou a vida insuportável ao seu secretário executivo. Deu instruções a Sanforth para transmitir outra notícia sobre o Homem de Marte, fazendo referência a um boato «de uma fonte próxima da Administração» que afirmava que Smith estava prestes a ir, ou possivelmente já tinha ido para um sanatório nos Andes, para lhe proporcionar um clima tanto quanto possível parecido com o de Marte. Depois a Sra. Douglas pensou qual seria a melhor forma de segurar os votos do Paquistão.

Em seguida chamou o seu marido e pressionou-o para que ele apoiasse a exigência do Paquistão, que reclamava a parte principal da exploração do tório em Caxemira. Ele não era difícil de persuadir, desde que tivesse a mesma opinião, embora ficasse irritado por ela pretender que ele se opunha a isso. Depois disto resolvido, ela saiu para falar às Filhas da Segunda Revolução sobre A Maternidade no Novo Mundo.

Enquanto a Sra. Douglas falava livremente sobre um assunto de que pouco sabia, Jubal E. Harshaw, bacharel de Direito, doutor em Medicina, cientista, bon vivant, gastrónomo, sibarita, extraordinário autor popular e filósofo do neopessimismo, estava sentado junto à piscina na sua casa de Poconos, coçando a penugem cinzenta do seu peito e observando as suas três secretárias chapinhando na água. Segundo a opinião de Harshaw, a lei do menor esforço requeria que a utilidade e a beleza fossem conjugadas.

Anne era loura, Miriam ruiva e Dorcas morena; possuíam, todas elas, desde curvas bem delineadas até uma deliciosa esbeltez. As suas idades eram superiores aos quinze anos, mas era difícil dizer qual delas era a mais velha.

Harshaw estava a trabalhar muito. Uma grande parte do seu pensamento estava a observar bonitas raparigas, a fazerem bonitas coisas com a água e com o sol; um pequeno compartimento do seu cérebro, fechado à prova de som, estava a compor mentalmente. Ele dizia que o seu método de escrever consistia em ligar as suas gónadas em paralelo com o seu tálamo e desligar o cérebro; os seus hábitos emprestavam credibilidade à teoria.

Sobre a mesa existia um microfone ligado a um gravador, mas ele apenas o usava para tomar notas. Quando estava preparado para escrever usava uma estenógrafa e observava as suas reações. Estava preparado neste momento.

— Quem é que está de serviço? — gritou.

— A Anne — respondeu Dorcas. — Mas deixe que eu faço. Aquele mergulho foi da Anne.

— Mergulha e vai buscá-la. — A morena cortou a água; momentos depois Anne saiu da piscina, vestiu um roupão e sentou-se à mesa. Não disse nada nem fez preparativos; Anne estava à sua inteira disposição.

Harshaw pegou num grande copo cheio de gelo e de Brandy, bebeu um gole. — Anne, tenho uma de fazer chorar as pedrinhas da calçada. É sobre um gatinho que ronda à volta de uma igreja na véspera de Natal para se aquecer. Além de estar esfomeado, gelado e perdido, o gatinho tem (só Deus sabe porquê) uma pata ferida. Está bem; começa: «A neve caía desde...»

— Que pseudónimo?

— Hum... usa «Molly Wadsworth»; esta é muito trágica. Põe-lhe o título A Outra Manjedoura. Começa de novo.

Continuou a ditar enquanto a observava. Quando as lágrimas começaram a brotar dos olhos dela, ele sorriu levemente e fechou os seus. Quando acabou, as lágrimas desciam-lhe pelas suas faces assim como pelas dela, ambos banhados em lágrimas purificadoras.

— Trinta — anunciou Jubal. — Assoa-te. Envia-a e por amor de Deus não me deixes vê-la.

— Jubal, nunca te sentes envergonhado?

— Não.

— Um dia destes dou-te um pontapé na tua enorme barriga por causa de uma destas.

— Eu sei. Leva os teus esquisitos rabiscos e trata deles antes que eu mude de ideias.

— Sim, patrão.

Ao passar por trás da cadeira dele, Anne beijou-lhe a careca. Harshaw gritou:

— Quem é que está de serviço?

Miriam dirigiu-se para ele. Um altifalante montado na casa fez-se ouvir

— Patrão!

Harshaw proferiu um palavrão e Miriam gaguejou. Ele acrescentou:

— Sim, Larry? A voz respondeu:

— Está aqui uma senhora ao portão... e tem um cadáver com ela. Harshaw considerou isto.

— É bonita?

— Hum... é.

— Então de que é que estás à espera? Deixa-a entrar. — Harshaw recostou-se. — Começa — disse. — A filmagem da cidade dá lugar à filmagem de um interior. Um polícia está sentado numa cadeira direita, sem boina, colarinho aberto, face coberta de suor. Vimos as costas de outra personagem, que está entre nós e o polícia. Essa personagem levanta uma mão, fá-la recuar quase dando a sensação de que vai sair da tela. Esbofeteia o polícia com um ruído pesado de carne, abafado. — Harshaw olhou para cima e disse: — Refaz a partir daí. — Um carro subia a colina dirigindo-se para a casa.

Jill conduzia; um jovem estava ao seu lado. Assim que pararam, o homem saltou para fora, como se sentisse feliz por se

separar de tudo aquilo.

— Cá está ela, Jubal.

— Bem vejo. Bom dia, minha menina. Larry, onde é que está o cadáver?

— No banco de trás, patrão. Debaixo de uma manta.

— Mas não é um cadáver — protestou Jill. — É... Ben disse que você... quero dizer... — Jill baixou a cabeça e começou a soluçar.

— Então, minha querida — disse Harshaw gentilmente. — Poucos cadáveres merecem as nossas lágrimas. Dorcas... Miriam... tomem conta dela. Dêem-lhe uma bebida e lavem-lhe a cara.

Foi até ao banco de trás, levantou o cobertor. Jill desembaraçou-se do braço de Miriam e disse, numa voz esganiçada:

— Tem de me ouvir! Ele não está morto. Pelo menos, espero que não esteja. Ele é... oh coitado! Recomeçou a chorar. — Estou tão suja... e tão assustada!

— Parece ser um cadáver — meditou Harshaw. — Temperatura do corpo abaixo da temperatura do ar, rigidez anormal. Há quanto tempo é que ele morreu?

— Mas ele não está morto! Não o pode tirar dali? Tive um trabalho terrível para o meter lá dentro.

— Com certeza. Larry, ajuda-me... e parece bastante agoniada; se vomitar, tem de limpar. — Tiraram Valentine Michael Smith para fora e deitaram-no na relva: o seu corpo continuava completamente enrolado. Dorcas foi buscar o estetoscópio do Dr. Harshaw, colocou-o na relva, ligou-o e aumentou a corrente.

Harshaw colocou os auscultadores nos ouvidos e começou a procurar o pulsar do coração.

— Receio que esteja enganada — disse gentilmente a Jill. — Este já não precisa da minha ajuda. Quem era ele?

Jill suspirou. A sua face estava despojada de qualquer expressão e respondeu num tom monocórdico:

— Era o Homem de Marte. Tentei com tanto ardor.

— Tenho a certeza de que tentou... o Homem de Marte?

— Sim. Ben... Ben Caxton disse que você era a única pessoa a quem me podia dirigir.

— Ben Caxton, eh? Aprecio a confi... silêncio! — Harshaw gesticulou pedindo silêncio. Primeiro pareceu completamente confundido, depois a surpresa alastrou pela sua face. — Estou a ouvir o coração! Macacos me mordam. Dorcas... lá em cima, a clínica... terceira gaveta na parte fechada do frigorífico; o código é doces sonhos. Traz a gaveta e um centímetro cúbico de hipossulfito de soda.

— Vou imediatamente!

— Doutor, nada de estimulantes!

— Harshaw virou-se para Jill.

— Hã?

— Desculpe, senhor. Eu sou enfermeira... mas este caso é diferente. Eu sei.

— Hum... ele agora é meu doente, enfermeira. Mas há cerca de quarenta anos atrás eu descobri que não era Deus, e dez anos depois descobri que nem sequer era Esculápio. Que é que você quer tentar?

— Quero tentar acordá-lo. Se lhe fizer alguma coisa, ele mergulha ainda mais no estado de transe.

— Hum... vá em frente. Veja só se não usa um martelo. Depois tentaremos os meus métodos.

— Sim, senhor. — Jill ajoelhou-se e começou a tentar activar os membros de Smith. Harshaw levantou as sobrancelhas quando viu que ela estava a obter sucesso. Jill colocou a cabeça de Smith no seu colo. — Por favor, acorda — disse com suavidade. — Sou o teu irmão de água.

Lentamente o peito começou a encher-se. Smith deixou escapar um grande suspiro e abriu os olhos. Olhou para Jill e sorriu com o seu sorriso infantil. Olhou em redor e o sorriso abandonou-o.

— Está tudo bem — apressou-se Jill a dizer. — Estes são amigos.

— Amigos?

— Todos eles são teus amigos. Não te preocupes... e não entres em transe outra vez. Está tudo bem.

Ele permaneceu imóvel, de olhos abertos, olhando espantado para tudo. Parecia tão contente como um gato ao colo.

Vinte e cinco minutos depois, ambos os pacientes estavam na cama. Jill contara a Harshaw o suficiente, antes de a pílula fazer efeito, para que este se apercebesse de que estava metido em trabalhos. Olhou para o carro em que Jill tinha chegado. Gravado atrás podia-se ler: READING RENTALS — Equipamento eléctrico.

— Larry, a vedação de arame está ligada?

— Não.

— Liga-a. Depois limpa qualquer impressão digital daquele monte de sucata. Quando escurecer, conduz até ao outro lado de Reading... é melhor ir quase até Lancaster... e abandona-o numa vala. Depois segue até Filadélfia, apanha o comboio de Scranton e dá volta para casa.

— Entendido, Jubal. Diga-me: ele é realmente o Homem de Marte?

— Espero bem que não. Se for e eles te apanharem antes de abandonares o carro e te relacionarem com ele, interrogar-te-ão com a ajuda de um maçarico. Suponho que é o Homem de Marte.

— Compreendido. Acha que devo assaltar um banco no caminho de regresso?

— Provavelmente isso é a coisa mais segura que tens a fazer.

— O. K., patrão. — Larry hesitou. — Importa-se que eu passe a noite em Filadélfia?

— Está à vontade. Mas que é que um homem, em nome de Deus, pode fazer à noite em Filadélfia? — Harshaw deixou-o. — Quem está de serviço?

Jill dormiu até à hora de jantar, acordou refrescada e alerta. Aspirou o ar que vinha até ela através de uma janela por cima da sua cabeça e suspeitou que o médico misturara um estimulante com o sedativo. Enquanto dormira, alguém tinha levado as suas roupas sujas e rasgadas e deixara em seu lugar um vestido de jantar e umas sandálias. O vestido era de bom corte; Jill concluiu que devia pertencer à rapariga chamada Miriam. Tomou banho, pintou-se, penteou-se e desceu para a sala de jantar sentindo-se uma pessoa nova.

Dorcas estava enroscada numa cadeira, fazendo renda; acenou-lhe Como se Jill fizesse parte da família e concentrou-se de novo no seu delicado trabalho. Harshaw preparava uma mistura num jarro cheio de gelo.

— Bebe? — perguntou.

— Ah, sim, obrigado.

Ele encheu uns enormes copos de cocktail até as bordas e entregou-lhe um. — Que é isto? — perguntou Jill.

— Uma receita minha. Um terço de vodka, um terço de ácido muriático e um terço de água destilada... duas pitadas de sal e um pouco de beterraba em vinagre.

— E melhor tomar um uísque com soda — aconselhou Dorcas.

— Mete-te na tua vida — respondeu-lhe Harshaw. O ácido hidroclicórico ajuda a digestão; a beterraba tem vitaminas e proteínas. — Ergueu o copo e disse solenemente: — Às nossas nobres pessoas! Não existem muitos como nós. — E esvaziou-o de um trago.

Jill bebeu um pequeno gole, depois outro maior. Quaisquer que fossem os ingredientes daquela bebida, parecia ser mesmo o que ela precisava; uma sensação reconfortante espalhava-se desde o centro até às extremidades do seu corpo. Bebeu cerca de metade e deixou Harshaw voltar a enchê-lo.

— Foi ver o seu doente? — perguntou ele.

— Não, senhor. Não sabia onde ele estava.

— Fui vê-lo há alguns minutos. Dormia como uma criança... penso. Vou baptizá-lo com o nome de Lázaro. Acha que ele gostaria de descer para jantar?

— Não sei, doutor — Jill parecia pensativa.

— Bem, se ele acordar eu sabê-lo-ei. Pode juntar-se-nos, ou então comer numa bandeja. Esta é a Galeria da Liberdade, minha querida. Toda a gente faz o que lhe apetece... se fizerem alguma coisa de que eu não goste, corro-os daqui para fora. A propósito: não gosto que me tratem por «doutor».

— Senhor?

— Oh, não estou ofendido. Mas, quando eles começaram a ir buscar os doutorados para se ocuparem da música folclórica e da pesca à linha, tornei-me demasiado orgulhoso para usar o título. Nunca seria capaz de tocar em uísque falsificado e não sinto orgulho em títulos igualmente falsificados. Trate-me por Jubal.

— Oh, mas os títulos na medicina não foram falsificados.

— Então chamem-lhe outra coisa para não se confundirem com supervisores de brincadeiras de crianças. Minha menina, qual é o seu interesse neste doente?

— Hã? Eu disse-lhe, dout... Jubal.

— Disse-me o que aconteceu; não me disse porquê. Jill, eu vi o modo como lhe falou. Está apaixonada por ele?

Jill engasgou-se.

— Como? Isso é ridículo!

— De maneira nenhuma. Você é uma rapariga; ele é um rapaz: é uma bela combinação.

— Mas... Não, Jubal, não é isso. Eu... bem, ele estava preso e eu pensei... ou Ben pensou... que estava em perigo. Queremos vê-lo recuperar os seus direitos.

— Hum... minha querida, duvido muito do interesse desinteressado. Você parece ter um equilíbrio glandular normal, portanto penso que ou é Ben ou este pobre rapaz de Marte. É

melhor examinar primeiro os seus motivos, e depois pensar na direcção a seguir. Entretanto, que quer que eu faça?

O alcance da pergunta tornou difícil encontrar uma resposta. Na altura em que Jill atravessara o seu Rubicão pensara apenas em escapar. Não tinha planos.

— Não sei.

— Era o que eu calculava. Supondo que você gostaria de proteger a sua licença, tomei a liberdade de enviar uma mensagem de Monreal para a sua enfermeira-chefe. Pedia autorização para se ausentar devido a doença na família. Fiz bem?

Jill sentiu-se subitamente aliviada. Pusera de lado toda e qualquer preocupação quanto ao seu próprio bem-estar; contudo, no seu íntimo existia uma certa preocupação causada pelo que fizera à sua situação profissional.

— Oh, Jubal, muito obrigado! — E acrescentou: — Por enquanto ainda não sou uma delinquente; hoje era o meu dia de folga.

— Ótimo. Que quer fazer?

— Não tive tempo para pensar. Ah, deveria pôr-me em contacto com o meu banco e levantar algum dinheiro... — Fez uma pausa tentando recorda-se do seu saldo. Nunca era muito elevado e algumas vezes esquecia-se...

Jubal cortou-lhe o pensamento.

— Se o fizer terá imediatamente os polícias à perna. Não seria preferível ficar aqui até as coisas se acalmarem?

— Oh, Jubal, não quero abusar de si.

— Já abusou. Não se preocupe criança; existem sempre, por aqui, armas disponíveis. Ninguém abusa de mim contra a minha vontade, portanto descontraia-se. Agora tratemos do nosso doente: você disse que queria que ele recuperasse os seus direitos. Espera que eu a ajude?

— Bem... Ben disse... Ben pensava que você ajudaria.

— Ben não fala por mim. Não estou interessado nos ditos «direitos» deste rapaz. A sua reivindicação sobre Marte é aldrabice de advogados; sendo eu um advogado, não preciso de a respeitar. Quanto à fortuna que se supõe ser dele, a situação resulta das paixões de outras pessoas e dos nossos estranhos costumes tribais; ele não fez nada por a merecer. Ele teria sorte se o despojassem de tudo... mas não seria eu que iria esquadrinhar um jornal para o descobrir. Se Ben estava à espera que eu fosse lutar pelos «direitos» de Smith, veio bater à porta errada.

— Oh. — Jill sentiu-se perdida. — É melhor arranjar as coisas para me ir embora com ele.

— Oh, não. A não ser que o deseje.

— Mas você disse...

— Eu disse que não estava interessado em ficções legais. Mas um convidado debaixo do meu tecto, é um outro assunto. Ele pode ficar, se quiser. Só quis esclarecer que não tenho intenção de me meter na política para servir as ideias românticas que você ou Ben podem acarinhar. Minha querida, eu costumava pensar que estava a servir a humanidade, e esse pensamento confortava-me. Então descobri que a humanidade não quer ser servida; antes pelo contrário, recusa qualquer tentativa para a servir. Portanto, agora faço aquilo que agrada a Jubal Harshaw. — Voltou-se. — Hora de jantar, não é Dorcas? Está alguém a fazer alguma coisa?

— Miriam. Ela pousou a renda e levantou-se.

— Nunca consegui descobrir como é que estas raparigas dividem o trabalho.

— Patrão, como é que havia de saber... Você nunca faz nada. — Dorcas deu-lhe uma palmadinha no estômago. — Mas nunca perde uma refeição.

Um gongo soou. E foram comer. Se Miriam fizera o jantar, devia tê-lo feito com a ajuda dos mais modernos aparelhos; estava sentada aos pés da mesa e parecia calma e bela. Além das secretárias havia um homem ligeiramente mais velho do que Larry, chamado «Duke», que tratou Jill como se esta tivesse vivido sempre

ali. O serviço era executado por máquinas não andróides, comandadas do lado da mesa em que Miriam estava sentada. A comida era excelente e, tanto quanto Jill podia dizer, nada era sintético.

Mas Harshaw não ficou contente com a comida. Queixou-se de que a sua faca não cortava e que a carne era dura; acusou Miriam de servir restos. Ninguém parecia ouvi-lo, mas Jill estava a começar a sentir-se embaraçada por causa de Miriam quando Anne pousou o garfo.

— Ele voltou a falar nos cozinhados da mamã — afirmou ela.

— Está a começar a pensar que é do novo patrão — concordou Dorcas.

— Há quanto tempo é que isto dura?

— Há cerca de dez dias.

— Isso é muito tempo. — Anne reuniu Dorcas e Miriam com o olhar e elas levantaram-se. Duke continuou a comer.

Harshaw apressou-se a dizer:

— Raparigas, às refeições, não! Esperem até... Elas dirigiram-se para ele; uma das máquinas afastou-se do caminho. Anne pegou-lhe nos pés, cada uma das outras num braço; as portas francesas deslizaram para o lado; elas levaram-no lá para fora, aos guinchos.

Os guinchos acabaram num mergulho.

As mulheres regressaram, nada atrapalhadas com o que tinham acabado de fazer. Miriam sentou-se e voltou-se para Jill.

— Queres mais salada, Jill?

Harshaw voltou de pijama e robe em vez de jaquetão. Uma máquina cobria o seu prato quando ele fora arrastado da sala; agora destapava-o e ele continuou a comer.

— Como eu ia dizendo — comentou —, uma mulher que não sabe cozinhar é um desperdício de pele. Se não começar a ter um serviço decente vou trocá-las por um cão e matar o cão. Qual é a sobremessa, Miriam?

— Bolo de morangos.

— Já soa melhor. Estão todas suspensas até quarta-feira.

Depois de jantar, Jill foi até a sala, com intenção de ver um noticiário, ansiosa por descobrir se tomava parte nele. Não encontrou nenhum receptor nem nada que pudesse esconder uma cabina. Pensando nisso, não conseguiu lembrar-se de ter visto algum, nem jornais, embora houvesse montes de livros e de revistas.

Ninguém foi ter com ela. Começou a pensar que horas seriam. Deixara o seu relógio lá em cima, portanto olhou em volta, procurando um. Não conseguiu encontrar nenhum, depois procurou na sua memória e não se recordou de ter visto algum relógio ou calendário em qualquer das salas em que tinha estado. Resolveu ir para a cama. Uma das paredes estava cheia de livros; encontrou uma cassette de *Apenas Contos*, de Kipling, e levou-a para cima.

A cama era ultramoderna, com automassagem, máquina de café, controle de temperatura, máquina de leitura, etc. — mas não havia despertador. Jill pensou que provavelmente não iria adormecer profundamente; enfiou-se na cama, introduziu a cassette na máquina de leitura, recostou-se e observou as palavras que se iam sucedendo através do tecto. Passado pouco tempo, o controle escorregou-lhe dos dedos, as luzes apagaram-se e ela adormeceu.

Jubal Harshaw não conseguiu dormir tão facilmente; estava envergonhado consigo próprio. O seu entusiasmo acalmara e a reacção não se fez esperar. Há cinquenta anos atrás fizera o juramento solene de não voltar a recolher um gato extraviado — e agora, pelas múltiplas facetas de *Vénus Genetrix*, recolhera dois de uma só vez... não, três, se contasse com Ben Caxton.

O facto de ter quebrado o seu juramento mais vezes do que o número de anos que desde então se tinham passado não perturbavam; não primava pela consistência. Nem mais dois pensionistas debaixo do seu tecto o aborreciam; não era mesquinho. Em mais de um século de vida aventureira, estivera falido muitas vezes. Mas também já tinha sido mais rico do que era agora;

considerava estas duas situações como vicissitudes da vida e nunca contava os trocos.

Mas a confusão que de certeza se iria seguir, quando apanhassem estas crianças, punha-o de mau humor. Considerava como certo o facto de eles virem a ser apanhados; aquela ingénua Gillian deixaria uma pista como uma vaca aleijada!

Pouco tempo depois disso, as pessoas precipitar-se-iam para o seu santuário, fazendo perguntas, exigências... ele teria de tomar decisões e agir. Estando convencido de que toda a ação era inútil, essa perspectiva irritou-o.

Não esperava que os seres humanos tivessem uma conduta racional; havia mesmo muita gente que era candidata a internamento devido a insanidade mental. Desejava simplesmente que o deixassem em paz! — todos, menos aqueles que ele escolhera para seus companheiros de folgedos. Estava convencido de que, entregue a si próprio, teria ainda muito tempo de vida, desde que atingisse o nirvana... mergulharia no seu umbigo e desapareceria da vista, como os ilusionistas hindus. Porque é que não haviam de deixar um homem em paz?

Por volta da meia-noite atirou fora o seu vigésimo sétimo cigarro e sentou-se; as luzes acenderam-se.

— Quem é que está de serviço? — gritou através de um microfone. Dorcas entrou, de robe e chinelos. Bocejou e disse:

— Sim, patrão?

— Dorcas, durante os últimos vinte ou trinta anos tenho sido um parasita sem qualquer valor e que não presta para nada.

Ela tornou a bocejar.

— Toda a gente sabe isso.

— Deixa-te de graças. Existe uma altura na vida de todo o homem em que ele tem de deixar de ser sensato... uma altura em que uma pessoa deve levantar-se... lutar pela liberdade... combater os perversos.

— Ummm...

— Portanto, pára de bocejar, chegou essa altura.

Ela olhou para baixo.

— Talvez seja melhor vestir-me.

— Sim. Vai acordar as outras, também; vamos estar muito ocupados. Deita a Duke um balde de água pela cabeça abaixo e diz-lhe para limpar a máquina falante e para a colocar no estúdio. Quero ouvir as notícias.

Dorcas estava atónita.

— Você quer estereovisão?

— Ouviste o que eu disse. Diz ao Duke que, se ela estiver avariada, é melhor ele escolher um destino e começar a andar. Agora despacha-te. Vamos ter uma noite atarefada.

— Está bem — concordou Dorcas duvidosamente — mas primeiro tenho de lhe tirar a temperatura.

— Paz mulher!

Duke instalou o receptor a tempo de permitir que Jubal visse uma retransmissão da segunda falsa entrevista com o «Homem de Marte». O comentário incluía um boato sobre a mudança de Smith para os Andes. Jubal analisou esta notícia, depois do que começou a telefonar a várias pessoas até de manhã. Ao amanhecer, Dorcas trouxe-lhe o café da manhã, seis ovos batidos com Brandy. Ele sorveu-os enquanto reflectia que uma das vantagens de uma vida longa era um homem conhecer quase toda a gente de importância — e poder apelar para eles em caso de necessidade.

Harshaw preparara uma bomba mas não queria despoletá-la antes de o poder instituído o forçar a isso. Compreendia que o Governo podia voltar a aprisionar Smith com base no facto de ele ser demente. Na sua opinião, Smith era legalmente demente e medicamente psicopata, de acordo com os padrões vulgares, e ainda vítima de uma psicose situacional duplamente bloqueada, de uma importância única e enorme, primeiro porque fora educado por não humanos, segundo por ter sido lançado numa sociedade estranha.

Mas ele considerava irrelevante, tanto a noção legal de sanidade como a noção médica de psicose. Este animal humano conseguira uma adaptação profunda, e aparentemente bem sucedida, a uma sociedade não humana — mas quando era uma maleável criança. Poderia, como adulto com hábitos já formados e pensamentos estabelecidos, fazer uma outra adaptação igualmente radical e muito mais difícil para um adulto? O Dr. Harshaw tencionava descobri-lo; era a primeira vez, em várias décadas, que se interessava realmente pela medicina.

Além disso sentia-se excitado com a ideia de contrariar o poder instituído. Possuía mais do que o seu quinhão daquela quantidade de anarquia que era direito adquirido pelo nascimento de qualquer americano; e o facto de se opor ao Governo planetário enchia-o de um entusiasmo como já não sentia há muitos, muitos anos.

XI

À volta de uma estrela de tipo G situada numa das bordas de uma galáxia de tamanho médio, os planetas giravam tal como o faziam desde há milhões de anos. Quatro deles eram suficientemente grandes para serem notados; o resto eram pequenas rochas, escondidos pelas auras incandescentes dos de grandeza primária ou perdidos na negra vastidão do espaço. Todos, como acontece sempre, estavam contaminados por essa coisa extravagante de distorcida entropia chamada vida; no terceiro e no quarto planeta, as temperaturas da superfície rondavam o ponto de congelação do monóxido de hidrogénio; em consequência disto tinham desenvolvido formas de vida suficientemente similares para permitir um certo grau de contacto social.

No quarto planeta os antigos Marcianos não era perturbados pelo contacto com a Terra. Ninfas saltitavam alegremente pela superfície, aprendendo a viver, e oito entre nove morriam no decurso dessa aprendizagem. Os marcianos adultos, completamente diferentes das ninfas, tanto no corpo como no espírito, viviam em

graciosas cidades e eram tão calmos quanto as ninfas eram inquietas — contudo eram mais activos e possuíam uma vida espiritual muito rica.

Os adultos não estavam dispensados do trabalho, no sentido que os humanos dão a esta palavra; tinham um planeta para vigiar; tinham de dizer às plantas onde e quando deviam crescer; as ninfas que tinham ultrapassado a aprendizagem e tinham sobrevivido tinham de ser reunidas, protegidas e fertilizadas; o ovo resultante tinha de ser protegido e contemplado para o encorajar a amadurecer da melhor maneira. As ninfas deviam ser persuadidas a desistir das brincadeiras infantis e a metamorfosearem-se em adultos. Tudo isto tinha de ser feito — mas estas tarefas eram para os marcianos o mesmo que, para um homem que governa uma cooperação de um vasto planeta, levar o cão a passear duas vezes por dia... muito embora esses passeios, para os olhos de um ser da Arcturus III, possam parecer a actividade mais importante do magnate... como um escravo do cão.

Marcianos e humanos eram ambos formas de vida conscientes, mas haviam seguido direcções completamente diferentes. Todo o comportamento humano, todas as motivações humanas, todos os receios e esperanças do homem, eram controlados pelos estranhamente belo e trágico padrão de reprodução da humanidade. O mesmo se passava em Marte, mas segundo um modelo corolário. Marte possuía o eficiente padrão bipolar tão comum nesta galáxia, mas os Marcianos possuíam-no numa forma tão diferente da forma terrena que apenas um biólogo a poderia considerar como «sexo», enquanto um psiquiatra afirmaria energicamente que isso não era «sexo». As ninfas marcianas eram femininas, e todos os adultos eram masculinos.

Mas em cada um deles essa diferenciação era apenas uma função, não uma psicologia. A polarização homem-mulher que controlava a vida humana não podia existir em Marte. Não havia possibilidade de «casamento». Os adultos eram enormes, lembrando, aos humanos que os observassem, barcos com as velas desfraldadas; eram fisicamente passivos e mentalmente activos. As

ninfas eram gordas, com o aspecto de esferas peludas, muito inquietas, e possuíam pouca energia mental. Não se podia estabelecer um paralelo entre as instituições marcianas e humanas. A bipolarização humana era, ao mesmo tempo, força de união e energia propulsora para todo o comportamento humano, desde a composição de sonetos até à solução de equações nucleares. Se alguém pensar que isto é exagero dos psicólogos humanos, esse alguém que vá visitar as repartições de registo de patentes, as bibliotecas e as galerias de arte para criações de eunucos.

Marte, com mecanismos diferentes dos da Terra, prestou pouca atenção às naves Envoy e Champion. Os acontecimentos eram demasiado recentes para serem significativos: se os Marcianos usassem jornais, uma edição em cada século terrestre seria suficiente. O contacto com outras raças não representava nada de especial para os Marcianos; já acontecera antes, voltaria a acontecer. Quando uma outra nova raça era minuciosamente grocada (o que demorava mais ou menos mil anos terrestres), então seria a altura de agir, caso fosse necessário.

Em Marte o acontecimento actual de maior importância era de uma espécie diferente. Os Velhos incorpóreos tinham decidido, quase distraída-mente, mandar este companheiro de ninho humano grocar aquilo que pudesse do terceiro planeta. Depois voltaram a sua atenção para assuntos importantes.

Pouco tempo antes, por volta da era do terreno César Augusto, um artista marciano estivera a compor uma obra de arte. Poder-se-lhe-ia ter chamado um poema, uma obra musical ou um tratado de filosofia; consistia numa série de emoções compostas numa necessidade lógica e trágica. Uma vez que só poderia ser compreendida por um humano no mesmo sentido em que se poderia explicar um pôr do Sol a um homem cego de nascença, não interessa em que categoria é que ela se poderia integrar. O importante era que o artista se desincorporara acidentalmente, antes de ter terminado a sua obra-prima.

A desincorporação imprevista era rara em Marte; o gosto dos marcianos em tais assuntos fazia com que a vida fosse um ciclo

perfeito, com morte física no instante escolhido e apropriado. Contudo, este artista estava tão preocupado que se esqueceu de prestar atenção a isso; quando a sua ausência foi notada, o seu corpo mal servia para comer. Ele não notara a sua desincorporação e continuara a compor a sua sequência.

A arte marciana estava dividida em duas categorias: a que era criada pelos adultos vivos — era vigorosa, frequentemente radical e primitiva; e a dos Velhos — habitualmente conservadora, extremamente complexa, da qual se esperava que mostrasse padrões mais elevados de técnica; as duas categorias eram julgadas separadamente.

Sob que padrões é que esta obra devia ser julgada? Estabelecia uma ligação entre o corpóreo e o incorpóreo; a sua forma final tinha sido totalmente composta por um Velho — contudo o artista, com a indiferença comum a todos os artistas em toda a parte, não notara a modificação do seu estado e continuara a trabalhar como se estivesse no estado corpóreo. Seria uma nova espécie de arte? Poderiam ser produzidas mais destas obras pela desincorporação imprevista dos artistas, enquanto estavam a trabalhar? Os Velhos vinham discutindo as excitantes possibilidades numa relação medita-tiva de séculos e todos os marcianos no estado corpóreo esperavam ardentemente o seu veredicto.

A questão era ainda de maior interesse porque se tratava de arte religiosa (no sentido terreno) e fortemente emocional: descrevia o contacto entre a raça marciana e o povo do quinto planeta, um acontecimento que ocorrera há muito tempo, mas que permanecia vivo e era importante para os marcianos, tal como uma morte por crucificação permanecia viva e era importante para os humanos, passados dois milénios. Os marcianos haviam encontrado o povo do quinto planeta, grocaram-no completamente, e tinham agido; ruínas de asteróides era tudo o que restava, embora os marcianos continuassem a apreciar e a elogiar o povo que tinham destruído. Esta nova obra de arte era uma das muitas tentativas para grocar numa só obra, em toda a sua complexidade todo o conjunto de uma

bela experiência. Mas antes de ela poder ser julgada era necessário grocar como a deviam julgar.

Era um grande problema.

No terceiro planeta, Valentine Michael Smith não estava nada preocupado com este importante problema; nunca ouvira falar dele. Os marcianos que o tinham protegido e os seus irmãos de água não o haviam maçado com coisas que ele não podia compreender. Smith tinha conhecimento da destruição do quinto planeta tal como qualquer estudante tem conhecimento de Tróia ou de Plymouth Rock, mas não fora exposto a um tipo de arte que não podia grocar. A sua educação tinha sido complexa, muito mais desenvolvida que a de qualquer dos seus companheiros de ninho e muito menor que a de um adulto; o seu protector e os conselheiros do seu protector entre os Velhos tinham mostrado um interesse passageiro em ver a quantidade e a espécie de conhecimentos que este estranho companheiro de ninho seria capaz de aprender. Os resultados tinham-lhes ensinado mais, acerca da raça humana, do que essa raça já aprendera sobre si própria, pois Smith grocara prontamente coisas que nenhum outro ser humano tinha alguma vez aprendido.

No presente momento, Smith divertia-se. Encontrara um outro irmão de água em Jubal, fizera muitos novos amigos e estava a apreciar novas e deliciosas experiências, numa tal quantidade que não tinha tempo para as grocar; podia apenas arquivá-las, para serem revistas mais tarde, nos períodos de lazer.

O seu irmão Jubal dissera-lhe que ele grocaria mais depressa este estranho e belo lugar se aprendesse a ler; assim, Smith reservou um dia para o fazer, enquanto Jill lhe apontava as palavras e as pronunciava. Isto significou ter de prescindir da piscina nesse dia, o que era para ele um grande sacrifício, pois nadar (uma vez que era permitido ter a água por cima da cabeça) era não só uma coisa maravilhosa mas também quase um êxtase religioso. Se Jill e Jubal não lhe tivessem dito para o fazer, não teria saído da piscina.

Uma vez que não era permitido nadar de noite. Smith aproveitava essa altura para ler. Estava a passar uma vista de olhos

pela Enciclopédia Britânica e experimentava alguns livros das bibliotecas de Direito e de Medicina de Jubal, como sobremesa. O seu irmão Jubal viu-o folhear um dos livros, deteve-se e fez-lhe perguntas sobre aquilo que ele tinha lido. Smith respondeu cuidadosamente, pois recordou-se dos testes feitos pelos Velhos. O seu irmão não pareceu satisfeito com as respostas e Smith achou necessário entrar em meditação: tinha a certeza de que respondera com as palavras do livro, embora não as tivesse grocado completamente.

Mas preferia a piscina aos livros, especialmente quando Jill, Miriam e Larry e todos os outros estavam a tomar banho. Não aprendeu imediatamente a nadar, mas descobriu que era capaz de fazer uma coisa que os outros não podiam. Descia até ao fundo e aí ficava imerso em felicidade — mas, passado pouco tempo, os outros arrastavam-no para fora com tanta excitação que ele era quase obrigado a entrar em transe, se não tivesse a certeza de que eles estavam apenas preocupados com o seu bem-estar.

Mais tarde fez uma demonstração disto a Jubal, permanecendo no fundo da piscina um tempo delicioso, e tentou ensinar Jill a fazer o mesmo — mas ela ficou perturbada e ele desistiu. Era a primeira vez que se apercebia de que existiam coisas que ele era capaz de fazer e que estes seus novos amigos não eram. Smith pensou nisto durante muito tempo, tentando grocar este facto na sua totalidade.

Smith estava feliz; Harshaw não. Continuava na sua habitual indolência, apenas quebrada por observações casuais do seu «animal de laboratório». Não estabelecera nenhum plano de trabalho para Smith nem programa de estudo, nem exames físicos regulares, mas permitira-lhe que andasse livremente pelo rancho. As indicações que Smith recebia vinham de Jill e eram mais que suficientes, na opinião mal-humorada de Jubal; mostrava-se um tanto céptico em relação ao facto de homens serem educados por mulheres.

Contudo, Gillian fez pouco mais que iniciar Smith no comportamento perante a sociedade. Ele comia agora à mesa, vestia-se sozinho (Jubal assim pensava; tinha de perguntar a Jill se

ela ainda o ajudava); Smith conformava-se com os costumes informais da casa e cooperava nas suas novas experiências na mesma base em que um macaco observa o que os outros macacos fazem. Na primeira vez em que Smith comeu à mesa, usou apenas uma colher e Jill cortou-lhe a carne. Mas no fim da refeição ele já tentava comer como os outros. Na refeição seguinte, os seus modos eram uma minuciosa imitação dos de Jill, incluindo os maneirismos supérfluos.

Nem mesmo a descoberta de que Smith aprendera a ler com a velocidade de uma máquina, e de que parecia apreender quase a totalidade daquilo que lia, tentou Jubal Harshaw a fazer um «projecto» de Smith, com controles, medições e curvas de progressos. Harshaw possuía a arrogante humildade de um homem que aprendeu tanto que por isso tem consciência da sua própria ignorância; não via qual a utilidade de fazer «medições» quando ele próprio não sabia o que estava a medir.

Mas, embora Harshaw gostasse de observar este espécime único, essa satisfação não lhe trazia felicidade.

Tal como o secretário-geral Douglas, Harshaw estava à espera de que a bomba rebentasse.

Tendo-se visto obrigado a agir, devido a estar na iminência de que agissem contra ele, o facto de não acontecer nada aborrecia Harshaw. Bolas! Os polícias da Federação seriam tão estúpidos que não conseguiam encontrar a pista de uma rapariga ingénua arrastando um homem inconsciente através do campo? Ou tê-la-iam seguido... e estavam agora a fazer um cerco à sua casa? Este pensamento enfurecia-o; o pensamento de que o Governo podia estar a espiar a sua casa, o seu castelo, repugnava-lhe tanto como se lhe abrissem o correio.

Também podiam estar a fazer isso! O Governo! Três quartos de parasitas e o resto uma cambada de estúpidos — oh, é claro que Harshaw admitia que o homem, sendo um animal social, não podia viver sem governo, tal como um indivíduo não pode deixar de se submeter aos seus intestinos. Mas o facto de uma coisa ser

imprescindível não era razão para se qualificar isso de «bom». Ele queria que o Governo fosse passear!

Era possível, até mesmo provável, que a Administração soubesse onde estava o Homem de Marte, e preferisse que as coisas ficassem assim.

Se assim fosse, quanto tempo é que isso duraria? E quanto tempo é que ele poderia manter a sua «bomba» armada e pronta a detonar?

E onde é que diabo se tinha metido esse jovem idiota do Ben Caxton?

Jill Boardman forçou-o a sair do seu retiro espiritual.

— Jubal?

— Hã? Ah, é você, olhos brilhantes. Desculpe, estava preocupado. Sente-se. Quer uma bebida?

— Não, obrigada, Jubal, estou preocupada.

— É normal. Foi um bonito salto de anjo. Porque é que não vai mergulhar outra vez?

Jill mordeu o lábio e parecia ter mais vinte anos em cima.

— Jubal! Ouça, por favor! Estou terrivelmente preocupada. Ele suspirou.

— Sendo assim, limpe-se. A brisa está fresca.

— Estou com calor, Oh, Jubal, não se importaria que eu deixasse o Mike aqui?

Harshaw pestanejou.

— Claro que não. As raparigas olharão por ele, isso não é problema.

Vai-se embora?

Jill desviou o olhar.

— Vou.

— Hum... Você é bem-vinda aqui. Mas também tem toda a liberdade para se ir embora, se assim o desejar.

— Hum? Mas, Jubal... eu não quero!

— Então não vá.

— Mas tenho de ir!

— Não estou a perceber nada.

— Não compreende, Jubal? Gosto de estar aqui... você tem sido maravilhoso para nós! Mas não posso ficar. Não com Ben desaparecido. Tenho de o ir procurar.

Harshaw disse uma palavra grosseira e depois acrescentou:

— Como é que tenciona procurá-lo? Ela franziu o sobrolho.

— Não sei. Mas não posso andar por aqui, espreguiçando-me e nadando... sem saber onde está Ben.

— Gilliam, o Ben já é crescidinho. Você não é mãe dele... nem esposa. Não tem obrigação nenhuma de o procurar. Ou será que tem?

Jill enfiou um dedo do pé na relva.

— Não — admitiu. — Não tenho nenhum direito sobre Ben. Sei simplesmente... que se eu desaparecesse... Ben procurar-me-ia até me encontrar. Portanto tenho de o ir procurar!

Jubal praguejou contra todos os deuses que estavam envolvidos nas loucuras humanas e depois disse:

— De acordo, vamos introduzir um pouco de lógica nisso. Tenciona contratar detectives?

Ela pareceu infeliz.

— Suponho que é o melhor que tenho a fazer. Hum, nunca contratei um detective. São careiros?

— Bastante.

Jill engolliu em seco.

— Deixar-me-iam pagar, hum, em prestações mensais?

— Pronto pagamento é a política deles. Não esteja com essa cara de enterro, criança: eu poupei o suficiente para poder dispor dessa quantia. Já contratei o melhor detective nesses assuntos para

tentar encontrar Ben... não há necessidade de empenhar o seu futuro para contratar o segundo melhor.

— Não me disse nada!

— Não vi necessidade.

— Mas... Jubal, que é que ele descobriu?

— Nada — admitiu ele. — Portanto não havia necessidade de a enervar, contando-lhe. — Jubal franziu o sobrolho. Pensava que você estava desnecessariamente preocupada com Ben... pensei o mesmo que o seu assistente, aquele sujeito, o Kilgallen: que Ben tinha ido atrás de alguma história e que aparecia quando a completasse. — Suspirou. — Agora não penso o mesmo. Aquele idiota do Kilgallen... tem realmente uma mensagem arquivada dizendo que Ben iria para fora da cidade; o meu homem viu-a, fotografou-a e verificou. A mensagem foi enviada.

— Porque é que Ben não mandou uma para mim? Isso não é dele... Ben é muito atencioso. — Jill parecia transtornada.

Jubal reprimiu um gemido.

— Use a cabeça, Gillian. Por um pacote dizer «Cigarros», não quer dizer que na verdade os contenha. Vocês chegaram aqui na sexta-feira; os algarismos de código desse telex mostram que a mensagem foi enviada de Filadélfia, da estação Paoli Flat, às dez e meia da manhã anterior: às dez e trinta e quatro de quinta-feira. Foi imediatamente transmitida e recebida; o escritório de Ben tem receptor próprio. Muito bem, é capaz de me dizer porque é que Ben mandou um telex para o seu próprio escritório, durante as horas de serviço, em vez de telefonar?

— Acho que ele não o faria. Pelo menos eu não o faria. Usar o telefone é o normal...

— Você não é Ben. Posso pensar numa dúzia de razões para um homem com o trabalho de Ben o fazer. Para evitar mensagens truncadas. Para introduzir um registo nos arquivos da I. T. & T. para fins legais. Para enviar uma mensagem de entrega retardada...

Pode haver montes de razões. Kilgallen não viu nisso nada estranho... e o facto de Ben ter feito a despesa para instalar um telex no seu escritório mostra que Ben o usa.

»Contudo — prosseguiu Jubal —, essa mensagem colocava Ben em Paoli Flat às dez e trinta e quatro de quinta-feira. No entanto Jill, ela não foi enviada dali.

— Mas...

— Um momento. As mensagens tanto podem ser entregues em mão como telefonadas. Se são ditadas ao balcão, o cliente tem transmissão fac-similada da escrita e da assinatura... mas se são transmitidas por telefone, têm de ser dactilografadas antes de poderem ser fotografadas.

— Sim, claro.

— Isto não lhe sugere nada?

— Hum... Jubal, estou tão preocupada que nem consigo pensar.

— Pare de arfar; também a mim não me sugeriu nada. Mas o profissional que está a trabalhar para mim possui um carácter muito sutil; foi até Paoli com uma mensagem falsificada a partir da fotografia tirada debaixo do nariz de Kilgallen... e com credenciais que o faziam parecer «Osbert Kilgallen», a quem a mensagem era dirigida. Em seguida, com os seus modos paternais e o seu rosto sincero convenceu uma jovem a dizer-lhe coisas que ela só deveria ter divulgado sob uma ordem do tribunal... é triste dizê-lo. Vulgarmente, ela não se lembraria de uma mensagem entre centenas: vão dos seus ouvidos directamente para as pontas dos seus dedos, e desaparecem, salvo o caso das micromensagens. Mas esta senhora era uma das fãs de Ben; lê as suas colunas todas as noites... um vício odioso. — Jubal pestanejou. — Quem é que está de serviço? — Anne apareceu a pingar.

— Lembra-me — disse-lhe Jubal — para escrever um artigo sobre a leitura compulsiva de notícias. O tema será as muitas neuroses que podem ser motivadas pelo hábito pouco saudável de

mergulhar nos problemas de cinco biliões de estranhos. O título é «Bisbilhotice Ilimitada»... não põe antes «Bisbilhotice Selvagem».

— Patrão, está a ficar mórbido.

— Eu não. Toda a gente. Vê se eu o escrevo na próxima semana. Agora desaparece; estou ocupado. — Voltou-se para Jill. — Ela notou o nome de Ben... enervada por estar a falar com um dos seus heróis... mas ficou aborrecida porque Ben não pagou para ter visão nem voz. Oh, mas ela lembra-se... e lembra-se também que o serviço foi pago a pronto de uma cabina pública... em Washington.

— Em Washington? — repetiu Jill. — Porque é que Ben telefonaria de...

— Claro! — concordou Jubal impertinentemente. — Se ele estivesse numa cabina, em Washington, podia ter voz e visão com o seu assistente, mais barato, mais fácil, e mais rapidamente do que teria se telefonasse uma mensagem para *voltar* a ser enviada para Washington de um local a centenas de quilómetros de distância. Não faz sentido. Ou poderá fazer, mas apenas de uma maneira: trapaça. Ben está tão acostumado à trapaça como uma noiva está a beijos.

Não conseguiu ser o melhor dentro da sua profissão mostrando o seu jogo.

Pode ter pensado que o seu telefone estava sob escuta, e que o seu *telex* não estava. Ou então suspeitado que ambos estavam sob escuta... e usou esta retransmissão para convencer quem quer que fosse que estivesse a escutá-lo de que estava fora e de que não voltaria em breve. — Jubal franziu o sobrolho. — Nesse caso não lhe faríamos favor nenhum se o encontrássemos. Podemos pôr em perigo a sua vida.

— Jubal! Não!

— Jubal, sim — respondeu penosamente. — Este rapaz anda à beira do precipício; foi assim que construiu a sua reputação. Jill, Ben nunca enfrentou uma situação tão perigosa. Se ele desapareceu voluntariamente... quer chamar a atenção para o facto? Kilgallen tem-no coberto, as colunas de Ben aparecem todos os dias. Ocupei-me eu próprio de o verificar.

— Colunas escritas antecipadamente, claro!

— Claro. Ou talvez seja Kilgallen quem as escreve. Em qualquer dos casos, Ben Caxton oficialmente ainda está no seu lugar. Talvez ele o tenha planejado, minha querida... porque corria um perigo tal que não se atreveu sequer a comunicar consigo. Então?

Gillian cobriu a face com as mãos.

— Jubal... não sei *o que* fazer!

— Não se preocupe — disse bruscamente. — O pior que lhe pode acontecer é a morte... e foi para isso que todos nós nascemos... dentro de dias, semanas, ou anos. Converse com Mike. Ele receia mais uma repreensão do que a «desincorporação». Se eu dissesse a Mike que o íamos assar para o jantar, ele agradecer-me-ia essa honra com a voz cheia de gratidão.

— Eu sei — concordou Jill em voz baixa —, mas eu não tenho a atitude filosófica dele.

— Nem eu — respondeu Jubal alegremente —, mas estou a começar a compreendê-la... e é consolador para um homem da minha idade. Uma capacidade para apreciar o inevitável... ora, durante toda a minha vida eu cultivei isso... mas esta criança, quase sem idade para votar e demasiado ingénuo para se afastar dos carros, convenceu-me que acabei de entrar no jardim infantil. Jill, você perguntou se Mike era bem-vindo. Criança, eu quero guardar esse rapaz até descobrir o que é que ele sabe que eu não sei! Essa coisa da «desincorporação... não é um freudiano «desejo-da-morte»... nem nada como «Até o rio mais lento»... é mais parecido com «Feliz vivi e feliz morri e aqui jazo de boa vontade!» de Stevenson. Suspeito que Stevenson estava a assobiar no escuro ou a apreciar a euforia da consumpção, mas estou quase convencido de que Mike sabe aquilo que diz.

— Não sei — respondeu Jill tristemente. — Estou apenas preocupada com Ben.

— Eu também — concordou Jubal. — Jill, não acho que Ben esteja escondido.

— Mas você disse...

— Desculpe. As minhas investigações não se limitaram ao escritório de Ben e a Paoli Flat. Na quinta-feira de manhã, Ben deslocou-se ao Centro Bethesda com um advogado e uma testemunha: James Cavendish, para o caso de você estar a par dessas coisas.

— Receio não estar.

— Não interessa. O facto de Ben ter procurado Cavendish mostra quanto ele estava preocupado; não se caçam coelhos com armas para elefantes. Foram levados à presença do «Homem de Marte»...

Gillian sobressaltou-se, depois disse:

— Isso é impossível!

— Jill, você está a contrariar a opinião de uma testemunha, e não é uma testemunha qualquer. Se Cavendish o diz, é sagrado.

— Quero lá saber se ele é um dos Doze Apóstolos! Ele não esteve no meu andar quinta-feira de manhã!

— Você não ouviu o que eu disse. Eu não disse que eles tinham sido levados a ver Mike: disse que eles foram levados a ver o «Homem de Marte», o falso, é óbvio... aquele que apareceu na estéreo visão.

— Ah. Claro. E Ben apanhou-os! Jubal mostrou-se triste.

— Menina, Ben não os apanhou, nem sequer Cavendish... pelo menos não o disse. Você sabe qual é o comportamento de uma testemunha.

— Bem... não, não sei. Nunca conheci nenhuma.

— Verdade? *Anne!*

Anne estava na prancha de saltos; voltou a cabeça. Jubal gritou-lhe:

— Aquela casa no cimo do monte: consegues ver de que cor é que a pintaram?

Anne olhou para ela e depois respondeu:

— É branca deste lado.

Jubal continuou a falar com Jill:

— Está a ver? Não passou pela cabeça da Anne deduzir que o outro lado também era branco. Nem Deus era capaz de a persuadir a comprometer-se... a não ser que ela fosse até lá e se certificasse... e mesmo assim não seria capaz de jurar que tinha continuado da mesma cor depois de ela se ter vindo embora.

— A *Anne* é uma testemunha?

— Graduada, com licença ilimitada, admitida a prestar provas perante o Supremo Tribunal. Um dia destes pergunte-lhe porque é que ela deixou de praticar a profissão. Mas não faça mais nada nesse dia: a rapariga recitará toda a verdade e nada mais do que a verdade, o que leva tempo. Mas voltemos ao Sr. Cavendish: Ben contratou-o para testemunhar, divulgar, sem lhe impor segredo. Portanto, quando Cavendish foi interrogado, respondeu com todos os pormenores. A parte interessante é o que ele *não* disse. Ele nunca diz que o homem que viu *não* era o Homem de Marte... mas nem uma só palavra indica que Cavendish aceitou que o sujeito exibido era o Homem de Marte. Se você conhecesse Cavendish, isto seria conclusivo. Se Cavendish tivesse visto Mike, tê-lo-ia relatado com tal exactidão que tanto você como eu saberíamos que ele tinha visto o Mike. Por exemplo, Cavendish descreve as orelhas do sujeito... e não coincidem com a forma das orelhas de Mike. *Q. E. D.* (*N. da T.*: Abreviatura de *quod erat demonstrandum*: como queríamos demonstrar); eles exibiram uma falsificação. Cavendish sabe-o, embora esteja profissionalmente proibido de dar opiniões.

— Eu bem lhe disse. Eles nunca foram ao meu andar.

— Mas isto diz-nos mais. Isto passou-se várias horas antes de você ter assaltado a prisão; Cavendish situou a sua chegada à presença do sócia às nove horas e catorze minutos da manhã de quinta-feira. Portanto, nesse momento o Governo ainda tinha Mike sob a sua alçada; poderiam ter exibido Mike. Apesar disso preferiram arriscar mostrar um sócia à testemunha mais conceituada do país. Porquê?

Jill respondeu:

— Está a perguntar-me? Não sei. Ben disse-me que tencionava perguntar a Mike se ele queria deixar o hospital... e ajudá-lo se ele dissesse «Sim».

— O que, de facto, Ben tentou com o sócia.

— Ah, sim? Mas, Jubal, eles não podiam ter sabido que Ben tencionava... e, de qualquer modo, Mike não se teria vindo embora com Ben.

— Mais tarde ele saiu consigo.

— É verdade... mas eu era o seu «irmão de água», tal como você o é agora. Ele tem essa louca mania de que pode confiar em qualquer pessoa que partilhe com ele um copo de água. Com um «irmão de água» ele é dócil... com qualquer outra pessoa, é teimoso como uma mula. Ben não o poderia ter arrastado. — Jill acrescentou: — Pelo menos era isto que ele pensava a semana passada... está a modificar-se extremamente depressa.

— Pois está. Talvez demasiado depressa. Nunca vi tecido muscular desenvolver-se tão rapidamente. Deixemos isso, voltemos a Ben. Cavendish relatou que Ben o tinha deixado, mais ao advogado, um sujeito chamado Frisby, às nove e trinta e um, e que tinha ficado com o táxi. Uma hora mais tarde ele... ou alguém que se fazia passar por ele... telefonou essa mensagem para Paoli Flat.

— Acha que não era Ben?

— Acho. Cavendish disse qual o número do táxi e os meus rapazes tentaram dar uma olhadela na sua fita diária de viagens. Se Ben tivesse usado o seu cartão de crédito, o número dele estaria gravado na fita; mas, mesmo que ele introduzisse moedas no taxímetro, a fita deveria mostrar onde o táxi tinha estado.

— Então?

Harshaw franziu o sobrolho.

— Os registos mostram que o táxi esteve a ser reparado e que não foi utilizado na quinta-feira de manhã. Portanto, ou a testemunha leu mal o número do táxi ou alguém falsificou o registo.

— Jubal acrescentou: — Talvez um júri decidisse que mesmo uma testemunha pode enganar-se num número, especialmente se não lhe tivessem pedido para se lembrar dele... mas eu não acredito nisso: não quando a testemunha é James Oliver Cavendish. Ele ou teria a certeza... ou nunca o teria mencionado no seu relatório. — Harshaw encolheu os ombros. — Jill, você está a obrigar-me a pensar de mais e eu não gosto disso! É certo que Ben podia ter enviado aquela mensagem, mas é muito pouco provável que ele pudesse falsificar o registo do carro... e é ainda menos provável que ele tivesse razões para o fazer. Ben foi a qualquer lado... — e alguém que pode ter acesso aos registos de um transporte público meteu-se numa data de trabalhos para esconder onde ele tinha ido... e enviou uma mensagem falsa, para evitar que alguém pensasse que ele tinha desaparecido.

— Desaparecido! Raptado, quer você dizer!

— Devagar, Jill. «Raptado» é uma palavra muito dura.

— É a única palavra! Jubal, como é que você pode estar aqui sentado quando deveria era estar a gritar tudo isso que me disse do...

— Cale-se, Jill! Em vez de ter sido raptado, Ben pode estar morto. Gillian ficou pensativa.

— Sim — concordou penosamente.

— Mas vamos supor que ele está vivo, pelo menos até vermos os seus ossos. Jill, qual é o maior perigo do rapto?... Uma perseguição aberta: um raptor assustado mata quase sempre a sua vítima.

Gillian estava horrorizada. Harshaw prosseguiu gentilmente:

— Sou forçado a dizer que é provável que Ben esteja morto. Ele foi longe de mais. Mas concordámos em supor que ele estava vivo. Agora você tenciona ir à procura dele. Jill, como é que você vai fazer isso? Como, sem aumentar o risco de Ben ser morto pelos indivíduos desconhecidos que o raptaram?

— Hã? — Mas nós sabemos quem eles são!

— Sabemos?

— Claro! As mesmas pessoas que prenderam Mike: o Governo! Harshaw abanou a cabeça.

— Isso é uma suposição. Ben fez muitos inimigos com a sua coluna e nem todos eles estão no Governo. Contudo... — Harshaw franziu o sobrolho. — A sua suposição é a única coisa que temos. Mas isso é muito vasto. «O Governo» são milhares de pessoas. Temos é de perguntar a nós próprios: quem é que foi prejudicado? Que indivíduos?

— Ora, Jubal, eu disse-lhe, tal como Ben me disse: o próprio secretário-geral.

— Não — negou Harshaw. — Seja quem for que tenha feito seja o que for, se isso foi violento e ilegal, nunca pode ter sido o secretário-geral, mesmo se ele beneficiar com isso. Ninguém pode provar que ele sabia. É provável que ele *não* soubesse... não acerca de procedimentos sujos. Jill, temos de descobrir que lugar-tenente do pessoal do secretário-geral comandou esta operação. Penso que isto não é tão desconsolador como pode parecer. Quando Ben foi levado a ver o sócia, um dos assistentes de Douglas estava com ele. Tentou convencer Ben a desistir, e em seguida foi com ele. Parece que, agora, esse mesmo indivíduo, também desapareceu desde quinta-feira. Acho que isto não é coincidência, pois parece que era ele quem estava encarregado do sócia do Homem de Marte. Se o encontrarmos poderemos também encontrar Ben. O seu nome é Gilbert Berquist e tenho razões...

— Berquist?

— É esse o nome. Tenho razões para... Jill, que é que tem? Não desmaie ou eu empurro-a para dentro da piscina!

— Jubal. Esse «Berquist»: existe mais de um Berquist?

— Hã? Parece que ele era um tanto corrupto; é capaz de haver só um. Quero dizer, no pessoal do Executivo. Conhece-o?

— Não sei. Mas se é o mesmo... Acho que não vale a pena procurá-lo.

— Hum... fale, rapariga.

— Jugal... estou terrivelmente arrependida... mas não lhe contei tudo.

— As pessoas raramente o fazem. Está bem, deite tudo cá para fora. Tremendo e gaguejando, Gillian contou-lhe tudo sobre o homem que tinha desaparecido.

— E é tudo — concluiu tristemente. — Eu gritei e assustei o Mike... e ele entrou naquele estado de transe... e em seguida tive um trabalho *horrível* para chegar aqui. Contei-lhe tudo sobre isso.

— Hum... é verdade. Gostava que também me tivesse contado isso. Ela corou.

— Pensei que ninguém me ia acreditar. E estava assustada. Jubal, eles podem fazer-nos alguma coisa?

— Hã? — Jubal pareceu surpreendido.

— Mandar-nos para a prisão, ou alguma coisa desse género?

— Oh. Minha querida, não é crime assistir a um milagre. Nem por fazer um. Mas este tem mais mistérios do que pêlos tem um gato. Deixe-me pensar.

Jubal permaneceu imóvel durante cerca de dez minutos. Em seguida abriu os olhos e disse:

— Não estou a ver a sua criança problema. Provavelmente está no fundo da piscina...

— Está.

— ... então mergulhe e vá buscá-lo. Traga-o ao meu estúdio. Quero ver se ele é capaz de repetir isso... e não queremos audiência. Não, precisamos de uma pessoa. Diga à Anne para pôr a sua túnica de testemunha: quero-a na sua capacidade oficial. Quero também o Duke.

— Sim, patrão.

— Você não tem o privilégio de me chamar «patrão»; não contribui em nada para baixar os meus impostos.

— Sim, Jubal.

— Hum... Quem me dera ter alguém que não fizesse falta. O Mike será capaz de fazer essa habilidade com objectos inanimados?

— Não sei.

— Descobriremos. Vá buscá-lo e acorde-o. Jubal pestanejou.
— Que meio fantástico para uma pessoa se libertar de... Não, não me posso deixar tentar! Encontramo-nos lá em cima, rapariga.

XII

Alguns minutos mais tarde, Jill foi até ao estúdio de Jubal; Anne já lá estava com a túnica branca própria do seu grémio; olhou para Jill, mas não disse nada. Jill sentou-se numa cadeira e manteve-se calada, pois Jubal estava a ditar a Dorcas; ele não olhou para ela e prosseguiu:

— ... debaixo do corpo esmagado no chão, encharcando um canto do tapete e formando um lago vermelho escuro junto à lareira, onde estava a atrair a atenção de duas moscas desocupadas. Miss Simpson pôs as mãos na boca. «Meu-Deus!», disse, desolada, «o tapete favorito do papai!... e o papai também, segundo creio.» Fim do capítulo, Dorcas, e da primeira prestação. Manda-a pelo correio. Rápido.

Dorcas saiu levando a sua máquina de estenografar e sorriu para Jill. Jubal perguntou:

— Onde é que está o Mike?

— A vestir-se — respondeu Gillian. — Não demora.

— A vestir-se? — repetiu Jubal de mau humor. — Eu não disse que a festa era formal.

— Mas ele tem de se vestir.

— Por quê? Não faz diferença nenhuma que vocês usem pele ou sobretudos. Vá buscá-lo.

— Por favor, Jubal. Ele tem de aprender.

— Unf! Você está a impor-lhe as suas ideias curtas de classe média, moral de trazer por casa.

— Não estou nada! Estou simplesmente a ensinar-lhe costumes necessários.

— Costumes, moral... qual é a diferença? Mulher, aqui, pela graça de Deus e devido a uma moral interna, temos uma personalidade que não é tocada pelos tabus psicopáticos da nossa tribo... e *você* quer fazer dele uma cópia de todos os conformistas de quarta categoria que existem nesta terra assustada! Porque não ir até ao fim? Arranje-lhe uma pastinha.

— Não estou a fazer nada disso! Estou simplesmente a tentar livrá-lo de sarilhos. É para o seu próprio bem.

Jubal resfolegava.

— É essa a desculpa que eles dão ao gato antes de o caparem.

— Oh! — Jill parecia contar até dez. Depois disse friamente: — Esta casa é sua, Dr. Harshaw, e estamos em dívida para consigo. Vou buscar Mike imediatamente. — Levantou-se.

— Calma, Jill.

— Senhor?

— Sente-se... e deixe de tentar ser tão antipática como eu; você não tem os meus anos de experiência. Agora vamos esclarecer uma coisa: você não está em dívida para comigo. Isso é impossível... porque eu *nunca* faço nada que não queira. Nem ninguém faz; mas, no meu caso, eu sei-o. Portanto, por favor, não invente uma dívida que não existe, ou senão, em seguida começará a tentar sentir gratidão... e isso é o primeiro passo em direcção à completa degradação moral. Está a grocar?

Jill mordeu o lábio e depois riu-se.

— Não sei muito bem o que quer dizer «grocar».

— Eu também não. Faço tenção de continuar a ter lições com Mike até saber. Mas eu estava a falar a sério. «Gratidão» é um eufemismo para ressentimento. Não me importo nada com o

ressentimento de muita gente; mas, vindo de senhoras bonitas, é detestável.

— Ora, Jubal, eu não sinto ressentimento em relação a si... — isso é descabido.

— Espero bem que não sinta... mas se não fizer desaparecer da sua cabeça essa ilusão de que está em dívida para comigo, em breve começará a senti-lo. Os Japoneses têm cinco palavras para dizer «Obrigado»... e todas elas traduzem o ressentimento em vários graus. Era bom que o inglês tivesse a mesma honestidade! Em vez disso, o inglês define sentimentos que o sistema nervoso humano é incapaz de experimentar. «Gratidão» é um exemplo.

— Jubal, você é um velho cínico. Estou-lhe grata e vou continuar a sentir gratidão.

— E você é uma jovem sentimental. Isso torna-nos complementares um do outro. Vamos para Atlantic City passar um fim-de-semana de ilícita devassidão, só nós dois.

— Ora essa, Jubal!

— Está a ver até onde chega a sua gratidão?

— Oh. Estou pronta. Quando é que partimos?

— Humpf! Deveríamos ter partido há quarenta anos atrás. A segunda coisa é que você tem razão; Mike tem de aprender os costumes humanos. Tem de tirar os sapatos numa mesquita árabe, usar chapéu numa sinagoga, e cobrir a sua nudez quando os tabus o requerem, ou se não o fizer, os nossos xamãs queimá-lo-ão por desviacionismo. Mas, minha filha, pelos infinitos aspectos de Ahriman, não lhe faça uma lavagem ao cérebro. Assegure-se de que ele procede com cinismo, ao aceitar esses costumes.

— Hum, não tenho a certeza de ser capaz. Mike parece não ter nem uma ponta de cinismo na sua pessoa.

— Sim? Bem, eu empresto-lhe um pouco do meu. Ele não devia estar já vestido?

— Vou ver.

— Já vai. Jill, eu expliquei porque é que não estou ansioso por acusar quem quer que seja do rapto de Ben. Se Ben está ilegalmente detido (para não dizer coisa pior), não devemos obrigar ninguém a livrar-se da prova, livrando-se do Ben. Se está vivo, tem uma oportunidade de continuar vivo. Mas eu tomei outras medidas na primeira noite em que vocês chegaram. Conhece a Bíblia?

— Hum, não muito bem.

— Ela merece estudo, contém conselhos práticos para muitas emergências. «...Todo aquele que pratica o mal, odeia a luz», de João qualquer coisa, Jesus para Nicodemus. Eu esperava uma tentativa para afastar Mike de nós, pois não parecia provável que você tivesse encoberto a sua pista. Esta casa fica num sítio isolado e não possuímos artilharia pesada. Mas existe uma arma que os pode deter. A luz. O clarão do holofote da publicidade. Portanto encetei esforços para que quaisquer desordens que aqui se passem tenham publicidade. Não se trata de uma coisa pequena, que pode ser abafada, mas sim de uma coisa em grande, transmitida imediatamente para todo o mundo. Os detalhes não interessam: onde estão montadas as câmaras e onde estão instalados os sistemas de ligação; mas, se acontecer aqui alguma batalha, ela será vista por três cadeias de televisão e serão captadas mensagens para serem retransmitidas para uma série de pessoas muito importantes... qualquer delas ansiosa por apanhar o nosso Honorável Secretário-Geral com a boca na botija. — Harshaw franziu o sobrolho. — Mas não posso manter isso indefinidamente. Quando instalei todo o equipamento, a minha única preocupação era fazê-lo depressa: estava à espera que os sarilhos começassem imediatamente. Agora, penso que temos de forçar a ação, pois não posso manter indefinidamente um holofote apontado para nós.

— Que espécie de ação, Jubal?

— Isso tem-me atormentado estes últimos três dias. Você deu-me uma ideia com essa história do que aconteceu no apartamento de Ben.

— Lamento não lhe ter contado mais cedo, Jubal. Pensei que ninguém me ia acreditar... e o facto de você acreditar faz-me sentir bem.

— Eu não disse que acreditava em si.

— Como? Mas você...

— Acho que você disse a verdade, Jill. Mas um sonho também é verdade, assim como uma ilusão hipnótica. Mas o que vai acontecer nesta sala durante a próxima hora será visto por uma testemunha e por câmaras que estão... — Jubal premiu um botão — ... agora a filmar. Acho que Anne não pode ser hipnotizada quando está em serviço e aposto que as câmaras não o podem ser. Vamos descobrir com que espécie de verdade é que estamos a lidar... depois do que poderemos pensar em como forçar o poder instituído a agir... e talvez pensar numa maneira para ajudar Ben, também. Vá buscar o Mike.

A demora de Mike não era nenhum mistério. Atara o cordão do sapato do pé direito ao cordão do sapato do pé esquerdo — tinha-se levantado, tropeçado, estatelado no chão e tentado desapertar os nós quase irremediavelmente atados. Passou o resto do tempo a analisar a sua difícil situação e a desatar lentamente os cordões para depois os atar correctamente. Não sabia que tinha levado muito tempo, mas estava aborrecido por não ter conseguido fazer correctamente uma coisa que Jill lhe havia ensinado. Confessou o seu falhanço, embora, quando ela o foi buscar, já tivesse reparado o erro.

Ela acalmou-o, penteou-o e levou-o. Harshaw olhou para ele.

— Olá, filho. Senta-te.

— Olá, Jubal — respondeu Valentine Michael Smith gravemente, depois sentou-se e esperou.

Harshaw disse:

— Bem, meu rapaz, que é que aprendeste hoje?

Smith sorriu alegremente e depois respondeu — como sempre com uma pausa:

— Hoje aprendi a fazer um mortal e meio. Que é um salto, um mergulho, para entrar na nossa água com...

— Eu sei, vi-te. Tens de manter os dedos dos pés esticados, os joelhos direitos e os pés juntos.

Smith ficou com um ar infeliz.

— Eu fiz bem, não fiz?

— Fizeste-o muito bem, para uma primeira vez. Observa a Dorcas. Smith considerou isto.

— A água groca o Dorcas. A água protege-o.

— «A». Dorcas é «a», não é «o».

— «A» — corrigiu Smith. Então enganei-me? Eu li no dicionário da língua inglesa *Webster New International*, terceira edição, publicada em Springfield, Massachusetts, que o género masculino inclui o género feminino na linguagem. Na página 1012 da obra *Lei de Contratos*, de Hagworth, quinta edição, publicada em Ilinóis em 1978, diz...

— Espera aí — apressou-se Harshaw a dizer. — As formas masculinas incluem realmente as formas femininas quando se fala no geral... mas não quando se está a falar de uma pessoa em particular. Dorcas é sempre «ela» ou «a»: nunca «ele» ou «o».

— Lembar-me-ei.

— Acho bem que te lembres... ou podes provocar a Dorcas a provar-te que é mesmo mulher. — Harshaw pestanejou pensativamente. — Jill, este rapaz tem dormido consigo? Ou com alguma de vós?

Jill hesitou e depois respondeu distraidamente:

— Tanto quanto sei, o Mike não dorme.

— Você fugiu à minha pergunta.

— Então pode depreender que fiz de propósito. Apesar disso, sempre lhe digo que ele não dorme *comigo*.

— Hum... bolas!, o meu interesse é puramente científico. Mike, que é que aprendeste mais?

— Aprendi duas maneiras de atar os sapatos. Uma delas é só boa para estar deitado, a outra é boa para andar. E aprendi a conjugar os verbos. Eu sou, tu és, ele é, nós somos, vós sois, eles são, eu era, tu eras...

— Está bem, isso é suficiente. Que mais? Mike sorriu encantado.

— Desde ontem que estou a aprender a conduzir o tractor, brilhantemente, brilhantemente, e com beleza.

— Hã? — Jubal voltou-se para Jill. — Quando é que isso foi?

— Ontem, enquanto você estava a dormir, Jubal. Não se preocupe: Duke teve muito cuidado para evitar que se magoasse.

— Hum... bem, é óbvio que não se magoou. Mike, estiveste a ler?

— Sim, Jubal.

— O quê?

— Eu li — recitou Mike — mais três volumes da *Enciclopédia*, «Maryb» a «Mushe», «Mushr» a «Ozon», «P» a «Planti». Disse-me para não ler muito da enciclopédia de uma só vez, portanto parei aí. Depois li a *Tragédia de Romeu e Julieta*, do Mestre William Shakespeare, de Londres; em seguida li *As Memórias de Jacques Casanova*, de Seingalt, traduzido para inglês por Arthur Machen. Em seguida li *A Arte de Interrogar*, por Francis Wellman. Depois tentei grocar o que tinha lido até à altura em que Jill me foi chamar para vir tomar o café da manhã.

— E grocaste-o? Smith pareceu perturbado.

— Jubal, não sei.

— Há alguma coisa que te preocupe?

— Não groquei a totalidade daquilo que li. Na história escrita pelo Mestre William Shakespeare dei comigo cheio de alegria com a morte de Romeu. Depois continuei a ler e aprendi que ele se tinha

desincorporado demasiado cedo... ou pelo menos assim pensei. Porquê?

— Ele era um rapaz completamente idiota.

— Perdão?

— Não sei, Mike.

Smith considerou isto. Em seguida murmurou algumas palavras em marciano e acrescentou:

— Sou apenas um ovo.

— Hã? Tu costumavas dizer isso quando queres pedir um favor, Mike. Que é?

Smith hesitou. Depois disse bruscamente:

— Jubal, meu irmão, seria capaz de fazer o favor de perguntar a Romeu porque é que ele se desincorporou? Eu não posso perguntar-lhe; sou apenas um ovo. Mas você pode... e depois poderá ensinar-me a grocá-lo.

Jubal compreendeu que Mike acreditava que Romeu tinha existido e pareceu perceber que Mike esperava que ele conjurasse o fantasma de Romeu para lhe pedir explicações sobre a sua conduta na Terra. Mas explicar a Mike que os Capuletos e os Montagues nunca tinham existido era um outro assunto. O conceito de ficção estava para além da experiência de Mike; não havia nada em que este conceito pudesse assentar. As tentativas de Jubal para tentar explicar isto eram tão perturbadoras para Mike que Jill receou que ele estivesse prestes a transformar-se outra vez numa bola.

Mike apercebeu-se que estava perigosamente perto dessa necessidade e já aprendera que não devia recorrer a este refúgio na presença de amigos, porque (com excepção do seu irmão Dr. Nelson) isso causava-lhes perturbações emocionais. Assim, fez um enorme esforço, abrandou a velocidade do seu coração, acalmou as suas emoções, e sorriu.

— Esperarei até conseguir grocá-lo naturalmente.

— Ótimo — concordou Jubal. — Até lá, antes de leres seja o que for, pergunta-me a mim ou a Jill ou a qualquer outra pessoa, se

se trata ou não de ficção. Não quero que fiques confundido.

— Perguntarei, Jubal. — Mike decidiu que, quando conseguisse grocar esta estranha ideia, tinha de transmiti-la aos Velhos... e deu consigo a pensar se os Velhos tinham conhecimento da «ficção». A incrível ideia de que poderia existir algo que fosse tão estranho para ele como para os Velhos, era muito mais revolucionária que o estranho conceito de ficção, por isso Mike pô-la de parte para que assentasse, para que pudesse meditar nela mais tarde.

— ... Mas eu não — o seu irmão Jubal estava a dizer — te chamei aqui para discutir formas literárias. Mike, lembras-te do dia em que Jill te levou daquele hospital?

— Hospital? — repetiu Mike.

— Não tenho a certeza, Jubal — interrompeu Jill —, se Mike sabia que era um hospital. Deixe-me tentar.

— Vá em frente.

— Mike, lembras-te onde estavas, onde viveste sozinho num quarto, antes de eu te vestir e te trazer?

— Sim, Jill.

— Em seguida fomos para um outro lugar e eu despi-te e dei-te um banho.

Smith sorriu, lembrando as imagens.

— Sim, foi uma grande felicidade.

— Depois sequei-te... e chegaram dois homens.

O sorriso de Smith desapareceu. Começou a tremer e a contorcer-se. Jill gritou:

— Mike! Pára! Não te atrevas a entrar em transe outra vez! Mike controlou o seu ser.

— Sim, Jill.

— Escuta, Mike. Quero que penses nessa ocasião... mas não debes perturbar-te. Estavam lá dois homens. Um deles empurrou-te para a sala.

— Aquela sala das alegres relvas — concordou.

— Isso mesmo. Ele empurrou-te para o quarto com o soalho de relva e eu tentei detê-lo. Ele bateu-me. Depois ele desapareceu. Lembras-te?

— Não estás zangada?

— O quê? Não, não de maneira nenhuma! Um homem desapareceu e em seguida o outro apontou-me uma arma... e depois desapareceu também. Eu fiquei assustada... mas não estava zangada.

— Não estás zangada comigo, agora?

— Mike, meu querido: eu *nunca* estive zangada contigo. Jubal e eu queremos saber o que se passou. Aqueles homens estavam ali; tu fizeste algo... e eles desapareceram. Que foi que fizeste? Podes contar-nos?

— Contarei. O homem, o homem grande, bateu-te... e eu assustei-me também. Portanto, eu... — Balbuciu algumas palavras em marciano, pareceu confundido. — Não sei as palavras.

Jubal disse:

— Mike, és capaz de explicar um bocadinho de cada vez?

— Vou tentar, Jubal. Existe algo à minha frente. É uma coisa má e não o deve ser. Portanto eu estico-me... — Pareceu perplexo. — É uma coisa fácil. Atar os cordões dos sapatos é muito mais difícil. Mas as palavras não são. Lamento muito. — Pensou um pouco. — Talvez as palavras estejam nos volumes «Plants» a «Raym», ou em «Rayn» a «Sarr», ou em «Sars» a «Sorç». Vou lê-los esta noite e digo-vos ao café da manhã.

— Talvez — admitiu Jubal. — Só um momento, Mike. — Foi até um dos cantos da sala e voltou com uma garrafa que tinha contido Brandy. — Podes fazer desaparecer isto?

— Isso é uma coisa má?

— Bem, pensa que é.

Mas... Jubal, eu tenho de *saber* que isso é uma coisa má. Isso é uma garrafa. Não groco que elas existam erradamente.

— Hum... Supõe que eu pego nela e a atiro a Jill...? Smith disse com tristeza gentil:

— Jubal, você não seria capaz de fazer isso a Jill.

— Hum... bolas. Acho que não. Jill, é capaz de me atirar com a garrafa? Com força: pelo menos ficarei com uma ferida na cabeça, se Mike não me proteger.

— Jubal, não gosto da ideia.

— Ora, deixe-se disso! No interesse da ciência e de... Ben Caxton.

— Mas...

Jill saltou, agarrou na garrafa e atirou-a à cabeça de Jubal. Jubal fazia tenção de não se afastar — mas os reflexos ganharam; esquivou-se.

— Não me acertou — disse — Bolas para isto, não estava a observar. Não queria tirar os olhos de cima dela. — Olhou para Smith. — Mike, foi isto... Que é que se passa, rapaz?

O Homem de Marte estava a tremer e parecia infeliz. Jill abraçou-o.

— Então, então, está tudo bem, querido! Fizeste-o maravilhosamente. Nunca atingiria Jubal. Desapareceu simplesmente.

— Acho que sim — admitiu Jubal, olhando em redor e chupando no dedo. — Anne, estavas a observar?

— Estava.

— Que é que viste?

— A garrafa não desapareceu simplesmente. O processo durou algumas frações de segundo. Do sítio onde estou sentada, deu a sensação de diminuir de tamanho, como se estivesse a desaparecer à distância. Mas não saiu do quarto; pude vê-la até ao momento em que desapareceu.

— Para onde é que ela foi?

— É tudo quanto posso dizer.

— Hum... passamos os filmes mais tarde; mas estou convencido.

Mike...

— Sim, Jubal?

— Onde é que está aquela garrafa?

— A caixa está... — Smith fez uma pausa. — Mais uma vez, não tenho palavras. Peço desculpa.

— Estou confuso. Filho, podes fazê-la voltar?

— Perdão?

— Fizeste-a desaparecer; agora, fá-la voltar.

— Como é que o posso fazer? A garrafa *não* está. Jubal ficou pensativo.

— Se este método se torna popular, modificará as regras para o «corpo do delito». Tenho uma pequena lista... eles nunca desaparecerão. Mike, a que distância é que tu tens de estar?

— Perdão?

— Se tu estivesses na entrada e eu estivesse ao pé da janela... oh, cerca de dez metros..., terias sido capaz de evitar que a garrafa me atingisse?

Smith parecia um pouco surpreendido.

— Sim.

— Hum... vem até à janela. Supõe que Jill e eu estávamos do outro lado da piscina e tu estavas aqui. Poderias ter detido a garrafa?

— Sim, Jubal.

— Bem... supõe que a Jill e eu estávamos lá em baixo no portão, a quinhentos metros de distância. Isso é demasiado longe?

Smith hesitou.

— Jubal, não se trata de distância. Não é ver. É saber.

— Hum... vamos lá a ver se groquei. Não interessa a distância. Nem sequer precisas de ver. Se souberes que está a acontecer uma

coisa má, podes detê-la. Certo?

Smith parecia perturbado.

— Quase que está certo. Mas eu ainda não estou há tempo suficiente fora do ninho. Para saber, tenho de ver. Um Velho não precisa de olhos para saber. Ele sabe. Ele groca. Ele age. Peço desculpa.

— Não sei porque é que pedes desculpa — disse Jubal bruscamente. — O ministro da Paz ter-te-ia declarado *Top Secret* há dez minutos atrás.

— Perdão?

— Deixa para lá. — Jubal voltou para a sua secretária e pegou num pesado cinzeiro. — Jill, não esteja a olhar pasmada para mim. Está bem, Mike, vai para a entrada da porta.

— Jubal... meu irmão... não, *por favor!*

— Qual é o problema? Quero mais uma demonstração... e desta vez não vou tirar os olhos de cima disto.

— Jubal...

— Sim, Jill?

— Eu groco o que é que está a perturbar o Mike.

— Bem, então diga-me.

— Nós fizemos uma experiência em que eu estive prestes a magoá-lo com aquela garrafa. Mas nós somos os seus irmãos de água; portanto, Mike ficou aborrecido por eu ter tentado. Calculo que deve haver alguma coisa muito antimarciano nessa situação.

Harshaw franziu o sobrolho.

— Talvez devesse ser investigado pela Comissão de Actividades Antimarcianas.

— Não estou a brincar, Jubal.

— Nem eu. Está bem, Jill, vou tentar de outra maneira. — Harshaw entregou o cinzeiro a Mike. — Vê como ele é pesado, filho. Repara nessas arestas aguçadas. — Smith examinou-o

cuidadosamente. Harshaw prosseguiu: — Vou atirá-lo ao ar... e deixar que ele caia em cima da minha cabeça quando descer.

Mike estava atónico.

— Meu irmão... vai desincorporar-se agora?

— Hã? Não, não! Mas vai magoar-me... a menos que tu o detenhas. Cá vamos nós! — Harshaw lançou-o a direito até ficar a alguns centímetros do alto tecto.

O cinzeiro atingiu o topo da sua trajectória e deteve-se. Harshaw olhou para ele, sentindo-se como se estivesse a ver uma cena dum filme. Balbuciou:

— Anne. Que é que vês?

Ela respondeu num tom de voz monocórdico:

— Aquele cinzeiro está a cerca de treze centímetros do tecto. Não vejo nada a suspendê-lo. — Acrescentou: — Jubal, *penso* que é isto que vejo... mas se os filmes não mostrarem a mesma coisa, vou rasgar aos bocadinhos a minha licença.

— Hum, Jill?

— Está a flutuar...

Jubal foi até à sua secretária e sentou-se sem tirar os olhos do cinzeiro.

— Mike — disse ele — porque é que ele não desapareceu?

— Mas, Jubal — disse Mike, como que pedindo desculpa —, você disse para o deter; não disse para o fazer desaparecer. Quando eu fiz a garrafa desaparecer, você queria que ela voltasse. Fiz alguma coisa errada?

— Oh. Não, fizeste-o exactamente como devias. Passo a vida a esquecer-me que tu levas tudo à letra.

Harshaw recordou os insultos que costumava ouvir quando era novo e pensou que nunca os deveria dizer a Mike: se ele dissesse ao rapaz para se ir matar ou para ir passear, Harshaw tinha a certeza de que Mike os interpretaria no sentido literal.

— Estou contente — respondeu Mike sobriamente. — Lamento não ser capaz de fazer a garrafa voltar. Estou duplamente arrependido por ter desperdiçado comida. Mas era uma necessidade. Ou pelo menos assim o groquei.

— Hã? Que comida?

Jill apressou-se a responder:

— Ele está a falar daqueles dois homens, Jubal. De Berquist e do homem que estava com ele.

— Oh, é verdade. — Harshaw reflectiu que Smith ainda conservava as marcianas noções de comida. — Mike, não te preocupes por teres desperdiçado aquela «comida». Tenho as minhas dúvidas se o delegado de saúde teria declarado aqueles dois em condições para consumo. De facto — acrescentou, recordando a convenção da Federação, sobre «carne fresca» —, eles teriam sido considerados como inaptos para consumo. Além disso foi uma necessidade. Tu grocaste na totalidade e agiste acertadamente.

— Estou muito reconfortado — respondeu Mike com alívio na voz.

— Somente um Velho pode ter sempre a certeza sobre a ação acertada numa situação crítica... e eu ainda tenho muito que aprender e que crescer, antes de me poder juntar aos Velhos. Jubal, posso movê-lo? Estou cansado.

— Queres fazê-lo desaparecer? Vai em frente.

— Mas não posso.

— Hã? Porquê?

— A sua cabeça já não está debaixo do cinzeiro. Não groco nada de mau no seu ser, onde ele está agora.

— Oh. Está bem. Tira-o de lá.

Harshaw continuou a observar, esperando que o cinzeiro flutuasse até onde a sua cabeça agora estava, para readquirir uma essência nefasta. Em vez disso o cinzeiro começou a descer lentamente, até estar quase em cima da sua secretária, depois pairou e em seguida aterrou.

— Obrigado, Jubal — disse Smith.

— Hã? Eu é que *te* agradeço, filho! — Jubal pegou no cinzeiro. Estava tão vulgar como sempre. — Sim, muito obrigado pela mais extraordinária experiência que eu tive desde que a criada me levou para o sótão. — Olhou para cima. — Anne, tu treinaste no Rhine?

— Sim.

— Já tinhas visto levitação antes? Ela hesitou.

— Vi aquilo que se chama telecinesia com dados... mas não sou matemática e não posso testemunhar que era telecinesia.

— Bolas! Tu nem sequer eras capaz de testemunhar que o Sol tinha nascido se o dia estivesse enevoadado.

— Como é que eu podia fazê-lo? Alguém podia estar a fornecer luz artificial por cima da camada de nuvens. Um dos meus condiscípulos podia, aparentemente, fazer levitar objectos mais ou menos do tamanho de um *clip*... mas tinha de tomar três bebidas antes. Eu não estava em condições de o examinar suficientemente de perto para o testemunhar... porque também tinha bebido.

— Nunca viste nada parecido com isto?

— Não.

— Hum... Já não preciso mais de ti, profissionalmente. Se queres ficar, tira a tua túnica e vai buscar uma cadeira.

— Obrigado, eu vou. Mas, devido à sua opinião sobre as mesquitas e as sinagogas, vou mudar de roupa ao meu quarto.

— Está à vontade. Acorda o Duke e diz-lhe que eu quero os filmes revelados.

— Sim, patrão. Não deixe que nada aconteça até eu voltar. — Anne dirigiu-se para a porta.

— Não, prometo. Mike, senta-te à minha secretária. Podes levantar este cinzeiro? Mostra-me.

— Sim, Jubal. — Smith estendeu a mão e pegou-lhe.

— Não, não!

— Fiz mal?

— Não, o erro foi meu. Eu quero saber se és capaz de o levantar *sem* lhe tocar?

— Sim, Jubal.

— Então, estás cansado?

— Não, Jubal.

— Então que é que se passa? Tem de haver um «sentido errado»?

— Não, Jubal.

— Jubal — interrompeu Jill —, você não lhe *disse* para fazer... só lhe perguntou se era capaz.

— Oh. — Jubal parecia envergonhado. — Mike, fazes o favor de levantar esse cinzeiro a trinta centímetros da secretária sem tocar em nada?

— Sim, Jubal. — O cinzeiro elevou-se, flutuou por cima da secretária.

— Quer fazer o favor de medir, Jubal? — disse Mike ansiosamente. — Se estiver mal, eu corrijo.

— Está óptimo! Podes mantê-lo no ar? Se te cansares, diz-me.

— Direi.

— Podes levantar mais alguma coisa? Vês este lápis? Se és capaz, levanta-o.

— Sim, Jubal. — O lápis colocou-se ao lado do cinzeiro.

A pedido de Jubal, Mike acrescentou outros artigos aos objectos flutuantes. Anne regressou, puxou uma cadeira e observou em silêncio. Duke entrou trazendo um escadote, deu uma olhadela ao que se estava a passar, depois voltou a olhar com mais atenção, mas não disse nada e armou o escadote. Finalmente Mike disse com incerteza na voz:

— Não tenho a certeza, Jubal, eu... — pareceu procurar uma palavra.

— Eu sou idiota nestas coisas.

— Não te estafes.

— Posso pensar mais uma, espero. — Um pisa-papéis moveu-se e levitou... e todos os outros estranhos objectos caíram. Mike parecia prestes a desatar a chorar. — Jubal, peço imensa desculpa.

Harshaw deu-lhe umas palmadinhas no ombro.

— Devias estar orgulhoso. Filho, o que tu acabas de fazer é...
— Jubal procurou uma comparação que estivesse dentro da experiência de Mike.

— O que tu fizeste é mais difícil que atar os sapatos, mais maravilhoso que dar um mortal e meio na perfeição. Tu fizeste-o, hum, brilhantemente, brilhantemente e com beleza. Grocas?

Mike pareceu surpreendido.

— Não devo sentir vergonha?

— Deves sentir-te orgulhoso.

— Sim, Jubal — respondeu alegremente. — Sinto-me orgulhoso.

— Ótimo. Mike, eu nem sequer sou capaz de levantar um cinzeiro sem lhe tocar.

Smith estava atónito.

— Não pode?

— Não. Podes ensinar-me?

— Sim, Jubal. Você... — Smith parou de falar, parecendo embaraçado.

— Mais uma vez, não tenho palavras. Vou ler, ler e ler, até encontrar as palavras. Depois ensinarei o meu irmão.

— Não te empenhes muito nisso.

— Perdão?

— Mike, não fiques desapontado se não encontrares as palavras. Podem não existir na língua inglesa.

Smith considerou isto.

— Então ensinarei ao meu irmão a língua do meu ninho.

— Chegaste cerca de cinquenta anos tarde de mais.

— Agi erradamente?

— De maneira nenhuma. Podes começar por ensinar a tua língua a Jill.

— Arranha-me a garganta — protestou Jill.

— Tenta tomar uma aspirina. — Jubal olhou para ela. — Isso é uma fraca desculpa, enfermeira. Está contratada como assistente para a Linguística Marciana... o que inclui deveres extras, se forem necessários. Anne, põe-na na folha de pagamentos... e assegura-te de que isso entra nos registros de impostos.

— Ela tem feito a sua parte na cozinha. Devo incluir isso também? Jubal encolheu os ombros.

— Não me maces com pormenores.

— Mas, Jubal — protestou Jill —, acho que *não* sou capaz de aprender marciano!

— Pode *tentar*.

— Mas...

— Que é que você disse sobre a «gratidão»? Aceita o emprego?

— Aceito. Sim... "patrão." — Jill mordeu o lábio. Smith tocoulhe timidamente na mão.

— Jill... eu vou ensinar-te. Jill agarrou na dele.

— Obrigado Mike. — Olhou para Harshaw. — Vou aprender só para o vexar!

Ele sorriu para ela.

— Esse motivo, eu groco: vai aprender. Mike, que mais és tu capaz de fazer que nós não sejamos?

Smith pareceu confuso.

— Não sei.

— Como é que ele pode saber — protestou Jill —, se não sabe aquilo que podemos ou não fazer?

— Hum... é verdade. Anne, muda esse título para «assistente para a técnica, cultura e linguística marcianas». Jill, ao aprender a língua deles, vai com certeza esbarrar com certas coisas que são diferentes, realmente diferentes... e, quando isso acontecer, diga-me. E, Mike, se notares alguma coisa que tu possas fazer e que nós não possamos, diz-me.

— Direi, Jubal. Que coisas serão essas?

— Não sei. Coisas como o que tu acabas de fazer... e ser capaz de ficar no fundo da piscina mais tempo que nós. Hum... Duke!

— Patrão, tenho as mãos cheias de filme.

— Podes falar, não podes? Reparei que a piscina estava turva.

— Vou deitar precipitado esta noite e esvaziá-la amanhã de manhã.

— Como é que está a água?

— Está boa, a água é suficientemente limpa para se poder beber à mesa. Apenas parece suja.

— Deixa-a estar. Eu dir-te-ei quando quiser que a limpes.

— Ora, patrão, ninguém gosta de nadar em água de lavar pratos.

— Se houver alguém que seja muito esquisito, pode ficar seco. Pára de tagarelar, Duke. Os filmes estão prontos?

— Dentro de cinco minutos.

— Ótimo. Mike, sabes o que é uma arma?

— Uma arma — respondeu Smith cuidadosamente — é uma peça de artilharia para atirar projecteis pela força de certos explosivos, tal como pólvora, que consiste num tubo ou cano fechado numa das extremidades onde o...

— Está bem, está bem, groca-la?

— Não tenho a certeza.

— Já alguma vez viste uma arma?

— Não sei.

— Ora, claro que viste — interrompeu Jill. — Mike, pensa no que estivemos a falar há pouco, na sala com o chão de relva... mas não te deixes perturbar! Um dos homens bateu-me.

— Sim.

— O outro apontou-me uma coisa.

— Ele apontou-te uma coisa má.

— Isso era uma arma.

— Eu tinha pensado que a palavra para essa coisa má, podia ser «arma». O dicionário de língua inglesa *Webster New International*, terceira edição, publicado em...

— Ótimo — apressou-se Harshaw a dizer. — Agora ouve. Se alguém apontar uma arma a Jill, que é que tu farás? Smith fez uma pausa maior que as habituais.

— Você não ficará zangado se eu desperdiçar comida?

— Não. Nessas circunstâncias ninguém ficaria zangado contigo. Mas eu quero saber outra coisa. Podes fazer a arma desaparecer sem fazer desaparecer o homem?

Smith considerou isto.

— Poupar a comida?

— Hum, não é isso que eu quero dizer. Podes fazer a arma desaparecer sem magoar o homem?

— Jubal, ele não se magoaria. Eu faria a arma desaparecer, ao homem apenas o detinha. Ele não sentiria dor. Simplesmente desincorporar-se-ia. A comida não seria danificada.

Harshaw suspirou.

— Sim, tenho a certeza de que seria assim. Mas podes fazer desaparecer apenas a arma? Sem «deter» o homem, sem o matar, para que ele continuasse a viver?

Smith considerou isto.

— Isso seria mais fácil do que fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Mas, Jubal, se eu o deixar corpóreo, ele poderia ainda magoar a Jill. Ou pelo menos assim o groco.

Harshaw calou-se por uns momentos para pensar que esta inocente criança não era nem inocente nem infantil — era, de facto, sofisticada para uma cultura que ele começava a compreender que devia ser muito mais avançada do que a cultura humana em vários misteriosos meios... e que estes ingénuos comentários vinham de um super-homem — ou daquilo que nós entendemos como «super-homem».

Respondeu a Smith, escolhendo cuidadosamente as palavras, pois tinha em mente fazer uma experiência perigosa.

— Mike... se tu atingires uma «situação crítica» em que tiveres de fazer algo para proteger Jill, não hesites, fá-lo.

— Sim? Jubal, fá-lo-ei.

— Não te preocupes por desperdiçar comida. Não te preocupes com nada. Protege Jill.

— Eu protegeria sempre a Jill.

— Ótimo. Mas supõe que um homem apontava uma arma... ou que simplesmente a tinha na mão. Supõe que não querias matá-lo... mas que precisavas de fazer desaparecer a arma. Poderias fazê-lo?

Mike fez uma breve pausa.

— Penso que estou a grocar. Uma arma é uma coisa má. Mas pode haver necessidade de o homem ficar corpóreo. — Pensou um pouco.

— Posso fazê-lo.

— Ótimo. Mike, vou mostrar-te uma arma. Uma arma é uma coisa má.

— Uma arma é uma coisa má. Fá-la-ei desaparecer.

— Não a faças desaparecer assim que a vires.

— Não?

— Não. Eu levantarei a arma e apontá-la-ei a ti. Antes de eu conseguir apontá-la a ti, faz com que ela desapareça. Mas não me

detenhas, não me magoes, não me mates, não *me* faças *nada*. Também não me desperdices como comida.

— Oh, eu nunca seria capaz de o fazer — disse Mike, sinceramente.

— Quando você se desincorporar, meu irmão Jubal, espero que me seja permitido comer um pouco de si, apreciando-o e estimando-o em cada dentada... até o grocar na totalidade.

Harshaw controlou um reflexo e respondeu gravemente:

— Obrigado, Mike.

— Sou eu que tenho de lhe agradecer, meu irmão... e se acontecer que eu seja escolhido antes de si, espero que me ache digno de grocar. Reparta-me com Jill. Repartir-me-á com Jill? Por favor?

Harshaw deitou um olhar a Jill, e viu que o rosto dela se mantinha sereno — reflectiu que ela era, provavelmente, uma enfermeira firme como uma rocha.

— Repartir-te-ei com Jill — disse solenemente. — Mas, Mike, nenhum de nós será comida nos próximos tempos. Vou mostrar-te essa arma... e tu esperas até eu dizer... e em seguida tem muito cuidado, porque ainda tenho muitas coisas para fazer antes de estar pronto para me desincorporar.

— Terei cuidado, meu irmão.

— Está bem. — Harshaw abriu uma gaveta. — Olha para aqui, Mike. Vês a arma? Vou pegar nela. Mas não faças nada até eu te dizer. — Harshaw esticou-se para pegar na arma, uma velha pistola da polícia, e tirou-a para fora. — Põe-te a postos, Mike. *Agora!* — Harshaw fez o melhor que pôde para apontar a arma a Smith.

A sua mão estava vazia.

Jubal viu que ele estava a tremer, por isso parou.

— Perfeito! — disse. — Fizeste-o antes de eu a conseguir apontar.

— Estou feliz.

— Eu também. Duke, isto entrou no filme?

— Sim.

— Ótimo. — Harshaw suspirou. — É tudo, meninos. Podem sair. Anne disse:

— Patrão, diz-me o que é que os filmes mostram?

— Queres ficar a vê-los?

— Oh, não! Não poderia, pelos menos as partes que eu testemunhei. Mas quero saber, mais tarde, se me enganei ou não.

— O. K.

XIII

Quando todos saíram, Harshaw começou a dar ordens a Duke — depois disse bruscamente:

— Porque é que estás com essa cara?

— Patrão, quando é que se livra desse vampiro?

— «Vampiro»? Por quê, seu pacóvio de província.

— Está bem, já sei que sou do Cansas. Nunca existiu canibalismo no Cansas. Passo a comer na cozinha até ele se ir embora.

Harshaw disse glacialmente:

— Ah, sim? A Anne pode ter o teu cheque pronto dentro de cinco minutos. E tu não precisas de mais de dez para embrulhar os teus livros aos quadradinhos e a tua outra camisa.

Duke tinha estado a preparar o projector. Parou.

— Oh, eu não quis dizer que me ia despedir.

— A mim pareceu-me que era isso que estava a dizer, filho.

— Mas... Qual é o problema? Eu já comi na cozinha montes de vezes.

— Noutras circunstâncias. Ninguém debaixo do meu tecto recusa comer à minha mesa por não querer comer com outros que aí se sentem. Eu pertença a uma raça quase extinta, um cavalheiro antiquado... o que quer dizer que posso ser um filho da puta quando isso me convém. Convém-me mesmo agora... o que é o mesmo que dizer que não permito que nenhum ignorante, supersticioso ou idiota preconceituoso *me* diga quem é que deve comer à *minha* mesa. Eu janto com publicanos e com pecadores, porque isso faz parte do meu trabalho. Não partilho o pão com fariseus.

Duke disse lentamente:

— Eu devia dar-lhe um murro... e dava mesmo, se você fosse da minha idade.

— Não deixes que isso te detenha. Sou capaz de ser mais forte que o que tu pensas. E se não for, o barulho alertaria os outros. Achas que és capaz de lidar com o Homem de Marte?

— *Esse?* Podia parti-lo ao meio, só com uma mão!

— Talvez... se pudesses pôr uma mão em cima dele.

— Hã!

— Tu viste-me tentar apontar-lhe uma arma. Duke: *onde é que está essa pistola?* Encontra essa pistola. Depois diz-me se ainda achas que és capaz de o partir ao meio. Mas primeiro encontra a pistola.

Duke continuou a montar o projector.

— Algum truque de prestidigitação. Os filmes irão mostrá-lo. Harshaw disse:

— Duke, pára de perder tempo com isso. Senta-te. Eu trato disso depois de tu saíres.

— Hã? Jubal, não quero que você toque neste projector. Você acaba sempre por o estragar.

— Eu disse para te sentares.

— Mas...

— Duke, se me apetecer, rebento com essa coisa toda. Não aceito serviços de um homem, depois de ele se demitir.

— Bolas! Eu não me demiti! Você é que foi um patife e despediu-me... sem qualquer razão.

— Senta-te, Duke — disse Harshaw calmamente —, e deixa-me tentar salvar-te a vida... ou então desaparece deste lugar o mais depressa que puderes. Não percas tempo a fazer as malas. Podes não viver para isso.

— Que diabo é que você quer dizer?

— Exactamente o que disse. Duke, o facto de seres despedido ou de te demitires é irrelevante; acabaste as tuas funções quando disseste que não comerias à minha mesa. Contudo, eu acharia detestável que fosses morto dentro da minha propriedade. Portanto senta-te e eu farei o possível para o evitar.

Duke ficou atónito e sentou-se. Harshaw prosseguiu:

— És irmão de água do Mike?

— Hã? Claro que não. Oh, ouvi algumas conversas a esse respeito; acho que isso é um disparate, se mo pergunta.

— Não é nenhum disparate e ninguém te pediu a opinião; tu não és competente para exprimir uma opinião. — O semblante de Harshaw carregou-se. — Duke, eu não quero despedir-te; tu manténs a maquinaria a funcionar e poupas-me aborrecimentos com avarias mecânicas. Mas tenho de te fazer sair em segurança deste lugar... e depois descobrir quem é, e quem não é, irmão de água de Mike... e fazer com que eles se tornem seus irmãos... ou mandá-los embora, tal como te estou a mandar a ti. — Jubal mordeu o lábio. — Talvez fosse suficiente fazer com que Mike promettesse que não magoaria ninguém sem a minha autorização. Hum... não, anda por aqui muita gente e Mike é um ás em interpretar mal as coisas. Por exemplo, se tu... ou Larry, visto que tu não estarás aqui..., pegasses na Jill e a atirasses para dentro da piscina, Larry poderia ir parar ao mesmo lugar onde está aquela pistola, antes que eu pudesse explicar a Mike que Jill não corria perigo. Larry tem direito a viver a sua vida, sem que ela seja encurtada devido à minha falta de

cuidado. Duke, eu acho que toda a gente tem o direito de fazer o que quer, mas isso não é razão para dar a um bebê um bastão de dinamite.

Duke disse lentamente:

— Patrão, você está a ficar velho. Mike nunca magoaria ninguém. Bolas, esta conversa sobre o canibalismo irritou-me, mas não me enganou; ele é um selvagem, não conhece nada melhor. Mas ele é gentil como um cordeirinho: nunca seria capaz de magoar ninguém.

— Pensas isso?

— Tenho a certeza.

— Bom. Tu tens armas no teu quarto, eu digo que ele é perigoso. A caça aos marcianos está aberta; pega numa arma, vai até à piscina e mata-o. Não te preocupes com a lei; eu garanto-te que nunca serás denunciado. Vai em frente, mata-o!

— Jubal... não está a falar a sério.

— Não, não estou. Porque tu *não podes*. Se tentasses, a tua pistola iria para onde foi a minha... e se o irritasses irias com ela. Duke, tu não sabes do que estás a falar. O Mike *não* é «gentil como um cordeirinho» e *não* é um «selvagem». Tenho a impressão de que *nós* é que somos os selvagens. Alguma vez amestraste cobras?

— Hum... não.

— Eu amestrei, quando era pequeno. Um certo Inverno, na Florida, apanhei uma que eu pensava ser uma cobra-escarlata. Sabes como é que elas são?

— Não gosto de cobras.

— Preconceitos, outra vez. A maior parte das cobras são inofensivas, úteis e fáceis de amestrar. A cobra-escarlata é uma beleza: vermelha, preta e amarela; é dócil e dá um excelente animal de estimação. Acho que essa amiguinha gostava de mim. Sabia como lidar com cobras, como não as assustar e como evitar que elas me mordessem: mesmo uma mordidela de uma cobra não venenosa é um aborrecimento. Aquela pequenina era o meu orgulho.

Costumava trazê-la comigo e mostrá-la às pessoas, agarrando-a por detrás da cabeça e deixando que ela se enrolasse à volta do meu pulso.

»Tive uma oportunidade de mostrar a minha colecção ao herpetologista do jardim zoológico de Tampa. Em primeiro lugar mostrei-lhe a minha favorita. Ele quase ficou histérico. O meu animal de estimação não era uma cobra-escarlata: era uma jovem cobra-coral. A mais mortífera cobra da América do Norte. Duke, estás a perceber onde quero chegar?

— Que amestrar cobras é perigoso? Eu podia ter-lhe dito isso.

— Oh, por amor de Deus! Eu tinha cascavéis e cobras de água também. Uma serpente venenosa *não é* perigosa, ou é-o tanto como uma arma carregada: em cada um dos casos, tem de saber lidar com ela. O que fazia essa cobra perigosa era eu não saber o que ela podia fazer. Se, na minha ignorância, tivesse lidado com ela descuidadamente, ela ter-me-ia morto tão inocente e casualmente como um gatinho arranha. É isto que eu te quero fazer entender sobre Mike. Ele parece ser um homem vulgar, bastante subdesenvolvido, desajeitado, extremamente ignorante, mas esperto e dócil, e ávido por aprender. Mas, tal como a minha cobra, Mike é mais do que aquilo que aparenta ser. Se Mike não confiar em ti, pode ser muito mais mortífero do que essa cobra-coral. Especialmente se ele pensar que tu estás a fazer mal a um dos seus irmãos de água, tal como Jill... ou eu próprio. Harshaw abanou a cabeça.

— Duke, se tu tivesses seguido esse teu impulso e me tivesses dado um murro, e se Mike estivesse à entrada da porta, tu estarias morto antes de dar por isso, e tudo se passaria tão rapidamente que eu não o poderia deter. Ele, em seguida, teria pedido desculpa por ter desperdiçado comida... nomeadamente a tua musculosa carcaça. Mas não se sentiria culpado por te ter morto; tu ter-lhe-ias imposto essa necessidade... e não acharia isso importante, nem mesmo para ti. Compreendes, Mike acredita na imortalidade da alma.

— Hã? Ora, isso também eu. Mas...

— Acreditas? — disse Harshaw ironicamente. — Posso imaginar.

— Ora essa, claro que acredito! Oh, eu não vou muitas vezes à igreja, mas fui educado como deve ser. Tenho fé.

— Ótimo. Embora nunca conseguisse compreender como é que Deus podia esperar que as suas criaturas escolhessem a única verdadeira religião através da fé... isso parece-me uma maneira um tanto descuidada de gerir um universo. Contudo, visto que tu acreditas na imortalidade, não precisamos de nos preocupar com o facto de os teus preconceitos poderem causar a tua morte. Queres ser cremado ou enterrado?

— Oh, por amor de Deus, Jubal, deixe de tentar irritar-me.

— De maneira nenhuma. Não posso garantir a tua segurança enquanto persistires em pensar que uma cobra-coral é tão inofensiva como uma cobra-escarlate: qualquer erro que cometas pode ser o último da tua vida. Mas eu prometo que não deixo que Mike te coma.

Duke deixou descair o queixo. Depois respondeu brusca, irreverente e incoerentemente. Harshaw escutou-o e depois disse irritado:

— Está bem, mete a viola no saco. Combina o que quiseres com Mike. — Harshaw curvou-se sobre o projector. — Quero ver estes filmes. Bolas! — acrescentou. — Esta maldita coisa mordeu-me.

— Tentou forçá-la. Veja... — Duke completou o ajustamento que Harshaw tinha falhado e em seguida introduziu uma bobina. Não voltou a falar-se se Duke continuava ou não a trabalhar para Jubal. O projector era uma cabina de registo de som, com um adaptador para passar filmes sonoros de 4 mm. Passado pouco tempo, ambos estavam a observar os acontecimentos que conduziram ao desaparecimento da garrafa de Brandy.

Jubal viu a garrafa precipitar-se em direcção à sua cabeça, e viu-a desaparecer no ar.

— A Anne ficará contente por saber que os filmes a apoiam. Duke, vamos repetir isto em câmara lenta.

— *O.K.* — Duke andou com o filme para trás, e em seguida anunciou: — Está a dez-para-um.

A cena era a mesma, mas era escusado abrandar o som; por isso, Jubal desligou-o. A garrafa flutuou das mãos de Jill em direcção à cabeça de Harshaw, depois deixou de existir. Mas em câmara lenta podia vê-la diminuir de tamanho, ficando cada vez mais pequena até deixar de se ver.

— Duke, podes diminuir ainda mais a velocidade?

— Só um momento. Houve alguma coisa que obstruiu o estéreo.

— O quê?

— Diabos me levem se sei. Na primeira passagem parecia bom. Mas, quando o aBrandyi, o efeito de fundo inverteu-se. Aquela garrafa afastou-se de nós muito depressa... mas parecia estar sempre mais perto do que a parede. Erro de paralaxe, claro. Mas eu não tirei aquela *video-cassette* da máquina.

— Oh. Espera Duke. Passa o filme da outra câmara.

— Hum... estou a ver. Isso dar-nos-á um ângulo de noventa graus e veremos então se estraguei realmente este filme. — Duke mudou as *video-cassettes*. — Aumento a velocidade da primeira parte. Depois abrando na última parte?

— Podes começar.

A cena era exactamente a mesma, salvo ser vista de um ângulo diferente. Quando apareceu a imagem de Jill a agarrar na garrafa, Duke diminuiu a velocidade e, mais uma vez, viram a caixa desaparecer.

Duke praguejou.

— Alguma coisa estragou também a segunda câmara.

— Ah, sim?

— Foi filmado de lado, portanto a garrafa devia ter saído da imagem para um dos lados. Em vez disso, tornou a afastar-se de nós a direito. Você viu.

— Sim — concordou Jubal —, «afastou-se de nós a direito».

— Mas isso *não* pode ser... não de ambos os ângulos.

— Que é que queres dizer com «isso não pode ser»? Ela *afastou-se*. — Harshaw acrescentou: — Se tivéssemos usado um radar *doppler* em vez de câmaras, que é que achas que ele teria mostrado?

— Como é que hei-de saber? Vou pôr estas câmaras de lado.

— Não te maces com isso.

— Mas...

— Duke, estas câmaras estão perfeitamente bem. O que é que está a noventa graus de tudo o resto?

— Não sou bom em adivinhas.

— Isto não é uma adivinha. Podia-te recomendar ao Sr. A. Square de Flatland, mas vou responder-te. O que é que está perpendicular a tudo o resto? Resposta: dois corpos, uma pistola e uma garrafa vazia.

— Que diabo é que você quer dizer, patrão?

— Nunca falei mais claramente na minha vida. Tenta acreditar na evidência, em vez de continuares a insistir que as câmaras devem estar estragadas, apenas porque elas mostram aquilo que tu não esperavas. Vamos ver os outros filmes.

Estes filmes não acrescentaram nada ao que Harshaw já sabia. O cinzeiro, quando estava perto do tecto, tinha saído da câmara, mas a sua lenta descida fora filmada. A imagem da pistola na tela era pequena, mas podia ver-se que ela diminuía de tamanho como se estivesse a desaparecer à distância, mas sem se mover. Uma vez que Harshaw a apertara fortemente quando ela tinha deixado a sua mão, ele estava satisfeito — se «satisfeito» era a palavra certa.

— Duke, quero cópias em duplicado de todos eles.

— Duke hesitou.

— Ainda estou a trabalhar aqui?

— quê? Oh, bolas! Tu não podes comer na cozinha, isso está esclarecido. Duke, tenta esquecer os teus preconceitos e ouve.

— Estou a ouvir.

— Quando Mike pediu que lhe concedesse o privilégio de comer a minha velha e dura carcaça, estava a prestar-me a maior honra que ele conhece... pelas únicas leis que ele conhece. O que ele aprendeu no «colo da mãe», por assim dizer. Estava a apresentar-me o seu mais alto cumprimento... e a pedir uma dádiva. Não te deixes influenciar pelo que se passa no Cansas; o Mike usa os valores que lhe foram ensinados em Marte.

— Eu prefiro o Cansas.

— Bem — admitiu Jubal —, eu também. Mas isso não é uma escolha livre, nem para mim, nem para ti, nem para Mike. É quase impossível modificar os primeiros ensinamentos de uma pessoa. Duke, és capaz de meter nessa cabeça dura que, se tivesses sido educado em Marte, *terias* a mesma atitude que o Mike em relação a comer e a ser comido?

Duke abanou a cabeça.

— Não vou nessa, Jubal. Concordo com muitas coisas, tais como Mike ter tido a pouca sorte de não ser educado por gente civilizada. Mas isto é diferente, isto é um instinto.

— «Instinto»! *Ora!*

— Mas *é*. Não foi necessário aprender «ao colo da minha mãe» a não ser um canibal. Com os diabos, eu sempre soube que isso era um pecado... e um pecado muito grande. Pois, só de pensar nisso, fico com o estômago às voltas. Isso é um instinto básico.

Jubal suspirou.

— Duke, como é que pudeste aprender tanto sobre maquinaria e não aprenderes nada sobre ti próprio? A tua mãe não teve de dizer «não deves comer os teus colegas, querido; isso não é bonito», pois tu já o tinhas absorvido da nossa cultura... e eu fiz o mesmo.

Anedotas sobre canibais e missionários, desenhos animados, contos de fadas, histórias de terror e um sem-número de coisas. Bolas, meu filho, não podia ser um instinto; o canibalismo é, historicamente, um dos mais disseminados costumes em todos os ramos da raça humana. Os teus antepassados, os meus antepassados, toda a gente.

— Os seus antepassados, talvez.

— Hum. Duke, não me disseste que tinhas sangue índio?

— Hã? Sim, em oitavo grau. Que é que isso tem?

— Então, enquanto nós os dois temos canibais nas nossas árvores geneológicas, tu tens muito mais probabilidades de os ter em gerações mais próximas, porque...

— Por quê, seu velho careca...!

— Acalma-te! Os ritos de canibalismo eram vulgares entre as culturas aborígenas americanas: revê isso. Além disso, como norte-americanos, ainda possuímos uma maior hipótese de ter um toque de Congo sem o sabermos... e aqui vamos nós outra vez. Mas mesmo se fôssemos puros nórdicos... uma ideia pateta, pois a bastardia é muito maior do que alguma vez foi admitido... mas se o fôssemos, uma tal ascendência serviria apenas para nos dizer *de que* canibais é que nós descendemos... porque *qualquer* ramo da raça humana possui canibalismo. Duke, é idiota dizer que uma determinada prática é «contra o instinto», quando milhões de pessoas a seguiram.

— Mas... Está bem, eu já devia ter aprendido a não discutir consigo,

Jubal; você distorce as coisas. Mas suponhamos que na verdade descendemos de selvagens que não conheciam nada melhor. E então? Nós somos civilizados, agora. Ou, pelo menos, *eu* sou.

Jubal sorriu.

— O que implica que eu não sou. Filho, à parte o meu reflexo condicionado contra comer uma perna assada de... bem, de ti, por

exemplo; à parte eu ter sido educado no meio de preconceitos, acho que o nosso tabu contra o canibalismo é uma excelente ideia... porque nós não somos civilizados.

— Hã?

— Se não tivéssemos um tabu tão forte, ao ponto de te levar a pensar que se trata de um instinto, eu era capaz de pensar numa série de pessoas a quem eu não teria confiança de voltar as costas, ainda por cima, ao preço que está a carne para bife, nos dias de hoje. Então?

Duke esboçou um sorriso.

— Eu não arriscaria se se tratasse da minha ex-sogra.

— Eu se se tratasse do nosso encantador vizinho a sul, que é tão descuidado com a vida das outras pessoas durante a estação de caça? Queres apostar como eu acabaria no seu frigorífico? Mas no Mike eu confio... porque Mike é civilizado.

— Hã?

— Mike é extremamente civilizado, no estilo marciano. Duke, eu já conversei o suficiente com Mike para saber que esta prática, em Marte, não é do estilo «cão come cão»... ou marciano come marciano. Eles comem o seu morto em vez de o enterrar ou de o queimar, ou de o expor aos abutres; o costume é formalizado e profundamente religioso. Um marciano nunca é morto contra a sua vontade. De facto, o assassinio não parece ser um conceito marciano. Um marciano morre quando o decide, depois de ter discutido o assunto com amigos e recebido o consentimento dos fantasmas dos seus antepassados para se lhes juntar. Depois de ter decidido morrer, fá-lo tão facilmente como tu fechas os olhos: sem violência, sem doença, sem sequer uma dose excessiva de comprimidos para dormir. Num segundo está vivo e bem, no segundo seguinte é um fantasma. Em seguida os seus amigos comem aquilo que deixou de ter qualquer utilidade, «grocando-o», como Mike diria, e elogiando as suas virtudes ao mesmo tempo que espalham a mostarda. O fantasma assiste ao festim; é um *bar mitzvah* ou um serviço de confirmação através do qual o fantasma

atinge o estado de «Velho»: um idoso homem de estado, tal como eu o entendo. Duke fez uma careta.

— Deus, que superstição disparatada!

— Para Mike é uma cerimónia religiosa solene... mas alegre. Duke resfolegou.

— Jubal, você não acredita nessa história dos fantasmas. É apenas canibalismo combinado com alta superstição.

— Bem, eu não iria tão longe. Acho que estes «Velhos» são difíceis de engolir... mas Mike fala deles como nós falamos da passada quarta-feira. Quanto ao resto... Duke, em que religião foste educado? — Duke disse-lhe; Jubal prosseguiu: — Já calculava; no Cansas, a maior parte das pessoas pertencem à tua ou a outra bastante parecida, a pontos de se ter de olhar para o símbolo para as distinguir. Diz-me: que é que sentiste quando participaste no canibalismo simbólico que tem um papel eminentemente importante nos ritos da tua religião? Duke estava perplexo.

— Que diabo é que você quer dizer? Jubal recostou-se solenemente

— Eras um membro activo? Ou simplesmente frequentaste a catequese?

— Hã? Ora, claro que era um membro, continuo a ser... embora não vá muito à igreja.

— Pensei que talvez não fosses digno de o receber. Bem, saberás de que é que eu estou a falar se parares para pensar um pouco. — Jubal levantou-se. — Não vou discutir as diferenças entre uma e outra forma de canibalismo ritual. Duke, não posso perder mais tempo a tentar livrar-te dos teus preconceitos. Vais-te embora? Se vais, é melhor eu escoltar-te até fora da minha casa. Ou preferes ficar? Ficar e comer com o resto dos canibais?

Duke franziu o sobrolho.

— Parece-me que vou ficar.

— Eu lavo daí as minhas mãos. Tu viste estes filmes; se és suficientemente esperto, deves ter calculado que esse Homem-

Marciano pode ser perigoso.

Duke acenou com a cabeça.

— Não sou tão estúpido como você pensa, Jubal. Mas não vou permitir que Mike me ponha fora daqui. — Acrescentou: — Você diz que ele é perigoso. Mas não tenciono provocá-lo. Bolas, Jubal, eu *gosto* daquele patetinha, de muitas maneiras.

— Hum... diabos te levem, continuas a subestimá-lo, Duke. Ouve, se sentes amizade por ele, o melhor que tens a fazer é oferecer-lhe um copo de água. Compreendes-me? Torna-te seu «irmão de água».

— Hum... vou pensar nisso.

— Mas, Duke, não o faças só por fazer. Se Mike aceitar a tua oferta, ele fá-lo-á muito a sério. Passará a confiar completamente em ti: por isso, não o faças, a menos que estejas disposto a confiar nele e a ajudá-lo, mesmo se as coisas ficarem feias. Fá-lo do coração.. ou então não o faças.

— Compreendo. Foi por isso que eu disse «vou pensar nisso».

— Está bem. Mas não leves muito tempo a resolver-te... estou à espera que as coisas fiquem feias muito em breve.

XIV

Em Laputa, segundo Gulliver, ninguém importante ouvia ou falava sem a ajuda de um *climenole* — ou *flapper*, na tradução inglesa: como tal, o dever dos criados era bater levemente a boca e as orelhas do seu amo com uma bexiga sempre que, *na opinião do servo*, era conveniente para o seu amo falar ou ouvir. Sem o consentimento do *seu flapper* era impossível conversar com qualquer laputiano da classe dominante.

O sistema *flapper* era desconhecido em Marte. Os Velhos marcianos precisariam tanto de *flappers* como as cobras precisam de sapatos. Os marcianos que ainda habitavam um corpo podiam ter usado *flappers*, mas não o fizeram; esse conceito era contrário à sua maneira de viver.

Se um marciano precisava de cinco minutos ou de anos de meditação, fazia-o simplesmente; se um amigo queria falar com ele, o amigo esperaria. Com toda uma eternidade à sua frente, não podia existir razão para pressas: «pressa» não existia como conceito na língua marciana. Rapidez, velocidade, simultaneidade, aceleração e outras abstrações do padrão de eternidade faziam parte das matemáticas marcianas, mas não da emoção marciana.

Pelo contrário, a pressa incessante da existência humana provém não das necessidades matemáticas de tempo mas sim da urgência frenética que está implícita na bipolaridade sexual humana.

No planeta Terra o sistema *flapper* desenvolveu-se lentamente. Em tempos idos, qualquer soberano terrestre aparecia em tribunal aberto, de modo que mesmo os mais humildes podiam comparecer perante o rei sem necessidade de intermediário. Algumas reminiscências disto permaneceram até bastante tempo depois de os reis começarem a rarear: um inglês podia gritar «Harold!» (contudo nenhum o fez) e os espertos governantes da cidade abriam-lhe as portas, isto em pleno século XX. Um resto deste princípio estava preservado na 1ª e 9ª Emendas à Constituição dos Estados Unidos, embora isso fosse substituído pelos Artigos da Federação Mundial.

Na época em que a *Champion* voltou de Marte, o princípio de acesso ao soberano estava, de facto, morto, fosse qual fosse a forma de governo nominal, e a importância de uma personagem podia ser medida pelas camadas de *flappers* que impediam a multidão de chegar até ele. Eram conhecidos como assistentes executivos, secretárias particulares, secretárias das secretárias particulares, secretários de imprensa, recepcionistas, marcadores de entrevistas, etc. — mas todos eles eram *flappers*, pois cada um deles podia vetar arbitrariamente a comunicação com o exterior.

Estas redes de oficiais resultavam em redes de não oficiais que serviam o Grande Homem sem a permissão dos *flappers* oficiais, usando reuniões sociais ou portas dos fundos, ou números de telefones que não constavam da lista. Estes não oficiais eram

denominados: «companheiros de golfe», «governo da cozinha», «intriguistas de corredor», «estadistas», «cinco por cento» e assim por diante. Os não oficiais transformavam-se também em autênticas teias, a ponto de serem quase tão difíceis de localizar como o Grande Homem, e apareciam não oficiais secundários para rodearem os *flappers* dos não oficiais de primeira. Para uma personagem de primeira importância, o labirinto de não oficiais era tão complexo como as falanges oficiais que rodeavam uma pessoa meramente importante.

O Dr. Jubal Harshaw, palhaço profissional, amador subversivo, e parasita por opção, mantinha uma atitude quase marciana em relação à «pressa». Tendo conhecimento de que lhe restava pouco tempo de vida e não possuindo a fé marciana ou do Cansas na imortalidade, decidira viver cada momento dourado como se fosse uma eternidade: sem medos, sem esperanças, com um prazer sibarítico. Para este objectivo ele requeria algo maior que o tonel de Diógenes, mas mais pequeno do que o agradável palácio de Kublai; vivia numa casa simples, alguns acres que mantinha privados graças a uma cerca de arame electrificado, uma casa com cerca de catorze quartos, secretárias permanentes e outros confortos modernos. Para suportar o seu austero retiro e o seu pessoal, despendia um esforço mínimo para a máxima compensação, porque era mais fácil ser-se rico que pobre: Harshaw desejava viver num luxuoso lazer, fazendo aquilo que o divertia.

Sentiu-se aborrecido quando as circunstâncias o forçaram a ter necessidade de se «apressar» e nunca seria capaz de admitir que isso lhe agradava.

Nessa manhã precisava de falar com o chefe executivo do planeta. Sabia que o sistema *flapper* tornava tal contacto quase totalmente impossível. Harshaw não quisera rodear-se de *flappers* próprios da sua categoria: atendia ele próprio o seu telefone quando acontecia passar por perto, pois isso quase sempre lhe dava oportunidade de ser rude para algum estranho que se atrevera a invadir sem qualquer causa a sua privacidade — «causa» na

definição de Harshaw. Sabia que não encontraria tais condições no Palácio Executivo; o Sr. Secretário-Geral não atenderia o seu telefone. Mas Harshaw tinha anos de prática em vencer pela astúcia os costumes humanos; entregou-se alegremente à resolução desse assunto, depois do café da manhã.

O seu nome levou-o lentamente através de várias camadas de *flappers*. Era um VIP suficientemente conhecido para que não lhe desligassem a chamada. Foi passando de uma secretária para outra e acabou a falar com um jovem muito delicado que parecia disposto a ouvi-lo indefinidamente, dissesse Harshaw o que dissesse — mas que não o poria em contacto com o Honorável Sr. Douglas.

Harshaw sabia que algo se passaria se proclamasse que tinha o Homem de Marte com ele, mas pensou que o resultado disso não lhe conviria. Calculava que qualquer menção a Smith faria desaparecer qualquer hipótese de falar com Douglas, ao passo que produziria reações da parte dos subordinados — coisa que ele não queria. Com a vida de Caxton em jogo, Harshaw não podia arriscar-se a falhar devido a qualquer subordinado com falta de autoridade ou excesso de ambição.

Mas esta maneira delicada de o despachar esgotou a sua paciência.

Finalmente vociferou:

— Meu caro jovem, se você não tem autoridade, deixe-me falar com alguém que a tenha! Passe-me o Sr. Berquist. O sujeito perdeu subitamente o sorriso e Jubal pensou alegremente que pelo menos o fizera corar. Por isso prosseguiu: Então? Não fique aí sentado! Chame Gil através da sua linha interna e diga-lhe que fez esperar Jubal Harshaw.

O rosto disse estupidamente:

— O Sr. Berquist não está aqui.

— Não me interessa onde ele está. Procure-o! Se não conhece Gil Berquist pergunte ao seu chefe. Sr. Gilbert Berquist, assistente pessoal do Sr. Douglas. Se trabalha no palácio deve ter visto o Sr. Berquist: trinta e cinco anos, um metro e oitenta de altura e cerca

de noventa quilos, cabelo louro, já a escassear, um grande sorriso e uma dentadura perfeita. Se não se atreve a perturbá-lo, peça ao seu chefe para o fazer. Deixe de roer as unhas e mexa-se!

O jovem disse:

— Espere um pouco, por favor. Eu vou perguntar.

— Claro que vou esperar. Encontre Gil.

A imagem foi substituída por um desenho abstracto; uma voz disse: «Por favor, espere até a sua chamada estar completa. Este atraso não é lançado na sua conta. Por favor, descontraia-se enquanto...»; ouviu-se música gravada; Jubal recostou-se e olhou em redor. A Anne estava a ler, fora do ângulo de visão do telefone. Do outro lado estava o Homem de Marte, também fora do alcance do aparelho; estava a ver estereovisão, ouvindo através de auscultadores.

Jubal reflectiu que ele devia ter aquela coisa obscena e palradora ligada para o canal principal.

— Que é que estás a ver, filho? — perguntou, ao mesmo tempo que se esticava e ligava o altifalante. Mike respondeu:

— Não sei, Jubal.

O som confirmou o que Jubal receara: Smith estava a ouvir um serviço religioso dos fosteritas; o pastor estava a ler um noticiário religioso: — ... a equipe de juniores Spirit-in-Action vai fazer uma demonstração, portanto venha cedo para ver o que se vai passar! O treinador da nossa equipe, o irmão Hornsby, pediu-me para vos dizer, a vocês rapazes, para trazerem apenas os vossos capacetes, luvas e *sticks*: desta vez não vamos atrás dos pecadores. Apesar disso, o Little Cherubim estará por perto com os seus estojos de primeiros socorros, para o caso de zelo excessivo. — O pastor fez uma pausa e o seu rosto abriu-se num largo sorriso. — E agora, notícias maravilhosas, meus filhos! Uma mensagem do Anjo Ramzai para o irmão Arthur Renwick e para a sua boa esposa, Dorothy. A vossa prece foi ouvida e vós ireis para o céu na madrugada de quinta-feira! Levanta-se Art! Levanta-te, Dottie! Agradeçam!

A câmara mudou de plano, mostrando a congregação e focando ao centro o irmão e a irmã Renwick. Aos entusiásticos aplausos e aos gritos de *Aleluia!*, o irmão Renwick respondia apertando as mãos sobre a cabeça, como um pugilista, enquanto atrás dele a sua mulher corava, sorria e limpava levemente os olhos.

A câmara recuou quando o pastor levantou a mão pedindo silêncio. Prosseguiu com vivacidade:

— A festa de Bon Voyage começará à meia-noite e as portas serão fechadas nessa altura: portanto, venham cedo para fazermos desta festa a maior a que o nosso rebanho já assistiu; todos temos orgulho no Art e na Dottie. Os funerais terão lugar trinta minutos depois do nascer do Sol, seguindo-se imediatamente o café da manhã para aqueles que têm de ir trabalhar cedo. — O rosto do pastor adoptou subitamente uma expressão severa e a câmara foi-se aproximando até a sua cabeça encher por completo a tela. — Depois da nossa última festa de Bon Voyage, o sacristão encontrou, num dos quartos da Felicidade, uma garrafa de quarto de litro vazia: contivera Brandy destilado por pecadores. Isso são águas passadas; o irmão que tinha escorregado, confessou e pagou sete vezes o valor da penitência, chegando mesmo a recusar o habitual desconto: tenho a certeza de que não voltará a fazê-lo. Mas parem e pensem, meus filhos: valerá a pena arriscar a felicidade eterna, para poupar alguns tostões numa mercadoria mundana? Procurem sempre aquele alegre e sagrado selo de garantia que tem a face sorridente do bispo Digby gravada. Não deixem que um pecador vos impinja uma coisa «igualmente boa». Os nossos patrocinadores apoiam-nos; eles merecem o vosso apoio. Irmão Art, lamento ter de trazer aqui tal assunto...

— Não tem importância nenhuma, pastor! Diga tudo o que tem a dizer!

— ... numa ocasião de tal felicidade, mas nunca devemos esquecer que...

Jubal desligou o circuito de som.

— Mike, isto não é nada do que tu precisas.

— Não?

— Hum... — Bolas, o rapaz tinha de aprender coisas como estas. — Está bem, continua. Mas fala comigo mais tarde.

— Sim, Jubal.

Harshaw ia começar a dar conselhos para equilibrar a tendência que Mike tinha para levar à letra tudo o que ouvia. Mas a música de espera do telefone começou a diminuir e deixou de se ouvir. A tela encheu-se com uma imagem: um homem dos seus quarenta anos, que Jubal rotulou de «chui». Jubal disse agressivamente:

— Você não é Gil Berquist.

— Qual é o seu interesse em Gil Berquist? Jubal respondeu, contendo a impaciência:

— Desejo falar com ele. Ouça, bom homem, você é funcionário público?

O homem hesitou.

— Sim. Você deve...

— Eu não «devo» nada! Sou um cidadão e os meus impostos ajudam a pagar os seus salários. Durante toda a manhã tenho estado a querer fazer um simples telefonema... e tenho sido passado de uma estúpida borboleta para outra, sendo todas elas alimentadas pelo erário público. E agora aparece-me *você*. Diga-me o seu nome, posto e número de contribuinte. Depois falarei com o Sr. Berquist.

— Não respondeu à minha pergunta.

— Então, então! Eu não tenho de responder; sou um cidadão privado. Você *não* é... e a pergunta que eu fiz pode ser feita por qualquer cidadão a um funcionário público. O'Kelly contra o Estado da Califórnia, 1972. Exijo que você se identifique: nome, posto, número.

O homem respondeu monocordicamente:

— O senhor é o Dr. Jubal Harshaw. Está a falar de...

— Ah, foi por isso que demorou tanto tempo? Isso é estúpido. A minha morada pode ser obtida em qualquer biblioteca, posto de correios, ou nas informações telefónicas. Quanto à minha identificação, toda a gente sabe quem eu sou. Todas as pessoas que sabem ler. Você sabe ler?

— Dr. Harshaw, eu sou um agente da polícia e estou a pedir a sua colaboração. Qual é a razão...

— Pobre homem! Eu sou advogado. Um cidadão é obrigado a colaborar com a polícia apenas em determinadas circunstâncias. Por exemplo, durante uma perseguição... caso este em que o polícia pode ser na mesma obrigado a mostrar as suas credenciais. Isto trata-se de «perseguição», senhor? Não me diga que está a preparar-se para mergulhar neste maldito instrumento? Em segundo lugar, um cidadão pode ser obrigado a cooperar dentro dos limites legais durante uma investigação policial...

— Isto é uma investigação.

— De quê, senhor? Antes de pedir a minha colaboração, tem de se identificar, assegurar-me da sua boa-fé, declarar o seu objectivo, e, se eu o exigir, citar o código e demonstrar que realmente existe essa «necessidade». Você não fez nada disto. Desejo falar com o Sr. Berquist.

Os músculos de tubarão do homem latejavam, mas respondeu:

— Sou o capitão Heinrich, do Departamento dos Serviços Secretos da Federação. O facto de estar a falar comigo depois de ter ligado para o Palácio Executivo deveria ser prova suficiente de que eu sou quem digo que sou. Contudo... — tirou uma carteira abriu-a rapidamente, e mostrou-a através do seu receptor. Harshaw olhou de relance para a identificação.

— Muito bem capitão — murmurou. Quer agora explicar-me por que é que me está a impedir de falar com o Sr. Berquist?

— O Sr. Berquist não está disponível.

— Então por que é que não disse logo? Transfira a minha chamada para alguém da categoria de Berquist. Quero dizer, uma

das pessoas que trabalham directamente com o secretário-geral, tal como Gil trabalha. Não estou interessado em que me impinjam um reles assistente que nem sequer tenha autoridade para se assoar a si próprio! Se Gil não está aí, então, por amor de Deus, ponha-me em contacto com alguém da categoria dele!

— O senhor tem estado a tentar falar com o secretário-geral.

— Precisamente.

— Muito bem, pode explicar que assunto é que tem a tratar com o secretário-geral?

— Não, não posso. Você é assistente confidencial do secretário-geral? Tem acesso aos seus segredos?

— Isso está fora de questão.

— É exactamente essa a questão. Como agente da polícia, devia sabê-lo melhor do que eu. Explicarei o que quero a uma pessoa que me pareça capaz de o perceber, e que seja da confiança do Sr. Douglas, para que eu possa ter a certeza de que o secretário-geral falará comigo. Tem a certeza de que não pode contactar com o Sr. Berquist?

— Certeza absoluta.

— Então terá de ser outra pessoa... da categoria dele.

— Se isso é um segredo tão grande, não devia dizê-lo pelo telefone.

— Meu bom capitão! Visto que tem a minha chamada localizada, sabe que o meu telefone está equipado para receber com a máxima segurança uma chamada feita para cá.

O agente dos S. S. ignorou isto. Em vez disso, respondeu:

— Doutor, vou ser rude. Até explicar qual é o seu assunto, não vai chegar a lado nenhum. Se tornar a telefonar, a sua chamada será ligada para este escritório. Telefone cem vezes... ou daqui a um mês. Será a mesma coisa. Até se resolver a cooperar.

Jubal sorriu alegremente.

— Não será necessário agora, pois você deixou escapar... inconscientemente, ou terá sido intencionalmente?... o único dado de que necessito antes de agir. Se tiver necessidade disso. Posso mantê-los afastados o resto do dia... mas a palavra de código já não é «Berquist».

— Que diabo é que você quer dizer?

— Meu caro capitão, por favor! Não falemos nisso num circuito vigiado! Mas você sabe, ou devia saber, que eu sou um filosofunculista profissional em actividade.

— Repita?

— Não estudou anfigur? Com a breca, o que eles ensinam nas escolas hoje em dia? Volte para o seu jogo de cartas; não preciso de si. — Jubal desligou, preparou o telefone para não receber chamadas durante dez minutos, e disse: — Vamos embora, meus filhos.

Voltou para o seu lugar de lazer perto da piscina. Aconselhou Anne a ter a sua túnica de testemunha à mão, disse a Mike para estar à escuta, e deu instruções a Miriam respeitantes ao telefone. Depois descontraíu-se.

Não se sentia desiludido. Não esperava conseguir falar com o secretário-geral imediatamente. A sua tentativa abria uma pequena brecha na muralha que rodeava o secretário e esperava que a sua discussão com o capitão Heinrich desse origem a um telefonema da parte de alguém de nível superior. Se isso não acontecesse, a troca de cumprimentos com o chui dos S. S. tinha sido compensadora e tinha-o deixado em brasa. Harshaw pensava que certos pés tinham sido feitos para serem pisados, de modo a melhorar a raça, promover o bem-estar geral e a minimizar a antiga insolência da função pública; tinha visto imediatamente que Heinrich possuía esse tipo de pés.

Mas quanto tempo é que ele podia esperar? Além do possível falhanço da sua «bomba» e do facto de ter prometido a Jill tomar medidas em nome de Caxton, havia outra coisa que o preocupava: Duke desaparecera.

Tinha desaparecido somente por um dia ou para sempre? Jubal não o sabia. Duke jantara com ele, mas não aparecera para o café da manhã. Nenhuma das pessoas que viviam com Harshaw o tinham visto, nem qualquer outra pessoa.

Jubal olhou para a piscina, observou Mike tentando dar um mergulho exactamente igual ao que Dorcas acabara de dar, e admitiu para si próprio que não tinha perguntado por Duke nessa manhã, conscientemente. A verdade é que não queria perguntar ao Lobo o que era feito dos Três porquinhos. O Lobo podia responder.

Bem, havia uma única maneira de pôr cobro a esta fraqueza.

— Mike! Vem cá.

— Sim, Jubal. — O Homem de Marte saiu da piscina e trotou na sua direcção como um impaciente cachorrinho. Harshaw olhou-o de alto a baixo, e pensou que ele devia estar a pesar mais uns dez quilos do que pesava quando chegara... e tudo em músculo.

— Mike, sabes onde está o Duke?

— Não, Jubal.

Bem, isto resolvia o assunto; o rapaz não sabia mentir... espera, calma! Jubal lembrou-se do hábito tipo-computador que Mike tinha de responder apenas ao que lhe perguntavam... e Mike dera a sensação de não saber onde estava aquela maldita garrafa, depois de ela ter desaparecido.

— Mike, quando é que o viste pela última vez?

— Vi o Duke subir as escadas quando eu e a Jill vínhamos a descer, esta manhã, na altura de preparar o café da manhã. — Mike acrescentou orgulhosamente: — Eu ajudei a cozinhar.

— Foi essa a última vez que viste o Duke?

— Não tornei a ver o Duke desde essa altura, Jubal. Queimei orgulhosamente as torradas.

— Aposto em como as queimaste. Darás um belo marido, se não tiveres cuidado.

— Oh. Vou queimá-las mais cuidadosamente.

— Jubal...

— Hã? Sim, Anne?

— Duke comeu qualquer coisa ao café da manhã e foi para a cidade. Pensei que sabia.

— Bom — contemporizou Jubal —, pensei que ele fazia tenção de partir depois de almoço.

Jubal suspirou, sentindo desaparecer-lhe um peso de cima dos ombros. Não que Duke significasse alguma coisa para ele — claro que não! Desde há muitos anos que evitava deixar que algum ser humano fosse importante para si — mas isso tê-lo-ia perturbado. Pelo menos um pouco...

Que lei é que era violada pelo facto de girar um homem a noventa graus de tudo o resto?

Não assassínio, pois o rapaz usava-o apenas em legítima defesa, ou em defesa de outra pessoa, Jill, por exemplo. As leis da Pensilvânia contra a bruxaria poderiam ser aplicadas... mas seria interessante ver quais os termos em que a acusação seria redigida.

Poderia admitir-se um processo civil. Dar abrigo ao Homem de Marte poderia ser considerado como «ofensa ou incómodo à moral pública»? Era provável que as novas leis do Direito tivessem evoluído, Mike já revolucionara os fundamentos da Medicina e da Física, embora aqueles que as praticavam não tivessem conhecimento disso. Harshaw recordou a tragédia que a relatividade tinha sido para muitos cientistas. Incapazes de a compreenderem, tinham encontrado refúgio na ira contra Einstein. O seu refúgio tinha sido um beco sem saída; tudo o que restava àquela velha-guarda era morrer e deixar que novos cérebros tomassem conta das coisas.

O seu avô contara-lhe que a mesma coisa se tinha passado na Medicina quando apareceu a teoria dos germes; os médicos dessa época tinham ido para a sepultura chamando a Pasteur mentiroso, louco, e outras coisas ainda piores — sem examinarem as provas de que o seu «senso comum» lhes dizia ser impossível.

Bem, era visível que Mike iria causar um sururu muito maior do que Pasteur e Einstein juntos. O que lhe recordou...

— Larry! Onde é que está o Larry?

— Aqui, patrão — anunciou o altifalante que estava atrás dele.
— Cá em baixo, no armazém.

— Tens o botão de pânico?

— Claro. Disse-me para dormir com ele. Foi o que eu fiz.

— Corre até cá acima e dá-o a Anne. Anne, guarda-o com a tua túnica. Ela acenou em sinal de assentimento. Larry respondeu:

— Vou imediatamente, patrão.

Jubal reparou que o Homem de Marte ainda estava à sua frente, imóvel como uma escultura. Escultura? Hum... Jubal procurou na sua memória, *David*, de Miguel Angelo! Sim, as mãos e os pés esguios, a face serenamente sensual, o cabelo demasiado comprido, despenteado.

— É tudo, Mike.

— Sim, Jubal.

Mas Mike continuava à espera. Jubal disse:

— Tens alguma coisa em mente, meu filho?

— Era sobre o que eu estava a ver naquela maldita-caixa-barulhenta. Você disse: «Mas fala comigo mais tarde».

— Oh. — Harshaw recordou a transmissão televisiva dos fosteritas e estremeceu. — Sim, mas não chames a essa coisa uma «maldita-caixa-barulhenta». É um receptor de estereovisão.

Mike parecia confuso.

— Não é uma «maldita-caixa-barulhenta»? Então não percebi bem o que você disse?

— Na verdade é uma maldita caixa barulhenta. Mas debes chamar-lhe receptor de estereovisão.

— Chamar-lhe-ei «receptor-de-estereovisão». Porquê, Jubal? Não groco.

Harshaw suspirou; já passara por isto muitas vezes. Qualquer conversa com Smith que dissesse respeito a reações do comportamento humano que não pudessem ser explicadas logicamente, e as tentativas para o explicar, eram extremamente consumidoras de tempo.

— Eu também não groco. Mike — admitiu Jubal, mas Jill quer que tu lhe chames assim.

— Fá-lo-ei, Jubal. Jill assim o quer.

— Agora conta-me o que viste e ouviste... e o que é que tu grocaste disso.

Mike recordava todas as palavras e ações da estereovisão, incluindo os anúncios. Dado que tinha quase acabado de ler a Enciclopédia, já lera artigos sobre «Religião», «Cristianismo», «Islamismo», «Confucionismo», «Budismo», e assuntos correlacionados. Não tinha grocado nada disto.

Jubal aprendeu que: *a)* Mike não sabia que a reunião dos fosteritas era religiosa; *b)* Mike lembrava-se do que lera sobre religiões, mas tinha arquivado isso para meditação futura, pois não compreendera; *c)* Mike tinha uma noção muito confusa daquilo que significava «religião», embora fosse capaz de citar nove definições de dicionário; *d)* a língua marciana não continha nenhuma palavra que fosse equivalente a *nenhuma* destas definições; *e)* os costumes que Jubal descrevera a Duke como sendo «cerimónias religiosas» marcianas não o eram. Para Mike, tais assuntos, eram, de facto, a mesma coisa que mercearias para Jubal; *f)* na língua marciana não era possível separar os conceitos humanos «religião», «filosofia» e «ciência» — e, visto que Mike pensava em marciano, não lhe era possível separá-los. Todos esses assuntos eram «ensinamentos» dos Velhos. Provavelmente nunca ouvira falar deles, nem de pesquisa (também não existia uma palavra em marciano para isto); as respostas a quaisquer perguntas vinham dos Velhos, os quais eram omniscientes e infalíveis, quer se tratasse de prever o tempo que ia fazer no dia seguinte, quer de teologia cósmica. Mike tinha assistido a um boletim meteorológico, e supusera que se tratava de uma

mensagem dos «Velhos humanos» para aqueles que ainda possuíam corpo. Supunha mais ou menos a mesma coisa acerca dos autores da *Enciclopédia Britânica*.

Mas o pior de tudo, na opinião de Jubal, era que Mike tinha grocado que o serviço religioso dos fosteritas estava a anunciar as desincorporações iminentes de dois humanos para se juntarem aos «Velhos humanos» — e Mike estava tremendamente excitado. Tinha grocado bem? Mike sabia que o seu inglês não era perfeito; cometia erros devido à sua ignorância de «ser apenas um ovo». Mas tinha grocado *isto* correctamente? Ele gostaria de conhecer um «Velho humano», tinha muitas perguntas para lhe fazer. Seria esta uma oportunidade? Ou teria de aprender mais antes de estar pronto?

Jubal foi salvo pela campainha; Dorcas chegou trazendo sandes e café. Jubal comeu em silêncio, o que Mike compreendeu, pois a sua educação tinha-lhe ensinado que comer era uma altura para meditação. Jubal debicava a comida enquanto ponderava — e se amaldiçoava por ter deixado Mike ver a estereovisão. Oh, o rapaz tinha de ter conhecimento das religiões — isso não podia ser evitado, se ele ia passar o resto da sua vida neste planeta confuso. Mas, caramba, teria sido melhor esperar até que Mike estivesse habituado ao distorcido padrão do comportamento humano... e nunca os fosteritas como primeira experiência!

Agnóstico devoto, Jubal considerava todas as religiões iguais desde o animismo dos Boximanes do Kalahari à fé mais intelectualizada. Mas, emocionalmente, gostava menos dumas que de outras, e a Igreja da Nova Revelação arrepiava-o. A arrogante pretensão dos fosteritas à gnose através de uma linha directa para o Céu, a sua arrogante intolerância, os seus comícios de futebol e os serviços de convenção de vendas — tudo isto o deprimia. Se a maior parte das pessoas gostam de ir à igreja, porque diabo é que elas não podiam ser dignas, tal como os católicos, os cientistas cristãos ou os quacres?

Se Deus existia (conceito em relação ao qual Jubal se mantinha neutral) e se Ele queria ser adorado (uma coisa que Jubal considerava improvável, mas apesar disso possível, à luz da sua

própria ignorância), então parecia extremamente improvável que um Deus tão poderoso que podia criar galáxias fosse influenciado pela série de disparates que os fosteritas ofereciam como «adoração».

Mas, pensando friamente, Jubal admitia que os fosteritas podiam possuir a Verdade, apenas a Verdade, e nada mais que a Verdade. O universo era, na melhor das hipóteses, um lugar absurdo... mas a explicação mais disparatada que se podia dar sobre ele era a antiexplicação do «acaso», o conceito de que as coisas abstractas «só por acaso» eram átomos, de que «só por acaso» se juntavam de maneira que «só por acaso» constituíam formas que «só por acaso» eram racionais, e que aqueles dois «só por acaso» eram o Homem de Marte e um velho tonto e careca com Jubal lá dentro.

Não, não podia engolir a teoria do «só por acaso», teoria essa que era popular entre homens que se autodenominavam cientistas. O acaso não era uma explicação convincente do universo — o acaso não era suficiente para explicar o acaso; não se conseguia explicar a si próprio.

Então que fazer? «A teoria das hipóteses» não merecia preferência; a rasoira de Occan não podia cortar às fatias o principal problema, a Natureza do Espírito de Deus (também Ihe podes chamar isso, seu velho patife; é um monossílabo anglo-saxónico com quatro letras que ainda é usado — e um provérbio, tão bom como qualquer outro, para aquilo que não percebes).

Havia alguma razão para preferir uma hipótese a outra? *Não!* Jubal admitia que, embora tivesse vivido uma longa vida, isso não Ihe permitira compreender os problemas básicos do universo. Os fosteritas podiam ter razão.

Mas lembrou a si próprio que Ihe restavam duas coisas: o seu gosto e o seu orgulho. Se os fosteritas tivessem o monopólio da Verdade, se o Céu estivesse unicamente aberto aos fosteritas, então ele, Jubal Harshaw, cavalheiro, preferia a eternidade de condenação dolorosa que era prometida aos pecadores que recusavam a Nova Revelação. Podia não ver a face de Deus... mas a sua visão era

suficientemente boa para distinguir entre os que lhe eram socialmente iguais — e aqueles fosteritas nem de longe se comparavam com ele!

Mas podia ver como Mike fora enganado: o fosterita, «indo para o céu» num momento escolhido, parecia realmente ser a mesma coisa que a «desincorporação» voluntária que, Jubal estava certo disso, era a prática habitual em Marte. Jubal desconfiava que a palavra mais adequada à prática dos fosteritas era «assassínio» — mas isso nunca fora provado e raramente insinuado. Foster tinha sido o primeiro a «ir para o Céu» com data marcada, morrendo num instante profetizado; desde aí, isso tinha sido uma graça especial da religião fosterita... e tinham-se passado anos sem que nenhum magistrado tivesse tido a coragem de investigar essas mortes.

Não que Jubal se importasse — um fosterita bom era um fosterita morto.

Mas ia ser difícil de explicar.

De nada servia ganhar tempo, e outra xícara de café não iria torná-lo mais fácil.

— Mike, quem fez o mundo?

— Perdão?

— Olha à tua volta. Tudo isto. Marte, também. As estrelas. Tudo. Eu, tu e toda a gente. Os Velhos disseram-te quem o fez?

Mike parecia confuso.

— Não, Jubal.

— Bem, já pensaste nisso? De onde é que veio o Sol? Quem é que pôs as estrelas no céu? Quem começou tudo? Tudo, todas as coisas, o mundo inteiro, o universo.... para que fosse possível que eu e tu estivéssemos aqui a conversar. — Jubal fez uma pausa, admirado consigo próprio. Tencionara fazer a habitual aproximação agnóstica... e deu consigo a seguir compulsivamente a sua educação legal, comportando-se como um honesto advogado, e apesar do que ele próprio pensava, tentando apoiar uma crença religiosa que ele não partilhava, mas que era aceite pela maior parte dos seres

humanos. Quer ele quisesse quer não, era representante da ortodoxia da sua própria raça contra... não tinha bem a certeza de quê. Um ponto de vista tão humano. — Como é que os vossos Velhos respondem a estas perguntas?

— Jubal, eu não groco... que essas sejam «*perguntas*». Peço desculpa.

— Hã? Não groco a tua resposta. Mike hesitou.

— Eu vou tentar. Mas as palavras não... *não* são... correctas. Não é «por». Não é «fazer». É um *agora*. O mundo é. O mundo era. O mundo será. *Agora*.

— Tal como era no começo, é agora e será sempre assim, mundo sem fim.

Mike sorriu alegremente.

— Tu grocas!

— Eu não groco — respondeu Jubal bruscamente. Estava a citar uma coisa, hum, que um «Velho» disse.

Decidiu tentar uma outra forma de aproximação; Deus, o Criador, não era o aspecto mais aconselhável da Divindade para usar como abertura: Mike não entendia a ideia da Criação. Bem, Jubal, também não tinha a certeza de o compreender; há muito tempo, fizera um pacto consigo próprio: tomar como postulado um universo criado sobre dias numerados, um universo eterno e espontâneo baseado em dias estranhamente numerados: pois cada hipótese, completamente paradoxal, evitava os paradoxos de outra — marcando um dia de cada ano bissexto para pura devassidão solipsista. E tendo arrumado essa pergunta, para a qual não havia resposta, ele nunca mais pensara nisso.

Jubal decidiu explicar a religião no seu sentido mais amplo e resolver mais tarde a questão da noção da Divindade e dos Seus aspectos.

Mike concordou que os conhecimentos variavam de tamanho, desde os pequenos ensinamentos que um ovo podia grocar, até aos grandes ensinamentos que apenas um Velho podia grocar na sua

totalidade. Mas a tentativa de Jubal para traçar uma linha entre os pequenos ensinamentos e os grandes, a fim de que os «grandes ensinamentos» tivessem o significado de «questões religiosas», não obteve êxito; algumas questões religiosas, para Mike; não pareciam ser questões (tal como a «Criação») e outras pareciam-lhe ser «pequenas» questões, pois possuíam respostas que eram óbvias para os ovos — tal como a vida após a morte.

Jubal deixou este assunto e passou para a multiplicidade das religiões humanas. Explicou que os humanos possuíam centenas de maneiras, através das quais os «grandes ensinamentos» eram ensinados, cada qual com as suas próprias respostas e pretendendo, todas elas, serem a verdade.

— Que é «verdade»? — perguntou Mike.

(«Que é a Verdade?», perguntou um juiz romano, e lavou as suas mãos. Jubal desejou poder fazer o mesmo.)

— Uma resposta é verdadeira quando tu falas correctamente, Mike.

Quantas mãos é que eu tenho?

— Duas mãos. Eu vejo duas mãos — emendou Mike. Anne levantou o olhar do livro.

— Em seis semanas, podia fazer dele uma testemunha.

— Está calada, Anne. Isto já é bastante difícil. Mike, tu falaste correctamente; eu tenho duas mãos. A tua resposta é verdadeira. Supõe que dizias que eu tinha sete mãos?

Mike pareceu perturbado.

— Eu não groco que pudesse dizer uma coisa dessas.

— Não, também acho que não podias. Não falarias correctamente se o fizesses; a tua resposta não seria verdadeira. Mas, Mike... ouve com atenção: cada uma das religiões pretende ser a verdadeira, pretende falar correctamente. Contudo as suas respostas são tão diferentes como duas mãos são diferentes de sete. Os fosteritas dizem uma coisa, os budistas dizem outra, os

muçulmanos dizem ainda outra... muitas respostas, todas diferentes umas das outras.

Mike parecia estar a fazer um enorme esforço.

— Todos falam correctamente? Jubal, eu não groco.

— Eu também não.

O Homem de Marte parecia perturbado: depois, subitamente, sorriu.

— Vou pedir aos fosteritas para perguntarem aos vossos Velhos e depois sabermos, meu irmão. Como é que hei-de fazer isto?

Alguns minutos mais tarde, Jubal apercebeu-se, para seu desgosto, de que tinha prometido a Mike uma entrevista com um daqueles fosteritas linguareiros. Também não tinha sido capaz de abalar a suposição de Mike, segundo a qual os fosteritas estavam em contacto com os «Velhos humanos». A dificuldade de Mike era que ele não sabia o que era uma mentira — definições de «mentira» e de «falsidade» tinham sido arquivadas no seu espírito sem vestígios alguns de terem sido grocadas. Uma pessoa só podia «falar erradamente» por mero acaso. Portanto ele tomara o serviço religioso dos fosteritas pelo seu valor aparente.

Jubal tentou explicar que *todas* as religiões humanas tinham a pretensão de estarem em contacto com os Velhos de uma maneira ou de outra; contudo, as suas respostas eram todas diferentes.

Mike parecia pacientemente perturbado.

— Jubal, meu irmão, eu tento... mas não groco como é que isso pode ser verdade. Com o meu povo, os Velhos falam sempre correctamente. O vosso povo...

— Espera aí, Mike.

— Perdão?

— Quando disseste «o meu povo» estavas a falar dos Marcianos. Mike, tu não és marciano; tu és um homem.

— Que é um «homem»?

Jubal suspirou. Mike era capaz, ele tinha a certeza, de citar as definições dos dicionários. Contudo, o rapaz nunca fazia uma pergunta apenas para aborrecer; ele perguntava sempre com o fim de se informar — e esperava que Jubal fosse capaz de lhe responder.

— Eu sou um homem, tu és um homem, Larry é um homem.

— Mas a Anne não é homem?

— Hum... A Anne é um homem, um homem fêmea. Uma mulher. («Obrigado, Jubal» — «Cala-te, Anne.»)

— Um bebê é um homem? Eu vi fotografias e na maldita-cai... na estereovisão. Um bebê não tem a mesma forma de Anne... e Anne não tem a mesma forma que você... e você não tem a mesma forma que eu. Mas um bebê é um homem pequeno?

— Hum... sim, um bebê é um homem.

— Jubal... penso grocar que o meu povo... os «Marcianos»... são homens. Não em forma. Forma não é homem. Homem é grocar. Estou a falar correctamente?

Jubal decidiu demitir-se da Sociedade Filosófica e começar a fazer renda! Que era «grocar»? Há uma semana que vinha usando a palavra — e não a grocava. Mas, afinal, que era «homem»? Um bípede sem penas? A imagem de Deus? Ou um resultado fortuito de «sobrevivência dos mais aptos» numa definição circular? O herdeiro da morte e dos impostos? Os Marcianos pareciam ter derrotado a morte, e pareciam não possuir dinheiro, propriedade, ou governo em qualquer dos sentidos humanos — portanto, como é que eles podiam ter impostos?

Contudo, o rapaz tinha razão: ao definir o «homem» a forma era tão irrelevante como a garrafa que contém o vinho. Até se podia tirar um homem da sua garrafa, como aquele pobre sujeito, cuja vida foi «salva» pelos russos colocando o seu cérebro numa redoma de vidro e ligando-o como se fosse uma central telefónica. Caramba, que piada de mau gosto! Perguntou a si próprio se o pobre diabo apreciaria o humor.

Mas *em quê*, do ponto de vista de um marciano, os homens diferiam dos outros animais? Uma raça que podia levitar (e sabe Deus que mais) poderia impressionar-se com a engenharia? Se assim fosse quem ganharia o primeiro prémio... a Barragem de Assuão ou os mil e quinhentos quilómetros do recife de coral? A racionalidade do homem? Puro conceito, não existia maneira de provar que os cachalotes ou as sequóias não era melhores filósofos e poetas que os humanos.

Existia um campo em que o homem era invencível; mostrava uma ingenuidade ilimitada ao inventar as maneiras cada vez mais eficazes de matar, de escravizar, de perseguir, e em todas elas acabava por se prejudicar a si próprio. O homem era a piada mais sinistra sobre si próprio. A autêntica pedra-chave do humor era...

— O homem é o animal que ri — respondeu Jubal. Mike considerou isto.

— Então eu não sou um homem.

— Hã?

— Eu não rio. Ouvei rir e isso assustou-me. Em seguida groquei que isso não fazia doer. Tentei aprender...

Mike lançou a cabeça para trás e deixou escapar um áspero cacarejo. Jubal tapou os ouvidos.

— Pára!

— Você ouviu — concordou Mike, tristemente. — Não sou capaz de o fazer correctamente. Portanto não sou um homem.

— Espera um segundo, meu filho. Simplesmente ainda não o aprendeste... nunca aprenderás a tentar. Mas há-de saber rir, prometo-te. Se viveres entre nós o tempo suficiente, um dia descobrirás como somos engraçados... e rir-te-ás.

— Sério?

— Sério. Não te preocupes, deixa que isso aconteça naturalmente. Pois, meu filho, até mesmo um marciano se riria depois de nos ter grocado.

— Esperarei — concordou Smith placidamente.

— E, enquanto esperas, não duvides que és um homem, és, sim. Um homem nascido de uma mulher, e nascido para se preocupar... e um dia grocarás toda a sua complexidade e nesse dia rir-te-ás: porque o homem é o animal que ri de si próprio. Quanto aos teus amigos marcianos, não sei. Mas groco que é possível que eles sejam «homens».

— Sim, Jubal.

Harshaw pensou que a entrevista tinha acabado e sentiu-se aliviado. Não tornara a sentir-se assim tão embaraçado desde aquele longínquo dia em que o seu pai lhe tinha explicado a história dos passarinhos, das abelhas e das flores — *demasiado* tarde.

Mas o Homem de Marte ainda não estava satisfeito.

— Jubal, meu irmão, perguntou-me: «Quem fez o Mundo?» E eu não tive palavras, porque não groquei que isso fosse uma pergunta. Estive a pensar em palavras.

— Ah, sim?

— Você disse-me: «Deus fez o Mundo.»

— Não, não! — disse Harshaw. — Eu disse-te isso porque as religiões dizem muitas coisas e a maior parte delas dizem que «Deus fez o Mundo.» Eu disse-te que não grocava isso na sua totalidade, mas que «Deus» era a palavra usada.

— Sim, Jubal — concordou Mike. A palavra é «Deus» — E acrescentou: — Você groca.

— Devo admitir que não groco.

— Você groca — repetiu Smith firmemente — Eu explico. Eu não tinha a palavra. Você groca. A Anne groca. Eu groco. As relvas debaixo dos meus pés grocam em perfeita felicidade. Mas eu precisava da palavra. A palavra é Deus.

— Continua.

Mike apontou triunfantermente para Jubal.

— Tu és Deus!

Jubal bateu com a mão na cara.

— Oh, Jesus... *Que é que eu fiz?!* Ouve, Mike, tem calma! Tu não me compreendeste. Lamento, lamento muito! Esquece o que eu disse e tornaremos a falar disto um outro dia. Mas...

— Tu és Deus — repetiu Mike serenamente. — Aquele que groca. A Anne é Deus. Eu sou Deus. As alegres relvas são Deus. Jill groca sempre com beleza. Jill é Deus. Todos criando, formando e construindo juntos... — Balbuciou algumas palavras em marciano e sorriu.

— Está bem, Mike. Mas não penses nisso. Anne! Estiveste a prestar atenção a isto?

— Claro, patrão!

— Toma nota. Tenho de escrever sobre isto. *Não* posso deixá-lo escapar. Tenho... — Jubal olhou para cima e disse: — Oh, meu Deus! O quartel-general, toda a gente! *Anne!* Programa o botão de pânico para «homem morto»... e, por amor de Deus, não tires o dedo de cima dele: talvez não se dirijam para cá. — Olhou de novo para o ar, para dois carros aéreos que se aproximavam vindos do sul. — Receio que venham. Mike! Esconde-te na piscina! Lembra-te do que eu te vou dizer: lá em baixo, na parte mais funda da piscina, fica lá, quieto... não venhas para cima até eu mandar a Jill chamar-te.

— Sim, Jubal.

— Vai já. Despacha-te!

— Sim, Jubal. — Mike subiu os degraus, entrou na água e desapareceu. Conservou os joelhos direitos, pés juntos e dedos esticados.

— *Jill!* — chamou Jubal. — Mergulhe e suba outra vez. Tu também, Larry. Se alguém viu isto, quero que eles fiquem confundidos com o número de pessoas que usaram a piscina. Dorcas! Sobe outra vez, depressa, minha filha, e mergulha outra vez. Anne... não, tu tens o botão de pânico.

— Posso levar a minha capa e ir para a borda da piscina. Patrão, quer que suspenda a programação de «homem morto»?

— Hum, trinta segundos. Se eles aterrarem, veste a tua túnica de testemunha e volta a pôr o dedo no botão. Depois esperas; e só largas o botão se eu te chamar para vires ao pé de mim. Não me atrevo a gritar «Lobo!», a menos... — Jubal protegeu os olhos. — Um deles vai aterrar... e tem aspecto de quem não vem com boas intenções. Oh, com os diabos! Pensei que eles iam negociar.

O primeiro carro deu umas voltas no ar e desceu para aterrar no jardim à volta da piscina; o segundo começou a circular a baixa altitude. Os carros eram pequenos e ostentavam uma pequena insígnia: o estilizado globo da Federação.

Anne pousou o retransmissor de rádio, vestiu rapidamente a sua túnica, tornou a pegar no retransmissor e colocou o dedo em cima do botão. A porta do primeiro carro abriu-se assim que tocou no solo e Jubal carregou na sua direcção com a agressividade de um pequinês. Assim que o homem saiu, Jubal gritou-lhe:

— Tire essa maldita sucata de cima das minhas roseiras!

O homem disse:

— Jubal Harshaw?

— Diga àquele imbecil para levantar aquela lata e *recuar* para cima da relva! Anne!

— Vou já, patrão.

— Jubal Harshaw, tenho um mandato para...

— Não me interessa se você tem um mandato do rei de Inglaterra; tire aquele monte de sucata de cima das minhas flores! Depois vou processá-lo por... — Jubal olhou para o homem, pareceu-lhe ser a primeira vez que o via. — Oh, então é *você* — disse com azedume. — Você já nasceu estúpido, Heinrich, ou teve de estudar? Onde é que aquele burro fardado aprendeu a voar?

— Por favor, examine este mandato — disse o capitão Heinrich, cautelosamente. — Depois...

— Tire a sua cadeirinha com rodas de cima dos meus canteiros de flores ou eu levantarei um processo de direitos civis que lhe custará a sua reforma!

Heinrich hesitou.

— *Imediatamente!* — gritou Jubal. — E diga àqueles brutamontes que escolham o sítio onde põem os pés! Aquele idiota com dentes de coelho está em cima de uma *Elisabeth M. Hewit* premiada!

Heinrich voltou a cabeça.

— Vocês aí... cuidado com essas flores. Paskin, estás em cima duma. *Rogers!* Levanta o carro e sai do jardim. — Voltou-se para Harshaw. — Está satisfeito?

— Desde que ele saia dali... mas você terá de pagar os estragos. Vamos lá a ver as suas credenciais... e mostre-as à testemunha e diga em voz alta e claramente o seu nome, posto, organização e número de contribuinte.

— O senhor sabe quem eu sou. Tenho um mandato para...

— E eu tenho um mandato para lhe fazer risco ao meio com um tiro se você não fizer as coisas legalmente e com ordem! *Eu* não sei quem você é. Você parece ser um indivíduo presunçoso, verifiquei isso pelo telefone... mas eu não o identifico. *Você* é que tem de se identificar, de modo específico, Código Mundial, parágrafo 1602, segunda parte, antes de apresentar um mandato. E o mesmo se aplica aos outros gorilas e àquele piteco parasita que pilota o seu carro.

— São agentes da polícia agindo sob as minhas ordens.

— *Eu* não sei quem eles são. Podem muito bem ter alugado estes uniformes de palhaços num guarda-roupa. Lei é lei, senhor! Você invadiu o meu castelo. *Diz* que é um agente da polícia... e alega que tem um mandato que justifica esta intrusão. Mas *eu* afirmo que os senhores são invasores de propriedade privada até que você me prove outra coisa... o que me faz recordar do meu direito soberano que me permite usar a força para vos expulsar, o que eu vou começar a fazer dentro de três segundos.

— Eu não lhe o aconselhava.

— E quem é *você* para aconselhar? Se eu for ferido ao pôr em vigor este meu direito, a vossa ação transforma-se em «assalto construtivo»... com armas mortais, se é que as coisas que aqueles estúpidos empunham são armas, como parecem ser. Civil e criminal, ao mesmo tempo; razão pela qual eu aproveitarei a sua pele para fazer um capacho para a entrada! — Jubal recuou o seu braço franzino e cerrou o punho. — *Fora* da minha propriedade!

— Calma, doutor. Façamo-lo à sua maneira.

Heinrich estava vermelho, mas controlou a voz. Mostrou a sua identificação, para a qual Jubal olhou de relance, tirando-a depois da mão de Heinrich para a mostrar a Anne. Em seguida recitou o seu nome, disse que era um capitão da polícia do Departamento dos Serviços Especiais da Federação, e soletrou o seu número de contribuinte. Um por um, todos os outros soldados e o condutor recitaram a algaraviada, sob as ordens ditadas pelo rosto glacial de Heinrich.

Quando acabaram, Jubal disse docemente:

— E agora, capitão, em que é que lhe posso ser útil?

— Tenho um mandato de captura para Gilbert Berquist, mandato esse que cita esta propriedade, os seus edifícios e terrenos.

— Mostre-me e depois mostre-o à testemunha.

— Assim farei. Tenho um outro mandato, similar ao primeiro, para Gillian Boardman.

— Quem?

— Gillian Boardman. A acusação é rapto.

— Meu Deus!

— E outro para Hector C. Johnson... outro para Valentine Michael Smith... e outro para *si*, Jubal Harshaw.

— Eu? Outra vez os impostos?

— Não. Umás coisas e outras... e cúmplice entre outras coisas... e eu próprio o deteria por obstrução à justiça, se este mandato não o tornasse desnecessário.

— Ora, então, capitão! Tenho cooperado muito mais, desde que você se identificou e começou a actuar dentro da lei. E continuarei a fazê-lo. Claro, não deixarei por isto de o processar a si, ao seu superior e ao Governo, pelos vossos actos ilegais cometidos *antes* desta altura... e não ponho de parte a ideia de recorrer de novo aos meus direitos para me proteger daquilo que qualquer de vós possa fazer daqui em diante. Hum... realmente é uma grande lista de vítimas. Estou a ver porque é que trouxeram aquele carro extra. Mas... valha-me Deus!, há aqui algo de esquisito. Esta, hum, Sra. Barkmann?, vejo que ela é acusada de raptar este sujeito, o Smith... mas neste outro mandato parece que *ele* é acusado de fuga. Estou muito confuso.

— É ambas as coisas. Ele fugiu... e ela raptou-o.

— Não lhe parece que isso é difícil de conseguir? Quer dizer, ambas as coisas ao mesmo tempo? E sob que acusação é que ele estava detido? O mandato parece não o dizer!

— Como é que eu hei-de saber? Ele fugiu, é tudo. É um fugitivo.

— Deus meu! Parece-me que vou ter de oferecer os meus maus serviços como conselheiro a todos eles. Caso interessante. Se foi cometido um erro... ou erros... isso poderá conduzir a outros assuntos.

Heinrich sorriu friamente.

— Isso não será fácil. Você também estará na prisão.

— Oh, não por muito tempo, tenho confiança. — Jubal levantou a voz e virou a cabeça na direcção da casa. — Acho que, se o juiz Holland estiver a ouvir, os processos de *habeas corpus*, para todos nós, estarão prontos extremamente depressa. E se a Associated Press tiver por acaso um carro de exteriores aqui perto, não se perderia tempo em saber qual a *razão* desses mandatos.

— Sempre o mesmo jogo baixo, hem, Harshaw?

— Difamação, meu caro senhor. Vou tomar nota.

— Isso há-de servir-lhe para uma grande coisa. Estamos sós.

— Estamos?

XV

Valentine Michael Smith nadou através da água turva para a parte mais funda da piscina, por baixo da prancha de saltos, e imobilizou-se no fundo. Não sabia porque é que o seu irmão lhe dissera para se esconder; não sabia que estava escondido. Jubal dissera-lhe para fazer isto e permanecer lá até a Jill o ir buscar; era suficiente.

Enroscou-se, deixou sair o ar dos pulmões, engoliu a língua, rolou os olhos, abrandou o coração, e ficou efectivamente «morto», só que não estava desincorporado. Alongou o seu sentido de tempo para que os segundos parecessem horas, pois tinha muito em que meditar.

Falhara outra vez ao querer atingir a compreensão perfeita, a completa relação mútua — o groque — que devia existir entre irmãos de água. Sabia que o erro era seu, causado pelo uso errado que ele fazia com a estranha e variável linguagem humana, pois Jubal ficara perturbado.

Sabia que estes irmãos humanos podiam sofrer intensa emoção sem danos. Apesar disso, Smith estava extremamente arrependido por ter causado perturbação a Jubal. Tinha-lhe parecido que finalmente percebera uma palavra humana muito difícil. Devia ter percebido ainda melhor, pois logo ao princípio da sua aprendizagem, sob a orientação do seu irmão Mahmoud, descobrira que as palavras humanas mais longas raramente alteravam os seus significados, enquanto as palavras curtas eram enganadoras, alterando-se sistematicamente. Ou, pelo menos, ele assim julgava ter grocado. As palavras curtas da linguagem humana eram como tentar levantar água com uma faca.

Esta era uma palavra muito curta.

Smith continuava a sentir que grocara bem a palavra humana «Deus» — a confusão tinha sido originada pelo seu falhanço ao tentar escolher outra palavra. O conceito era tão simples, tão básico, tão necessário, que até um ovo o podia explicar — em marciano. O problema era encontrar palavras humanas que o deixassem falar correctamente, e ter a certeza de que as tinha escolhido de forma a coincidirem na sua totalidade com a expressão usada na língua do seu povo.

Ficou confundido com o facto de ter dificuldade em o dizer, mesmo em inglês, pois era uma coisa que toda a gente sabia... de outro modo não poderiam grocar vivos. Possivelmente devia perguntar aos Velhos humanos como é que havia de dizer, pois isso era preferível a ter de lutar com significados incertos. Assim, teria de esperar até que Jubal arranjasse essa entrevista, pois ele era apenas um ovo.

Sentiu uma certa pena por não ter o privilégio de assistir à desincorporação do irmão Art e do irmão Dottie.

Depois acalmou-se para rever o dicionário da língua inglesa *Webster New International*, terceira edição, publicado em Springfield, Massachusetts.

De uma grande distância, Smith foi assaltado por uma estranha sensação de que os seus irmãos de água estavam em perigo. Fez uma pausa entre «sherbacha» e «sherbet» para ponderar isto. Devia deixar a água da vida para se lhes juntar e partilhar os seus problemas? Em casa não teria hesitado; os problemas eram para ser partilhados, em alegre proximidade.

Mas Jubal dissera-lhe para esperar.

Reviu as palavras de Jubal, comparando-as com outras, assegurando-se de que as grocara. Não, ele tinha grocado correctamente; tinha de esperar até que Jill viesse.

Apesar disso, estava tão preocupado que não foi capaz de voltar para a sua caça às palavras. Finalmente teve uma ideia tão cheia de alegre atrevimento que teria começado a tremer se o seu corpo estivesse activo.

Jubal dissera-lhe para colocar o seu corpo debaixo de água e para o deixar aí até que Jill chegasse... Mas Jubal dissera que ele, *ele próprio*, tinha de esperar com o corpo?

Smith levou um certo tempo a pensar nisto, sabendo que as enganadoras palavras inglesas o podiam induzir em erro. Concluiu que Jubal não lhe ordenara que ficasse com o seu corpo... e isso deixava-lhe uma saída para escapar à maldade de não partilhar os problemas dos seus irmãos.

Assim pensando, Smith decidiu dar um passeio.

Estava atónito com a sua própria audácia, pois, embora já o tivesse feito antes, nunca o tinha feito «sozinho». Tinha estado sempre junto de si um Velho, observando-o, assegurando-se de que o seu corpo estava seguro, evitando que ele se desorientasse, permanecendo com ele até Smith voltar novamente para o seu corpo.

Agora não havia nenhum Velho para o ajudar. Mas Smith estava confiante em ser capaz de o fazer sozinho, de um modo que encheria de orgulho o seu professor. Assim, examinou cada uma das partes do seu corpo, assegurou-se de que ele não sofreria danos enquanto estivesse fora, e em seguida saiu cuidadosamente de dentro dele, deixando atrás de si aquela coisa insignificante que o protegia.

Elevou-se e pôs-se de pé na borda da piscina, procurando comportar-se como se o seu corpo estivesse com ele, isto para o proteger contra a desorientação — para que ele não perdesse o rasto da piscina, do corpo, de tudo, e para que não começasse a vaguear por lugares desconhecidos onde não poderia encontrar o caminho de regresso. Smith olhou em redor.

Um carro estava a aterrar no jardim, e os seres por baixo dele queixavam-se de injúrias e insultos. Era este o problema que ele tinha sentido? As relvas eram feitas para que andassem em cima delas, mas as flores e os arbustos não eram — isto era uma maldade.

Não, havia mais maldade. Um homem saía do carro, com um pé prestes a tocar no chão, e Jubal corria na sua direcção. Smith podia ver a fúria que Jubal sentia contra o homem, uma explosão tão furiosa que, se um marciano a tivesse experimentado contra outro, ambos se teriam desincorporado.

Smith anotou isto como algo para ponderar e, se se tratasse de uma «situação crítica», decidir o que é que devia fazer para ajudar o seu irmão. Em seguida olhou para os outros.

Dorcas estava a sair da piscina; estava preocupada, mas não em demasia; Smith podia sentir a confiança que ela depositava em Jubal. Larry estava na borda e tinha acabado de sair da piscina; gotas de água que caíam do seu corpo flutuavam no ar. Larry estava excitado e satisfeito; a sua confiança em Jubal era absoluta. Miriam estava perto dele; o seu estado de espírito estava a meio caminho entre o de Dorcas e o de Larry. Anne estava de pé, perto deles, vestindo a longa túnica branca que tinha guardado com ela todo o dia. Smith não podia grocar completamente o seu estado de espírito; sentia nela a fria e inflexível disciplina de um Velho. Isso surpreendeu-o, pois Anne era sempre delicada, gentil e calorosa.

Viu que ela observava Jubal com atenção e que estava pronta a ajudá-lo. E Larry também!... e Dorcas!... e Miriam! Com uma explosão de empatia, Smith apercebeu-se de que todos estes amigos eram irmãos de água de Jubal — e, conseqüentemente seus. Esta descoberta chocou-o a tal ponto que quase o fez perder a estabilidade. Acalmando-se, deteve-se para apreciar e proteger todos eles, um por um e todos juntos.

Jill estava agarrada à borda da piscina e Smith sabia que ela estivera debaixo de água, assegurando-se de que ele estava em segurança. Apercebera-se da sua presença quando ela o tinha feito... mas agora sabia que ela não estava apenas preocupada com a sua segurança; Jill sentia uma outra e maior preocupação, preocupação essa que não era aliviada por saber que o seu corpo estava a salvo sob a água da vida. Isto perturbou-o muito, e Smith considerou a hipótese de ir até junto dela e dar-lhe a conhecer que ele estava com ela e partilhava o seu problema.

Teria feito isso se não tivesse uma leve sensação de culpa: não tinha a certeza se Jubal gostaria que ele andasse a passear enquanto o seu corpo estava na piscina. Comprometeu-se a não partilhar os seus problemas — e a dar-lhes a conhecer que estava presente se isso se tornasse necessário.

Smith concentrou então a sua atenção no homem que estava a sair do carro aéreo, sentiu as suas emoções e recuou perante elas, forçado a examiná-lo cuidadosamente, por dentro e por fora.

Dentro de uma coisa com a forma de bolso preso à sua cintura, o homem transportava uma arma.

Smith tinha quase a certeza de que se tratava de uma arma. Examinou-a em pormenor, comparando-a com as outras armas que tinha visto e vendo se ela coincidia com a definição do dicionário *Webster* da língua inglesa terceira edição, publicado em Springfield, Massachusetts.

Sim, era uma arma — não só na forma, mas também na maldade que a rodeava e a penetrava. Smith deu uma vista de olhos pelo cano da arma, viu como ela devia funcionar, e toda aquela maldade surpreendeu-o.

Devia transformá-la e fazê-la desaparecer, levando com ela a sua maldade? Fazê-lo antes de o homem acabar de sair do carro? Smith sentiu que devia... mas Jubal dissera-lhe certa vez que não fizesse isso a uma arma antes de Jubal lhe comunicar que chegara a altura.

Apercebia-se agora de que esta era realmente uma «situação crítica». mas Smith decidiu pensar nesta situação até grocar tudo — pois era possível que Jubal, sabendo que «uma situação crítica» se aproximava, o mandasse buscar debaixo de água para evitar que agisse erradamente.

Esperaria... mas continuaria a observar esta arma. Não estando limitado apenas aos olhos, pois estava apto a ver tudo o que se passava em redor, se isso fosse necessário, continuou a observar a arma e o homem enquanto este foi dentro do carro.

Mais maldade do que ele julgara possível! Outros homens estavam ali, todos eles amontoando-se ao pé da porta. Os seus espíritos cheiravam como um bando de Khaugha que farejassem o rasto de uma ninfa imprevidente... e todos eles seguravam nas mãos uma coisa possuindo maldade.

Tal como dissera Jubal, Smith sabia que a forma nunca era uma característica determinante; era necessário ir além da forma até à essência, para poder grocar completamente. O seu próprio povo passava por cinco importantes formas: ovo, ninfa, companheiro de ninho, adulto... e Velho, que não possuía forma. Contudo a essência de um Velho estava presente no ovo.

Estas coisas pareciam armas. Mas Smith não as assumiu como tal; examinou uma delas mais cuidadosamente. Era maior que qualquer das armas que ele tinha visto, a sua forma era diferente, e os seus pormenores eram bastante diferentes.

Mas era uma arma.

Examinou cada uma das outras com idêntica atenção. Eram armas.

O único homem que ainda estava sentado tinha, presa a si, uma pequena arma. O carro possuía duas enormes armas — mais umas outras coisas que Smith não podia grocar, mas nas quais sentia maldade.

Considerou a hipótese de fazer desaparecer o carro, o seu conteúdo e tudo. Mas, além da sua inibição em relação a desperdiçar comida, sabia que não tinha grocado o que estava a acontecer. Era preferível mover-se lentamente, observar cuidadosamente, e ajudar e partilhar a situação crítica seguindo as indicações de Jubal... e, se a ação acertada fosse permanecer passivo, então voltar para o seu corpo quando a agitação tivesse passado e discutir isto com Jubal mais tarde.

Foi para junto do carro e observou, ouviu e esperou. O primeiro homem a sair falou com Jubal a respeito de coisas que Smith apenas podia arquivar, pois não as grocava; estavam para além da sua experiência. O outro homem saiu e afastou-se; Smith

desdobrou a sua atenção para os observar a todos. O carro levantou, recuou e tomou a parar, aliviando os seres sobre os quais tinha estado pousado; Smith grocou com eles, tentando diminuir os seus ferimentos.

O primeiro homem entregou uns papéis a Jubal; passaram para a mão de Anne. Smith leu-os com ela. Reconheceu a forma das suas palavras como sendo relacionadas com rituais humanos de cura e de equilíbrio; mas, como tinha apenas encontrado esses rituais na biblioteca de Jubal, não tentou grocar os papéis, especialmente porque Jubal parecia não lhes ligar importância — a maldade estava noutro lado. Ficou maravilhado por encontrar o seu nome humano em dois papéis; sentia sempre uma estranha sensação ao lê-lo, como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo — ora isso era impossível para toda a gente, menos para um Velho.

Jubal e o primeiro homem caminharam em direcção à piscina, Anne seguindo-os de perto. Smith relaxou o seu sentido de tempo para os deixar moverem-se mais depressa, mantendo-o alongado apenas o suficiente para poder observar confortavelmente todos os homens ao mesmo tempo. Dois homens aproximaram-se e ladearam o grupo.

O primeiro homem parou junto dos amigos de Smith ao pé da piscina, olhou para eles, tirou uma fotografia do bolso, olhou para ela e depois olhou para Jill. Smith sentiu o seu medo aumentar e pôs-se alerta. Jubal dissera-lhe: «Protege a Jill. Não te preocupes com desperdiçar comida. Não te preocupes com nada. Protege Jill.»

Teria protegido Jill em qualquer caso, mesmo correndo o risco de agir erradamente. Mas era bom ter o consentimento de Jubal; isso deixava o seu espírito livre e despreocupado.

Quando o homem apontou para Jill e os outros dois homens que o ladeavam correram para ela com as suas armas de grande maldade, Smith alongou-se através do seu *Doppelgänger* e deu a ambos aquele leve impulso que fazia desaparecer.

O primeiro homem olhou pasmado para o sítio onde eles tinham estado e procurou a sua arma — e também desapareceu.

Os outros quatro começaram a aproximar-se. Smith não os queria distorcer. Sentiu que Jubal ficaria satisfeito se ele apenas os detivesse. Mas deter uma coisa, mesmo que fosse um cinzeiro, é trabalho — e Smith não tinha o seu corpo. Um Velho tê-lo-ia conseguido, mas Smith fazia o que podia, o que devia fazer.

Quatro levíssimos toques — eles desapareceram.

Sentiu uma intensa maldade vinda do carro e dirigiu-se para ele — grocou uma rápida decisão, piloto e carro desapareceram.

Quase viu o carro levantar para cobrir a patrulha. Smith começou a descontrair-se — quando subitamente viu a maldade aumentar e olhou para cima.

O segundo carro preparava-se para aterrar.

Smith esticou o tempo até ao seu limite e subiu até ao carro, inspeccionou-o cuidadosamente, grocou que estava repleto de maldade... transformou-o em nada. Em seguida regressou para junto do grupo ao pé da piscina.

Os seus amigos pareciam excitados. Dorcas estava a soluçar e Jill segurava-a e acalmava-a. Apenas Anne parecia intocada pelas emoções que Smith sentia à sua volta. Toda a maldade desaparecera, e juntamente com ela a preocupação que pertubara as suas meditações. Dorcas, ele sabia-o, curar-se-ia mais depressa com o auxílio de Jill do que com o de qualquer outra pessoa — pois Jill grocava sempre completa e imediatamente uma dor. Perturbado pelas emoções à sua volta, preocupado por poder não ter agido bem numa situação crítica — ou por Jubal assim o poder grocar —, Smith decidiu que podia retirar-se agora. Tornou a entrar na piscina, encontrou o seu corpo, grocou que estava tal como o tinha deixado — e enfiou-se dentro dele novamente.

Considerou a hipótese de contemplar os acontecimentos da situação crítica. Mas eram demasiado recentes; não estava pronto para os compreender, não estava pronto para apreciar intimamente os homens que forçara a desaparecer. Em vez disso, voltou alegremente para a tarefa que tinha começado. «Sherbet»... «Sherbetlee»... «Sherbetzide»...

Tinha chegado à palavra «Tinwork» e estava prestes a considerar «Tiny», quando sentiu Jill a aproximar-se. Desenrolou a língua e retomou a actividade, sabendo que o seu irmão Jill não podia permanecer muito tempo debaixo de água sem problemas.

Assim que ela lhe tocou, tomou o seu rosto entre as mãos e beijou-a. Isso era uma coisa que ele tinha aprendido bastante tarde e que ainda não grocara perfeitamente. Tinha algo da «aproximação» da cerimónia da água. Mas tinha algo mais, também... uma coisa que ele queria grocar na totalidade.

XVI

Harshaw não esperou que Jill tirasse a sua criança problema de dentro da piscina; deixou ordens para que dessem um sedativo a Dorcas e correu para o seu estúdio, deixando a Anne a função de explicar (ou não) os acontecimentos dos últimos dez minutos.

— Quem é que está de serviço! — chamou. Miriam foi ter com ele.

— Tenho de ser eu — disse ela recuperando o fôlego. — Mas, patrão, o que é que...

— Rapariga, nem uma palavra.

— Mas, patrão...

— Eu disse para não falares. Miriam, daqui a uma semana, sentar-nos-emos e pediremos à Anne que nos conte aquilo que aconteceu. Mas, neste momento, toda a gente e mais alguém vai começar a telefonar e os repórteres vão cair das árvores... e eu tenho de fazer uns telefonemas primeiro. Pertences àquela espécie de mulheres que são capazes de sofrer quando isso é necessário? A propósito: faz uma nota para que seja descontado do ordenado de Dorcas o tempo que ela passou com um ataque de histeria.

Miriam arfou.

— Patrão! Experimente só fazer isso e cada uma de nós apresentará a sua demissão!

— Disparates.

— Deixe de perseguir a Dorcas. Eu própria teria entrado em histeria se ela não o tivesse feito antes. — Miriam acrescentou: — Acho que vou ter um ataque de histeria agora.

Harshaw sorriu.

— Se o fizeres, dou-te uma tarefa. De acordo, assenta o nome de Dorcas para que lhe seja atribuído um bónus por «dever perigoso». Assenta o nome de todos vós para um bónus. Eu especialmente. Mereci-o.

— Está bem. Quem é que paga o seu bónus?

— Os contribuintes. Encontraremos uma maneira de o conseguir. Bolas! — Tinham chegado ao estúdio; o telefone estava já a pedir atenção. Deixou-se cair no assento e atendeu. — Harshaw. Quem diabo é você?

— Calma, doutor — respondeu um rosto. — Há anos que não consegue assustar-me. Como é que está tudo por aí?

Harshaw reconheceu Thomas Mackenzie, director de produção da New World Networks; adoçou um pouco a voz.

— Bastante bem, Tom. Mas eu estou muito ocupado, portanto...

— Está *ocupado*? E eu, que trabalho quarenta e oito horas por dia? Ainda pensa que vai ter alguma coisa para nós? Não me importo com o equipamento; posso arranjar isso. Mas tenho de pagar a três equipas para esperarem pelo seu sinal. Quero fazer-lhe todos os favores que estiverem ao meu alcance. Temos usado vários dos seus argumentos e esperamos usar mais no futuro; mas não sei o que hei-de dizer ao nosso administrador.

Harshaw ficou pasmado.

— Não acha que esta filmagem foi suficiente?

— Que filmagem?

Passado pouco tempo, Harshaw apercebeu-se de que a New World Networks não tinha visto nada dos recentes acontecimentos

ocorridos em sua casa. Deu respostas evasivas às perguntas de Mackenzie, pois tinha a certeza de que as respostas verdadeiras apenas serviriam para convencer Mackenzie de que o pobre Harshaw tinha dado em doido.

Concordaram que, se não acontecesse nada digno de nota nas próximas vinte e quatro horas, a New World poderia retirar as câmaras e o equipamento.

Assim que a imagem desapareceu da tela, Harshaw ordenou:

— Vai buscar o Larry. Manda-o buscar o botão de pânico... a Anne é que o tem. Fez mais dois telefonemas. Na altura em que Larry chegou, Harshaw já sabia que nenhuma rede de televisão estivera a observar quando os esquadrões dos Serviços Especiais tentaram assaltar a sua casa. Não era necessário examinar as mensagens «gravadas»; a sua entrega dependia do mesmo sinal que não conseguira atingir a rede de televisão.

Larry entregou-lhe o «botão de pânico», um rádio transmissor portátil.

— Queria isto, patrão?

— Quero gozar com isso. Larry, que isto seja uma lição: nunca devemos confiar em maquinaria que seja mais complicada que uma faca ou um garfo.

— *O.K.* Mais alguma coisa?

— Existe alguma maneira de examinar essa engenhoca? Sem fazer levantar da cama três redes de televisão?

— Claro. O transmissor que eles instalaram lá em baixo, no armazém, tem um interruptor para isso. Liga-se o interruptor, carrega-se no botão de pânico: aparece uma luz. Para testar o aparelho, chama-se a televisão através do transmissor e diz-se-lhes que se quer um teste completo às câmaras feito a partir da estação.

— Supõe que o teste mostra que o defeito é nosso? És capaz de descobrir o que é que se passa?

— Talvez — disse Larry mostrando uma certa dúvida —, se fosse apenas uma ligação solta. Mas Duke que é o especialista em

electrónica... eu sou mais o tipo intelectual.

— Eu sei, filho... eu também não sou lá muito bom em assuntos de ordem prática.

Bem, faz o melhor que puderes.

— Mais alguma coisa, Jubal?

— Se vires por aí o homem que inventou a roda, manda-o subir. *Intrometido!*

Jubal considerou a possibilidade de Duke ter sabotado o «botão de pânico», mas rejeitou o pensamento. Permitiu-se pensar no que tinha realmente ocorrido no seu jardim e em como é que o rapaz o tinha feito — de três metros debaixo de água. Não tinha dúvida nenhuma de que Mike estivera por detrás daqueles truques impossíveis.

O que vira no dia anterior, no seu estúdio, era apenas um estupefaciente intelectual — mas o impacto emocional não era. Um rato era tanto um milagre biológico como o era um elefante; contudo existia uma diferença: um elefante era maior.

Ver uma garrafa vazia, que não passava de lixo, desaparecer no ar, implicava que um carro-patrolha cheio de homens podia desaparecer. Mas, um acontecimento podia-se aceitar, o outro não.

Bem, não iria desperdiçar lágrimas com cossacos. Jubal admitia que polícias *na qualidade* de polícias estava bem; tinha conhecido polícias honestos... e até mesmo um polícia de uma repartição de finanças não merecia ir desta para melhor. A Guarda Costeira era um exemplo do que os polícias deviam ser e eram-no frequentemente.

Mas para pertencer aos S. S., um homem precisava de ter espírito de ladrão no seu coração e sadismo na sua alma. Gestapo. Tropas de choque para qualquer político que estivesse no poder. Jubal recordava com saudade aqueles dias em que um advogado podia citar a Carta dos Direitos sem ter uma fraude da Federação que a anulasse.

Deixemos isso. Que iria acontecer agora? A patrulha de Heinrich devia ter contactado pela rádio com a sua base; portanto, a sua perda seria notada. Viriam mais tropas S. S. ver o que se passara — possivelmente já viriam a caminho, se o segundo carro tivesse sido interrompido no meio de uma comunicação.

— Miriam...

— Sim, patrão.

— Quero o Mike, a Jill e a Anne, imediatamente. Em seguida encontra o Larry, provavelmente no armazém, e voltem os dois para aqui, fechem todas as portas e as janelas do rés-do-chão.

— Mais sarilhos?

— Despacha-te, rapariga.

Se os gorilas aparecerem — não, quando eles aparecerem — e se o seu chefe escolher irromper numa casa fechada, bem, teria de lhes lançar o Mike. Mas este estado de guerra tinha de acabar — o que queria dizer que Jubal tinha de se pôr em contacto com o secretário-geral.

Como?

Telefonar para o palácio? Heinrich estaria provavelmente a dizer a verdade quando afirmara que uma nova tentativa seria simplesmente ligada para Heinrich — ou qualquer outro chefe dos S. S. que estivesse sentado naquela cadeira. Então? Surpreendê-los-ia ter calmamente ao telefone — frente a frente — um homem que deveria ter sido preso por uma patrulha... talvez fosse capaz de chegar até ao topo, até ao comandante, como é que ele se chama?, um indivíduo com uma cara de furão bem alimentado. Twitchell. O comandante dos S. S. teria acesso ao patrão.

Nada feito. Seria uma perda de tempo dizer a um homem que acreditava em armas que tinha algo melhor do que isso. Twitchell continuaria a mandar homens e armas enquanto as tivesse — mas nunca admitiria que não era *capaz de prender um homem cuja localização era conhecida*.

Bem, quando não se pode entrar pela porta da frente, entra-se pela de trás — política elementar. Bolas, ele necessitava de Ben Caxton: Ben saberia quem é que tinha as chaves da porta das traseiras.

Mas a ausência de Ben era a razão desta louca corrida. E uma vez que não podia perguntar a Ben, quem é que ele conhecia que soubesse?

Céus! Que idiota! Tinha estado a falar com um! Jubal voltou-se para o telefone e tentou contactar Tom Mackenzie, passando através de três camadas de interferência; todas elas o conheciam e foram-no passando de umas para as outras. Enquanto fazia isto, o seu pessoal e o Homem de Marte entraram; sentaram-se e Miriam parou para escrever num pedaço de papel: «*Portas e janelas fechadas.*»

Jubal acenou com a cabeça em sinal de assentimento e escreveu por baixo: «*Larry — o botão de pânico?*», depois dirigiu-se à tela:

— Tom, desculpa incomodar-te outra vez.

— É um prazer, Jubal.

— Tom, se quisesses falar com o secretário-geral Douglas, como é que o farias?

— Hã? Telefonaria para o seu secretário para a Imprensa, Jim Sanforth. Não falaria com o secretário-geral; Jim trataria do assunto.

— Mas supõe que querias falar com Douglas em pessoa.

— Ora, deixaria que Jim arranjasse isso. Contudo, diria a Jim qual o meu problema. Ouve, Jubal, a estação é muito útil à Administração... e eles sabem-no. Mas não tiramos partido disso.

— Tom, supõe que *tinhas* mesmo de falar com Douglas. Nos próximos dez minutos.

As sobrelhas de Mackenzie levantaram-se.

— Bem... se *tivesse mesmo*, explicaria a Jim a razão...

— Não.

— Sê razoável.

— Isso é o que eu não posso ser. Supõe que tinhas apanhado o Sanforth a roubar os talheres, portanto não lhe poderias dizer qual era a emergência. Mas tinhas de falar com Douglas imediatamente.

Mackenzie suspirou.

— Diria a Jim que tinha de falar com o patrão... e que, se ele não me pusesse imediatamente em contacto, a Administração nunca mais teria qualquer vestígio de apoio por parte da estação.

— *O. K.*, Tom, fá-lo.

— Hem?

— Fala para o palácio de um outro aparelho... e prepara-te para me pôr em linha instantaneamente. *Tenho* de falar com o secretário-geral *imediatamente!*

Mackenzie parecia pesaroso.

— Jubal, velho amigo...

— Queres dizer que não o farás.

— Quero dizer que *não posso*. Tu sonhaste uma situação hipotética na *qual um, - perdoa-me!-, chefe executivo de uma rede mundial poderia falar* com o secretário-geral. Mas eu não posso fazer isto a outra pessoa. Ouve, Jubal, eu respeito-te. A estação detestaria perder-te e temos conhecimento de que tu não permitirias que nós te atássemos a um contrato. Mas eu *não posso* fazer o que me pedes. Ninguém telefona ao chefe do Governo mundial, a menos que *ele* queira falar com *essa* pessoa.

— Supõe que eu assino um contrato exclusivo de sete anos? Mackenzie parecia estar com dores de dentes.

— Continuava a não poder. Perderia o *meu* emprego... e tu terias de cumprir esse contrato.

Jubal considerou a hipótese de chamar Mike para junto do telefone e apresentá-lo. Mas os programas do próprio Mackenzie tinham transmitido as entrevistas do falso Homem de Marte — e ou Mackenzie estava por dentro da farsa ou era honesto, tal como Jubal pensava, e não acreditaria que tinha sido enganado.

— Está bem, Tom. Mas tu conheces o meio do Governo. Quem é que telefona a Douglas sempre que lhe apetece... e consegue falar com ele? Sem falar do Sanforth.

— Ninguém.

— Caramba! Um homem não pode viver num vácuo! Têm de existir pessoas que lhe possam telefonar sem serem despachadas por uma secretária.

— Algumas pessoas do seu gabinete, acho eu. Nem todos eles.

— Eu também não os conheço. Não falo em políticos. Quem é que lhe pode telefonar, através de uma linha privada, e convidá-lo para jogar póquer?

— Hum... realmente não és nada exagerado, pois não? Bem, há o Jake Allenby.

— Conheci-o. Ele não gosta de mim. Eu não gosto dele, e ele sabe-o.

— Douglas não tem muitos amigos íntimos. A mulher dele não é lá muito encorajadora. Diz-me, Jubal... que é que achas da astrologia?

— Nunca toquei nessa coisa. Prefiro Brandy.

— Bem, é uma questão de gostos. Mas... ouve bem, Jubal, se tu alguma vez revelares isto que te vou dizer, corto-te essa garganta mentirosa.

— Escutado. Compreendido. Prossegue.

— Bem, Agnes Douglas gosta realmente dessa droga... E eu sei onde é que ela a obtém. O seu astrólogo pode telefonar à Sra. Douglas em qualquer altura... e, acredita-me, a Sra. Douglas tem o ouvido do secretário-geral. Podes telefonar ao seu astrólogo... e o resto é contigo.

— Não me recordo de ter algum astrólogo na lista de pessoas a quem mandar cartões de boas-festas — respondeu Harshaw, hesitando. — Qual é o nome dele?

— Dela. O nome dela é Madame Alexandra Vesant. Central telefónica de Washington. Escreve-se V,E,S,A,N,T.

— Certo — disse Jubal alegremente. — Tom, fizeste-me um favor enorme!

— Assim espero. Alguma coisa para a estação?

— Espera um segundo. — Jubal olhou de relance para uma nota que Miriam tinha posto ao pé do seu cotovelo. Leu: «*Larry diz que o transmissor não trabalha; não sabe porquê.*» Jubal prosseguiu: — Aquela filmagem falhou devido a uma avaria no transmissor.

— Vou mandar alguém.

— Obrigado. Duas vezes obrigado.

Jubal desligou, pediu a chamada e instruiu a telefonista para usar o circuito privado se o número estivesse equipado para isso. Estava, o que não o surpreendeu. Dentro em breve as finas feições da Madame Vesant apareceram na tela. Sorriu para ela e disse:

— Olá, Rube!

Primeiro ela ficou atónita, depois abriu os olhos.

— Ora, o Dr. Harshaw, seu velho patife! Que Deus o acompanhe, é bom vê-lo. Onde é que esteve escondido?

— É isso mesmo, Becky: escondido. Os palhaços andam atrás de mim. Becky Vesey respondeu instantaneamente:

— Em que é que eu o posso ajudar? Precisa de dinheiro?

— Tenho montes de dinheiro, Becky. O meu problema é muito maior que isso... e ninguém me pode ajudar, a não ser o secretário-geral. Preciso de falar com ele... imediatamente.

Ela ficou branca.

— Isso é pedir muito, doutor.

— Eu sei, Becky. Tenho estado a tentar pôr-me em contacto com ele... e não consigo. Mas não te envolvas nisto... Rapariga, sou mais perigoso que um vulcão em erupção. Pensei que tu me pudesses aconselhar... talvez um número de telefone através do qual

eu pudesse falar com ele. Mas não quero que o faças pessoalmente. Magoar-te-ias... e eu nunca seria capaz de olhar nos olhos o professor... Paz à sua alma.

— Eu sei o que é que o professor queria que eu fizesse! — disse incisivamente. — Não diga disparates, doutor. O professor jurava sempre que o senhor era o único cirurgião que sabia trinchar as pessoas. Ele nunca esqueceu aquela ocasião em Elkton.

— Ora, Becky, não devíamos dar tanta importância a isso. Pagaram-me.

— Salvou a vida dele.

— Não fiz tal coisa. Foi a sua vontade de viver... e a tua ajuda.

— Hum... Doutor, estamos a perder tempo. Diga-me só: até que ponto é que você é perigoso?

— Eles aplicaram-me a pena máxima... e toda a pessoa que estiver do meu lado será esmagada. Existe um mandato, um mandato da Federação, e eles sabem onde é que eu estou e *não* posso fugir. Será apresentado dentro de qualquer minuto... e o Sr. Douglas é a *única* pessoa que o pode impedir.

— Serás absolvido. Garanto isso.

— Becky... tenho a certeza de que o farias. Mas isso pode levar algumas horas. Este é um caso para o «quarto das traseiras», Becky. Estou demasiado velho para uma sessão no «quarto das traseiras».

— Mas... Oh, meu Deus! Doutor, não me pode dar mais pormenores? Tenho de fazer um horóscopo, depois saberia o que fazer. O senhor é Mercúrio, claro, visto que é médico. Mas se soubesse em que casa havia de procurar, podia fazer melhor.

— Rapariga, não há tempo. — Jubal pensou rapidamente. Em quem é que havia de confiar? — Becky, apenas o facto de saberes poderia colocar-te na mesma situação em que eu estou.

— Conte-me, doutor. Nunca fugi de uma dificuldade... e o senhor sabe-o.

— De acordo. Portanto eu sou «Mercúrio». Mas o problema reside em Marte.

Ela olhou-o penetrantemente.

— Como?

— Viste as notícias. Supõe-se que o Homem de Marte está nos Andes. Bem, não está. Isso é só para iludir os rústicos.

Becky não parecia tão surpreendida como Jubal julgara.

— Onde é que foi desencantar essa ideia, doutor?

— Becky, existem pessoas em toda a parte deste lastimável planeta que querem pôr as mãos em cima deste rapaz. Ele é meu cliente e por isso eu não poderia ficar inactivo. Mas a minha única hipótese é falar com o Sr. Douglas.

— O Homem de Marte é seu cliente? Pode mostrá-lo?

— Só ao Sr. Douglas. Tu sabes como é, Becky: o presidente pode ser uma excelente pessoa, bom para as crianças e para os cães. Mas ele não sabe tudo o que os seus palhaços da cidade fazem... especialmente se eles prendem um homem e o levam para o tal «quarto das traseiras».

— Chuis! — Ela acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Portanto, preciso de negociar com o Sr. Douglas antes que eles me apanhem.

— Tudo o que quer é falar com ele?

— É. Vou dar-te o meu número... e ficarei aqui sentado, esperando receber uma chamada... até que eles me apanhem. Se não fores capaz de o conseguir... agradeço-te na mesma. Becky. Saberei que tentaste.

— Não desligue!

— Hã?

— Mantenha o circuito, doutor. Se tiver sorte, eles poderão passar para este telefone e poupar tempo. Portanto, não desligue.

Madame Vesant deixou a tela e ligou para Agnes Douglas. Falou com uma confiança calma, dizendo que isto era o desenvolvimento profetizado pelas estrelas — exactamente como

tinha sido estipulado. Chegara agora o momento crítico em que Agnes devia guiar o marido usando a sua inteligência feminina e a sua sabedoria, a fim de que ele actuasse sabiamente e sem demora.

— Agnes, querida, esta configuração não se repetirá nos próximos mil anos: Marte, Vénus e Mercúrio em perfeito trígono, exactamente na altura em que Vénus atinge o meridiano, que torna Vénus dominante. Portanto está a ver...

— Allie, o que é que as estrelas me dizem para fazer? Sabe que eu não percebo a parte científica.

Isto era uma belíssima surpresa, pois a relação descrita não se verificava. Madame Vesant não tivera tempo para fazer um horóscopo e estava a improvisar. Não estava nada preocupada com isso; estava a dizer uma «grande verdade», dando bons conselhos e ajudando os seus amigos. Ajudar dois amigos ao mesmo tempo tornava Becky Vesey especialmente feliz.

— Querida, percebe: sim, você nasceu com talento. Você é Vénus, como sempre, e Marte está reforçado, sendo ao mesmo tempo o seu marido e esse jovem Smith durante a duração desta crise. Mercúrio é o Dr. Harshaw. Para compensar o desequilíbrio causado pelo reforço de Marte, Vénus deve sustentar Mercúrio até passar a crise. Mas tem muito pouco tempo; Vénus aumenta de influência até atingir o meridiano, o que acontece daqui a apenas sete minutos... a seguir a isso a sua influência diminuirá. Tem de agir rapidamente.

— Devia ter-me avisado.

— Minha querida, tenho estado à espera ao pé deste telefone o dia inteiro, preparada para agir instantaneamente. As estrelas apenas nos informam da natureza de dada crise; nunca nos contam os pormenores. Mas ainda há tempo. Tenho o Dr. Harshaw ao telefone; tudo o que é necessário é pô-los frente a frente, antes de Vénus atingir o meridiano.

— Bem... Está bem, Allie. Tenho de ir tirar o Joseph de uma daquelas conferências idiotas. Dê-me o número do telefone em que tem esse Dr. Rackshaw... ou prefere transferir a chamada?

— Posso ligá-la para aqui. Chame apenas o Sr. Douglas. Depressa, querida.

— Eu vou chamar.

Quando Agnes Douglas deixou a tela, Becky dirigiu-se para outro telefone. A sua profissão requeria um amplo serviço telefónico; era a sua maior despesa com a profissão que desempenhava. Cantarolando alegremente telefonou ao seu corretor.

XVII

Assim que Becky deixou a tela, Jubal inclinou-se para trás.

— Quem é que está de serviço? — perguntou.

— O. K., patrão — respondeu Miriam.

— Isto é para o grupo das «Experiências Verdadeiras». Especifica que o narrador deve ter uma *sexy* voz de contralto...

— Talvez eu possa tentar.

— Não assim tão *sexy*. Descobre a lista de apelidos que arranjámos através do Departamento de Censos, escolhe e usa um primeiro nome feminino e inocente. Um nome de rapariga que acabe num «a».

— Hum! E nenhuma de *nós* tem um nome acabado em «a». Seu piolho!

— «Angela». O nome dela é «Angela». Título: *Casei com Um Marciano*. Começa: Toda a minha vida desejei ser astronauta. Parágrafo. Quando não passava de uma coisa pequenina, com sardas no nariz e estrelas nos olhos, fiz colecção de caricatas, tal como os meus irmãos — e gritava quando a mãe não me deixava levar para a cama o meu capacete espacial Parágrafo. Nesses dias despreocupados da infância, nunca me passou pela cabeça o estranho e agriçoso destino que a minha ambição de maria-rapaz me...

— Patrão!

— Sim, Dorcas?

— Aí vêm mais dois carregamentos.

— Guarda para continuarmos depois. Miriam, senta-te ao telefone. — Jubal foi até à janela, e viu dois carros aéreos prestes a aterrar. — Larry, tranca esta porta. Anne, a tua túnica. Jill, fica perto de Mike. Mike, faz o que a Jill te disser para fazeres.

— Sim, Jubal. Assim farei.

— Jill, não o deixe à vontade a não ser que seja absolutamente necessário. E eu preferiria muito mais que ele fizesse desaparecer apenas as armas e não os homens.

— Sim, Jubal.

— Esta liquidação indiscriminada de polícias tem de acabar.

— Telefone, patrão!

— Afastem-se todos do telefone. Miriam, anota um outro título: *Casei com Um Humano* — Jubal sentou-se e disse: — Sim?

Um rosto de feições suaves olhava-o.

— Dr. Harshaw?

— Sim.

— O secretário-geral vai falar consigo.

— O. K.

A *tela* mostrou então a face amorfa de S. Exa., o Honorável Joseph Edgerton Douglas, secretário-geral da Federação Mundial das Nações Livres.

— Dr. Harshaw? Parece-me que precisa de falar comigo.

— Não, senhor.

— Hã?

— Deixe que eu o corrija, Sr. Secretário. O *senhor* precisa de falar *comigo*.

Douglas ficou surpreendido e depois sorriu.

— Doutor, tem dez segundos para provar isso.

— Muito bem, senhor. Sou procurador do Homem de Marte. Douglas deixou de se mostrar amorfo.

— Repita?

— Sou procurador de Valentine Michael Smith. Poderá ajudar se pensar em mim como embaixador de Marte, *de facto...* no espírito da Decisão Larkin.

— Você deve estar louco!

— Mesmo assim estou a agir em nome do Homem de Marte. E ele está preparado para negociar.

— O Homem de Marte está no Equador.

— Por favor, Sr. Secretário, Smith... o verdadeiro Valentine Michael Smith, não aquele que apareceu na estéreo visão... escapou do Centro Médico de Bethesda na quinta-feira passada, em companhia da enfermeira Gillian Boardman. Conservou a sua liberdade... e continuará a conservá-la. Se o seu pessoal lhe disse uma coisa diferente, então alguém mentiu.

Douglas parecia pensativo. Alguém falou com ele por detrás da tela. Finalmente disse:

— Mesmo se o que diz fosse verdade, doutor, o senhor não pode falar pelo jovem Smith. Ele está sob a tutela do Estado.

Jubal abanou a cabeça.

— Impossível. A Decisão Larkin.

— Ouça, como advogado, asseguro-lhe...

— Eu próprio, como advogado, tenho de seguir a minha opinião... e proteger o meu cliente.

— Você é advogado? Pensei que reclamava ser procurador de facto e não conselheiro.

— Ambas as coisas. Sou procurador, admitido a praticar perante o Supremo Tribunal. — Jubal ouviu um estrondo vindo de baixo e olhou para o lado. Larry murmurou: «*Acho que é a porta da frente, patrão... vou ver?*» Jubal abanou a cabeça. — Sr. Secretário, o tempo está a esgotar-se. Os seus homens, os seus rufias dos S. S., estão a assaltar a minha casa. É capaz de pôr termo a este incómodo? De forma a que possamos negociar? Ou devemos debatê-lo no Supremo Tribunal, com toda a barafunda que se seguiria?

O secretário pareceu consultar de novo a pessoa por detrás da tela.

— Doutor, se os polícias dos Serviços Especiais estão a tentar prendê-lo, isso é novidade para mim. Eu...

— Se escutar, ouvi-los-á a correr subindo pela minha escada, senhor! Mike! Anne! Venham aqui. — Jubal puxou a sua cadeira para trás, de forma a permitir que eles fossem apanhados pelo visor do telefone. — Sr. Secretário-Geral: o Homem de Marte! — Não podia apresentar Anne, mas ela e a sua capa branca, símbolo da sua integridade, estava à vista.

Douglas olhou pasmado para Smith; Smith olhou para trás e pareceu preocupado.

— Jubal...

— Só um momento, Mike. Então, Sr. Secretário? Os seus homens irromperam na minha casa... ouço-os a esmurrarem a porta do meu estúdio. — Jubal virou a cabeça. — Larry, abre aquela porta. — Põe uma mão em cima de Mike. — Não te excites, rapaz.

— Sim, Jubal. Aquele homem. Eu conheci-o.

— E ele conhece-te. — Jubal gritou. — Entre, sargento.

Um sargento dos S. S. estava de pé à porta, os outros tinham as armas apontadas. Chamou:

— Major! Eles estão aqui! Douglas disse:

— Deixe-me falar com o oficial que os comanda, doutor.

Jubal ficou aliviado ao ver que o major se aproximava com a arma metida no coldre: Mike estivera a tremer desde que a arma do sargento se mostrara. Jubal não tinha qualquer amor por estes soldados, mas não queria que Smith revelasse os seus poderes. O major olhou em redor.

— Você é Jubal Harshaw?

— Sou. Chegue aqui. O seu patrão quer falar consigo.

— Nada disso. Venha comigo. Também procuro...

— Venha *aqui!* O secretário-geral quer dizer-lhe uma palavra.

O major dos S. S. estava atônito; entrou no estúdio e, ao ver a tela, olhou para ele e fez a saudação. Douglas assentiu com a cabeça.

— Nome, posto e unidade.

— Senhor, major C. D. Bloch, esquadrão Cheerio dos Serviços Especiais, Quartel Enclave.

— Diga-me o que é que está a fazer.

— Senhor, isso é muito complicado. Eu...

— Então esclareça-o. Fale, major.

— Sim, senhor. Vim aqui cumprindo ordens. Compreende...

— Não compreendo.

— Bem, senhor, há uma hora e meia um esquadrão aéreo foi aqui enviado para fazer várias prisões. Como não os pudemos contactar através da rádio, fui enviado para os procurar e prestar assistência.

— Ordens de quem?

— Hum, do comandante, senhor.

— E encontrou-os?

— Não, senhor, nem vestígios. Douglas olhou para Harshaw.

— Conselheiro, viu o outro esquadrão?

— Não me cabe a mim vigiar os seus servos, Sr. Secretário.

— Isso não se parece nada com uma resposta à minha pergunta.

— Tem razão, senhor. Eu não estou a ser interrogado. Nem o serei, a não ser através do devido processo legal. Estou a agir pelo meu cliente; não sou ama destes, hum, destas pessoas fardadas. Mas tenho a impressão, baseado naquilo que vi, de que eles nem eram capazes de encontrar um porco dentro de uma banheira.

— Hum... é possível. Major, reúna os seus homens e regresse.

— Sim, senhor! — O major fez a saudação.

— Só um momento! — interrompeu Harshaw. — Estes homens assaltaram a minha casa. Exijo ver os seus mandatos.

— Oh. Major, mostre-lhe o seu mandato. O major Bloch corou.

— Senhor, o oficial que veio à minha frente é que tinha os mandatos. Douglas ficou pasmado.

— Jovem... está a dizer-me que irrompeu pela casa dentro de um cidadão *sem um mandato*?

— Mas... senhor, não compreendeu! Existem mandatos. Estão na posse do capitão Heinrich, senhor.

Douglas parecia desgostoso.

— Regresse. Considere-se sob prisão. Falo consigo mais tarde.

— Sim, senhor.

— Calma aí — exigiu Harshaw. — Apelo para o meu direito de prender um cidadão. Colocá-lo-ei na nossa prisão local. «Entrada e assalto armado.»

Douglas pestanejou.

— Isso é necessário?

— Acho que é. Estes sujeitos parecem ser extremamente difíceis de encontrar... não quero que este deixe a nossa jurisdição local. Além dos assuntos criminais, ainda não tive oportunidade para avaliar os danos da minha propriedade.

— Tem a minha palavra, senhor, de que será totalmente compensado.

— Obrigado, senhor. Mas que é que impede que apareça outro brincalhão de uniforme daqui a bocado? Nem sequer teria de ter o trabalho de deitar abaixo a porta! As defesas do meu castelo estão violadas, abertas a qualquer intruso. Sr. Secretário, apenas os momentos de atraso devido à resistência oferecida pela minha exportação, impediram este patife de me levar com ele antes de eu conseguir falar consigo... e ouviu-o dizer que anda por aí outro como ele... com, segundo ele diz, mandatos.

— Doutor, não sei nada sobre tal mandato.

— Mandatos, senhor. Ele falou em «mandatos para várias prisões». Talvez um melhor termo para os designar fosse *lettres de cachet* (*N. da T.*: Ordens de prisão arbitrárias).

— Isso é uma séria acusação.

— Isto é um assunto sério.

— Doutor, eu não sei nada desses mandatos, se é que eles existem. Mas dou-lhe a minha palavra pessoal de que vou imediatamente procurá-los, descobrir porque é que foram emitidos, e agirem conformidade. Posso dizer mais do que isto?

— Pode dizer muito mais, senhor. Posso reconstituir as condições em que esses mandatos foram emitidos. Alguém do seu pessoal, num momento de excesso de zelo, fez com que um juiz influenciável os emitisse... com o objectivo de apanhar a minha pessoa e os meus convidados a fim de nos interrogar fora da vossa vista. Fora da vista de *quem quer que fosse*, senhor! Discutiremos esses mandatos *consigo*... mas não seremos interrogados por indivíduos como *este*... — Jubal apontou com o dedo para o major — ... num desses quartos de traseiras sem janelas! Senhor, espero que faça justiça por suas próprias mãos... mas se esses mandatos não são cancelados imediatamente, se não for assegurado claramente que tanto eu como a enfermeira Boardman e o Homem de Marte não seremos perturbados, e que poderemos ir para onde nos apetecer, então... — Jubal encolheu os ombros desoladamente — ... tenho de procurar um defensor. Existem pessoas e poderes fora da Administração que têm um profundo interesse nos assuntos do Homem de Marte.

— Está a ameaçar-me.

— Não, senhor. Defendo-me na qualidade de advogado. Queremos negociar. Mas não o podemos fazer enquanto nos lançam os cães. Rogo-lhe, senhor: chame os seus cães!

Douglas olhou para o lado.

— Esses mandatos, se existem, não serão apresentados. Assim que os encontrar, mandá-los-ei cancelar.

— Obrigado, senhor.

Douglas olhou para o major Bloch.

— Insiste em prendê-lo?

— A ele? Oh, ele não passa de um louco de uniforme. Vamos esquecer os danos também. O senhor e eu temos sérios assuntos a discutir.

— Pode ir, major. — O oficial dos S. S. fez a saudação e saiu bruscamente. Douglas continuou: — Conselheiro, os assuntos que levantou não podem ser resolvidos pelo telefone.

— Concordo.

— O senhor e o, hum, o seu cliente serão meus convidados no Palácio. Mandarei o meu iate. Podem estar prontos daqui a uma hora?

Harshaw abanou a cabeça.

— Obrigado, Sr. Secretário. Dormiremos aqui... e, quando chegar a altura devida, encontrarei um trenó, ou qualquer coisa do género. Não necessita de enviar o seu iate.

O semblante de Douglas carregou-se.

— Então, doutor! Tal como o senhor sublinhou, as conversações serão quase diplomáticas. Respeitando o protocolo, concedi isto. Consequentemente deve ser-me permitido fornecer-vos hospitalidade oficial.

— Bem, senhor, o meu cliente já desfrutou demais de hospitalidade oficial... teve um trabalho dos diabos para se ver livre dela.

O rosto de Douglas tornou-se rígido.

— Senhor, está a insinuar...

— Não estou a insinuar nada. Smith passou por muita coisa e não está habituado a cerimónias de alto nível. Dormirá melhor aqui. E eu também. Eu sou um velho, senhor; prefiro a minha própria cama. Permita-me salientar que as conversações podem falhar e o meu cliente ver-se-ia forçado a procurar outro local... caso esse em

que nos sentiríamos embaraçados por sermos convidados sob o vosso tecto.

O secretário-geral mostrou uma expressão sombria. — Ameaças de novo. Pensei que confiava em mim, senhor. Ouvi distintamente o senhor dizer que estavam prontos para negociar.

— Confio realmente em si, senhor. — (*Enquanto puder lançar um ataque!*) — E estamos prontos a negociar. Mas eu uso o termo «negociar» no seu sentido original, e não nesse novo significado de «desanuviamento». Contudo seremos razoáveis. Mas não podemos começar as conversações imediatamente; estamos dependentes de um facto e temos de esperar. Quanto tempo, não sei.

— Que é que quer dizer?

— Esperamos que a Administração seja representada por qualquer delegação que escolha... e nós temos o mesmo privilégio.

— Com certeza. Mas vamos mantê-las pequenas. Tratarei disto eu próprio, com um ou dois assistentes. O solicitador-geral... os nossos peritos em lei espacial. Tratar de negócios requer um pequeno grupo; quanto mais pequeno, melhor.

— Tem toda a razão. O nosso grupo será pequeno. Smith, eu e levarei uma testemunha...

— Oh, então!

— Uma testemunha não dificulta. Levaremos mais uma ou duas pessoas; mas falta-nos um homem. Tenho instruções para que um certo indivíduo chamado Caxton esteja presente... e não consigo encontrar o sujeito.

Jubal, depois de ter passado horas a pensar em como é que havia de dizer isto, esperou. Douglas ficou pasmado.

— *Ben Caxton?* Com certeza que não se está a referir àquele jornalista barato?

— O Caxton a que me refiro tem uma coluna de um dos sindicatos.

— Isso está fora de discussão! Harshaw abanou a cabeça.

— Então, é tudo, Sr. Secretário. As minhas instruções não me deixam outra saída. Peço desculpa por o ter feito perder o seu precioso tempo. Peço-lhe que me desculpe. — Jubal esticou-se como se fosse desligar.

— Espere!

— Senhor?

— Ainda não acabei de falar consigo!

— Peço perdão ao secretário-geral. Esperaremos até que ele nos desculpe.

— Sim, sim, deixe isso para lá. Doutor, costuma ler os disparates que saem nas notícias desse sujeito?

— Valha-me Deus, claro que não!

— Quem me dera também não as ler. É ridículo falar em ter jornalistas presentes. Falaremos com eles depois de estar tudo resolvido. Mas mesmo se lhes permitíssemos estarem presentes, Caxton não seria um deles. O homem é venenoso... um bisbilhoteiro da pior espécie.

— Sr. Secretário, *nós* não pomos qualquer objecção a publicidade. De facto, até insistimos nela.

— Ridículo!

— É possível. Mas eu sirvo o meu cliente da maneira que acho melhor. Se chegarmos a um acordo sobre o Homem de Marte e sobre o planeta que é o seu lar, quero que todas as pessoas deste planeta saibam como é que isso foi feito e o que é que ficou estabelecido. Pelo contrário, se falharmos, as pessoas devem saber porque é que as conversações se deterioram. Não haverá *star chamber* (*N. do T.:* Antigo tribunal, abolido em 1640, conhecido pelas suas decisões arbitrárias e ligado, sobretudo, a crimes contra os interesses da coroa.), Sr. Secretário.

— Bolas, eu não estava a falar de *star chamber* e você sabe-o! Estou a falar em conversações calmas e ordeiras, sem acotovelamentos!

— Então deixe a imprensa entrar, através de câmaras e microfones... mas com os cotovelos lá fora. O que me faz lembrar que seremos entrevistados, eu e o meu cliente, ainda hoje, nos canais de estereovisão... e eu anunciarei que queremos conversações públicas.

— *O quê?* Você não deve dar entrevistas *agora...* isso é contrário a todo o espírito desta discussão.

— Não percebo porquê. Estará a sugerir que um cidadão tem de ter a sua permissão para falar à imprensa?

— Não, claro que não, mas...

— Receio que seja demasiado tarde. Já foram feitos os preparativos e a única maneira que tem para o deter é enviar mais carros carregados de tугues. O que me levou a mencionar estas entrevistas foi o facto de o senhor poder desejar fazer transmitir um noticiário, antes de mim, informando o público de que o Homem de Marte voltou e de que está a passar férias em Poconos. De modo a evitar dar a impressão de que o Governo foi apanhado de surpresa. Está a entender-me?

— Estou a entendê-lo. — O secretário-geral olhou pensativo para Harshaw. — Espere um momento, por favor. — Abandonou a tela.

Harshaw chamou Larry junto de si enquanto a sua outra mão tapava o captador de som.

— Ouve, filho — murmurou —, com esse transmissor avariado estou a fazer *blefe* sobre uma granada explosiva. Não sei se ele foi tratar da transmissão desse noticiário ou se foi outra vez lançar-nos os cães. Como o teu mestre não está cá, telefona para o Tom Mackenzie, de outro telefone, e diz-lhe que, se ele não puser aquela aparelhagem a trabalhar, vai perder a maior história desde a queda de Tróia. Depois tem cuidado ao regressares a casa... pode haver chuis.

— Como é que eu telefono a Mackenzie?

— Hum... — Douglas estava de novo na tela. — Fala com Miriam.

— Dr. Harshaw, aceitei a sua sugestão. Uma transmissão tal como o senhor sugeriu... com mais alguns pormenores substanciais. — Douglas sorriu ingenuamente. — Acrescentei que a Administração discutirá as relações interplanetárias com o Homem de Marte... assim que ele descansar da sua viagem... e fá-lo-á publicamente... *bastante* publicamente. — O seu sorriso tornou-se frio e ele deixou de parecer o bom velho Joe Douglas.

Harshaw sorriu de admiração: pois, o velho ladrão dera volta ao golpe e transformara uma derrota numa vitória para a Administração.

— Isso é perfeito, Sr. Secretário! Confirmaremos tudo o que disse!

— Obrigado. Agora, sobre esse Caxton: deixar entrar a imprensa não se aplica a ele. Ele pode observar os acontecimentos através da estereovisão e constituir as suas mentiras a partir daí. Mas não estará presente.

— Então não haverá conversações, Sr. Secretário, não importa o que disse à imprensa.

— Acho que não me compreendeu, conselheiro. Este homem é-me ofensivo. Privilégio pessoal.

— O que diz é correcto, senhor. É um assunto de privilégio pessoal.

— Então não falaremos mais disso.

— Interpretou-me mal. Trata-se realmente de «privilégio pessoal». Mas não seu. De Smith.

— Hã?

— O senhor tem o privilégio de escolher os seus conselheiros... e pode levar o próprio Diabo, que nós não nos queixaremos. Smith tem o privilégio de escolher os conselheiros dele e de os ter presentes. Se Caxton não estiver presente, não estaremos lá.

Estaremos numa conferência bastante diferente. Uma daquelas em que o senhor não seria bem-vindo. Mesmo se falasse hindi.

Harshaw pensou clinicamente que um homem da idade de Douglas não se devia entregar à cólera. Finalmente Douglas falou — para o Homem de Marte.

Mike permanecera dentro do alcance da tela, tão silenciosa e pacientemente como a testemunha. Douglas disse:

— Smith, porque é que insiste nesta ridícula condição? Harshaw disse instantaneamente:

— Não respondas, Mike! — Depois dirigiu-se a Douglas: — Então, então, Sr. Secretário! Os cânones! Não pode interrogar, porque o meu cliente instruiu-me. E os cânones são violados com uma gravidade especial, pois o meu cliente não sabe falar inglês correctamente e, portanto, não pode exprimir a sua posição contra si. Se aprender marciano, posso permitir-lhe que lhe ponha a questão... na própria língua *dele*. Mas hoje não.

Douglas franziu o sobrolho.

— Poderia perguntar-lhe em que cânones se baseou para actuar com tanta desconsideração... mas não tenho tempo; tenho um governo para dirigir. Cedo. Mas não espere que eu aperte a mão a esse Caxton!

— Como queira, senhor. Agora voltemos ao primeiro ponto. Não consegui encontrar Caxton.

Douglas riu.

— O senhor insiste num privilégio... que eu acho ofensivo. Traga quem quiser. Mas encontre-os você.

— Isso é bastante razoável, senhor. Mas será capaz de fazer um favor ao Homem de Marte?

— Hã? Que favor?

— As conversações não começarão até que Caxton seja localizado, quanto a isso não há discussão. Mas eu não tenho sido capaz de o encontrar. Sou apenas um cidadão privado.

— Que é que quer dizer?

— Falei depreciativamente dos esquadrões dos Serviços Especiais... o que é natural num homem que tem a sua porta arrombada. Mas reconheço que eles podem ser extremamente eficientes... e têm a cooperação da polícia em toda a parte. Sr. Secretário, se fizesse o favor de chamar o seu comandante dos S. S. e lhe dissesse que queria que localizassem um homem imediatamente... bem, senhor, isso produziria mais actividade numa hora do que aquilo que eu poderia desencadear num século.

— Por que diabo é que eu alertaria as forças da polícia de toda a parte para encontrarem um repórter amador de escândalos?

— Não se trata de «diabo», meu caro senhor: trata-se de Marte. Eu peço-lhe isto como um favor ao Homem de Marte.

— Bem... isto é ridículo, mas vou fazê-lo. — Douglas olhou para Mike. — Como um favor a Smith. Espero cooperação similar quando começarmos as conversações.

— Tem a minha palavra de que isso facilitará enormemente a situação.

— Bem, não lhe posso prometer nada. Diz que o homem desapareceu. Pode ter sido atropelado por um camião, e pode estar morto.

Harshaw mostrou uma expressão grave.

— Esperemos que não, para bem de todos nós.

— Que é que quer dizer?

— Tentei convencer o meu cliente dessa possibilidade... mas ele não deu ouvidos à ideia. — Harshaw suspirou. — Uma carnificina, senhor. Se não conseguirmos encontrar este Caxton, é isso que teremos: uma carnificina.

— Bem... Tentarei. Não espere milagres, doutor.

— Eu não, senhor. O meu cliente. Ele possui o ponto de vista marciano... e espera, realmente, milagres. Vamos rezar para que aconteça um.

— Comunicarei consigo. É tudo o que posso dizer. Harshaw fez uma vénia sem se levantar.

— Um seu criado, senhor.

Assim que a imagem de Douglas desapareceu, Jubal levantou-se — encontrou os braços de Gillian à volta do seu pescoço.

— Oh, Jubal, você foi *maravilhoso!*

— Não estamos livres de perigo, criança.

— Mas se alguma coisa pode ainda salvar Ben, você acabou de o fazer. — Jill beijou-o.

— Hei, nada disso! Renunciei a isso antes de tu nasceres. Mostra respeito pelos meus anos. — Beijou-a cuidadosa e delicadamente. — Isto é para fazer desaparecer o gosto de Douglas: de tanto o desafiar e beijar estava a começar a sentir-me agoniado. Vai beijar o Mike. Ele merece-o... por permanecer silencioso perante as minhas mentiras.

— Oh, pois vou! — Jill desprendeuse de Harshaw, pôs os braços à volta do Homem de Marte. — Que maravilhosas mentiras, Jubal! — Beijou Mike.

Jubal observou a forma como Mike iniciou uma segunda parte do beijo, fazendo-o solenemente, mas não exactamente como um inexperiente. Jubal concedeu-lhe um vinte pelo esforço.

— Filho — disse —, tu espantas-me. Esperava que tivesses um dos teus desmaios.

— E tive — respondeu Mike seriamente, sem se descontrair —, na primeira vez.

— Ora! Parabéns, Jill. Corrente alternada ou corrente contínua?

— Jubal, você é um arrelizador, mas eu gosto de si de qualquer maneira e não permito que me irrite. Mike ficou um pouco perturbado da primeira vez... mas agora já não fica, como pode ver.

— Sim — concordou Mike —, é uma coisa boa. Para irmãos de água é uma aproximação. Eu mostro-lhe — Jill desprendeuse.

Jubal levantou a mão.

— Não.

— Não?

— Ficarias desapontado, meu filho. É uma forma de aproximação para irmãos de água, mas só se eles forem jovens e bonitas raparigas... tal como Jill.

— Meu irmão Jubal, está a falar correctamente?

— Estou a falar muito correctamente. Beija todas as raparigas que quiseres: é muito melhor do que jogar às cartas.

— Perdão?

— É um óptimo método de aproximação... com raparigas. Hum... — Jubal olhou em redor. — Estava a pensar se esse fenómeno da primeira vez se repetiria. Dorcas, quero a tua ajuda para uma experiência científica.

— Patrão, eu não sou um porquinho-da-índia! Vá para o Inferno!

— Na altura devida, irei. Não te faças difícil, rapariga; Mike não tem doenças contagiosas, se tivesse, não o deixaria usar a piscina... a propósito: Miriam, quando Larry voltar, diz-lhe que eu quero que ele limpe a piscina: já não precisamos da água turva. Bem, Dorcas?

— Como é que sabe que esta seria a *nossa primeira vez*?

— Hum, é muito simples. Mike, já alguma vez beijaste a Dorcas?

— Não, Jubal. Só hoje aprendi que Dorcas é meu irmão de água.

— Ela é?

— Sim. Dorcas, Miriam e Larry. Eles são seus irmãos de água, Jubal, meu irmão.

— Hum, sim. Correcto na essência.

— Sim. Grocar é essência, não partilhar a água. Estou a falar correctamente?

— Muito correctamente, Mike.

— Eles são seus irmãos de água. — Mike fez uma pausa para pensar nas palavras. — Por associação, eles são meus irmãos. — Mike olhou para Dorcas. — Quatro irmãos aproximando-se é bom.

Jubal disse:

— Então, Dorcas?

— Há? Oh, céus! Patrão, você é o maior arrelizador do mundo. Mas Mike não é trocista. Ele é gentil. — Dorcas dirigiu-se para Mike, pôs-se em pontas dos pés, ergueu os braços. — Beija-me, Mike.

Mike beijou. Durante alguns segundos «aproximaram-se».

Dorcas desmaiou.

Jubal não deixou que ela caísse. Jill teve de falar com rudeza a Mike para evitar que ele entrasse em transe. Dorcas recuperou a consciência e assegurou a Mike que estava perfeitamente bem e que se «aproximaria» de boa vontade outra vez — mas precisava de retomar a respiração.

— Uau!

Miriam tinha estado a observar, de olhos arregalados.

— Pergunto a mim própria se me atreverei a correr o risco!
Anne disse:

— Por antiguidade, se faz favor. Patrão, já não precisa de mim como testemunha?

— Por agora não.

— Então segure na minha túnica. Quer apostar?

— Como?

— Sete contra dois em como *não* desmaio... mas não me importava de perder.

— Combinado.

— Dólares, não centenas de dólares. Mike querido... vamos aproximar-nos *muito*.

Anne foi forçada a desistir devido a hipoxia; Mike, com o seu treino marciano, podia ter continuado sem oxigénio muito mais

tempo. Respirou fundo e disse:

— Não estava concentrada. Patrão, vou dar-lhe outra oportunidade. Preparou-se para oferecer de novo o rosto a Mike, mas Miriam deu-lhe umas palmadinhas no ombro.

— Fora.

— Não sejas tão impaciente.

— Fora, disse eu. Acabou-se o tempo, rapariga.

— Oh, bem! — Anne afastou-se. Miriam aproximou-se, sorriu e não disse nada. Eles «aproximaram-se» e continuaram a «aproximar-se».

— Quem é que está de serviço? Miriam olhou em redor.

— Patrão, não vê que estou *ocupada*?

— Está bem! Tira-te da frente... eu próprio vou atender o telefone.

— Não o ouvi, verdade.

— Claro. Mas temos de fingir que aqui há um pouco de dignidade: pode ser o secretário-geral.

Era Mackenzie.

— Jubal, que diabo é que se passa?

— Algum problema?

— Recebi uma chamada de um homem que me pediu insistentemente para largar tudo, porque tu tinhas uma coisa para mim. Enviei uma unidade móvel para a tua casa...

— Não chegaram cá.

— Eu sei. Telefonaram para cá, depois de terem andado à tua procura. O nosso expedidor pô-los na boa direcção e devem estar a chegar aí a qualquer momento. Tentei telefonar-te, o teu circuito estava impedido. Falhei alguma coisa?

— Por enquanto nada. — Caramba, devia ter mandado alguém verificar a aparelhagem. Estaria Douglas realmente empenhado? Ou iria aparecer uma nova vaga de polícias?

Entretanto, os rapazes brincavam aos correios! Jubal, tu estás senil.
— Houve algum *flash* noticioso na última hora?

— Por quê, não... oh, uma informação: o Palácio anunciou que o Homem de Marte tinha voltado e que estava a passar férias em...
Jubal! Tens alguma coisa a ver com *isto*?

— Espera um segundo. Mike, chega cá. Anne veste a tua túnica.

— Compreendido, patrão.

— Sr. Mackenzie: apresento-lhe o Homem de Marte. Mackenzie deixou cair o queixo.

— Espera! Deixa-me arrastar uma câmara! Filmaremos através do telefone... e repetiremos em estéreo assim que os meus brincalhões chegarem aí. Jubal... Posso confiar nisto? Tu não estarás...

— Achas que eu te ia intrujar com uma testemunha atrás de mim? Não te estou a impor isto. Podemos esperar e entrar em ligação com a Argus e com a Trans-Planet.

— Jubal! Não me podes fazer isso.

— Não farei. O acordo que fiz convosco era porem as câmaras a trabalhar quando eu o dissesse. E usá-lo se as notícias valessem a pena. Não prometi dar entrevistas além disso. Jubal acrescentou: — Tu não só emprestaste o equipamento como também me ajudaste pessoalmente, Tom. Não tenho palavras para exprimir quanto me ajudaste.

— Estás a falar, hum, naquele número de telefone?

— Exactamente! Mas nada de perguntas acerca *disso*, Tom. Pergunta-me em privado... no próximo ano.

— Oh, nem pensaria nisso. Mantém a tua boca fechada que eu manterei também a minha. Agora não te vás embora...

— Mais uma coisa. Essas mensagens que tu estás a guardar, envia-mas de novo para mim.

— Hã? Está bem: tenho-as guardadas na minha secretária, estavas muito agitado. Jubal, tenho uma câmara apontada para ti. Podemos começar?

— Começa.

— Vou fazer *isto* eu próprio! — Mackenzie voltou o rosto e aparentemente olhou para a câmara. — Notícias de última hora! Este é o vosso repórter da NWNW, sempre em cima do acontecimento! O Homem de Marte acaba de nos telefonar e quer falar *convosco!* Corta. Operador, insere imagens de agradecimento ao patrocinador. Jubal, devo perguntar alguma coisa de especial?

— Não faças perguntas sobre a América do Sul. Natação é o teu assunto preferencial. Podes interrogar-me sobre os seus planos.

— Fim de corte. Amigos, estais agora frente a frente e voz a voz com Valentine Michael Smith, o Homem de Marte! Tal como a NWNW, sempre a primeira a informar, vos disse há pouco, o Sr. Smith acaba de regressar dos Andes... e nós damos-lhe as boas-vindas! Acene para os seus amigos, Sr. Smith...

(«Acena para o telefone, filho. Sorri e acena.»)

— Obrigado, Valentine Michael Smith. Ficamos contentes por o ver tão saudável e bronzeado. Soube que tinha estado a recuperar forças, praticando natação?

— *Patrão!* Visitas. Ou coisa do género.

— *Corta!...* a seguir à palavra «natação». Que é que se passa, Jubal?

— Vou ver. Jill, não te afastes do Mike: pode ser do quartel-general. Mas era a unidade da NWNW a aterrar — e mais uma vez, as roseiras sofreram danos —, Larry que regressava de telefonar a Mackenzie, e Duke que voltavam. Mackenzie decidiu acabar a entrevista por telefone, rapidamente, pois estava agora servido de cor e de profundidade através da sua unidade móvel. Entretanto os seus homens examinariam o equipamento que tinha sido emprestado a Jubal. Larry e Duke foram com eles.

A entrevista acabou com inanidades, Jubal respondendo apressadamente a perguntas que Mike não conseguia compreender; Mackenzie despediu-se com a promessa de que se seguiria uma entrevista com cor e profundidade.

— Fiquem em sintonia com esta estação! — Depois esperou que os seus técnicos comunicassem.

O que o chefe da unidade fez prontamente:

— Não há nada de errado com este equipamento, Sr. Mackenzie.

— Então que é que se passava?

O técnico olhou de relance para Duke e para Larry.

— Trabalha melhor se tiver energia. O interruptor estava desligado do quadro de distribuição.

Harshaw pôs de lado a questão de saber se Duke tinha ou não tinha dito a Larry que um interruptor de circuito tinha de ser ligado se se quisesse usar o equipamento. Jubal não queria saber de quem era a culpa — tudo isto confirmava a sua convicção de que a tecnologia tinha atingido o seu zénite com o modelo *Ford-T* e que tinha vindo a decair desde aí. Começaram com a entrevista a cores e com profundidade. Mike enviou saudações para os seus amigos da *Champion*, incluindo uma em marciano para o Dr. Mahmoud.

Por fim Jubal preparou o telefone para não receber chamadas durante duas horas, espreguiçou-se e sentiu-se muito fatigado, perguntando a si próprio se estaria a ficar velho.

— Quando é que se janta? Qual de vocês, raparigas, é que devia cozinhar esta noite? Bolas, o pessoal desta casa está a decair!

— Era a minha vez, esta noite — respondeu Jill, mas...

— Desculpas, sempre desculpas!

— Patrão — interrompeu Anne rudemente —, como é que queria que nós cozinhássemos se nos encurralou aqui toda a tarde?

— Se o estado de guerra está declarado nesta casa, espero ter refeições quentes e servidas a horas, até soar a Trombeta do Juízo

Final. Além disso...

— Além disso — completou Anne —, ainda são só sete e quarenta e ainda há muito tempo para aprontar o jantar para as oito horas. Portanto pare de resmungar. Bebê-chorão.

— Só vinte minutos para as oito? Parece que passou uma semana desde o almoço. Vocês não deixaram um período de tempo civilizado para uma bebida antes de jantar.

— Coitado!

— Que alguém me arranje uma bebida. Arranjem bebidas para toda a gente. Vamos dispensar o jantar; apetece-me ficar bêbado que nem um cacho. Anne, como é que estamos de *smòrgasbord*?

— Cheios.

— Por que é que não se há-de descongelar dezoito ou dezenove espécies e deixar que toda a gente coma quando lhe apetecer? Para quê tanta discussão?

— Imediatamente — concordou Jill. Anne deteve-se para o beijar na careca.

— Patrão, o senhor portou-se nobremente. Vamos alimentá-lo e embebedá-lo e levá-lo para a cama. Espera, Jill, eu ajudo-te.

— Também posso ajudar? — perguntou Smith ansiosamente.

— Claro, Mike. Podes levar os tabuleiros. Patrão, o jantar será na piscina. Está uma noite agradável.

— Onde é que havia de ser? — Quando eles saíram, Jubal disse a Duke: — Onde diabo é que estiveste?

— A pensar.

— Isso não compensa. Torna as pessoas aborrecidas. E tiveste alguns resultados?

— Sim — disse Duke. — Decidi que aquilo que Mike come é problema dele.

— Parabéns! Oitenta por cento de sensatez humana é constituída por um desejo de não se intrometer nos assuntos das

outras pessoas.

— Você mete-se nos assuntos das outras pessoas.

— Quem disse que *eu* era sensato?

— Jubal, se eu oferecesse um copo de água a Mike, acha que ele aceitaria?

— Acho que sim. Duke, a única característica humana que Mike possui é um enorme desejo de que gostem dele. Mas quero assegurar-me de que tu tens consciência de quão sério isso é. Eu aceitei ser irmão de Mike, antes de compreender o que isso era... e tenho-me sentido deveras embaraçado com as responsabilidades dessa relação. Ao fazeres isso estarás a comprometer-te a nunca lhe mentir, a nunca o enganares, e a ficares junto dele aconteça o que acontecer. É melhor pensares nisso melhor.

— Estive a *pensar* nisso. Jubal, na verdade, existe qualquer coisa em Mike que faz com que uma pessoa *queira* olhar por ele.

— Eu sei. Provavelmente nunca tinhas encontrado honestidade antes. Inocência. Mike nunca provou o fruto da Árvore da Sabedoria do Bem e do Mal... por isso nós não compreendemos o que o faz viver. Bem, espero que nunca te arrependas. — Jubal olhou para cima. — Pensei que tinhas parado de destilar essa droga. Larry respondeu:

— Não conseguia encontrar um saca-rolhas.

— Outra vez a maquinaria. Duke, encontrarás copos atrás *da Anatomia da Melancolia*, aí em cima...

— Eu sei onde é que os esconde.

— ... e tomaremos uma rápida antes de começarmos a beber a sério. — Duke trouxe os copos; Jubal encheu-os e ergueu o seu. — À irmandade alcoólica... mais adequada à frágil alma humana do que a qualquer outra.

— Saúde.

— Viva.

Jubal verteu-o de uma só vez pela garganta.

— Ah! — disse alegremente, e arrotou. — Duke, oferece um pouco a Mike e deixa-o aprender como é bom ser humano. Isto faz-me sentir criativo. Quem é que está de serviço? Porque é que estas raparigas nunca estão quando preciso delas? *Quem é que está de serviço?*

— Estou eu — respondeu Miriam metendo a cabeça na ombreira da porta — mas...

— Estava eu dizendo: «... o estranho e agriçoce destino que a minha ambição de maria-rapaz...»

— Acabei essa história enquanto você estava a conversar com o secretário-geral.

— Então já não preciso de ti. Podes enviá-la.

— Não quer lê-la? De qualquer maneira, tenho de a rever... e o beijo de Mike deu-me uma nova inspiração.

Jubal estremeceu.

— *Lê-la?* Valha-me Deus! Já é bastante mau ter de escrever uma coisa dessas. E não penses em revê-la, para ajustar os factos. Minha filha, uma história verdadeira nunca deve ser embaciada por alguma mancha de verdade.

— Está bem, patrão. A Anne diz para vir até à piscina e tomar uns aperitivos antes de comer.

— Não podia ter tido uma ideia melhor. Vamos, cavalheiros?

A festa foi avançando, bem regada, e com os bocadinhos de peixe seco e outros produtos comestíveis escandinavos agradáveis ao paladar. A convite de Jubal, Mike provou Brandy. Achou o resultado inquietante, por isso analisou a sua perturbação, juntou oxigénio a etanol, num processo interno de inversão da fermentação, e converteu o Brandy em glicose e água.

Jubal estivera a observar o efeito do álcool no Homem de Marte — viu-o ficar bêbado e viu-o ficar sóbrio ainda mais rapidamente. Numa tentativa para compreender, Jubal deu mais Brandy a Mike — o que ele aceitou, visto que era o seu irmão de

água que lho oferecia. Mike absorveu uma extravagante quantidade antes de Jubal se aperceber de que era impossível embebedá-lo.

Não era esse o caso de Jubal, apesar de anos de habituação; acompanhando civilizadamente Mike durante a experiência, Jubal ficou com as suas faculdades mentais entorpecidas. Por isso, quando perguntou a Mike o que é que tinha feito, Mike pensou que ele estava a interrogá-lo sobre o assalto dos S. S., assunto em relação ao qual Mike tinha um leve sentimento de culpa. Tentou explicar e, se fosse necessário, receber o perdão de Jubal.

Quando Jubal percebeu sobre o que o rapaz estava a falar, interrompeu-o.

— Filho, eu não quero saber. Fizeste o que era necessário... na perfeição. Mas... — Jubal pestanejou sonolentemente — ... não me contes. Nunca contes a *ninguém*.

— Não?

— Não. Foi a coisa mais estranha que eu vi desde que o meu tio com duas cabeças defendeu o preço livre da prata e em seguida negou-se a si próprio. Uma explicação estragaria tudo.

— Não groco?

— Nem eu. Por isso vamos tomar outra bebida.

Os repórteres começaram a chegar; Jubal recebeu-os com cortesia, convidando-os a comer, a beber e a descontraírem-se — mas não permitiu que o importunassem ou ao Homem de Marte.

Aqueles que não cumpriam isto eram atirados à piscina.

Jubal ladeou-se de Duke e de Larry para administrarem o baptismo. Enquanto alguns ficavam zangados, outros aderiam ao pelotão encarregado dos mergulhos com o entusiasmo fanático dos recém-convertidos — e Jubal teve de os impedir de atirarem pela terceira vez à água o decano repórter do *New York Times*.

Já tarde, Dorcas procurou Jubal e murmurou-lhe ao ouvido:

— Telefone, patrão.

— Aceita o recado.

— Tem de responder, patrão.

— Vou responder com um machado! Há muito tempo que penso em me livrar dessa Criada de Ferro; hoje estou com essa disposição. Duke, arranja-me um machado.

— Patrão! É o homem com quem estive a falar durante muito tempo, esta tarde.

— Oh. Por que é que não o disseste logo? — Jubal apressou-se a subir as escadas, trancou a porta e dirigiu-se para o telefone. Outro dos acólitos de Douglas estava na tela, mas foi rapidamente substituído por Douglas.

— Levou bastante tempo para atender o telefone.

— É o meu telefone, Sr. Secretário. Por vezes nem sequer atendo.

— Assim parece. Por que é que não me disse que Caxton era um alcoólico?

— É?

— Claro que é! Estive numa das suas farras. Estava a curar a bebedeira numa cama em Sonora.

— Fico contente por saber que foi encontrado. Obrigado, senhor.

— Foi detido por «vagabundagem». A acusação não será registrada; vamos enviá-lo à sua responsabilidade.

— Devo-lhe um favor, senhor.

— Oh, não é propriamente um favor! Mandei-o entregar tal como ele foi encontrado: imundo, com a barba por fazer, e, segundo ouvi, tresandando a cerveja. Quero que o senhor veja a porcaria que ele é.

— Muito bem, senhor. Quando é que o posso esperar?

— Um correio deixou Nogales já há algum tempo. Deve estar a chegar aí. O piloto entregá-lo-á e pedirá um recibo.

— Tê-lo-á.

— Agora, conselheiro, lavo daí as minhas mãos. Espero que o senhor e o seu cliente apareçam, quer tragam ou não esse caluniador bêbado.

— Concordo. Quando?

— Amanhã às dez?

— Quanto mais depressa melhor. Concordo. Jubal desceu as escadas e foi lá para fora.

— *Jill!* Vem cá, minha filha.

— Sim, Jubal.

Ela correu para ele. Um repórter veio logo atrás dela. Jubal mandou-o para trás. — Privado — disse firmemente. — Assunto de família.

— Família de quem?

— A sua. Bisbilhoteiro! — O jornalista sorriu e afastou-se. Jubal inclinou-se e disse suavemente: — Ele está salvo.

— Ben?

— Sim. Estará aqui dentro de pouco tempo.

— Oh, Jubal! — Jill desatou a soluçar. Jubal agarrou-a pelos ombros.

— Pára com isso. Vai lá para dentro até te controlares.

— Sim, patrão.

— Vai chorar em cima da tua almofada, depois lava a cara. — Dirigiu-se para a piscina. — Silêncio! Tenho uma declaração a fazer. Tivemos muito prazer em vos ter aqui... mas a festa acabou.

— Huh!

— Atirem esse para a piscina. Sou uma pessoa de idade e preciso de descansar. Assim como a minha família. Duke, fecha essas garrafas. Raparigas, levem a comida.

Houve burburinho, mas os mais responsáveis acalmaram os seus colegas. Passados dez minutos estavam sós.

Vinte minutos depois chegou Caxton. O oficial dos S. S. que comandava o carro aceitou a assinatura e a impressão digital de Harshaw impressas num recibo previamente preparado e foi-se embora, enquanto Jill soluçava no ombro de Ben.

Jubal olhou-o de alto a baixo.

— Ben, ouvi dizer que tinhas estado bêbado durante uma semana. Ben praguejou enquanto continuava a consolar Jill.

— Bêbado em último grau... mas sem ter tomado uma única bebida.

— Que é que aconteceu?

— Não sei. Não *sei!*

Uma hora depois, o estômago de Ben tinha sido limpo; Jubal dera-lhe injeções para acabar com o efeito do álcool e dos barbitúricos; tomara banho, fizera a barba, vestira roupas emprestadas, conhecera o Homem de Marte, e estava a ser posto a par dos acontecimentos, enquanto ingeria leite e comida.

Mas ele não era capaz de os pôr a par do que lhe acontecera. Para Ben, a semana não tinha decorrido: ficara inconsciente em Washington; tinha sido despertado no México.

— Claro que *sei* o que aconteceu. Drogaram-me e meteram-me num quarto escuro... e extorquiram de mim o que puderam. Mas não posso provar *nada*. E há o *Jefe* da vila e a dona daquela tasca... mais, tenho a certeza, algumas testemunhas... prontas a jurar como é que este gringo passou o seu tempo. E não posso fazer nada para o evitar.

— Então não faças — aconselhou Jubal. — Descontra-te e dá-te por muito satisfeito.

— Uma ova, isso é que eu não faço! Vou buscar aquele...

— Chiu, chiu! Ben, estás vivo... uma coisa que eu considerava haver muito poucas probabilidades de acontecer. E Douglas vai fazer exactamente aquilo que nós queremos que ele faça... e vai gostar de o fazer.

— Quero falar sobre isso. Eu acho...

— Eu acho que tu vais para a cama. Com um copo de leite morno para dissimular o Ingrediente Secreto do Velho Dr. Harshaw para bêbados secretos.

Dentro em pouco, Caxton ressonava. Jubal ia para a cama quando encontrou Anne no *hall* do andar de cima. Abanou a cabeça, mostrando cansaço.

— Que dia, rapariga.

— Sim. Não o teria perdido por nada deste mundo e não quero repeti-lo. Vá para a cama, patrão.

— Vou já. Anne, que é que há de tão especial na maneira de beijar daquele rapaz?

Anne ficou sonhadora, depois sorriu.

— Devia ter experimentado.

— Sou demasiado velho para mudar. Mas tenho interesse por tudo o que diz respeito a este rapaz. Tem alguma coisa de diferente?

Anne ponderou na pergunta.

— Tem.

— O quê?

— Mike dá a um beijo toda a sua atenção.

— Oh, bolas! Isso também eu faço. Ou fiz. Anne abanou a cabeça.

— Não. Já fui beijada por homens que o faziam bem. Mas nenhum deles dava a um beijo toda a sua atenção. *Não podem.* Mesmo que o tentem com toda a boa vontade, partes do seu espírito estão concentradas em outras coisas. Perderam o último autocarro... as hipóteses que têm de conquistar a rapariga... ou nas suas próprias técnicas de beijar... ou, por vezes, preocupados com o emprego, ou com dinheiro, ou com o pai ou com os vizinhos que o podem apanhar. Mike não tem técnica... mas quando dá um beijo não está a fazer mais *nada*. É-se o seu universo completo... e o momento é eterno, porque ele não tem planos e não vai a lado

nenhum. Apenas nos está a beijar. — Ela arrepiou-se. — É irresistível.

— Hum...

— Não olhe para mim com essa cara, seu velho devasso! Você não compreende.

— Não. E tenho pena por ter de dizer que nunca compreenderei. Bem, boa noite. A propósito... disse a Mike para trancar a porta do quarto.

Ane fez-lhe uma careta.

— Desmancha-prazeres!

— Ele está a aprender muito depressa. Não o devemos apressar.

XVIII

A conferência foi adiada vinte e quatro horas, o que deu a Caxton tempo para se recuperar, para se pôr a par dos acontecimentos durante a semana em que estivera «ausente», e para se «aproximar» do Homem de Marte — pois Mike grocou que Jill e Ben eram «irmãos de água»; consultou Jill e ofereceu solenemente água a Ben.

Jill tinha dado instruções a Ben. Precisou de pensar muito nisso. Ben estava perturbado por uma desagradável sensação: sentia-se aborrecido pela amizade entre Jill e Mike. Os seus pensamentos de solteirão tinham-se alterado devido a uma semana de esquecimento solitário; declarou-se outra vez a Jill assim que a apanhou a sós.

Jill pareceu distante.

— Por favor, Ben.

— Porque não? Tenho um emprego estável, estou de boa saúde... ou estarei, assim que expelir as drogas da «verdade» do meu sistema... e como ainda não as expeli, sinto um impulso para

dizer a verdade. Amo-te. Quero casar contigo e massagear os teus pobres e cansados pezinhos. Sou muito velho? Ou tencionas casar com outro?

— Não, claro que não! Ben, querido... Ben, eu amo-te. Mas não me peças isso agora, eu tenho... responsabilidades.

Não consegui convencê-la.

Finalmente compreendeu que o Homem de Marte não era um rival: era doente da Jill — e um homem que casa com uma enfermeira tem de aceitar o facto de as enfermeiras terem um sentimento maternal em relação aos seus doentes; tem de o aceitar e apreciar, pois se Jill não possuísse o carácter que fizera dela uma enfermeira ele não a amaria. Não se tratava da maneira como o seu atrevido traseiro se movia quando ela andava, nem da paisagem exuberante que se oferecia do lado oposto — não pertencia ao tipo infantil dos homens apenas interessados no tamanho das glândulas mamarias! Não, era a própria Jill que ele amava.

Uma vez que a profissão tornava necessário que ele ocupasse o segundo lugar a seguir aos pacientes que precisavam dela, então ele estava decidido a não ter ciúmes! Mike era um óptimo rapaz... tão inocente e sincero como Jill o descrevera.

E ele não estava a oferecer a Jill um mar de rosas; a mulher de um jornalista tinha de suportar muitas coisas. Ele poderia ter de se ausentar por semanas, e os seus horários eram sempre irregulares. Não gostaria que Jill o enganasse. Mas Jill não o faria.

Depois de ter chegado a estas conclusões, Ben aceitou de todo o coração a oferta de água de Mike.

Jubal aproveitou o dia para fazer planos.

— Ben, quando atiraste este assunto para as minhas costas, eu disse a Gillian que não mexeria um dedo para lutar pelos supostos «direitos» deste rapaz. Mudei de opinião. Não vamos deixar que o Governo fique com tudo.

— Principalmente *esta* Administração!

— Nem nenhuma, a próxima será ainda pior. Ben, não dás o devido valor a Joe Douglas.

— Ele é um político barato, com moral a condizer!

— Sim. E ignorante até à décima casa. Mas é também um chefe mundial bastante consciencioso, melhor do que nós merecemos. Gostaria de jogar póquer com ele... ele não faria batota e pagaria com um sorriso nos lábios. Oh, ele é um cavalheiro da velha guarda. É razoavelmente decente.

— Jubal, diabos me levem se o percebo. Disse-me que tinha quase a certeza de que Douglas me mandara matar... e não estive longe disso. Fez mil e um malabarismos para me tirar das mãos deles vivo e Deus sabe como lhe estou agradecido! Mas espera que eu esqueça que Douglas esteve por detrás disto? Não foi por causa dele que eu ainda estou vivo: ele preferiria ver-me morto.

— Acho que preferiria, realmente. Mas faz apenas isto: esquece.

— Diabos me levem se vou esquecer!

— Serás muito idiota se não o fizeres. Não podes provar nada. E não tens razão para me estares agradecido e eu não deixarei que atires esse fardo para cima de mim. Eu não o fiz por *ti*.

— Hã?

— Fi-lo por uma rapariguinha que estava prestes a ir à tua procura e que talvez morresse. Fi-lo porque ela era minha hóspede e eu compartilho as preocupações dos meus convidados. Fi-lo porque toda ela era coragem e valentia mas demasiado ignorante para lidar com uma tal serra circular. Mas tu, meu cínico e manchado pelo pecado, sabes tudo sobre serras circulares. Se a tua falta de cuidado te fizer cair numa, quem sou eu para interferir com o teu carma?

— Hum... *O. K.*, Jubal, podes ir para o Inferno... por gozares com o meu carma. Se é que tenho um.

— Isso é um ponto discutível. Os profetas e os livres pensadores estão entravados no quarto bairro, pelas últimas notícias que ouvi. De qualquer maneira não tenho desejo nenhum de

perturbar um homem que dorme numa vala. Fazer o bem é como tratar a hemofilia: a cura *real consiste em deixar os* hemofílicos esvaírem-se em sangue... antes que possam gerar mais hemofílicos.

— Podias esterilizá-los.

— Achas-me com cara de andar a brincar de Deus? Mas estamos a fugir ao nosso assunto. Douglas não tentou assassinar-te.

— Quem é que diz isso?

— Diz o infalível Jubal Harshaw, falando *ex cathedra* do alto da sua importância. Meu filho, se um ajudante de um xerife bate num prisioneiro até à morte, podes apostar em como as autoridades do condado não o teriam permitido se tivessem tido conhecimento. Na pior das hipóteses fecham os olhos... depois. O assassinio nunca foi uma política neste país.

— Hei-de mostrar-te os antecedentes de um certo número de mortes que eu investiguei.

Jubal não ligou a isto.

— Eu disse que não era uma política. Sempre tivemos casos de assassinio: desde casos de pessoas proeminentes, como por exemplo o Huey Long, até espancamentos mortais de homens que não mereceram mais que uma pequena notícia no jornal. Mas isso nunca foi uma política e o facto de tu estares vivo prova que não é essa a política de Joe Douglas. Eles apanharam-te sem ninguém ver, espremeram-te e podiam ter disposto de ti tão facilmente como se deita um rato morto na retrete e se puxa o autoclismo. Mas o patrão deles não gosta que eles sejam tão rudes e, se soubesse que o tinham sido, isso custar-lhes-ia os seus empregos, se não mesmo os seus pescoços. — Jubal fez uma pausa para beber um gole. — Esses tugues são apenas uma ferramenta, não são uma guarda pretoriana que controla o César. Portanto, quem é que tu querias para César? O cortês Joe Douglas, cuja doutrina remonta ao tempo em que este país era uma nação e não uma satrapia num império poliglota... Douglas, que não pode suportar o assassinio? Ou queres correr com ele (podemos fazê-lo, basta intrujá-lo), correr com ele e pôr no seu lugar num secretário-geral vindo de uma terra onde a vida é mais

barata e o assassinio uma tradição? Se o fizeres, Ben... que é que irá acontecer ao próximo jornalista bisbilhoteiro que passeie numa rua escura?

Caxton não respondeu.

— Tal como eu disse, os S. S. são apenas uma ferramenta. Existem sempre homens, disponíveis para serem contratados, que *gostam* de fazer trabalho sujo. Se tirares a Douglas a sua maioria, quão sujo se tomará esse trabalho?

— Jubal, estás a dizer que eu não *devia* criticar a Administração?

— Não. As críticas são sempre necessárias. Mas é bom olhar para os novos patifes antes de correres com os actuais. A democracia é um sistema pobre; a única coisa que pode ser dita a seu favor é que é tão boa como qualquer outro método. A sua pior falha é que os seus chefes reflectem os seus constituintes: um baixo nível, mas que é que se pode esperar? Portanto, olha para Douglas e pensa que, a sua ignorância, estupidez, e egoísmo, ele se *parece com os seus amigos* americanos, mas está um ou dois furos acima da média. Em seguida, olha para o homem que o substituirá se o seu Governo cair.

— A diferença é muito pequena.

— Existe sempre uma diferença! Esta é entre «mau» e «pior»... o que é muito diferente do que entre «bom» e «melhor».

— E então? Que é que queres que eu faça?

— Nada — respondeu Harshaw. — Eu próprio dirigirei este espectáculo. Espero que te abstenhas de criticar Douglas na combinação que se fizer... e talvez elogiá-lo pelo seu comedimento no seu comportamento como estadista.

— Estás a fazer-me vomitar!

— Apara com o teu chapéu. Vou dizer-te o que vou fazer. A primeira regra para montar um tigre é agarrar-se bem às suas orelhas.

— Deixa de ser pomposo. Qual é o negócio?

— Deixa de ser obtuso e ouve. Mike tem o infortúnio de ser herdeiro de uma fortuna muito maior do que aquela com que Creso sonhou... mais uma pretensão de poder político baseado num precedente político-judicial de uma burrice como já não se via desde que o secretário Fali foi acusado de ter recebido um suborno que Doheny tinha sido condenado a pagar. Não tenho interesse nenhum no disparate do «Príncipe Herdeiro». Do mesmo modo que não considero esta riqueza como «sua»; ele não a produziu. Mesmo se a tivesse ganho, «propriedade» não é o conceito natural e óbvio que a maior parte das pessoas pensa que é.

— Outra vez?

— A propriedade é uma abstração sofisticada, uma relação mística. Só Deus sabe como os nossos teóricos complicaram este mistério... mas eu nem sonhava o quanto ele era subtil até ter compreendido o ponto de vista marciano. Os Marcianos não possuem *nada*... nem sequer os seus corpos.

— Espera um segundo, Jubal. Até os animais têm propriedade. E os Marcianos não são animais; são uma civilização, com cidades e toda a espécie de outras coisas.

— Sim. «As raposas têm tocas e os pássaros do ar têm ninhos.» Ninguém compreende *meus-et-tuus* melhor que um cão de guarda. Mas os Marcianos não. A menos que consideres a posse conjunta de tudo por milhões ou biliões de cidadãos seniores... «fantasmas» para ti, meu amigo... como «propriedade».

— Diz-me, Jubal, que é isso dos «Velhos»?

— Queres a versão oficial?

— Não. A tua opinião.

— Acho que se trata de mentiras piedosas, convenientes para enriquecer os relvados... uma superstição metida no espírito dos rapazes tão cedo que é impossível convencê-los de outra coisa.

— Jill fala como se acreditasse nisso.

— Hás-de ouvir-me falar como se também eu acreditasse nisso. Vulgar delicadeza. Um dos meus amigos mais importantes,

acredita na astrologia; e eu nunca seria capaz de a ofender dizendo-lhe o que é que *eu* penso. A capacidade dos humanos para acreditarem naquilo que a mim me parece extremamente improvável... desde o espiritismo até à superioridade dos seus filhos... nunca foi compreendida. A fé, para mim, é preguiça mental, mas a fé de Mike nos Velhos não é mais irracional do que a convicção de que a dinâmica do universo pode ser anulada através de preces pedindo chuva.

— Hum, Jubal, confesso que acho que a imortalidade é um facto... mas estou contente por o fantasma do meu avô não mandar em mim. Ele era um velho diabo excêntrico.

— E o meu também, assim como eu. Mas existe alguma razão para que os direitos de um cidadão sejam anulados simplesmente porque esse cidadão está morto? A circunscrição eleitoral em que nasci tinha um grande número de eleitores... quase como os Marcianos. De qualquer modo, o nosso Mike *não* pode possuir nada porque os Velhos são possuidores de *tudo*. Portanto terei muita dificuldade em explicar-lhe que ele possui mais de um milhão de ações da Empresa Lunar, mais a Propulsão Lyle, mais uns tantos bens móveis e títulos. O facto de os possuidores originais estarem mortos não ajuda; isso faz deles Velhos... e Mike nunca meteria o nariz em assuntos de Velhos.

— Hum... bolas, ele é incompetente.

— Claro. Não pode dirigir propriedade nenhuma porque não acredita na sua mística... tal como eu não acredito nos seus fantasmas. Ben, tudo o que Mike possui é uma escova de dentes... e não sabe que a possui. Se lha tirares, ele pensará que os Velhos autorizaram a troca. — Jubal encolheu os ombros. — Ele é incompetente. Portanto, não vou deixar que a sua competência seja verificada: qual seria o tutor que eles indicariam?

— Ora! Douglas. Ou algum dos seus acólitos.

— Tens a certeza, Ben? Pensa na constituição do Supremo Tribunal. A pessoa indicada não poderia chamar-se Savvonavong? Ou Nadi? Ou Kee?

— Hum... és capaz de ter razão.

— Caso esse em que o rapaz era capaz de não viver muito tempo. Ou poderia atingir uma bonita idade em algum agradável jardim, do qual seria mais difícil fugir do que do Hospital de Bethesda.

— Que é que tencionas fazer?

— O poder que o rapaz possui nominalmente é demasiado perigoso. Portanto vamos deitá-lo fora.

— Como é que se deita fora tanto dinheiro?

— Não se deita. Entregá-lo seria alterar o equilíbrio de poder: qualquer tentativa nesse sentido faria com que a competência do rapaz fosse examinada. Portanto, em vez disso, vamos deixar o tigre correr enquanto nos agarramos às suas orelhas para salvar a nossa própria vida. Ben, deixa-me fazer-te um esboço daquilo que tenciono fazer... depois fazes tudo o que estiver ao teu alcance para lhe descobrires defeitos. Não na parte legal; o pessoal legal de Douglas escreverá os resultados e eu verificarei. Quero que investigues a praticabilidade política. Agora ouve o que eu vou fazer...

XIX

A delegação diplomática de Marte dirigiu-se para o Palácio na manhã seguinte. O despretensioso pretendente ao trono de Marte, Mike Smith, não se preocupou com o objectivo da viagem; apreciou-a simplesmente. Foram num transporte voador da Greyhound alugado; Mike sentou-se ao pé do motor, com Jill de um lado e Dorcas do outro, e arregalava os olhos à medida que as raparigas lhe apontavam as paisagens e conversavam com ele. O assento fora previsto para duas pessoas; um resultado muito «aproximador». Mike estava sentado com um braço por cima de cada uma, e observava, ouvia e tentava grocar, e não estaria mais feliz se estivesse três metros debaixo de água.

Era a sua primeira observação da civilização terrena. Ao ser removido da *Champion* não vira nada; tinha passado dez minutos

num táxi há dez dias atrás, mas não grocara nada do que vira. Desde aí o seu mundo tinha-se limitado à casa, à piscina, ao jardim, à relva e às árvores — não passara do portão da propriedade de Jubal.

Mas agora era mais sofisticado; compreendia as janelas, percebia que aquilo que o rodeava era para observar e que as paisagens que ele via eram cidades. Apontou, com a ajuda das raparigas, onde elas se situavam no mapa que estava num quadro. Só há pouco tempo descobrira que os humanos percebiam de mapas. A primeira vez que grocara um mapa, sentira uma ponta de saudades do seu lar. Era estático e morto comparado com os mapas usados pelo seu povo — mas era um mapa. Mesmo os mapas humanos eram marcianos em essência; gostou deles.

Viu quase quatrocentos quilómetros de terras, a maior parte delas abrigando metrópoles mundiais, e saboreou cada centímetro, tentando grocá-las. Estava admirado com o tamanho das cidades humanas e com a sua fervilhante actividade, tão diferente das cidades-mosteiros do seu povo. Pareceu-lhe que uma cidade humana devia estar quase a desaparecer, por isso ficou chocado com aquela experiência que apenas os Velhos mais fortes podiam suportar ao visitar as suas ruas desertas e grocar em contemplação acontecimentos e emoções amontoados em infinitas camadas. Ele visitara cidades abandonadas no seu planeta, em algumas maravilhosas e terríveis ocasiões. Depois, os seus professores tinham parado com essa experiência, grocando que ele não era bastante forte.

Perguntas feitas a Dorcas e a Jill permitiram-lhe grocar a idade da cidade; tinha sido fundada há cerca de dois séculos terrenos atrás. Uma vez que as unidades de tempo terrestres não tinham significado para ele, converteu-as em anos e números marcianos: três-anos-completos-mais-três-anos de espera ($3^4 + 3^3 = 108$ anos marcianos).

Aterrorizador e maravilhoso! Assim, estas pessoas deviam estar a preparar-se para abandonar a cidade aos seus pensamentos, antes

que ela se destruísse perante a tensão e deixasse de existir... contudo, e apenas pelo tempo, a cidade era apenas-um-ovo.

Mike pensou voltar a Washington no futuro, daí a um ou dois séculos, para passear pelas ruas vazias e tentar aproximar-se da sua infinita dor e beleza, grocando avidamente até que ele fosse Washington e a cidade fosse ele próprio — se já estivesse suficientemente forte nessa altura. Arquivou o pensamento, pois tinha de crescer, crescer e crescer antes de ser capaz de apreciar e guardar a poderosa angústia da cidade.

O condutor do transporte virou para leste, devido ao intenso tráfico (causado, sem que Mike soubesse, pela sua presença), e Mike viu o mar.

Jill teve de lhe dizer que aquilo era água; Dorcas acrescentou que se tratava do oceano Atlântico e apontou para ele no mapa. Mike tinha aprendido, desde que passara para o ninho, que o planeta seguinte mais próximo do Sol era quase totalmente coberto pela água da vida, e mais tarde aprendera que os seus habitantes aceitavam esta riqueza casualmente. Tinha ultrapassado a mais difícil barreira do groque da ortodoxia marciana, ao aprender que a cerimónia da água não requeria água; a água era o símbolo da essência: bela, mas não indispensável.

Mas Mike descobriu que saber em abstracto não era a mesma coisa que a realidade física; o Atlântico encheu-o de um tal temor respeitoso que Jill teve de dizer, rudemente: — Mike! Não te atrevas!

Mike cortou a sua emoção e arquivou-a. Depois pasmou ao ver a água estender-se até ao horizonte, e tentou medi-la até a sua cabeça ficar a zumbir com potências de três e superpotências de potências.

Assim que aterraram no Palácio, Jubal disse:

— Lembrem-se, raparigas, formem um quadrado à volta dele e não receiem dar uma canelada ou uma cotovelada. Anne, tu estarás de capa vestida, mas isso não é razão para não pões um pé para trás se te empurrarem. Ou é?

— Pare de se afligir, patrão; ninguém empurra uma testemunha; os meus sapatos têm uns saltos bastante pontiagudos e eu peso mais do que você.

— *O.K.* Duke, manda o Larry levar o veículo assim que for possível.

— Grocado, patrão. Pare de se enervar.

— Eu enervo-me como me apetece. Vamos embora.

Harshaw, as quatro raparigas com Mike, e Caxton saíram; o carro decolou. A plataforma de aterragem não estava pejada de gente, mas estava longe de estar vazia. Um homem adiantou-se e disse cordialmente:

— Dr. Harshaw? Sou Tom Bradley, principal assistente executivo do secretário-geral. Tem de ir ao escritório do Sr. Douglas. Ele recebê-lo-á antes de a conferência começar.

— Não.

Bradley pestanejou.

— Acho que não compreendeu. São instruções do secretário-geral. Oh, ele disse que o Sr. Smith podia ir consigo... o Homem de Marte, quero dizer.

— Não. Nós vamos para a sala de conferências. Diga a alguém que me indique o caminho. Entretanto tenho uma incumbência para si. Miriam, a carta.

— Mas, Dr. Harshaw...

— Eu disse «Não!» Você vai entregar esta carta ao Sr. Douglas, *imediatamente*, e trazer-me o recibo. — Harshaw assinou nas costas de um envelope, que Miriam lhe tinha entregado, colocou a sua impressão digital por cima da assinatura, e deu-a a Bradley. — Diga-lhe que ele tem de ler isto imediatamente... antes da reunião.

— Mas o secretário-geral deseja...

— O secretário-geral deseja ver essa carta. Meu caro jovem, eu sou dotado de segunda visão. Profetizo que você não estará aqui amanhã, se demorar muito tempo a levar-lhe essa carta.

Bradley disse;

— Jim, toma o meu lugar. — E saiu, com a carta.

Jubal suspirou. Tinha suado para escrever aquela carta; Anne e ele tinham estado a pé a maior parte da noite, preparando rascunho atrás de rascunho. Jubal tencionava chegar a uma combinação aberta — mas não fazia tenção de apanhar Douglas de surpresa.

Um homem adiantou-se, em resposta à ordem de Bradley; Jubal classificou-o como um daqueles jovens ávidos por dinheiro que gravitam em torno dos que estão no poder e fazem o trabalho sujo. O homem sorriu e disse:

— O meu nome é Jim Sanforth, doutor; sou o chefe da Secretaria de Imprensa. Trabalharei para si, a partir de agora... arranjando entrevistas à imprensa e por aí adiante. Lamento dizer que a conferência ainda não está pronta; no último minuto tivemos de mudar para uma sala maior. Penso que...

— E eu penso que iremos para a sala de conferências imediatamente.

— Doutor, o senhor não compreendeu. Estão a esticar fios e a fazer outras coisas, a sala está pejada de repórteres e...

— Muito bem. Conversaremos com eles.

— Não, doutor. Tenho instruções...

— Rapaz, pode pegar nas suas instruções, dobrá-las muito bem dobradinhas... e atirá-las para as suas masmorras. Viemos aqui com um fim: uma conferência pública. Se a conferência não está pronta, veremos os representantes da imprensa... na sala de conferências.

— Mas...

— Você está a fazer o Homem de Marte estar de pé num telhado ventoso. — Harshaw levantou a voz. — Há por aí alguém suficientemente esperto para nos conduzir à sala de conferências?

Sanforth engoliu em seco e disse:

— Siga-me, doutor.

A sala de conferências estava cheia de jornalistas e de técnicos e existia uma grande mesa oval, cadeiras e várias mesas mais pequenas. Mike foi descoberto e os protestos de Sanforth não afastaram a multidão. A formação em cunha das amazonas que protegia Mike levou-o até à mesa grande; Jubal sentou-o encostado a ela, com Jill e Dorcas a ladearem-no e Miriam e a testemunha atrás dele. Em seguida Jubal não fez qualquer tentativa para desviar as perguntas ou as fotografias. Tinham dito a Mike que as pessoas fariam coisas estranhas e Jubal tinha-o avisado para não agir subitamente (tal como fazer as pessoas ou as coisas desaparecerem ou levitarem) a menos que Jill lhe dissesse para o fazer.

Mike aceitou a confusão solenemente; Jill segurava-lhe a mão e o seu toque acalmava-o.

Jubal queria fotografias, quantas mais melhor; quanto a perguntas, não as receava. Uma semana de conversas com Mike tinha-o convencido de que nenhum repórter podia tirar alguma coisa dele sem a ajuda de um perito. O hábito de Mike de responder literalmente e parar anulava as tentativas para o sondar.

À maior parte das perguntas, Mike respondeu com «Não sei» ou «Perdão?».

Um correspondente da Reuter, prevendo uma discussão sobre o estatuto de Mike como herdeiro, tentou fazer o seu próprio teste à competência de Mike:

— Sr. Smith? Que é que sabe sobre as leis da herança?

Mike sabia que estava a ter problemas ao tentar grocar o conceito humano de propriedade e, em particular, as ideias de legado e de herança. Por isso agarrou-se ao livro — que Jubal reconheceu como *Ensaio sobre Herança e Legado*, capítulo I.

Mike recitou o que tinha lido, com precisão e sem expressão, página após página, enquanto a sala caía em silêncio e o seu interlocutor engolia em seco.

Jubal deixou-o continuar até que todos os jornalistas ali presentes soubessem mais do que ele queria saber sobre legados,

consanguíneos e uterinos, *per stirpes e per capita*. Por fim, Jubal disse:

— Já chega, Mike. Mike pareceu confuso.

— Há mais.

— Mais tarde. Alguém tem qualquer pergunta sobre outro assunto?

Um repórter de um jornal dominical de Londres levantou-se apresentando uma pergunta que devia ter saído do livrinho de apontamentos do seu patrão:

— Sr. Smith, parece-nos compreender que gosta de raparigas. Já alguma vez beijou uma rapariga?

— Já.

— Gostou?

— Sim.

— Como é que gostou?

Mike quase não hesitou.

— Beijar raparigas é uma coisa boa — explicou. — É muito melhor do que jogar cartas.

Os aplausos assustaram-no. Mas pôde sentir que Jill e Dorcas não estavam assustadas; estavam a tentar conter aquela ruidosa expressão de prazer que ele não podia apreender. Por isso acalmou o seu receio e esperou.

Foi salvo de mais perguntas e foi-lhe concedida uma grande alegria; viu uma figura familiar a entrar por uma das portas laterais.

— Meu irmão Dr. Mahmoud! — Mike continuou a demonstrar a sua excitação... em marciano.

O semântico da *Champion* acenou e sorriu, respondendo na mesma estridente linguagem enquanto corria para Mike. Os dois continuaram a falar por meio de símbolos não humanos, Mike numa torrente apressada, Mahmoud não tão rapidamente, com sons que pareciam um rinoceronte a ruminar uma casca de aço.

Os jornalistas ouviram-nos durante algum tempo, aqueles que tinham gravadores gravando e os que não tinham anotando. Por fim, um deles interrompeu.

— Dr. Mahmoud! Que é que está a dizer? Mahmoud respondeu em oxoniano cerrado:

— Durante a maior parte do tempo estive a dizer: «Mais devagar, meu querido rapaz, por favor.»

— E o que é que *e/le* diz?

— O resto é pessoal, privado, de nenhum interesse. Saudações, compreendem. Amigos de longa data. — Continuou a conversar... em marciano.

Mike contava ao seu irmão tudo o que tinha acontecido desde a última vez que o tinha visto, para que pudessem aproximar-se; mas a abstração de Mike do que havia que contar era um conceito marciano, dizendo primeiramente respeito aos novos irmãos de água e ao sabor de cada um deles... a água gentil que era Jill... a profundidade de Anne... o estranho facto, ainda-não-inteiramentegrocado, de que Jubal tanto parecia um «ovo» como logo a seguir parecia um «Velho», mas não era nem uma coisa nem outra... a ingrocável vastidão do oceano...

Mahmoud tinha menos para contar, pois tinham-lhe acontecido menos coisas, segundo os padrões marcianos: um excesso dionisíaco do qual não tinha orgulho, um longo dia passado de cara para baixo na Mesquita Suleiman de Washington, cujos resultados ainda não tinha grocado e que não discutiria. Nada de novos irmãos de água.

Nesse momento deteve Mike e ofereceu a mão a Jubal.

— O senhor é o Dr. Harshaw. Valentine Michael pensa que me apresentou... e apresentou, segundo as suas regras.

Harshaw mediu-o de alto a baixo enquanto lhe apertava a mão. O sujeito parecia um típico caçador desportivo britânico, desde as caras roupas de *tweed* que trazia vestidas até ao bigode grisalho enrolado nas pontas... mas a sua pele era escura, e os genes

daquele nariz provinham de algum lugar próximo do Levante. Harshaw não gostava de imitações e teria preferido uma broa de milho ao mais perfeito «lombo de vaca» sintético.

Mas Mike tratava-o como um amigo, portanto era «amigo», até prova em contrário.

Para Mahmoud, Harshaw parecia um exemplar de museu daquilo que ele pensava que era um «ianque»: vulgar, vestido demasiado informalmente para a ocasião, com a mania de dar nas vistas, provavelmente ignorante, e quase de certeza provinciano. Um indivíduo que tinha uma profissão liberal, o que tornava as coisas ainda piores, pois, segundo a experiência do Dr. Mahmoud, os americanos que desempenhavam uma profissão liberal eram mal-educados e de vistas curtas, meros técnicos. Ele tinha uma grande aversão por todas as coisas americanas. A incrível confusão politeísta de religiões, a cozinha (*cozinha!!!*), as maneiras, a arquitectura corrompida e as artes repugnantes — e a crença cega e arrogante na sua superioridade muito depois de o seu sol se ter apagado. As mulheres. As mulheres, na sua maior parte, as imodestas e presunçosas mulheres, possuindo corpos magros e doentios, mas que apesar de tudo lhe lembravam as huris. Quatro delas rodeavam Valentine Michael Smith — numa reunião que devia ser somente composta por homens.

Mas Valentine Michael Smith apresentava essas pessoas — incluindo aquelas ubíquas criaturas fêmeas —; apresentava-as com orgulho e com alegria como seus irmãos de água, ficando deste modo, Mahmoud com uma obrigação, que tinha mais de convite que de ordem, para com os filhos de um irmão do pai — pois Mahmoud apreendera o sentido do termo marciano para tais relações orgânicas através da observação dos próprios Marcianos e não precisava de o traduzir inadequadamente como «reunião catenária», nem por «coisas iguais a uma mesma coisa são iguais entre si». Tinha visto marcianos no seu lar; conhecia a sua pobreza (segundo os padrões da Terra); tinha mergulhado na — e tinha adivinhado muito mais da — sua riqueza cultural; e grocara o imenso valor que os marcianos davam às relações interpessoais.

Bem, não havia mais nada a fazer — ele partilhara água com Valentine Michael e agora tinha de justificar a confiança que o seu amigo depositava nele... esperava que estes ianques não fossem completamente pretensiosos.

Portanto sorriu acolhedoramente.

— Sim. Valentine Michael explicou-me, muito orgulhosamente, que todos vocês estão em... — (Mahmoud usou uma palavra em marciano) — para ele.

— Hã?

— Irmandade de água. Compreende?

— Eu groco.

Mahmoud duvidou de que Harshaw realmente grocasse, mas prosseguiu calmamente:

— Visto que estou nessa relação para com ele, devo pedir para ser considerado um membro da família. Sei o seu nome, Dr. Harshaw, e penso que este deve ser o Sr. Caxton... vi o seu rosto numa fotografia no topo da sua coluna, Sr. Caxton... mas deixe-me ver se sei os nomes das senhoras. Esta deve ser a Anne.

— É. Mas está disfarçada.

— Claro. Apresentar-lhe-ei os meus respeitos mais tarde.

Harshaw apresentou-os aos outros... e Jill surpreendeu-o ao dirigir-se-lhe com a correcta expressão honorífica devida a um irmão de água, pronunciando-a três oitavas mais acima do que um marciano a teria dito, mas com a mais pura e gutural pronúncia. Era uma dúzia de palavras que ela era capaz de pronunciar, no meio de uma centena de estranhas palavras que estava a começar a compreender — mas, esta, sabia-a na ponta da língua porque era usada para ela e por ela muitas vezes por dia.

O Dr. Mahmoud abriu os olhos: talvez estas pessoas não fossem apenas bárbaros não circuncidados... esta jovem *tinha* uma forte intuição. Instantaneamente ofereceu a Jill a correcta expressão honorífica de resposta e curvou-se perante a sua mão.

Jill viu que Mike estava encantado; ela conseguira articular a mais pequena das nove formas pelas quais um irmão de água podia dar a resposta — embora não a grocasse e não tivesse considerado a hipótese de dizer (em inglês) o equivalente biológico humano mais aproximado... principalmente a um homem que mal acabara de conhecer!

Mahmoud, que a compreendia, tomou o seu significado simbólico em vez do seu significado literal (humanamente impossível), e articulou correctamente a resposta. Jill ultrapassara o seu limite; não compreendeu a resposta dele e não pôde retorquir, nem mesmo em inglês.

Mas teve uma inspiração. Em cima da mesa havia jarros de água, cada um deles com o seu conjunto de copos. Pegou no jarro e no copo e encheu este último.

Olhou Mahmoud nos olhos, e disse sinceramente.

— Água. O nosso ninho é seu. — Levou-o aos lábios e deu-o a Mahmoud.

Ele respondeu em marciano, viu que ela não compreendera e traduziu:

— Quem partilha água, partilha tudo. — Bebeu um gole e ia devolvê-lo... corrigiu o gesto e ofereceu o copo a Harshaw.

Jubal disse:

— Eu não sei falar marciano, meu filho... mas obrigado pela água. Que nunca tenhas sede. — Bebeu cerca de um terço da água. — Ah! — Passou o copo a Ben.

Caxton olhou para Mahmoud e disse gravemente.

— Aproximação. Com a água da vida nós aproximamo-nos. — Bebeu e passou-o a Dorcas.

Apesar dos que se lhe tinham precedido, Dorcas hesitou.

— Dr. Mahmoud, sabe quão sério isto é para Mike?

— Sei, menina.

— Bem.. é igualmente sério para nós. Compreende?... Groca?

— Groco toda a sua complexidade... ou ter-me-ia recusado a beber.

— Está bem. Que possa sempre beber profundamente. Que os nossos ovos possam partilhar um ninho. — Lágrimas começaram a cair dos seus olhos; bebeu e passou apressadamente o copo a Miriam.

Miriam murmurou:

— Vê se te recompões, rapariga. — Em seguida falou para Mike: — Com água damos as boas-vindas ao nosso irmão. — Depois acrescentou para Mahmoud: — Ninho, água, vida. — Bebeu. — Nosso irmão. — Miriam ofereceu-lhe o copo.

Mahmoud bebeu o que restava e falou, mas em árabe: —«E se vós misturardes os vossos assuntos com os deles, então eles são vossos irmãos.»

— Ámen — concordou Jubal.

O Dr. Mahmoud apressou-se a olhar para ele, e decidiu-se a não inquirir se Harshaw percebera; este não era o local apropriado para dizer qualquer coisa que pudesse conduzir à revelação das suas próprias dúvidas, dos seus próprios problemas. Contudo sentiu a sua alma reconfortada — como sempre acontecia — pelo ritual da água... embora cheirasse um pouco a heresia.

Os seus pensamentos foram cortados pelo aparecimento do chefe de protocolo.

— O senhor é o Dr. Mahmoud. Pertence ao lado mais afastado, doutor. Siga-me.

Mahmoud sorriu.

— Não, eu pertença aqui. Dorcas, posso puxar uma cadeira e sentar-me entre você e Valentine Michael?

— Claro, doutor. Eu afasto-me.

O assistente chefe do protocolo estava prestes a bater o pé.

— Dr. Mahmoud, por favor! O mapa coloca-o do outro lado da sala! O secretário-geral deve estar a chegar a qualquer momento... e

este sítio ainda está simplesmente *pejado* de repórteres e sabe Deus que mais... e eu não sei o que vou fazer!

— Então vá chatear para outro lado — disse Jubal.

— O quê? Quem é você? Está na lista? — Começou preocupadamente a consultar um mapa.

— Quem é você? — respondeu Jubal. — O chefe dos criados? Eu sou Jubal Harshaw. Se o meu nome não está na lista, pode rasgá-la. Escute, seu brutamontes, se o Homem de Marte quer que o Dr. Mahmoud esteja ao pé dele, isso resolve a questão.

— Mas ele não pode sentar-se aqui! Os lugares na mesa da conferência estão reservados para os ministros, chefes de delegação, juizes do Supremo Tribunal, e pessoas de igual categoria, e eu não sei como é que os vou sentar se aparecer mais alguém... e para o Homem de Marte, claro.

— Claro — concordou Jubal.

— E é evidente que o Dr. Mahmoud tem de estar ao pé do secretário-geral... mesmo atrás dele, para que possa interpretar sempre que for necessário. Devo dizer que o senhor não está a ser prestável.

— Eu vou ajudar. — Jubal arrancou o papel da mão do funcionário. — Hum... deixe-me ver. O Homem de Marte sentar-se-á em frente do secretário-geral, perto do local onde ele está agora. Então... — Jubal pegou num lápis e atacou o mapa — ... esta metade, daqui aqui, pertence ao Homem de Marte. — Jubal rabiscou umas cruzinhas e uniu-as com um grosso traço a negro. Em seguida começou a escrever nomes correspondentes àquele lado da mesa. — Isto poupa-lhe metade do seu trabalho... porque eu não aceitarei mais ninguém do nosso lado da mesa.

O oficial do protocolo estava demasiado chocado para falar. A sua boca abriu-se, mas apenas alguns ruídos ininteligíveis se fizeram ouvir. Jubal olhou calmamente para ele.

— Passa-se alguma coisa? Oh... esqueci-me de o tornar oficial. — Escreveu por baixo das emendas que tinha feito: «*J. Harshaw, por*

V. M. Smith.» Vá a correr até ao seu chefe e mostre-lhe isto. Diga-lhe para passar uma vista de olhos pelo seu livro de regras sobre visitantes oficiais de planetas amigos.

O homem abriu a boca... e saiu sem a conseguir fechar. Voltou atrás de um homem mais velho. O recém-chegado disse num tom de quem não admitia disparates:

— Dr. Harshaw, sou La Rue, chefe do protocolo. Precisa realmente de metade da mesa principal? Pareceu-me compreender que a sua delegação era bastante pequena.

— Isso não interessa. La Rue sorriu levemente.

— Receio que interesse. Estou muito atrapalhado com falta de espaço. Quase todos os oficiais de primeira categoria foram seleccionados para estar presentes. Se está à espera de mais alguém (devia ter-me dito), mandarei colocar uma mesa atrás destes dois lugares reservados para o Sr. Smith e para si.

— Não.

— Receio que tenha de ser assim. Lamento.

— Eu também lamento... por si. Porque, se metade da mesa não está reservada para Marte, nós vamos embora. Diga ao secretário-geral que fez com que esta conferência falhasse devido a ter sido rude para com o Homem de Marte.

— Com certeza que não está a falar a sério.

— Não percebeu o que eu disse?

— Hum... bem, tomei-o como uma brincadeira.

— Não me posso dar ao luxo de brincar, meu filho. Ou Smith é um chefe de um outro planeta retribuindo uma visita oficial ao chefe deste planeta — caso em que tem direito a todos os criados e dançarinos que você for capaz de descobrir — ou é apenas um turista e não tem direito a qualquer cortesia. Não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Olhe à sua volta e conte os «oficiais de primeira categoria», como você lhes chamou, e pense se *e/es* estariam aqui se Smith fosse apenas um turista.

La Rue lentamente:

— Não existe precedente. Jubal arfou.

— Vi o chefe da delegação da República Lunar entrar: vá dizer-lhe, *a ele*, que não há precedente. Depois esconda-se! Ouvi dizer que ele tinha um temperamento irascível. Mas, meu filho, sou uma pessoa de idade, passei mal a noite e não me cabe a mim ensinar-lhe o seu trabalho. Diga ao Sr. Douglas que o veremos outro dia... quando estiver pronto para nos receber como deve ser. Anda, Mike.
— Jubal começou a tentar levantar-se penosamente da cadeira.

La Rue apressou-se a dizer:

— Não, não, Dr. Harshaw! Vamos deixar livre este lado da mesa. Vou... Bem, vou fazer alguma coisa. Está à vossa disposição.

— Assim é melhor. — Harshaw continuou em posição de se levantar.

— Mas, onde é que está a bandeira de Marte? E que é que se passa com as honras?

— Parece-me que não estou a perceber.

— Nunca tive um dia em que tivesse mais problemas com o meu inglês, que penso ser bastante claro. Ouça: vê aquela bandeira da Federação atrás do lugar onde o secretário-geral se vai sentar? Onde é que está a que devia estar aqui? A de Marte?

La Rue pestanejou.

— Devo admitir que me apanhou de surpresa, não sabia que os Marcianos usavam bandeiras.

— Não usam. Mas possivelmente você não poderia saber o que é que eles usam nas ocasiões oficiais. (*Nem eu, meu rapaz, mas isso não interessa!*) Por isso vamos livrá-lo de trabalhos e tentar fazer uma coisa apropriada para a situação. Papel, Miriam... agora, assim.
— Harshaw desenhou um rectângulo, fez um esboço do tradicional símbolo humano de Marte, um círculo com uma flecha dirigindo-se para o canto superior direito.

— Faça o fundo em branco e a sigla de Marte em vermelho; devia ser em seda, claro, mas, com um lençol e um pouco de tinta

vermelha, qualquer escoteiro podia improvisar uma. Você foi escoteiro?

— Hum, há algum tempo atrás.

— Ótimo. Conhece a divisa dos escoteiros. Agora, quanto às honras: faz tenção de tocar o *Hino para a Paz Soberana* quando o secretário entrar?

— Oh, temos de tocar.

— Então, quer com certeza tocar a seguir o hino de Marte.

— Não sei como é que o posso fazer. Mesmo que *exista* um... não o temos. Dr. Harshaw, seja razoável!

— Escute, meu filho. *Estou* a ser razoável. Viemos aqui para uma pequena e informal reunião. Vimos que a tinham transformado num circo. Bem, se vamos ter um circo, tem de arranjar elefantes. Ora, nós compreendemos que você não pode tocar música marciana, tal como um rapaz com um assobio não pode tocar uma sinfonia. Mas você *pode* tocar uma sinfonia: a *Sinfonia dos Nove Planetas*. Groca, quero dizer, está a perceber? Comece a tocar a sinfonia na altura da abertura do andamento de Marte; ponha isso a tocar... ou pelo menos os compassos suficientes para que o tema seja reconhecido.

La Rue parecia pensativo.

— Sim, suponho que podemos... mas, Dr. Harshaw, não estou a ver como é que posso prometer honras reais mesmo a esta improvisada escala. Eu... eu acho que não tenho autoridade.

— Nem coragem — disse Harshaw rudemente. — Bem, nós não queríamos um circo; por isso diga ao Sr. Douglas que voltaremos quando ele não estiver tão ocupado. Foi agradável conversar consigo, meu filho. Quando voltarmos, havemos de passar pelo escritório do secretário para dizer *olá*... se você ainda estiver aqui. — Começou outra vez o acto lento e aparentemente doloroso, para um homem demasiado velho e fraco, de se levantar de uma cadeira.

La Rue, disse:

— Dr. Harshaw, *por favor*, não se vá embora! Hum... O secretário não entrará até eu mandar dizer que está tudo pronto; portanto, deixe-me ver o que posso fazer, sim?

Harshaw descontraiu-se e deu um gemido.

— Esteja à vontade. Mas só mais uma coisa, já que está aqui. Ouvi uma zaragata há um momento atrás... e, pelo que pude ouvir, alguns membros da tripulação da *Champion* queriam entrar. São amigos de Smith, portanto deixe-os entrar. Nós acomodá-los-emos. Ajuda a encher este lado da mesa. — Harshaw suspirou e massageou um rim.

— Muito bem, senhor. — La Rue concordou constrangido e afastou-se. Miriam murmurou:

— Patrão, entortou as costas a fazer essas flexões anteontem à noite?

— Silêncio, rapariga, ou tenho de te dar uma sapatada. — Com visível satisfação, Harshaw vigiava a sala, que continuava a encher-se de altos funcionários. Dissera a Douglas que queria uma pequena e informal reunião, sabendo que o anúncio atrairia os poderosos e os ávidos de poder, tal como a luz atrai as traças. E agora (tinha a certeza disso), Mike estava prestes a ser tratado como um soberano por aqueles nabados — com o mundo a observar. Eles que se atrevessem a importunar o rapaz depois disto!

Sanforth estava a enxotar os jornalistas e o infortunado assistente do chefe do protocolo enervava-se como uma ama de crianças tentando sentar muitos notáveis em poucas cadeiras. As pessoas continuavam a chegar e Jubal concluiu que Douglas nunca tencionara convocar a conferência para antes das onze horas e que toda a gente fora informada disso: a hora indicada a Jubal era para permitir a pré-conferência privada que ele recusara. Bem, o atraso serviu Jubal.

O chefe da Coligação Oriental entrou. O Sr. Kung não era, por sua própria vontade, chefe da delegação da sua nação; a sua situação, no protocolo, era a de um mero convidado — mas Jubal não se surpreendeu ao ver o assistente do chefe do protocolo deixar

tudo e apressar-se a sentar o principal inimigo político de Douglas na mesa principal, perto do lugar reservado ao secretário-geral; isto reforçou a opinião de Jubal de que Douglas não era parvo nenhum.

O Dr. Nelson, cirurgião da *Champion*, e o capitão Van Tromp, comandante da mesma, entraram juntos e foram recebidos com alegria por Mike. Jubal ficou satisfeito, pois isso dava ao rapaz alguma coisa para fazer perante as câmaras, em vez de ficar sentado como um palhaço. Jubal aproveitou a agitação para modificar os seus lugares. Colocou Mike em frente da cadeira do secretário-geral e sentou-se à esquerda de Mike — onde lhe podia tocar. Como Mike tinha umas noções muito vagas sobre as maneiras humanas, Jubal arranjava uns sinais tão imperceptíveis como os usados para o adestramento dos cavalos de alta escola — «levanta-te», «senta-te», «curva-te», «aperta a mão» —, só que Mike não era um cavalo, e o seu treino levava apenas alguns minutos para atingir a perfeição.

Mahmoud afastou-se dos seus colegas da nave e falou a Jubal:

— Doutor, o comandante e o cirurgião também são irmãos de água do nosso irmão... e Valentine Michael queria confirmá-lo através do uso do ritual de água. Disse-lhe que esperasse. Aprova?

— Hã? Sim, com certeza. Não no meio desta multidão. — Caramba, quantos irmãos de água tinha Mike? — Talvez vocês os três possam vir conosco quando nos formos embora? E podíamos comer qualquer coisa e aproveitar para conversar em particular.

— Será uma honra. E tenho a certeza de que os outros dois também irão.

— Ótimo. Dr. Mahmoud, sabe se vão aparecer mais irmãos do nosso jovem irmão?

— Não. Da *Champion* não, somos só nós. — Mahmoud decidiu não fazer a pergunta complementar, pois isso poderia dar a entender quão desconcertado ele tinha ficado, inicialmente, ao descobrir as suas próprias obrigações. — Direi a Sven e ao capitão.

Harshaw viu o núncio papal entrar, sentar-se na mesa principal, e sorriu para consigo — se aquele espécime de uma

estupidez asinina, La Rue, tinha alguma dúvida sobre o carácter oficial desta reunião, faria bem em esquecê-la!

Um homem bateu no ombro de Harshaw.

— É aqui o lugar do Homem de Marte?

— É — concordou Jubal.

— Sou Tom Boone, senador Boone, e tenho uma mensagem para ele do Supremo Bispo Digby.

Jubal programou o seu córtice para máxima emergência.

— Eu sou Jubal Harshaw, senador. — Fez sinal a Mike para se levantar e apertar a mão ao senador. — E este é o Sr. Smith. Mike, este é o senador Boone.

— Como está, senador Boone? — disse Mike no mais perfeito inglês. Olhou para Boone com interesse. Sabia que «Senador» não queria dizer «Velho» como a palavra parecia indicar; apesar disso, tinha interesse em conhecer um «Senador». Decidiu que não grocava a palavra.

— Muito bem, obrigado, Sr. Smith. Não vou fazer-lhe perder muito tempo; parece que a zaragata está prestes a começar. Sr. Smith, o Supremo Bispo enviou-me para lhe dar um convite pessoal para assistir aos serviços religiosos no Arcanjo Foster, Tabernáculo da Nova Revelação.

— Perdão?

Jubal aproximou-se.

— Senador, como deve saber, existem muitas coisas aqui... tudo... que são novas para o Homem de Marte. Mas acontece que o Sr. Smith viu um dos vossos serviços religiosos na estereovisão...

— Não é a mesma coisa.

— Bem sei. Ele mostrou grande interesse e fez muitas perguntas... muitas das quais eu não fui capaz de responder.

Boone olhou penetrantemente para ele.

— O senhor não é um dos nossos fiéis?

— Devo admitir que não.

— Venha também. Há sempre esperança para um pecador.

— Obrigado, irei. — (Pode ter a certeza de que irei, caro amigo! Não deixaria o Mike ir sozinho à vossa ratoeira!)

— No próximo domingo... informarei o Bispo Digby.

— No próximo domingo, se for possível — corrigiu Jubal. — Poderemos estar na cadeia.

Boone sorriu.

— Isso é uma coisa que pode sempre acontecer, não é? Se acontecer mande-me um recado a mim ou ao Bispo Digby e não ficarão lá muito tempo. — Olhou à sua volta. — Há poucas cadeiras. Não há muitas hipóteses para um simples senador, com toda esta gente importante a acotovelar-se.

— Talvez queira dar-nos a honra de se nos juntar, senador, nesta mesa? — respondeu Jubal calmamente.

— Hã? Ora, muito obrigado, senhor! Se me dá licença, terei muito prazer.

— Isto é — acrescentou Harshaw —, se não se importar com as implicações de ser visto com a delegação de Marte. Não queremos colocá-lo numa situação embaraçosa.

— Boone mal hesitou.

— De maneira nenhuma! Com efeito, aqui para nós, o bispo está muito, muito interessado neste nosso jovem amigo.

— Ótimo. Tem uma cadeira ao lado do capitão Van Tromp... provavelmente já o conhece.

— Van Tromp? Claro, claro, somos velhos amigos, conheço-o bem... conheci-o na recepção. — O senador Boone acenou com a cabeça para Smith, pavoneou-se e ocupou o seu lugar.

Poucos conseguiam passar através dos guardas. Jubal observava uma discussão sobre os lugares disponíveis e quanto mais observava mais se inquietava. Finalmente sentiu-se incapaz de continuar a observar calmamente esta indecência prosseguir. Por

isso, disse algumas palavras a Mike, assegurou-se de que, se Mike não percebesse porquê, ao menos que soubesse o que Jubal queria.

— Jubal, assim farei.

— Obrigado, meu filho. — Jubal levantou-se e aproximou-se de um grupo de três pessoas: o assistente do chefe do protocolo, o chefe da delegação do Uruguai e um homem que parecia zangado e desconcertado. O uruguaio dizia:

— ... arranje-lhe um lugar, depois terá de arranjar assentos para todos os chefes de Estado; oitenta ou mais. Isto é solo da Federação, e nenhum chefe de Estado tem preferência em relação a outro. Se foram feitas excepções...

Jubal interrompeu, dirigindo-se ao terceiro homem.

— Senhor! — Esperou o tempo necessário para que lhe dessem atenção, depois prosseguiu: — O Homem de Marte pediu-me que lhe perguntasse se lhe daria a honra de se sentar com ele... se a sua presença não for requerida noutro lado.

O homem pareceu surpreendido, mas depois sorriu amavelmente.

— Ora, com certeza, isso será satisfatório.

Os outros dois, o funcionário do Palácio e o dignitário do Uruguai começaram a levantar objecções; Jubal voltou-lhes as costas.

— Apressememo-nos, senhor, temos muito pouco tempo.

Jubal vira uns homens a entrar com uma coisa que parecia ser um vaso para uma árvore de Natal e um lençol ensanguentado; mas era com certeza a «bandeira de Marte». Assim que eles começaram a andar, Mike levantou-se e esperou.

Jubal disse:

— Senhor, permita-me que lhe apresente Valentine Michael Smith. Michael, o presidente dos Estados Unidos!

Mike fez uma vénia.

Mal houve tempo para o fazer sentar à direita de Mike, enquanto a bandeira improvisada era montada. A música soou e todos se levantaram e uma voz anunciou:

— O secretário-geral!

XX

Jubal pensara em deixar Mike ficar sentado quando Douglas entrasse, mas rejeitou a ideia; não estava a tentar colocar Mike num nível mais elevado que o do Douglas, mas apenas queria deixar bem claro que a reunião era entre iguais. Portanto, quando se levantou, fez sinal a Mike para fazer o mesmo. As imponentes portas do fundo da sala abriram-se aos primeiros acordes do *Hino para a Paz Soberana* e Douglas entrou. Dirigiu-se para a sua cadeira e fez menção de se sentar.

Instantaneamente Jubal fez sinal a Mike para se sentar, resultando disto que Mike e o secretário-geral se sentaram simultaneamente — fazendo-se uma respeitável pausa antes de todos os outros ocuparem os seus lugares.

Jubal susteve a respiração. La Rue tê-lo-ia feito? Ele não prometera consegui-lo.

O fortíssimo toque de sino a rebato do movimento de Marte encheu a sala: o «Deus da Guerra», um tema que surpreendia até uma audiência que o esperasse.

Com os olhos em Douglas e Douglas olhando para trás de si, Jubal levantou-se prontamente da sua cadeira, parecendo um recruta fazendo a continência.

Douglas levantou-se, não tão rapidamente mas também prontamente.

Mas Mike não o fez: Jubal não lhe fizera sinal. Deixou-se ficar sentado, embaraçado pelo facto de todos os outros se terem levantado quando o secretário-geral o tinha feito. Mike não percebia nada do que se estava a passar, mas estava contente por fazer aquilo que o seu irmão de água queria.

Jubal pensara nisto, depois de ter pedido o *Hino de Louvor a Marte*. Se o seu pedido fosse atendido, que faria Mike? A resposta dependia do papel que Mike estava a desempenhar nesta comédia...

A música parou. A um sinal de Jubal, Mike levantou-se fez uma rápida vénia e voltou a sentar-se mais ou menos ao mesmo tempo que todos os outros, incluindo o secretário-geral. Todos se sentaram mais rapidamente que da vez anterior, pois ninguém deixara de notar a brilhante particularidade de Mike ter permanecido sentado enquanto o «hino» se fazia ouvir.

Jubal suspirou com alívio. Conseguira. Há muitos anos atrás vira um dos membros daquela tribo em vias de extinção que era a realeza (uma rainha) receber uma parada — e reparara que a real dama tinha feito uma vénia *depois* de o seu hino ter sido tocado, isto é, ela recebera uma saudação oferecida ao seu soberano ser.

Mas o chefe de uma democracia ouve de pé o hino da sua nação como qualquer outro cidadão: não é um soberano.

Tal como Jubal tinha dito, não podia haver duas coisas diferentes. Ou Mike era um cidadão privado, e neste caso esta reunião nunca teria sido feita; ou, pela teoria inerente à Decisão Larkin, o rapaz era soberano.

Jubal sentiu-se tentado a oferecer a La Rue uma pitada de rapé. Bem, a dita particularidade não passara despercebida a ninguém — o núncio papal manteve o seu rosto impassível, mas os seus olhos cintilavam.

Douglas começou a falar:

— Sr. Smith, sentimo-nos honrados e felizes por o termos como nosso convidado. Esperamos que considere a Terra como o seu lar, de igual modo como o planeta do seu nascimento, o nosso vizinho... o nosso bom vizinho... Marte... — Douglas prosseguiu com períodos elaborados e agradáveis. Foram dadas as boas-vindas a Mike, mas era impossível dizer se lhe tinham sido dadas na qualidade de turista, de cidadão de regresso ao lar ou de soberano.

Jubal observava Douglas, procurando detectar algum sinal que mostrasse como é que ele aceitara a carta que Jubal lhe enviara.

Mas Douglas nunca olhou para ele. Neste momento Douglas concluía, não tendo dito nada, e tendo-o dito muito bem.

Jubal disse:

— Agora, Mike.

Smith dirigiu-se ao secretário-geral — em marciano. Parou e disse gravemente:

— Sr. Secretário-Geral da Federação das Nações Livres do Planeta Terra... — depois prosseguiu de novo em marciano.

Depois em inglês:

— ... agradecemos-vos as vossas boas-vindas. Trazemos saudações para as pessoas da Terra da parte dos «Anciãos» de Marte... — E prosseguiu de novo em marciano.

Jubal sentiu que «anciãos» era um bom retoque; produzia mais impacto do que «Velhos» e Mike não levantara objecções. Tinha sido ideia de Jill alternar a versão marciana com a inglesa — e Jubal admitiu com prazer que a ideia dela enchia de importância um discursozinho formal tão desprovido de conteúdo como uma promessa de campanha eleitoral feita no meio de uma coisa tão retubantemente impressionante como por exemplo uma ópera de Wagner. (E igualmente difícil de imaginar!)

Isso não interessou a Mike. Ele podia inserir, a língua marciana tão facilmente como podia memorizar e recitar o inglês. Se dizer estas coisas agradasse aos seus irmãos, isso bastava para fazer Mike feliz. Alguém tocou no ombro de Jubal, meteu-lhe um envelope na mão e murmurou: «Da parte do secretário-geral» Jubal levantou a cabeça, viu que era Bradley, afastando-se apressada e silenciosamente. Jubal abriu o envelope e olhou de relance para dentro dele.

A mensagem consistia apenas numa só palavra: «Sim», e estava assinada com «J. E. D.», na famosa tinta verde.

Jubal levantou o olhar e encontrou os olhos de Douglas postos nos seus; Jubal acenou com a cabeça em sinal de assentimento e

Douglas desviou o olhar. A conferência estava terminada; tudo o que restava era para que o mundo o conhecesse.

Mike concluiu as sonoras nulidades; Jubal escutou as suas próprias palavras: «... aproximarmo-nos, com benefício mútuo para ambos os mundos...» e «... cada raça de acordo com a sua própria natureza...» Em seguida, Douglas agradeceu ao Homem de Marte, breve mas calorosamente.

Jubal levantou-se.

— Sr. Secretário-Geral...

— Sim, Dr. Harshaw?

— O Sr. Smith está aqui num duplo papel. Tal como um príncipe visitante na história da nossa grande raça, viajando de caravana e navegando através de vastidões desconhecidas para um reino distante, ele traz as saudações dos Anciãos de Marte. Mas ele é também um ser humano, um cidadão da Federação e dos Estados Unidos da América. Nesta qualidade ele possui direitos e propriedades e obrigações. — Jubal abanou a cabeça. — Muito incómodos. Como procurador para a sua capacidade como cidadão e ser humano, tenho estado a estudar os seus negócios e ainda não consegui elaborar uma lista completa daquilo que ele possui... e muito menos saber o que dizer aos colectores de impostos. Jubal parou para tomar fôlego.

— Sou um velho, posso não viver o suficiente para completar a tarefa. O senhor sabe que o meu cliente não tem experiência de negócios no sentido humano: os Marcianos fazem estas coisas de outro modo. Mas ele é um jovem dotado de grande inteligência: é do conhecimento de toda a gente que os seus pais eram génios e a voz do sangue ouvir-se-á. Não há dúvida de que dentro de alguns anos ele poderia, se quisesse, tratar muito bem dos seus negócios sem a ajuda de um velho e doente advogado. Mas os seus negócios exigem atenção *hoje*; os negócios não esperariam.

»Mas ele está mais ansioso por aprender a história, os costumes e as artes do povo deste seu segundo lar do que por se enterrar em obrigações do tesouro, ações e direitos... e eu acho que

ele é sensato nesta sua escolha. O Sr. Smith possui uma sabedoria intuitiva que não pára de me surpreender... e de surpreender todos aqueles que o conhecem. Quando lhe expliquei o que se passava, ele olhou para mim, admirado e disse: «Isso não é problema, Jubal: perguntaremos ao Sr. Douglas.» — Jubal fez uma pausa e disse ansiosamente: — O resto é assunto pessoal, Sr. Secretário. Deveremos falar em particular? E deixar estas senhoras e estes cavalheiros irem para casa?

— Prossiga, Dr. Harshaw. — Douglas acrescentou: — O protocolo está dispensado. Se alguém quiser sair, queira fazer o favor de o fazer.

Ninguém saiu.

— De acordo — prosseguiu Jubal. — Posso resumir tudo numa frase. O Sr. Smith quer indicá-lo seu procurador *de facto*, com carta branca para tratar de todos os seus negócios.

Douglas parecia realmente surpreendido.

— Isso é uma ordem quase impossível de executar, doutor.

— Eu sei, senhor. Chamei-lhe a atenção para o facto de o senhor ser o homem mais ocupado deste planeta e não ter tempo para tratar dos seus negócios. — Jubal abanou a cabeça e sorriu. — Receio não o ter impressionado: parece que, em Marte, quanto mais uma pessoa está ocupada, mais se espera dela. O Sr. Smith disse simplesmente: «Podemos perguntar-lhe.» Portanto, aqui estou eu a pedir-vos. Claro que não contamos com uma resposta imediata; isso é uma outra característica marciana: os Marcianos nunca têm pressa. Do mesmo modo não têm inclinação para tornarem as coisas complicadas. Nada de contrato, nada de verificação de contas, nada dessa verborreia: uma procuração por escrito se quiser. Mas isso não lhe interessa; ele fá-lo-ia prontamente e oralmente e imediatamente. Isso é uma outra característica marciana: se um marciano confia em si, confia para sempre. Oh, deveria acrescentar: o Sr. Smith *não faz* este pedido ao secretário-geral; ele está a pedir um favor a Joseph Edgerton Douglas, a si pessoalmente. Se o senhor se retirar da vida pública, isso não afectará em nada isto. O seu sucessor não figura

nisto. É *em si* que ele confia... não em quem ocupa o gabinete do Octógono deste palácio. Douglas acenou com a cabeça.

— Independentemente da minha resposta, sinto-me honrado... e humilde.

— Pois se o senhor não aceitar, ou não puder aceitar, ou se aceitar e depois a largar, ou qualquer outra coisa, o Sr. Smith tem uma segunda escolha: Ben Caxton. Levanta-te, Ben; deixa que as pessoas te vejam. E se ambos não quiserem ou não puderem aceitar, a sua escolha seguinte é... bem, acho que reservarei isso para o momento; deixemos apenas bem claro que existem escolhas sucessivas. Hum, deixe-me ver agora... — Jubal parecia perturbado. — Estou desabituado de falar de pé. Míriam, onde é que está aquele papel onde apontámos as coisas? Jubal aceitou uma folha e acrescentou: — É melhor dares-me as outras cópias também. — Ela passou-lhe um maço de folhas. — Isto é o memorando que preparámos para si, senhor... ou para Caxton, se assim tiver de ser. Hum, deixe-me ver... oh, é verdade, um administrador para lhe pagar aquilo que ele achar que é necessário, mas nunca menos de... bem, uma soma considerável, isso não interessa a mais ninguém, na verdade. Administrador para depositar dinheiro numa conta corrente para despesas diárias no valor de metade da parte anterior... hum, é verdade, pensei que talvez quisesse utilizar o Banco de Xangai, digamos, como depositário, e, digamos, a Lloyd's como agência de negócios, ou vice-versa, apenas para proteger o seu nome e a sua fama. Mas o Sr. Smith não fixou instruções: apenas uma transferência de poder ilimitada, revogável por ambos os lados. Mas eu não vou ler isto tudo; foi por isso que o escrevi. — Jubal olhou distraidamente à sua volta. — Hum, Miriam, dá a volta e entrega isto ao secretário-geral, isso mesmo, menina bonita. Hum, estas outras cópias, vou deixá-las aqui. Pode desejar dá-las a alguém... ou pode precisar delas para si. Oh, é melhor dar uma ao Sr. Caxton... toma, Ben. — Jubal olhou ansiosamente em redor. — Hum, parece-me que é tudo, Sr. Secretário. Tem alguma coisa para dizer?

— Só um momento. Sr. Smith:

— Sim, Sr. Douglas?

— É isto que quer? *Quer* que *eu* faça aquilo que está escrito neste papel? Jubal susteve a respiração, evitando olhar para o seu cliente. Mike fora treinado para esperar uma tal pergunta... mas não lhe tinham dito sob que forma é que ela se apresentaria, nem havia forma de dizer como é que as interpretações literais de Mike poderiam pregar-lhes uma rasteira.

— Sim, Sr. Douglas. — A voz de Mike ressoou pela sala... e por um bilhão de salas em todo o planeta.

— Quer que eu tome nas minhas mãos os seus assuntos de negócios?

— Por favor, Sr. Douglas. Isso seria uma boa coisa. Agradecer-lhe-ia. Douglas pestanejou.

— Bem, isso é bastante claro. Doutor, reservarei a minha resposta, mas tê-la-á dentro em breve.

— Obrigado, senhor. Tanto por mim como pelo meu cliente.

Douglas começou a levantar-se. A voz do deputado Kung interrompeu.

— Um momento! E a Decisão Larkin? Jubal respondeu-lhe:

— Ah, é verdade, a Decisão Larkin. Ouvi uma série de disparates sobre a Decisão Larkin... a maior parte deles vindos de pessoas irresponsáveis. Que é que há sobre ela?

— Isso é o que eu *lhe* pergunto. Ou ao seu... cliente. Ou ao secretário-geral.

Jubal disse gentilmente:

— Devo responder, Sr. Secretário?

— Faça o favor.

— Muito bem. — Jubal tirou um lenço do bolso e assoou-se com um ruído sonoro e prolongado. Olhou fixamente para Kung e disse solenemente: — Sr. Deputado, dirigir-me-ei apenas *a si...* porque sei que é desnecessário dirigir esta resposta ao Governo representado na pessoa do Sr. Secretário. Há muito, muito tempo, quando eu era um rapazinho, formei com outro rapazinho um clube.

Uma vez que tínhamos um clube tínhamos de ter regras... e a primeira regra que estabelecemos... unanimamente... foi que daí em diante chamaríamos às nossas mães «Rabugentas». Um disparate, claro... mas éramos muito novos. Sr. Kung, é capaz de deduzir as consequências?

— Não seria capaz de adivinhar, Dr. Harshaw.

— Pus em prática a nossa decisão «Rabugenta» apenas uma vez. Uma vez foi suficiente e salvou o meu amigo de cair no mesmo erro. Tudo o que consegui com isso foi ficar com o *meu* traseiro a arder com um pau de marmeleiro. E isso foi o final da decisão «Rabugenta».

Jubal aclarou a voz.

— Sabendo que alguém havia de levantar essa questão tentei explicar a Decisão Larkin ao meu cliente. Ele teve dificuldade em admitir que alguém pudesse pensar que essa ficção legal se aplicaria a Marte. No fim de contas, Marte é habitado por uma velha sábia raça... muito mais velha que a nossa, senhor, e possivelmente mais sábia. Mas, quando a entendeu, ele ficou divertido. Apenas isso, senhor: tolerantemente divertido. Uma vez... apenas uma vez... menosprezei o poder da minha mãe para punir a insolência. Essa lição saiu-me barata. Mas este planeta não pode dar-se ao luxo de receber uma tal lição a uma escala interplanetária. Antes de dividirmos terras que não nos pertencem, é conveniente assegurarmo-nos de qual é o pau de marmeleiro que está pendurado na cozinha dos Marcianos.

Kung não pareceu convencido.

— Dr. Harshaw, se a Decisão Larkin não é mais do que uma loucura de rapaz... *porque é que foram prestadas honras de soberano ao Sr. Smith?*

Jubal encolheu os ombros.

— Isso é uma pergunta que deveria ser posta ao Governo e não a mim. Mas posso dizer-lhe como eu as interpretei: como cortesia elementar... para com os Anciãos de Marte.

— Como?

— Sr. Kung, essas honras não foram um eco da Decisão Larkin. De um modo que está para além da experiência humana, o Sr. Smith é o planeta Marte!

Kung não pestanejou.

— Continue.

— Ou melhor, a raça marciana. Na pessoa de Smith, os Anciãos estão a visitar-nos. Honras prestadas a ele são honras prestadas a eles... e mal que seja feito a ele é mal feito a eles. Isto é verdade num sentido literal mas completamente inumano. Era prudente, para nós, prestar honras aos nossos vizinhos, hoje; mas a sensatez não tem nada a ver com a Decisão Larkin. Nenhuma pessoa responsável sugeriu que o precedente Larkin se aplica a um planeta habitado... arrisco-me mesmo a dizer que nunca ninguém o fará. — Jubal olhou para cima, como que pedindo ajuda aos Céus. — Mas, Sr. Kung, pode ter a certeza de que os governantes de Marte reparam como nós tratamos o seu embaixador. As honras que lhes foram prestadas através do Sr. Smith foram um gracioso símbolo. Tenho a certeza de que o Governo deste planeta mostrou sensatez ao fazê-lo. A seu tempo, *o senhor* aprenderá que foi também um acto prudente.

Kung respondeu maliciosamente:

— Doutor, se está a tentar assustar-me, não obteve êxito.

— Não o esperava. Mas, felizmente, para o bem-estar deste planeta, *a sua* opinião não prevalece. — Jubal voltou-se para Douglas. — Sr. Secretário, esta foi a aparição pública mais longa que eu fiz desde há anos... e estou fatigado. Podemos fazer um intervalo? Enquanto esperamos a sua decisão?

XXI

A reunião foi suspensa. Jubal viu a sua intenção de se retirar com o seu rebanho frustrada pelo presidente americano e pelo senador Boone; ambos compreendiam o valor acrescido de serem vistos numa relação íntima com o Homem de Marte — e ambos

tinham conhecimento de que os olhos do mundo estavam postos neles.

Outros políticos curiosos aproximavam-se.

Jubal apressou-se a dizer:

— Sr. Presidente, senador... vamos sair imediatamente para almoçar. Querem juntar-se-nos? — Jubal reflectiu que era mais fácil lidar com dois em particular do que com uma dúzia em público... e tinha de afastar Mike antes que alguma coisa falhasse.

Para seu alívio ambos tinham compromissos noutro lado. Jubal deu consigo a prometer não só levar Mike àquele obscuro serviço religioso dos fosteritas, mas também a levá-lo à Casa Branca — bem, o rapaz podia adoecer, se fosse necessário.

— Aos vossos lugares, raparigas!

Mike foi escoltado até ao telhado, com Anne criando um arco ondulante com a sua altura, a sua beleza valquiriana e a sua impressionante capa. Jubal, Ben e os oficiais da *Champion* cobriam a retaguarda. Larry e o veículo estavam à espera; minutos depois o condutor deixou-os no telhado do New Mayflower. Aí encontravam-se alguns jornalistas à espera deles, mas as raparigas guardaram Mike até uma *suite* que Duke alugara. Elas gostavam disso; Miriam e Dorcas mostravam uma ferocidade que lembraram a Jubal gatas a defender as suas crias. Um repórter que se aproximasse a menos de um metro corria o risco de levar um pontapé.

Encontraram o seu corredor patrulado por soldados dos S. S. e à porta da sua *suite* encontrava-se um oficial.

O pouco cabelo que restava a Jubal pôs-se em pé, mas percebeu que a presença deles queria dizer que Douglas estava a cumprir o contrato. A carta que Jubal enviara antes da conferência, incluía um pedido para que Douglas usasse o seu poder para proteger a privacidade de Mike — para que o infeliz rapaz pudesse levar uma vida normal.

Por isso Jubal chamou em voz alta:

— Jill! Controla o Mike. Está tudo bem.

— Certo, patrão.

— O oficial da porta fez a saudação, Jubal olhou de relance para ele.

— Olhem! Viva, major. Tem arrombado muitas portas ultimamente?

O major Bloch corou e não respondeu. Jubal perguntou a si próprio se a transferência para aquele lugar seria uma punição. Duke esperava-os lá dentro. Jubal disse:

— Sentem-se, cavalheiros. Então, Duke? Duke encolheu os ombros.

— Ninguém pôs nenhum microfone nesta *suite* desde que eu a reservei. Mas, patrão, *qualquer* lugar pode conter microfones de modo a que não possam ser detectados.

— Sim, sim... eu não quis dizer isso. O que eu quis dizer foi: «Então, os nossos fornecimentos?» Tenho fome, rapaz, e sede... e somos mais três pessoas para almoçar.

— Oh, isso. As provisões foram descarregadas debaixo do meu nariz; coloquei-as na despensa. Você tem uma natureza desconfiada, patrão.

— E tu farias bem se adquirisses uma igual, se quiseses viver tanto como eu vivi.

— Não anseio por isso.

— Uma questão de gosto. Passei um belo tempo, no conjunto. Despachem-se, raparigas. A primeira a trazer-me uma bebida fica dispensada do próximo turno de serviço. Depois dos nossos convidados, quero dizer. Façam o favor de se sentarem, meus senhores. Sven, qual é o seu veneno favorito? *Akvavit*? Larry, vai à rua e compra duas garrafas. E gim *Bois* para o capitão.

— Espere, Jubal. — disse Nelson. — Preferia uisque.

— Eu também — concordou Van Tromp.

— Temos o suficiente para afogar um cavalo. Dr. Mahmoud, se prefere bebidas não alcoólicas, tenho a certeza de que as raparigas trouxeram algumas.

Mahmoud parecia melancólico.

— Não devia deixar-me tentar por bebidas alcoólicas.

— Permita-me. — Jubal olhou-o de alto a baixo. — Meu filho, estive sob uma grande tensão nervosa. Como não tenho meprobamato, sou forçado a substituí-lo por cinquenta gramas de etanol, e repetir se for necessário. Algum sabor preferido?

Mahmoud sorriu.

— Obrigado, doutor... mas eu pagarei os meus próprios pecados. Gim, por favor, com água à parte. Ou vodca. Ou o que estiver disponível.

— Ou álcool medicinal — acrescentou Nelson. — Não deixe que ele o convença, Jubal. O Stinky bebe tudo... e lamenta-o.

— Realmente lamento-o — disse Mahmoud honestamente. — É pecaminoso.

— Não o arrelie, Sven — disse Jubal bruscamente. — Se Stinky se livra mais facilmente dos seus pecados pelo arrependimento, isso é da conta dele. A cada qual o que lhe pertence. E sobre alimentos, Stinky? A Anne meteu um presunto num daqueles cestos... e é capaz de haver outros artigos impuros. Quer que eu verifique?

Mahmoud abanou a cabeça.

— Não sou um tradicionalista, Jubal. Essa legislação foi feita há muito tempo, de acordo com as necessidades da época. Os tempos mudaram.

Jubal ficou repentinamente triste.

— Sim. Mas para melhor? Deixemos isso, isto também há-de passar. Coma o que quiser, meu irmão: Deus perdoa a necessidade.

— Obrigado. Mas não costumo comer a meio do dia.

— É melhor comer, ou o etanol fará mais do que descontraí-lo. Além disso, estas raparigas que trabalham para mim podem às vezes

pronunciar mal as palavras... mas todas elas são soberbas cozinheiras.

Miriam entrou com um tabuleiro com bebidas enquanto Jubal discursava.

— Patrão — interrompeu —, é capaz de pôr isso por escrito?

— *O quê?* — Jubal voltou-se bruscamente. — *A bisbilhotar!* Fica depois das aulas acabarem e escreve mil vezes: «Não escutarei conversas particulares.»

— Sim, patrão. Isto é para si, capitão... e o senhor, Dr. Nelson... e a sua, Dr. Mahmoud. Disse com água à parte, não disse?

— Sim, Miriam. Obrigado.

— O habitual serviço de Harshaw: simples, mas rápido. Aqui está a sua, patrão.

— Misturaste água!

— Ordens da Anne. Está demasiado cansado para o beber puro. Jubal parecia desolado.

— Vêem o que eu tenho de aturar, meus senhores? Nunca lhes deveríamos ter dado liberdades. Miriam, escreve isto mil vezes, em sânscrito.

— Sim, patrão. — Miriam deu-lhe umas palmadinhas na cabeça. — Vá, tome a sua bebida, querido; mereceu-a. Estamos orgulhosas de si.

— Volta para a cozinha, mulher. Toda a gente tem uma bebida? Onde é que está Ben?

— Todos. Ben está a telefonar o seu artigo, e tem a bebida atrás dele.

— Muito bem. Podes voltar lá para dentro, calmamente... e manda o Mike vir cá. Meus senhores! *Me ke alohapau ole!* — Jubal bebeu e os outros imitaram-no.

— Mike está a ajudar. Acho que ele vai ser mordomo quando crescer.

— E eu pensei que tu já tinhas saído. Manda-o cá, de qualquer modo; o Dr. Nelson quer examiná-lo.

— Não há pressa — disse o cirurgião da nave. — Jubal, este uísque é excelente... mas a que foi o brinde?

— Desculpem. É polinésio. «Que os nossos amigos possam ser eternos.» Apontem isso como nota de rodapé para a cerimónia da água. A propósito, senhores, Larry e Duke são irmãos de água de Mike, também, mas não deixem que isso os incomode. Eles não sabem cozinhar... mas são daquela espécie de homens que convém ter atrás de nós numa rua escura.

— Se responde por eles, Jubal — assegurou-lhe Van Tromp —, mande-os entrar e feche a porta. Mas vamos beber às raparigas. Sven, como é aquele brinde às raparigas?

— Aquele às raparigas bonitas de todo o lado? Vamos beber às quatro que temos aqui. *Skaal!* Beberam aos seus irmãos de água fêmeas e Nelson continuou: — Jubal, onde é que as *encontrou*?

— Eduquei-as na minha própria casa. Depois, quando já as tenho treinadas, aparece um dos espertalhões da cidade e casa com elas. É um jogo perdido.

— Vejo como sofre — disse Nelson simpaticamente.

— E sofro. Penso que todos os senhores são casados... ? Dois eram, Mahmoud não. Jubal olhou para ele friamente.

— Quer fazer o favor de se desincorporar? Depois do almoço: não gostaria que o fizesse de estômago vazio.

— Eu não sou traidor, sou um solteirão inveterado.

— Ora! Eu vi a Dorcas fazer-lhe olhinhos... e você até ronronava.

— Estou salvo, asseguro-lhe. — Mahmoud pensou em dizer a Jubal que nunca casaria fora da sua fé, mas decidiu que um pagão poderia achar a observação malcriada. — Mas, Jubal, não faça uma sugestão dessas a Mike. Ele não grocaria que você estava a brincar... e poderia ficar com um cadáver nas mãos. Não *sei* se Mike é capaz de se pensar a si próprio morto. Mas tentaria.

— Tenho a certeza de que é capaz — disse Nelson firmemente.
— Doutor... quero dizer, «Jubal»: notou alguma coisa de estranho no metabolismo de Mike?

— Hum, deixe-me dizê-lo da seguinte maneira: não reparei em nada do metabolismo de Mike que *não* fosse estranho.

— Exactamente.

Jubal voltou-se para Mahmoud.

— Não se preocupe com o facto de eu poder convidar Mike para se suicidar. Eu groco que ele não groca brincadeiras. — Jubal pestanejou. — Mas não groco «groco». Stinky, você fala marciano?

— Um pouco.

— Fala fluentemente, eu escutei-o. *Você* groca «grocar»? Mahmoud parecia pensativo.

— Não. «Grocar» é a palavra mais importante da linguagem... e espero passar anos a tentar entendê-la. Mas não espero obter êxito. E preciso *pensar* em marciano para grocar a palavra «grocar». Talvez tenha notado que Mike tem uma noção errada de algumas ideias?

— Oh! Se notei! A minha pobre cabeça!

— O mesmo digo da minha.

— Comida — anunciou Jubal. — Almoço, e a horas! Raparigas, coloquem-no onde lhe possamos chegar e mantenham um respeitoso silêncio. Continue, doutor. Ou a presença de Mike faz com que seja preferível adiá-la?

— De maneira nenhuma. — Mahmoud falou em marciano com Mike. Mike respondeu com um sorriso luminoso; a sua expressão tornou-se novamente vazia e concentrou a sua atenção na comida. — Eu disse-lhe o que estava a tentar fazer e ele disse-me que eu falaria correctamente; isto não foi uma opinião, mas um facto, uma necessidade. Espero, se eu não o conseguir, que ele repare e me corrija. Mas duvido de que o faça. Mike pensa em marciano... e isso dá-lhe um «mapa» diferente. Está a entender-me?

— Estou a grocar — concordou Jubal. — A própria linguagem molda as ideias básicas de um homem.

— Sim, mas... Doutor, o senhor fala árabe?

— Hã? Mal — admitiu Jubal. — Aprendi um pouco quando estive no Norte de África, como cirurgião do exército. Ainda hoje leio um pouco, porque prefiro as palavras do Profeta no original.

— Exactamente. O Corão não pode ser traduzido: o «mapa» modifica-se sempre, tente-se o que se tentar. Compreende então quão difícil eu achei o inglês. Não só a minha língua nativa possuía inflexões mais simples; o «mapa» modificava-se. O inglês é a maior língua humana; a sua variedade, subtilidade e a sua complexidade irracional e idiomática toma possível dizer em inglês coisas que não podem ser ditas em qualquer outra língua. Quase endoideci... até aprender a pensar em inglês; e isso pôs um novo «mapa» do mundo por cima daquele com o qual cresci. Melhor, talvez; mas certamente mais pormenorizado.

»Mas existem coisas que podem *ser* ditas *em árabe e não podem ser ditas* em inglês.

Jubal acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Foi por isso que eu continuei com as minhas leituras.

— Sim. Mas a língua marciana é de tal modo *mais* complexa que o inglês, e tão largamente diferente na maneira de desenhar o seu quadro do universo, que o inglês e o árabe podem muito bem ser uma única e mesma língua. Um inglês e um árabe podem aprender a pensar na língua um do outro. Mas não tenho a certeza se será alguma vez possível, para nós, *pensar* em marciano a não ser do modo por que Mike aprendeu. Oh, é claro que podemos aprender a falar marciano adulterado: é isso que eu falo.

»Tome por exemplo a palavra *grocar*. O seu significado literal parece-me que remonta às origens da raça marciana como criaturas racionais... e inundou de luz o seu «mapa» inteiro: é simples. «Grocar» quer dizer «beber».

— Hã? — exclamou Jubal. — O Mike nunca diz «grocar» quando está apenas a falar em beber. Ele...

— Só um momento. — Mahmoud falou com Mike em marciano. Mike mostrou-se levemente surpreendido.

«Grocar» é beber.

— No entanto, Mike teria concordado — prosseguiu Mahmoud — se eu tivesse nomeado com outras palavras inglesas, palavras nas quais nós pensamos como exprimindo diferentes conceitos, mesmo conceitos antiéticos. «Grocar» significa *todos* eles. Significa «medo», significa «amor», significa «ódio»... belo ódio, pois, pelo «mapa» marciano, uma pessoa não pode odiar uma coisa a não ser que a groque, que a compreenda tão pormenorizadamente de modo que se possa fundir com ela e que ela se possa fundir com essa pessoa: então pode-se odiar. Odiando-se a si próprio. Mas isto implica que essa pessoa também ame essa coisa, que a proteja. Então, pode-se *odiar...* e, acho eu, o ódio marciano é uma emoção tão sombria que o equivalente humano mais aproximado poderia apenas ser chamado aversão moderada. — Mahmoud contraiu o rosto. — «Grocar» significa «identicamente igual». O lugar-comum humano «Isto dói-me mais a mim do que a ti» tem um certo toque marciano. Os marcianos parecem saber instintivamente aquilo que nós aprendemos dolorosamente das físicas modernas; o observador actua reciprocamente com o observado através do processo de observação. «Grocar» significa compreender tão completamente que o observador se transforma numa parte do observado: fundir-se, misturar-se, intercasar-se, perder a identidade em experiência de grupo. Significa quase tudo que nós queremos dizer por «religião», «filosofia» e «ciência»... Mas significa tanto para nós como a cor significa para um cego. — Mahmoud fez uma pausa. — Jubal, se eu o cortasse às fatias e fizesse um guisado, o senhor e o guisado, independentemente do que estivesse dentro dele, grocariam... e, quando eu o comesse, grocaríamos juntos e nada se perderia e não interessaria qual de nós é que estava a comer.

— Interessar-me-ia a mim! — disse Jubal firmemente.

— Você não é um marciano. — Mahmoud fez uma pausa para falar com Mike em marciano.

Mike acenou com a cabeça.

— Falou correctamente, meu irmão Dr. Mahmoud. Tenho estado a dizer isso. Tu és Deus.

Mahmoud encolheu os ombros desoladamente.

— Vê como é difícil? Tudo o que consegui foi uma blasfémia. Nós não pensamos em marciano. Não *podemos*.

— Tu és Deus — disse Mike agradavelmente. — Deus groca.

— Vamos mudar de assunto! Jubal, posso basear-me na nossa irmandade para pedir mais gim?

— Eu vou buscar! — disse Dorcas.

Foi um piquenique em família, facilitado pela informalidade de Jubal, acrescido pelo facto de os três recém-chegados terem um feitio parecido — todos eles aprenderam, apoiaram e não precisaram de se esforçar. Mesmo o Dr. Mahmoud, raramente à vontade com aqueles que não partilhavam a única verdadeira fé em submissão à Vontade de Deus, sempre bondoso e piedoso, conseguiu descontraír-se. Tinha-lhe agradado muito que Jubal lesse as palavras do Profeta... e, agora que já tivera tempo para reparar, as mulheres do pessoal de Jubal não eram tão magrinhas como ele pensara. Aquela morena... Pôs de lado o pensamento; era um convidado.

Mas agradou-lhe que aquelas mulheres não conversassem, não interferissem na conversa dos homens, sendo ao mesmo tempo rápidas na preparação da comida e das bebidas, proporcionando uma calorosa hospitalidade. Ficara chocado com o desrespeito de Miriam para com o seu senhor — mas depois reconheceu-o: era a mesma espécie de liberdade que era permitida aos gatos e aos filhos favoritos na privacidade do lar.

Jubal explicou que estavam apenas à espera da resposta do secretário-geral.

— Se ele está a falar a sério, teremos notícias dele dentro em breve. Se tivéssemos ficado no Palácio, ele poderia ter-se sentido tentado a negociar. Aqui podemos recusar negociar.

— Negociar o quê? — perguntou o capitão Van Tromp. — Você deu-lhe o que ele queria.

— Não tudo o que ele queria. Douglas teria preferido que fosse irrevogável... em vez de baseado no bom comportamento, caso em que o poder reverteria para um homem que ele detesta... nomeadamente, aquele malandro com o sorriso inocente, o nosso irmão Ben. Mas outros quereriam negociar, também. Aquele buda malévolos Kung... odeia-me, mas eu tirei-lhe o tapete debaixo dos pés. Mas se ele conseguisse apresentar um acordo que nos pudesse tentar tê-lo-ia feito. Portanto ficamos fora do *seu* caminho, também. Kung é uma das razões por que nós estamos apenas a beber e a comer aquilo que trouxemos.

— Acha que há alguma coisa com que nos preocuparmos? — perguntou Nelson. — Jubal, eu supus que você era um gastrónomo que exigia a sua própria cozinha. Não consigo imaginar ser envenenado num hotel destes.

Jubal abanou a cabeça tristemente.

— Sven, ninguém *o quer* envenenar... mas a sua mulher pode ficar com o dinheiro do seu seguro de vida apenas porque você comeu do mesmo prato que Mike.

— Está realmente convencido disso?

— Sven, chamarei o serviço de quartos para qualquer coisa que você queira. Mas não lhe tocaria, nem deixaria o Mike tocar-lhe. Eles sabem onde estamos e tiveram um bom par de horas para actuar; por isso, devo supor que qualquer um dos criados está na lista de pagamentos de Kung... e pode haver mais dois ou três. A minha preocupação principal é manter este rapaz vivo, enquanto esterilizamos o poder que ele representa. — Jubal carregou o sobrolho. — Considere a aranha viúva-negra. Um tímido animalzinho, útil, e o mais belo dos aracnídeos, com o seu perfeito couro de verniz e o seu corpo em forma de ampulheta. Mas a pobre

criatura tem a infelicidade de possuir demasiado poder para o seu tamanho. Por isso, toda a gente a mata. A viúva-negra não o pode evitar, não tem meios de se livrar do seu venenoso poder.

Mike tem o mesmo dilema. Não é tão bonito como uma viúva-negra...

— Ora, Jubal! — disse Dorcas indignada. — Que coisa tão feia de se dizer? *e tão falsa!*

— Minha filha, eu não tenho a tua propensão glandular. Bonito ou não, Mike não se pode livrar desse dinheiro, nem é seguro para ele possuí-lo. Não se trata só de Kung. O Supremo Tribunal não é tão «apolítico» como devia ser... embora pelos seus métodos preferissem fazer dele um prisioneiro em vez de o matar: um destino, que, na minha opinião, é pior. Para não mencionar outras partes interessadas, dentro e fora do Governo, que examinaram cuidadosamente em que é que afectaria as *suas* fortunas o facto de Mike ser o convidado de honra num funeral. Eu...

— Telefone, patrão. .

— Anne, tu vens de Porlock?

— Não, de Dálias.

— Não vou atender o telefone.

— Ela disse para lhe dizer que era a Becky.

— Porque é que não o disseste logo? — Jubal apressou-se a sair da sala e encontrou o rosto de Madame Vesant na tela. — Becky! Estou muito contente por te ver, rapariga!

— Olá, doutor, vi o seu acto.

— Que tal te pareceu?

— Nunca tinha visto uma situação invertida mais habilmente. Doutor, a profissão perdeu um grande orador, quando você não teve um irmão gémeo.

— Isso é um grande elogio, Becky. — Jubal pensou rapidamente. — Mas tu preparaste o acto; eu apenas recebi os

lucros... e há muito dinheiro. Portanto diz quais são os teus honorários, Becky.

O semblante de Madame Vesant carregou-se.

— O senhor feriu-me nos meus sentimentos.

— Becky! Toda a gente pode aplaudir e dar vivas... mas os aplausos que valem a pena serão encontrados numa pilha de dinheiro dobrado, macia e verde. O Homem de Marte compreende isto e, acredita-me, tem os recursos necessários para tal. — Jubal riu. — Tudo o que levarás de mim é um beijo e um abraço que te partirá as costelas.

Ela descontraiu-se e sorriu.

— Lembro-me de como costumava dar palmadinhas no meu traseiro enquanto me assegurava que o professor ia recuperar... você era sempre capaz de fazer um corpo sentir-se melhor.

— Com certeza que nunca fiz uma coisa assim tão antiprofissional.

— Sabe muito bem que fez. E não o fazia com intenções paternas.

— Talvez fosse esse o tratamento de que tu precisavas. Já desisti de «dar palmadinhas nos traseiros»... mas farei uma exceção para o teu caso.

— Acho bem.

— E eu acho bem que digas quais são os teus honorários. Não te esqueças dos zeros.

— Doutor, há mais maneiras de receber honorários do que a de apresentar rapidamente uma simples conta em dinheiro. Esteve a observar o mercado, hoje?

— Não, mas não me contes. Vem antes tomar uma bebida.

— Hum, não devo poder. Prometi... bem, a um cliente muito importante, que estaria disponível.

— Estou a perceber. Becky, as estrelas seriam capazes de mostrar que seria melhor para toda a gente se este assunto fosse

resolvido, assinado e selado hoje? Talvez logo depois de o mercado fechar?

Ela pareceu pensativa.

— Vou ver isso.

— Vê. E vem visitar-nos. Gostarás do rapaz. Ele é esquisito como uns suspensórios de cobra, mas doce como um beijo roubado.

— Hum... irei. Obrigado, doutor.

Despediram-se. Jubal viu que Nelson tinha levado Mike para um quarto para o examinar. O cirurgião estava perplexo.

— Doutor — disse Nelson —, eu vi este paciente apenas há dez dias atrás. Diga-me: onde é que ele arranjou estes músculos?

— Porque enviou um cupão de *Rut: a Revista para os Homens*. Você conhece aquele anúncio que diz como é que um fraco de cinquenta quilos pode...

— Doutor, por favor!

— Porque é que não lhe pergunta? Nelson assim fez.

— Pensei neles — respondeu Mike.

— É isso mesmo — concordou Jubal. Ele «pensou» neles. Quando o recebi, a semana passada, estava num estado lastimoso, débil, flácido e pálido. Parecia que tinha sido criado numa cave... concluí que assim fora. Por isso disse-lhe para se fortalecer. Ele fê-lo.

— Exercícios? — disse Nelson duvidosamente.

— Alguma natação.

— Alguns dias de natação não fazem que um homem pareça ter passado anos a suar fazendo paralelas! — Nelson franziu o sobrolho. — Eu sei que Mike controla os chamados músculos «involuntários». Mas isso tem precedente. Isto, contudo, faz com que uma pessoa pense que...

— Doutor — disse Jubal gentilmente —, porque não admitir que não consegue grocar isso?

Nelson suspirou.

— Está bem. Veste-te, Michael.

Mais tarde, Jubal conversou em privado com os três oficiais da *Champion*.

— O objectivo financeiro era simples: tornar o dinheiro de Mike inalienável, para que não surgisse uma luta. Nem mesmo se ele morresse, porque eu disse a Douglas que a morte de Mike acabaria com a sua administração, ao mesmo tempo que um boato vindo de uma fonte geralmente bem informada (eu) chegava aos ouvidos de Kung e de outros: que a morte de Mike daria a Douglas controle permanente. Claro, se eu tivesse poderes mágicos, teria despojado o rapaz de todos os tostões. Isso...

— Por quê, Jubal? — interrompeu o capitão. Harshaw ficou pasmado.

— O senhor é *rico*, comandante?

— *Eu?* — exclamou Van Tromp. — Tenho o meu salário, uma pensão de reforma, uma casa hipotecada... e duas raparigas na universidade. Quem me dera ser rico!

— Eu não gostaria.

— *Hã!* Não diria isso se tivesse filhas na universidade.

— Tive quatro que passaram pela universidade... e endividei-me até à ponta dos cabelos. Uma delas é uma estrela na sua profissão... sob o seu nome de casada, porque eu sou um velho preguiçoso em vez de uma memória venerada. As outras lembram-se do meu aniversário e não me aborrecem; a educação não lhes fez mal. Mencionei a minha descendência apenas para provar que sei que um pai precisa muitas vezes de mais do que aquilo que tem. Mas você pode remediar isso trabalhando para algumas firmas que lhe pagarão muitas vezes mais aquilo que você ganha apenas para terem o seu nome no cabeçalho. Já teve ofertas?

— Isso está fora de questão — respondeu friamente o capitão Van Tromp. — Tenho uma profissão liberal.

— O que quer dizer que o dinheiro não o fará desistir de comandar naves espaciais.

— Não me importaria de ter dinheiro, também!

— Pouco não presta. As filhas podem gastar dez por cento mais do que um homem pode ganhar numa ocupação vulgar. Isto é uma lei da natureza para passar a ser conhecida daqui em diante como «Lei de Harshaw». Mas, capitão, a *verdadeira* riqueza, numa escala em que requer uma bateria de contabilistas para baixar os impostos, essa riqueza, atá-lo-ia ao solo do mesmo modo como a sua demissão.

— Disparate! Aplicá-lo-ia em títulos do tesouro e receberia apenas os juros.

— Não, se você fosse do tipo que coloca a grande riqueza em primeiro lugar. Muito dinheiro não é difícil de conseguir. Tudo o que custa é uma vida inteira de devoção. Mas nem uma bailarina trabalha mais. Capitão, esse não é o seu estilo; o senhor não quer ganhar dinheiro, quer simplesmente *gastá-lo*.

— Correcto, senhor! Por isso não consigo perceber porque é que haveria de querer tirar a Mike a sua fortuna.

— Porque muito dinheiro é uma maldição... a não ser que uma pessoa aprecie juntar dinheiro apenas pelo prazer que isso lhe dá. Mesmo assim tem sérios e graves inconvenientes.

— Oh, tolices! Jubal, você fala como um guarda de um harém tentando convencer um homem normal das vantagens de ser eunuco.

— Possivelmente — concordou Jubal. — A capacidade do espírito para racionalizar as suas próprias deficiências é ilimitada; eu não sou excepção. Pois, eu, tal como você, senhor, apenas tenho interesse no dinheiro simplesmente para o gastar. Como tal, é-me impossível enriquecer. Por outro lado, nunca houve perigo de eu não conseguir surripiar a modesta quantia necessária para alimentar os meus vícios, pois toda a gente com um pouco de miolos pode fazer isso. Mas grande riqueza? Você viu aquela farsa. Poderia eu tê-la escrito de modo a que eu ficasse com o lucro: tornar-me seu administrador e seu possuidor *de facto* enquanto sugava todos os rendimentos que ambicionava... e poderia eu tê-lo feito de forma a

que Douglas tivesse de suportar as consequências? Mike confia em mim; sou seu irmão de água. Poderia eu ter-lhe roubado a fortuna?

— Hum... diabos o levem, Jubal, acho que sim.

— Isso é uma certeza. Porque o nosso secretário-geral gosta tanto ou tão pouco de dinheiro como você. A paixão dele é o poder: um tambor cujo rufar eu não ouço. Tivesse eu garantido (oh, muito elegantemente) que o estado de Mike continuaria a apoiar a sua administração, e teria de certeza ficado com o dinheiro. — Jubal estremeceu. — Pensei que ia ter de fazer isso para proteger Mike dos abutres... e fiquei em pânico. Capitão, você não *sabe* qual é a maior riqueza de um Velho do Mar. O seu proprietário é assediado em todos os lados, como os pedintes de Bombaim, todos eles pedindo que ele invista ou desista de parte da sua riqueza. Torna-se desconfiado: a honesta amizade raramente lhe é oferecida; aqueles que poderiam ter sido seus amigos são demasiado esquisitos para serem empurrados por pedintes e demasiado orgulhosos para correrem o risco de serem tomados por um desses pedintes. Pior ainda, a sua família está constantemente em perigo. Capitão, as suas filhas já alguma vez foram ameaçadas de rapto?

— O quê? Meu Deus, não!

— Se você possuísse a riqueza de Mike teria de ter essas raparigas guardadas dia e noite... e mesmo assim não ficaria descansado, porque nunca saberia se os guardas eram de confiança. Olhe para os últimos cem raptos e repare quantos deles envolveram um empregado de confiança... e quão poucas foram as vítimas que escaparam ilesas. Existe alguma coisa que o dinheiro possa comprar que valha a segurança das suas filhas?

Van Tromp pareceu pensativo.

— Fico com a minha casa hipotecada, Jubal.

— Amem. Quero viver a minha própria vida, dormir na minha própria cama... e que não me *aborreçam!* Contudo, pensei que ia ser obrigado a passar os últimos anos da minha vida metido num escritório, barricado por guarda-costas, e trabalhando longas horas como o homem de negócios de Mike.

»Depois tive uma inspiração. Douglas vive por detrás dessas barricadas, tem um pessoal desses. Uma vez que estamos a entregar o poder para assegurar a liberdade de Mike, porque não fazer Douglas pagar, assumindo essas dores de cabeça? Não receava que ele roubasse; só os políticos de segunda classe são gananciosos, e Douglas não é um desses. Deixa de franzir as sobrancelhas, Ben, e reza para que ele nunca largue o fardo em cima dos teus ombros.

»Por isso pus o fardo em Douglas... e agora posso voltar para o meu jardim. Mas, a partir do momento em que pensei nisto, foi tudo muito simples. Foi a Decisão Larkin que me preocupou.

Caxton disse:

— Acho que perdeste o juízo com isso, Jubal. Esse disparate de os deixar prestar «honras» de soberania a Mike. Devias ter simplesmente feito com que Mike cedesse por escrito todos os interesses, se os há, segundo essa ridícula teoria Larkin.

— Ben, meu rapaz — disse Jubal gentilmente —, como repórter, por vezes os teus artigos são razoáveis.

— Uau, obrigado! Meu fã.

— Mas os teus conceitos sobre estratégia são os de um homem de Neanderthal.

Caxton suspirou.

— Assim é melhor. Por momentos pensei que te tinhas tornado amável.

— Quando isso me acontecer, por favor, mata-me. Capitão, quantos homens deixou em Marte?

— Vinte e três.

— E qual é a situação deles de acordo com a Decisão Larkin? O semblante de Van Tromp carregou-se.

— Não estou autorizado a falar sobre isso.

— Então não fale — aconselhou Jubal. — Podemos deduzi-lo.

O Dr. Nelson disse:

— O comandante, Stinky e eu estamos de novo na qualidade de civis. Falarei sobre aquilo que me apetecer...

— E eu também — concordou Mahmoud.

— ... e eles sabem o que podem fazer com a minha comissão de reserva. Que autoridade tem o Governo para nos impedir de falar? Aqueles políticos de gabinete não foram a Marte.

— Pára com isso, Sven. Tenciono falar: estes são os nossos irmãos de água. Mas, Ben, preferiria não ver isto na imprensa.

— Capitão, se sentir mais à vontade, vou ter com Mike e com as raparigas.

— Por favor, não saia. O Governo está em palpos de aranha com essa colónia. Todos os homens cederam por escrito os seus direitos de Larkin... ao Governo. A presença de Mike em Marte confundiu as coisas. Não sou advogado, mas percebi que, se Mike não renunciasse aos seus direitos, isso poria o Governo em sérios trabalhos quando chegasse à altura de dividir as coisas de valor.

— *Que* coisas de valor? — perguntou Caxton. — Ouça, comandante, eu não estou a menosprezar a sua proeza; mas, de tudo o que ouvi dizer, Marte não é um estado realmente valioso para os seres humanos. Ou existem vantagens que ainda não foram divulgadas?

Van Tromp abanou a cabeça negativamente.

— Não, todos os relatórios técnicos foram divulgados. Mas, Ben, a Lua era um monte de rochedos sem valor quando chegámos lá.

— É verdade — admitiu Caxton. — Gostaria que o meu avozinho tivesse comprado ações da Empresa Lunar. — Acrescentou: — Mas Marte é habitado.

Van Tromp parecia infeliz.

— Sim. Mas... Stinky, conta-lhe. Mahmoud disse:

— Ben, existe muito espaço em Marte para a colonização humana e, tanto quanto eu fui capaz de descobrir, os Marcianos não interfeririam. Neste exacto momento estamos a hastear a nossa

bandeira e a reivindicar extraterritorialidade. Mas o nosso estatuto pode ser como o de uma daquelas cidades de formigas dentro de uma redoma de vidro que se vêem nas salas de aula. Não sei qual é a nossa situação.

Jubal acenou com a cabeça.

— Nem eu. Não tenho qualquer ideia da situação... excepto que o Governo estava ansioso por conseguir esses ditos direitos. Por isso supus que o Governo era igualmente ignorante e fui em frente. «Audácia, sempre audácia.» — Jubal sorriu. — Quando estava na universidade ganhei um debate por citar um argumento da direcção da British Colonial Shipment. A oposição foi incapaz de me rebater... porque nunca existira uma direcção da British Colonial Shipment.

»Fui igualmente descarado esta manhã. A Administração queria os Direitos Larkin de Mike e estava cheia de medo de que nós fizéssemos um acordo com quaisquer outros. Por isso usei o seu medo e avidez para lhes fazer ver o absurdo lógico da sua fantástica teoria legal, o reconhecimento, em inequívoco protocolo, de que Mike era um soberano... e devia ser tratado de acordo com tal! — Jubal parecia vaidoso.

— Desse modo — disse Ben secamente — te colocando a ti próprio como o bem conhecido afluente.

— Ben, Ben — disse Jubal em tom de censura —, pela sua própria lógica, eles coroaram Mike. Preciso de dizer que, apesar do velho provérbio sobre cabeças e coroas, é mais seguro ser publicamente um rei do que um pretendente escondido? A posição de Mike foi muito melhorada por alguns compassos de música e por um velho lençol. Mas continuava a não ser uma posição fácil. Mike era, para a ocasião, o reconhecido soberano de Marte de acordo com a idiotice legalística do precedente Larkin... e com poderes para conceder concessões, direitos comerciais, enclaves, etc. Ele ou tinha de fazer essas coisas e ficar sujeito a pressões ainda piores do que aquelas que derivam da grande riqueza... ou tinha de abdicar e permitir que esses seus direitos Larkin fossem transferidos para aqueles homens que estão agora em Marte, isto é, para Douglas. —

Jubal parecia amargurado. — Detestei ambas as alternativas. Meus senhores, não podia permitir que o meu cliente fosse apanhado numa tal farsa. A Decisão Larkin tinha de ser anulada com respeito a Marte... sem dar uma hipótese ao Supremo Tribunal de controlar. — Jubal sorriu. — Por isso menti para criar uma teoria. Honras de soberano tinham sido prestadas a Mike; o mundo tinha-o visto. Mas honras de soberano podem também ser prestadas a um alto representante do soberano, o seu embaixador. Por isso declarei que Mike não era nenhum rei de cartão segundo um precedente que nada tinha a ver com o assunto... mas sim o embaixador da grande nação marciana! — Jubal encolheu os ombros. — Simples *blefe*. Mas estava a apoiar o meu *blefe* na crença de que os outros, Douglas e Kung, não estariam mais certos dos factos do que *eu* estava. — Jubal olhou em redor. — Arrisquei esse *blefe* porque vocês os três estavam conosco, irmãos de água de Mike. Se vocês não me contestassem, então Mike *tinha* de ser aceito como embaixador de Marte... e a Decisão Larkin estava morta.

— Assim espero — disse seriamente o capitão Van Tromp —, mas eu não tomei as suas declarações como mentiras, Jubal.

— Hã? Eu estava a jogar com palavras bonitas, improvisando.

— Isso não interessa. Penso que disse a verdade. — O comandante da *Champion* hesitou. — Excepto que eu não chamaria a Mike um embaixador: uma força de invasão era mais apropriado.

Caxton deixou cair o queixo. Harshaw respondeu:

— Em que sentido, senhor? Van Tromp disse:

— Vou corrigir a expressão. Penso que ele é um batedor enviado em missão de reconhecimento pelos seus senhores marcianos. Não me interprete mal: gosto tanto do rapaz como vocês. Mas não existe razão para que ele nos seja leal... à Terra, quero dizer. — O capitão Van Tromp franziu o sobrolho.

— Toda a gente pensa que um homem encontrado em Marte saltaria de alegria à possibilidade de voltar ao «lar»... mas não se passou assim. Eh.

Sven?

— Mike detestou a ideia — concordou Nelson. — Não nos podíamos aproximar; ele tinha medo. Depois os Marcianos disseram-lhe para vir conosco... e ele comportou-se como um soldado executando ordens que o assustavam tremendamente.

— Só um momento — protestou Caxton. — Capitão: Marte invadir-nos? *Marte?* Isso não seria como se nós atacássemos Júpiter? Temos duas vezes e meia a gravidade da superfície de Marte; Júpiter tem duas vezes e meia a nossa. Diferenças análogas de pressão, temperatura, atmosfera, e por aí adiante. Nós não podíamos viver em Júpiter... e não vejo como é que os Marcianos poderiam suportar as nossas condições. Não é isto verdade?

— Está bastante perto da verdade — admitiu Van Tromp.

— Porque é que atacaríamos Júpiter? Ou porque é que Marte nos atacaria?

— Ben, viu as propostas para uma base militar em Júpiter?

— Nada passou para além do estado de sonho, não é prático.

— O voo espacial também não era prático até há uns anos atrás. Os engenheiros calcularam isso, usando tudo o que aprendemos na exploração do oceano; e, se acrescentarmos a isso o equipamento de homens com fatos energéticos, é possível enfrentar Júpiter. Não pense que os Marcianos são menos espertos do que nós. Devia ter visto as cidades deles.

— Hum... — murmurou Caxton. — Está certo, mas ainda não consigo perceber porque é que eles nos haviam de aborrecer.

— Capitão?

— Sim, Jubal?

— Vejo uma outra objecção. Conhece a classificação das culturas em «Apolonianas» e «Dionisíacas».

— Conheço, na generalidade.

— Bem, parece-me que mesmo a cultura Zuni seria classificada como dionisíaca em Marte. Você esteve lá... mas eu estive a falar com Mike. O rapaz foi educado numa cultura apoloniana; tais culturas não são agressivas.

— Hum... Eu não contaria com isso. Mahmoud disse subitamente:

— Comandante, existe uma prova para apoiar a teoria de Jubal. Pode-se analisar uma cultura através da sua linguagem... e não existe nenhuma palavra marciana para «guerra». Pelo menos acho que não existe. Nem para «arma»... nem para «luta». Se uma determinada palavra não consta de uma língua, então a sua cultura nunca teve essa referência.

— Oh, tolices, Stinky! Os animais lutam... as formigas conduzem guerras. E têm *palavras* para isso?

— Teriam — insistiu Mahmoud —, em qualquer raça verbalizada. Uma raça verbalizada tem palavras para todos os conceitos e cria palavras novas sempre que aparece um novo conceito. Um sistema nervoso apto para verbalizar não pode evitar a verbalização. Se os Marcianos soubessem o que é «guerra» teriam uma palavra para isso.

— Existe uma maneira de resolver esta questão — sugeriu Jubal. — Chama-se o Mike.

— Só um momento — objectou Van Tromp. — Aprendi há muitos anos atrás a nunca discutir com um especialista. Mas também aprendi que a história é uma longa lista de especialistas que se enganaram redondamente... desculpa, Stinky.

— Tem razão, capitão; só que desta vez não estou enganado.

— Tudo o que Mike pode resolver é declarar se *conhece* uma certa palavra... o que pode ser como pedir a uma criança de dois anos de idade que defina «cálculo». Vamos cingir-nos aos factos. Sven, podemos falar sobre Agnew?

Nelson respondeu:

— Isso é consigo, capitão.

— Bem... isto fica entre irmãos de água, cavalheiros. O tenente Agnew era o nosso médico assistente. Brilhante, segundo me conta Sven. Mas não suportava os Marcianos. Eu dera ordens para ninguém sair armado, uma vez que os Marcianos pareciam ser pacíficos.

»Agnew desobedeceu-me: pelo menos nunca encontramos a sua arma e os homens que o viram vivo dizem que ele a usava. Mas tudo o que o meu diário de bordo mostra é: «Desaparecido e presumivelmente morto.»

»Dois homens da minha tripulação viram Agnew entrar numa passagem entre duas grandes rochas. Depois viram um marciano entrar na mesma passagem; logo se apressaram, pois a peculiaridade do Dr. Agnew era bastante conhecida.

»Ambos ouviram um tiro. Um desses homens diz que chegou à abertura a tempo de ver Agnew aproximar-se do marciano. E depois não viu Agnew. O segundo homem diz que, quando lá chegou, o marciano ia a sair e seguiu o seu caminho. Depois de o marciano desaparecer, eles puderam ver o espaço entre as rochas... e era um beco, vazio.

»E é tudo, meus senhores. Agnew podia ter saltado essa parede de rocha, sob a baixa gravidade de Marte e sob o ímpeto do medo: eu tentei, mas não fui capaz; há que mencionar que esses dois homens usavam aparelhos respiratórios (têm de se usar, em Marte) e a hipoxia faz com que os sentidos de um homem fiquem perturbados. Não sei se o primeiro homem estava bêbado devido à carência de oxigénio; menciono-o porque é mais fácil de acreditar do que aquilo que ele relatou: ou seja, que Agnew desapareceu enquanto o Diabo esfrega um olho. Sugeri que ele sofrera os efeitos da hipoxia e dei-lhe ordens para verificar o seu aparelho de respiração.

»Pensei que Agnew iria aparecer e estava pronto para lhe dar uma repreensão por ter saído armado.

»Mas nunca o encontramos. A minha desconfiança em relação aos Marcianos data desse incidente. Nunca mais me tornaram a

parecer apenas grandes criaturas, gentis, inofensivas e um tanto cómicas, embora nunca tenhamos tido problemas e eles sempre nos tenham dado tudo o que queríamos, depois de Stinky descobrir a maneira de as pedir. Minimizei o incidente: não se pode deixar os homens entrar em pânico quando se está a centenas de milhões de quilómetros de casa. Não podia minimizar o facto de o Dr. Agnew ter desaparecido; a companhia da nave procurou-o. Mas eu reprimi qualquer sugestão de que poderia haver algo de misterioso: Agnew perdeu-se entre aquelas rochas, e morreu quando o oxigénio se esgotou... foi enterrado pela deslocação da areia. Usei este facto para proibir que se viajasse sozinho, dando instruções para que o contacto através da rádio fosse sempre mantido, e para verificarem os aparelhos de respiração. Não disse a esse tripulante para não falar sobre o que tinha visto; sugeri-lhe simplesmente que a sua história era ridícula, uma vez que o seu companheiro não a confirmava. Penso que foi a versão oficial que prevaleceu.

Mahmoud disse lentamente:

Capitão, esta foi a primeira vez que ouvi dizer que havia algum mistério. E prefiro a sua versão «oficial». Não sou supersticioso.

Van Tromp acenou com a cabeça.

— Era isso que eu queria. Apenas Sven e eu próprio ouvimos esse fantástico conto. Mas, mesmo assim... — O capitão pareceu subitamente mais velho — ... acordei a meio da noite e perguntei a mim próprio: «Que é que foi feito de Agnew?»

Jubal ouviu sem proferir comentários. Teria Jill falado a Ben acerca de Berquist e do outro sujeito, Johnson? Alguém teria falado a Ben da batalha na piscina? Era pouco provável; as raparigas sabiam que a versão «oficial» era que o primeiro esquadrão nunca aparecera: todas tinham ouvido a sua conversa telefónica com Douglas.

Caramba, a única solução era manterem-se calados e continuar a tentar convencer Mike de que *não* devia fazer desaparecer todos os estranhos desagradáveis!

Jubal foi salvo de mais preocupações pela chegada de Anne.

— Patrão, o Sr. Bradley está à porta. Aquele que se autodenomina «principal assistente executivo do secretário-geral».

— Não o deixaste entrar?

— Não. Falámos através do intercomunicador. Ele diz que tem papéis para entregar e que esperará por uma resposta.

— Diz-lhe para passar os papéis por baixo da porta. Isto ainda é a Embaixada Marciana.

— Deixo-o em pé lá fora?

— Anne, eu sei que recebeste uma excelente educação, mas esta é uma situação em que a rudeza compensa. Não cederemos um centímetro, até conseguirmos o que queremos.

— Sim, patrão.

O pacote estava cheio de cópias; existia apenas um documento. Jubal chamou toda a gente para a sala e entregou uma das cópias a cada pessoa.

— Ofereço um caramelo a quem descobrir uma omissão, uma armadilha ou alguma ambiguidade.

Foi Jubal o primeiro a quebrar o silêncio.

— Ele é um político honesto: cumpriu o que disse. Assim parece — admitiu Caxton.

— Alguém descobriu alguma coisa? — Ninguém reclamou o prémio; Douglas tinha apenas executado o combinado. — Está bem — disse Jubal —, toda a gente assina cada uma das cópias. Vai buscar o selo, Miriam. Bolas, deixa Bradley entrar e manda-o assinar, também; depois dá-lhe uma bebida. Duke, comunica para a recepção que nos vamos embora. Telefona para a Greyhound e manda vir o nosso transporte. Sven, comandante, Stinky: vamo-nos embora, Lot deixou Sodoma... Porque é que não vêm para o campo conosco, para se descontraírem? Temos montes de camas, comida caseira, nada de preocupações.

Os homens casados pediram que os chamassem se algo de inesperado acontecesse; o Dr. Mahmoud aceitou. A assinatura demorou bastante tempo, porque Mike gostava muito de assinar o

seu nome, desenhando cada letra com uma satisfação artística. Os restos do piquenique tinham sido removidos, todas as cópias estavam assinadas e seladas, e a conta do hotel tinha chegado.

Jubal olhou de relance para o avantajado total e escreveu na factura: «Aprovado para pagamento — J. Harshaw, por V. M. Smith», e entregou-a a Bradley.

— Isto é preocupação do seu chefe. Bradley pestanejou.

— Senhor?

— Oh, o Sr. Douglas entregá-la-á certamente ao chefe do protocolo. Não percebo muito dessas coisas.

Bradley aceitou a conta.

— Sim — disse lentamente —, La Rue liquidá-la-á... vou dar-lhe a ele.

— Obrigado, Sr. Bradley... por *tudo!*

TERCEIRA PARTE - A SUA EXCÊNTRICA EDUCAÇÃO

XXII

Numa das partes de uma galáxia em espiral, próximo de uma estrela conhecida por «Sol» para alguns, uma outra estrela teve uma explosão. A sua glória seria vista em Marte em três-anos-completos (729), ou 1370 anos terrenos. Os Velhos notaram-no como sendo útil para a instrução dos novos, embora nunca cessando a excitante discussão dos problemas estéticos respeitantes ao entrançado poema épico sobre a morte do Quinto Planeta.

Notaram a partida da *Champion* sem comentários. Uma observação foi mantida em relação ao estranho companheiro de ninho enviado dentro dela, mas nada mais, pois teriam de esperar até que fosse frutuoso grocar a consequência.

Os humanos deixados em Marte lutavam com o meio ambiente, letal para humanos nus, mas menos difícil que o do Estado Livre da Antártica. Um deles desincorporou-se devido a uma doença por vezes chamada «saudades do lar». Os Velhos protegeram o espírito ferido e enviaram-no para onde ele pretendia para uma maior cura; à parte isso, os Marcianos deixaram a Terra em paz.

Na Terra a explosão da estrela não foi notada, os astrónomos humanos eram limitados pela velocidade da luz. O Homem de Marte apareceu pouco nas notícias. O líder da minoria do Senado da Federação apelou para «uma nova e enérgica aproximação» em relação aos problemas da população, e à mal-nutrição no Sueste da Ásia, começando com crescentes ajudas às famílias com mais de cinco filhos. A Sra. Percy B. S. Soucek processou os membros do Condado da Cidade de Los Angeles pela morte do seu cão-d'água de estimação, *Pidle*, ocorrida durante uma inversão estacionária de cinco dias. Cynthia Duchess anunciou que ia ter o Bebê Perfeito

através de um doador cientificamente seleccionado e de uma mãe-hospedeira igualmente perfeita, assim que os peritos calculassem o instante da concepção, para assegurar que a criança maravilha fosse igualmente um génio em música, arte e liderança do Estado — e que ela (com a ajuda de tratamentos hormonais) amamentaria a criança. Deu uma entrevista sobre as vantagens psicológicas da alimentação natural e permitiu (insistiu) que a imprensa tirasse fotografias para provar que ela era dotada para isso.

O Supremo Bispo Digby denunciou-a como a Prostituta da Babilónia e proibiu qualquer fosterita de aceitar a missão, tanto como doador como mãe-hospedeira. Alice Douglas foi citada: «Embora eu não conheça a Menina Duchess, uma pessoa não a pode ajudar mas pode admirá-la. O seu corajoso exemplo devia ser uma inspiração para todas as mães.»

Jubal Harshaw viu uma das fotografias dela numa revista. Afixou-a na cozinha, depois reparou que a fotografia não se aguentava em pé muito tempo, o que o fez esboçar um sorriso de triunfo.

Não sorria muitas vezes nessa semana; o mundo era demasiado para ele. A imprensa cessou de importunar Mike quando a história acabou; mas milhares de pessoas não tinham esquecido Mike. Douglas tentou assegurar a privacidade de Mike; soldados dos S. S. patrulhavam a vedação da propriedade de Harshaw e um carro aéreo dos S. S. circulava por cima da propriedade e impedia qualquer carro de aterrar. Harshaw ressentia-se de precisar de guardas.

Quanto ao telefone, Jubal resolveu o problema através de um serviço de respostas ao qual foi dado uma pequena lista de pessoas cujas chamadas Jubal receberia — e manteve o instrumento da casa em «recusa e gravação» a maior parte do tempo.

Mas o correio acabava sempre por chegar.

Harshaw disse a Jill que Mike tinha de crescer; podia começar por tratar do seu correio. Ela poderia ajudá-lo.

— Mas não *me* aborreças; já tenho correio que chegue.

Jubal não pôde manter-se afastado; havia demasiado correio e Jill não sabia o que fazer.

Só separá-lo já era uma dor de cabeça. Jubal falou com o chefe do correio local (o que não resultou) e em seguida telefonou a Bradley, o que originou uma «sugestão» de classificação; daí em diante o correio de Mike passou a chegar metido em sacos como correio de primeira, segunda, terceira e quarta classe, vindo o correio para todos os outros num saco à parte. O correio de segunda e terceira classe era usado para isolar uma cave. Quando a cave estava superisolada, Jubal disse a Duke para usar esse correio para verificar a erosão nos esgotos.

O correio de quarta classe era um problema. Uma encomenda explodiu no posto de correios da vila, destruindo vários anos de anúncios «Procura-se» e um letreiro «Use o guiché do lado» — por sorte, o chefe dos correios tinha saído para tomar um café e a sua assistente, uma senhora idosa com uma deficiência renal, estava na banheira. Jubal pensou em submeter as agências de transporte de encomendas a um tratamento efectuado por especialistas em bombas.

Isto não foi necessário; Mike podia detectar uma «maldade» dentro de um pacote sem o abrir. A partir dessa data, o correio de quarta classe era deixado junto ao portão; Mike pesquisava-o à distância, fazendo desaparecer todas as coisas perigosas; Larry carregava o restante para dentro de casa.

Mike adorava abrir pacotes, embora o conteúdo pudesse não o interessar. As coisas que ninguém queria acabavam num esgoto; isto incluía dádivas de comida, pois Jubal não tinha a certeza se o faro de Mike para farejar «maldades» se estendia a venenos: Mike bebera uma solução venenosa usada para fotografia que Duke tinha posto no frigorífico; Mike disse timidamente que o «chá gelado» tinha um sabor que ele não tinha a certeza de apreciar.

Harshaw disse a Jill que podia guardar as coisas que eram enviadas, desde que não fossem enviadas à cobrança, sujeitas a recibo ou para serem devolvidas. Alguns artigos eram ofertas; o

resto eram mercadorias que não tinham sido encomendadas. Por outro lado, Jubal considerou que os bens móveis não solicitados representavam esforços para manipular o Homem de Marte e não mereciam agradecimentos.

Uma exceção era feita aos artigos vivos! Jubal aconselhou Jill a devolvê-los — a menos que ela garantisse cuidar deles, alimentá-los e impedir que caíssem na piscina.

O correio de primeira classe era a principal dor de cabeça. Depois de examinar mais de quarenta quilos dele, Jubal estabeleceu categorias:

Cartas de pedidos: esgoto.

Cartas de ameaças: arquivo. Mais tarde algumas delas iam para os S. S.

Oportunidades de negócios: Douglas.

Cartas inúteis: guardar alguns destes disparates, o resto para o esgoto.

Cartas amigáveis: responder, quando acompanhadas por um envelope selado, e com a morada escrita, usando letras de imprensa feitas por Jill. (Jubal chamou a atenção para o facto de as letras desenhadas por Mike serem valiosas, e um convite a mais correio inútil.)

Cartas escatológicas: passar a Jubal (que fizera uma aposta consigo próprio em que nenhuma delas conteria a mais ténue novidade literária) para disposição, isto é, para o esgoto.

Propostas de casamento e propostas menos formais: arquivo.

Cartas de instituições científicas e educacionais: o mesmo tratamento que «E». Se fossem respondidas, explicar que o Homem de Marte não estava disponível para *nada*; se Jill sentisse que essa desculpa não serviria para os afastar, então passasse-as a Jubal.

Cartas de pessoas que conheciam Mike, como por exemplo de elementos da tripulação da *Champion*, do presidente dos Estados Unidos, e outros: deixar Mike responder como quisesse; exercícios

de escrita far-lhe-iam bem, e exercícios de relações humanas ainda melhor (se ele precisasse de conselhos, que os pedisse).

Isto reduzia o número de respostas que Jill tinha de escrever, e reduzia ainda mais as respostas que Mike tinha de elaborar. Jill viu que podia ler por alto e classificar o correio em cerca de uma hora por dia. As primeiras quatro categorias continuavam a ser grandes; a categoria *G* era muito vasta a seguir à transmissão pela estéreo visão da conferência do Palácio, mas depois diminuiu. Jubal preveniu Jill de que, embora Mike devesse apenas responder às cartas de conhecidos seus, o correio dirigido a ele era dele.

Na terceira manhã a seguir à instalação deste sistema, Jill trouxe uma carta de categoria «G» a Jubal. As senhoras e outras fêmeas (mais alguns machos mal informados) que enchiam esta categoria, incluíam geralmente fotografias que diziam ser delas próprias; algumas deixavam pouco à imaginação. Uma dessas cartas incluía uma fotografia que não deixava nada à imaginação, embora estimulasse novas fantasias. Jill disse:

— Olhe para isto, patrão! Peço-lhe! Jubal leu a carta.

— Ela sabe o que quer. Que é que Mike pensa?

— Ele não a viu.

Jubal olhou de relance para a fotografia.

— É do tipo que, na minha juventude, chamávamos «bem acolchoada». Bem, o seu sexo não está em dúvida, nem a sua agilidade. Porquê mostrá-la a *mim*? Já vi melhor.

— Que é que eu havia *de fazer*! A carta já é suficientemente má... mas esta *nojenta* fotografia... devo rasgá-la?

— Que é que está no envelope?

— Apenas a nossa morada e a morada do remetente.

— Que é que se lê no endereço?

— Hã? «Sr. Valentine Michael Smith, o Homem de...»

— *Oh!* Então não *te* é dirigida.

— Ora, não, claro que não...

— Vamos esclarecer uma coisa. Tu não és a mãe de Mike nem o seu *chaperon*. Se Mike quiser ler tudo aquilo que lhe vem dirigido, incluindo essas porcarias, é livre para o fazer.

— Ele lê a maior parte. Mas o senhor não pode querer que ele veja obscenidades! Ele é *inocente*.

— Ah, sim? Quantos homens é que ele matou? Jill parecia infeliz.

Jubal prosseguiu:

— Se o queres ajudar, concentra-te em ensiná-lo que matar é condenável nesta sociedade. De contrário, ele dará muito nas vistas quando partir para o mundo.

— Hum, acho que ele não quer «partir para o mundo».

— Vou empurrá-lo para fora do ninho assim que ele souber voar. Não contribuirei para que ele passe a vida como uma criança aprisionada. Por uma única razão: *não posso...* Mike viverá muitos mais anos do que eu. Mas tu tens razão; Mike é inocente. Enfermeira, viu aqueles laboratórios esterilizados em Notre-Dame?

— Li alguma coisa sobre isso.

— Os animais mais saudáveis do mundo; mas não podem sair do laboratório. Minha filha, Mike tem de tomar conhecimento das «obscenidades»... e imunizar-se. Um dia conhecerá a rapariga que escreveu isto, ou as suas irmãs espirituais; conhecerá centenas como ela... caramba, com a sua notoriedade e com o seu aspecto, poderia passar o resto da vida a saltar de uma cama para outra. Tu não podes impedi-lo. Eu não posso impedi-lo; isso cabe a Mike. Além disso, eu não o deteria, embora seja uma maneira estúpida de passar a vida... a fazer os mesmos exercícios vezes sem conta, quero dizer. Que é que *tu* pensas?

— Eu... — Jill corou.

— Talvez não aches isso monótono... também não tenho nada com isso, de qualquer maneira. Mas se não queres que Mike perca tempo com as primeiras quinhentas mulheres que o apanhem

sozinho, então não interceptes o seu correio. Cartas como esta podem pô-lo de sobreaviso. Mete-lhas simplesmente no meio da pilha de cartas e responde às suas perguntas... e tenta não corar.

— Patrão, o senhor é enfurecedor quando usa a lógica.

— Uma maneira muito estranha de discutir.

— Vou rasgar esta fotografia depois de Mike a ter visto!

— Oh, não faças isso!

— Porquê? *Quere-a?*

— Os Céus não o permitam! Mas Duke colecciona essas fotografias. Se Mike não a quiser, dá-a a Duke.

— *Duke* colecciona tal porcaria? Parece uma pessoa tão decente.

— E é.

— Mas... não compreendo. Jubal suspirou.

— Poderia passar o resto do dia a explicar-te e tu não perceberias na mesma. Minha querida, existem aspectos do sexo em que é impossível comunicar entre os dois sexos da nossa raça. Por vezes são grocados por intuição através do abismo que nos separa, por indivíduos excepcionalmente dotados. Mas as palavras são inúteis. Acredita-me, apenas: Duke é um perfeito cavaleiro... e apreciará essa fotografia.

— Não serei eu a entregá-la a Duke: ele podia ficar com ideias.

— Medricas. Há alguma coisa de especial no correio?

— Não. A cambada do costume que quer que Mike endosse coisas, ou pedidos para distribuir as velharias do «Oficial Homem de Marte»: um indivíduo pediu um monopólio de direitos de cinco anos... e quer que Mike o financie, também.

— Admiro um ladrão corajoso. Diz-lhe que Mike precisa de baixar os impostos... portanto, pergunta-lhe de quanto é que precisa.

— Está a falar a sério, patrão?

— Não. O patife era capaz de aparecer por cá com toda a sua família. Mas deste-me uma ideia para uma história. Quem é que está de serviço?

Mike interessou-se pela fotografia «nojenta». Grocou (teoricamente) o que a carta e a fotografia simbolizavam, e estudou o retrato com o mesmo encanto com que estudava cada borboleta. Achava as mulheres e as borboletas tremendamente interessantes — todo o mundo grocável era encantador e ele queria beber profundamente, para que o seu grocar fosse perfeito.

Compreendia o processo mecânico e biológico que era oferecido nestas cartas, mas porque seria que estranhos queriam a sua ajuda para animar ovos? Mike sabia (sem o grocar) que estas pessoas faziam um ritual desta necessidade, uma «aproximação» um tanto parecida com a cerimónia da água. Estava ansioso para o grocar.

Mas não tinha pressa, não conseguia grocar «pressa». Era sensível ao cálculo do tempo — mas segundo a aproximação marciana: o escalonamento no tempo era completado pela espera. Reparou que os seus irmãos humanos não entendiam a sua discriminação do tempo e eram frequentemente forçados a esperar mais depressa do que um marciano esperaria — mas não sentia o embaraço dos Marcianos em relação a eles; aprendeu a esperar mais depressa para colmatar a sua falta — por vezes esperava mais depressa e tão eficientemente que um humano teria concluído que ele estava com uma pressa enorme.

Aceitou a proposta de Jill que dizia que ele não devia responder a estas ofertas fraternais de outros humanos fêmeas, mas aceitou isto como uma espera: talvez daí a um século fosse melhor; de qualquer maneira, agora não era a altura própria, pois o seu irmão Jill falava correctamente.

Mike concordou quando Jill sugeriu que ele desse essa fotografia a Duke. Tê-lo-ia feito de qualquer modo; Mike vira a colecção de Duke, observara-a com interesse, tentando grocar porque é que Duke tinha dito: «Esta não é tanto pela cara, mas olha

para estas pernas... *irmão!*» Ser chamado «irmão» por um dos seus fazia Mike sentir-se bem, mas pernas eram pernas. O seu povo tinha três, enquanto os humanos tinham apenas duas — e não eram coxos, notou Mike.

Quanto aos rostos, Jubal possuía o rosto mais belo que Mike tinha visto, pois era inconfundivelmente dele. Das humanas fêmeas da colecção de Duke, mal se podia dizer que tinham rostos. Todas as jovens humanas fêmeas tinham o mesmo rosto; como é que poderia ser de outro modo?

Nunca tivera problemas em reconhecer o rosto de Jill; ela era a primeira mulher que ele vira e o seu primeiro irmão de água fêmea: Mike conhecia cada um dos poros do seu nariz, cada incipiente ruga do seu rosto, e contemplara cada uma delas em feliz meditação. Mas embora agora distinguisse Anne de Dorcas e Dorcas de Miriam pelos seus rostos, isso não acontecera ao princípio. Mike tinha-as distinguido através da altura e da cor de pele — e pela voz, pois as vozes nunca eram iguais. Quando, como por vezes acontecia, as três fêmeas estavam todas juntas e em silêncio, era certo que Anne era muito mais alta, Dorcas muito pequena, e Miriam mais alta do que Dorcas mas mais baixa do que Anne. Apesar disso nunca a tinha confundido com as outras quando Anne ou Dorcas não estavam presentes, porque Miriam tinha um cabelo denominado «encarnado» embora não fosse a mesma cor que era denominada «encarnado» quando se falava de outras coisas, que não cabelo.

Mike sabia que cada palavra inglesa tinha mais de um significado. Isto era um facto a que uma pessoa se habituava, tal como a semelhança dos rostos das raparigas... e, depois de esperar, eles já não eram os mesmos.

Agora Mike podia recordar-se do rosto de Anne e contar os poros do seu nariz tão prontamente como os de Jill. Em essência, até um ovo era um ser distinto, diferente de todos os outros ovos em qualquer lugar e em qualquer altura. Portanto cada rapariga possuía potencialmente o seu próprio rosto, por mais pequena que fosse a diferença.

Mike deu a fotografia a Duke e sentiu-se reconfortado pela alegria de Duke. Mike não estava a privar-se de nada: ele poderia ver a fotografia no seu espírito sempre que quisesse — e mesmo o rosto, que resplandecia como uma invulgar expressão de dor muito bela.

Aceitou os agradecimentos de Duke e regressou alegremente ao seu correio.

Mike não compartilhava do aborrecimento de Jubal em relação à avalanche de correio; deliciava-se com ela, com as apólices de seguros e as propostas de casamento. A viagem que fizera ao Palácio abrira-lhe os olhos para a enorme variedade deste mundo e ele decidira grocar tudo. Para isso levaria séculos, teria de crescer, crescer muito, mas não tinha pressa: grocava que a eternidade e a constante e bela modificação de hoje eram idênticas.

Mike decidiu não reler a *Enciclopédia Britânica*; o correio dava-lhe uma visão muito mais brilhante do mundo. Leu-a, grocou o que podia, e recordava-se do resto, para contemplação, enquanto os outros dormiam. Estava a começar, pensava ele, a grocar «negócios», «compra», «venda», e outras actividades não marcianas — a *Enciclopédia* tinha-o deixado vazio, pois (ele grocava isso agora) cada artigo pressupunha que ele sabia coisas que na verdade não sabia.

Certo dia chegou no correio, da parte do Sr. Secretário-Geral Joseph Edgerton Douglas, um livro de cheques e papéis; o seu irmão Jubal viu-se aflito para lhe explicar o que era o dinheiro e como era usado. Mike não conseguia compreender, embora Jubal lhe tivesse mostrado como preencher um cheque, lhe tivesse dado «dinheiro» em troca, e lhe tivesse ensinado a contá-lo.

Depois, subitamente, com um grocar tão casual que o fez tremer, compreendeu o dinheiro. Aquelas engraçadas fotografias e aquelas brilhantes medalhas não eram «dinheiro»; eram símbolos de uma ideia que estava disseminada em todas estas pessoas, espalhada em todo o mundo. Mas *coisas* não eram dinheiro, tal como a partilha da água não era «aproximação». Dinheiro era uma

ideia, tão abstracta como os pensamentos de um Velho: dinheiro era um importante símbolo estruturado para equilibrar, curar e aproximar.

Mike estava perplexo com a magnífica beleza do dinheiro. O fluxo, a troca e a contramarcha dos símbolos era bela em facilidade, recordando-lhe os jogos ensinados aos ocupantes dos ninhos para os encorajar a racionalizar e a crescer. Mas foi a totalidade que o espantou, um mundo inteiro reflectido numa dinâmica estrutura simbólica. Mike grocou então que os Velhos desta raça deviam ser de facto muito velhos para terem elaborado tal beleza; desejou humildemente conhecer um.

Jubal encorajou-o a gastar dinheiro e Mike assim o fez com a tímida ansiedade de uma noiva que é levada para a cama. Jubal sugeriu que ele «comprasse presentes para os amigos» e Jill ajudou, começando por estabelecer limites: um por amigo e um custo total que não excedesse nem sequer um terço da soma depositada na sua conta — pois Mike tencionava gastá-lo *todo*.

Ele aprendeu como era difícil gastar dinheiro. Havia tantas coisas, todas elas maravilhosas e incompreensíveis. Rodeado de catálogos da Marshal Field's e do Ginza, Bombaim e Copenhaga, sentiu-se inundado de riquezas. Mesmo o catálogo da Sears & Montgomery era de mais.

Jill ajudou.

— Não. Duke não gostaria de um tractor.

— Duke gosta de tractores.

— Ele já tem um, ou Jubal tem, o que é a mesma coisa. Ele era capaz de gostar de um destes engraçados unicyclos belgas: poderia pô-lo de lado e montá-lo durante todo o dia. Mas mesmo isto é muito caro. Mike, querido, um presente não tem forçosamente de ser caro, a não ser que estejas a tentar convencer uma rapariga a casar contigo... ou qualquer coisa do género. Um presente deve mostrar que tu levas em conta o gosto da pessoa a quem o dás. Uma coisa que ele gostaria de ter, mas que provavelmente não compraria.

— Como?

— Esse é que é o problema. Espera, acabo de me lembrar de uma coisa que veio no correio desta manhã. — Ela voltou rapidamente. — Encontrei. Ouve isto: «Afrodite: Um Álbum de Luxo de Beleza Feminina em Esplêndido Cor-Estéreo Feito pelos Maiores Artistas de Câmara do Mundo. Nota: Este artigo não pode ser enviado pelo correio. Não serão aceitas encomendas dos seguintes Estados...» hum, Pensilvânia é um dos da lista, mas havemos de arranjar uma maneira; se é que eu conheço os gostos de Duke, disto ele gosta de certeza.

Foi entregue via carro-patrolha dos S. S. — com a seguinte inscrição: «Fornecido ao Homem de Marte, por especial favor», o que agradou a Mike e desagradou a Jill.

Escolher um presente para Jubal, colocou Jill numa situação difícil. Que é que se pode comprar a um homem que tem tudo o que o dinheiro pode comprar? Três Desejos? Aquela Fonte que Ponce de Lion não conseguiu descobrir? Óleo para os seus velhos ossos, ou um dia dourado de juventude? Jubal tinha há muito tempo desistido de ter animais de estimação, porque ele vivia mais do que esses animais, ou (pior ainda) não era possível que um animal de estimação lhe sobrevivesse, e ficasse órfão.

Consultaram os outros.

— Caramba — disse-lhes Duke —, não sabiam? O patrão gosta de estátuas.

— Verdade? — retorquiu Jill. — Não vejo nenhuma escultura por aqui

— As coisas de que ele gosta mais não estão à venda. Ele diz que as porcarias que se fazem nos nossos dias parecem saídas de um ferro-velho e que qualquer idiota com um maçarico e astigmatismo se autodenomina escultor.

Anne acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Duke tem razão. Pode-se ver isso olhando para os livros que Jubal tem no seu estúdio.

Anne pegou em três livros que mostravam ter sido lidos muitas vezes.

— Hum... — murmurou. — O patrão gosta de qualquer coisa de Rodin. Mike, se tu pudesses comprar uma destas, qual escolherias? Eis uma muito bonita: *Eterna Primavera*.

Mike olhou de relance para ela e voltou as páginas.

— Esta.

— O quê? — Jill estremeceu. — Mike, isso é *horrível!* Espero morrer muito antes de me parecer com isso.

— Isto é beleza — disse Mike firmemente.

— Mike! — protestou Jill. — Tu tens um gosto depravado... ainda és pior do que Duke.

Vulgarmente, uma tal repreensão, especialmente vinda de Jill, faria calar Mike, obrigando-o a passar a noite a tentar grocar o seu erro. Mas nesse momento ele estava seguro de si. A figura retratada tinha algo que lhe fazia recordar o seu lar. Embora retratasse uma mulher humana, dava-lhe a sensação de que um marciano devia estar por perto e era responsável por esta criação.

— É beleza — insistiu. — Ela tem o seu próprio rosto. Eu groco.

— Jill — disse Anne lentamente. — Mike tem razão.

— Hã? Anne! Não me digas que gostas *daquilo?*

— Assusta-me. Mas o livro cai aberto em três lugares e esta página foi manuseada mais do que as outras duas. Esta outra, *A Cariátide Caída Debaixo da Sua Pedra*, é observada por Jubal quase o mesmo número de vezes. Mas a que Mike escolheu é a favorita de Jubal.

— Eu compro-a — disse Mike decididamente.

Anne telefonou para o Museu Rodin de Paris e apenas a galanteria gaulesa os impediu de rir. *Vender* uma das obras do Mestre? Minha cara senhora, elas não são para venda e nem sequer podem ser reproduzidas. *Non, non, non! Quelle idée!*

Mas para o Homem de Marte havia coisas impossíveis que eram possíveis. Anne telefonou a Bradley; dois dias mais tarde, ele voltou a telefonar. Com os cumprimentos do Governo francês — com um pedido para que o presente nunca fosse exibido —, Mike receberia uma fotopantograma de bronze, microscopicamente exacta, em tamanho natural da obra *A Que Era a Bele Heulmiére*.

Jill ajudou a escolher os presentes para as raparigas, mas quando Mike lhe perguntou o que é que ele deveria comprar para ela, ela insistiu em que não comprasse nada.

Mike estava a começar a compreender que, embora os irmãos de água falassem correctamente, às vezes havia alguns que falavam mais correctamente do que outros. Foi consultar Anne.

Ela tem de te dizer isso, querido, mas tu vais dar-lhe um presente de qualquer maneira. Hum... — Anne escolheu um que o deixou perplexo — Jill já cheirava àquilo que ela devia cheirar.

Quando o presente chegou, o seu tamanho e a sua aparente insignificância acrescentaram-se aos seus receios — e quando Anne lho deu a cheirar antes de o entregar a Jill, Mike ficou com mais dúvidas do que as que já tinha; o odor era muito forte e não se parecia nada com o de Jill.

Jill ficou encantada com o perfume e insistiu em beijá-lo imediatamente. Ao beijá-la, Mike grocou que esta oferta era aquilo que ela queria e que os fazia aproximarem-se.

Quando ela o usou ao jantar, nessa mesma noite, ele descobriu que, de uma estranha maneira, o perfume fazia com que Jill cheirasse a Jill mais deliciosamente do que nunca. Ainda mais estranho tinha sido o facto de Dorcas o beijar e murmurar-lhe ao ouvido:

— Mike, querido... a camisola é simplesmente bela; mas talvez um dia tu *me* ofereças perfume?

Mike não era capaz de grocar por que razão é que Dorcas o quereria; Dorcas não cheirava como Jill, portanto o perfume não seria próprio para ela... nem ele *queria* que Dorcas cheirasse como Jill; queria que Dorcas cheirasse a Dorcas.

Jubal interrompeu:

— Pára de te aconchegares ao rapaz e deixa-o comer à vontade! Dorcas, tu cheiras como um gato de estimação de uma casa de Marselha; não peças a Mike mais desses pivetes.

— Patrão, meta-se na sua vida.

Era fantástico — que Jill pudesse cheirar ainda mais a Jill... que Dorcas quisesse cheirar como Jill, quando já cheirava a si própria... que Jubal dissesse que Dorcas cheirava como um gato. Havia um gato lá em casa (não um animal de estimação, mas sim co-proprietário); numa certa ocasião entrara na casa e dignara-se aceitar uma esmola. O gato e Mike grocaram-se mutuamente; Mike achou os seus pensamentos carnívoros muito agradáveis e bastante marcianos. Descobriu que o nome do gato (*Friedrich Wilhelm Nietzsche*) não era o nome do gato, mas não dissera a ninguém que não podia pronunciar o verdadeiro nome do gato; apenas o podia ouvir na sua cabeça.

O gato não cheirava como Dorcas.

Dar presentes era uma grande virtude e ensinou a Mike o verdadeiro valor do dinheiro. Mas ele não esqueceu as outras coisas que estava ansioso por grocar. Jubal despachou duas vezes o senador Boone sem o mencionar e Mike não reparou; a sua compreensão do tempo não fazia do «próximo domingo» uma data particular. Mas o convite seguinte veio endereçado a Mike; o Supremo Bispo Digby estava a exercer pressão sobre Boone e este último sentiu que Harshaw estava a protelar.

Mike levou-o a Jubal.

— Bem? — resmungou Jubal. — Queres ir? Não tens obrigação nenhuma. Podemos mandá-los para o Inferno.

Um táxi com um piloto humano (Harshaw recusou um *robô*) apareceu no domingo seguinte para levar Mike, Jill e Jubal ao Tabernáculo do Arcanjo Foster da Igreja da Nova Revelação.

Durante toda a viagem para a igreja, Jubal tentou avisar Mike — de quê, Mike não tinha a certeza. Ele escutou — mas a paisagem tomou-lhe a atenção; comprometeu-se a estudar o que Jubal dissera.

— Ouve, rapaz — admoestou Jubal —, estes fosteritas andam atrás do teu dinheiro. E atrás do prestígio que lhes daria terem o Homem de Marte na sua igreja. Eles tentarão convencer-te, terás de ser firme.

— Perdão?

— Diabos te levem, não estavas a ouvir.

— Desculpa, Jubal.

— Bem... escuta o que te vou dizer. A religião é um conforto para muitas pessoas e é admissível que alguma religião, algures, seja a detentora da Única Verdade. Mas ser religioso é frequentemente uma forma de vaidade. A fé em que fui educado assegurava-me que eu era melhor que os outros; eu era «salvo» os outros eram «malditos»... nós estávamos num estado de graça e os outros eram «pagãos». Por «pagão», eles querem significar aqueles como o nosso irmão Mahmoud. Rústicos e ignorantes que por vezes regavam e plantavam os cereais ao luar e pretendiam saber as respostas finais do universo. Isso dava-lhes direito a olharem com desprezo para os leigos. Os nossos cânticos religiosos estavam repletos de arrogância: autocongratulação sobre quão perto estávamos do Todo-Poderoso e devido à alta opinião que Ele fazia de nós, e que todos os outros responderiam um dia perante o Juízo Final. Distribuíamos a autêntica marca de Lydia Pinkham's...

— Jubal! — protestou Jill. — Ele não groca nada disso.

— Hã? Desculpa. A minha família queria fazer de mim um padre; parece-me que isso se nota.

— Nota-se.

— Não gozes, rapariga. Teria dado um dos bons, se não tivesse caído na fatal loucura da leitura. Com um toque de vigarista e a

liberal ajuda da ignorância, eu teria sido um evangelista famoso. Caramba, este lugar onde vamos agora chamar-se-ia «Tabernáculo do Arcanjo Jubal».

Jill estrmeceu.

— Jubal, por favor! Logo a seguir ao café da manhã, não!

— Estou a falar a sério. Um vigarista sabe que está a mentir; isso limita o seu alcance. Mas um xamã famoso acredita no que diz... e a crença é contagiosa; não há limite para o *seu* alcance. Mas a mim faltava-me a necessária confiança na minha infalibilidade; nunca poderia ter sido um profeta... apenas um crítico: uma espécie de profeta de quarta categoria com ilusões de género. — Jubal franziu o sobrolho. — É isso que me preocupa nos fosteritas, Jill. Acho que eles são sinceros. Mike é fanático pela sinceridade.

— Que é que acha que eles vão tentar fazer?

— Convertê-lo. E em seguida açambarcarem a sua fortuna.

— Pensei que tinha arranjado as coisas para que ninguém o pudesse fazer!?

— Não, arranjei as coisas para que ninguém o pudesse fazer contra a sua vontade. Numa situação vulgar ele não o poderia dar sem autorização do Governo. Mas dá-lo a uma igreja politicamente poderosa é outro assunto.

— Não vejo como.

Jubal franziu as sobrancelhas.

— Minha querida, a religião é uma área nula em Direito. Uma igreja pode fazer tudo o que qualquer organização pode... e não tem restrições. Não paga impostos, não precisa de publicar as suas contas, é efectivamente imune à investigação, inspecção ou controle — e igreja pode ser *qualquer coisa* que se autodenomine como tal. Foram feitas tentativas para distinguir as verdadeiras igrejas, dotadas de imunidade, e «cultos». Isso não pode ser feito, excepto estabelecendo-se uma religião oficial... uma cura pior que a doença. Segundo aquilo que resta da Constituição dos Estados Unidos e do Tratado da Federação, todas as religiões são identicamente imunes...

especialmente se manobram um punhado de votos. Se Mike se converter ao fosterismo... e fizer um testamento em favor desta igreja... então irá «para o Céu» em certa aurora, e será, na correcta tautologia, «tão legal como a missa aos domingos».

— Oh, coitado! Pensei que finalmente o tínhamos salvo.

— Não existe segurança deste lado da sepultura.

— Bem... que é que vai fazer, Jubal?

— Nada. Apenas preocupar-me.

Mike assimilou a conversa deles sem a tentar grocar. Reconheceu o assunto de que eles falavam como de extrema simplicidade na sua própria linguagem, mas extremamente instável em inglês. Depois de não ter conseguido o grocar mútuo com o seu irmão Mahmoud, devido a uma imperfeita tradução do vasto conceito marciano: «Tu és Deus», resolvera esperar. A espera haveria de dar os seus frutos em devido tempo; o seu irmão Jill estava a aprender a sua língua e ele explicar-lhe-ia. Grocariam juntos.

O senador Boone esperava-os na plataforma de aterragem do Tabernáculo.

— Viva, meus amigos! Que Deus os abençoe e a este belo Sabbath. Sr. Smith, estou muito contente por vê-lo de novo. E a si também, doutor. — Tirou o cigarro da boca e olhou para Jill. — E esta senhorinha... não a vi no Palácio?

— Viu, sim, senador. Sou Gillian Boardman.

— Bem me parecia, minha querida. Você está salva?

— Hum, acho que não, senador.

— Nunca é demasiado tarde. Ficaremos muito contentes se assistir ao nosso serviço para leigos no Tabernáculo Exterior... vou arranjar um guarda para a guiar. O Sr. Smith, o doutor e eu iremos ao Santuário.

— Senador...

— Hum, como, doutor?

— Se a Menina Boardman não pode ir ao Santuário, então é melhor assistirmos ao serviço para leigos. Ela é enfermeira.

Boone pareceu perturbado.

— Ele está doente?

Jubal encolheu os ombros.

— Como seu médico assistente, prefiro ter uma enfermeira conosco. O Sr. Smith ainda não está aclimatado a este planeta. Porque é que não *lhe* pergunta? Mike, queres que Jill esteja ao pé de ti?

— Quero, Jubal.

— Mas... Muito bem, Sr. Smith. — Boone tornou a tirar o cigarro da boca, pôs os dedos entre os lábios e assobiou. — Querubim, aqui!

Um rapaz com os seus quinze anos correu ao encontro deles. Estava vestido com um curto traje de cerimónia, meias altas e asas de pombo. Tinha caracóis dourados e um sorriso luminoso. Jill pensou que ele era tão cómico como um anúncio de *ginger ale*.

Boone ordenou:

— Voa até ao escritório do Sacrário e diz ao administrador que estiver de serviço que eu quero imediatamente outro distintivo de peregrino ao portão do Santuário. A senha é Marte.

— «Marte» — repetiu o rapaz, em seguida fez a Bonne uma saudação de escoteiro e deu um salto de dezoito metros por cima da multidão. Jill percebeu porque é que o vestido parecia volumoso; escondia um aparelho de salto.

— Temos de vigiar muito bem esses distintivos — comentou Boone. — Ficaria surpreendido se soubesse quantos pecadores gostariam de provar a Alegria de Deus sem se terem purificado dos seus pecados. Vamos andando e observando, enquanto esperamos pelo terceiro distintivo.

Abriram caminho através da multidão e entraram no Tabernáculo, numa comprida e alta sala. Boone parou.

— Quero que os senhores notem. Existe arte de vender em tudo, até na obra do Senhor. Qualquer turista, quer esteja à espera do serviço dos leigos ou não (os serviços processam-se durante vinte e quatro horas por dia), tem de passar por aqui. E que é que ele vê? Estas felizes oportunidades. — Boone apontou para as *slot machines* que revestiam ambas as paredes. — O bar e o *self-service* são no lado oposto, por isso ele nem sequer pode ir beber uma bebida sem passar por aqui. Digo-lhe, é um pecador notável aquele que consegue passar por aqui sem deixar cá ficar os seus trocos.

»Mas nós não lhe tiramos o dinheiro sem lhe darmos nada em troca.

Veja... — Boone dirigiu-se a uma máquina, bateu no ombro da mulher que estava a jogar nela. — Por favor, filha.

Ela olhou para cima, e o aborrecimento deu lugar a um sorriso.

— Faça o favor, bispo.

— Deus a abençoe. Reparem. — Boone continuou a falar enquanto metia uma moeda na máquina — que, quer ela pague em bens materiais ou não, um pecador é recompensado com uma bênção e um texto como recordação.

A máquina parou; alinhados na linha central estavam: DEUS OBSERVA-TE.

— Isto paga três — disse Boone e tirou o pagamento do tabuleiro — e eis o vosso texto. — Rasgou uma tira de papel e deu-a a Jill. — Guarde-a, senhorinha, e pense nisso.

Jill deu uma olhadela antes de o meter na sua mala: «*Mas a barriga do pecador está cheia de imundície* — N. R. XXII 17.»

— Não-de reparar que o pagamento é feito em fichas, não em moedas... e a cabina do tesoureiro fica atrás do bar... onde há muitas oportunidades para fazer ofertas para obras de caridade e outras boas obras. Portanto, o pecador provavelmente introduzi-las-á nas caixas e novamente receberá uma bênção e um texto. O efeito

cumulativo é tremendo! Muitas das nossas ovelhas mais fiéis obtiveram a sua iniciação nesta sala.

— Não duvido — concordou Jubal.

— Especialmente se tiram *jackpot*. Está a ver, qualquer combinação é uma bênção. Mas o *jackpot* são os três Olhos Sagrados. Estou-lhe a dizer, quando eles vêm esses três olhos alinhados e a olharem fixamente para eles, todo aquele maná dos Céus a sair, isso fá-los realmente pensar. Algumas vezes chegam a desmaiar. Tome, Sr. Smith. — Boone ofereceu a Mike uma das fichas. — Puxe a alavanca.

Mike hesitou. Jubal pegou na ficha — caramba, ele não queria que o rapaz fosse socado por um bandido de um só braço!

— Eu tento, senador. — E meteu a moeda na máquina.

Mike tinha ampliado um pouco o seu sentido de tempo, e estava a observar o interior da máquina, tentando descobrir o que ela fazia. Era demasiado tímido para jogar.

Mas quando Jubal o fez, Mike observou os cilindros rodar, notou o olho desenhado em cada um deles, e perguntou a si próprio o que era o *jackpot*. A palavra tinha três significados, tanto quanto lhe era dado saber; mas nenhum deles parecia aplicar-se. Sem querer causar excitação, abrandou e parou cada um dos cilindros de forma a que os olhos ficassem alinhados na linha central.

Uma campainha tocou, um coro cantou hossanas, a máquina acendeu-se e começou a cuspir fichas. Boone parecia encantado.

— Ora, Deus o abençoe, doutor, hoje é o seu dia! Tome... meta uma para fazer o *jackpot* desaparecer. — Tirou uma do monte e meteu-a na máquina.

Mike estava a pensar porque é que isto tinha acontecido, por isso tornou a alinhar os olhos. Os acontecimentos repetiram-se, salvo que o fluxo não passava de um gotejar de fichas. Boone ficou pasmado.

— Bem, que Deus me abençoe! Não é costume acertar-se dois seguidos. Mas vou mandar que lhe paguem os dois. — Rapidamente

tornou a meter uma ficha na máquina.

Mike ainda queria ver o que era um *jackpot*. Os olhos tornaram a alinhar-se.

Boone estava atónito. Jill apertou a mão de Mike e murmurou:

— Mike... pára com isso!

— Mas, Jill, eu estava a ver...

— Não fales. Apenas não tornes a fazer isso. Oh, espera até eu te apanhar em casa!

Boone disse lentamente:

— Hesitaria em chamar a isto um milagre. Provavelmente precisa de uma reparação. — Gritou «Querubim aqui!» e acrescentou: «É melhor fazer desaparecer o último, de qualquer modo. — E introduziu outra ficha.

Sem a ajuda de Mike, os cilindros pararam e anunciaram: FOSTER-AMA-TE. Um querubim apareceu e disse:

— Feliz dia. Precisam de ajuda?

— Três *jackpots* — disse-lhe Boone.

— Três?

— Não ouviste a música? És surdo? Estaremos no bar; leva lá o dinheiro. E manda alguém verificar esta máquina.

— Sim, bispo.

Boone levou-os à pressa para o bar.

— Tenho de os levar daqui para fora — disse jovialmente — antes que levem a Igreja à falência. Doutor, têm sempre esta sorte?

— Sempre — disse Harshaw solenemente. Pensou para consigo que ele não *sabia* que o rapaz tinha alguma coisa a ver com aquilo... mas desejou que esta ordália acabasse depressa.

Boone levou-os para um balcão com um letreiro que dizia «Reservado» e disse:

— Isto serve... ou a senhorinha gostaria de se sentar?

— Está ótimo. — (Chamas-me mais uma vez «senhorinha» e solto-te o Mike!)

Um empregado do bar apressou-se a atendê-los.

— Feliz dia. O costume, bispo?

— Duplo. Que é que há-de querer, doutor? E o Sr. Smith? Não façam cerimónia; são convidados do Supremo Bispo.

— Brandy, se faz favor. Com água à parte.

— Brandy, se faz favor — repetiu Mike, e acrescentou. — Água para mim, não, por favor. — Água não era essência; apesar disso, não queria beber água aqui.

— É assim mesmo! — disse Boone com vivacidade. Deu uma grande palmada nas costas de Jubal. — Que é que há-de ser para a senhorinha? Cola? Leite para as suas faces rosadas? Ou uma verdadeira bebida Feliz Dia como os grandes?

— Senador — disse Jill cuidadosamente —, será que a sua hospitalidade me concederia um *martini*?

— Ora não havia de conceder! Os melhores *martinis* do mundo: nós não usamos vermute. Benzemo-los. Um *martini* duplo para a senhorinha. Deus te abençoe, filho, e despacha-te. Temos apenas o tempo para uma rápida bebida, em seguida iremos apresentar os nossos respetos ao Arcanjo Foster e depois iremos directos para o Santuário ouvir o Supremo Bispo.

As bebidas e os pagamentos dos *jackpots* foram entregues. Beberam com a bênção de Boone, e depois este último discutiu acerca dos trezentos dólares, insistindo que todos os prémios pertenciam a Jubal. Jubal resolveu a questão, depositando todo o dinheiro numa caixa de ofertas de amor.

Boone acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

— Isso é um sinal de graça, doutor. Ainda o salvaremos. Outra rodada, amigos?

Jill esperou ansiosamente que alguém dissesse que sim. O gim era falsificado, mas estava a fazer com que uma chama de tolerância começasse a aparecer no seu espírito. Ninguém respondeu, por isso

Boone levou-os, voando por cima de um letreiro onde se lia: ESTRITAMENTE PROIBIDO A LEIGOS E A PECADORES — ISTO É, A TI! Mais à frente estava um portão. Boone falou voltado para ele:

— Bispo Boone e três peregrinos, convidados do Supremo Bispo.

O portão abriu-se. Ele conduziu-os através de uma passagem arqueada que conduzia a uma sala. Era grande, luxuosa num estilo que recordou a Jill o escritório de um cangalheiro, mas estava imersa numa música alegre. O tema era *Jingle Bells* com um ritmo africano à mistura; Jill apercebeu-se que a música fazia com que ela quisesse dançar.

A parede do fundo era de vidro e nem sequer parecia uma parede. Boone disse com vicacidade:

— Cá estamos, amigos, na Presença. Não têm de se ajoelhar... mas façam-no se isso os fizer sentir melhor. Muitos peregrinos o fazem. E *e/e* aqui está... tal como era quando foi chamado para o Céu. — Boone apontou com o seu cigarro. — Não parece natural? Preservado por um milagre, carne incorruptível. Esta é a mesma cadeira que ele usou quando escreveu as suas Mensagens... e é a pose em que ele estava quando foi para o Céu. Nunca foi tocado: construímos o Tabernáculo à sua volta... demolindo a antiga igreja, naturalmente, mas preservando as suas pedras sagradas.

Encarando-os, a cerca de seis metros de distância, sentado numa cadeira, mais parecida com um trono, estava um velho. Parecia estar vivo... e fez Jill recordar-se de um velho bode que existia na quinta onde ela tinha passado os verões da sua infância: o lábio inferior pronunciado, as suíças, os pensativos olhos cruéis. Jill ficou arrepiada; o Arcanjo Foster tornou-a apreensiva.

Mike disse em marciano:

— Meu irmão, isto é um Velho?

— Não sei, Mike. Eles dizem que é.

Ele respondeu:

— Eu não groco um Velho.

— Não sei, já te disse.

— Eu groco «maldade».

— Mike! Lembra-te!

— Sim, Jill. Boone disse:

— Que é que ele está a dizer, senhorinha? Qual era a sua pergunta, Sr. Smith?

Jill apressou-se a dizer:

— Não era nada. Senador, posso sair daqui? Sinto-me mal. — Olhou de relance para o cadáver. Nuvens encapeladas pairavam por cima dele; um feixe de luz cortou o ar e iluminou o rosto. À medida que a luz se modificava, o rosto parecia alterar-se, os olhos pareciam vivos e brilhantes.

Boone disse, tentando acalmá-la:

— Tem esse efeito, da primeira vez. Devia tentar a galeria dos leigos por baixo de nós... olhando de baixo para cima e com uma música diferente. Música pesada, com subsónicos, acho que sei o que é: recorda-lhes os seus pecados. Agora, *esta* sala é uma câmara de meditação de Pensamentos Felizes, para altos dignitários da Igreja; costume vir aqui, sento-me e fumo um cigarro quando me sinto um pouco em baixo.

— Por favor, senador!

— Oh, certamente. Espere lá fora, minha querida. Sr. Smith, o senhor fique o tempo que quiser.

Jubal disse:

— Senador, não era melhor irmos para o serviço?

Saíram. Jill estava a tremer: estivera extremamente preocupada que Mike pudesse fazer alguma coisa àquele sinistro objecto exposto... fazer com que todos eles fossem linchados.

Dois guardas cruzaram as lanças à sua frente, junto ao portão do Santuário. Boone disse em tom de censura:

— Então, então! Estes peregrinos são convidados pessoais do Supremo Bispo. Onde é que estão os seus distintivos?

Os distintivos estavam prontos. Um arrumador respeitoso disse: «Por aqui, bispo», e conduziu-os por umas enormes escadas até um camarote central, de frente para o palco.

Boone deteve-se:

— Primeiro você, senhorinha.

Boone queria sentar-se ao lado de Mike: Harshaw ganhou e Mike sentou-se entre ele e Jill, ficando Boone na coxia.

O camarote era luxuoso: assentos ajustáveis, cinzeiros, mesas de armar para refrescos. Estavam por cima da congregação e a menos de trinta metros do altar. Em frente deles, um jovem sacerdote aquecia a multidão, dançando ao compasso da música e agitando pesadamente os braços musculosos para a frente e para trás, de punhos cerrados. A sua forte voz, de baixo, juntava-se ao coro de tempos a tempos, depois levantou-a numa exortação:

— Levantem-se! Vão deixar que o Diabo os apanhe a dormir?

Uma dança ondulante avançava serpenteando da nave lateral direita para a frente e para a nave central, os pés batendo no chão acompanhando os gestos do sacerdote e o cântico sincopado do coro. Bate, bate, *gemido!*... Bate, bate, *gemido!* Jill sentia o bater e pensou timidamente que seria divertido entrar na dança — tal como cada vez mais pessoas faziam sob as fortes incitações do sacerdote.

— Este rapaz tem futuro — disse Boone em sinal de aprovação. — Já preguei com ele e posso testemunhar que ele põe a multidão ao rubro. É o reverendo Jug Jackerman... costumava jogar como médio esquerdo pelos Rams. Viu-o alguma vez?

— Receio que não — admitiu Jubal. — Não ligo a futebol.

— Verdade? Pois, durante a época, a maior parte dos fiéis ficam depois dos serviços terminarem, almoçam sentados nos seus lugares, e vêem o jogo. A parede por detrás do altar desliza para o lado e logo se pode ver o maior receptor de estéreo visão jamais construído. Coloca o jogo directamente no seu colo. Tem uma recepção melhor do que a que se consegue obter em casa... e é

mais excitante com uma multidão à nossa volta. — Boone assobiou.
— Querubim! Vem cá!

O arrumador apressou-se a responder.

— Sim, bispo?

— Filho, foste-te embora tão depressa que eu não tive tempo de te dizer nada.

— Lamento, bispo.

— Lamentar não te levará para o Céu. Alegra-te, meu filho. Vai buscar aquela velha campainha e fica à escuta. As mesmas bebidas de há pouco, amigos? — Deu as ordens e acrescentou: — Traz-me uma mão-cheia dos meus cigarros... fala com o chefe do bar.

— Imediatamente, bispo.

— Deus te abençoe, meu filho. Espera... — A dança serpenteante estava prestes a passar por baixo deles; Boone debruçou-se, fez uma concha com as mãos e gritou através do barulho. — Dawn! Hei, *Dawn!* — Uma mulher olhou para cima, ele acenou-lhe. Ela sorriu. — Vem beber um uísque conosco. Apressa-te.

A mulher apareceu tão rapidamente como as bebidas. Boone arranjou-lhe um lugar na fila de trás.

— Amigos, apresento-lhes a menina Dawn Ardent. Minha querida, aquela é a Menina Boardman, a senhorinha lá do canto... e este é o famoso Dr. Harshaw, aqui ao meu lado...

— A sério? Doutor, acho que as suas histórias são simplesmente divinas!

— Obrigado.

— Oh, se acho! Ponho uma das suas gravações a correr e deixo-a embalar-me até adormecer, quase todas as noites.

— Maior elogio, um escritor não pode esperar — disse Jubal ironicamente.

— Já chega, Dawn — disse Boone. — O jovem entre eles é... o Sr. Valentine Michael Smith, o Homem de Marte.

Os olhos dela abriram-se desmedidamente.

— Oh, meu Deus! Boone bradou:

— Deus te abençoe, criança! Fiz bem em apostar em ti! Ela disse:

— Você é *realmente* o Homem de Marte?

— Sim, Menina Dawn Ardent.

— Chame-me apenas «Dawn». Oh, meu Deus! Boone deu-lhe umas palmadinhas na mão.

— Não sabes que é pecado duvidar da palavra de um bispo? Minha querida, gostarias de ajudar a conduzir o Homem de Marte para a Luz?

— Oh, adoraria!

(*Sem dúvida que gostarias, sua cabra cínica!*, disse Jill para consigo.) A sua arrelia tinha ido em crescendo desde que a Menina Ardent se lhes tinha juntado. O vestido dela era de mangas compridas, com gola alta e sem brilho — e não cobria absolutamente nada. Era feito de uma malha da cor da sua pele bronzeada e Jill tinha a certeza de que pele era apenas o que se encontrava por baixo dele — muito diferente da Menina Ardent que resplandecia. O vestido era ostensivamente modesto comparado com as roupas da maior parte das mulheres na congregação, algumas das quais pareciam estar prestes a entrar em transe.

Jill pensou que a Menina Ardent parecia acabada de sair da cama e ansiosa por voltar a meter-se lá. Com Mike. *Deixa de te reboares ao pé dele, sua prostituta barata!*

Boone disse:

— Vou falar nisso ao Supremo Bispo, minha querida. Agora volta e conduz aquela parada. Jug precisa de ti.

— Sim, bispo. Prazer em conhecê-lo, doutor e Menina Broad. Espero tornar a vê-lo, Sr. Smith. Rezarei por si. — E afastou-se, gingando.

— Uma óptima rapariga, aquela — disse Boone alegremente. — Já alguma vez a viu actuar, doutor?

— Acho que não. Que é que ela faz?

— Não *sabe*?

— Não.

— Não ouviu o *nome* dela? É Dawn Ardent: ela é a *strip-teaser* mais bem paga de toda a Baixa Califórnia, eis quem ela é. Trabalha sob um holofote irisado e, na altura em que chega aos sapatos, a luz bate-lhe apenas no rosto e uma pessoa não pode ver mais nada além dele. Muito eficaz. Altamente espiritual. Seria capaz de acreditar, olhando para o seu doce rosto, que ela era uma mulher muitíssimo imoral?

— Não posso acreditar.

— Pois bem, era. Pergunte-lhe. Ela dir-lhe-á. Melhor ainda, venha a uma purificação para leigos... dir-lhe-ei quando ela lá estiver. Ao confessar-se, dá coragem às outras mulheres para confessarem os seus pecados. Ela não esconde nada: também a ela lhe faz bem, saber que está a ajudar outras pessoas. É muito dedicada; vem até cá, todos os sábados à noite, depois do seu último espectáculo, ensinar catequese. É professora da Classe da Felicidade dos Jovens e a assistência triplicou desde que ela tomou conta da classe.

— *Nisso* posso acreditar — concordou Jubal. — Que idade têm esses afortunados «Jovens»?

Boone deu uma gargalhada.

— A mim não me engana, seu velho manhoso... alguém lhe disse a divisa da classe de Dawn: «Nunca se é demasiado velho para ser jovem.»

— Não, ninguém me disse.

— Você não pode assistir até ter visto a Luz e se ter purificado. Esta é Única Verdadeira Igreja, peregrino, não é como essas armadilhas de Satanás, aqueles obscenos poços de iniquidade que se autodenominam «igrejas» para atrair os imprevidentes para a idolatria e outras coisas abomináveis. Não se pode entrar aqui apenas para se proteger da chuva: primeiro é preciso ser salvo. De

facto... oh, oh, aviso de câmara. — As luzes apagavam e acendiam em cada um dos cantos da grande parede. — e Jug já os tem ao rubro. Agora vai ver ação!

A dança de serpente tinha ganho novos recrutas enquanto os poucos que permaneciam sentados batiam a cadência e saltavam para cima e para baixo. Os arrumadores apressavam-se a apanhar os que tinham caído, alguns dos quais, na sua maior parte mulheres, contorciam-se e espumavam. Estes eram descarregados no altar e aí ficavam a contorcerem-se como peixes fora de água. Boone apontou com o cigarro para uma ruiva escanzelada com cerca de quarenta anos e cujo vestido estava penosamente rasgado.

— Está a ver aquela mulher? Já lá vai um ano desde a última vez que ela assistiu a um serviço sem ficar possessa pelo Espírito. Por vezes o Arcanjo Foster usa a boca dela para nos falar... quando isso acontece são necessários quatro musculosos acólitos para a segurar. Ela podia ir para o Céu a qualquer momento, está pronta. Alguém quer outra bebida? O serviço de bar é lento quando as câmaras estão a trabalhar e as coisas complicam-se.

Mike deixou que lhe enchessem o copo de novo. Não partilhava do nojo de Jill em relação à cena. Ficara profundamente perturbado quando descobrira que o «Velho» era apenas carne estragada, mas pusera de lado esse assunto e estava a beber profundamente do frenesim que se passava em baixo. Tinha um sabor tão marciano que ele sentiu ao mesmo tempo saudades do lar e uma agradável sensação de conforto caseiro. Nenhum dos pormenores era marciano, pois tudo era muito diferente; contudo, ele grocou uma aproximação tão real como a da cerimónia da água, em números e intensidade como nunca tinha visto fora do seu próprio ninho. Desejou, esperançado, que alguém o convidasse para se juntar aqueles saltos para baixo e para cima. Os seus pés mexiam-se, impelindo-o ajuntar-se a eles.

Vislumbrou a Menina Dawn Ardent — talvez ela o convidasse. Não precisava de a reconhecer pelo seu tamanho e proporções, muito embora ela fosse exactamente da mesma altura que o seu irmão Jill e possuísse quase as mesmas formas. Mas a Menina Dawn

Ardent tinha o seu próprio rosto, com as suas dores e penas e crescimentos nele gravados, sob o seu sorriso acolhedor. Mike pensou se a Menina Dawn Ardent poderia vir um dia a partilhar água com ele. O senador Boone fazia-o sentir-se desconfiado e estava contente por Jubal não o ter sentado ao lado dele. Mas tinha pena de que tivessem mandado embora a Menina Dawn Ardent.

A Menina Dawn Ardent não olhou para cima. A procissão levou-a consigo.

O homem em cima da plataforma ergueu ambos os braços; a grande sala ficou silenciosa. Subitamente, baixou-os.

— Quem é que *está feliz?*

— Nós estamos *felizes!*

— Porquê?

— Deus... ama-nos!

— Como é que SABEM?

— Foster disse-nos!

Ele deixou-se cair de joelhos, e levantou um punho.

— Vamos lá ouvir esse RUGIDO de Leão!

Eles rugiram, guincharam e gritaram enquanto ele usava o seu punho como uma batuta, levantando o volume, baixando-o, diminuindo-o até um rosnar gutural, para em seguida o levar em crescendo até a varanda abanar. Mike mergulhou naquela agitação, com um arrebatamento tão doloroso que receou ter de entrar em transe. Mas Jill dissera-lhe que não o devia fazer, excepto no seu próprio quarto; controlou-se e deixou que as ondas lhe passassem por cima.

O homem levantou-se.

— O nosso primeiro hino — disse com vivacidade — é patrocinado pelas Padarias Manna, fabricantes do Pão de Anjo, o pão do amor com a face sorridente do nosso Supremo Bispo no invólucro e contendo um valioso cupão de prémio que pode ser levantado na mais próxima igreja da Nova Revelação. Irmãos e

irmãs, amanhã as Padarias Manna, com sucursais por toda a parte, começam um gigantesco saldo a preços arrasantes de doces pré-equinócio. Mande o seu filho para a escola com uma caixa cheia de biscoitos, cada um deles abençoado e embalado num texto apropriado... e rezem para que cada biscoito que ele distribuir possa conduzir o filho de um pecador para mais próximo da Luz. E agora, vamos animar-nos com as palavras sagradas daquele velho favorito: «Para a frente, Crianças Foster!» Todos juntos...

Para a frente Crianças Fos...ter!
Esmaguem os vossos inimigos...
Tenham Fé no nosso Escudo e Am...paro!
Abatam-nos por filas!...

— Segundo verso!

Não façam a paz com os peca...dores!
Deus está do nosso lado!

Mike estava tão alegre que não tentou grocar as palavras. Grocava que as palavras não eram essência; era uma aproximação. A dança começou de novo a mover-se. Ao mesmo tempo, os dançarinos cantavam sons potentes com o coro.

Depois do hino houve anúncios, mensagens divinas, outro anúncio, e atribuição de prémios. Um segundo hino, *Rostos Felizes ao Alto*, foi patrocinado pelo Departamento de Armazéns Dattelbaum, a Loja Salva em Segurança, pois nenhuma mercadoria podia competir com uma marca patrocinada — Uma Sala Feliz para crianças em todas as sucursais, vigiada por uma irmã salva.

O sacerdote aproximou-se da frente da plataforma e pôs as mãos em concha junto ao ouvido.

— Nós... queremos... *Digby!*

— Quem?

— Nós ... queremos... DIG...BY!

— Mais alto! Façam com que ele vos ouça!

— Nós... QUEREMOS... DIG...BY! — Palmas, palmas, pateada, pateada! — nós... QUEREMOS... DIG.BY! — Palmas, palmas, pateada, pateada...

O som foi aumentando, até fazer o prédio abanar. Jubal debruçou-se sobre Boone.

— Um pouco mais e vocês farão o que fez Sansão.

— Não tenha receio — disse-lhe Boone rodando o seu cigarro. — é reforçado, sustido pela fé. É construído para abanar, desenhado com esse fim. Ajuda.

As luzes diminuíram de intensidade, as cortinas afastaram-se para os lados; um raio de luz resplandecente acompanhou o Supremo Bispo, acenando de dedos entrelaçados por cima da sua cabeça e sorrindo para eles.

Eles responderam com o rugido de leão e ele atirou-lhes beijos. A caminho do púlpito o bispo deteve-se, ergueu uma das possessas ainda estrebuchando lentamente, beijou-a, tornou a depositá-la cuidadosamente no chão, e prosseguiu o seu caminho; em seguida, deteve-se e ajoelhou-se junto da esquelética ruiva. Esticou a mão para trás de si e apanhou um microfone.

Pôs um braço à volta dos seus ombros, e colocou o microfone ao pé dos lábios dela.

Mike não conseguiu compreender as palavras que ela proferia. Pensou que não eram inglês.

O Supremo Bispo traduzia-as, introduzindo-as de cada vez que a espuma parava de sair da sua boca.

— O Arcanjo Foster está conosco...

— Ele está contente convosco. Beijem a irmã à vossa direita...

— O Arcanjo Foster ama-vos. Beijem a irmã à vossa esquerda...

— Ele tem uma mensagem para um de vós.

A mulher tornou a falar; Digby hesitou.

— Que é que foi isso? Mais alto, rogo-vos. — Ela falou por entre os dentes e depois gritou.

Digby olhou para cima e sorriu.

— A sua mensagem é para um peregrino de outro planeta: Valentine Michael Smith, o Homem de Marte! Onde é que estás, Valentine Michael! Levanta-te!

Jill tentou detê-lo, mas Jubal resmungou:

— É mais fácil não lutar. Deixa-o levantar. Acena, Mike. Senta-te. — Mike assim fez, espantado que eles estivessem agora a cantar: «Homem de *Marte!*... Homem de *Marte!*»

O sermão parecia ser-lhe dirigido, também, mas não foi capaz de o entender. As palavras eram em inglês, mas pareciam juntarem-se erradamente e havia tanto barulho, tantas palmas, tantos gritos de «Aleluia!» e de «Feliz Dia!» que ele ficou muito confuso.

O sermão terminou e Digby tornou a dar a vez ao jovem sacerdote e saiu; Boone levantou-se.

— Venham amigos. Vamos esgueirar-nos antes de esta multidão sair. Mike seguiu-o de mão dada com Jill. Nesse momento avançavam através de um elaborado túnel arqueado. Jubal perguntou:

— Isto leva à zona de estacionamento? Disse ao meu condutor para esperar.

— Hã? — Boone respondeu: — Sim, é sempre em frente. Mas nós vamos ver o Supremo Bispo.

— O quê? — retorquiu Jubal. — Não, é altura de nos irmos embora. Boone ficou pasmado.

— Doutor, o Supremo Bispo está à espera. Têm de lhe apresentar os vossos respetos. São seus convidados.

Jubal acedeu.

— Bem... Não vai lá estar um monte de gente, espero? Este rapaz já teve bastante excitação.

— Apenas o Supremo Bispo. — Boone conduziu-os apressadamente para um elevador; momentos mais tarde estavam num gabinete dos aposentos de Digby.

Uma porta abriu-se e Digby entrou apressadamente. Tinha despido as suas vestes e vestia roupas vulgares. Sorriu.

— Desculpem tê-los feito esperar, amigos; tive de tomar um chuveiro assim que cheguei aqui. Vocês nem imaginam quanto repelir Satanás faz uma pessoa suar. Então este é que é o Homem de Marte? Deus te abençoe, meu filho. Sê bem-vindo à casa do Senhor. O Arcanjo Foster quer que te sintas como em casa. Ele está a zelar por ti.

Mike não respondeu. Jubal estava surpreendido por ver quão baixo era Digby. Teria saltos altos quando estava no palco? Ou seria da iluminação? À parte a barbicha que ele usava em imitação de Foster, o homem lembrava a Jubal um vendedor de carros usados: o mesmo sorriso e maneiras afáveis. Mas lembrou também a Jubal alguém em particular... *Descobri!* O «Professor» Simon Magus, o há muito falecido marido de Becky Vesey. Jubal sentiu simpatia pelo clérigo. Simon fora o patife mais amável que ele já conhecera...

Digby orientou o seu *charme* para Jill.

— Não se ajoelhe, minha filha; somos apenas amigos, aqui em privado. Conversou com ela, ficando Jill admirada com o conhecimento que ele tinha do seu passado, depois acrescentou amavelmente: — Tenho um profundo respeito pela sua profissão, minha filha. Através das palavras abençoadas do Arcanjo Foster, Deus manda-nos cuidar do corpo para que a alma possa procurar a luz sem ser perturbada pela carne. Sei que ainda não é uma das nossas... mas a sua profissão é abençoada pelo Senhor. Somos companheiros de viagem na estrada que conduz ao Céu. — Digby voltou-se para Jubal. — Você também, doutor. O Arcanjo Foster diz-nos que Deus quer que sejamos felizes... e são muitas as vezes que eu pouso o meu báculo, morto de cansaço, e desfruto de uma hora

alegre através de uma das suas histórias... Levanto-me refrescado, pronto para lutar outra vez.

— Hum, obrigado, bispo.

— Digo-o muito a sério. Mandei que procurassem a sua ficha no Céu... Ora, ora, deixemos isso; sei que não é crente. Até mesmo Satanás tem uma missão no Grande Plano de Deus. Não é altura para você acreditar. À parte do seu sofrimento, angústia e dor, você proporciona felicidade aos outros. Isto é lançado no crédito na sua página do Livro-Mestre. Agora, por favor! Não vos trouxe aqui para discutirmos teologia. Nunca discutimos, esperamos até que uma pessoa veja a Luz e em seguida damos-lhe as boas-vindas. Hoje apenas desfrutaremos de uma alegre hora todos juntos.

Jubal teve de admitir que o simpático impostor sabia receber os convidados; o seu café, comida e bebidas eram excelentes. Mike parecia excitado, especialmente quando Digby o chamou à parte e falou com ele a sós; mas, caramba, o rapaz tinha de se habituar a conviver com as pessoas.

Boone estava a mostrar a Jill relíquias de Foster dentro de uma caixa, do outro lado da sala; Jubal observava divertido, enquanto barrava uma torrada com *pâté de foiegras*. Ouviu uma porta fechar-se e olhou em redor; Digby e Mike tinham desaparecido.

— Para onde é que eles foram?

— Hã? Que é que disse, doutor?

— O Bispo Digby e o Sr. Smith. Onde é que estão? Boone pareceu olhar para a porta fechada.

— Oh, foram para ali por uns momentos. É uma sala de retiro para audiências privadas. Não estiveram lá dentro, quando o Supremo Bispo vos mostrava isto?

— Hum, é verdade. Era uma sala com uma cadeira em cima de um estrado (um «Trono» corrigiu-se Jubal com um sorriso) e um genuflexório. Jubal perguntou a si próprio qual dos dois é que usaria o trono e qual usaria o genuflexório: se aquele bispo coberto de

ouropel tentasse discutir religião com Mike teria algumas surpresas.
— Espero que não fiquem lá dentro muito tempo.

— Duvido que fiquem. Provavelmente o Sr. Smith queria ter uma palavra em particular. Ouça, vou mandar o seu táxi esperar no fim daquela passagem onde tomámos o elevador: é a entrada privativa do Supremo Bispo. Poupa-lhe uns bons dez minutos.

— Isso é muita gentileza da sua parte.

— Portanto, se o Sr. Smith tiver alguma coisa na sua alma que queira confessar, não teremos de apressá-lo. Vou lá fora telefonar. — Boone saiu.

Jill disse:

— Jubal, não gosto disto. Acho que fomos deliberadamente manobrados para que Digby pudesse ficar a sós com Mike.

— Obviamente.

— Eles não têm nada que fazer isso! Vou entrar por aquela porta e dizer a Mike que são horas de nos irmos embora.

— Faz o favor — respondeu Jubal —, mas estás a portar-te como uma galinha choca. Se Digby tentar converter Mike, acabarão com Mike a tentar convertê-lo a ele. As ideias de Mike são difíceis de abalar.

— Continuo a não gostar nada disto.

— Descontraí-te. Serve-te de um pouco desta conserva chinesa.

— Não tenho fome.

— Se eu recusasse uma comida grátis, correr-me-iam para fora da Associação de Autores. — Pôs um pouco de presunto da Virgínia em cima de uma tostada barrada com manteiga, empilhou mais uns tantos condimentos num instável pagode e mastigou-o ruidosamente.

Dez minutos passados e Boone ainda não voltara. Jill disse asperamente:

— Jubal, vou tirar Mike dali.

— Vai em frente.

Ela encaminhou-se para a porta.

— Está fechada!

— Pensei que estivesse.

— Que é que fazemos? Arrombamo-la? Jubal olhou-a de alto a baixo.

— Hum, com um aríete e vinte homens fortes, seria capaz de tentar. Jill, essa porta competiria com uma caixa-forte.

— Que é que vamos fazer?

— Bate, se quiseres. Eu vou ver o que é que está a demorar Boone. Quando Jubal olhou para a entrada da sala viu Boone que regressava.

— Desculpem — disse Boone. — Tive de mandar o Querubim procurar o vosso condutor. Estava na Sala da Felicidade, a almoçar.

— Senador — disse Jubal —, temos de nos ir embora. Terá a amabilidade de informar o Bispo Digby?

Boone pareceu preocupado.

— Poderia telefonar, se insiste. Mas não posso entrar numa audiência privada.

— Então telefone-lhe.

Boone foi salvo do seu embaraço; a porta abriu-se e Mike saiu. Jill olhou para o seu rosto e perguntou com uma voz estridente.

— Mike! Estás bem?

— Sim, Jill.

— Vou dizer ao Supremo Bispo que se vão embora — disse Boone e entrou na sala mais pequena. Reapareceu imediatamente. — Saiu — anunciou. — Existe uma saída no seu estúdio. — Boone sorriu. Tal como os gatos e os cozinheiros, o Supremo Bispo sai sem dizer nada. Isto é uma piada. Ele diz que os «adeus» não acrescentam nada à felicidade. Não fiquem ofendidos.

— Não estamos. Obrigado por uma experiência *muito* interessante. Não, não se incomode; nós damos com a saída.

XXIV

Uma vez no ar, Jubal perguntou:

— Mike, que é que pensas do que viste? Mike franziu as sobrancelhas.

— Não groco.

— Não és o único, filho. Que é que o bispo te disse? Mike hesitou durante longo tempo.

— Meu irmão Jubal, preciso de pensar até grocar.

— Pensa, meu filho. Jill disse:

— Jubal, como é que eles se escapam com aquilo?

— Com quê?

— Com tudo. Aquilo não é uma igreja: é uma casa de doidos.

— Não, Jill. É uma igreja... a lógica ecléctica do nosso tempo.

— Hã?

— A Nova Revelação é coisa antiga. Nem Foster nem Digby tiveram uma ideia original. Juntaram estratégias gastos pelo tempo, pintaram-nos de fresco, e lançaram-se no negócio. Um negócio muito próspero. O que me preocupa é que posso viver o suficiente para ver esta religião tornar-se obrigatória para toda a gente.

— Oh, não!

— Oh, sim. Hitler começou com menos e tudo o que distribuía era ódio. Para o repetir, a comercialização da felicidade é uma mercadoria mais sonante. Eu sei; estou na mesma frequência. Tal como Digby mo lembrou. — Jubal fez uma careta. — Devia ter-lhe dado um murro. Em vez disso, ele fez com que eu gostasse de o ouvir. É por isso que eu tenho medo dele, ele é esperto. Sabe o que

as pessoas querem. Felicidade. O mundo sofreu um longo século de medo e crime; agora Digby diz-lhes que não têm nada a recear, nesta vida ou na outra, e que Deus quer que eles sejam felizes. Dia após dia, continua a afirmá-lo: «Não tenham medo, sejam *felizes*.»

— Bem, está certo — admitiu Jill —, e ele trabalha duramente, mas...

— Tolices! Ele *joga* duramente.

— Não, deu-me a impressão de que é realmente devotado, que sacrificou tudo a...

— Tolices! — repetiu Jubal. — Jill, de todos os disparates que fazem girar este mundo, o conceito de «altruísmo» é o pior. As pessoas fazem aquilo que querem, sempre. Se lhes custa fazer uma escolha, se a escolha parece um «sacrifício», podes ter a certeza de que isso não é mais nobre que o desconforto causado pela ganância... a necessidade de decidir entre duas coisas que se querem e que se não podem possuir ao mesmo tempo. O indivíduo vulgar sofre sempre que escolhe entre gastar um dólar em cerveja ou levá-lo para os seus filhos, entre levantar-se de manhã para ir trabalhar e perder o emprego. Mas escolhe sempre aquilo que o magoa menos ou que lhe agrada mais. O malandro e o santo fazem as mesmas escolhas numa escala maior. Tal como Digby faz. Santo ou malandro, ele não é um dos amigos atormentados.

— Qual deles é que você acha que ele é, Jubal?

— Existe uma diferença?

— Oh, Jubal, o seu cinismo é afectado! Claro que existe uma diferença.

— Hum, sim, existe. Espero que ele seja um malandro... porque um santo pode provocar dez vezes mais estragos. Repara no que eu disse agora; tu rotularias isto de «cinismo»... como se rotulá-lo provasse o seu sentido negativo. Jill, que é que te perturbou naqueles serviços religiosos?

— Bem... *tudo*. Não pode dizer-me que *aquilo* era veneração.

— Queres dizer que eles não fazem as coisas da mesma maneira que aquela igreja que tu frequentavas em criança? Segura-te, Jill: também não o fazem à tua maneira em S. Pedro. Nem em Meca.

— Sim, mas... Bem, nenhuma delas o faz *daquela* maneira! Danças de serpente... *slot machines*... até um bar! Isso nem sequer é dignificante!

— Acho que prostituição no templo também não era dignificante.

— Hã?

— Eu acho que o coito é tão cómico no serviço de um deus como em quaisquer outras circunstâncias. Quanto às danças de serpente, já alguma vez viste um serviço religioso dos Shakers? Eu também não; uma igreja que seja contra as relações sexuais não perdura. Mas dançar para glória do Senhor tem uma longa história. Não tem de ser artística... os Shakers nunca poderiam ter feito um Bolshoi... apenas tem de ser entusiástica. Achas irreverentes as danças da chuva dos índios?

— Isso é diferente.

— Todas as coisas são sempre diferentes... e quanto mais se modificam, maior é a semelhança. Agora quanto às *slot machines*: alguma vez viste um jogo de *bingo* na igreja?

— Bem... já. A nossa paróquia usava-os para conseguir dinheiro para resgatar a hipoteca. Mas somente às sextas-feiras à noite; não fazíamos tais coisas *durante os serviços* religiosos.

— Ah, sim? Isso recorda-me uma mulher que tinha orgulho na sua virtude. Só dormia com outros homens quando o marido estava fora.

— Jubal, os dois casos estão quilómetros afastados!

— Provavelmente. A analogia ainda é mais traiçoeira que a lógica. Mas, «senhorinha»...

— Só lhe falta sorrir quando diz isso!

— É uma piada. Jill, se uma coisa é pecado ao domingo, é pecado à sexta-feira: pelo menos eu groco assim, e talvez um homem de Marte o groque da mesma maneira. A única diferença que eu vejo é que os fosteritas dão, absolutamente de graça, um texto das escrituras, mesmo quando se perde. Os vossos jogos de *bingo* podiam fazer a mesma coisa?

— Falsa escritura! Um texto da Nova Revelação. Patrão, leu aquela coisa?

— Li.

— Então sabe. Apenas está mascarado com a linguagem da Bíblia. Parte são balelas, a maior parte são disparates... e algumas coisas são mesmo odiosas.

Jubal permaneceu em silêncio durante muito tempo. Finalmente disse:

— Jill, conheces as escrituras sagradas dos Hindus?

— Receio que não.

— O Corão? Qualquer outra escritura importante? Eu podia ilustrar o meu ponto de vista através da Bíblia, mas não desejo ferir os teus sentimentos.

— Não feriria os meus sentimentos.

— Bem, vou usar o Velho Testamento, escolhendo partes que geralmente não perturbam muito as pessoas. Conheces aquela parte sobre Sodoma e Gomorra? Como Lot foi salvo destas perversas cidades quando Jeová as destruiu?

— Oh, claro. A mulher dele foi transformada em estátua de sal.

— Sempre me pareceu um castigo demasiado severo. Mas estávamos a falar de Lot. Pedro descreve-o como um homem justo, piedoso e recto, vexado pelas conversas obscenas dos perversos. S. Pedro devia ser uma autoridade em virtude, uma vez que lhe eram dadas as chaves do Reino dos Céus. Mas é difícil compreender o que é que fazia de Lot um tal modelo de virtude. Ele dividiu um rancho de gado a uma sugestão do seu irmão. Foi capturado em batalha. Raspou-se da cidade para salvar a pele. Alimentou e deu abrigo a

dois estranhos, mas a sua conduta mostra que ele sabia que elas eram pessoas muito importantes... e segundo o Corão e segundo a minha própria opinião, a sua hospitalidade contaria mais se ele tivesse pensado que eles eram meros pedintes. À parte isto e a referência de S. Pedro ao seu carácter, existe apenas uma coisa na Bíblia sobre a qual podemos julgar a virtude de Lot... uma virtude tão grande que a interferência divina salvou a sua vida. Vê Génesis, capítulo dezanove, oitavo verso.

— Que é que ele diz?

— Vai ver. Não espero que acredites em *mim*.

— Jubal! Você é o homem mais enfurecedor que eu jamais conheci!

— E tu és uma rapariga muito bonita, por isso não me importo com a tua ignorância. De acordo... mas lê-o mais tarde. Os vizinhos de Lot bateram à sua porta e queriam conhecer esses sujeitos vindos de fora da cidade. Lot não discutiu; ofereceu um negócio. Ele tinha duas filhas, virgens, segundo ele afirmava; Lot disse à multidão que lhes daria estas raparigas e que eles poderiam servir-se delas como quisessem: uma multidão desgrenhada. Ele *rogou-lhes* que fizessem qualquer coisa que quisessem... deixassem apenas de bater à sua porta.

— Jubal... diz *realmente* isso?

— Modernizei a linguagem, mas o significado é tão claro como um piscar de olhos de uma prostituta. Lot ofereceu-se para deixar uma multidão de homens... «jovens e velhos», diz a Bíblia ... abusarem de duas jovens virgens se apenas eles não lhe arrombassem a porta. Imagina! — Jubal sorriu. — Devia ter tentado isso, quando os S. S. estavam a arrombar a *minha* porta! Talvez isso *me* tivesse levado para o Céu. — Ele franziu as sobrancelhas. — Não, a receita exige *virginis intactae...* e eu não teria sabido qual de vocês, raparigas, havia de oferecer.

— *Humpf!* Não o descobrirá por *mim*.

— Bem, mesmo Lot podia-se ter enganado. Mas foi isso que ele prometeu: as suas filhas virgens, jovens, ternas e assustadas...

impeliu a multidão a violá-las... desde que o deixassem em paz! — Jubal espumava de indignação. — A Bíblia cita este patife como um «homem *recto*»!

— Jill disse lentamente:

— Não foi assim que nos ensinaram na catequese.

— Diabos te levem, vai ler! Não é este o único choque para alguém que lê a Bíblia. Vê Elisha. Elisha era de tal maneira sagrado que o simples facto de tocar nos seus ossos restituía vida a um morto. Ele era um velho pateta, careca, tal como eu. Certo dia, umas crianças fizeram troça da sua careca, tal como vocês, raparigas, fazem. Por isso Deus enviou ursos para rasgarem quarenta e duas crianças em pedaços ensanguentados. É isto que consta da Bíblia... segundo capítulo do Segundo Livro dos Reis.

— Patrão, eu nunca fiz troça da sua careca.

— Quem é que enviou o meu nome para aqueles charlatões que se dizem restauradores de cabelo? Quem quer que tenha sido, *Deus* sabe... e é melhor que essa pessoa se ponha à coca com os ursos. A Bíblia está carregada de tais coisas. Crimes que revoltam o estômago são apresentados como sendo divinamente ordenados ou divinamente perdoados... Juntamente com eles, devo acrescentar, vêm elaboradas leis de comportamento social e um extraordinário senso comum. Não estou a contestar a Bíblia. Não chega aos calcanhares do lixo pornográfico que passa como escrituras sagradas entre os Hindus. Ou a uma dúzia de outras religiões. Mas também a *essas* não as condeno; é admissível que uma destas mitologias seja a palavra de Deus... que Deus seja, na verdade, a espécie de paranóia que transforma em pedaços quarenta e duas crianças por gozarem com o Seu sacerdote. A minha opinião é que a Nova Revelação de Foster é doçura-e-luz, tal como dizem as escrituras. O patrono, bispo Digby, é um bom homem; quer que as pessoas sejam felizes... felizes na Terra e bem-aventuradas no Céu. Não espera que punas a carne. Oh, não! Isto é a embalagem económica-gigante. Se gostas de beber, jogar, dançar e de frequentar meretrizes, vem até à igreja e fá-lo sob auspícios sagrados. Fá-lo com a tua consciência

livre. Diverte-te com isso. Anima-te! Alegra-te! Jubal deixou de parecer alegre. — Claro que existe um preço: o Deus de Digby espera ser recompensado. Qualquer pessoa suficientemente estúpida para se recusar a alegrar-se segundo as Suas leis é um pecador e merece qualquer coisa que lhe possa acontecer. Mas esta regra é comum a todos os deuses; não culpemos Foster e Digby. O seu óleo de serpente é ortodoxo em todos os seus aspectos.

— Patrão, o senhor parece meio convertido.

— Eu não! Não aprecio danças de cobra, desprezo as multidões e não deixo que uns patetas me digam onde é que eu hei-de ir aos domingos. Argumentei simplesmente por tu os criticares pelas coisas erradas que eles fazem. Como literatura, a Nova Revelação está dentro da média. Tinha de estar; foi composta plagiando outras escrituras já existentes. Quanto à lógica interna, as regras mundanas não se aplicam a escrituras sagradas; mas, nisto, a Nova Revelação deve ser considerada superior: raramente morde a sua própria cauda. Tenta reconciliar o Velho Testamento com o Novo, ou a doutrina budista com os livros apócrifos budistas. Quanto à moral, o fosterismo é o ético freudiano coberto de açúcar para as pessoas que não podem aceitar a verticalidade psicológica, embora eu duvide que o velho libertino que a escreveu (perdão, «que foi inspirado para a escrever») soubesse isto; ele não era erudito. Mas *estava* em sintonia com os seus tempos, foi um génio na sua época. Medo, crime e perda de fé... como é que ele podia falhar? Agora cala-te, vou fazer a minha sesta.

— Quem é que está a falar?

— «A mulher tentou-me.» — Jubal fechou os olhos.

Quando chegaram a casa encontraram Caxton e Mahmoud que tinham voado até lá para passarem o dia. Ben ficara desapontado por Jill não estar presente, mas conseguira animar-se na companhia de Anne, Miriam e Dorcas. Mahmoud visitava-os sempre a pretexto de ver Mike e o Dr. Harshaw, mas tinha também mostrado força moral ao ter de contentar-se apenas com a comida, as bebidas, o jardim — e as odaliscas — de Jubal para o entreterem. Miriam

estava a dar-lhe uma massagem nas costas, enquanto Dorcas lhe massageava a cabeça.

Jubal olhou para ele.

— Não se levante.

— Não posso, ela está sentada em cima de mim. Olá, Mike.

— Olá, meu irmão Stinky Dr. Mahmoud. — Em seguida, Mike saudou gravemente Ben, e pediu que o desculpassem.

— Vai descansar, meu filho — disse-lhe Jubal. Anne disse:

— Mike, já almoçaste? Mike respondeu solenemente:

— Anne, não tenho fome. Obrigado. — Virou-se e dirigiu-se para dentro de casa.

Mahmoud voltou-se, quase deitando Miriam ao chão.

— Jubal, que é que preocupa o nosso filho?

— É verdade — disse Ben. — Ele parece enjoado.

— Deixa-o estar. Uma sobredose de religião. — Jubal descreveu os acontecimentos da manhã.

Mahmoud franziu o sobrolho.

Era mesmo necessário deixá-lo a sós com Digby? Isso parece-me... perdão, meu irmão! ..., imprudente.

— Stinky, ele tem de se habituar a estas coisas. Você pregou-lhe teologia: ele disse-me. É capaz de nomear uma razão para que Digby não tivesse a sua oportunidade? Responda como um cientista, não como um muçulmano.

— Não posso responder a nada a não ser na minha condição de muçulmano — disse o Dr. Mahmoud calmamente.

— Desculpe. Reconheço a sua necessidade, embora não concorde com ela.

— Jubal, eu usei a palavra «muçulmano» no seu sentido exacto, não no sentido sectário que Maryam incorrectamente denomina «maometano».

— Eu continuarei a chamar-lhe isso até o senhor aprender a pronunciar «Miriam»! Pare de se mexer.

— Sim, Maryam. *Ai!* As mulheres não deviam ser musculosas. Jubal, como cientista, acho que Michael é o prêmio da minha carreira. Como muçulmano encontro nele uma prontidão a submeter-se à vontade de Deus... e isso faz-me feliz por ele, embora existam dificuldades e ele ainda não groque a palavra inglesa «Deus». — Encolheu os ombros. — Nem a palavra árabe «Alá». Mas como um homem... e sempre um escravo de Deus... adoro este rapaz, nosso irmão colaço e irmão de água e não gostaria de o ver sujeito a más influências. À parte o seu credo, acho que esse Digby é uma má influência. Que é que acha?

— *Olé!* — aplaudiu Ben. — Ele é um crápula asqueroso... ainda não expus os seus processos fraudulentos na minha coluna simplesmente porque o Sindicato tem medo de o publicar. Stinky, continue a falar assim e dentro em pouco ter-me-á a estudar árabe e a comprar um tapete.

— Assim espero. O tapete não é necessário. Jubal suspirou.

— Não concordo consigo. Preferia ver o Mike a fumar *marijuana* do que convertido por Digby. Mas acho que não existe nenhum perigo de Mike ser convertido a essa mixórdia sincrética... e ele tem de aprender a lutar contra as más influências. Considero-o uma boa influência... mas acho que você não tem mais hipóteses do que Digby: o rapaz tem um espírito espantosamente forte. Maomet é capaz de ter de ceder um passo a um novo profeta.

— Se é essa a vontade de Deus — respondeu Mahmoud.

— Isso não deixa espaço para argumentação — concordou Jubal.

— Nós estávamos a discutir religião antes de vocês chegarem — disse Dorcas suavemente. — Patrão, sabia que as mulheres têm almas?

— Têm?

— Stinky assim o diz.

— Maryam — explicou Mahmoud — queria saber porque é que nós, «maometanos», pensávamos que apenas os homens tinham almas.

— Miriam, isso é uma ideia errada, tal como a ideia de que Jesus sacrificou bebês cristãos. O Corão declara que famílias inteiras entram no Paraíso, homens e mulheres juntos. Por exemplo, lê os «Ornamentos de Ouro», verso setenta, não é, Stinky?

— «Entrem no Paraíso, vós e as vossas mulheres, para serem feitos felizes.» Isto é o melhor que se pode traduzir — concordou Mahmoud.

— Bem — disse Miriam. — Ouvi falar das belas huris que os homens maometanos tinham para se divertirem no Paraíso e isso não parece deixar espaço para as esposas.

— As huris — disse Jubal — são criações separadas, tal como *djins* e anjos. Elas não necessitam de almas, são espíritos, eternos, imutáveis e belas. Também existem huris-machos, ou o equivalente. As huris não ganham a sua entrada no Paraíso; fazem parte da mobília. Servem deliciosas comidas e oferecem bebidas que nunca dão ressacas, e entretém tal como é requerido. Mas as almas das mulheres não têm de trabalhar. Correcto, Stinky?

— Quase, à parte a sua escolha irreverente das palavras. As huris... — Mahmoud sentou-se tão subitamente que deitou Miriam ao chão. — É isso! Talvez vocês, raparigas, *não* tenham almas!

Miriam disse de mau humor:

— Porquê, seu ingrato cão infiel? Retire o que disse!

— Paz, Maryam. Se não tiveres uma alma, então és imortal na mesma. Jubal, é impossível um homem morrer e não dar por isso?

— Não posso dizer. Nunca tentei.

— Eu podia ter morrido em Marte e ter sonhado que tinha voltado para casa? Olhe à sua volta! Um jardim que faria inveja ao próprio profeta. Quatro belas huris, servindo uma maravilhosa comida e deliciosas bebidas a todas as horas. Até mesmo os seus equivalentes masculinos. Isto é o Paraíso?

— Garanto-lhe que não é — assegurou-lhe Jubal. — Os meus impostos são reais.

— Mas isso não me afecta *a mim*.

— E repare nestas huris: mesmo se estipularmos que elas possuem a adequada beleza... no fim de contas, a beleza está nos olhos do espectador...

— Ela passa.

— E você há-de pagar por isto, patrão — acrescentou Miriam.

— ... ainda permanece — Jubal chamou a atenção — um atributo que é exigido às huris.

— Hum... — disse Mahmoud — precisamos de verificar isso. No Paraíso isso seria mais um atributo espiritual do que uma condição física temporária. Não é?

— Nesse caso — disse Jubal enfaticamente — tenho a *certeza* de que estas não são huris.

Mahmoud suspirou.

— Então teria de converter uma.

— Porquê uma? Existem lugares onde se pode ter a quota inteira.

— Não, meu irmão. No sábio mundo do Profeta, embora as Legislações permitam quatro, é impossível lidar com mais de uma.

— Isso já é algum alívio. Qual delas?

— Vamos ver. Maryam, sente-se espiritual?

— Vá para o Inferno! «Huris», com franqueza!

— Jill?

— Dá-me uma oportunidade — protestou Ben. — Eu continuo interessado na Jill.

— Mais tarde, Jill. Anne?

— Lamento. Tenho um encontro.

— Dorcas? Você é a minha última hipótese.

— *Stinky* — disse ela suavemente —, quão espiritual é que eu tenho de me sentir?

Mike subiu as escadas e foi para o seu quarto; fechou a porta, deitou-se na cama, assumiu a posição fetal, rolou os olhos, engoliu a língua, e abrandou o coração. Jill não gostava que ele fizesse isto durante o dia, mas não se opunha desde que não o fizesse publicamente — tantas coisas que ele não podia fazer em público, mas apenas esta fazia despertar a ira de Jill. Estivera à espera desde que saíra daquela sala de terrível maldade; precisava muito de se retirar espiritualmente e tentar grocar.

Fizera uma coisa que Jill lhe dissera para não fazer...

Sentiu um impulso humano para dizer a si próprio que essa ação lhe tinha sido imposta, mas a sua educação marciana não lhe permitia esta fuga. Tinha chegado a uma situação crítica, fora requerida ação adequada, a escolha tinha sido dele. Grocou que tinha escolhido correctamente. Mas o seu irmão de água Jill proibira-lhe esta escolha...

Mas isso *não* lhe deixaria escolha. Isso era contraditório; numa situação crítica impõe-se a escolha. Através da escolha o espírito cresce.

Teria Jill aprovado se ele tivesse escolhido outra ação, não desperdiçando comida?

Não, ele grocava que a proibição de Jill incluía essa variante.

Neste ponto, o ser originado por genes humanos e formado pelo pensamento marciano completava uma fase do seu crescimento, libertava-se e deixava de ser um companheiro de ninho. A solidão do predestinado livre arbítrio era agora sua e com ela a capacidade marciana para contemplar, abarcar e saborear a sua amargura, aceitar as suas conseqüências. Com uma alegria trágica, compreendeu que essa situação crítica era dele, não de Jill. O seu irmão de água podia ensinar, admoestar, guiar — mas a escolha numa situação crítica não era partilhada. Aqui era «propriedade» para além de venda, doação, hipoteca; possuidor e

possuído grocavam inseparáveis. Ele era eternamente a ação que tinha tomado numa situação crítica.

Agora que sabia ser um ser, estava livre para grocar ainda mais próximo com os seus irmãos, para fundir-se sem dificuldades. A integridade do ser era e é e sempre tinha sido. Mike deteve-se para contemplar todos os seres dos seus irmãos, os muitos que possuía em Marte, incorporados e desincorporados, os escassos e preciosos na Terra... os desconhecidos poderes que seriam seus para com eles se misturar e para os contemplar, agora que finalmente, depois de uma longa espera, ele grocava e contemplava-se a si próprio.

Mike permaneceu em transe; havia muito para grocar, pedaços soltos para serem reunidos e incluídos no seu crescimento: tudo o que ele tinha visto, ouvido e sido no Tabernáculo do Arcanjo Foster (não apenas a situação crítica que acontecera quando ele e Digby tinham estado frente a frente e a sós)... porque é que o senador Boone o fizera sentir-se desconfiado, como é que a Menina Dawn Ardent tinha o sabor de um irmão de água sem o ser, o odor de bondade que grocara incompletamente na dança frenética e nos gemidos...

As conversas de Jubal à ida e à vinda: as palavras de Jubal tinham-no perturbado muito; estudou-as, comparou-as com aquilo que lhe tinha sido ensinado enquanto companheiro de ninho, lutando consigo próprio para estabelecer um paralelo entre as linguagens, aquela em que pensava e a outra em que estava a aprender a pensar. A palavra «igreja», que se repetira muitas vezes nas palavras de Jubal, trouxe-lhe muitas dificuldades; não existia um conceito marciano que coincidissem com ela, a menos que tomasse «igreja», «culto» e «Deus» e «congregação» e muitas outras palavras e as equacionasse com a totalidade da única palavra que ele conhecera durante a espera do crescimento... em seguida forçar o conceito de novo em inglês naquela frase que tinha sido rejeitada (por cada um de maneira diferente) por Jubal, por Mahmoud e por Digby.

«*Tu és Deus.*» Estava perto de a entender agora em inglês, embora nunca pudesse vir a ter a inevitabilidade do conceito

marciano que esta frase exprimia. No seu espírito repetiu simultaneamente esta frase em inglês e a palavra marciana e sentiu um grocar aproximado. Repetindo-a como um estudante dizendo a si próprio que a jóia está no lódão, Mike mergulhou em nirvana.

Antes da meia-noite acelerou o seu coração, assumiu a respiração normal, esticou-se e levantou-se. Estivera preocupado; agora sentia-se leve, alegre e despreocupado, pronto para as muitas ações que via abrirem-se à sua frente.

Sentia uma necessidade imperiosa de companhia, tão forte como a sua anterior necessidade de calma. Saiu para o corredor e ficou encantado por encontrar um irmão de água.

— Olá!

— Oh. Olá, Mike. Meu Deus, como estás com má aparência.

— Sinto-me óptimo! Onde é que está toda a gente?

— A dormir. O Ben e Stinky foram para casa há cerca de uma hora e os outros foram para a cama.

— Oh. Mike sentiu-se desapontado por Mahmoud se ter ido embora; queria explicar-lhe o seu novo groque.

— Eu também devia estar a dormir, mas apeteceu-me comer qualquer coisa. Estás com fome?

— Claro, estou cheio de fome!

— Vem daí, há galinha fria e vamos ver que mais. — Desceram as escadas, e encheram fartamente um tabuleiro. — Vamos levá-lo lá para fora. Está muito calor.

— Uma óptima ideia — concordou Mike.

— Calor suficiente para se poder nadar: um verdadeiro verão índio. Vou ligar as luzes.

— Não te maces — respondeu Mike. — Eu levo o tabuleiro.

Ele podia ver numa quase total escuridão. Jubal dizia que esta capacidade de ver à noite derivava provavelmente das condições em que tinha crescido, e Mike grocou que isto era verdade, mas grocou que havia algo mais que contribuía para isso; os seus pais colaços

tinham-lhe ensinado a ver. Quanto ao facto de a noite estar quente, ele ter-se-ia sentido confortável completamente nu no cume do monte Everest, mas os seus irmãos de água tinham pouca tolerância às modificações de temperatura e de pressão; ele era cuidadoso com esta fraqueza dos seus irmãos, depois de se ter apercebido dela. Mas esperava com ansiedade que nevasse, para ver por si próprio se cada pequeníssimo cristal da água da vida era um indivíduo único, tal como tinha lido... para andar descalço sobre ela, rolar-se nela.

Enquanto esperava, Mike estava contente com a noite agradável e com a ainda mais agradável companhia do seu irmão de água.

— Está bem. Leva o tabuleiro. Vou ligar as luzes aquáticas. Haverá luz suficiente para comermos.

— Ótimo. — Mike gostava de ver a luz dispersar-se através da pequena ondulação provocada pelo vento; era uma virtude, beleza. Piquenicaram junto à piscina, depois deitaram-se na relva e observaram as estrelas.

— Mike, aquela é Marte. É, não é, Mike? Ou será Antares?

— É Marte.

— Mike, que é que eles estão a fazer em Marte?

Mike hesitou: a pergunta era demasiado vasta para a escassa linguagem inglesa.

— No lado da direcção do horizonte... o hemisfério sul... é Primavera; as plantas estão a ser ensinadas a crescer.

— Ensinadas a crescer? Ele hesitou.

— O Larry ensina as plantas a crescer. Eu ajudei-o. Mas o meu povo... quero dizer, os Marcianos; groco agora que *vocês* são o meu povo... ensina as plantas de outra maneira. No outro hemisfério está a arrefecer e as ninfas, aquelas que permaneceram vivas durante o Verão, estão a ser recolhidas em ninhos para um crescimento maior e mais rápido. — Pensou um pouco. — Dos humanos que deixámos no equador, um deles desincorporou-se e os outros estão tristes.

— Sim, eu sei. Ouvi nas notícias.

Mike não ouvira; não o soubera até lhe ser perguntado.

— Eles não deviam estar tristes. O Sr. Booker T. W. Jones Food, técnico de primeira classe, não está triste; os Velhos protegeram-no.

— Conhecia-lo?

— Sim. Ele tinha o seu próprio rosto, negro e belo. Mas estava com saudades do lar.

— Oh, querido! Mike... alguma vez sentiste saudades do teu lar? De Marte?

— A princípio tive saudades — respondeu. — Estava sempre só. — Rolou na direcção dela e tomou-a nos braços. — Mas agora não estou só. Groco que nunca mais voltarei a estar só.

— Mike querido... — Beijaram-se e continuaram a beijar-se. Nesse momento o seu irmão de água disse, ofegante:

— Oh, meu Deus! Quase foi pior que da primeira vez.

— Estás bem, meu irmão?

— Estou. Se estou! Beija-me outra vez.

Muito tempo depois, pelo relógio cósmico, ela disse:

— Mike? Isto é... quero dizer... sabes...

— Sei. É para nos aproximarmos. Agora aproximamo-nos.

— Bem... estou pronta desde há muito tempo... meu Deus, *todas* nós estávamos, mas... deixemos isso, querido; volta-te só um pouco. Eu ajudo.

Enquanto se fundiam grocando juntos, Mike disse suave e triunfalmente:

— Tu és Deus.

A resposta dela não se traduziu por palavras. Mais tarde, quando o seu grocar os aproximou mais que nunca e Mike se sentiu quase prestes a desincorporar-se, a voz dela chamou-o de volta:

— Oh!... *Oh! Tu és Deus!*

— Nós grocamos Deus.

XXV

Em Marte, os humanos estavam a construir casas à prova de pressão para os homens e as mulheres que haviam de chegar na próxima nave. Isto foi feito mais depressa do que estava previsto, pois os Marcianos eram prestáveis. Parte do tempo poupado foi gasto num cálculo preliminar para um plano de longo prazo para libertar o oxigénio das areias de Marte e tornar o planeta mais agradável às futuras gerações humanas.

Os Velhos nem ajudaram nem levantaram obstáculos a este plano; ainda não era o tempo. As suas meditações estavam a chegar a uma violenta situação crítica que formaria a arte marciana para muitos milénios. Na Terra, as eleições continuavam e um poeta muito avançado publicou uma edição limitada de versos consistindo inteiramente em sinais de pontuação e espaços; a revista *Time* reveu-o e sugeriu que a Acta Diária da Assembleia da Federação devia ser traduzida para esse meio de comunicação.

Foi aberta uma colossal campanha para vender mais órgãos sexuais de plantas e o Sr. Joseph («Sombra de Grandeza») Douglas foi citado como tendo afirmado: «Não me voltaria a sentar na minha mesa sem flores.» Um mestre tibetano de Palermo, Sicília, anunciou em Beverly Hills uma recente descoberta, a antiga disciplina de ioga para controlar a respiração, aumentava ao mesmo tempo a *pranha* e a atração cósmica entre os sexos. Os seus noviços eram convidados a assumir a atitude *matsyendra*, vestidos apenas com fraldas feitas de pano tecido manualmente, enquanto o mestre lia em voz alta passagens do *Rig-Veda* e um assistente guru examinava as suas malas numa outra sala — nada era roubado; o objectivo era menos imediato. O presidente dos Estados Unidos declarou o primeiro domingo de Novembro «Dia Nacional das Avós» e instigou os Americanos a festejarem-no com flores. Uma cadeia de agências funerárias foi acusada de redução de preços. Os bispos fosteritas, após um conclave secreto, anunciaram o Segundo Maior Milagre da Igreja: o Supremo Bispo Digby fora transferido corporalmente para o Céu e promovido a arcanjo, colocando-se ao lado-mas-atrás do

Arcanjo Foster. As gloriosas notícias tinham sido retardadas, pois estavam dependentes da Confirmação Divina à elevação de um novo Supremo Bispo, Huey Short — um candidato aceito pela facção de Boone, depois de muitos terem sido repetidamente recusados.

O *L'Unita* e o *Hoy* publicaram idênticas previsões da promoção de Short: o *Osservatore Romano* e o *Christian Science Monitor* ignoraram o assunto; o *Times of Índia* fez troça, e o *Manchester Guardian* relatou-o simplesmente: os fosteritas em Inglaterra eram poucos mas extremamente militantes.

Digby não estava satisfeito com a sua promoção. O Homem de Marte interrompera o seu trabalho meio acabado — e aquele estúpido asno do Short ia com certeza deitar tudo a perder. Foster escutou com uma paciência angélica até Digby se cansar de falar, depois disse:

— Escuta, júnior, tu agora és um anjo; portanto, esquece isso. A eternidade não é altura para recriminações. Também tu eras um estúpido asno até me envenenares. Depois disso portaste-te bastante bem. Agora que Short é supremo bispo fará um bom trabalho, não o pode evitar. O mesmo acontece com os papas. Alguns deles eram completamente insignificantes até serem promovidos. Vai perguntar a um deles, anda: aqui não há inveja profissional.

Digby acalmou-se mas fez um pedido. Foster abanou a sua auréola.

— Não lhe podes tocar. Não o devias sequer ter tentado. Oh, podes apresentar uma requisição para um milagre, se quiseres fazer-te passar por idiota. Mas, acredita no que te digo, seria recusado: ainda não compreendes o Sistema. Os Marcianos têm a sua maneira de agir, diferente da nossa, e, enquanto precisarem dele, nós não lhe podemos tocar. Eles dirigem o seu espectáculo à sua maneira: o universo tem variedade, a mesma coisa para toda a gente... um facto que os teus acólitos esquecem frequentemente.

— Queres dizer que aquele parasita pode afastar-se e eu tenho de ficar quietinho sem fazer nada?

— Eu também fiquei quietinho pela mesma coisa, não fiquei? Agora estou a ajudar-te, não estou? Agora, escuta, existe trabalho para ser feito, montes de trabalho. O patrão quer as coisas feitas com classe, não quer brutalidades. Se precisas de um dia de folga para te acalmares, vai até ao paraíso muçulmano e goza-o. Caso contrário, fortalece a tua auréola, endireita as tuas asas e agarra-te ao trabalho. Quanto mais depressa agires como um anjo, mais depressa te sentirás angélico. Alegra-te, júnior!

Digby soltou um profundo e etéreo suspiro.

— *O. K.*, estou feliz. Por onde é que começo?

Jubal não ouviu a notícia do desaparecimento de Digby, quando foi anunciada, e, quando soube, embora tivesse uma leve suspeita, pô-la de parte; se Mike tivera alguma coisa a ver com isso, ninguém tinha suspeitado dele — e o que acontecia aos supremos bispos não aborrecia de maneira nenhuma Jubal, desde que ele não fosse maçado.

O seu pessoal andava completamente desorganizado e aborrecido. Jubal deduziu o que acontecera, mas não sabia com quem — e não queria investigar. Mike tinha a idade legal e presumivelmente estava apto a defender-se dos embates. De qualquer maneira, era mais que altura de o rapaz ser experimentado.

Jubal não podia reconstituir o crime baseado no comportamento, porque os padrões mudavam constantemente — *ABC versus D*, depois *BCD versus A...* ou *AB versus CD*, ou *AD versus CB*, de todas as maneiras que quatro mulheres se podem unir umas contra as outras.

Isto continuou o resto da semana que se seguiu àquela infeliz viagem à igreja, período durante o qual Mike ficou no seu quarto e quase sempre num transe tão profundo que Jubal tê-lo-ia declarado morto se não o tivesse visto antes. Jubal não se teria importado se o

serviço não tivesse ficado num caos. As raparigas pareciam passar a maior parte do tempo a andar em pontas dos pés para irem ver «se Mike estava bem» e estavam demasiado preocupadas para cozinhar, e muito menos para serem secretárias. Até a inflexível e fria Anne... Bolas, Anne era a pior! Sempre ausente, sujeita a lágrimas inexplicáveis... Jubal teria apostado a vida em que se Anne tivesse de testemunhar o Segundo Advento, memorizaria a data, as horas, as pessoas, os acontecimentos e a pressão barométrica sem perturbar os seus calmos olhos azuis.

Quinta-feira, Mike despertou e subitamente aconteceu ABCD ao serviço de Mike, «menos do que a poeira debaixo das rodas do seu coche». As raparigas recomeçaram a prestar serviço a Jubal, por isso ele contou até dez e deixou seguir as coisas... excepto por um perverso pensamento de que, se ele exigisse uma declaração de intenções e de factos, Mike poderia quintuplicar os seus salários apenas enviando um postal a Douglas — mas as raparigas apoiariam prontamente Mike.

Com a tranquilidade doméstica restaurada, Jubal não se importava que o seu reino fosse governado por um presidente da câmara do palácio. As refeições eram servidas a tempo e melhores que nunca; quando ele gritava «Quem está de serviço!» a rapariga que aparecia vinha de olhos brilhantes, feliz, e eficiente; assim, Jubal não tinha razão de queixa.

Além disto, a modificação de Mike era interessante. Até essa semana, Mike tinha sido dócil de um modo que Jubal classificava como neurótico; agora ele era tão autoconfiante que Jubal tê-lo-ia descrito como pretencioso se Mike não tivesse continuado a ser inabalavelmente educado e atencioso.

Aceitava a homenagem que as raparigas lhe prestavam como um direito natural, parecia mais velho do que realmente era, a sua voz aprofundou-se, falava com firmeza e não com timidez. Jubal concluiu que Mike se tinha juntado à raça humana; podia dar alta a este paciente.

Excepto (Jubal lembrou-se a si próprio) numa coisa: Mike ainda não ria. Podia sorrir com uma piada e por vezes não pedia que lha explicassem. Mike estava animado, mesmo feliz — mas nunca ria.

Jubal decidiu que isto não era importante. Este paciente era são, saudável — e humano. Poucas semanas antes, Jubal teria levantado muitas dúvidas a uma possível cura. Era suficientemente humilde para não reclamar todo o mérito; as raparigas tinham tido mais a ver com isso. Ou deveria dizer «rapariga»?

Desde a primeira semana da sua estada, Jubal tinha vindo a dizer a Mike quase diariamente que ele era bem-vindo... mas que devia ir-se embora e ver o mundo assim que se sentisse capaz. Jubal não deveria ter ficado surpreendido quando Mike anunciou a um café da manhã que se ia embora. Mas ficou surpreendido e, para sua grande surpresa, magoado.

Jubal encobriu as suas emoções usando desnecessariamente o guardanapo.

— Ah, sim? Quando?

— Vamo-nos embora, hoje.

— Hum. Plural. Será que Larry, Duke e eu vamos ter de suportar os nossos cozinhados?

— Falámos sobre isso — respondeu Mike. — Eu preciso de alguém, Jubal; ainda não sei como é que as pessoas fazem as coisas: cometo erros. Tem de ser Jill, porque ela quer continuar a aprender marciano. Mas poderia ser Larry ou Duke, se não puder dispensar uma das raparigas.

— Tenho direito a voto?

— Jubal, é você que tem de decidir. Sabemos isso.

(Meu filho, disseste provavelmente a tua primeira mentira. Duvido que pudesse ficar até mesmo com Duke, se tu decidisses.)

— Acho que tem de ser a Jill. Mas ouçam, meus filhos: este é o vosso lar.

— Sabemos isso: voltaremos. Tornaremos a partilhar água.

— Claro, meu filho.

— Sim, pai.

— Hã?

— Jubal, não existe uma palavra marciana para «pai». Mas groquei que eras o meu pai. E pai de Jill.

Jubal olhou de relance para Jill.

— Hum, eu groco. Tomem cuidado convosco.

— Sim. Vem, Jill.

— Partiram antes de Jubal se ter levantado da mesa.

XXVI

Foi o carnaval habitual: passeios, rebuçados de algodão, as mesmas monótonas operações separando marcos de dólares. A prelecção sobre sexo foi submetida à opinião local, relativamente às opiniões de Darwin, o espectáculo era o que as autoridades locais decretavam, o Destemido Fenton executou o seu Mergulho da Morte perante o último maçador. O Dez-num-só não tinha um mentalista, tinha um mágico; não tinha uma mulher barbuda, tinha um meio-homem, meio-mulher; não tinha um engolidor de espadas, tinha um engolidor de fogo, não havia um homem tatuado, mas sim uma senhora tatuada que era ao mesmo tempo encantadora de serpentes, e para o número principal ela aparecia «absolutamente *nua!...* vestida apenas com carne viva gravada com exóticos desenhos!»: qualquer espectador que encontrasse três centímetros quadrados de pele não tatuada por baixo do seu pescoço ganharia vinte dólares.

O prémio não foi exigido. A Sra. Paiwonski posou em «carne viva e nua»... e com uma jibóia de quatro metros chamada *Honey Bun* — com a cobra entrelaçada tão estrategicamente que a aliança sacerdotal não se podia queixar. Para maior protecção (para a jibóia) ela posava de pé em cima de um tamborete dentro de uma cabina de lona contendo uma dúzia de cobras.

Além disso, a luz era pouca.

Mas a exigência da Sra. Paiwonski era honesta. Até à sua morte, o seu marido possuía um estúdio de tatuagem em San Pedro; quando o negócio começou a decair, decoraram-se um ao outro. Eventualmente, o trabalho artístico era tão completo nela, desde o pescoço até aos pés, que não havia espaço para mais nada. Tinha orgulho em ser a mulher mais decorada do mundo, pelo maior artista do mundo — tal era a opinião que ela tinha do seu marido.

Patrícia Paiwonski associou-se com saltimbancos e pecadores indenes; ela e o seu marido tinham sido convertidos pelo próprio Foster, ele frequentava sempre a Igreja da Nova Revelação que estivesse mais próxima onde quer que estivesse. Ela teria alegremente passado sem qualquer peça de vestuário no número principal porque estava vestida com a convicção de que era uma tela de arte religiosa maior do que qualquer museu ou catedral. Quando ela e George viram a Luz, havia ainda cerca de um metro quadrado de Patrícia que não tinha sido tocado; antes de ele morrer, tinha gravado uma vida pictórica de Foster desde o seu nascimento na manjedoura, com os anjos pairando em redor, até ao dia de glória em que ele tinha ocupado o seu local indicado.

Lamentavelmente, muito desta história sagrada tinha de ser coberta. Mas ela podia mostrá-la nas reuniões de Felicidade das igrejas que frequentava, se o pastor assim o quisesse — o que quase sempre acontecia. Patrícia não era capaz de pregar, não sabia cantar, nunca era inspirada para falar em línguas — mas era uma testemunha viva da Luz.

A sua actuação vinha a seguir do último; isto deixava tempo para arrumar as suas fotografias, para em seguida deslizar para trás da lona para o número final. Entretanto o mágico actuava.

O Dr. Apollo fazia aparecer anéis de aço e convidava a audiência a verificar que cada um deles era sólido; depois dizia-lhes para agarrarem os anéis de forma a ficarem sobrepostos e tocava cada uma das justaposições com a sua varinha. Os elos formavam uma cadeia. Colocava a sua varinha a pairar no ar, aceitava um cesto de ovos da sua assistente e fazia malabarismos com cerca de uma dúzia. Os seus malabarismos não atraíam muitos olhares, a sua

assistente atraía muitos mais. Ela estava mais vestida do que as raparigas do *posing show*; apesar disso, parecia haver uma leve hipótese de que ela estivesse tatuada em qualquer sítio. Os espectadores mal notaram os seis ovos transformarem-se em cinco, depois em quatro... três, dois — por fim o Dr. Apollo apenas estava a trabalhar com um ovo. Disse:

— Os ovos estão a rarear de ano para ano — e atirava-o para o meio da multidão. Ele virava-se e ninguém parecia notar que o ovo não tinha atingido nenhum destino.

O Dr. Apollo chamou um rapaz ao palco.

— Filho, sei que estás a pensar. Estás a pensar que eu não sou um verdadeiro mágico. Por isso ganhas um dólar. — Entregou ao rapazito uma nota de um dólar. Desapareceu. — Oh, que pena! Vamos dar-te mais uma hipótese. Agarraste-a? Agora sai daqui depressa: já devia estar em casa e na cama. — O miúdo desapareceu com o dinheiro. O mágico franziu o sobrolho. — Madame Merlin, que é que vamos fazer agora?

A sua assistente murmurou-lhe ao ouvido, ele abanou a cabeça.

— Em frente desta gente toda?

Ela murmurou-lhe de novo ao ouvido; ele suspirou.

— Amigos, Madame Merlin quer ir para a cama. Algum dos cavalheiros será capaz de a ajudar? Pestanejou perante o número de voluntários que se apressavam. — Oh, demasiados! Algum de vós esteve no exército?

Continuou a haver muitos voluntários; o Dr. Apollo escolheu dois e disse:

— Está uma cama de campanha debaixo do palco, é só levantar a lona... são capazes de a armar em cima do palco? Madame Merlin, olhe para aqui, se faz favor.

Enquanto os homens armavam a cama, o Dr. Apollo fazia passes de mágica no ar.

— Dormir... dormir... está a dormir. Amigos, ela está num transe profundo. Os senhores que armaram a cama querem fazer o favor de a deitarem? Cuidado... — Completamente rígida, a rapariga foi transportada para a cama. — Obrigado, meus senhores. — O mágico recuperou a sua varinha do ar e apontou para uma mesa no fundo do palco; um lençol ergueu-se de uma pilha de estacas e veio até ele. — Cubram-na com isto. Cubram-lhe a cabeça, uma senhora não deve ser observada enquanto está a dormir. Obrigado. Se quiserem fazer o favor de descer... óptimo! Madame Merlin... pode ouvir-me?

— Sim, Dr. Apollo.

— Você esteve imersa num sono profundo. Agora sente-se mais leve. Está a dormir nas nuvens. Está a flutuar... — A forma coberta pelo lençol ergueu-se cerca de trinta centímetros. — Cuidado! Não fique demasiado leve.

Um rapaz da assistência explicou num murmúrio:

— Quando eles põem o lençol por cima dela, ela desce por uma porta escondida. Aquilo é apenas uma armação de arame. Ele há-de tirar o lençol e a armação desfaz-se e desaparece. Qualquer pessoa pode fazer isto.

O Dr. Apollo ignorou-o.

— Mais alto, Madame Merlin. Mais alto. Assim...

A forma flutuava agora a cerca de dois metros acima do palco. O rapaz murmurou:

— Existe um fio de arame que tu não podes ver. Está ali, naquele sítio em que o lençol descai e toca a cama.

O Dr. Apollo pediu voluntários para removerem a cama.

— Ela não precisa disso, está a dormir nas nuvens. — Olhou para a forma flutuante e pareceu escutar. — Mais alto, por favor. Oh? Ela diz que não quer o lençol.

(— É agora que a armação de arame desaparece.)

O mágico fez desaparecer o lençol; a audiência mal reparou que o lençol tinha desaparecido realmente; estavam a olhar para

Madame Merlin, dormindo dois metros acima da plataforma. Um companheiro do rapaz que sabia muito sobre magia disse:

— Onde é que está o fio de arame? O rapazito respondeu:

— Tens de olhar para onde eles não querem que tu olhes. É da maneira como eles fixam as luzes para brilharem nos olhos das pessoas.

O Dr. Apollo disse:

— Já chega, princesa das fadas. Dê-me a sua mão. Acorde! — Pô-la erecta e ajudou-a a descer até ao palco.

(«Viste onde ele pôs os pés? Foi para *aí* que o arame foi.» O miúdo acrescentou com satisfação: «Apenas um truque.») O mágico prosseguiu:

— E agora, meus amigos, queiram dar a vossa atenção ao nosso letrado conferencista, o Prof. Timoshenko...

O orador apareceu.

— Não se vão embora! Para esta actuação única, só conseguida por gentileza do Conselho de Universidades e do Departamento de Segurança desta maravilhosa cidade, nós oferecemos esta nota de vinte dólares absolutamente de graça a qualquer de vós que...

O momento alto do espectáculo era o número final; os artistas começaram a fazer as malas para se irem embora. Havia um comboio clandestino de manhã, as partes habitadas permaneceriam armadas durante a noite, mas os rapazes estavam a desprender as estacas da parte onde decorria o espectáculo.

O orador-proprietário-empresário voltou para o palco depois de ter apressado o número final e de ter feito sair os espectadores pela retaguarda.

— Smitty, não te vás embora. — Entregou um envelope ao mágico e acrescentou: — Rapaz, detesto ter de te dizer isto... mas tu e a tua mulher não vão para Paducah.

— Eu sei.

— Ouve, não é nada de pessoal: tenho de pensar no espectáculo. Vamos ter uma equipe de mentalistas. Eles fazem um número de leitura mental, depois ela dirige um número de frenologia, enquanto ele trabalha com a bola de cristal. Sabes que não tinhas um contrato para toda a época.

— Sei — concordou o mágico. — Nada de ressentimentos, Tim.

— Bem, fico contente que penses assim. — O orador hesitou. — Smitty, queres um conselho?

— Gostaria de ter o teu conselho — disse simplesmente o mágico.

— Está bem Smitty, os teus truques são bons. Mas os truques não fazem um mágico. Tu não és realmente um mágico. Comportas-te como um artista: interessas-te pelo teu número, nunca menosprezas a actuação de ninguém e és prestável. Mas não és um artista. Não fazes qualquer ideia do que é que faz de um pateta um pateta. Um verdadeiro mágico pode fazer os espectadores abrirem a boca de espanto apenas por agarrarem um quarto de dólar no ar. A levitação que tu fazes... Nunca vi nenhuma mais bem feita, mas os espectadores não vibram com ela. Não tens psicologia. Agora, olha para mim: eu nem sequer sou capaz de fazer aparecer um quarto de dólar no ar. Não tenho nenhum número, excepto aquele que conta. Conheço os espectadores. Sei aquilo que eles querem, mesmo se não o têm. É nisso que consiste a arte de organizar espectáculos, quer se seja um político, um pregador falando do púlpito... ou um mágico. Descobre o que querem os patetas e poderás deixar metade dos teus truques dentro da mala.

— Tenho a certeza de que tens razão.

— Eu sei que tenho. Eles querem sexo, sangue e dinheiro. Nós não lhes damos sangue... mas deixamos que eles tenham a esperança de que o engolidor de fogo ou o atirador de facas cometam um erro. Nós não lhes damos dinheiro; encorajamos o seu espírito de ladrão enquanto lhes tiramos um pouco. Não lhes damos sexo. Mas porquê é que sete de entre dez compram o número final?

Para verem uma rapariga nua. Contudo não vêem nenhuma e *apesar disso* continuamos a mandá-los embora felizes.

»Que mais quer um pateta? Mistério! Quer pensar que o mundo é um local romântico, embora saiba muito bem que não é. É essa a *tua* função... só que ainda não aprendeste como o fazer. Caramba, meu filho, os espectadores sabem que os teus truques são falsos... mas gostariam de pensar que eles são reais, e cabe-te a ti ajudá-los. É aí que tu falhas.

— Como é que posso aprender, Tim?

— Diabos me levem, tens de aprender por ti próprio. Mas... essa noção que tu tens de te autodenominares o «Homem de Marte». Tens de *oferecer* aos patetas aquilo que eles podem engolir. Eles *viram* o Homem de Marte, em fotografias e na estereovisão. Tu pareces-te um pouco com ele, mas, mesmo que fosses o seu irmão gémeo, os espectadores *sabem* que não o encontrariam num espectáculo de dez-num-só. É como dizer que um engolidor de espadas é o «presidente dos Estados Unidos». Um pateta *quer* acreditar... mas não te deixaria insultar a pouca inteligência que tem. Até mesmo um pateta tem uma espécie de miolos.

— Lembrar-me-ei.

— Eu falo demais: um apresentador adquire este hábito. Vocês vão ficar bem? Como é que estão de dinheiro? Diabos me levem, não devia, mas... vocês precisam de um empréstimo?

— Obrigado, Tim. Não estamos aflitos.

— Bem, tomem cuidado convosco. Adeus, Jill. — Apressou-se a sair. Patrícia Paiwonski entrou pela retaguarda, vestindo um roupão.

— Então, meninos? O Tim dispensou o vosso número.

— Nós íamos embora de qualquer maneira, Pat.

— Estou tão furiosa que me sinto tentada a abandonar o espectáculo.

— Ora, Pat...

— Deixá-lo sem um número final! Ele pode arranjar números novos... mas um número final que os palhaços não obriguem a vestir

é difícil de encontrar.

— Pat, Tim tem razão. Eu não tenho arte para organizar espectáculos.

— Bem... vou sentir a vossa falta. Oh, meus queridos! Ouçam, o espectáculo não é desmontado até amanhã; venham até à minha tenda e sentem-se um pouco.

Jill disse:

— Melhor ainda, Patty, vem tu conosco. Que tal te saberia um mergulho numa banheira cheia de água quente?

— Hum... eu levo uma garrafa.

— Não — protestou Mike. — Eu sei aquilo que costumás beber e temos isso no quarto.

— Bem... vocês estão no Imperial, não estão? Tenho de ir ver se os meus bebês ficam bem e dizer a *Honey Bun* que vou sair. Apanho um táxi. Até daqui a meia hora, talvez.

Foram de carro, com Mike ao volante. Era uma pequena cidade, sem orientação de tráfego automática; Mike conduzia à velocidade máxima permitida, afastando-se de buracos que Jill não via senão quando passavam por eles. Fazia-o sem esforço. Jill estava a aprender a fazê-lo; Mike alargou o seu sentido de tempo até que os malabarismos com os ovos ou a correria através do tráfego se tornassem fáceis, tudo em câmara lenta. Jill reflectiu que isto era estranho num homem que apenas alguns meses antes tinha ficado atrapalhado com os laços dos seus sapatos.

Não conversaram; era incómodo conversar entre espíritos em diferentes escolas de tempo. Em vez disso, Jill pensou na vida que levavam, recordando-a e protegendo-a, em conceitos marcianos e em inglês. Toda a sua vida, até conhecer Mike, tinha estado sujeita à tirania do relógio, primeiro como rapariga no colégio, depois como uma rapariga grande numa escola mais trabalhosa, depois sob a pressão da rotina do hospital.

A vida de circo não era nada parecido com isso. À parte de flutuar, várias vezes por dia, bem arranjada, nunca tinha de fazer

nada a uma hora determinada. Mike não se importava de comer uma ou seis vezes por dia, ou com qualquer que fosse a maneira como ela arranjava a casa. Tinham a sua própria tenda; em muitas cidades nunca tinham deixado o acampamento desde a chegada até ao levantar do acampamento. O circo era um ninho aonde os problemas do mundo exterior não chegavam.

Para ser mais correcta, todos os acampamentos pululavam de espectadores; mas ela tinha aprendido o ponto de vista dos artistas: os espectadores não eram pessoas; eram manchas de gente cuja única função era contribuir com algum dinheiro.

O circo tinha sido um lar feliz. As coisas não tinham sido assim, quando tinham saído para o mundo para alargar a educação de Mike. Eram reconhecidos muitas vezes e por vezes tinham dificuldade em se irem embora, não só por causa da imprensa, mas também por um sem-fim de gente que pareciam sentir que tinham direito a pedir coisas a Mike.

Actualmente Mike tinha pensado as suas feições em linhas mais maduras e tinham feito mais algumas modificações. Isso, acrescido ao facto de frequentarem lugares onde não se esperava que o Homem de Marte fosse, contribuiu para a sua privacidade. Mais ou menos nessa altura, uma vez que Jill telefonara para casa informando Jubal de uma nova morada para onde poderia ser enviado o correio, Jubal sugeriu uma história de cobertura — e alguns dias depois Jill leu que o Homem de Marte tinha ido para um retiro, num mosteiro tibetano.

O retiro tinha sido a Churrascaria do Hank numa cidade «desconhecida», com Jill nas funções de criada e Mike como lavador de pratos. Mike tinha uma rápida maneira de limpar os pratos quanto o patrão não estava a ver. Mantiveram esse emprego durante uma semana, e depois foram-se embora, umas vezes trabalhando outras vezes não. Visitavam bibliotecas públicas quase diariamente quando Mike teve conhecimento de que elas existiam — pois Mike tinha pensado que a biblioteca de Jubal continha uma cópia de todos os livros da Terra. Quando se apercebeu desta maravilhosa realidade, permaneceram em Akron quase um mês; Jill fartou-se de

fazer compras, pois Mike com um livro à frente quase não era companhia.

Mas os Espectáculos Combinados de Baxter e Orgia de Divertimento tinha sido a parte mais agradável do seu deambular. Jill recordou com um risinho abafado aquela vez — em que cidade? — em que o *posing show* tinha sido proibido. Não era justo; eles trabalhavam sempre de acordo com combinações prévias: com *soutien* ou sem *soutien*; luzes mortíferas ou luzes brilhantes; conforme fosse estabelecido. Apesar disso, o xerife tinha-os metido dentro e o juiz de paz parecera disposto a meter as raparigas na prisão. O espectáculo foi encerrado e os artistas foram para o interrogatório, acompanhados por patetas que se babavam para verem a «mulher sem vergonha». Mike e Jill tinham entrado juntamente com os outros e tinham-se instalado no fundo da sala do tribunal.

Jill tentara convencer Mike de que *nunca* deveria fazer nada fora do vulgar quando pudesse ser notado. Mas Mike grocara uma situação crítica.

O xerife proclamava «luxúria pública» — e estava a gostar de o fazer — quando, subitamente, xerife e juiz ficaram completamente nus.

Jill tirara Mike dali para fora durante a excitação; todos os acusados saíram também. O espectáculo foi desmontado e seguiram para uma cidade mais honesta. Ninguém relacionou o milagre com Mike.

Jill guardaria para sempre a expressão do rosto do xerife. Começou a falar com Mike no seu espírito, para lhe lembrar quão engraçada tinha sido a expressão daquele rústico xerife. Mas os Marcianos não tinham conceito para «engraçado»; ela não o podia dizer. Partilhavam uma relação telepática, mas apenas em marciano.

(«*Sim, Jill?*»), respondeu o espírito de Mike.

(«Mais tarde.»)

Chegaram ao hotel. Jill sentiu o seu espírito abrandar enquanto arrumava o carro. Jill preferia o acampamento — excepto por uma coisa: banhos de imersão. Os chuveiros serviam, mas nada chegava

a uma grande banheira cheia de água quente; meter-se lá dentro e mergulhar! Por isso, de tempos a tempos alugavam um quarto num hotel e um carro. Mike não partilhava, devido à sua anterior educação, a sua aversão pela sujidade. Estava tão limpo como ela — mas simplesmente porque ela o reeducara. Ele podia manter-se imaculado sem se lavar, tal como não precisara de ir ao barbeiro, pois sabia como é que Jill queria o seu cabelo. Mas Mike gostava de mergulhar na água da vida, tal como sempre.

O Imperial era velho e modesto mas a banheira na «*Suite dos Noivos*» era grande. Jill dirigiu-se para ela assim que entraram, e começou a enchê-la; não ficou surpreendida ao encontrar-se despida para o seu banho. Querido Mike! Sabia que ela gostava de fazer compras; forçava-a a satisfazer essa sua franqueza, mandando para a terra qualquer peça de vestuário que ele sentisse que já não lhe agradava. Tê-lo-ia feito diariamente, se ela não o tivesse avisado de que demasiados vestidos novos levantariam suspeitas no circo.

— Obrigado, querido! — gritou Jill. — Vamos tomar banho.

Ele também tinha despido, ou feito desaparecer, as suas roupas — devia ter sido o primeiro caso, pensou Jill; Mike não encontrava interesse nenhum em comprar roupas. O único sentido que era capaz de ver nas roupas era uma função de protecção contra o tempo, uma fraqueza que ele não partilhava. Estavam frente a frente; ela pegou num pouco de água, levou-a aos lábios e ofereceu-a a Mike. O ritual não era necessário; mas era agradável para Jill recordar uma coisa que não precisava ser recordada para toda a eternidade.

Em seguida, Jill disse:

— Estava a pensar em como era engraçada a expressão daquele horrível xerife ao ver-se em pelota.

— Ele estava engraçado?

— Oh, se estava!

— Explica porque é que ele estava engraçado. Não percebo a piada.

— Hum... acho que não sou capaz. Não era uma piada... não era como aqueles trocadilhos de palavras e outras coisas que podem ser explicadas.

— Eu não groquei que ele era engraçado — disse Mike. — Em ambos os homens, o juiz e o xerife, groquei maldade. Se eu não soubesse que isso não te teria agradado, tê-los-ia feito desaparecer.

— Querido Mike. — Jill tocou-lhe na face. — Meu bom Mike. Foi melhor fazer o que fizeste. Eles nunca o hão-de esquecer: nunca mais haverá prisão por exposição indecente naquela cidade, por mais de cinquenta anos. Vamos falar de outra coisa. Tenho estado a querer dizer que tenho pena que o nosso número tenha falhado. Fiz o melhor que podia ao escrever o guião do nosso número... mas eu também não sou uma boa organizadora de espectáculos.

— A culpa foi minha, Jill. Tim falou correctamente: eu não groco os patetas. Mas ajudou-me ter estado com os artistas... Cada dia que passa groco melhor os patetas.

— Não lhes debes chamar patetas, nem espectadores, agora que já não estamos no circo. Apenas pessoas, não «patetas».

— Eu groco que eles são patetas.

— Sim, querido. Mas não é educado.

— Lembrar-me-ei.

— Já decidiste para onde é que vamos?

— Não; quando chegar a altura saberei.

Era verdade. Mike sabia sempre. Desde a sua modificação da docilidade para domínio, crescera em força e em segurança. O rapaz que tinha achado cansativo levitar um cinzeiro podia agora não só mantê-la no ar enquanto fazia outras coisas, mas também podia despender qualquer força que fosse necessária — ela recordou-se de um acampamento lamacento, onde um camião tinha ficado preso. Vinte homens estavam a tentar levantá-lo; Mike deu uma ajuda: a roda traseira submersa levantou-se sozinha. Mike, agora mais sofisticado, não deixara que ninguém percebesse.

Recordou-se quando ele tinha finalmente grocado que não era necessário haver «maldade» para fazer as coisas desaparecer; apenas era necessária quando se tratava de coisas vivas, coisas grocáveis: o vestido dela não tinha necessidade de ter «maldade». Essa regra era apenas para companheiros de ninho; um adulto era livre para fazer o que grocasse.

Perguntou a si própria qual seria a próxima modificação. Mas não estava preocupada; Mike era bom e sensato.

— Mike, não seria agradável termos a Dorcas, a Anne e a Miriam aqui na banheira? E o pai Jubal e os rapazes e... oh, toda a nossa família!

— Precisamos de uma banheira maior.

— Quem é que se importa com os acotovelamentos? Quando é que vamos fazer outra visita a casa, Mike?

— Groco que será muito em breve.

— «Breve» marciano? Ou «breve» terrestre? Deixemos isso, querido, será quando a espera se completar. A propósito, a Tia Patty deve estar a chegar dentro em breve... e eu quero dizer «breve» terrestre. Lavas-me?

Ela pôs-se de pé. O sabonete ergueu-se da saboneteira, correu-a de cima a baixo, voltou a colocar-se na saboneteira e a camada de sabão transformou-se em bolhas.

— Oooh! Estás a fazer-me cócegas.

— Passo por água?

— Eu mergulho. — Jill acocorou-se, chapinhou na água e tornou a levantar-se. — Mesmo a tempo.

Alguém estava a bater à porta.

— Querida? Estás decente?

— Vou já, Pat! — gritou Jill, e acrescentou enquanto saía da banheira: — És capaz de me secar, por favor?

Num abrir e fechar de olhos ela estava seca, sem sequer deixar pegadas húmidas no chão.

— Querido, não te esqueças de te vestir! A Patty é uma senhora... não é como eu.

— Não me esquecerei.

XXVII

Jill apanhou a correr uma camisa de noite, e correu para a sala de entrada.

— Entra, querida. Estávamos a tomar banho; ele deve estar a sair. Vou arranjar-te uma bebida; depois terás a tua segunda bebida no banho. Montes de água quente.

Tomei um chuveiro depois de deitar a *Honey Bun*, mas... sim, adoraria um banho de imersão. Mas, Jill querida, não vim aqui para pedir emprestada a vossa banheira; vim porque estou desolada por vocês se irem embora.

— Nós continuaremos a contactar contigo. — Jill atarefava-se com os copos. — Tim tinha razão. O Mike e eu precisamos de melhorar o nosso número.

— O vosso número está bom. Talvez precise de umas gargalhadas, mas... — Olá Smitty. — Ela ofereceu-lhe a mão enluvada. Longe do acampamento, a Sra. Paiwonsky usava sempre luvas, vestidos de gola alta e meias altas. Parecia (e era) uma respeitável viúva de meia-idade que conseguira manter uma figura atraente. — Estava a dizer a Jill — prosseguiu — que vocês têm um bom número.

Mike sorriu.

— Pat, não nos tentes consolar. O número não presta.

— Não, o vosso número é bom, querido. Oh, podia ter mais alegria. Algumas piadas. Ou podiam cortar um pouco no vestido de Jill. Tens uma figura muito atraente, querida.

Jill abanou a cabeça.

— Isso não serviria para nada.

— Bem, eu conheci um mágico que costumava vestir a sua assistente como «Alegres senhoras de noventa-dezoito-noventa», isto é: nem sequer mostravam as pernas. Depois fazia desaparecer uma peça de vestuário atrás da outra. Os espectadores adoravam o número. Não me interpretes mal, querida: nada de ordinário. Ela acabava o número vestida como tu estás agora.

— Patty — disse Jill —, eu faria o nosso número nua, se os palhaços não fechassem o espectáculo.

— Não podias, querida. Os espectadores fariam um tumulto. Mas, se tens uma figura atraente, porquê não a usar? Aonde é que eu chegaria, como mulher tatuada, se não me despisse tanto quanto eles me deixam?

— Falando de roupas — disse Mike —, não pareces estar confortável, Pat. O ar condicionado nesta espelunca está estragado: devem estar pelo menos uns trinta e dois graus. — Ele vestia um leve roupão, suficiente para as maneiras descontraídas dos artistas. O calor apenas o afectava levemente. Por vezes tinha de ajustar o seu metabolismo. Mas a sua amiga estava acostumada ao conforto de quase nada e apenas usava roupas quando estava fora do circo. — Porque não pores-te à vontade? Não está aqui ninguém a não sermos nós.

— Claro, Patty — concordou Jill. — Se não tens nada por baixo, eu arranjo-te qualquer coisa.

— Hum... bem, realmente só tive tempo para me enfiar dentro de um dos meus fatos.

— Então não faças cerimónias com amigos. Eu ajudo-te com os fechos *éclair*.

— Deixa-me tirar estas meias e os sapatos. — Ela continuou a falar enquanto tentava pensar numa maneira de começar a falar em religião. Deus os abençoasse, estes amigos estavam prontos a ser iniciados, tinha a certeza disso... mas contara com a época inteira para os levar até à luz. — O problema acerca do espectáculo consiste em entender o espectador. Se tu fosses um *verdadeiro* mágico... oh, eu não quero dizer que não tenhas perícia, querido, tu

tem-la. — Meteu as meias dentro dos sapatos e deixou que Jill a ajudasse com os fechos *éclair*. — Quero dizer, como se tivesses um pacto com o Diabo. Mas os espectadores sabem que se trata de um truque de prestidigitação. Por isso precisas de uma rotina alegre. Alguma vez viste um engolidor de fogo com uma assistente bonita? Céus, uma rapariga bonita estragaria o *seu* número; os espectadores estão à espera que ele deite fogo a si próprio.

Pat tirou o vestido pela cabeça; Jill pegou nele e beijou-a.

— Assim pareces mais natural, Tia Patty. Senta-te e bebe a tua bebida.

— Só um segundo, querida — A Sra. Paiwonsky rezou para que lhe fosse concedida inspiração. Bem, os seus desenhos fariam por si sós: tinha sido essa a razão pela qual George os gravara. — Bom, *isto* é o que eu tenho para os espectadores. Vocês já alguma vez observaram, observaram *realmente*, os meus desenhos?

— Não — admitiu Jill —, nós não queríamos olhar pasmados para ti, como um par de patetas.

— Então, olhem agora, meus queridos: é essa a razão pela qual George (Deus tenha a sua doce alma em descanso) as desenhou no meu corpo. Para serem observados e estudados. Aqui debaixo do meu queixo está representado o nascimento do nosso profeta, o sagrado Arcanjo Foster: apenas um inocente bebê, sem saber o que os Céus lhe tinham reservado. Mas os anjos sabiam: estão a vê-los, aqui, pairando por cima dele? A cena seguinte retrata o seu primeiro milagre, quando um jovem pecador na escola de província ia matar um pobre passarinho... e ele pegou nele, acariciou-o e o passarinho voou para longe, ileso. Agora tenho de voltar as costas. — Explicou que George não tivera uma tela completamente livre quando a grande obra tinha começado; como é que, com um génio inspirado, George tinha transformado o «Ataque a Pearl Harbour» no «Armagedão», e o «Perfil de Nova Iorque» na «Cidade Sagrada». — Mas — admitiu ela —, muito embora cada centímetro seja agora pintura sagrada, George teve realmente muito trabalho para gravar em carne viva cada marco da vida terrestre do

nosso profeta. Aqui podem vê-lo a pregar nos degraus do ímpio seminário teológico; isso fez com que ele fosse preso... foi essa a primeira vez em que ele foi detido, o começo da Perseguição. Contornando a minha espinha podem vê-lo a esmagar imagens idólatras... e a seguir podem vê-lo na prisão, com a luz sagrada incidindo sobre ele. Depois os Poucos Fiéis irromperam pela cadeia...

(O Reverendo Foster compreendera que apoiar a liberdade religiosa com as bolas de aço, os tacos, e uma prontidão para lutar contra os chuis, impressionava mais do que a resistência passiva. A sua igreja era à partida uma igreja militante. Mas ele fora um estrategista; as batalhas só eram travadas onde a artilharia pesada estava do lado do Senhor.)

— ... e libertaram-no e untaram com alcatrão e encheram de penas o falso juiz que o tinha condenado. Aqui à frente... Hum, vocês não podem ver; o meu *soutien* cobre-o. Uma vergonha.

(«Michael, o que é que ela quer?»)

(«Tu sabes. Diz-lhe.»)

— Tia Patty — disse gentilmente —, queres que nós observemos os teus desenhos, não queres?

— Bem... é tal como Tim diz na apresentação, George usou toda a minha pele para completar a história.

— Se George teve todo esse trabalho devia desejar que eles fossem vistos. Disse-te que não me importava de executar o nosso número completamente nua... e o nosso é apenas divertimento. O *teu* tem um objectivo... um objectivo sagrado.

— Bem... se vocês querem que eu o mostre. — Entoou um silencioso *aleluia!* Foster estava a apoiá-la; com sorte abençoada e os desenhos de George, ela faria com que estes pequenos vissem a luz.

— Eu desaperto-te os colchetes. («Jill...»)

(«Não, Michael!»)

(«Espera.»)

Com incrível surpresa, a Sra. Paiwonsky viu que o seu *soutien* e as suas calcinhas brilhantes tinham desaparecido: Jill não ficou surpreendida quando a sua camisola desapareceu e apenas um pouco surpresa quando foi a vez do roupão de Mike; ele conhecia as maneiras de Mike.

A Sra. Paiwonski ofegava. Jill pôs os braços à volta dela.

— Calma, querida! Está tudo bem. Mike, tens de lhe dizer.

— Sim, Jill. Pat...

— Sim, Smitty?

— Tu disseste que os meus truques eram prestidigitação. Ias tirar o teu *soutien*, por isso fi-lo por ti.

— Mas, *como?* Onde é que *ele* está?

— Nalgum lugar. Onde está a camisa de Jill e o meu roupão. Desaparecidos.

— Não te preocupes, Patty — disse Jill. — Nós damos-te outro. Mike, não devias ter feito isto.

— Peço desculpa, Jill. Groquei que fosse correcto.

— Bem... talvez seja. — A Tia Patty não estava muito aborrecida... e nunca contaria a ninguém; ela era artista.

A Sra. Paiwonski não estava preocupada com duas peças de vestuário, nem pela nudez, a dela ou a deles. Mas estava muito preocupada com um problema teológico.

— Smitty? Isto foi *verdadeira* magia?

— Penso que lhe chamarias assim — concordou ele, escolhendo cuidadosamente as palavras.

Preferiria chamar-lhe um milagre — disse ela secamente.

— Chama-lhe o que quiseres. Não foi um truque de prestidigitação.

— Sei isso. — Ela não estava com medo, Patrícia Paiwonski não tinha medo de nada, uma vez que estava apoiada na fé. Mas sentia-se preocupada com os seus amigos. Smitty, olha-me bem nos olhos. Fizeste algum pacto com o Diabo?

— Não Pat, não fiz.

Ela continuou a perscrutar-lhes os olhos.

— Não estás a mentir...

— Ele não sabe mentir, Tia Patty.

— ... então é um milagre. Smitty... tu és um homem sagrado!

— Não sou, Pat.

— O Arcanjo Foster também não o sabia até atingir os quinze anos... embora já fizesse milagres antes dessa data. Tu és um homem sagrado; posso senti-lo. Acho que senti isso assim que te conheci.

— Não sei, Pat.

— Acho que talvez possa ser — admitiu Jill. — Mas ele não o sabe. Michael... dissemos-lhe demasiado para não lhe dizermos mais nada, agora.

— Michael! — repetiu Patty subitamente. — Arcanjo Michael, enviado até nós em forma humana.

— Patty, por favor! Se ele o é, não o sabe...

— Não seria forçoso que o soubesse. Deus executa as Suas maravilhas à Sua própria maneira.

— Tia Patty, quer *fazer o favor* de me deixar falar?

Passados alguns momentos, a Sra. Paiwonski sabia que Mike era o Homem de Marte. Concordou em tratá-lo como um homem — embora declarando que mantinha a sua opinião sobre a natureza dele e a razão de estar na Terra: Foster também tinha sido um homem enquanto na Terra, mas também tinha sido *sempre* um arcanjo. Se Jill e Mike insistiam em que não estavam salvos, ela tratá-los-ia como eles pedissem para serem tratados; Deus tem estranhos desígnios.

— Acho que nos podes chamar «interessados» — disse-lhe Mike.

— Isso é suficiente, meus queridos! Tenho a certeza de que vocês estão salvos... mas até o próprio Foster era um interessado

nos seus primeiros anos. Eu ajudarei.

Pat participou num outro milagre. Estavam sentados no tapete; Jill deitou-se para trás e sugeriu-o a Mike através do seu espírito. Sem conversa fiada, sem suportes, Mike ergue-a. Patrícia observava com terna felicidade, — Pat — disse então Mike. — Deita-te e descontrai-te.

Ela obedeceu tão prontamente como se tivesse sido Foster quem tivesse falado. Jill voltou a cabeça.

— Não era melhor pôr-me no chão, Mike?

— Não, eu sou capaz.

A Sra. Paiwonski sentiu-se suavemente içada. Não estava assustada; sentia um êxtase religioso deslumbrante, como se um relâmpago caísse sobre ela, fazendo-lhe vir as lágrimas aos olhos; não voltara a sentir um poder assim desde que o Sagrado Foster lhe tinha tocado. Mike aproximou-as e Jill abraçou-a; as suas lágrimas aumentaram, entrecortadas por suaves soluços de felicidade.

Mike pousou-as no chão e não estava cansado — não era capaz de se lembrar da última vez que se tinha sentido cansado.

Jill disse:

— Mike... precisamos de água.

(«???»)

(«*Sim*», respondeu o espírito dela.)

(«E?»)

(«É uma necessidade. Porque é que pensas que ela veio aqui?)

(«Eu sabia. Não tinha a certeza se tu sabias... ou aprovarias. Meu irmão. Meu ser.»)

(«Meu irmão.»)

Mike enviou um copo ao banheiro, deixou que a torneira o enchesse, e devolveu-o a Jill. A Sra. Paiwonski observava com interesse; ultrapassava a sua capacidade de surpresa. Jill disse-lhe:

— Tia Patty, isto é como ser baptizada... e como o casamento. É... uma coisa marciana. Significa que confias em nós e que nós

confiamos em ti... nós podemos dizer-te tudo... e tu podes dizer-nos tudo... e que somos sócios agora e para sempre. Mas depois de feito nunca mais pode ser quebrado. Se tu o quebrares, nós morreríamos, imediatamente. Salvos ou não. Se *nós* o quebrássemos... Mas não o faremos. Mas não partilhes água conosco se não o quiseres fazer, continuaremos a ser amigos. Se isto interfere com a tua fé, não o faças. Não pertencemos à tua igreja. Talvez nunca venhamos a pertencer. «Interessados» é o máximo que nos podes chamar. Mike?

— Nós grocamos — concordou. — Pat, Jill fala correctamente. Gostava de te poder falar em marciano, seria mais claro. Mas isto é tudo aquilo que o casamento é... e muito mais. Nós somos livres para oferecer água... mas se existe alguma razão, na tua religião ou no teu coração, para não o aceitar: *não bebas!*

Patrícia Paiwonski respirou profundamente. Já anteriormente tomara uma decisão semelhante... com o seu marido a observar... não o receara. Quem era ela para recusar um homem sagrado? E a sua abençoada noiva?

— Eu quero-a — disse firmemente. Jill bebeu um gole.

— Aproximamo-nos mais que nunca. — E passou o copo a Mike.

— Agradeço-te a água, meu irmão. — Mike bebeu um gole. — Pat, dou-te a água da vida. Que possas sempre beber profundamente. — Passou-lhe o copo.

Patrícia aceitou-o.

— Obrigado. Obrigado, oh, meus queridos! A «água da vida»! Amo-vos a ambos! — Bebeu sofregamente.

Jill pegou no copo e acabou de beber o que ele continha.

— Agora vamo-nos aproximar, meus irmãos.

(«Jill?»)

(«Agora!»)

Mike levitou o seu novo irmão, fê-la deslizar suavemente pelo ar e depositou-a suavemente na cama.

Valentine Michael Smith grocava que o amor físico humano — muito humano e muito físico — não era simplesmente um acto de gerar ovos, nem era um ritual através do qual uma pessoa se aproximava; o *próprio* acto era uma aproximação. Ele ainda estava a grocá-lo, tentando em todas as oportunidades grocar a sua totalidade. Já passara muito tempo desde que ele se envergonhara ao suspeitar que até mesmo os Velhos não conheciam *este* êxtase; grocava que este seu novo povo possuía profundezas espirituais únicas. Alegrementemente procurava descobri-las, sem inibições infantis que lhe causassem sentimentos de culpa ou relutância de qualquer espécie.

Os seus professores humanos, gentis e generosos, tinham instruído a sua inocência sem a distorcer. O resultado era tão único como ele próprio.

Jill não estava surpreendida ao ver que Patty aceitava com enérgica plenitude que partilhar água com Mike numa muito antiga cerimónia marciana conduzia de imediato a partilhar o próprio Mike num muito antigo rito humano. Jill ficou um tanto surpreendida com a passiva aceitação de Pat ao ver que, também nisto, Mike era capaz de milagres. Mas Jill não sabia que Patrícia tinha conhecido um homem sagrado antes — ela *esperava* mais de homens sagrados. Jill estava serenamente contente por uma situação crítica ter sido enfrentada com ação adequada; além disso, estava extaticamente feliz por ela própria se aproximar.

Quando descansaram, Jill disse a Mike para tratar Pat com um banho por telecinesia, e protestou e riu quando a mulher mais velha o fez. Mike fizera-o, a brincar, para Jill na ocasião inicial; tinha-se tornado um costume de família, um costume que Jill sabia que iria agradar a Patty. Jill divertiu-se ao ver a cara de Patty quando se viu esfregada por mãos invisíveis, e depois completamente seca sem ter de usar toalhas ou ventilador.

Patrícia pestanejou.

— Depois disto preciso de uma bebida.

— Certamente, querida.

— E ainda *quero* mostrar-vos os meus desenhos. — Foram para a sala e Patty pôs-se de pé no meio do tapete. — Primeiro olhem para mim. Para *mim*, não para os meus desenhos. Que é que vêem?

Mike despiu-a das suas tatuagens no seu espírito e olhou para este novo irmão sem as suas decorações. Gostava das suas tatuagens; elas distinguiam-na e faziam dela um ser. Davam-lhe um leve sabor marciano. Ela não possuía a suave semelhança da maior parte dos humanos. Mike pensou em tatuar-se em todo o corpo, quando grocasse o que deveria ser representado. A vida do seu pai, o irmão de água Jubal? Ia pensar nisso. Jill também era capaz de desejar ser tatuada. Que desenhos é que fariam com que Jill fosse mais maravilhosamente Jill?

O que viu quando olhou para Pat sem tatuagens não lhe agradou tanto; ela era aquilo que uma mulher tem de ser para ser mulher. Mike ainda não grocava a colecção de fotografias de Duke; elas tinham-lhe ensinado que havia variedade de tamanhos, de formas e de cores de mulheres e alguma variedade nas acrobacias do amor; mas para além disto parecia não grocar nada que as fotografias de Duke lhe pudessem ensinar. A educação que lhe tinha sido ministrada fizera de Mike um observador meticuloso, mas essa mesma educação tinha-o deixado insensível aos prazeres subtis do voyeurismo. Não que ele não achasse as mulheres (incluindo, enfaticamente, Patrícia Paiwonski) sexualmente estimulantes, mas isso não residia em vê-las. Cheirar e tocar era mais importante — pois nesses actos, ele era quase humano, quase marciano; o reflexo paralelo marciano (tão inadequado como um espirro) era activado por esses sentidos, mas isso só acontecia durante a época apropriada: «sexo», num marciano, era tão romântico como alimentação intravenosa.

Sem os seus desenhos, Mike notou mais agudamente uma coisa: Patrícia tinha o seu próprio rosto, marcado em beleza pela sua vida. Ela possuía, e Mike constatou-o com admiração, o seu próprio rosto ainda mais que Jill. Isso fê-lo sentir em relação a Pat mais fortemente uma emoção a que ele ainda não chamava amor.

Ela tinha o seu próprio odor e a sua própria voz. A voz era rouca e ele gostava de a ouvir mesmo quando não a percebia; o seu odor estava misturado com um vestígio de almíscar, devido a lidar com serpentes. Mike gostava das serpentes dela e podia mexer nas venenosas — e não apenas alargando o seu sentido de tempo para evitar as mordidelas. Elas grocavam com ele; Mike saboreava os seus cruéis e inocentes pensamentos — recordavam-lhe o seu lar. Mike era a única pessoa, além de Pat, que podia manejar *Honey Bun* com prazer para a jibóia. O seu torpor era tal que outros podiam lidar com ela — mas aceitava Mike como substituto de Pat.

Mike deixou que as tatuagens de Pat reaparecessem.

Jill perguntou a si própria porque é que a Tia Patty se tinha deixado tatuar. Ela teria uma figura muito atraente — se não fosse uma história aos quadrinhos viva. Mas ela gostava de Patty, não daquilo que ela aparentava — e isto tinha-lhe realmente proporcionado uma vida estável... pelo menos até ficar tão velha que os espectadores não pagariam para a ver nem que os seus desenhos fossem assinados por Rembrandt. Esperava que Pat estivesse a amealhar bastante dinheiro; depois lembrou-se que a Tia Patty era agora um irmão de água e que partilhava a infinita fortuna de Mike. Jill sentiu-se reconfortada com este pensamento.

— Então? — repetiu a Sra. Paiwonski. — Que é que vêem? Que idade é que eu tenho, Michael?

— Não sei.

— Adivinha.

— Não posso, Pat.

— Ora, tenta!

— Patty — disse Jill —, ele realmente não pode. Não aprendeu a ajuizar idades: sabes há quão pouco tempo ele está na Terra. E Mike pensa em anos e aritmética marcianos. Se se trata de tempo ou de Algarismo eu faço-o por ele.

— Bem... então adivinha tu, querida. Sê honesta.

Jill olhou Pat de alto a baixo, reparando na sua atraente figura e também nas suas mãos, pescoço e olhos — depois descontou uns cinco anos, apesar da honestidade devida a um irmão de água.

— Hum, trinta anos, mais um ano, menos um ano. A Sra. Paiwonski soltou uma gargalhada.

— Isso é um bônus da Verdadeira Fé, meus filhos! Jill, querida, estou quase nos cinquenta.

— Não aparentas nada!

— É o que faz a Felicidade, querida. Depois do meu primeiro filho, deixei-me engordar: a palavra «boazona» foi inventada mesmo para mim. A minha barriga parecia que estava de seis meses. Os meus seios estavam descaídos... e nunca os mandei levantar. Podes ver por ti própria; claro, um bom cirurgião não deixa cicatrizes... mas, em *mim*, isso *ver-se-ia*; provocaria buracos em dois desenhos.

»Depois vi a luz! Nada, nem exercícios, nem dieta: comia que nem um cavalo. Felicidade, minha querida. A Perfeita Felicidade do Senhor através da ajuda do Abençoado Foster.

— É espantoso — disse Jill.

A Tia Patty nunca tinha feito exercício ou dieta desde que a conhecia, e Jill sabia os traços deixados por uma operação para levantar os seios; aquelas tatuagens nunca tinham conhecido uma faca.

Mike supôs que Pat tinha aprendido a pensar o seu corpo como ela o queria, quer ela atribuísse isso a Foster ou não. Estava a ensinar este controle a Jill, mas ela teria de aperfeiçoar os seus conhecimentos de marciano antes de o poder fazer perfeitamente. Não havia pressa, a espera fá-lo-ia. Pat prosseguiu:

— Eu queria que vocês *vissem* o que a Fé pode fazer. Mas a verdadeira modificação é interior. Felicidade. O bom Deus sabe que eu não sou dada a grandes prelecções, mas vou tentar contar-vos. Em primeiro lugar vocês têm de compreender que as outras ditas «igrejas» são armadilhas do Diabo. O nosso querido Jesus pregou a Verdadeira Fé, assim Foster o disse, e eu acredito piamente. Mas na

alta Idade Média as suas palavras foram deturpadas e modificadas a tal ponto que nem o próprio Jesus as reconheceria. Por isso, Foster foi enviado para proclamar a Nova Revelação e torná-la de novo clara e compreensível. Patricia Paiwonsky esticou o dedo e subitamente transformou-se numa sacerdotisa vestida de sagrada dignidade e de místicos símbolos. — Deus quer que nós sejamos Alegres. Teria Ele deixado que o sumo da uva se transformasse em vinho se não quisesse que nós o bebêssemos e nos alegrássemos? Poderia tê-lo deixado ficar na sua forma de sumo de uva... ou transformá-lo em vinagre para que ninguém fosse capaz de beber um único gole. Não é isto *verdade*? Claro que Ele não queria com isto dizer que nos embebedássemos e nos esquecêssemos dos nossos filhos ou que o marido devia bater na mulher... Ele deu-nos as coisas boas para as *usarmos*, não para abusarmos delas. Se te apetece uma bebida ou seis, entre amigos que viram a luz, e isso te faz dançar e dar graças ao Senhor pela Sua Bondade... porque não? Deus fez o álcool e Deus fez os pés... e fê-los para que tu os pudesses juntar e ser Feliz! — Pat fez uma pausa. — Enche-o outra vez, querida; pregar é um trabalho que faz muita sede; não muito *ginger ale*; isto é bom uísque. E isto não é tudo. Se Deus quisesse que não olhassem para as mulheres, tê-las-ia feito feias: isto parece lógico, não parece? Deus não é um batoteiro; foi Ele próprio que criou o jogo: não mandaria ninguém para o Inferno por perder num jogo desonesto.

»Está bem! Deus quer que sejamos Felizes e disse-nos como: «Amem-se uns aos outros!» Ama uma serpente, se a pobre criatura precisa de amor. Ama o teu vizinho... e usa a palma da tua mão somente para os corruptores de Satanás que querem afastar-te do caminho indicado e levar-te para o fosso. E, por «amor», Ele não queria dizer o amor piegas de uma solteirona que receia levantar os olhos de um livro de hinos com medo de ver uma tentação da carne. Se Deus detestasse a carne, *porque é que teria jeito tanta?* Deus não é meducas. Ele fez o Grand Canyon e os cometas que atravessam os céus, os ciclones, os garanhões e os tremores de terra; pode um Deus que fez tudo isto dar atenção a uma

rapariguinha que se inclina para uma criancinha e a um homem que se aproveita para dar uma espreitadela? Tu sabes, querida, e eu também! Quando Deus nos disse para amar, não estava a brincar conosco; estava a falar *a sério*. Ama os bebês que precisam sempre de cuidados e ama com força os homens para que possam existir mais bebês para serem amados; e, entretanto, continua a amar porque *é tão bom* amar!

»Claro que isto não significa vendê-lo, tal como uma garrafa de uísque não quer dizer que uma pessoa tem de se embebedar e bater num polícia. Não podes vender amor e comprar Felicidade, não existem preços para uma coisa, nem para outra... e se pensas que existem, o caminho para o Inferno continua aberto. Mas se o deres de coração aberto e receberes aquilo de que Deus tem uma provisão ilimitada, o Diabo não te pode tocar. Dinheiro? — Ela olhou para Jill. — Querida, serias capaz de fazer esta «partilha de água» com alguém, digamos por um milhão de dólares? Ou por dez milhões, livres de impostos?

— Claro que não. — (Michael, grocas isto?)

(«Quase na sua totalidade, Jill. A espera é.»)

— Compreendes, querida? Eu sabia que o amor estava naquela água. Vocês são «interessados» muito próximos da luz. Mas como vocês os dois, a partir do amor que existe em vós, «partilharam comigo água e se aproximaram», como diz o Mike, eu posso contar-vos coisas que normalmente não contaria a um «interessado»...

O reverendo Foster, auto-ordenado — ou ordenado por Deus, dependendo da autoridade citada —, tinha um instinto, para avaliar o ritmo dos seus tempos, mais forte do que o de um artista avaliando um espectador. A cultura conhecida como «América» tinha uma personalidade dupla através da sua história. As suas leis eram puritanas; o seu comportamento aparente tendia para ser rabelaisiano; as suas religiões mais importantes eram apolonianas; os seus renascimentos eram quase dionisíacos. No século vinte (Era Cristã Terrestre) nunca na Terra o sexo tinha sido tão vigorosamente reprimido — e nunca o interesse por ele tinha sido tão profundo.

Foster tinha em comum com todos os chefes religiosos desse planeta duas características: uma personalidade extremamente magnética e uma sexualidade acima do normal humano. Na Terra, os grandes chefes religiosos eram ou celibatários ou a antítese. Foster não era celibatário.

Nem o eram as suas esposas e sacerdotisas — o argumento para o renascimento sob a Nova Revelação incluía um ritual que servia unicamente para se aproximarem.

Na história da Terra, muitos cultos tinham usado a mesma técnica — mas nunca em grande escala na América antes do aparecimento de Foster. Este foi corrido da cidade mais de uma vez antes de conseguir aperfeiçoar um método que permitisse expandir o seu culto cáprico. Usou a Maçonaria, o Catolicismo, o Partido Comunista e a Madison Avenue, do mesmo modo que tirou coisas de escrituras já existentes para compor a sua Nova Revelação. Cobriu de açúcar toda a sua religião, como sendo um regresso ao cristianismo primitivo. Estabeleceu uma igreja externa que podia ser frequentada por qualquer um. Depois existia uma igreja média, cujo aspecto exterior era a «Igreja da Nova Revelação», onde os felizes «salvos», que pagavam as suas dízimas, usufruíam dos benefícios dos sempre crescentes negócios da igreja, e divertiam-se num infundável carnaval de Felicidade, Felicidade, Felicidade! Os seus pecados eram perdoados — e muito poucas coisas eram pecado, desde que eles apoiassem a sua igreja, travassem relações comerciais com os seus companheiros fosteritas, condenassem os pecadores e permanecessem Felizes. A Nova Revelação não encorajava especificamente a luxúria, mas era bastante mística em discutir a conduta sexual.

A igreja média fornecia as tropas de choque. Foster tinha pedido emprestada uma ideia dos Wooblies dos primeiros anos do século vinte; se uma comunidade tentava suprimir um movimento fosterita, os fosteritas convergiam para essa cidade até que nem os polícias nem as cadeias os pudessem deter — os polícias ficavam com costelas partidas e as cadeias eram destruídas.

Se um promotor de justiça era suficientemente audacioso para intentar um processo, era impossível levá-lo até ao fim. Foster (depois de aprender sob o fogo) viu que as ações judiciais eram perseguição aos olhos da lei; nunca uma condenação de um fosterita *na qualidade de* fosterita foi confirmada pelo Supremo Tribunal — nem, mais tarde, pelo Alto Tribunal.

Dentro da igreja aberta ao público existia a Igreja Interna — um antro de devotos fiéis que constituíam o corpo sacerdotal, o corpo secular, todos eles possuidores de chaves e participando na política. Eles eram «renascidos», para além do pecado, com a entrada no Céu assegurada, e os únicos celebrantes dos mistérios internos.

Foster seleccionava estes com grande cuidado, e pessoalmente, até a operação se tornar demasiado grande. Procurava homens iguais a ele e mulheres iguais às suas esposas-sacerdotisas — dinâmicos, extremamente fiéis, inflexíveis e livres (ou aptos a serem livres, depois de terem sido libertos da culpa e da insegurança) de ciúmes no seu sentido mais humano — e todos eles sátiros e ninfas em potencial, pois a igreja secreta era aquele culto dionisiaco que faltava à América e para o qual havia um enorme mercado potencial.

Ele era muito cuidadoso: se os candidatos eram casados, ambos os cônjuges tinham de o ser. Os candidatos solteiros tinham de ser sexualmente atraentes e agressivos — e instruiu os seus sacerdotes para que o número de homens igualasse ou excedesse o número de mulheres. Não havia conhecimento de que Foster tivesse estudado antes cultos similares na América — mas sabia ou sentia que a maior parte deles tinham falhado porque a concupiscência possessiva dos seus sacerdotes conduzia aos ciúmes. Foster nunca cometeu este erro; nunca manteve uma mulher só para si, nem sequer aquelas com quem casou.

Não estava também muito interessado em alargar este grupo interno; a igreja média oferecia atractivos suficientes para satisfazer as moderadas necessidades das populações. Se um renascimento religioso produzia dois casais aptos ao «Casamento Divino», Foster

dava-se por satisfeito. Se não produzia nenhum, deixava as sementes crescer e enviava um sacerdote e uma sacerdotisa experientes para os nutrir.

Tanto quanto possível, era ele próprio que testava os casais, com uma sacerdotisa. Uma vez que cada casal estava já «salvo» dentro daquilo que competia à igreja média, ele corria um risco muito pequeno — nenhum com as mulheres, e Foster avaliava sempre os homens antes de deixar as suas sacerdotisas começarem.

Antes de ser salva, Patrícia Paiwonski era jovem, casada e «muito feliz». Tinha um filho, respeitava e admirava o seu muito mais velho marido. George Paiwonski era um homem generoso e afectuoso com apenas *uma* fraqueza — mas que o deixava frequentemente demasiado bêbado para mostrar a sua afectuosidade depois de um longo dia. Patty considerava-se uma mulher com sorte; de facto, só ocasionalmente é que George se tornava afectuoso para com uma cliente... bastante afectuoso se era de manhã cedo — e, claro, a tatuagem exigia privacidade, especialmente com senhoras. Patty era tolerante; por vezes marcava um encontro com um cliente, depois de George estar completamente bêbado.

Mas existia uma lacuna na sua vida, lacuna essa que nem sequer foi preenchida quando um cliente agradecido lhe ofereceu uma serpente — ia embarcar, disse ele, e não a podia levar consigo. Ela gostava de animais de estimação e não tinha repugnância pelas cobras; fez uma casa para a cobra na sua montra e George fez um belo letreiro a quatro cores para a proteger: «Não me Pisem!» Este desenho tornou-se popular.

Adquiriu mais serpentes e elas eram um conforto. Mas ela era a filha de um homem do Ulster e de uma rapariga de Cork; a trégua estabelecida entre os seus pais tinha-a deixado sem religião.

Era já uma «interessada» quando Foster pregava em San Pedro; conseguira fazer com que George fosse até lá uns domingos, mas ele não tinha visto a luz.

Foster trouxe-lhes a luz, fizeram as suas confissões juntos. Quando Foster voltou, seis meses mais tarde, os Paiwonski eram tão devotados que ele deu-lhes especial atenção.

— Nunca mais tive um minuto de preocupações desde o dia em que George viu a luz — disse ela a Mike e a Jill. — Ele continuava a beber... mas somente na igreja e nunca em demasia. Quando o nosso chefe sagrado regressou, George tinha começado o seu Grande Projecto. Naturalmente nós queríamos mostrá-lo a Foster ... — a Sra. Paiwonski hesitou. — Meus filhos, eu não devia contar-lhes isto.

— Então não contes — disse Jill enfaticamente. — Patty querida, nós não queremos que tu faças *nada* que não sintas vontade de fazer. «Partilhar água» tem de ser agradável.

— Hum... Eu *quero!* Mas lembrem-se que isto são coisas de igreja, portanto não devem contar a ninguém... tal como eu não contarei nada a vosso respeito.

Mike acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Aqui na Terra nós chamamos-lhe assuntos de «irmãos de água». Em Marte não há problema... mas, aqui, groco que às vezes existe problema. Assuntos de «irmãos de água» não se repetem.

— Eu... eu «groco». É uma palavra engraçada, mas estou a começar a entendê-la. Está bem, meus queridos, isto é assunto de «irmãos de água». Sabiam que *todos* os fosteritas são tatuados? Os *verdadeiros* membros da Igreja, quero dizer, aqueles que estão eternamente salvos para sempre, como eu? Oh, não estou a dizer que eles são tatuados em todo o corpo; estão a ver isto? Mesmo por cima do meu coração? isto é o beijo sagrado de Foster. George trabalhou-o de *modo* a que parecesse que fazia parte *do* desenho... para que ninguém o pudesse notar. Mas é um beijo: e *foi o próprio Foster que aqui o depositou!* — Ela parecia extaticamente orgulhosa.

Mike e Jill examinaram-no.

— É uma marca de beijo — disse Jill como admiração —, como se alguém que usasse *batom* te tivesse beijado aí. Pensei que fazia parte deste pôr do Sol.

— Sim, na verdade, foi assim que George o disfarçou. Porque não se mostra o beijo de Foster a ninguém que não use o beijo de Foster... e eu nunca mostrei, até agora. Mas — insistiu — vocês vão usar um, ambos vocês, um dia... e quando o fizerem, quero ser eu a tatuá-lo em vós.

Jill disse:

— Não estou a perceber, Patty. Como é que ele *nos* pode beijar? Afinal de contas, ele está... lá em cima, no Céu.

— Sim, querida, está. Deixa-me explicar. Qualquer sacerdote ou sacerdotisa pode dar-vos um beijo de Foster. Isso é um símbolo de que Deus está no vosso coração, Deus faz parte de ti... para sempre.

Mike ficou subitamente atento.

— Tu és Deus!

— Hã, Michael? Bem... nunca o tinha ouvido dessa maneira. Mas isso exprime a ideia... Deus está em ti, e faz parte de ti, e contigo, e o Diabo não te pode atingir.

— Sim — concordou Mike. — Tu grocas Deus. — Ele pensou alegremente que esta tinha sido a ocasião em que conseguira exprimir o seu conceito da maneira mais adequada... excepto que Jill estava a aprendê-lo em marciano. O que era inevitável.

— É essa a ideia, Michael. Deus... groca-te; e tu és casado em Amor Sagrado e Felicidade Eterna com a Sua Igreja. O sacerdote ou sacerdotisa beija-te e a marca é tatuada em ti para mostrar que é para sempre. Não tem de ser deste tamanho (a minha é exactamente do tamanho e da forma dos sagrados lábios de Foster) e pode ser colocada em qualquer lado, para se proteger de olhos pecadores. Em qualquer lugar onde não possa ser notada. Depois mostramo-la quando vamos a uma Reunião de Felicidade dos eternamente salvos.

— Ouvi falar de Reuniões de Felicidade — comentou Jill —, mas nunca soube muito bem o que eram.

— Bem — disse a Sra. Paiwonski judiciosamente —, existem Reuniões de Felicidade e Reuniões de Felicidade. As que são para os membros comuns, que estão salvos mas que podem escorregar, são divertidas: grandes festas, apenas com a quantidade de orações que surgem alegremente, e cheias dos divertimentos que fazem uma boa festa. Talvez um pouco de amor... mas é aconselhável que se tenha cuidado com quem e como se faz esse amor, porque não se deve ser uma semente de discórdia entre os irmãos. A Igreja é muito rigorosa sobre a colocação das coisas nos seus próprios lugares.

»Mas uma Reunião de Felicidade para os eternamente salvos.... bem, não tens de ter cuidado, porque não haverá lá ninguém que possa pecar: isso acabou. Se quiseres beber e sair... está tudo bem, é essa a vontade de Deus ou então tu não o quererias. Queres ajoelhar-te e rezar, ou erguer a tua voz e cantar, ou rasgar as tuas roupas e dançar: é a vontade de Deus. Não pode haver lá ninguém que veja mal nisso.

— Isso parece ser uma festa — disse Jill.

— Oh, e é: sempre! E tu és inundada de felicidade divina. Se acordares de manhã com um dos irmãos eternamente salvos, ele estará contigo porque Deus decidiu fazer-vos abençoadamente Felizes. Todos eles têm o beijo de Foster: eles são *teus*. — Ela franziu o sobrolho pensativamente. — É um tanto parecido com a «partilha da água». Compreendem?

— Eu groco — concordou Mike. («Mike???»)

(«Espera, Jill. Espera pela totalidade.»)

— Mas não pensem — disse Patrícia amavelmente — que qualquer um pode entrar numa reunião do Templo de Felicidade Interno apenas porque tem uma marca tatuada. Um irmão ou irmã visitante... Bem, eu, por exemplo. Assim que sei para onde o circo se dirige, escrevo para as igrejas locais e envio as minhas impressões digitais, para que eles possam verificá-las no arquivo dos eternamente salvos no Tabernáculo do Arcanjo Foster. Dou-lhes a minha morada de Billboard. Então, quando o faço (e vou sempre aos domingos e *nunca* perco uma reunião de Felicidade mesmo que Tim

tenha de dispensar o número final), sou identificada. Eles ficam contentes por me ver; sou uma atração, com os meus únicos e insuperáveis desenhos sagrados: passo muitas vezes as tardes apenas a deixar que as pessoas me examinem... cada minuto é uma felicidade. Por vezes o sacerdote pede-me que leve a *Honey Bun* para fazer o papel de Eva e da Serpente... isso exige maquiagem do corpo, claro. Um irmão faz o papel de Adão e somos corridos do Paraíso, e o sacerdote explica o *verdadeiro* significado, não as deturpadas mentiras, e acabamos por ganhar de novo a nossa abençoada inocência, e isso anima a festa. Alegria! — Pat acrescentou: — Mas toda a gente está interessada no meu beijo de Foster... porque, uma vez que ele foi para o Céu há vinte anos atrás, não existem muitos devotos que possuam um beijo de Foster que não tenha sido dado por procuração: o Tabernáculo tem de testemunhar *isso* também. E eu conto-lhes a história deste beijo. Hum...

A Sra. Paiwonski hesitou, em seguida contou-lhes com todos os pormenores — e Jill perguntou a si própria para onde é que tinha ido a sua limitada capacidade de corar. Depois grocou que Mike e Patty eram os dois do mesmo género: inocentes de Deus, incapazes de pecar fizessem o que fizessem. Desejou, para bem de Patty, que Foster tivesse realmente sido um profeta sagrado que a tinha salvo para a eterna bem-aventurança.

Mas *Foster!* Meu Deus, que criatura grotesca!

Subitamente, através da sua imensamente melhorada capacidade de recordar, Jill encontrou-se de volta àquela sala com uma parede de vidro, olhando para os olhos mortícios de Foster. Mas ele parecia vivo... e ela sentiu um arrepio nos seus rins e perguntou a si própria o que é que *teria* feito se Foster lhe tivesse oferecido os seus lábios e o seu próprio ser sagrado.

Jill afastou este pensamento do seu espírito, mas não antes de Mike o captar. Sentiu-o sorrir, com inocência.

Jill levantou-se.

— Patty querida, a que horas é que tens de estar no acampamento?

— Oh, valha-me Deus! Já lá devia estar!

— Porquê? O espectáculo só é desarmado às nove e meia.

— Bem... A *Honey Bun* sente a minha falta. Ela fica com ciúmes se eu chego tarde.

— Não lhe podes dizer que estiveste numa reunião de Felicidade?

— Oh... — A mulher mais velha abraçou Jill. — E é! Claro que é!

— Ótimo. Eu vou dormir: estou perdida de sono. A que horas é que tens de te levantar?

— Hum, se estiver de volta às oito, ainda posso pedir a Sam que desarme a minha tenda, e ainda terei tempo para ver se os meus bebês estão bem acomodados.

— E o café da manhã?

— Tomo-o no comboio. Só costumo tomar café quando acordo.

— Eu faço-te aqui. Vocês, meus queridos, fiquem a pé o tempo que quiserem; eu não te deixo dormir de mais... se dormires. O Mike não dorme.

— Nunca?

— Nunca. — Enrosca-se e pensa durante um bocado, normalmente... mas não dorme.

A Sra. Paiwonski acenou com a cabeça solenemente.

— Outro sinal. Eu sei... e, Michael, um dia saberás. A tua chamada há-de chegar.

— Talvez — concordou Jill. — Mike, estou a cair de sono. Põe-me na cama, por favor. — Ela foi erguida, deslizou suavemente pelo ar até ao quarto, os lençóis recuaram sozinhos; adormeceu.

Jill acordou às sete da manhã, deixou-se escorregar para fora da cama, meteu a cabeça dentro da sala. As luzes estavam apagadas, e as sombras dos seus corpos estavam esticadas, mas

eles não estavam a dormir. Jill ouviu Mike dizer com uma suave certeza:

— Tu és Deus.

— «Tu és Deus» — murmurou Patrícia numa voz tão profunda como se estivesse drogada.

— Sim. Jill é Deus.

— Jill... é Deus. Sim, Michael.

— E tu és Deus.

— Tu... és Deus! Agora, Michael, *agora!*

Jill afastou-se rapidamente e foi lavar os dentes. Nesse momento deixou Mike saber que estava acordada e viu que ele sabia. Quando voltou para a sala, a luz do sol entrava pela janela.

— Bom dia, queridos! — E beijou-os.

— Tu és Deus — disse Patty simplesmente.

— Sim, Patty. E tu és Deus. Deus está em todos nós. — Jill olhou para Pat à luz ofuscante da manhã e notou que ela não parecia cansada. Bem, ela conhecia esse efeito: se Mike queria que ela ficasse a pé toda a noite, Jill nunca sentia qualquer dificuldade. Suspeitou que o seu sono da noite anterior tinha sido ideia de Mike... e ouviu Mike concordar no seu espírito.

— Agora o cafezinho, meus queridos. E também tenho um refresco de laranja.

Tomaram um desjejum leve, cheios de felicidade, Jill viu que Patty parecia pensativa.

— Que é que tens, querida?

— Hum, detesto mencionar isto: mas vocês vão ter com que comer? A Tia Patty tem um mealheiro muito recheado e eu pensei...

Jill riu.

— Oh, querida, eu não devia rir. Mas o Homem de Marte é *rico!* Claro que sabias?

A Sra. Paiwonski parecia desconcertada.

— Bem, acho que sabia. Mas não se pode acreditar em tudo o que se ouve nas notícias.

— Patty, tu és um amor. Acredita-me, agora que somos irmãos de água, não hesitaríamos: «Partilhar o ninho» não é apenas poesia. É tudo o resto. Se alguma vez *precisares* de dinheiro, basta que o digas. Qualquer quantia. Em qualquer altura. Escreve-nos... ou, melhor ainda, telefona-me; o Mike não tem a menor ideia sobre o dinheiro. Ora, querida, eu tenho um par de centenas de milhares de dólares numa conta em meu nome. Queres algum?

A Sra. Paiwonski parecia surpreendida.

— Deus me abençoe! Eu não preciso de dinheiro. Jill encolheu os ombos.

— Se alguma vez precisares, di-lo apenas. Se queres um iate, Mike gostaria muito de to oferecer.

— Claro que gostaria, Patty. Nunca vi um iate. A Sra. Paiwonski abanou a cabeça.

— Não me ofereçam uma montanha, queridos: tudo o que eu quero de vós, é o vosso amor...

— Tens isso — disse-lhe Jill.

— Eu não groco «amor» — disse Mike. — Mas Jill fala sempre correctamente. Se nós o temos é teu.

— ... e saber que estão salvos. Mas já não estou preocupada com isso, Mike falou-me acerca da espera, e porque é que a espera é. Compreendes Jill?

— Eu groco. Já não fico impaciente com o que quer que seja.

— Mas eu tenho uma coisa para vocês. — A mulher tatuada foi buscar a sua mala, e tirou um livro para fora. — Meus queridos... esta é a cópia da Nova Revelação que o Bendito Foster me deu... na noite em que depositou em mim o seu beijo. Quero que vocês fiquem com ela.

Os olhos de Jill encheram-se de lágrimas.

— Mas, Tia Patty... Patty, nosso irmão! Não podemos aceitar esta. Nós compramos uma.

— Não. É... é «água» que estou a partilhar convosco. Para nos aproximarmos.

— Oh... — Jill saltou. — Partilhá-la-emos. Agora pertence-nos... a todos nós. — Jill beijou-a.

Mike deu-lhe umas pancadinhas no ombro.

— Irmãozinho sôfrego. É a minha vez.

— Serei sempre sôfrega neste sentido.

O Homem de Marte beijou o seu novo irmão, primeiro na boca, e em seguida beijou a mancha que Foster tinha beijado. Pensou, durante pouco tempo pelo tempo terrestre, escolheu uma mancha correspondente no outro lado onde o desenho de George podia ser harmonizado com isso e beijou-a aí, enquanto pensava em tempo alargado e pormenorizadamente. Era necessário grocar os capilares...

Para as outras duas, ele apenas pousou brevemente os lábios na pele de Pat. Mas Jill captou um sinal do seu esforço.

— Patty! *Vê!*

A Sra. Paiwonski olhou para baixo. Marcados nela, num vermelho-sangue, estavam os lábios dele. Ela começou a desfalecer... depois mostrou a sua enorme fé.

— Sim! Sim! Michael...

Passado pouco tempo a mulher tatuada foi substituída por uma comum dona de casa com um vestido de gola alta e de mangas compridas, e luvas.

— Não vou chorar — disse sobriamente — e não existem despedidas na eternidade. Estarei à espera. — Beijou-os e saiu sem olhar para trás.

XXVIII

— *Blasfémia!* Foster olhou para cima.

— Que é que te mordeu, Júnior?

Este anexo tinha sido erigido à pressa e as Coisas tinham entrada nele — enxames de diabinhos quase invisíveis... inofensivos mas uma mordidela de um deles deixava um prurido no ego.

— Hum... devia ter visto isto para acreditar. Olhe, vou pôr o omníscio a andar para trás.

— Ficarias surpreendido com aquilo em que eu sou capaz de acreditar, Júnior. — Apesar disso, o supervisor de Digby deslocou parte da sua atenção. Três temporais (humanos, assim reparou; um homem e duas mulheres) especulando sobre o eterno. Não havia nada de estranho nisso. — Sim?

— Ouviu o que ela disse! «Arcanjo Michael», na verdade!

— Que é que isso tem?

— «Que é que isso tem?» Oh, por amor de Deus! É muito possível.

A auréola de Digby tremeu.

— Foster, você não deve ter olhado bem! Ela referia-se àquele delinquente juvenil que me mandou passear. Olhe outra vez.

Foster aumentou a sua atenção e viu que o anjo-em-treino tinha falado correctamente — e notou algo mais e sorriu com o seu angélico sorriso.

— Como é que sabes que não é, Júnior?

— Hã?

— Não tenho visto o Mike pelo Clube ultimamente e o seu nome foi riscado do Torneio Milenário de Solipsistas: isso é um sinal de que é provável que ele esteja destacado em serviço; Mike é um dos mais destacados jogadores de solipsismo neste sector.

— Mas a noção é obscena!

— Ficaria surpreendido com o número das melhores ideias do patrão que têm sido consideradas «obscenas»... ou, melhor, não deverias ficar surpreendido, em vista do teu trabalho de campanha.

Mas «obsceno» é um conceito nulo; não tem significado teológico. Para os puros, todas as coisas são puras.

— Mas...

— Ainda estou a falar, Júnior. Para além do facto de que o nosso irmão Michael parece estar ausente neste microinstante (eu não o vou seguir; não estamos na mesma lista de Observação), aquela senhora tatuada que fez tais declarações oraculares não se costuma enganar; ela própria é uma temporal muito sagrada.

— Quem é que diz isso?

— Eu digo. Eu sei.

Foster tornou a sorrir com uma doçura angélica. Querida Patriciazinha! Já um pouco avançada na idade, mas ainda Terrenamente desejável — e resplandecendo com uma tal luz interior que a fazia parecer um vitral. Notou com orgulho temporal que George tinha acabado a sua grande dedicação desde a última vez que tinha visto Patrícia: aquele desenho em que era chamado para o Céu não era mau, nada mau, mesmo no mais Alto sentido. Tinha de se lembrar de procurar o George e de o cumprimentar pela sua obra, e dizer-lhe que tinha visto Patrícia... hum, onde é que estava George? Um artista criativo na secção de desenho do universo, trabalhando sob a ordens do Arquitecto, segundo ele se recordava — isso não interessava, o arquivo-mestre encontrá-lo-ia num rápido milénio.

Quão deliciosa tinha sido Patrícia e que sagrado frenesi! Se tivesse apenas um pouco mais de firmeza e um pouco menos de humildade ele poderia ter feito dela uma sacerdotisa. Mas era tal a necessidade de Patrícia de aceitar Deus de acordo com a sua própria natureza, que ela só se tinha podido qualificar entre os Lingayats... onde não era necessária. Foster pensou em andar para trás com o tempo e ver como ela tinha sido, mas decidiu não o fazer com angélico constrangimento; havia trabalho para fazer...

— Esquece o omníscio, Júnior. Quero uma Palavra contigo. Digby assim fez e esperou. Foster fez vibrar a sua auréola, um

hábito maçador que tinha quando meditava. — Júnior, tu não estás a portar-te muito angelicamente.

— Peço desculpa.

— Pedir desculpa não é para a eternidade. Mas a Verdade é que tu tens estado preocupado com aquele jovem que pode ou não ser o nosso irmão, Michael. Agora espera: em primeiro lugar, não te cabe a ti julgar o instrumento usado para te chamar da pastagem. Em segundo lugar não é ele que te preocupa (mal o conhecias); o que te está a preocupar é aquela secretariazinha morena que tu tinhas. Ela ganhou o meu Beijo bastante antes de seres chamado. Não foi?

— Eu ainda estava a examinar.

— Então sem dúvida que ficaste angelicamente satisfeito por notar que o Supremo Bispo Short, depois de lhe ter feito um exame metuculoso (oh, muito metuculoso; eu disse-te que ele estaria à altura do lugar), passou-a e ela goza agora de imensa Felicidade que merece. Hum, um Pastor deve ter alegria no seu trabalho... mas, quando é promovido, também deve alegrar-se com isso. Agora, acontece que há um lugar vago para um Guarda-em-treino num novo sector que foi aberto: um lugar inferior à tua categoria nominal, está certo, mas que proporciona uma boa experiência angélica. Este planeta... bem, podes pensar nisto como um planeta; vais ver... é ocupado por uma raça de tripolaridade em vez da bipolaridade e acho que nem o Don Juan era capaz de se interessar por *qualquer* destas três polaridades... isto não é uma opinião; ele foi pedido emprestado para se fazer um teste. Gritou e rezou para que o devolvessem ao solitário inferno que ele criou para si próprio.

— Vai-me mandar para Flatbush, hem? Assim não poderei interferir!

— Então, então! Tu *não podes* interferir: a única Impossibilidade que permite que todo o resto seja possível; tentei dizer-te isto quando chegaste. Mas não deixes que isso te preocupe; é-te eternamente permitido tentar. As tuas vestes incluirão um aparelho para que possas vir aqui-agora, sem perda de

temporalidade. Agora, voa e põe-te a mexer; tenho trabalho para fazer.

Foster voltou para o que estava a fazer quando tinha sido interrompido. Oh, é verdade, uma pobre alma temporariamente designada como «Alice Douglas» — ser um agulhão era uma tarefa difícil e ela tinha-a encarado infatigavelmente. Mas a sua missão estava completa e agora ela precisaria de descanso e reabilitação de inevitável fadiga após a batalha... Devia estar a espernear, a gritar e a espumar ectoplasma por todos os orifícios.

Oh, ela precisaria de um exorcismo depois de um trabalho tão árduo! Mas todos eram árdusos; não podiam ser mais nada. E «Alice Douglas» era um campo operatório de extrema confiança; ela podia aceitar qualquer tarefa problemática desde que fosse essencialmente virgem... condená-la à fogueira ou metê-la num convento; ela libertava-se sempre.

Não que ele ligasse muito a virgens, a não ser do modo como respeitava qualquer outra coisa bem feita. Foster deu uma última olhadela a Patrícia. *Ali* estava um companheiro de trabalho que ele podia apreciar. Querida, pequena Patrícia! Que forte e abençoada bênção!...

XXIX

Quando a porta se fechou atrás de Patrícia, Jill disse:

— E agora,
Mike? I

— Vamos embora. Jill. Leste alguma coisa sobre psicologia anormal?

— Sim. Mas não tanto como tu.

— Conheces o simbolismo da tatuagem? E das serpentes?

— Claro. Sabia isso acerca de Patty desde a primeira vez que a vi. Fiquei à espera de que tu encontrasses uma maneira.

— Não podia, até sermos irmãos de água. O sexo é uma virtude útil..., mas apenas se é partilhado e aproxima. Groco que se

o fizesse sem me aproximar... bem, não tenho a certeza.

— Eu groco que não podias, Mike. Essa é uma razão, uma das muitas razões, por que te amo.

— Ainda não groco «amor». Jill, eu não groco «pessoas». Mas não queria que Patt se fosse embora.

— Detém-na. Faz com que ela fique conosco. (*«A espera é, Jill»*)

(*«Eu sei.»*)

Mike acrescentou:

— Duvido que lhe pudéssemos dar tudo aquilo de que ela necessita. Ela quer dar-se a todas as horas, a toda a gente. Reuniões de Felicidade, serpentes e espectadores não são suficientes para Pat. Ela quer oferecer-se num altar a toda a gente que existe no mundo, sempre... e fazê-los felizes. Esta Nova Revelação... eu groco que para outras pessoas significa outras coisas. Mas é isto que ela é para Pat.

— Sim, Mike. Querido Mike.

— São horas de nos irmos embora. Escolhe um vestido e vai buscar a tua mala. Eu trato do lixo.

Jill pensou tristemente que gostaria de levar uma ou duas coisas. Mike viajava sempre apenas com as roupas que trazia em cima — e parecia grocar que ela preferia que fosse assim.

— Vou vestir aquele azul.

O vestido flutuou, poisou por cima dela, e desceu por ela quando Jill ergueu as mãos; o fecho *éclair* fechou-se. Os sapatos caminharam na sua direcção e Jill meteu-se dentro deles.

— Estou pronta.

Mike tinha captado o aspecto do pensamento dela mas não o conceito; era muito estranho para as ideias marcianas.

— Jill? Queres parar nalgum sítio para nos casarmos? Ela pensou um pouco.

— É domingo, não podíamos arranjar uma licença.

— Então, amanhã. Groco que gostarias.

— Não, Mike.

— Por que não, Jill?

— Não nos aproximáramos mais por isso, nós já partilhámos água. Isso é verdade tanto em inglês como em marciano.

— Sim.

— É uma razão, apenas em inglês. Não gostaria que a Dorcas, a Anne, a Miriam... e a Patty pensassem que eu estava a tentar pô-las de parte.

— Jill, nenhuma delas pensaria isso.

— Não vou arriscar, porque não preciso. Porque tu casaste comigo num quarto de hospital há muito, muito tempo atrás. — Ela hesitou. — Mas há uma coisa que podias fazer por mim.

— O quê, Jill?

— Bem, podias chamar-me nomes familiares! Como *eu* te chamo *a ti*.

— Sim, Jill. Que nomes familiares?

— *Oh!* — Ela beijou-o rapidamente. — Mike, tu és o mais adorável, o mais amoroso homem que eu já conheci... e a criatura mais enfiada de dois planetas! Não te maces. Chama-me apenas «irmãozinho» de vez em quando... faz-me estremecer toda por dentro.

— Sim, irmãozinho.

— Oh, meu Deus! Vamos sair daqui... antes que eu te leve outra vez para a cama. Vai ter comigo lá abaixo, vou pagar a conta. — Ela saiu subitamente.

Apanharam o primeiro Greyhound indo para qualquer parte. Uma semana depois pararam em casa, partilharam água por alguns dias, saíram sem se despedirem — as despedidas era um costume humano ao qual Mike resistia; apenas o usava com estranhos.

Passado pouco tempo estavam em Las Vegas, parando num hotel da Strip. Mike experimentava os jogos enquanto Jill matava o

tempo trabalhando como figurante num espectáculo. Ela não sabia cantar ou dançar; exibir-se com um alto e estranho chapéu, um sorriso, um pouco de lantejoulas era o trabalho que lhe convinha na Babilónia do Oeste. Preferia trabalhar quando Mike estava ocupado e, fosse lá como fosse, Mike arranjava-lhe sempre o emprego que ela queria. Uma vez que os casinos nunca fechavam, Mike estava ocupado a maior parte do tempo.

Mike tinha cuidado em não ganhar muito, mantendo limites estabelecidos por Jill. Depois de ter extorquido alguns milhares tornava a deixá-lo lá ficar, nunca deixando parecer que era o grande jogador. Depois arranjou um emprego como *croupier*, deixando a pequenina bola rodar sem interferência e estudando as pessoas, tentando grocar a razão por que jogavam. Grocou uma emoção que parecia intensamente sexual — mas pareceu-lhe grocar maldade nessa emoção.

Jill partiu do princípio de que os clientes do palacial teatro-restaurante onde ela trabalhava eram apenas espectadores — e, como tal, não contavam. Mas, para sua surpresa, gostava bastante de se exibir em frente deles. Com uma crescente honestidade marciana examinou este sentimento. Sempre gostara de ser admirada por homens que ela considerava suficientemente atraentes para querer tocar — sentira-se irritada por a visão do seu corpo não significar nada para Mike, embora ele fosse tão devotado ao seu corpo quanto uma mulher pode sonhar...

... se não estava preocupado. Mas até nessas alturas era generoso; ele deixá-la-ia despertá-lo do seu transe, modificava os seus mecanismos sem se queixar e sorria e amava.

No entanto, isso era uma das suas estranhezas, tal como a sua incapacidade de se rir. Jill decidiu, depois da sua iniciação como figurante, o que gostava de ser visualmente admirada por estranhos, porque isso era a única coisa que Mike não lhe dava.

A sua perfeita auto-honestidade em breve fez desaparecer esta teoria. Os homens da audiência eram na sua maior parte demasiado velhos, demasiado gordos, demasiado carecas para que Jill os

achasse atraentes — e Jill sempre desprezara os «velhos devassos» — embora isso não se aplicasse a todos os homens, lembrou-se; Jubal podia olhar para ela, até mesmo empregar uma linguagem rude, sem lhe dar a sensação de querer apanhá-la sozinha para a apalpar.

Mas agora achava que estes «velhos devassos» não a faziam arrepiar. Quando sentia os seus olhares admiradores ou os seus descarados apetites sexuais — e sentia-os realmente, podia identificar as fontes — não se ressentia com isso; isso reconfortava-a e fazia-a sentir-se presumidamente satisfeita.

«Exibicionismo» tinha sido para ela apenas um termo técnico — uma fraqueza que ele desprezava. Agora, ao descobri-la em si própria e observando-a, Jill decidiu que ou isto era uma forma de narcisismo normal, ou então ela era anormal. Mas ela não se *sentia* anormal; sentia-se mais saudável do que nunca. Tinha sempre gozado de uma saúde robusta — isso era necessário às enfermeiras, mas não se lembrava da última vez que tinha estado constipada ou com uma indisposição de estômago... ora, nem sequer câibras.

De acordo, se uma mulher saudável gostava de ser admirada, então era evidente, tal como é evidente que a noite se segue ao dia, que os homens saudáveis deviam gostar de as admirar, de outro modo não havia ponta de sentido nisto! Ao chegar a este ponto compreendeu por fim, intelectualmente, Duke e as suas fotografias.

Discutiu o assunto com Mike — mas Mike não foi capaz de compreender porque é que Jill alguma vez se tinha importado de ser mirada. Ele compreendia não querer ser tocado; Mike evitava os apertos de mãos, apenas queria ser tocado pelos irmãos de água. (Jill não tinha a certeza de até onde é que isto chegava; ela explicara-lhe a homossexualidade, depois de Mike ter lido algo sobre esse assunto e não ter conseguido grocar — e dera-lhe regras para evitar os convites duvidosos; sabia que Mike, bonito como era, os atrairia. Ele seguira o conselho dela e tornara o seu rosto mais masculino, em vez da beleza andrógina que tinha possuído. Mas Jill não tinha a certeza se Mike recusaria um convite, digamos, de Duke — felizmente os seus irmãos de água masculinos eram

decididamente masculinos, tal como os restantes eram igualmente femininos. Jill suspeitava que Mike grocaria uma «maldade» nesses pobres «intermédios»; de qualquer modo, nunca lhes ofereceria água.)

Do mesmo modo, Mike não era capaz de compreender porque é que agora lhe agradava ser admirada. A única altura em que as suas atitudes tinham sido mais ou menos idênticas fora quando eles tinham deixado o circo, quando Jill tinha ficado indiferente aos olhares. Ele percebia que este seu actual autoconhecimento tinha nascido aí; ela não ficara verdadeiramente indiferente aos olhares masculinos. Debaixo das pressões de ajustar o Homem de Marte, ela encerrara uma parte da sua condição culturai, aquele grau de *prissiness* que uma enfermeira é capaz de reter apesar de uma profissão nada disparatada.

Mas Jill não soubera que possuía *prissiness* até a ter perdido. Por fim sentiu-se capaz de admitir perante si própria que havia algo dentro dela tão alegremente descarado como uma gata com cio.

Tentou explicar isto a Mike, apresentando a sua teoria das funções complementares do exibicionismo narcisista e do voyeurismo.

— A verdade, Mike, é que eu fiquei entusiasmada por ter homens a olharem pasmados para mim... montes de homens e quase qualquer homem. Por isso groco agora porque é que Duke gosta de fotografias de mulheres, quanto mais *sexy* melhor. Isto não quer dizer que eu queira ir para a cama com eles, tal como Duke não quer ir para a cama com uma fotografia. Mas quando eles olham para mim e me dizem... pensam de mim... que eu sou desejável, isso provoca-me um agradável formigueiro mesmo no meu centro. — Ela franziu ligeiramente o sobrolho. — Eu devia tirar uma fotografia mesmo muito devassa e enviá-la a Duke... para lhe dizer que lamento não ter grocado aquilo que eu pensei ser uma fraqueza dele. Se é uma fraqueza, também a tenho... à maneira de uma rapariga. Se é uma fraqueza, pois eu groco que não é.

— Está bem. Encontraremos um fotógrafo. Ela abanou a cabeça.

— Prefiro pedir desculpa. Não lhe ia mandar uma fotografia dessas; Duke nunca se fez a mim... e não quero que ele fique com ideias.

— Jill, tu não querias Duke?

Ela ouviu um eco de «irmão de água» no espírito de Mike.

— Hum... nunca pensei nisso. Acho que te tenha sido «fiel». Mas groco que tu falas correctamente; eu não correria com o Duke... e até o *apreciaria!* Que é que pensas *disto*, querido?

— Eu groco uma virtude — disse Mike seriamente.

— Hum... Meu galante marciano, existem alturas em que uma humana fêmea aprecia um pouco de ciúmes, mas acho que não há possibilidade nenhuma de tu vires alguma vez a grocar «ciúmes». Querido, que é que grocarias se algum daqueles espectadores se fizesse a mim?

Mike apenas sorriu.

— Groco que desapareceria.

— Eu groco que ele podia realmente desaparecer. Mas, Mike... escuta, querido. Tu prometeste que não farias nada dessa espécie, excepto em casos de extrema emergência. Se me ouvires gritar, e penetrares no meu espírito e verificares que eu estou metida em verdadeiros sarilhos, então é outro assunto. Mas eu já lidava com velhos lobos ainda tu estavas em Marte. Nove em dez vezes, se uma rapariga é violada, parte é culpa dela. Portanto não sejas impetuoso.

Lembrar-me-ei. E gostava que mandasses aquela fotografia devassa a Duke.

— O quê, querido? Se eu quiser fazer-me ao Duke... e sou capaz de o fazer, agora que me meteste essa ideia na cabeça —... preferia agarrá-lo pelos ombros e dizer: «Duke, que tal? Estou com vontade.» Não o quero fazer enviando-lhe uma fotografia como aquelas nojentas mulheres te costumavam mandar a ti. Mas se tu queres que eu o faça, de acordo.

Mike franziu o sobrolho.

— Se tu queres mandar ao Duke uma fotografia devassa, faz isso. Se não queres, então não faças. Mas eu gostava de ver essa fotografia devassa tirada. Jill, que é uma fotografia «devassa»?

Mike estava surpreendido com a mudança de atitude de Jill e continuava sem compreender a colecção de «arte» de Duke. Mas a ténue coisa marciana que se podia comparar com a tumultuosa sexualidade humana não lhe dava bases para grocar quer o narcisismo, quer o voyeurismo, ou a modéstia ou o exibicionismo. Acrescentou:

— «Devasso» significa uma pequena maldade, mas eu groco que tu não falaste numa maldade e sim numa virtude.

— Hum, uma fotografia devassa pode ser ambas as coisas, acho... dependendo para quem é que é... agora que estou livre do meu preconceito, Mas... vou ter de te mostrar; não te posso dizer. Fecha essas persianas, fechadas? — As persianas fecharam-se por si. — Está bem — disse ela. — Esta posição é apenas um pouco devassa: qualquer figurante a usaria como escolha profissional... e esta é ainda mais, por isso apenas algumas raparigas a usariam. Mas esta é claramente devassa... e esta é *bastante* devassa... e *esta* é tão extremamente devassa que eu não a faria nem com a minha cara embrulhada numa toalha... a menos que tu quisesses.

— Se a tua cara estava coberta porque é que haveria de querer?

— Pergunta ao Duke. É tudo o que posso dizer.

— Não groco maldade, não groco virtude. Groco... — Mike usou uma palavra marciana que indicava um estado nulo de todas as emoções.

Como ele estava confundido, continuaram a discutir o assunto, em marciano quando era possível por causa da extremamente pormenorizada descrição das emoções e dos valores desta língua — e em inglês porque o marciano não podia cooperar com os conceitos. Para destrinçar aquele mistério, Mike reservou uma mesa lateral naquela mesma noite, depois de Jill lhe ter ensinado como é

que havia de subornar o chefe de mesas. Jill entrou, pavoneando-se no primeiro número, sorrindo para toda a gente mas lançando uma piscadela a Mike. Descobriu que, com Mike presente, a agradável e reconfortante sensação que vinha a sentir todas as noites estava grandemente ampliada — ela suspeitou de que seria capaz de brilhar no escuro.

Quando as raparigas formaram um quadro, Mike estava a cerca de três metros de Jill: ela fora promovida a uma posição dianteira. O director tinha-a mudado no seu quarto dia de trabalho, dizendo: «Eu não sei o que é, pequena. Temos raparigas com duas vezes o teu corpo... mas tu tens aquilo que os clientes querem ver.»

Ela exibiu-se e falou com Mike no seu espírito. (*«Sentes alguma coisa?»*)

(«Eu groco, mas não em totalidade.»)

(«Olha para onde estou a olhar, meu irmão. Aquele baixinho. Ele treme. Ele está sequioso de mim.»)

(«Eu groco a sua sede.»)

(*«Estás a vê-lo?»*) Jill olhou o cliente aos olhos para aumentar o seu interesse e para deixar Mike usar os seus próprios olhos. Como o groque dela do pensamento marciano tinha aumentado, à medida que eles se iam cada vez mais aproximando tinham começado a usar esta vulgar conveniência marciana. Jill tinha ainda fraco controle disto; Mike era capaz de ver através dos seus olhos chamando-a simplesmente; ela só podia ver através dos olhos de Mike se este desse atenção.

(«Grocamo-lo juntos»), concordou Mike. («Grande sede pelo irmãozinho.»)

(«!!!»)

(«Sim. Bela agonia.»)

Uma deixa na música disse a Jill para prosseguir com o seu lento pavonear. Ela assim fez, movendo-se com sensualidade orgulhosa e sentindo a excitação aumentar em resposta às emoções

quer de Mike quer do estranho. A rotina fê-la caminhar em direcção do libidinoso estranho baixinho; continuou a fixá-lo nos olhos.

De repente aconteceu uma coisa que foi totalmente inesperada para ela, pois Mike nunca lhe explicara que fosse possível. Ela tinha estado a receber as emoções do estranho, provocando-o com os olhos e com o corpo, e retransmitindo o que ela sentia para Mike...

... quando subitamente se viu a si própria através dos olhos do estranho e sentindo toda a primitiva necessidade com a qual o estranho a via.

Ela tropeçou e teria caído se Mike não a tivesse apanhado, erguido, sustendo-a até ela poder caminhar sem ajuda, depois de ter desaparecido a segunda-visão.

A parada de belezas continuou até à saída. Fora do palco a rapariga que vinha atrás dela disse:

— Que é que aconteceu, Jill?

— Entalei o salto do sapato.

— Foi a mais fantástica recuperação que eu já vi. Parecias uma marioneta.

(... E era, querida!)

— Vou dizer ao responsável pelo palco para mandar verificar aquele sítio. Acho que deve haver um taco solto.

Durante o resto do espectáculo, Mike deu-lhe rápidos clarões de como ela era para vários homens, depois de se assegurar de que Jill já não era apanhada de surpresa. Jill estava atónita com a variedade das imagens: um reparava nas suas pernas, outro estava fascinado com as ondulações do seu torso, um terceiro via apenas o seu orgulhoso busto. Depois, Mike deixou-a olhar para outras raparigas do palco. Ela ficou aliviada ao verificar que Mike as via tal como ela as via — mas mais pormenorizadamente.

Mas ela ficou perplexa ao verificar que a sua excitação aumentava quando olhava através dos olhos de Mike para as outras raparigas.

Mike saiu durante o número final, à frente da multidão. Ela não esperava vê-lo outra vez naquela noite, uma vez que tinha pedido somente o tempo necessário para assistir ao seu espectáculo. Mas, quando regressou ao hotel, Jill sentiu-o, mesmo antes de entrar no quarto. A porta abriu-se, e fechou-se atrás dela.

— Olá, querido! — gritou. — Que bom teres vindo! Ele sorriu gentilmente.

— Agora groco as fotografias devassas. — As roupas de Jill desapareceram. — Faz fotografias devassas.

— Hã? Está bem, querido, claro. — Ela tornou a fazer várias poses, como fizera antes. Com cada uma delas, Mike deixava-a usar os seus olhos para que Jill se visse a si própria. Ela olhou e sentiu as emoções dele... e sentiu a sua própria excitação num eco mutuamente amplificado. Por fim, colocou-se na posição mais excitante que a sua imaginação conseguiu conceber.

— Fotografias devassas são uma grande virtude — disse Mike gravemente.

— Sim! E agora também as groco! De que é que estás à espera?

— Despediram-se dos seus empregos e foram assistir a todas as revistas da Strip. Jill viu que «grocava fotografias devassas» apenas através dos olhos de um homem. Se Mike prestava atenção, ela partilhava o seu estado de espírito, desde o prazer sensual até à plena excitação — mas se a atenção de Mike vagueava, o modelo, a bailarina ou *strip-teaser* eram apenas outra mulher. Ela pensou que isto era bom; ter descoberto nela próprias tendências lésbicas teria sido de mais.

Mas era divertido — «grande virtude» — ver raparigas através dos olhos de Mike... e uma virtude extática saber que, finalmente, ele olhava para ela da mesma maneira.

Mudaram-se para Palo Alto, onde Mike tentou «engolir» a Biblioteca Hoover. Mas nem os leitores podiam rodar assim tão

depressa, nem Mike podia voltar as páginas suficientemente depressa para os ler todos. Finalmente, Mike grocou que estava a adquirir dados mais depressa do que os podia grocar, mesmo passando em contemplação todas as horas em que a biblioteca estava fechada. Com alívio, Jill levou Mike para São Francisco e ele iniciou uma pesquisa sistemática.

Um dia, quando Jill voltava para o seu apartamento, foi encontrar Mike sem fazer nada, rodeado de livros, muitos livros: o *Talmude*, o *Kama-Sutra*, a *Bíblia* em diversas versões, *O Livro dos Mortos*, *O Livro dos Mórmones*, a preciosa cópia de Patty da *Nova Revelação*, vários apócrifos, o *Corão*, a versão integral de Golden Bough, *O Caminho*, *Ciência e Saúde com a Chave para as Escrituras*, as escrituras sagradas de uma dúzia de outras religiões mais ou menos importantes — até mesmo algumas raridades como o *Livro de Direito* de Crowley.

— Problemas, querido?

— Jill, eu não groco.

(«Esperar, Michael. Esperar pela totalidade.»)

— Acho que esperar não vai ajudar. Sei o que está mal; eu não sou um homem, sou um marciano... um marciano num corpo de forma errada.

— Tu tens muito de homem para mim, querido... e eu adoro a forma do teu corpo.

— Oh, tu grocas de que é que estou a falar. Eu não groco *peessoas*. Não compreendo esta multiplicidade de religiões. Entre o meu povo...

— O *teu* povo, Mike?

— Desculpa. Devia ter dito «entre os marcianos»... existe uma única religião; e não é uma fé, é uma certeza. Tu grocas. «Tu és Deus!»

— Sim — concordou Jill. — Eu groco realmente... em marciano. Mas, querido, isso não significa a mesma coisa em inglês. Não sei porquê.

— Hum... em Marte, quando precisávamos de saber qualquer coisa, perguntávamos aos Velhos e a resposta nunca era errada. Jill, é possível que nós, humanos, não tenhamos «Velhos»? Quero dizer, almas? Quando nos desincorporamos... *morremos... nós morremos*, morremos completamente... morremos em todo o lado e nada fica? Vivemos em ignorância porque isso não interessa? Porque desaparecemos sem deixar vestígio, num tempo tão curto que um marciano o usaria para uma longa contemplação? Diz-me Jill. Tu és humana.

Ela sorriu com sóbria serenidade.

— Tu próprio *me* disseste. Ensinaste-me a conhecer a eternidade e não podes tirar-me isso. Não podes morrer, Mike... apenas podes desincorporar-te. — Ela apontou para si própria com ambas as mãos. — Este corpo que me ensinaste a ver através dos teus olhos... e que tu tão bem soubeste amar, um dia desaparecerá. Mas eu não desaparecerei... *Eu sou aquilo que sou!* Tu és Deus e eu sou Deus e somos eternamente Deus. Não tenho a certeza onde estarei, ou se me lembrarei que fui em tempos Jill Boardman, uma rapariga que ficava feliz por pôr arrastadeiras e igualmente feliz por se pavonear mostrando o seu corpo debaixo de luzes brilhantes. Eu gostei deste corpo...

Com um gesto de impaciência pouco usual, Mike atirou para longe as suas roupas.

— Obrigado, querido — disse Jill. — Foi para mim um corpo agradável... e para ti... para nós ambos que pensámos nele. Mas não espero sentir a falta dele quando já não o possuir. Espero que tu me comas quando eu me desincorporar.

— Oh, eu comer-te-ei, está bem... a não ser que me desincorpore primeiro.

— Acho que isso não vai acontecer. Com o teu enorme controle desse teu doce corpo, suspeito que podes viver pelo menos vários séculos. A menos que escolhas desincorporar-te mais cedo.

— Talvez. Mas não agora. Jill, eu tentei e tentei. A quantas igrejas é que nós fomos?

— Fomos a todas em São Francisco, acho eu. Não me lembro quantas vezes fomos a serviços para «interessados».

— Isso é só para confortar a Pat; nunca lá voltaria a ir se tu não tivesses a certeza de que ela precisa de saber que nós não desistimos.

— Ela necessita realmente. Não podemos mentir: tu não sabes e eu não posso, não a Patty.

— Actualmente — admitiu Mike — os fosteritas têm muita gente. Todos eles enganados, claro. Eles tateiam às escuras... tal como eu fiz, como artista de circo. Eles nunca corrigirão os seus erros, porque isto... — fez com que o livro de Patty se erguesse —... é na sua maior parte lixo!

— Sim. Mas Patty não vê essas partes. Ela está envolvida em inocência. Ela é Deus e comporta-se de acordo com isso... só que Ela não sabe que é.

Hum, hum — concordou ele. — É isso a nossa Pat. Só acreditará nisso quando eu lho disser, com a ênfase adequada. Mas, Jill, existem apenas três locais para olhar. A ciência... e eu aprendi mais sobre a forma como o universo gira enquanto ainda estava no ninho do que aquilo que os cientistas humanos sabem. Tanto que nem sequer posso falar com eles sobre uma coisa tão elementar como é a levitação. Não estou a menosprezar os cientistas. O que eles fazem é como deve ser feito; eu groco isso completamente. Mas aquilo que eles procuram *não* é o que *eu* procuro; não se groca um deserto contando os seus grãos de areia. Depois vem a filosofia... que se pressupõe resolver tudo. Resolve? Tudo o que qualquer filósofo diz é aquilo que ele próprio experimentou... excepto aqueles que se enganam a si próprios e provam as suas suposições com as suas próprias conclusões. Como Kant. E outros. Portanto a resposta devia estar *aqui*. — Ele acenou para as pilhas de livros. — Só que *não* está. Alguns bocados que grocam verdade, mas nunca um padrão... ou, se existe, eles dizem-te para admitir a parte difícil através da fé. *Fé!* Que monossílabo obsceno! Jill, porque é que não mencionaste esta palavra quando me estavas a ensinar as pequenas

palavras que não devem ser usadas em companhia educada? Ela sorriu.

— Mike, fizeste uma piada.

— Eu não o queria dizer como piada... e não vejo o que há de engraçado nisto. Jill, nem sequer tenho sido bom para *ti*: tu costumavas rir. Eu não aprendi a rir; em vez disso, tu esqueceste-te. Em vez de ser eu a tornar-me humano... tu transformaste-te em marciano.

— Eu sou feliz, querido. Provavelmente não notaste o meu riso.

— Se tu tivesses rido com vontade lá em baixo, na Market Street, eu teria ouvido. Eu groco. Depois de ter deixado de me assustar com isso, noto-o sempre... especialmente em ti. Se eu o grocasse, grocaria também as «pessoas»... penso. Então poderia ajudar alguém como, por exemplo, Pat... ensinar-lhe o que sei e aprender o que ela sabe. Podíamos compreendermo-nos mutuamente.

— Mike, tudo que precisas de fazer por Patty é ir vê-la de vez em quando. Porque é que não vamos, querido? Vamos sair deste triste nevoeiro. Ela está em casa dela agora; o circo está fechado para a estação. Vamos para o Sul e vamos visitá-la... e eu sempre quis conhecer a Baixa Califórnia; podíamos ir para o Sul, onde o tempo está mais quente, e levamo-la conosco, isso seria muito divertido!

— Está bem. Ela levantou-se.

— Deixa-me ir buscar um vestido. Queres guardar estes livros? Podia enviá-los para Jubal.

Ele estalou os dedos e tudo desapareceu, menos a oferta de Patricia.

— Levamos aquele; a Pat notaria. Mas, Jill, agora preciso de ir ao zoológico.

— De acordo.

— Quero cuspir para um camelo e perguntar-lhe porque é que ele está irritado. Talvez os camelos sejam os «Velhos» deste planeta... e talvez seja isso o que está errado neste lugar.

— Duas piadas num só dia, Mike.

— Não estou a rir. Nem tu. Nem o camelo. Talvez ele groque porquê. Este vestido está bem? Queres roupas interiores?

— Por favor, querido. Está fresco.

— Com certeza. — Mike levitou-a cerca de meio metro. — Cuecas. Meias. Cinto de ligas. Sapatos. Agora vais descer e levanta os braços. *Soutien?* Não precisas. Agora este vestido... e eis-te decente. E bonita, seja lá o que isso for. Estás com bom aspecto. Talvez consiga arranjar emprego como criada de senhora, se não servir para mais nada. Banhos, champôs, massagens, penteados, maquiagem, vestidos para todas as ocasiões... até aprendi a arranjar-te as unhas. Estará bem assim, madame?

— Tu és uma criada de quarto perfeita, querido.

— Sim, groco que sou. Estás tão bem que acho que vou deitar tudo isso fora e dar-te uma massagem. Do estilo de aproximação.

— Sim, Michael!

— Pensei que tinhas aprendido a esperar. Primeiro tens de me levar ao zoológico e comprar-me amendoins.

— Está bem, Mike.

Estava um frio ventoso no Parque de Golden Gate, mas Mike não o notou e Jill tinha aprendido a não sentir frio. Mas foi agradável relaxar o seu controle na quente aldeia dos macacos. Tirando o calor, Jill não gostava da jaula dos macacos: os macacos e os gorilas eram depressivamente humanos. Ela pensava estar livre para sempre de qualquer *prissiness*; aprendera a dedicar uma alegria ascética, quase marciana, a todas as coisas físicas. As cópulas públicas destes símios não a ofendiam; estas pobres criaturas encurraladas não possuíam privacidade, não estavam em falta. Ela podia observar, sem repugnância, a sua própria indiferença. Não, o que acontecia é que eles eram «Humanos, todos Demasiado

Humanos»: todas as ações, todas as expressões, todos os olhares confundidos e preocupados lhe lembravam aquilo de que ela menos gostava na raça humana.

Jill preferia a Casa dos Leões: os grandes machos, arrogantes mesmo no cativeiro, o plácido afecto maternal das grandes fêmeas, a beleza senhorial dos tigres de Bengala, com a selva saindo dos seus olhos, os pequenos leopardos vivos e frágeis, o vestígio de almíscar que o ar condicionado não conseguia desvanecer. Mike compartilhava dos seus gostos; teriam passado horas no aviário, ou no palácio dos répteis ou observando as focas — uma vez ele dissera-lhe que, se uma pessoa tinha de nascer nesta planeta, ser um leão-do-mar seria uma grande virtude.

Da primeira vez que Mike vira um zoológico ficara muito perturbado; Jill foi forçada a ordenar-lhe que esperasse e grocasse, pois ele estivera prestes a libertar os animais. Presentemente aceitava que muitos deles não podiam viver onde ele se propusera soltá-los: um zoológico era uma espécie de ninho. Completou este pensamento com horas de retiro espiritual, depois do que nunca mais ameaçou tirar as grades, os vidros ou as grelhas. Explicou a Jill que as grades estavam ali mais para afastar as pessoas do que para prender os animais lá dentro, coisa que ele não conseguira grocar da primeira vez. Depois disso, Mike nunca perdia um zoológico onde quer que fossem.

Mas hoje, nem mesmo a misantropia dos camelos era capaz de modificar o estado de espírito de Mike. Nem os macacos ou os gorilas foram capazes de o animar. Pararam em frente de uma jaula contendo uma família de capuchinhos, vendo-os comer, dormir, namorar, catarem-se, tratarem-se e movendo-se desorientados, tentando apanhar os amendoins que Jill lhes atirava.

Ela atirou um a um dos capuchinhos; antes que ele o pudesse comer um macho maior não só lhe roubou o seu amendoim como também lhe deu uma sova. O sujeitinho não fez qualquer tentativa para perseguir o seu algoz; apoiou as suas patas no chão e rangeu os dentes com uma raiva incomensurável. Mike observava solenemente.

Subitamente, o macaco maltratado correu através da gaiola, escolheu um macaco ainda mais pequeno, virou-o e deu-lhe uma tarefa ainda pior que aquela que tinha sofrido. O terceiro macaco afastou-se, arrastando-se e choramingando. Os outros macacos não prestaram atenção.

Mike atirou a cabeça para trás e riu — e continuou a rir, incontrolavelmente. Arquejou, começou a tremer e deixou-se cair no chão, ainda a rir.

— Pára, Mike!

Ele parou de se contorcer, mas as suas gargalhadas continuaram. Um empregado precipitou-se para eles.

— Senhora, precisa de ajuda?

— Pode chamar-nos um táxi? Terrestre, aéreo, qualquer coisa... tenho de o levar daqui. — Jill acrescentou: — Ele não está bem.

— Uma ambulância? Parece que ele está a ter um ataque.

— Qualquer coisa! — Alguns minutos mais tarde ela levou Mike para um táxi aéreo pilotado. Deu a morada, e em seguida disse aflitivamente: — Mike, escuta-me! Acalma-te.

Ele acalmou-se um pouco mas continuou a rir baixinho, para logo a seguir tornar a rir alto e de novo rir baixinho, enquanto ela lhe limpava os olhos, durante todos os minutos que levou a chegarem a casa. Ela meteu-o lá dentro, despiu-o e fê-lo deitar-se.

— Está tudo bem, querido, entra em transe se quiseres.

— Estou bem. Finalmente, estou bem.

— Espero que sim. — Jill suspirou. — Pregaste-me um susto, Mike.

— Desculpa, irmãozinho. Também eu fiquei assustado da primeira vez que ouvi rir.

— Mike, que é que aconteceu?

— Jill... eu groco pessoas!

— Hã? («???»)

(«Falo correctamente, irmãozinho. Eu groco.»)

— Eu groco agora as pessoas, Jill... Irmãozinho... minha preciosa querida... meu diabinho com lindas pernas e lindo, sensual, lascivo, libidinoso, licencioso libido... de lindas maminhas e traseiro atrevido... de voz suave e mãos gentis. Meu querido bebê.

— Michael!

— Oh, eu conhecia as palavras; simplesmente não sabia quando e como empregá-las... nem porque é que tu querias que eu as dissesse. Amo-te, meu amor: agora também groco o «amor».

— Sempre grocaste. E eu amo-te... seu macaquinho. Meu querido.

— «Macaquinho», sim. Vem cá, macaquinha, encosta a tua cabeça ao meu ombro e diz-me uma piada.

— Apenas dizer-te uma piada?

— Bem. nada mais, além de te chegares para mim. Conta-me uma piada que eu nunca tenha ouvido e vê se eu rio na devida altura. Eu rir-me-ei, tenho a certeza... e dir-te-ei *porque é* que é engraçada. Jill *eu groco as pessoas!*

— Mas como, querido? És capaz de me dizer? É preciso falar em marciano, ou por telepatia?

— Não, é aí que bate o ponto. Eu groco as pessoas. Eu *sou* uma pessoa... portanto, agora posso dizê-lo na língua das pessoas. Descobri porque é que as pessoas riem. Riem porque isso dói... porque é a única coisa que fará com que deixe de doer.

Jill estava confusa.

— Talvez seja eu a única que não é pessoa. Não compreendo.

— Ah, mas tu és uma pessoa, macaquinha. Tu groca-lo tão automaticamente que não tens de pensar nisso. Porque cresceste entre pessoas. Mas eu não. Eu fui como um cachorrinho educado à parte dos cães, que não pode ser como os seus donos e que nunca aprendeu a ser cão. Portanto tive de ser ensinado. O irmão Mahmoud ensinou-me, Jubal ensinou-me, montes de pessoas

ensinaram-me... e tu ensinaste-me a maior parte de tudo. Hoje recebi o meu diploma... e ri. Pobre macaquinho.

— Qual deles, querido? Pensei que o grande fosse apenas mau... e o outro a quem eu atirei o amendoim acabou por ser igualmente mau. Não se passou ali nada que fosse divertido.

— Jill, Jill, minha querida! Ficou muita coisa de marciano gravado em ti. Claro que não foi engraçado; foi trágico. Foi por isso que tive de rir. Olhei para uma jaula cheia de macacos e subitamente descobri todas as coisas más, cruéis e terrivelmente inexplicáveis que vi, ouvi e li na altura em que estive com o meu próprio povo... e subitamente isso doeu-me tanto que dei comigo a rir.

— Mas... Mike querido, rir é aquilo que uma pessoa faz quando alguma coisa é agradável... não quando é horrível.

— E? Pensa em Las Vegas, quando vocês, raparigas, apareceram no palco, as pessoas riram-se?

— Bem... não.

— Mas, vocês, raparigas, eram a parte mais agradável do espectáculo. Groco, agora, que se eles se tivessem rido, tu terias ficado magoada. Não, eles riram quando um cómico tropeçou e caiu... ou qualquer outra coisa que não seja uma virtude.

— Mas as pessoas não se riem apenas disso.

— Não? Talvez eu ainda não tenha grocado isto em toda a sua complexidade. Mas vê se me encontras alguma coisa que te faça rir, querida... uma piada, qualquer coisa... mas uma coisa que te faça dar uma boa gargalhada, não um sorriso. Depois, veremos se não existe uma maldade em qualquer lado, e se tu ririas se não existisse essa maldade. — Mike pensou um momento. — E eu groco que, quando os macacos aprenderem a rir, transformar-se-ão em pessoas.

— Talvez. — Duvidosa mas honestamente, Jill começou a procurar na sua memória piadas que lhe tivessem parecido irresistivelmente engraçadas, ou quaisquer outras que lhe tivessem arrancado uma gargalhada:

«... completamente a cana do nariz.» «Devo fazer uma vénia?...» «Nem uma, seu idiota: ao contrário!...» «... o chinês protesta.» «... partiu a perna.» «... Faz-me diferença a mim!...» «... mas isso vai estragar-me o passeio.» «... e a sogra dele desmaiou.» «... Dever-te? Aposto três contra um em como és capaz!» «... aconteceu alguma coisa a Ole.» «... e tu também és, seu desastrado!»

Jill desistiu de histórias engraçadas, concluindo que essas eram apenas fantasias, e tentou recordar-se de incidentes verdadeiros. Gracejos para provocar o riso à custa de alguém? Todos eles davam razão à tese de Mike, mesmo aqueles tão ingénuos como um espelho de distorcer imagens; e quando chegou a vez das piadas do hospital... os internos dos hospitais deviam estar dentro de jaulas. Que mais? Quando a Elsa Mae perdeu as cuecas? Isso não tinha sido engraçado para a Elsa Mae. Ou o...

Jill disse sombriamente

— Aparentemente, o mal dos outros é a essência de todo o humor. Isso não é um bonito retrato da raça humana, Mike.

— Oh, mas é!

— Hã?

— Eu pensava... tinham-me dito... que uma coisa engraçada é uma coisa boa. Não é. E nunca é engraçada para a pessoa a quem isso acontece. Como aquele xerife sem calças. A virtude está no próprio riso. Eu groco que ele é um acto de bravura... e uma partilha... contra a dor, a pena e a derrota.

— Mas... Mike, não é uma virtude rirmo-nos *das* pessoas.

— Não. Mas eu não me estava a rir do macaquinho. Estava a rir-me de *nós*. Pessoas. E subitamente vi que eu era uma pessoa e não fui capaz de parar de rir. — Fez uma pausa. — Isto é difícil de explicar, porque tu nunca viveste como um marciano, apesar de tudo o que eu te contei sobre isso. Em Marte *nunca* há nada de que nos rirmos. Todas as coisas que são engraçadas para nós, humanos, ou não podem acontecer em Marte, ou não são permitidas... querida, aquilo que vocês chamam «liberdade» não existe em Marte; tudo é

planeado pelos Velhos... ou, então, as coisas que acontecem *realmente* em Marte, das quais nos rimos na Terra, não são engraçadas porque nelas não existe maldade. A morte, por exemplo.

— A morte não é engraçada.

— Então porque é que existem tantas anedotas sobre a morte? Jill, para nós... nós, humanos... a morte é tão triste que *temos* de nos rir dela. Todas estas religiões... contradizem-se umas às outras em todos os pontos, mas todas elas estão cheias de maneiras para ajudarem as pessoas a serem suficientemente corajosas para rir, embora saibam que estão a morrer. — Deteve-se e Jill sentiu que ele quase entrara em transe. — Jill, será possível que eu as tenha entendido de forma errada? Será possível que *qualquer uma* de *todas* as religiões seja verdade?

— Hã? Como é que isso pode ser? Mike, se uma é verdadeira, então as outras são falsas.

— Sim? Aponta para qualquer direcção à volta do universo. Não interessa para onde apontes... e estarás a apontar de novo para ti.

— Bem, o que é que isso prova? Tu ensinaste-me a resposta verdadeira, Mike. «Tu és Deus.»

— E tu és Deus, minha adorada. Mas esse facto principal que não depende da fé pode querer dizer que todas as fés são verdadeiras.

— Bem... se todas elas são verdadeiras, então quero adorar Siva, imediatamente. — Jill mudou de assunto com enfática ação.

— Minha pagãzita — disse Mike suavemente. — Eles vão correr-te para fora de São Francisco.

— Mas nós vamos para Los Angeles... onde isso não será notado. *Oh!* Tu és Siva!

— Dança, Cali, dança!

Durante a noite Jill acordou e viu-o à janela, olhando para a cidade. («*Problemas, meu irmão?*») Mike voltou-se.

— Não há *necessidade* de que eles estejam tão infelizes.

— Querido, querido! Devia ter-te levado para casa. Esta cidade não é boa para ti.

— Mas continuaria a saber da sua existência. Dor, doença, ira e luta: não há necessidade de nada disto. É tão idiota como aqueles macaquinhos.

— Sim, querido. Mas tu não tens culpa...

— Ah, mas *tenho!*

— Bem... nesse sentido, sim. Mas não é apenas esta cidade; são cinco bilhões de pessoas ou mais. Não podes ajudar cinco bilhões de pessoas.

— Não sei.

Ele aproximou-se e sentou-se ao lado dela.

— Groco-os agora, posso falar com eles. Jill, eu podia preparar o nosso número e fazer os espectadores rirem a cada minuto. Tenho a certeza.

— Então porque não o fazes? Patty ficaria contente, e eu também. Eu gostava de estar com o circo... e agora que partilhámos água com a Patty, seria como estarmos em casa.

Ele não respondeu. Jill sentiu o seu espírito e sabia que ele estava a contemplar, tentando grocar. Esperou.

— Jill, que eu tenho de fazer para ser ordenado?

QUARTA PARTE - A SUA ESCANDALOSA CARREIRA

XXX

O primeiro carregamento misto de colonos chegou a Marte; seis de dezessete sobreviventes dos vinte e três originais voltaram para a Terra. Os futuros colonos treinaram no Peru a uma altitude de 4800 metros. O presidente da Argentina deslocou-se uma noite para Montevideo, levando duas malas; o novo presidente encetou um processo de extradição perante o Supremo Tribunal para o trazer de volta, ou, pelo menos as malas. As últimas exéquias de Alice Douglas foram efectuadas em privado na Catedral Nacional com dois milhares de assistentes; os comentadores elogiaram a fortaleza de espírito com que o secretário-geral encarou o seu falecimento. Uma égua de três anos, chamada *Inflação*, carregando 126 libras-peso, ganhou o Derby de Kentucky pagando cinquenta e quatro para um; dois convidados da Colónia Airtel, em Louisville, desincorporaram-se, um voluntariamente, outro por falha do coração.

Uma edição clandestina da não autorizada biografia *O Diabo e o Reverendo Foster* apareceu por todos os Estados Unidos; ao cair da noite todas as cópias foram queimadas e as chapas destruídas, mutilações e simples assaltos. Correu o boato de que o Museu Britânico possuía uma cópia da primeira edição (falso), assim como a Biblioteca do Vaticano (verdadeiro, mas apenas acessível aos eruditos da igreja).

Foi introduzida na legislatura do Estado de Tenessi um decreto-lei para tornar «pi» igual a três; recebeu parecer desfavorável pela comissão para a educação pública e costumes, passou sem objecção pela Câmara Baixa e morreu na Câmara Alta. Um grupo fundamentalista interigrejas abriu uma agência em Van Buren, Arcansas para recolher fundos para enviar missionários aos Marcianos; o Dr. Jubal Harshaw fez um donativo mas enviou-o em

nome (e com a morada) do editor do *New Humanist*, ateu fanático e seu amigo íntimo.

Fora isto, Jubal tinha pouco com que se animar — demasiadas notícias sobre Mike. Guardava como um tesouro as visitas a casa de Mike e Jill e estava muito interessado nos progressos de Mike, especialmente depois de Mike ter desenvolvido o sentido de humor. Mas eles agora vinham muito poucas vezes, e Jubal não apreciava os últimos acontecimentos.

Jubal não ficara preocupado quando Mike foi corrido *do Seminário da União Teológica*, perseguido por um bando de teólogos, alguns dos quais estavam furiosos porque acreditavam em Deus e outros porque não acreditavam: mas eram unânimes em detestar o Homem de Marte. Jubal aprovara qualquer coisa que acontecesse a um teólogo, excepto submetê-lo ao suplício da roda — e a experiência era boa para o rapaz; para a próxima vez saberia melhor como proceder.

Igualmente não se preocupara quando Mike (com a ajuda de Douglas) se tinha alistado sob um nome falso nas forças armadas da Federação. Tinha a certeza de que nenhum sargento era capaz de provocar a Mike aborrecimentos permanentes, e Jubal não estava preocupado com o que pudesse acontecer aos soldados da Federação: irreconciliável velho reaccionário, Jubal queimara a sua honrosa caderneta militar e tudo o que vinha com ela no dia em que os Estados Unidos deixaram de ter as suas próprias forças.

Jubal ficou surpreendido por verificar quão poucas carnificinas Mike tinha criado como «Soldado Jones» e por quanto tempo ele aí ficou: quase três semanas. Mike corou a sua carreira militar apoderando-se do período de perguntas e respostas que se seguiu a uma conferência, para pregar a inutilidade da força (com comentários sobre a necessidade de reduzir o excesso de população através do canibalismo), em seguida ofereceu-se como teste animal para qualquer arma de qualquer natureza para provar que a força não só era desnecessária como também *impossível* quando empregada contra uma pessoa autodisciplinada.

Eles não aceitaram a sua oferta; correram com ele. Douglas autorizou Jubal a ver um relatório supersecreto depois de o ter avisado de que nem sequer o chefe supremo do Estado-Maior sabia que o «Soldado Jones» era o Homem de Marte. Jubal viu os muito conflituosos relatórios quanto ao que acontecera quando «Jones» tinha sido treinado no uso de armas; a coisa surpreendente para Jubal era que algumas testemunhas tiveram a coragem de declarar sob juramento que tinham visto armas desaparecer.

Jubal leu cuidadosamente o último parágrafo: «Conclusão: o dito homem é um hipnotista natural e poderia ser útil em inteligência, mas não é qualificado para nenhum ramo de combate. Contudo, o seu baixo coeficiente de inteligência (anormal), a sua extremamente baixa classificação geral, e as suas tendências paranóicas (ilusões de grandeza) tornam desaconselhável explorar o seu talento de *idiot-savant*. Recomendações: reserva, inaptidão — sem pensão nem benefícios.»

Mike conseguira divertir-se. Na parada no seu último dia, enquanto o pelotão de Mike era passado em revista, o comandante-geral e os seus oficiais estavam extremamente empenhados na distribuição de um simbólico produto final a todos os soldados, mas que já não era muito usado ao nível de paradas. Este depósito desapareceu, não deixando nada senão um odor e uma crença na hipnotização das massas. Jubal pensou que decididamente Mike tinha um gosto atroz em fazer gracejos à custa dos outros. Em seguida lembrou-se de um incidente na escola médica envolvendo um cadáver e o deão... Jubal tinha usado luvas de borracha e uma coisa boa, também!

Jubal apreciou a ingloria carreira militar de Mike porque Jill passava o tempo em casa. Quando Mike voltou a casa depois de isso ter acabado, não pareceu aborrecido com o seu falhanço; vangloriou-se a Jubal de que tinha obedecido aos desejos de Jill e não tinha feito desaparecer *ninguém*, apenas algumas coisas inanimadas... embora, tal como Mike o grocava, tivesse havido alturas em que a Terra poderia ter-se tornado num lugar melhor se

Jill não tivesse esta fraqueza. Jubal não discutiu; também ele tinha uma longa lista de «Mortos era melhor».

As maneiras únicas usadas por Mike para amadurecer estavam correctas; Mike era único. Mas esta última coisa — «Reverendo Doutor Valentine Michael Smith, A. B., D. D., Ph. D., Fundador e Pastor da Igreja de Todos os Mundos, Inc.» —, caramba! Já era suficiente mau que o rapaz tivesse decidido ser um Zé Sagrado em vez de deixar as almas das outras pessoas em paz, como um cavalheiro devia fazer. Mas aqueles diplomas de graduação... Jubal queria esclarecer o caso.

O pior era que Mike declarava que tirara a ideia de algo que Jubal tinha dito sobre o que era uma igreja e sobre o que ela podia fazer. Jubal admitiu que poderia ter dito isso, embora não se lembrasse.

Mike tinha sido desconfiado quanto à operação: alguns meses de residência num colégio de uma seita, muito pequeno e muito pobre, um grau de bacharel atribuído por exame, uma «chamada» para o seu sacerdócio seguido de ordenação nesta seita reconhecida mas desconhecida, uma dissertação de doutoramento sobre religiões comparadas, a qual era uma maravilha de erudição embora não chegasse a quaisquer conclusões, a atribuição do doutoramento «adquirido» coincidindo com um legado (anónimo) a esta escola muito necessitada, o segundo doutoramento (honorário) por «contribuições para o conhecimento interplanetário» atribuído por uma universidade que devia ter sabido melhor que ninguém que quando Mike deixou que tal fosse conhecido, isso era o seu preço por aparecer numa conferência sobre estudos do sistema solar. O Homem de Marte recusara anteriormente toda a gente desde Caltech ao Instituto Kaiser Wilhelm; Harvard não resistiu ao engodo.

Bem, eles eram tão inúteis como o era agora a sua bandeira, pensou Jubal cinicamente. Mike passou algumas semanas como capelão assistente na igreja onde tinha estudado; depois rompeu com a igreja, num cisma, e fundou a sua própria igreja. Completamente pura, hermeticamente fechada, tão venerável em

precedente como Martinho Lutero — e tão agoniativa como o lixo da semana passada.

Jubal foi despertado do seu preocupante sonho por Miriam.

— Patrão! Companhia!

Jubal levantou o olhar e viu um carro prestes a aterrar.

— Larry, vai buscar a minha espingarda; juro que atiro no próximo idiota que se atrever a aterrar em cima das minhas roseiras.

— Ele está a aterrar na relva, patrão.

— Diz-lhe para tentar outra vez. Apanhamo-lo na próxima tentativa.

— Parece que é o Ben Caxton.

— E é mesmo. Olá, Ben! Que é que bebes?

— Nada, sua má influência profissional. Preciso de falar contigo, Jubal.

— Está a falar. Dorcas, vai buscar um copo de leite morno para Ben. Ele está doente.

— Sem muita soda — emendou Ben. — Conversa privada, Jubal.

— Está bem, vamos para o meu estúdio... embora se souberes como esconder alguma coisa destas raparigas, ensina-me o teu método. — Depois de Ben ter acabado de cumprimentar propriamente (e pouco higienicamente, em três casos) os membros da família, apressaram-se a subir as escadas.

Ben disse:

— Com os diabos! Estou perdido?

— Oh. Não tinhas visto a nova ala. Dois quartos e outra casa de banho lá em baixo... e aqui, a minha galeria.

— Estátuas que chegam para encher um cemitério!

— Por favor, Ben. «Estátuas» são políticos mortos. Isto é «escultura». Faz o favor de falar num tom respeitoso antes que eu

me torne violento. Aqui estão réplicas de algumas das maiores esculturas que este mundo perverso produziu.

— Bem, *esta* coisa hedionda já tinha visto antes... mas quando é que adquiriste o resto deste lastro?

Jubal falou com a réplica de *A Bela Heulmière*.

— Não ouças, *ma petite chère*: ele é um bárbaro e não percebe nada. — Jubal pôs a mão na sua bela e destruída face, depois tocou gentilmente um seio vazio e magro. — Eu sei como te sentes... não aguentas muito mais. Paciência, meu amor. — Virou-se para Caxton e disse friamente: — Ben, vais ter de esperar até que eu te dê uma lição sobre o modo de olhar para uma escultura. Foste grosseiro com uma senhora. Não tolero isso.

— Hã? Não sejas pateta, Jubal; tu és grosseiro para com as senhoras... *vivas*... uma dúzia de vezes por dia.

Jubal gritou:

— *Anne!* Cá em cima! Veste a tua túnica!

— Sabes que eu não seria grosseiro para com a velha mulher que pousou para isso. O que eu não posso compreender é que um autodenominado artista ponha a rapariga a pousar para uma bisavó de alguém em pelota... e que tu tenhas o mau gosto de a ter aqui.

Anne entrou, com a túnica vestida. Jubal disse:

— Anne, alguma vez fui grosseiro para contigo? Ou para qualquer uma das raparigas?

— Isso exige uma opinião.

— E isso que eu te estou a pedir. Não estás nos Tribunal.

— Nunca foi rude para nenhuma de nós, Jubal.

— Alguma vez soubeste que eu tinha sido grosseiro para uma senhora?

— Vi-o ser intencionalmente grosseiro para com uma mulher. Nunca o vi ser grosseiro para com uma senhora.

— Mais uma opinião. Que é que pensas deste bronze? Anne olhou para a obra-prima de Rodin e disse lentamente:

— Quando a vi pela primeira vez, pensei que era horrível. Mas cheguei à conclusão de que ela pode ser a coisa mais bela que vi em toda a minha vida.

— Obrigado. É tudo. — Anne saiu. — Queres discutir, Ben?

— Hã? Quando discutir com a Anne, nesse dia mando virar a casaca. Mas não a groco.

— Escuta-me, Ben. Qualquer pessoa pode ver uma rapariga bonita. Um artista pode olhar para uma rapariga bonita e ver a velha mulher em que ela se transformará. Um artista melhor pode olhar para uma mulher velha e ver a bonita rapariga que ela era. Um *grande* artista pode olhar para uma mulher velha, retratá-la *exactamente* como ela é... e forçar o espectador a ver a bonita rapariga que ela era... Mais do que isso, ele pode fazer com que qualquer pessoa com a sensibilidade de um armadilho veja que essa bela e jovem rapariga está ainda viva, prisioneira dentro do seu corpo arruinado. Pode fazer com que tu sintas a silenciosa e infinita tragédia de nunca ter existido uma rapariga que tivesse envelhecido para além dos seus dezoito anos... independentemente do que lhe fizeram as horas impiedosas. Olha para ela, Ben. Envelhecer não interessa para mim nem para ti: mas *interessa* para elas. *Olha para ela!* — Ben olhou para ela. Nesse momento Jubal disse rudemente:

— Está bem, assoa-te. Vem sentar-te.

— Não — respondeu Caxton. — E esta? Vejo que é uma rapariga. Mas por quê esborrachá-la para que ela se pareça com um *pretzel*?

Jubal olhou para a réplica da Cariátide Caída Debaixo da Sua Pedra.

— Não espero que aprecies a quantidade de coisas que fazem desta figura muito mais que um *pretzel*; mas podes apreciar o que Rodin queria dizer com ela. Que é que as pessoas sentem quando olham para um crucifixo?

— Sabes que eu não vou à igreja.

— Apesar disso, debes saber que as representações da Crucificação são geralmente horríveis... e as que estão nas igrejas são as piores... sangue que parece *ketchup* e aquele ex-carpinteiro retratado como se fosse um homossexual... o que Ele certamente não era. Era um homem robusto, saudável e musculoso. Mas uma retratação pobre é tão eficaz para a maior parte das pessoas como uma boa. Eles não vêem defeitos; vêem um símbolo que inspira as suas mais profundas emoções; recorda-lhes a Agonia e o Sacrifício de Deus.

Jubal, pensava que não eras cristão.

— Isso faz com que eu seja cego às emoções? O mais modesto crucifixo de gesso pode evocar no coração humano emoções tão fortes que muitos morreram por as sentir. A arte com que tal símbolo é feito é irrelevante. Aqui temos outro símbolo emocional, mas feito com arte exímia. Ben, durante três milhares de anos, os arquitectos desenharam edifícios com colunas com forma de mulher. Finalmente, Rodin chamou a atenção para o facto de isso ser um trabalho demasiado pesado para uma rapariga. Ele não disse: «Olhem, seus brutamontes, se têm de fazer isto, façam-no com uma forte figura de macho.» Não, ele *mostrou-o*. Esta pobre cariátide caiu sob a sua carga. Ela é uma boa rapariga: olhou para o seu rosto. Sério, infeliz pelo seu falhanço, não censurando ninguém, nem sequer os deuses... e continuando a tentar erguer a sua carga, depois de ter sido esmagada por ela.

»Mas ela é mais do que boa arte denunciando má arte; ela é um símbolo para todas as mulheres que alguma vez suportaram uma carga demasiado pesada. Mas não só mulheres: este símbolo significa todo o homem e toda a mulher que suaram a vida inteira com uma fortaleza de espírito resignada, até caírem debaixo dos seus fardos. Ela é coragem, Ben, e vitória.

— «Vitória»?

— Vitória na derrota, não há outra maior. Ela não desistiu, Ben; continua a tentar levantar a sua pedra depois de essa mesma pedra a ter esmagado. Ela é um pai que trabalha para trazer para casa

mais um salário enquanto o cancro lhe consome as entranhas. Ela é uma menina de doze anos tentando ser mãe dos seus irmãos porque a mamãe foi para o Céu. Ela é uma operadora de um quadro de distribuição agarrada ao seu posto enquanto o fumo a sufoca e o fogo lhe corta a saída. Ela é todos os heróis não cantados que não conseguiram os seus feitos, mas que nunca desistem. Vem. Saúda-as à medida que vais avançando e vem ver a minha Sereiazinha.

Ben levou-o à letra; Jubal não fez comentários.

— Agora esta — disse — é uma que Mike não me deu. Não disse a Mike porque é que a queria... uma vez que é autoevidente que é uma das mais deliciosas composições alguma vez forjadas pela vista e pela mão do homem.

— Para esta não preciso de explicação: é *bonita!*

— O que é desculpa suficiente, tal como com os gatinhos e as borboletas. Mas há mais. Ela não é totalmente uma sereia (vês?) nem é humana. Ela senta-se na terra, onde escolheu ficar... e olha eternamente para o mar, para sempre solitária devido ao que deixou. Conheces a história?

— Hans Christian Andersen.

— Sim. Ela senta-se na enseada de Kobenhavn... e representa todas as pessoas que alguma vez fizeram uma escolha difícil. Ela não o lamenta, mas tem de pagar por essa escolha; toda a escolha tem de ser paga. O preço não é apenas uma saudade infinita do lar. Nunca poderá ser completamente humana; quando usa os pés por ela comprados a alto preço, cada passo é dado em cima de facas pontiagudas. Ben, eu acho que Mike caminha sempre em cima de facas... mas não lhe digas que eu disse isto.

— Não direi. Prefiro olhar para ela e não pensar nas facas.

— Ela é uma queridinha, não é? Que tal te saberia se a levasses para a cama? Ela seria tão viva como uma foca, e igualmente escorregadia.

— Caramba! Tu és um velho diabólico, Jubal.

— E estou a tornar-me mais diabólico de ano para ano. Não vamos ver mais nenhuma; normalmente não vejo mais de que uma por dia.

— Está bem. Sinto-me como se tivesse tomado rapidamente três bebidas. Jubal, porque é que material deste não está num lugar onde toda a gente o possa ver?

— Porque o mundo enlouqueceu e a arte ilustra sempre o espírito dos seus tempos. Rodin morreu mais ou menos na altura em que o mundo começou a sacudir a sua tampa. Os seus sucessores notaram as coisas fantásticas que ele tinha feito com luz, sombra e material e composição e copiaram essa parte. O que eles não conseguiram ver foi que o mestre contava histórias que revelavam o coração humano. Desdenharam pintar ou esculpir essas histórias... e apelidaram tal trabalho de «literário». Partiram todos para as abstrações. — Jubal encolheu os ombos. — O desenho abstracto está correcto: para papel de paredes ou para linóleos. Mas a *arte* é o processo de evocar piedade e terror. O que os artistas modernos fazem é masturbação pseudo-intelectual. Arte criativa é uma relação sexual em que o artista emociona a sua audiência. Estas senhoras que não se dignarão fazer isso... ou não podem... perderam o público. O indivíduo vulgar não comprará «arte» que o deixe insensível.

— Jubal, sempre perguntei a mim próprio porque é que eu não dava um tostão por arte. Pensei que *me* faltava algo.

— Hum, uma pessoa tem de aprender a olhar para a arte. Mas cabe ao artista usar linguagem que possa ser entendida. Muitos destes brincalhões *não querem* usar uma linguagem que tu e eu possamos aprender; preferem escarnecer porque nós não «conseguimos» ver aquilo que eles querem dizer. Que não é nada. A obscuridade é o refúgio da incompetência. Ben, tu chamar-me-ias um artista?

— Hã? Tu escreves bom material.

— Obrigado. «Artista» é uma palavra que eu evito pela mesma razão que detesto ser chamado «médico». Mas eu *sou* um artista.

Muito do que escrevo vale a pena ser lido uma vez... e nem mesmo uma vez por uma pessoa que sabe quão pouco eu tenho para dizer. Mas sou um artista *honesto*. Pressupõe-se que o que eu escrevo atinge o comprador e o afecta, se possível, com terror e piedade... ou pelo menos diverte o tédio das suas horas. *Nunca* me escondo dele atrás de uma linguagem privada, nem procuro elogios de outros escritores quanto à minha «técnica» ou a outros disparates. Quero elogios do comprador traduzidos em dinheiro porque eu o *atingi*... ou então não quero nada. Subsídios para as artes... *merde!* Um artista apoiado pelo Governo é uma prostituta incompetente! Diabos te levem, tocaste num dos meus pontos fracos. Enche o teu copo e diz-me o que é que tens na ideia.

— Jubal, estou infeliz.

— Isso é novidade?

— Tenho problemas fresquinhos. — Ben franziu o sobrolho. — Não tenho a certeza se quero falar sobre eles.

— Então escuta os *meus* problemas.

— *Tu* tens problemas? Jubal, pensei que eras o único homem que tinhas vencido o jogo.

— Hum, um dia destes tenho de te falar da minha vida de casado. Sim, tenho problemas. Duke foi-se embora... ou já sabias isso?

— Sabia.

— Larry é um bom jardineiro; mas as engenhocas que governam esta cabana estão a cair aos bocados. Os bons mecanismos são escassos. Aqueles que servem nesta casa já quase não existem. Tenho-me aguentado com operários: cada visita é uma confusão, todos eles com espírito de ladrões nos seus corações, e muitos deles não são capazes de usar uma chave de fendas sem se cortarem. Nem eu, por isso estou à sua mercê.

— O meu coração dói-me por ti, Jubal.

— Deixa lá o sarcasmo. Os mecanismos e os jardineiros são convenientes; as secretárias são essenciais. Duas das minhas estão

grávidas e uma vai-se casar.

Caxton parecia espantado. Jubal resmungou:

— Oh, não estou a contar histórias. Elas estão irritadas porque eu te trouxe para cima sem lhes dar tempo para te contarem as novidades. Portanto vê se te mostras surpreendido quando elas te contarem.

— Hum, qual delas é que se vai casar?

— Não é óbvio? O felizardo é aquele refugiado numa tempestade de areia de falinhas mansas, o nosso estimado irmão de água Stinky Mahmoud. Eu disse-lhe que eles tinham de viver *aqui* sempre que estivessem neste país. O bastardo riu-se e chamou a atenção para o facto de eu já o ter convidado há muito tempo atrás. — Jubal fungou. — Não seria tão mau se ele ficasse. Podia conseguir que *ela* trabalhasse um pouco.

— Provavelmente. Ela gosta de trabalhar. As outras duas estão grávidas?

— Estão a encher. Estou a lembrar os meus conhecimentos de obstetra porque elas dizem que os vão ter em casa. Que confusão os bebês vão lançar nos meus hábitos de trabalho! Mas porque é que supões que nenhuma das barrigas turgescerem pertence à noiva?

— Ora, eu supus que o Stinky fosse mais convencional do que isso... ou mais cuidadoso.

— Stinky não seria excepção. Ben, em todos os anos em que estudei este assunto, tentando traçar os meandros dos seus tortuosos espiritozinhos, a única coisa que aprendi é que quando uma rapariga está decidida, está mesmo decidida. Tudo o que um homem pode fazer é cooperar com o inevitável.

— Bem, qual delas é que não se vai casar ou qualquer coisa? Miriam? Ou Anne?

— Aguenta aí, eu não disse que a noiva estava grávida... e tu pareces pensar que a Dorcas é a futura noiva. É Miriam que está a estudar árabe.

— *Hã?* Sou um macaco vesgo!

— Isso é óbvio.

— Mas Miriam estava sempre a irritar o Stinky...

— E confiaram-te eles uma coluna num jornal!... Alguma vez viste uma dança de sete véus?

— Sim, mas... Dorcas fez tudo menos uma dança indiana.

— Isso é o comportamento natural de Dorcas. Vê se quando a Miriam te mostrar o seu anel (do tamanho de um ovo de *roc* (*N. do T.: Ave gigantesca e fabulosa de certos contos orientais.*) e quase tão raro), te mostras surpreendido. Diabos me levem se vou mandar embora as que estão para desovar. Lembra-te apenas que elas estão contentes... foi por isto que eu te preveni, para que tu não julgasses que *elas* pensavam que tinham sido «enganadas». Elas não o estão. Não o estavam. Elas estão envaidecidas. — Jubal suspirou. — Sou demasiado velho para apreciar o ruído de pequenos pezinhos... mas *não* vou perder secretárias perfeitas, e raparigas que eu adoro, por *qualquer* razão, se puder convencê-las a ficar. Esta casa tornou-se decididamente desorganizada desde que Jill iniciou Mike nos assuntos de alcova. Não que eu a censure... e penso que tu também não.

— Não, mas... Jubal tens a impressão de que *Jill* iniciou o Mike nessas andanças?

— *Hã?* — Jubal parecia surpreendido. — Então quem foi?

— Não sejas curioso. Contudo, Jill zangou-se quando cheguei à mesma conclusão. Segundo entendi, o facto de uma pontuar primeiro que outra era questão de mais ou menos sorte.

— Hum... sim, pode ser.

— Jill pensa assim. Pensa que Mike teve sorte ao ter seduzido ou ser seduzido por aquela que estava melhor habilitada a iniciá-lo bem. O que te dá uma pista se souberes como funciona o espírito de Jill.

— Com os diabos, eu nem sequer sei como o *meu* funciona. Quanto a Jill, nunca esperei que ela se dedicasse a pregar,

independentemente de quão apaixonada estava; por isso não sei como é que o espírito *dela* funciona.

— Ela não prega muito; voltaremos a isso mais tarde. Jubal, que é que lêes do calendário?

— Hã?

— Pensas que foi o Mike em ambos os casos... se as suas visitas a casa coincidirem.

Jubal disse cuidadosamente:

— Ben, eu não disse nada que te levasse a pensar isso.

— Uma ova é que não disseste. Disseste que elas estavam envaidecidas. Eu sei o efeito que aquele super-homem tem sobre as mulheres.

— Aguenta aí, meu filho: ele é nosso irmão de água. Ben disse calmamente:

— Eu sei isso... e também o amo. Mas isso é mais uma razão para que eu compreenda porque é que elas estão envaidecidas.

Jubal olhou fixamente para o seu copo.

— Ben, parece-me que o *teu* nome pode estar mais facilmente na lista que o do Mike.

— Jubal, tu endoideceste!

— Calma. Embora eu tenha jurado por todos os bilhões de nomes de Deus não meter o nariz nos assuntos das outras pessoas, apesar disso tenho uma vista e uma audição normal. Se uma charanga entrar pela minha casa, eu reparo. Dormiste debaixo deste tecto dúzias de vezes. Alguma vez dormiste sozinho?

— Ora, seu patife! Hum, dormi sozinho na primeira noite em que fiquei aqui.

— A Dorcas devia estar mal disposta do estômago. Não, nessa noite estavas sob a ação de sedativos: essa não conta. Alguma outra noite?

— A tua pergunta é irrelevante, imaterial e não merece a minha atenção.

— Isso é uma resposta. Hás-de fazer o favor de notar que os novos quartos estão tão longe quanto possível do meu. O isolamento de som nunca é perfeito.

— Jubal, não estará o *teu* nome à frente do meu nessa lista?

— O quê?

— Para não falar em Larry e em Duke. Jubal, toda a gente pensa que tu possuis o harém mais agradável a seguir ao sultão. Não me interpretes mal: eles *invejam-te*. Mas pensam que tu és um velho devasso e sátiro.

Jubal tamborilou no braço da sua poltrona.

— Ben, eu não me importo de ser tratado irreverentemente pelos meus filhos. Mas, neste assunto, insisto em que os meus anos sejam tratados com respeito.

— Desculpa — disse Ben friamente. — Pensei que se tu achavas bem falar da *minha* vida sexual, não te importarias que eu fosse igualmente franco.

— Não, não, Ben! Tu não me percebeste. Eu exijo que as raparigas me tratem com respeito neste assunto.

— Oh...

— Eu sou, como tu o disseste, velho, bastante velho. Aqui para nós fico contente por dizer que ainda sou um pouco devasso. Mas não sou controlado pela luxúria. Prefiro a dignidade às paixões dos tempos idos, tempos que, acredita-me, gozei em toda a sua plenitude e não preciso de repetir. Ben, um homem na minha idade, que parece um bairro miserável em vias de extinção no seu estado mais miserável, pode levar uma jovem rapariga para a cama... e possivelmente engravidá-la (e obrigado pelo cumprimento; isso pode não ser impossível)... através de três meios: dinheiro... ou o equivalente em termos de testamentos e propriedade comunitária e outras coisas que tais... e... Pausa para uma pergunta: és capaz de imaginar qualquer uma destas quatro a irem para a cama com um homem por *estas* razões?

— Não. Nenhuma delas.

— Obrigado, senhor. Eu só me associo com senhoras; fico contente por tu o reconheceres. O terceiro incentivo é um bastante feminino. Uma doce rapariguinha pode levar um velho destroço para a cama porque gosta dele, tem pena dele e quer fazê-lo feliz. Isto aplicar-se-ia?

— Hum... Jubal, talvez. Com qualquer uma delas.

— Também penso assim. Mas essa razão, que qualquer uma destas senhoras pode achar suficiente, *não* é suficiente para *mim*. Tenho a minha dignidade, senhor; portanto, queira fazer o favor de tirar o meu nome da lista.

Caxton sorriu abertamente.

— Está bem... seu galeirão emproado. Espero que quando tiver a tua idade me deixe tentar mais facilmente.

Jubal sorriu.

— É melhor ser tentado e resistir do que ficar desapontado., Agora, sobre o Duke e o Larry: não sei nem me interessa. Sempre que alguém vem para cá viver, esclareço logo que isto não é uma loja nem um bordel, mas sim um lar. e, como tal, nele a tirania combina-se com a anarquia sem um traço de democracia, como em qualquer família bem organizada, isto é, as pessoas estão por conta de si próprias, excepto quando eu dou ordens, ordens essas que não são sujeitas a discussão. A minha tirania nunca se estende à vida amorosa. As pequenas sempre mantiveram razoavelmente privados os seus assuntos privados. Pelo menos... Jubal sorriu pesarosamente... até a influência marciana se tornar impossível de dominar. Talvez o Duke e o Larry tenham arrastado as raparigas para trás de todos os arbustos. Mas não houve gritos.

— Então pensas que foi o Mike. Jubal franziu o sobrolho.

— Sim. De acordo; eu disse-te que as raparigas estavam presunçosamente felizes... e eu não estou falido, para além do facto de que poderia pedir o dinheiro que quisesse a Mike. Os bebês delas nunca terão falta de nada. Mas, Ben, estou preocupado com o Mike.

— Eu também, Jubal.

— E com a Jill.

— Hum... Jubal, Jill não é o problema. É de Mike que se trata.

— Com os diabos, porque é que o rapaz não pode vir para casa e deixar aquele púlpito obsceno?

— Hum... Jubal, não é bem isso que ele está a fazer. — Ben acrescentou: — Acabo de vir de lá.

— *Hã?* Porque é que não *disseste* isso logo? Ben suspirou.

— Primeiro falaste de arte, depois cantaste as tuas mágoas, depois quiseste falar de bisbilhotices.

— Hum... tens a palavra.

— Ao voltar da Conferência da Cidade do Cabo, visitei-os. O que eu vi preocupou-me de tal modo que passei pelo meu escritório e vim directamente para aqui. Jubal, não poderias falar com Douglas para acabar com esta operação?

— Jubal abanou a cabeça.

— Aquilo que Mike faz só a ele diz respeito.

— Não dirias isso se tivesses visto o que eu vi.

— Não eu! Mas, em segundo lugar, *não posso*. Nem Douglas pode.

— Jubal, Mike aceitaria qualquer decisão que tomasses em relação ao seu dinheiro. Se calhar nem sequer a entenderia.

— Ah, mas isso é que *entenderia!* Ben, recentemente Mike fez o seu testamento e enviou-mo para que o criticasse. Era o documento mais bem elaborado que eu já vi. Ele reconheceu que tinha mais riqueza do que aquele que os seus herdeiros poderiam usar; portanto usou parte do seu dinheiro para guardar o resto. Está armadilhado não só contra exigências de herdeiros dos seus parentes legais e naturais (ele sabe que é um bastardo, embora eu não saiba como é que o descobriu) mas também contra todos os tripulantes da *Envoy*. Arranjou uma maneira para liquidar contas com qualquer herdeiro que tenha uma exigência *prima-facie*... e fê-lo de maneira que eles quase teriam de derrubar o Governo para anular o

testamento. O testamento mostrou que ele conhecia todos os títulos e fundos. Não pude encontrar *nada* para criticar. («...incluindo», pensou Jubal, «o seu legado para ti, meu irmão!») — Não *me* digas que eu podia gerir o seu dinheiro! Ben ficou taciturno.

— Gostava que pudesses.

— *Não* posso. Mas não ajudaria se pudesse. Mike não levanta um dólar da sua conta há quase um ano. Douglas telefonou-me para falar nisso: Mike não respondeu às suas cartas.

— Não fez levantamentos? Jubal, ele está a gastar uma boa quantia.

— Talvez os negócios da igreja rendam bem.

— Essa é a parte estranha. Não é bem uma igreja.

— Então que é?

— Hum, em primeiro lugar uma escola de línguas.

— Repete?

— Para ensinar a língua marciana.

— Bem, então, gostava que ele não lhe chamasse uma igreja.

— Talvez *seja* uma igreja, dentro da definição legal.

— Escuta, Ben, um ringue de *skate* é uma igreja... se a seita disser que fazer *skate* é essencial para o culto, ou até que o *skate* serve uma função desejável. Se se pode cantar para glória de Deus, então pode-se fazer *skate* para o mesmo fim. Existem templos na Malásia que não são mais nada, para um observador, além de pensões para cobras... mas o próprio Supremo Tribunal os considera «igrejas» e como tal protege as nossas próprias seitas.

— Bem, o Mike também cria cobras. Jubal, não há *nada* que esteja excluído?

— Hum... um ponto acerca do qual existem dúvidas. Normalmente, uma igreja não pode levar uma fortuna por chamar os espíritos dos mortos, mas pode aceitar ofertas e deixar que essas ofertas sejam de facto honorários. O sacrifício humano é ilegal; mas é praticado em diversos locais do globo... provavelmente até mesmo

aqui, nesta terra da liberdade. A maneira de fazer coisas que de outro modo seriam proibidas é fazê-las dentro do santuário interior e não deixar os pagãos entrarem. Porquê, Ben? Mike está a fazer alguma coisa que o possa levar à prisão?

— Hum, provavelmente não.

— Bem, se ele tiver cuidado... — Os fosteritas mostraram a maneira de conseguir fazer quase tudo. Muito mais do que aquilo por que Joseph Smith foi linchado.

— Mike foi buscar muitas coisas aos fosteritas. Isso é parte daquilo que me preocupa.

— Mas *que* é que te preocupa?

— Hum, *Jubal*, isto é um assunto de «irmão de água».

— Será que devo trazer uma cápsula de cianeto num buraco de dente?

— Hum, pressupõe-se que o círculo interior pode desincorporar-se voluntariamente... sem necessidade de veneno.

— Nunca fui tão longe, Ben. Mas conheço maneiras de aumentar a única defesa final. Vamos a isso.

— Jubal, eu disse que o Mike cria cobras. Disse-o literal e figurativamente: aquilo é um poço de cobras. Mórvido. O Templo de Mike é um grande edifício. Um auditório para reuniões públicas, auditórios mais pequenos para conferências por convite, vários quartos mais pequenos... e aposentos. Jill enviou-me um radiograma dizendo-me onde me dirigir, por isso fui deixado na entrada privada na rua das traseiras. Os aposentos são por cima do auditório, tão privados quanto podem ser dentro de uma cidade.

Jubal acenou com a cabeça.

— Quer os vossos actos sejam legais ou ilegais, os vizinho bisbilhoteiros são nocivos.

— Neste caso, isso é uma ideia *muito* boa. Portas exteriores abriram-se para me deixar entrar; tive a impressão de que era vigiado, embora não tivesse sido capaz de ver o detector. Através de mais duas portas automáticas... depois para cima através de um

tubo de sucção. Jubal, não é um tubo vulgar. Não era controlado pelo passageiro, mas sim por alguém fora do alcance da vista. Também não se parecia com um tubo de sucção usual.

— Nunca os usei e nunca os usarei — disse Jubal firmemente.

— Não te terias importado com este. Fui flutuando tão suavemente como uma pena.

— Ben, eu não confio em mecanismos. São traiçoeiros. — Jubal acrescentou: — Contudo, a mãe de Mike era uma das maiores engenheiras e o seu pai (o seu verdadeiro pai) era um engenheiro competente, ou melhor. Se Mike fez melhoramentos nos tubos de sucção até os adaptar aos seres humanos, não nos devemos surpreender.

— Pode ser. Cheguei ao cimo e aterrei sem ter de me agarrar a nada e sem ter de depender de redes de segurança; não vi nenhuma, para dizer a verdade. Passei por outras portas automáticas e desemboquei numa grande sala. Estranhamente mobilada e bastante austera. Jubal, as pessoas dizem que tu vives num estranho lugar.

— Disparate! Apenas é grande e confortável.

— Bem, a maneira como tu governas a casa é do tipo «Escola da Tia Jane» comparada com a estranha maneira de Mike. Tinha acabado de entrar na sala quando não acreditei na primeira coisa que vi. Uma rapariga tatuada desde o queixo até às pontas dos pés... e completamente em pêlo. Caramba, ela estava tatuada em *toda a parte!* Fantástico!

— Tu és um pateta da cidade, Ben. Eu também conheci em tempos uma senhora tatuada. Uma rapariga muito simpática.

— Bem... — disse Ben — esta rapariga também era simpática, depois de uma pessoa se conseguir adaptar ao suplemento colorido... e ao facto de ela andar normalmente com uma serpente.

— Estava a pensar se seria a mesma mulher. Não deve haver muitas mulheres completamente tatuadas. Mas a senhora que eu conheci, há trinta anos atrás, tinha a aversão normal às cobras.

Contudo, eu gosto de cobras... Estou ansioso por conhecer a tua amiga.

— Hás-de conhecer quando visitares Mike. Ela é uma espécie de mordomo dele. Patrícia... mas vulgarmente chamada «Pat» ou «Patty».

— Oh, é verdade! Jill tem-na em grande consideração. Contudo, nunca mencionou as suas tatuagens.

— Mas ela quase tem idade para ser tua amiga. Quando disse «rapariga», baseava-me na minha primeira impressão. Parece andar pelos vinte; mas declara que o seu filho mais velho é que tem essa idade. Bem, mas deixando isso, ela correu para mim, toda sorrisos, pôs-me os braços à volta do pescoço e beijou-me. «Tu és Ben. Bem-vindo, irmão! Ofereço-te água!» Jubal, eu ando na vida de jornalista há muitos anos; já vi muita coisa. Mas *nunca* tinha sido beijado por uma estranha rapariga cujo único vestuário eram as suas tatuagens. Fiquei *embaraçado*.

— Pobre Ben.

— Diabos te levem, tu ter-te-ias sentido da mesma maneira.

— Não. Lembra-te de que eu conheci uma mulher tatuada. Elas sentem-se vestidas com essas tatuagens. Ou, pelo menos, isto era verdade para a minha amiga Sadako. Era japonesa. Mas os Japoneses não ligam tanta importância ao corpo como nós.

— Bem — respondeu Ben. — A Pat também não liga muita importância ao corpo... apenas às suas tatuagens. Ela quer ser embalsamada e emoldurada quando morrer, como um tributo a George.

— «George»?

— Desculpa. O marido dela. Lá em cima, no Céu, para meu alívio... embora ela fale como se ele se tivesse apenas esgueirado para ir tomar uma cerveja. Mas, na essência, a Pat é uma senhora... e não me deixou ficar embaraçado...

Patrícia Paiwonski deu a Ben o beijo envolvente da irmandade, antes que este soubesse o que o tinha atingido. Ela sentiu o seu embaraço e ficou surpreendida. Michael tinha-lhe dito para o esperar e imprimira o rosto de Ben no seu espírito. Ela sabia que Ben era um irmão em toda a plenitude, do Ninho Interno, e que Jill se sentia próxima de Ben logo a seguir a Mike.

Mas o feitio de Patrícia era um desejo infinito de fazer as outras pessoas tão felizes como ela; abrandou. Convidou Ben a livrar-se das suas roupas, mas não fez muita questão nesse assunto, excepto o facto de lhe pedir que tirasse os sapatos: o Ninho era confortável e limpo como somente os poderes de Mike conseguiam manter as coisas limpas.

Ela mostrou-lhe onde pendurar as roupas e foi a correr arranjar-lhe uma bebida. Sabia as suas preferências através de Jill e decidiu-se por um *martini* duplo; o pobre querido parecia cansado. Quando voltou com as bebidas, Ben estava descalço e tirara o casaco.

— Irmão, que nunca tenhas sede.

— Nós repartimos água — concordou Ben, e bebeu. — *Isto* tem muito pouca água.

— É suficiente — respondeu ela. — Michael diz que a água pode estar no pensamento; o que interessa é a partilha. Groco que ele fala correctamente.

— Eu groco. E é disto mesmo que eu precisava. Obrigado, Patty.

— O que é teu é nosso e o que é nosso é teu. Estamos contentes por teres vindo para casa. Os outros estão nos serviços ou a ensinar. Não há pressa; eles virão quando a espera se completar. Gostarias de dar uma volta pelo teu Ninho?

Ben deixou-a conduzi-lo: uma cozinha enorme com um bar num dos lados, uma biblioteca ainda mais cheia do que a de Jubal, casas de banho amplas e luxuosas, quartos — Ben pensou que deviam ser quartos, embora não tivessem camas, mas apenas simples soalhos que eram ainda mais fofos do que em qualquer

outra parte; Patty chamou-lhes «ninhozinhos» e mostrou-lhe aquele em que ela geralmente dormia.

Tinha sido adaptado num dos lados para ela ter as suas serpentes. Ben suprimiu o seu mal-estar até chegar às cobras.

— Não fazem mal — assegurou-lhe ela. — Tínhamos um vidro em frente delas. Mas Michael ensinou-lhes que não deviam passar desta linha.

— Confiaria mais no vidro.

— Está bem, Ben. — Patrícia baixou uma placa de vidro. Ele sentiu-se aliviado e conseguiu acariciar *Honey Bun* quando foi convidado para o fazer. Em seguida, Patty mostrou-lhe outra sala. Era muito grande, circular, e tinha um soalho tão fofo como os quartos; o seu centro era uma piscina redonda. — Isto — disse-lhe ela — é o Templo íntimo, onde recebemos os novos irmãos dentro do Ninho. — Ela meteu um pé na água. — Queres repartir água e aproximar-te? Ou apenas nadar?

— Hum, agora não.

— A espera é — concordou ela.

Voltaram para a enorme sala e Patrícia foi buscar-lhe outra bebida. Ben instalou-se num grande sofá — depois levantou-se. Decidiu que era idiota vestir-se da mesma maneira que em Washington, com Patty envolta em nada a não ser uma cobra-touro que tinha deixado ficar em volta dos ombros.

Pôs-se em cuecas e pendurou o resto na sala de entrada. Aí notou um letreiro na porta de entrada: «*Lembraste de te vestir?*»

Pensou que, nesta casa, o aviso podia ser necessário. Ben viu mais uma coisa em que não reparara ao entrar. Em cada lado da porta estava um grande vaso de latão, cheio de dinheiro.

Mais do que cheio: notas da Federação de vários valores estavam espalhadas no chão.

Ele olhava pasmado para isto quando Patrícia voltou.

— Aqui está a tua bebida, irmão Ben. Aproxima-te em Felicidade.

— Hum, obrigado. Os seus olhos voltaram ao dinheiro. Ela seguiu o seu olhar.

— Sou uma dona de casa desleixada, Ben. Michael fá-lo tão facilmente, as limpezas e o resto, que eu esqueço-me. — Ela apanhou o dinheiro, e meteu-o no vaso completamente repleto.

— Patty, porque diabo é que isto está aqui?

— Oh. Guardamo-lo aqui porque esta porta dá para a rua. Quando um de nós sai do Ninho (e eu saio quase todos os dias para ir fazer compras) podemos precisar de dinheiro. Guardamo-lo onde não nos esqueçamos de tirar algum.

— Apenas agarrar uma mão-cheia e sair?

— Claro, querido. Oh, estou a ver o que queres dizer. Nunca aqui está ninguém a não sermos nós. Se temos pessoas amigas lá fora (e todos nós temos) existem quartos lá em baixo, do tipo a que os estranhos estão habituados, onde nós fomos há pouco. Isto não está onde poderia tentar uma pessoa fraca.

— Hum! Eu também sou bastante fraco! Ela riu.

— Como é que isso te pode tentar se te pertence?

— E quanto a ladrões?

Ben tentou calcular quanto dinheiro é que os vasos continham. A maior parte das notas pareciam ser de mais de um dólar; caramba, ele podia ver uma com três zeros no chão; Patty não a vira.

— Um entrou realmente aqui, na semana passada.

— Ah, sim? Quanto é que ele roubou?

— Oh, nada. Michael mandou-o embora.

— Chamou os polícias?

— Oh, não! Michael *nunca* entregaria ninguém aos polícias. Michael apenas... — Pat encolheu os ombros —... o mandou embora. Depois o Duke arranjou o buraco da clarabóia do jardim... eu mostrei-te isso? É lindo, tem um tapete de relva. Tu também tens

um tapete de relva. Jill disse-me. Foi aí onde o Michael viu um pela primeira vez. Tem relva em toda a parte?

— Só na minha sala.

— Se alguma vez for a Washington, posso ir lá? E deitar-me em cima dele? Por favor?

— Claro, Patty. Hum... é teu.

— Eu sei, querido. Mas é bom perguntar. Deitar-me-ei nele e sentirei a relva de encontro ao meu corpo e encher-me-ei de Felicidade por estar no «ninhozinho» do meu irmão.

— Serás muito bem-vinda, Patty. — Esperava que ela não levasse as cobras! — Quando é que lá vais?

— Não sei. Quando a espera se completar. Talvez o Michael saiba.

— Bem, avisa-me se possível, assim estarei na cidade. Se não, a Jill sabe sempre o código da minha porta. Patty, nunca ninguém tira este dinheiro?

— Para quê, Ben?

— As pessoas costumam fazer isso.

— Nós não. Apenas nos servimos... e depois tornamos a pôr o que sobrou, quando voltamos para casa, se nos lembrarmos. Michael disse-me para manter o vaso sempre cheio. Se o seu nível baixa, peço-lhe mais.

Ben deixou cair o assunto, admirado com a sua simplicidade. Tinha algumas noções do comunismo sem dinheiro da cultura marciana; podia ver que Mike estabelecera um enclave desse comunismo aqui: estes vasos marcavam a transição da economia marciana para a terrena. Perguntou a si próprio se Patty teria consciência de que ele era falso... suportado pela riqueza de Mike.

— Patty, quantos é que existem aqui no Ninho? — Ele sentiu uma ligeira preocupação, mas depois afastou o pensamento: porque é que eles haviam de viver à custa dele? Ele não tinha potes de ouro dentro de casa.

— Deixa-me ver... quase vinte, contando com os irmãos iniciados que ainda não pensam em marciano e ainda não estão ordenados.

— Tu estás ordenada, Patty?

— Oh, sim. A maior parte do tempo estou a ensinar. Classes de principiantes em marciano, e ajudo os noviços entre outras coisas. E Dawn e eu... Dawn e Jill são Sacerdotisas Supremas... Dawn e eu somos duas fosteritas muito conhecidas, por isso trabalhamos juntas, para mostrar aos outros fosteritas que a Igreja de Todos os Mundos não entra em conflito com a Fé, tal como ser batista não impede um homem de entrar para a Maçonaria. — Ela mostrou a Ben o beijo de Foster, explicou-o, e mostrou-lhe o seu miraculoso companheiro ali depositado por Mike. — Eles sabem o que significa o beijo de Foster e quão difícil é ganhá-lo... e viram alguns dos milagres de Mike e estão quase amadurecidos para se dedicarem e subirem a um círculo mais elevado.

— Isso é um esforço?

— Claro, Ben... para eles. No teu caso e no meu, e no de Jill e no de mais alguns, Michael chamou-nos directamente para a irmandade. Mas aos outros, Michael primeiro ensina uma disciplina: não uma fé, mas um modo para traduzir fé em obras. Isso significa que eles têm de aprender marciano. Isto não é fácil; eu não sou perfeita nesta língua. Mas trabalhar e aprender é Felicidade. Perguntas-te quantos éramos no Ninho; deixa-me ver: Duke, Jill e Michael... dois fosteritas, a Dawn e eu... um judeu circuncidado e a sua mulher com quatro filhos...

— Crianças no Ninho?

— Oh, montes delas. No ninho dos pequeninos, fora daqui; ninguém podia meditar com as crianças a gritarem e a matraquearem. Queres ir vê-lo?

— Hum, mais tarde.

— Um casal católico com um filho... de excomungados, lamento dizê-lo; o sacerdote deles descobriu. Mike teve de lhes dar uma ajuda especial; foi um choque muito desagradável... e

completamente desnecessário. Eles levantavam-se cedo todos os domingos de manhã para irem à missa, como de costume... mas as crianças falam sempre. Uma família mormon do novo cisma... isso representa mais três e os seus filhos. O resto são protestantes e um ateu... isto é, ele pensava que era ateu até Mike lhe abrir os olhos. Veio aqui para gozar; ficou para aprender... e dentro em breve será sacerdote. Hum, dezenove adultos, mas raramente estamos todos no Ninho ao mesmo tempo, excepto para os nossos próprios serviços no Templo íntimo. O Ninho é construído para abrigar oitenta e um («três completos»), mas Michael groca uma longa espera até precisarmos de um ninho maior, e nessa altura construiremos mais ninhos. Ben, gostarias de ver um serviço para externos, ver como Mike faz a alocação? Michael está agora a pregar.

Oh, sim, se não for muito trabalho.

— Ótimo. Só um momento, querido, enquanto me vou pôr decente.

— Jubal, ela voltou vestida com uma túnica como a túnica de testemunha de Anne, mas com mangas de asas-de-anjo e gola alta e a marca que Mike usa (nove círculos concêntricos e um sol) por cima do seu coração. Este equipamento eram vestes talaes; a Jill e a outra sacerdotisa usavam o mesmo, excepto que a de Patty era de gola alta para cobrir os seus desenhos. Ela tinha vestido peúgas e trazia sandálias.

»Estava completamente transformada, Jubal. As vestes davam-lhe grande dignidade. Pude ver que ela era mais velha do que aquilo que eu pensara, embora não aparentasse a idade que afirma ter. Possui uma exótica cor de pele; é uma pena terem tatuado uma pele daquelas.

»Eu tornei a vestir-me. Ela pediu-me que levasse os meus sapatos e levou-me de novo através do Ninho e saímos para um corredor; parámos para calçar os sapatos e descemos uma rampa que acabava em dois patamares. Chegámos a uma galeria que dava para o auditório principal. Mike estava no palco. Não havia púlpito, apenas uma sala de conferências, com um grande símbolo de Todos

os Mundos na parede frontal. Uma sacerdotisa estava com ele, e, àquela distância, pensei que fosse a Jill; mas era a outra suprema sacerdotisa, Dawn: Dawn Ardent.

— Que nome é que disseste?

— Dawn Arden... Higgins de nascimento, se queres ser meticoloso.

— Conheci-a.

— Eu sei, seu libertino alegadamente retirado. Ela tem uma paixão por ti.

Jubal abanou a cabeça.

— A «Dawn Ardent» de que estou a falar, mal a conheci, há dois anos atrás. Ela não se lembraria de mim.

— Mas lembra-se. Ela compra cada uma daquelas histórias grosseiras e comerciais que tu escreves, em *cassettes*, sempre que consegue descobrir o pseudónimo que usaste. Adormece a ouvi-las; dão-lhe sonhos maravilhosos, diz ela. Mas todos eles te conhecem, Jubal; aquela sala tem apenas *um* ornamento: uma fotografia, em tamanho natural, da tua cabeça. Parece que foste decapitado, com um horrível sorriso no rosto. Uma fotografia que Duke conseguiu tirar-te.

— Ora, aquele fedelho!

— A Jill pediu-lhe.

— Dois fedelhos!

— Foi Mike quem a incitou. Agarra-te bem, Jubal: tu és o santo patrono da Igreja de Todos os Mundos.

Jubal parecia aterrorizado.

— Eles não *podem* fazer isso!

— Já fizeram. O Mike presta-te a devida homenagem por teres possibilitado todo o espectáculo, por teres explicado as coisas tão bem que ele foi capaz de pensar numa maneira de impingir a teologia marciana aos humanos. — Jubal resmungou. Ben prosseguiu. — É verdade, a Dawn acha que tu és belo. Tirando esse

equivoco, ela é inteligente... e extremamente encantadora. Mas estava a divagar. Mike vislumbrou-nos e gritou: «Olá, Ben! Mais tarde!», e continuou o seu discurso.

«Jubal, devias tê-lo ouvido. Ele não falava como se estivesse a pregar e não usava vestes: apenas um fato branco muito elegante e de bom corte. Parecia um vendedor de carros dos bons. Dizia piadas e contava parábolas. A essência do discurso era uma espécie de panteísmo... uma parábola era aquela velhinha sobre a minhoca esgravatando no solo que encontra outra minhoca e diz: «Oh, como tu és bela! Queres casar comigo?», e a outra responde-lhe: «Não sejas pateta; eu sou a tua outra ponta.» Já a tinhas ouvido?

— «Ouvi-la?» Fui eu que a *escrevi!*

— Não tinha pensado que fosse assim *tão* velha. Mike fez bom uso dela. A ideia dele é que, sempre que encontramos qualquer outra coisa grocável: homem, mulher, ou gato extraviado... estamos a conhecer o nosso «outro lado». O universo é uma coisa que vivemos apressadamente e em que concordámos em esquecer o lado agradável da vida.

Jubal parecia preocupado.

— Solipsismo e panteísmo. Juntos explicam tudo. Cancelam qualquer facto inconveniente, reconciliam todas as teorias, incluem qualquer facto ou ilusão que se queira. Mas é como pastilha elástica, só sabor e nada de substância; tão insatisfatória como acabar uma história dizendo: «... então o menino caiu da cama e acordou.»

— Não me digas isso a mim; fala com o Mike. Acredita-me, ele tornava-o convincente. A certa altura parou e disse: «Vocês devem estar cansados de tanta conversa...» e todos gritaram: «*Não!*» Tinha-os de facto na mão. Protestou dizendo que a sua voz estava cansada e que, de qualquer modo, tinha chegado a altura dos milagres. Em seguida fez truques fantásticos... sabias que ele tinha sido mágico num circo?

— Sabia que ele tinha lá estado. Mas nunca me disse o que lá fazia.

— É um ilusionista; fez habilidades que *me* puseram doido. Mas tudo teria corrido bem se ele se tivesse limitado a truques para miúdos; era a sua conversa que os mantinha enfeitiçados. Finalmente parou e disse: «Espera-se que o Homem de Marte faça coisas maravilhosas... portanto faço alguns milagres em cada reunião. Não posso evitar ser o Homem de Marte; é uma coisa que simplesmente aconteceu. Os milagres podem acontecer para vós, se os quiserem. Contudo, para qualquer coisa mais que estes insignificantes milagres, vocês têm de entrar para o Círculo. Aqueles que querem aprender, vê-los-ei mais tarde. Estão a ser passados cartões.»

»Patty explicou. «Esta multidão são apenas espectadores, querido: pessoas curiosas ou que foram incitadas por alguém dos círculos internos.» Jubal, Mike organizou a coisa em nove círculos, uma espécie de lojas maçónicas... e não se diz a ninguém que existem círculos para além daquele a que eles pertencem até que eles estejam prontos a passar para outro. «Isto é trabalho de Mike», disse-me Patty, «ele fá-lo tão facilmente como respira... enquanto está a receber as suas emoções e decidindo quais deles é que são aproveitáveis. É essa a razão por que ele os põe em filas: o Duke está lá em cima por detrás daquela grade e Michael diz-lhe quem pode aderir, onde é que está sentado e tudo. Michael está prestes a fazer isto... e a mandar embora aqueles que ele não quer. Em seguida Dawn toma conta deles, depois de ter recebido o diagrama dos lugares de Duke.»

— Como é que eles fazem isso? — perguntou Harshaw.

— Não vi, Jubal. Existem montes de maneiras de eles poderem escolhê-los de entre a multidão, desde que Mike saiba quem eles são e tenha alguma maneira de o dizer a Duke. A Patty diz que o Mike é clarividente; não vou negar a possibilidade. Em seguida fizeram o peditório. Mike nem sequer faz isso no estilo das igrejas... sabes como é, música suave e respeitosos arrumadores. Disse apenas que ninguém acreditaria que isto era uma igreja se ele não fizesse um peditório. Em seguida puseram a circular cestos, já cheios de dinheiro, e Mike disse-lhes que aquilo era o que a última

multidão tinha dado; por isso, que se servissem... se estivessem sem dinheiro ou com fome e precisassem dele. Mas se se sentissem com vontade de dar... que dessem. Que fizessem uma coisa ou outra: pôr lá dentro alguma coisa, ou tirarem de lá alguma coisa. Calculei que ele tinha encontrado mais uma maneira de se livrar de tanto dinheiro.

Jubal disse pensativamente:

— Essa alocução, devidamente bem feita, deveria resultar em que as pessoas dessem *mais...* enquanto que uns poucos tirariam apenas um pouco. Provavelmente, *muito* poucos.

— Não sei, Jubal. A Patty levou-me a toda a velocidade quando Mike entregou o serviço a Dawn. Levou-me para um auditório privado onde os serviços eram abertos ao sétimo círculo: pessoas que já pertenciam à igreja há meses e que tinham feito progressos. Se é que *são* progressos.

»Jubal, fomos directamente de um para o outro e foi difícil adaptar-me. Aquela reunião externa era um misto de conferência e de espectáculo; esta era quase um rito de vodu. Mike estava agora envolto em vestes seculares; parecia mais alto, ascético e intenso: os seus olhos cintilavam. O local era sombrio, ouvia-se uma música arrastada, mas que apesar disso dava vontade de dançar. Patty e eu instalámo-nos num sofá que era mais uma cama que outra coisa. No que consistia o serviço, não sei dizer. O Mike cantava em marciano e eles respondiam em marciano... excepto os cânticos de «Tu és Deus! Tu és Deus!», seguidos de uma palavra marciana que arranharia a minha garganta se eu a pronunciasse.

— Era isto? — Jubal deixou sair um som parecido com o coaxar de uma rã.

— Hã? Acho que sim. Jubal... estás a gozar-me? Tens estado a deixar-me gastar saliva em vão?

— Não. Foi o Stinky que ma ensinou; ele diz que é heresia da pior espécie. De acordo com a sua visão, claro. É a palavra que Mike traduz por «Tu és Deus». Mahmoud diz que isto não é propriamente uma tradução. É o universo proclamando o seu autoconhecimento...

ou é *peccavimus* com uma ausência total de contrição... ou uma dúzia de outras coisas. Stinky diz que não a consegue perceber, nem sequer em marciano... excepto que é uma má palavra, a pior, na sua opinião... e mais próxima do desafio de Satanás do que da bênção de Deus. Continua. Era só isso? Apenas um punhado de fanáticos gritando em marciano?

— Hum... Jubal, eles não gritavam e não era nada fanático. Por vezes mal murmuravam. Em seguida poderiam subir um pouco de altura. Faziam-no num ritmo, um padrão, uma cantata... contudo não parecia que tinha sido ensaiado; parecia mais como se eles fossem uma só pessoa, sussurrando o que quer que fosse que essa pessoa sentisse. Jubal, tu vistes os fosteritas excitarem-se a si próprios...

— Demais, lamento dizê-lo.

— Bem, isto não era esse tipo de frenesi; este era calmo e despreocupado, como se fossem adormecer. Era intenso, de acordo, e foi aumentando de intensidade, mas... Jubal, alguma vez experimentaste uma sessão espírita?

— Tentei. Tentei tudo o que estive ao meu alcance, Ben.

— Então sabes como a tensão pode aumentar sem que ninguém se mexa ou fale. Isto era mais parecido com isso do que com um revivalismo, ou talvez fosse mesmo o mais tranquilo serviço religioso. Mas não era calmo; envolvia uma violência terrificante.

— A palavra é «apolíneo».

— Hã?

— Como oposto a «dionisíaco». As pessoas simplificam «apolíneo» em «calmo», «brando» e «moderado». Mas «apolíneo» e «dionisíaco» são os dois lados de uma moeda: uma freira ajoelhada dentro da sua cela, permanecendo imóvel, pode estar num êxtase mais frenético do que qualquer sacerdotisa de Pã Príapos celebrando o equinócio vernal. O êxtase está no cérebro, não em exercícios excitantes. — Jubal franziu o sobrolho. — Outro erro é identificar «apolíneo» com o «bem»... apenas porque as nossas seitas mais

respeitáveis são apolíneas em ritual e ensinamentos. Mero preconceito. Prossegue.

— Bem... as coisas não eram tão calmas como as devoções de uma freira. Eles andavam de um lado para o outro, trocaram de lugares, e alguns acariciavam-se; nada mais, penso, mas a luz era fraca. Uma rapariga começou a juntar-se-nos, mas a Patty fez-lhe um sinal... por isso apenas nos beijou e em seguida deixou-nos. — Ben sorriu. — Beijava muito bem, também. Eu era a única pessoa sem túnica; sentia-me pouco à vontade. Mas ela não pareceu notar.

»Toda aquela coisa era casual... e no entanto tão coordenada como os músculos de uma bailarina. O Mike mantinha-se ocupado, umas vezes em frente, outras vagueando por entre os outros... a certa altura apertou-me o ombro e beijou a Patty, sem pressa, mas rapidamente. Não disse uma palavra. Por detrás do sítio onde ele estava de pé, havia uma coisa parecida com um grande receptor de estereovisao; ele usou-o para fazer «milagres», mas nunca usou esta palavra... pelo menos em inglês. Jubal, todas as igrejas prometem milagres. Mas ou foram feitos ontem ou sê-lo-ão amanhã.

— Excepção — interrompeu Jubal. — Muitas delas fazem-nos: *exempli gratia* entre muitas delas: os cristãos cientistas e os católicos apostólicos romanos.

— Católicos? Estás a falar de Lourdes?

— Tinha em mente o Milagre da Transubstanciação.

— Hum... não posso julgar essa subtileza um milagre. Quanto aos cristãos cientistas... se eu partir uma perna, quero um cirurgião.

— Então vê onde pões os pés — resmungou Jubal. — Mas não me maces.

— Isso não me passaria pela cabeça. Não quero um colega de curso do William Harvey.

— O Harvey poderia reduzir uma fractura.

— Sim, mas e os seus colegas de curso? Jubal, esses casos que citaste podem ser milagres; mas o Mike oferece milagres

visíveis. Ou ele é um exímio ilusionista, ou um fantástico hipnotizador...

— Pode ser as duas coisas.

— ... ou aperfeiçoou o circuito fechado da estereovisão de modo a que não possa ser distinguido da realidade.

— Como é que podes excluir os *verdadeiros* milagres, Ben?

— Não é uma teoria de que eu goste. O que quer que fosse que ele usasse, era bom teatro. A certa altura as luzes acenderam-se e lá estava um leão de juba preta, tão imóvel como um guarda de biblioteca, e cordeirinhos saltitando à volta dele. O leão apenas pestanejou e bocejou. Claro, Hollywood pode gravar tais efeitos... mas cheirou-me a leão. Contudo, também isso pode ser falseado.

— Porque é que insistes em falsificação?

— Caramba, estou a *tentar* ser judicioso!

— Então não presentes hipóteses. Tenta imitar a Anne.

— Não sou a Anne. Naquela altura não fui tão judicioso; limitei-me a apreciar aquilo envolvido por uma sensação confortável. O Mike fez vários truques de ilusionismo. Levitação e outras coisas do género. A Patty afastou-se por volta do final, depois de me dizer ao ouvido que ficasse. «O Michael acaba de lhes dizer que quem não se sentir preparado para o círculo seguinte deve sair», disse-me ela. Então eu disse: «É melhor eu sair.» Ela respondeu: «Oh, não querido! Tu pertences ao Nono Círculo. Fica sentado, já volto.» E saiu.

»Acho que ninguém saiu. Aquele grupo era do Sétimo Círculo à espera de serem promovidos. Mas, entretanto, não reparei quando as luzes aumentaram de intensidade outra vez... e eis que vi a Jill!

»Não me senti como se estivesse a ver estereovisão. Jill viu-me e sorriu-me. Oh, se um actor olha directamente para a câmara, os olhos dele encontram os nossos, independentemente do local em que estamos sentados. Mas se o Mike aperfeiçoou essa técnica àquele ponto, devia registar a patente. Jill trazia um traje exótico. O Mike começou a entoar uma coisa qualquer, parte em inglês... uma

coisa sobre a Mãe de Tudo, a unidade da multidão, e começou a chamar-lhe uma série de nomes... e com cada um dos nomes o vestido dela mudava...

Ben Caxton ficou imediatamente alerta assim que viu Jill. Não estava enganado pela luz ou pela distância: era Jill! Ela olhou para ele e sorriu. Ele mal ouvia a invocação enquanto pensava que estivera convencido de que o espaço por detrás do Homem de Marte era de certeza um receptor de estereovisão. Mas seria capaz de jurar que podia subir aqueles degraus e beliscá-la.

Esteve tentado a fazê-lo — mas seria um truque sujo que arruinaria o espectáculo de Mike. Espera até que Jill esteja livre...

— Cibele!

O traje de Jill mudou subitamente.

— *Isis!* De novo.

— Frigg!... Ge!... Devi!... Ishtar!... Maryam!

— *Mãe Eva! Mater Deum Magna!* Amante e Amada, Vida eterna... Caxton deixou de escutar. Jill era a Mãe Eva, vestida de glória. A luz espalhou-se e Ben viu que ela estava num jardim, por detrás de uma árvore na qual estava enrolada uma grande serpente.

Jill sorriu, esticou-se e acariciou a cabeça da serpente... voltou-se e abriu os braços.

Os candidatos começaram a mover-se para entrarem no jardim.

Patty voltou e tocou no ombro de Ben.

— Ben... Vem, querido.

Caxton queria ficar e beber a gloriosa visão de Jill. Queria juntar-se à procissão. Mas levantou-se e saiu. Olhou para trás e viu Mike pôr os seus braços à volta da primeira mulher da fila... voltou-se para seguir Patrícia e não viu a túnica da candidata desaparecer quando Mike a beijou; não viu Jill beijar o primeiro candidato masculino... e a sua túnica desaparecer.

— Vamos à volta — explicou Patty —, para lhes dar tempo de entrarem no Templo. Oh, nós podíamos entrar por ali adentro, mas isso faria com que o Mike tivesse de perder tempo a pô-los de novo neste estado de espírito... e ele trabalha tanto.

— Onde é que vamos?

— Buscar a *Honey Bun*. Depois voltamos para o Ninho. A menos que queiras tomar parte na iniciação. Mas ainda não aprendeste marciano; acharias confuso.

— Bem... eu gostaria de ver a Jill.

— Oh. Ela pediu-me para te dizer que vai passar lá por cima para te ver. Por aqui, Ben.

Uma porta abriu-se. Ben encontrou-se naquele jardim. A serpente levantou a cabeça assim que eles entraram.

— Então, querida! — disse Patrícia. — Foste uma menina bonita! — Desenrolou a jibóia e meteu-a num cesto. — Duke trouxe-a para baixo, mas eu tenho de a instalar na árvore e dizer-lhe para não ir passear. Tiveste sorte, Ben: uma transição para o Oitavo Círculo acontece muito raramente.

Ben levou a *Honey Bun* e aprendeu que uma serpente de quatro metros de comprimento pesa muito; o cesto tinha braceletes de aço. Quando chegaram ao cimo, Patrícia parou.

— Põe-a no chão, Ben.

— Ela tirou a sua túnica e deu-a a Ben, depois enrolou a serpente à sua volta. — Esta é a recompensa da *Honey Bun* por ter sido uma menina bonita; ela gosta de se aconchegar à Mamãe. Tenho uma aula quase já a seguir, por isso vou carregá-la até ao último instante. Não é bom desapontar uma serpente; elas são como bebês, não podem grocar em plenitude.

Andaram cerca de cinquenta metros até à entrada do Ninho. Ben tirou-lhe as sandálias e meias depois de ter tirado os seus sapatos. Entraram e Patty ficou com ele até Ben ficar em cuecas... ganhando tempo, tentando decidir-se a tirar também as cuecas. Não estava completamente certo que o vestuário dentro do Ninho fosse

tão inconvençional (e possivelmente tão rude) como usar botas cardadas numa pista de dança. O aviso na porta de entrada, a ausência de janelas, a temperatura confortável do Ninho, a falta de vestuário de Patrícia, acrescentada ao facto de ela lhe ter sugerido que ele poderia proceder da mesma maneira — tudo indicava a nudez doméstica.

Dava desconto ao comportamento de Patrícia, devido à sensação de que uma senhora tatuada poderia ter hábitos estranhos em relação ao vestuário, mas ao entrarem na sala cruzaram-se com um homem que ia em direcção aos banhos e aos «ninhozinhos» — e ele vestia menos que Patrícia, a qual se cobria com uns desenhos e uma cobra. Ele saudou-os com «Tu és Deus» e seguiu o seu caminho. Havia mais provas na sala: um corpo deitado em cima de um sofá: uma mulher.

Caxton sabia que muitas famílias tinham o hábito de andar nuas por casa — e isto era uma «família»: todos irmãos de água. Mas ele não conseguia decidir-se, entre a urbanidade de tirar a sua simbólica parra... e a certeza de que, se o fizesse e entrassem estranhos que viessem vestidos, ele se sentiria idiota! Com os diabos, era até capaz de corar!

— Que é que terias feito, Jubal? Harshaw levantou as sobrancelhas.

— Estás à espera de que eu fique chocado, Ben? O corpo humano é muitas vezes agradável, frequentemente deprimente... e nunca significativo em si mesmo. Então, Mike dirige a sua casa de acordo com as linhas nudistas. Devo apreciar? Ou devo chorar?

— Bolas, Jubal, é fácil ser-se olímpico. Mas eu nunca *te* vi tirar as cuecas quando estás acompanhado.

— Nem nunca verás. Mas eu groco que tu não estavas motivado por pudor. Estavas a sofrer de um medo mórbido de parecer ridículo: uma neurose com um nome grego muito comprido.

— Disparate! Eu não tinha a certeza se isso era educado.

— Disparate é o que o senhor está a dizer: tu *sabias* o que era educado... mas tinhas medo de parecer idiota... ou tinhas medo de

que fosse surpreendido o teu reflexo galante. Mas eu groco que Mike tem razões para esse hábito; Mike tem sempre razões.

— Oh, sim. A Jill disse-me.

Ben estava no átrio de entrada, de costas voltadas para a sala e com as mãos nas cuecas, tendo dito a si próprio para correr o risco — quando sentiu uns braços enroscarem-se confortavelmente à volta do seu peito.

— Ben, querido! Que *bom!*

Logo Jill estava nos seus braços, a sua boca quente e ávida de encontro à dele — e ele ficou contente por não ter acabado de se despir. Ela já não era a «Mãe Eva»; usava uma túnica de sacerdotisa. Contudo ele estava alegremente consciente de segurar nos seus braços uma rapariga cheia de vida, quente, gentil e vibrante.

— Meu Deus — disse ela, soltando-se do beijo. — Senti a tua falta, seu diabo. Tu és Deus.

— Tu és Deus — concedeu Ben. — Jill, estás mais bonita do que nunca.

— É verdade — concordou Jill. Provoca isso. Que sensação tive, ao ver os teus olhos durante o número final!

— «Número final»?

— A Jill quer dizer — interrompeu Patrícia — o fim do serviço onde ela é Mãe de Todos, *Mater Deum Magna*. Crianças, tenho de me apressar.

— Nunca há pressa, querida Patty.

— Tenho de me apressar, portanto não terei de ter pressa. Ben, tenho de ir pôr a *Honey Bun* na cama e ir para baixo dar a minha aula; portanto, dá-me um beijo de boas-noites, sim?

Ben encontrou-se a beijar uma mulher envolvida por uma serpente gigante. Tentou ignorar *Honey Bun* e tratar Patty como ela merecia. Em seguida Pat beijou Jill.

— Boa noite, queridos. — Depois saiu sem pressas.

— Ben, ela não é um amor?

— É. Mas apesar disso deixou-me desconcertado ao princípio.

— Groco. A Patty desconcerta toda a gente... porque ela nunca tem dúvidas; faz automaticamente a coisa correcta. É muito parecida com o Mike. É a mais avançada de todos nós: devia ser alta sacerdotisa. Mas não aceitará o cargo, porque as suas tatuagens tornariam alguns deveres difíceis (seriam uma distração) e ela não as quer tirar.

— Como é que se pode tirar tanta tatuagem? com uma faca de trinchar? Isso matá-la-ia.

— De maneira nenhuma, meu querido. O Mike poderia tirá-las, não deixando um único vestígio e sem a magoar. Mas ela não as considera como sendo sua propriedade; estão apenas sob a sua custódia. Vem sentar-te. A Dawn vai buscar o jantar; tenho de comer enquanto conversamos ou não terei outra oportunidade até amanhã. Diz-me; que é que pensas? A Dawn disse-me que assististe a um serviço para externos.

— É verdade.

— Então?

— O Mike — disse Caxton lentamente — seria capaz de vender sapatos e cobras.

— Ben, groco que alguma coisa te preocupa.

— Não — respondeu ele. — Nada que eu possa descobrir.

— Voltarei a perguntar-te daqui a uma ou duas semanas. Não há pressa.

— Não ficarei cá uma semana.

— Tens colunas de reserva?

— Três. Mas não devia ficar todo esse tempo.

— Acho que devias... depois telefonas uns artigos, provavelmente sobre a Igreja. Nessa altura grocarás que ficarás muito mais tempo.

— Acho que não.

— A espera é, até à totalidade. Tu sabes que isto não é uma igreja?

— A Patty falou nisso.

— Digamos que não é uma religião. É uma igreja, em todo o sentido legal e moral. Mas nós não tentamos trazer pessoas para Deus; isso é uma contradição, não se pode dizê-lo em marciano. Não tentamos salvar almas, as almas não se podem perder. Não tentamos que as pessoas tenham fé, o que nós oferecemos não é fé, é verdade: uma verdade que eles podem verificar. Verdade para aqui-e-agora, verdade como uma tábua de engomar e tão útil como pão... tão prática que pode fazer com que a guerra, a ira, a violência e o ódio se tornem tão desnecessários como... bem, como roupas dentro do Ninho. Mas eles têm de aprender marciano. É esta a dificuldade: encontrar pessoas suficientemente honestas para acreditarem naquilo que vêem, com vontade de trabalharem arduamente (é realmente árduo) para aprenderem a língua em que a verdade deve ser ensinada. Esta verdade não pode ser traduzida em inglês, tal como a *Quinta Sinfonia* de Beethoven também não o pode. — Sorriu. — Mas o Mike nunca tem pressa. Ele vê milhares... encontra uns poucos... e alguns entram para o Ninho e ele treina-os a fundo. Qualquer dia Mike nos terá tão bem treinados que poderemos formar novos ninhos, depois será como uma bola de neve. Mas não há pressa. Nenhum de nós está realmente treinado. Estamos, querida?

Ben olhou para cima ao escutar as palavras de Jill; ficou perplexo por encontrar uma mulher que reconheceu como a outra sacerdotisa, curvada sobre ele oferecendo-lhe um prato: Dawn, sim, era ela. A sua surpresa foi aumentada por constatar que ela estava vestida à moda de Patrícia, com umas pequenas tatuagens.

Dawn sorriu.

— O teu jantar, meu irmão Ben. Tu és Deus.

— Hum, tu és Deus. Obrigado.

— Ela beijou-o, foi buscar pratos para si e para Jill, sentou-se à sua direita e começou a comer. Ben teve pena de ela não se ter sentado num sítio onde a pudesse ver melhor: ela possuía atributos próprios de deusa.

— Não — concordou Dawn —, ainda não, Jill. Mas a espera fá-lo-á.

— Por exemplo, Ben — continuou Jill —, eu fiz um intervalo para comer. Mas o Mike não come nada desde anteontem... e não comerá até deixar de ser necessário. Depois comerá que nem um porco e isso trá-lo-á de pé enquanto for necessário. Além disso, a Dawn e eu cansamo-nos. Não é verdade, querida?

— Claro. Mas eu não estou cansada, Gillian. Deixa-me ir fazer este serviço e tu assim ficas com o Ben. Dá-me essa túnica.

— Não deves estar boa da cabeça, meu amor. Ben, ela está de serviço há quase tanto tempo como o Mike. Somos capazes de aguentar bastante tempo, mas temos de comer quando temos fome e por vezes necessitamos de dormir. Falando de túnicas, Dawn: esta era a última no Sétimo Templo. Esqueci-me de dizer à Patty que era melhor ela encomendar uma ou duas grosas. (*Nota.: grossa = 12 dúzias*)

— Ela já encomendou.

— Devia ter calculado. Este está um pouco apertado. — Jill meneou-se de uma forma que deixou Ben perturbado. — Estamos a aumentar de peso?

— Um pouco.

— Ótimo. Estávamos demasiado magras. Ben, já reparaste que a Dawn e eu temos a mesma figura? Altura, busto, cintura, anca, peso, tudo... para não falar da cor de pele. Quando nos conhecemos já éramos quase iguais... depois, com a ajuda de Mike, ficámos iguazinhas. Até os nossos rostos estão mais parecidos,, mas isso é derivado do facto de fazermos e pensarmos as mesmas coisas. Levanta-te e deixa o Ben olhar para nós, querida.

Dawn pôs o seu prato de lado e pôs-se de pé, numa pose que fez Ben lembrar-se de Jill, mais do que a semelhança justificava; depois verificou que era a pose em que Jill tinha estado quando fazia de Mãe Eva.

Jill disse, de boca cheia:

— Estás a ver, Ben, aquilo sou eu. Dawn sorriu.

— Uma pequenina diferença, Gillian.

— Pooh. Quase tenho pena de nunca podermos vir a ter o mesmo rosto. É prático para nós, sermos parecidas, Ben. Temos de ter duas altas sacerdotisas; são precisas pelo menos duas para acompanhar o Mike. E, além disso — acrescentou Jill —, a Dawn pode comprar um vestido que me sirva. Poupa-me o trabalho de ir às compras.

— Eu não tinha a certeza — disse Ben lentamente — de que tu usasses roupas, a não ser essas coisas de sacerdotisa.

Jill pareceu surpreendida.

— Como é que podíamos sair para ir dançar com *isto*? Essa é a nossa maneira favorita de não ter sono. Senta-te e acaba o teu jantar; Ben, já olhou para nós tempo suficiente. Ben, há um homem nesse grupo de transição que é um dançarino de sonho e esta cidade está cheia de *night-clubs*. A Dawn e eu mantivemos o pobre coitado a pé, durante tantas noites, que tivemos de o ajudar a ficar acordado nas aulas de marciano. Mas ele vai ficar bem; quando se atinge o Oitavo Círculo não se precisa de dormir muito. Que é que te fez pensar que nós nunca nos vestíamos, querido?

— Hum... — Ben deixou escapar o seu dilema.

Jill ficou de olhos esbugalhados, começou a rir-se com um risinho abafado — mas parou imediatamente.

— Compreendo. Querido, eu tenho esta túnica vestida porque tenho de engolir isto à pressa e pôr-me a mexer. Se tivesse grocado que *isto* te estava a perturbar, tê-lo-ia tirado mesmo antes de te dizer «olá». Estamos tão habituadas a vestirmo-nos ou não, de acordo com o que fazemos, que eu esquecia-me que isso podia não

ser delicado. Meu amor, usa ou não esses calções... conforme te apetecer.

— Hum...

— Deixa de te preocupares. — Jill sorriu e mostrou umas covinhas no rosto. — Isso lembra-me daquela altura em que o Mike experimentou uma praia pública. Lembras-te, Dawn?

— Nunca me hei-de esquecer!

— Ben, tu sabes como o Mike é. Eu tive de lhe ensinar tudo. Ele não via qualquer utilidade nas roupas, até grocar, para sua grande surpresa, que nós não éramos invulneráveis ao tempo. O pudor não é um conceito marciano, não poderia ser. Mike só grocou roupas como ornamentos depois de começarmos a experimentar os nossos números com fatos.

»Mas Mike fez sempre o que eu lhe dizia, quer o grocasse ou não; não imaginas a quantidade de *pequeninas* coisas que existem para sermos humanos. Nós levámos vinte anos ou mais para as aprender; Mike teve de aprender tudo quase de um dia para o outro. Ainda existem lacunas. Ele faz coisas sem saber que não é assim que um humano se comporta. Todos nós lhe ensinamos... menos a Patty, que tem a certeza de que todas as coisas que Mike faz são perfeitas. Ele ainda está a grocar roupas. Ele groca que elas são uma «maldade» que separa as pessoas; aprendeu que o amor faz com que as pessoas se aproximem. Mais tarde aprendeu que é preciso uma barreira com estranhos. Mas, durante muito tempo, o Mike usou roupas apenas quando eu lhe dizia para o fazer.

»E uma vez não lhe disse.

«Estávamos na Baixa Califórnia; foi aí que nós conhecemos, ou tornámos a conhecer, a Dawn. O Mike e eu passávamos a noite num hotel da praia e ele estava tão ansioso para grocar o oceano que, na manhã seguinte, deixou-me a dormir e desceu sozinho para o seu primeiro encontro com o mar.

»Pobre Mike! Chegou à praia, atirou para longe o seu roupão, e dirigiu-se para a água... parecendo um deus grego e igualmente desconhecedor das convenções... e então a confusão começou e eu

acordei a tempo e corri para a praia para impedir que o levassem para a cadeia. — Jill mostrou um olhar distante. — Ele precisa de mim, agora. Dá-me um beijo de boas-noites, Ben; vejo-te de manhã.

— Vais estar ausente toda a noite?

— Provavelmente. É uma classe de transição muito grande. — Jill levantou-se, puxou Ben para cima e deixou-se cair nos seus braços. — Nesse momento murmurou: — Ben, querido, andaste a tomar lições. *Uaua!*

— Eu? Fui-te extremamente fiel... à minha maneira.

— Da mesma maneira que eu fui para ti. Não me estava a queixar; apenas pensei que a Dorcas te esteve a ajudar a praticar o beijo.

— Algumas, talvez. Bisbilhoteira.

— A aula pode esperar enquanto me beijas outra vez. Tentarei ser a Dorcas.

— Sê tu própria.

— Sê-lo-ia, de qualquer maneira. Eu. O Mike diz que a Dorcas beija mais profundamente... «groca mais um beijo»... do que ninguém.

— Pára de falar.

Ela assim fez e em seguida suspirou.

— Classe de transição, aqui vou eu... brilhando como um pirilampo. Cuida dele, Dawn.

— Cuidarei.

— E beija-o imediatamente e vê o que eu quis dizer!

— Faço tensão de o fazer.

— Ben, sê um bom menino e faz o que a Dawn te disser. — Jill saiu, sem pressas, mas a correr.

Dawn deslizou em direcção a Ben e levantou os braços.

Jubal ergueu uma sobrancelha.

— Vais dizer-me que nessa altura te foste abaixo?

— Não tive muita escolha. Eu, hum... «cooperei com o inevitável». Jubal acenou com a cabeça.

— Foste apanhado numa armadilha. Nessas alturas o melhor que um homem tem a fazer é tentar negociar a paz.

XXXII

— Jubal — disse Caxton honestamente —, eu não diria uma palavra sobre a Dawn, não contaria nada disto, se isto não fosse necessário para explicar porque é que estou preocupado com eles... com *todos* eles: Duke, Mike, Dawn, assim como com Jill, e com as outras vítimas de Mike. O Mike tem-nos fascinados. A sua nova personalidade é poderosa. Pretensiosa e com muito de supervendedor; mas muito convincente. E Dawn é convincente à sua maneira: pela manhã fui impelido a pensar que estava tudo bem. Estranho, mas alegre...

Ben Caxton acordou sem saber onde se encontrava. Estava escuro; estava deitado em cima de qualquer coisa macia. Não era uma cama...

A noite caíra depressa. A última coisa de que se lembrava claramente era de estar deitado no soalho macio do Templo Intimo, conversando silenciosa e intimamente com Dawn. Ela tinha-o levado para ali, haviam mergulhado, partilhado água, e tinham-se aproximado...

Freneticamente tateou à sua volta e não encontrou nada.

Dawn!

A luz aumentou para uma obscuridade.

— Estou aqui, Ben.

— Oh! Pensei que te tinhas ido embora!

— Não fazia tenção de te acordar. — Ela vestia, para súbito desapontamento dele, a sua túnica de trabalho. — Tenho de

começar o Serviço Externo do Nascer do Sol. A Gillian ainda não voltou. Como sabes, era uma grande classe.

As suas palavras trouxeram-lhe à memória coisas que ela lhe dissera na noite anterior... coisas que o tinham perturbado apesar das suas gentis explicações... e ela acalmara-o até ele dar consigo a concordar. Ainda não grocava tudo; mas, sim, a Jill estava ocupada com os ritos como suprema sacerdotisa: uma tarefa, ou um alegre dever, que Dawn se oferecera para fazer com ela. Ben sentiu que devia ter pena por Jill ter recusado a oferta de Dawn...

Mas não se sentia com pena.

— Dawn... tens *mesmo* de te ir embora? — Ben pôs-se de pé e abraçou-a.

— Tenho de ir, querido Ben... Ben querido. — Ela encostou-se a ele

— Já?

— Nunca há — disse ela gentilmente — assim tanta pressa. — A túnica deixou de os manter afastados. Ele estava demasiado embeijado para perguntar a si próprio o que fora feito dela.

Acordou uma segunda vez e viu que as luzes do «ninhozinho» se acendiam quando se levantou. Espreguiçou-se e descobriu que se sentia *maravilhosamente bem*. *Olhou em redor procurando as suas cuecas*. Tentou recordar-se de onde é que as deixara e não conseguiu lembrar-se de as ter tirado. Não as tinha usado dentro de água. Talvez atrás da piscina... Ben saiu do quarto e encontrou um banheiro.

Alguns minutos mais tarde, barbeado, de banho tomado, e refrescado, olhou para dentro do Templo íntimo, não conseguiu encontrar as suas cuecas e pensou que alguém as devia ter pendurado na sala de entrada, onde toda a gente guardava as roupas de sair... Mandou-as para o Diabo e sorriu para si próprio por ter feito um bicho de sete cabeças sobre usá-las ou não. Aqui no Ninho precisava tanto delas como de uma segunda cabeça.

Não sentia um traço de ressaca, embora tivesse tomado várias bebidas com Dawn. O álcool não parecia afectar Dawn... tinha sido provavelmente por isso que ele excedera a sua conta. Dawn... que rapariga! Ela nem sequer ficara aborrecida quando, num momento de emoção, Ben lhe chamara Jill: até tinha parecido satisfeita.

Não encontrou ninguém na sala maior e perguntou a si próprio que horas seriam. Não que se importasse com isso, mas estava esfomeado. Foi até à cozinha ver o que é que poderia mastigar.

Um homem olhou em redor.

— Ben!

— Ora! Olá, Duke!

Duke deu-lhe um grande abraço.

— Meu Deus, é bom ver-te. Tu és Deus. Que tal uns ovinhos?

— Tu és Deus. És tu o cozinheiro?

— Só quando não o posso evitar. O Tony é que faz a maior parte da comida. Todos fazemos um pouco. Até mesmo Mike, a não ser que o Tony o apanhe: o Mike é o pior cozinheiro do mundo. — Duke continuou a partir ovos.

Ben aproximou-se.

— Procuo umas torradas e café. Há molho inglês?

— Tu menciona-lo, a Patty compra-o. Toma. — Duke acrescentou: — Vi-te há bocado, mas estavas a ressonar. Estive ocupado, ou foste tu que o estiveste, desde que aqui chegaste.

— Que é que fazes, Duke?

— Bem, sou um diácono. Um dia serei sacerdote. Eu sou lento... não que isso interesse. Estudo marciano... toda a gente o faz. E sou o arranja-tudo, tal como era para Jubal.

— Deve ser preciso um exército para manter este lugar.

— Ben, ficarias admirado se soubesses o pouco que há para fazer. Tens de ver a maneira única de Mike de lidar com uma retrete avariada; não tenho de fazer de canalizador. À parte da canalização,

noventa por cento dos maquinistas está nesta cozinha e não é tão apetrechada como a de Jubal.

— Pensei que tivessem mecanismos complicados nos templos.

— Controles de luzes, é tudo. Realmente... — Duke sorriu — ... a minha ocupação principal não dá trabalho. Sou vigia.

— Hã?

— Sou um vigia-delegado, examinado e tudo, e o mesmo para inspector de sanidade e segurança. Nunca deixamos um estranho entrar por aqui. Eles podem assistir aos serviços externos, mas nunca vão além do auditório, a não ser que Mike lhes dê um livre-trânsito. — Puseram a comida em pratos e sentaram-se. Duke disse: — Vais ficar cá, Ben?

— Não posso, Duke.

— Ah, sim? Eu também vim só para uma visita... voltei e andei por lá um mês até dizer a Jubal que me ia embora. Deixemos isso: tu voltarás. Não tomes decisões antes da tua «Partilha da Água» esta noite.

— «Partilha da Água»?

— A Dawn não te disse?

— Hum... acho que não.

— Devia deixar que fosse o Mike a explicar-te. Não, as pessoas vão estar a falar nisso o dia inteiro. Partilhar água, tu grocas; tu és um Primeiro-Convocado.

— «Primeiro-Convocado»? A Dawn usou essa expressão.

— Aqueles que se tornam irmãos de água de Mike sem aprenderem marciano. Os outros normalmente não partilham água e não se aproximam até passarem para o Oitavo Círculo. Nessa altura estão a começar a pensar em Marciano... bolas, alguns deles sabem mais marciano do que eu. Não é proibido (*nada* é proibido) partilhar água com alguém que ainda não está pronto para o Oitavo Círculo. Com mil diabos, eu podia pegar numa sujeita num bar, partilhar água com ela, levá-la para a cama... e *depois* trazê-la para o Templo. Mas não o faria. É esta a questão: nunca o quereria. Ben,

vou fazer uma predição. Tu já foste para a cama com algumas sujeitinhas bem engraçadas...

— Hum... algumas.

— Sei muito bem que foste. Mas nunca tornarás a dar cambalhotas com qualquer uma se ela não for tua irmã de água.

— Hum...

— Daqui a um ano *contas-me*. Mas Mike pode decidir que alguém está preparado antes de atingir o Sétimo Círculo. Houve um casal a quem Mike ofereceu água quando eles entraram para o Terceiro Círculo; e, agora, ele é sacerdote e ela sacerdotisa... Sam e Ruth.

— Ainda não os conheci.

— Mas vais conhecer. Mas o Mike é o único que pode ter a certeza assim tão cedo. Muito pouco frequentemente, a Dawn ou a Patty descobrem alguém... mas nunca num nível tão baixo como o Terceiro Círculo, e consultam sempre o Mike. Não que tenham de o fazer. De qualquer maneira, é no Oitavo Círculo que começa a partilha e a aproximação. Depois o Nono Círculo e o próprio Ninho: e é isto o serviço de transição de que falamos quando dizemos «Partilha da Água», embora partilhemos água a todas as horas do dia. Todo o Ninho assiste e o novo irmão torna-se para sempre parte do Ninho. No teu caso, tu já o és... mas nós nunca fizemos o serviço; por isso, esta noite, tudo está preparado para te dar as boas-vindas. Fizeram o mesmo para mim. Ben, é a sensação mais maravilhosa do mundo.

— Continuo sem saber o que isso representa, Duke.

— Hum... representa montes de coisas. Alguma vez estiveste num luau, do género que os chuis proíbem e que geralmente acaba num ou dois divórcios?

— Bem... já.

— Irmão, estiveste num piquenique de domingo! Isso é um aspecto. Já foste casado?

— Não.

— Tu és casado. Depois desta noite nunca mais surgirá uma dúvida a esse respeito no teu espírito. — Duke pareceu alegremente pensativo. — Ben, eu fui casado antes... e a princípio foi agradável e depois foi o inferno. Desta vez, gosto de ser casado, sempre. Caramba, adoro ser casado! Não quero dizer apenas que é divertido andar com um punhado de raparigas cheias de vida. Eu *amo-as*: amo todos os meus irmãos de ambos os sexos. Vê a Patty — a Patty cuida de nós como se fosse nossa mãe. Acho que ninguém precisa disso. Ela faz-me lembrar Jubal... e aquele bastardo fazia bem melhor em vir até aqui e ouvir a palavra! O que eu quero dizer é que não é só por Patty ser mulher. Oh, eu não estou a ficar invertido...

— Quem é que está a ficar invertido? — interrompeu uma voz de contralto.

Duke voltou-se.

— Eu não, sua pega ágil do Levante! Vem cá, borracho, e beija o nosso irmão Ben.

— Nunca levei dinheiro na minha vida — negou a mulher enquanto deslizava em direcção a eles. — Comecei a dar isso antes de qualquer pessoa me dizer. — Ela beijou Ben atenciosa e profundamente. — Tu és Deus, irmão.

— Tu és Deus. Partilha água.

— Que nunca tenhas sede. Não liguês ao Duke: da maneira como ele se comporta, deve ter sido amamentado a vinho. — Ela beijou Duke ainda mais prolongadamente enquanto este dava palmadinhas no seu amplo traseiro. Era baixa, roliça, muito morena, e tinha uma crina de cabelo negro-azeviche que lhe descia pelas costas quase até à cintura. — Duke, viste um *Ladies' Home Journal* quando te levantaste? — Ela pegou no garfo de Duke e começou a comer os seus ovos mexidos. — Mmmm... bom. Não foste tu que cozinhaste estes, Duke.

— Foi o Ben. Porque é que eu havia de querer um *Ladies' Home Journal*?

— Ben, parte mais uma dúzia deles e bate-os que eu depois mexo-os por turnos. Há lá um artigo que eu queria mostrar à Patty,

querido.

— De acordo — concordou Ben.

— Não me venhas com ideias para redecorar esta espelunca! E vê se deixas alguma coisa para mim! Pensas que nós, homens, podemos fazer o nosso trabalho no meio de desordem?

— Então, então, Duke querido. Água dividida é água multiplicada. Ben, as queixas de Duke nunca significam nada: desde que ele tenha mulheres suficientes para dois homens e comida para três, é um perfeito cordeirinho. Ela meteu uma garfada na boca de Duke. — Pára de fazer caretas, irmão; vou fazer-te um segundo café da manhã. Ou será o terceiro?

— Nem sequer o primeiro, ainda. Tu comeste-o. Ruth, eu estava a contar a Ben como é que tu e Sam saltaram para o Nono. Ele está preocupado com a Partilha da Água desta noite.

Ela comeu o último bocadinho de ovos do prato de Duke, afastou-se e começou os preparativos para cozinhar.

— Duke, vou proporcionar-te algo mais do que desordem. Toma o teu café e põe-te a andar. Ben, eu também estava preocupada... mas tu não estejas, querido; o Michael não comete erros. Tu pertences aqui ou não estarias aqui. Vais ficar?

— Hum, não posso. Preparada para a primeira porção?

— Deita-os na frigideira. — Voltarás. Um dia será para ficar. O Duke tem razão: o Sam e eu saltámos. Foi rápido de mais para uma dona de casa de meia-idade e afectada.

— Meia-idade?

— Ben, um dos bónus da disciplina é que ao mesmo tempo que nos fortalece a alma, fortalece o nosso corpo também. Isso é um assunto em que os cientistas cristãos tinham razão. Viste alguns remédios nas casas de banho?

— Hum, não.

— Não existem nenhuns. Quantas pessoas é que beijaste?

— Várias.

— Como sacerdotisa, eu beijo mais do que «várias», mas nunca há nem sequer um espirro aqui no Ninho. Eu costumava ser a espécie de mulher piegas que nunca está completamente bem e dada a «queixas femininas». — Ruth sorriu. — Agora sou mais feminina do que nunca, mas tenho menos dez quilos, vários anos a menos, e não tenho nada de que me queixar: gosto de ser feminina. Tal como Duke me lisonjeou, «uma pega do Levante» e indiscutivelmente mais ágil: sento-me na posição de lótus quando estou a ensinar, enquanto que antes o máximo que era capaz de fazer, era curvar-me.

»Mas aconteceu realmente depressa — prosseguiu Ruth. — O Sam era professor de línguas orientais; começou a vir aqui porque era a única maneira de aprender marciano. Estritamente profissional, ele não estava interessado na igreja. Eu vinha com ele para o vigiar. Era ciumenta, ainda mais possessiva do que a média.

»Assim, chegámos ao Terceiro Círculo, Sam aprendendo rapidamente e eu estudando firmemente porque não queria que ele saísse da minha vista. Depois, *boom!* o milagre aconteceu. Começámos a *pensar* um pouco em marciano... e Michael sentiu-o e disse-nos para ficarmos depois do serviço, certa noite... e Michael e Gillian deram-nos água. Depois disso apercebi-me de que eu era todas as coisas que desprezava nas outras mulheres e desprezei o meu marido por me deixar sê-lo e odiei-o por aquilo que ele tinha feito. Tudo isto em inglês, com as partes piores em hebraico. Por isso chorei e gemi e tornei-me num desagradável aborrecimento para o Sam... e não podia *esperar* para partilhar e aproximar-me outra vez.

»Depois disso, as coisas ficaram mais fáceis, mas não completamente fáceis, à medida que íamos sendo empurrados de um círculo para outro mais depressa possível. O Michael sabia que nós precisávamos de ajuda e queria meter-nos dentro da segurança do Ninho. Quando chegou a altura para a nossa Partilha da Água, eu ainda não era capaz de me disciplinar a mim própria sem ajuda.

Queria entrar para o Ninho... mas não tinha a certeza de poder misturar-me com sete outras pessoas. Estava terrivelmente

assustada; a caminho do Templo quase roguei a Sam para voltarmos para trás e irmos para casa. — Ela levantou a cabeça, sem sorrir mas com um olhar beatífico, um anjo roliço com uma grande colher na mão. — Entrámos no Templo Íntimo e uma luz de holofote atingiu-me e as nossas túnicas desapareceram... e eles estavam dentro da piscina, chamando-nos em marciano para irmos partilhar a água da vida... e eu tropecei e mergulhei nela, e ainda não voltei à superfície desde essa altura!

»Nem nunca o quis. Não te preocupes, Ben, aprenderás a língua, adquirirás a disciplina e terás sempre quem te ajude com amor. Salta para aquela piscina esta noite; terei os meus braços abertos para te apanhar. Todos nós os teremos, dando-te as boas-vindas. Leva isto ao Duke e diz-lhe que eu disse que ele era um porco... mas um porco encantador. E leva isto para ti... oh, não podes comer tanto!... dá-me um beijo e apressa-te; a Ruthie tem trabalho para fazer.

Ben entregou o beijo, a mensagem e o prato. Encontrou Jill aparentemente a dormir, num dos sofás; sentou-se em frente dela, apreciando a doce visão e pensando que Jill e Dawn eram mais parecidas do que ele tinha imaginado. A pele de Jill não estava marcada e tinha exactamente a mesma tonalidade da de Dawn; as suas formas eram idênticas — de resto, até as suas feições eram semelhantes.

Ben meteu uma garfada na boca e, quando voltou o olhar para cima, viu que Jill tinha aberto os olhos. Sorria.

— Tu és Deus, querido... e isso cheira bem.

— Tu estavas tão bonita! Não quis acordar-te. — Atravessou a sala, foi sentar-se ao pé dela e meteu-lhe um bocadinho de ovos na boca. — Fui eu que os fiz, com a ajuda de Ruth.

— E está bom, também. Não me acordaste; estava apenas a passar pelas brasas até tu saíres. Não dormi durante toda a noite.

— Nem um pouco?

— Nem pestanejei. Mas sinto-me óptima. Apenas com fome. Isto tem segundo sentido.

Compreendendo, Ben alimentou-a. Ela deixou-o fazer isso, sem se mexer.

— Dormiste alguma coisa? — perguntou Jill nesse momento.

— Hum, um pouco.

— Quanto tempo é que a Dawn dormiu? Mais ou menos duas horas?

— Oh, mais que isso.

— Então está bem. Duas horas de sono fazem o que oito costumavam fazer. Eu sabia que vocês iam ter uma noite maravilhosa... mas estava preocupada que ela não pudesse descansar.

— Bem, *foi* uma noite maravilhosa — admitiu Ben —, embora tenha ficado surpreendido, hum, com a maneira como a atiraste para mim.

— Chocado, queres tu dizer. Eu conheço-te, Ben. Eu estava tentada a passar a noite contigo... queria-o querido! Mas tu chegaste aqui com ciúmes brotando de ti a jorros. Acho que desapareceram, agora. Desapareceram?

— Acho que sim.

— Tu és Deus. Eu também tive uma noite maravilhosa... livre de preocupações por saber que estavas em boas mãos. As melhores mãos, melhores que as minhas.

— Oh, nunca, Jill.

— Sim? Ainda groco uns vestígios de ciúmes... mas vamos apagá-los.

— Jill endireitou-se, tocou a face de Ben e disse seriamente: — Antes desta noite, querido. Porque, de todos os meus amados irmãos, eu não permitiria que a *tua* Partilha da Água fosse menos que perfeita.

— Uh... — Ben deteve-se.

— A espera é — disse ela e chegou-se para o fundo do sofá. Pareceu a Caxton que um maço de cigarros tinha saltado para as

mãos dela.

Feliz por mudar de assunto, Ben disse:

— Também aprendeste alguns truques. Jill sorriu:

— Quase nada. «Sou apenas um ovo», para parafrasear o meu professor.

— Como é que fizeste isso?

— Ora, assobiei por ela em marciano. Primeiro groca-se uma coisa, depois groca-se para que é que se quer essa coisa... *Mike* — Jill acenou.

— Estamos aqui, querido!

— Já aí vou. — O Homem de Marte veio direito a Ben. — Deixa-me olhar para ti, Ben! Como é bom ver-te!

— É bom ver-te a *ti* também. E estar aqui.

— Que história é essa de três dias? Três dias, com franqueza!

— Eu trabalho, Mike.

— Vamos ver isso. As raparigas estão todas excitadas, preparando-se para a tua cerimónia de boas-vindas, esta noite. Espero que esteja tudo preparado.

— A Patty reprogramou tudo — disse Jill a Mike. — A Dawn a Ruth e o Sam estão a cuidar do que é necessário. A Patty suprimiu a *matinée*; portanto, tens o resto do dia livre.

— Isso são boas notícias! — Mike sentou-se, puxou a cabeça de Jill para o seu colo, pôs um braço à volta de Ben e suspirou. Ele estava vestido como Ben o vira na reunião externa, um fato tropical de negócios. — Ben, não te dediques a pregar. Passo dia e noite a correr de um lado para o outro, dizendo às pessoas porque é que elas não devem ter pressa. Devo-te, juntamente com Jill e Jubal, mais que a qualquer outra pessoa neste planeta; contudo, só agora arranjei tempo para te dizer *olá*. Como é que tens passado? Pareces em boa forma. A Dawn diz-me que *estás* em boa forma. Ben deu consigo a corar.

— Estou bem.

— Isso é ótimo. Os carnívoros vão andar à caça esta noite. Eu grocarei perto e apoiar-te-ei. Estarás mais fresco no fim do que no princípio... não estará, irmãozinho?

— Sim — concordou Jill. — Ben, o Mike pode dar-te força: força física, não apenas apoio moral. Eu posso fazê-lo um pouco. O Mike pode realmente fazê-lo.

— A Jill pode fazê-lo muito bem. — Mike acariciou-a. — Este irmãozinho é uma torre de força para toda a gente. A noite passada foi-o certamente. — Sorriu para ela e cantou:

Nunca encontrarás uma rapariga como Jill

Não, nem uma num bilhão.

De todas as raparigas que hão-de existir.

A mais solícita é a nossa Gillian.

Não é verdade, irmãozinho?

— Pooh — respondeu Jill, obviamente satisfeita, cobrindo a mão de Mike e premindo-a. — A Dawn é exactamente como eu... e igualmente solícita.

— Mas a Dawn está lá em baixo, entrevistando os possíveis candidatos. Ela está ocupada; tu não estás. Isso é uma importante diferença... não é, Ben?

— Pode ser. — Caxton estava a achar embaraçante o comportamento deles, mesmo naquela atmosfera descontraída; desejou que eles parassem de se acariciar ou então que lhe dessem uma desculpa para sair.

Mike continuava a acariciar Jill, enquanto mantinha um braço à volta da cintura de Ben... e Ben foi forçado a admitir que Jill o encorajava. Mike disse muito seriamente:

— Ben, uma noite como a última... ajudar um grupo a dar o grande salto para o Oitavo Círculo... deixa-me terrivelmente nervoso. Deixa-me dizer-te uma coisa tirada das lições do Sexto. Nós,

humanos, temos algo que o meu povo anterior nem sequer sonhava. Tenho de te dizer quão precioso é isso... quão especialmente precioso eu sei que isso é, pois soube o que é não a ter. A bênção de sermos homens e mulheres. Homem e Mulher criaram Ele: o maior tesouro que Nós-Que-Somos-Deus jamais inventámos. Jill?

— Maravilhosamente correcto, Mike... e Ben sabe que isso é Verdade. Mas faz também uma canção para a Dawn, querido.

— Está bem:

Ardent é a nossa querida Dawn;
Ben grocou isso no seu olhar
Ela compra vestidos novos todas as manhãs,
Mas nunca compra cuecas!

— Está bem.

Jill teve um risinho abafado.

— Cantaste-lhe isso?

— Cantei, e ela deu-me uma saudação de Bronx: com um beijo por detrás dela para Ben. Digam-me, não está ninguém na cozinha? Acabo de me lembrar que já não como nada há dois dias. Ou anos, talvez.

— Acho que está lá a Ruth — disse Ben, tentando levantar-se. Mike puxou-o para baixo.

— Hei, Duke! Vê se arranjas alguém que me arranje um monte de bolos de trigo tão grande como tu e uns cinco litros de xarope de bordo.

— Claro — respondeu Duke. — Eu faço-o.

— Não estou assim com *tanta* fome! Encontra o Tony. Ou a Ruth. — Mike chegou Ben para si e disse: — Ben, groco que não estás inteiramente feliz.

— Hã? Oh, eu estou bem! Mike olhou-o nos olhos.

— Gostava que soubesses a língua, Ben. Posso sentir a tua preocupação, mas não posso ver os teus pensamentos.

— Mike... — disse Jill.

O Homem de Marte olhou para ela, depois voltou a olhar para Ben e disse lentamente:

— A Jill acaba de me dizer o que te preocupa, Ben... e é uma coisa que eu nunca fui capaz de grocar na totalidade. — Mike pareceu preocupado e hesitou quase por um período tão longo como quando estava a aprender inglês. — Mas groco que não podemos fazer a tua Partilha da Água esta noite. A espera é. — Mike abanou a cabeça. — Lamento. Mas a espera fá-lo-á.

Jill endireitou-se.

— Não, Mike! Não *podemos* deixar ir embora o Ben sem o fazer. Não o *Ben!*

— Eu não o groco, irmãozinho — disse Mike relutantemente. Seguiu-se uma longa pausa, um silêncio mais tenso do que o discurso. Por fim, Mike disse duvidosamente a Jill. — Falas correctamente?

— Vais ver! — Jill levantou-se subitamente e sentou-se ao lado de Ben, pondo os braços à volta dele. — Ben, beija-me e deixa de te preocupar.

Ela não esperou e beijou-o. Ben parou realmente de se preocupar, envolvido por um clarão de sensualidade que não deixava espaço para preocupações. Em seguida, Mike apertou mais o braço que ainda mantinha em volta da cintura de Ben e disse gentilmente:

— Grocamos juntos. Agora, Jill?

— Agora! Aqui mesmo, imediatamente... oh, partilhem água, meus queridos!

Ben voltou a cabeça — e foi arrancado da euforia por uma total surpresa. De alguma maneira, o Homem de Marte tinha-se livrado de todas as peças de roupa.

XXXIII

— Então? — disse Jubal. — Aceitaste o convite?

— *Hã?* Saí dali depressa! Agarrei nas minhas roupas, ignorei o aviso, saltei para dentro do tubo de sucção com os meus braços cheios.

— Foi *isso* que fizeste? Acho que, se eu fosse a Jill, teria ficado ofendido.

Caxton ficou vermelho.

— *Tive* de sair, Jubal.

Hum... E depois?

— Ora, vesti as minhas roupas; vi que me tinha esquecido da mala e não voltei atrás. De facto, saí tão depressa que por pouco não me ia matando. Conheces o tubo de sucção vulgar...

— Não conheço.

— *Hã?* Bem, se não se programa o tubo para partir, uma pessoa vai-se afundando lentamente, como melaço frio. Mas eu não flutuei, caí seis andares. Quando estava prestes a esmagar-me, uma coisa apanhou-me. Não foi uma rede de segurança, foi uma espécie de campo de força. Assustou-me terrivelmente, no fim de tudo aquilo.

— Não confies nos mecanismos. Mantenho-me fiel às escadas e, quando não o posso evitar, aos elevadores.

— Bem, também existem truques naquele mecanismo. O Duke é inspector de segurança, mas tudo o que o Mike diz é Sagrado para Duke; Mike tem-no hipnotizado. Com os diabos, ele tem-nos a todos hipnotizados. Quando o choque acontecer será pior do que qualquer tubo de sucção estragado. Jubal, que é que podemos fazer? Estou extremamente preocupado.

Harshaw estendeu os lábios.

— Quais foram os aspectos que achaste inquietantes?

— *Hã?*Tudo.

— Ah, sim? Deste-me a impressão de que tinhas gostado da visita... até à altura em que te portaste como um coelho assustado.

— Hum... Pois gostei. Mike também *me* tinha hipnotizado. — Caxton pareceu confuso. — Poderia não ter saído de lá como saí se não fosse aquela coisa estranha no fim. Jubal, o Mike estava sentado ao meu lado, com o seu braço à minha volta: ele não poderia ter tirado as roupas.

Jubal encolheu os ombros.

— Tu estavas ocupado. Se calhar nem terias notado um tremor de terra.

— Oh, isso é um disparate! Eu não fecho os olhos como uma colegial. Como é que ele o fez?

— Não consigo ver a importância desse facto. Ou estarás a sugerir que a nudez de Mike te chocou?

— Fiquei chocado, de acordo.

— Quando também tu estavas de rabo ao léu? Então, senhor!

— Não, não, Jubal, será que tenho de fazer um esquema? Simplesmente não tenho estômago para orgias de grupo. Quase ia perdendo o café da manhã. — Caxton contorceu-se. — Como é que *tu* te sentirias se as pessoas comesçassem a portar-se como macacos dentro de uma jaula, no meio da tua sala?

Jubal juntou os dedos.

— É essa a questão, Ben; não era a *minha* sala. Tu entras na casa de um homem, aceitas as regras do seu lar. Isto é uma regra universal de boas maneiras.

— Não achas chocante, tal comportamento?

— Ah, estás a levantar outro assunto. Exibições públicas de cio, acho-as detestáveis: mas isto reflecte a minha anterior doutrinação. Uma larga parte da humanidade não partilha este meu gosto; a orgia tem uma longa história. Mas «chocante»? Meu caro senhor, só fico chocado com aquilo que me ofende eticamente.

— Achas que *isto* é apenas uma questão de gosto?

— Nada mais. E o meu gosto é tão sagrado como o diferente gosto de Nero. Menos sagrado: Nero era um deus; eu não sou.

— Bem, serei condenado.

— Possivelmente... se a condenação for possível. Mas, Ben, isso não era público.

— Hã?

— Disseste-me que este grupo era um casamento plural: uma teogamia de grupo, para empregar termo técnico. Consequentemente, o que quer que fosse que aconteceu, ou que estava para acontecer, não era público, mas sim privado. «Não está aqui ninguém, senão nós, deuses»; portanto, como é que alguém se poderia ofender?

— *Eu* fiquei ofendido!

— A tua apoteose ficou incompleta. Enganaste-os. Deste origem a isso.

— Eu? Jubal, não fiz nada disso.

— Oh, vai passear! A altura em que devias ter saído foi quando lá entraste; viste imediatamente que os costumes deles não eram os teus. Mas ficaste; gozaste dos favores de uma deusa; portaste-te como um deus em relação a ela. Conhecias as regras e eles sabiam que tu as conhecias; o erro deles foi terem aceito a tua hipocrisia como verdade. Não, Ben, o Mike e a Jill portaram-se como deviam: a ofensa está no *teu* comportamento.

— Bolas, Jubal, tu distorces as coisas! Envolvi-me realmente demasiado, mas, quando saí tinha de o fazer! Estava quase a vomitar!

— Então achas que foi um reflexo? Qualquer pessoa, passada a idade emocional dos vinte anos, teria apertado os maxilares e ter-se-ia dirigido ao banheiro, e em seguida voltaria com uma desculpa aceitável, depois de as coisas terem acalmado. Não foi reflexo, Ben. O reflexo pode esvaziar o estômago; não pode escolher uma direcção para os pés, recuperar as roupas, levar-te através de portas

e fazer-te saltar para dentro de um buraco. Pânico, Ben. *Por que é que* entraste em pânico?

Caxton demorou a responder. Finalmente suspirou e disse:

— Acho que quanto a isso... sou um preconceituoso.

Jubal abanou a cabeça.

— Um preconceituoso pensa que as suas próprias leis de propriedade, são leis naturais. Isso não te descreve. Tu adaptaste-te a muitas coisas que não se ajustavam ao teu código de propriedade, enquanto um verdadeiro preconceituoso teria afrontado essa deliciosa senhora tatuada e teria saído. Procura mais fundo.

— Tudo o que eu sei é que me sinto infeliz com tudo isto.

— Sei que te sentes, Ben, e tenho pena. Vamos tentar uma possibilidade hipotética. Mencionaste uma senhora de nome Ruth. Supõe que a Gillian não tinha estado presente; supõe que os outros eram o Mike e a Ruth... e que eles te ofereciam a mesma relação íntima partilhada: terias ficado chocado?

— Hã? Ora, claro. É uma situação chocante. Penso assim, embora tu digas que é uma questão de gosto.

— Chocante como ? Náusea? Pânico? Caxton parecia envergonhado.

— Diabos te levem, Jubal. Está bem, teria apenas encontrado uma desculpa para ir até à cozinha ou a algum lado... e depois teria saído o mais depressa possível.

— Muito bem, Ben. Acabas de descobrir qual é o teu problema.

— Descobri?

— Que elemento é que mudou? Caxton parecia infeliz. Por fim disse:

— Tens razão, Jubal: foi porque era a Jill. Porque eu amo-a.

— Estás perto. Ben. Mas não é bem isso.

— Hã?

— O «amor» não foi a emoção que te levou a fugir. O que é o «amor», Ben?

— O quê? Oh, deixa-te disso! Toda a gente, desde Shakespearé a Freud, tentou descobrir, ninguém ainda conseguiu responder. Tudo o que sei é que dói.

Jubal abanou a cabeça.

— Vou dar-te uma definição exacta. O «amor» é aquela condição na qual a felicidade da outra pessoa é essencial para ti próprio.

Ben disse lentamente:

— Condordo com isso... porque é isso que sinto em relação a Jill.

— Óptimo. Então estás a dizer que o teu estômago deu voltas e que fugiste em pânico por causa de uma necessidade de fazer a Jill feliz.

— Hei! Espera aí! Eu não disse.

— Ou será que foi outra emoção?

— Eu disse simplesmente... — Caxton deteve-se. — Está bem, eu estava com ciúmes! Mas, Jubal, teria jurado que não estava. Sabia que tinha perdido a jogada. Aceitei isso há muito tempo atrás. Caramba, não gosto menos de Mike por causa disso. Os ciúmes não levam a lado nenhum.

— A lado nenhum que se possa desejar, certamente. Os ciúmes são uma doença, o amor é uma condição saudável. Um espírito imaturo confunde frequentemente uma com a outra, ou supõe que quanto mais se ama maiores são os ciúmes; de facto, estas duas condições são quase incompatíveis; uma emoção raramente deixa espaço para a outra. As duas ao mesmo tempo pode produzir um tumulto insuportável... e eu groco que foi esse o teu problema, Ben. Quando os teus ciúmes levantaram a cabeça, não foste capaz de os encarar; portanto, fugiste.

— Foram as *circunstâncias*, Jubal! Aquele harém comunitário perturbou-me terrivelmente. Não me interpretes mal; eu amaria igualmente a Jill se ela fosse uma prostituta de pataco. Coisa que ela *não* é. Pelas *suas* luzes, a Jill é moral.

Jubal acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Eu sei. A Gillian possui uma inocência invencível que torna ser impossível ela ser imoral. Jubal carregou o sobrolho. — Ben, receio que tu (e eu também) não tenhamos a angélica inocência para praticar a moralidade perfeita em que essas pessoas vivem.

Ben estava preplexo.

— Achas que aquela coisa é *moral*? Eu quis dizer que a Jill não *sabe* que o que está a fazer é errado: o Mike tem-na equivocada... e o Mike também não sabe que isso é errado. Ele é o Homem de Marte; não teve uma educação normal.

Jubal carregou o sobrolho.

— Sim, acho que o que essas pessoas... o Ninho inteiro, não apenas as nossas crianças... estão a fazer é moral. Ainda não examinei os pormenores mas... *sim* tudo isso. Os bacanais, a troca desenvergonhada, a vida comunitária, o código anarquista, tudo.

— Jubal, espantas-me. Se te sentes assim, porque é que não te vais juntar a eles? Eles querem-te. Farão um jubileu: a Dawn está à espera de te beijar os pés e de te servir; eu não estava a exagerar.

Jubal suspirou.

— Não. Há cinquenta anos atrás talvez... Mas agora? Ben, meu irmão, a capacidade para possuir uma tal inocência já não está dentro de mim.

Estive durante demasiado tempo casado com o meu próprio estigma do mal e não tenho esperança de poder ser purificado na sua água da vida e de me tornar de novo inocente. Se alguma vez o fui.

— O Mike acha que tu tens essa «inocência»... ele não lhe chama isso... agora. A Dawn disse-me, falando *ex officio*.

— Então não o desiludiria. O Mike vê o seu próprio reflexo; eu sou, por profissão, um espelho.

— Jubal, estás com medo.

— Precisamente, senhor! Mas a minha preocupação não é com as suas morais, mas sim com os perigos que os espreitam do exterior.

— Oh, eles não estão em apuros nesse sentido.

— Achas isso? Se pintares um macaco de cor-de-rosa e o meteres dentro de uma jaula de macacos castanhos, estes últimos desfá-lo-ão em bocados. Estes inocentes estão a correr o risco do martírio.

— Não estás a ser um tanto melodramático, Jubal?

Jubal olhou com um olhar irritado.

— Se estou, senhor, isso torna as minhas palavras menos convincentes? Houve santos que foram queimados na fogueira; considerarias a sua agonia sagrada como «melodrama»?

— Não quis fazer-te zangar. Quis simplesmente dizer que eles não correm essa espécie de perigo; no fim de contas, não estamos na Idade Média.

Jubal pestanejou.

— Verdade? Não dei pela modificação. Ben, esse padrão de vida foi oferecido a este mundo devasso muitas vezes: e o mundo sempre o esmagou. A Colónia de Oneida era muito parecida com o Ninho de Mike; durou um certo tempo, mas no campo, sem muitos vizinhos. Ou pensa nos primeiros cristãos: anarquia, comunismo, casamento de grupo, até o beijo de irmandade; o Mike foi buscar muita coisa a eles. Hum... se foi buscar a eles esse beijo de irmandade, eu esperaria que os homens beijassem homens.

Ben parecia envergonhado.

— Eu não te disse isso. Mas não é um gesto homossexual.

— Nem o era com os primeiros cristãos. Achas que sou louco?

— Sem comentários.

— Obrigado. Não aconselharia ninguém a dar o beijo da irmandade ao pastor de alguma igreja de uma grande avenida, actualmente; o cristianismo primitivo já não existe. Foi sempre a

mesma história: um plano de partilha perfeita, perfeito amor, esperanças gloriosas e elevados ideais; depois perseguição e falhanço. — Jubal tornou a suspirar. — Tenho estado preocupado com o Mike; agora estou preocupado com todos eles.

— Como é que pensas que eu me sinto, Jubal? Não posso aceitar a tua doce e luminosa teoria. O que eles estão a fazer é *errado!*

— É esse último incidente que está entalado na garganta.

— Hum... não só.

— É o principal. Ben, a ética do sexo é um problema espinhoso. Cada um de nós é obrigado a procurar uma solução com a qual possa viver, de acordo com um código ridículo, impraticável e maldoso das chamadas «Morais».

A maior parte das pessoas sabe que o código está errado, quase toda a gente o infringe. Mas pagamos imposto sobre isso por nos sentirmos culpados e por prestarmos adulação. Quer queiramos quer não, o código é-nos imposto, um código morto e fétido, como um albatroz em volta do nosso pescoço.

»Tu também, Ben. Consideras-te a ti próprio uma alma livre... e infringes esse código maldoso. Mas ao seres confrontado com um problema de ética sexual novo para ti, compara-lo, com esse mesmo código judaico-cristão... tão automaticamente que o teu estômago deu saltos... e pensas que isso prova que tu estás certo e que eles estão errados. *Falso!* Usaria de bom grado o julgamento de Deus. Tudo o que o teu estômago pode reflectir é o preconceito que foi enraizado em ti mesmo antes de teres adquirido razão.

— E quanto ao *teu* estômago?

— O meu também é estúpido; mas não deixo que ele domine o meu cérebro.

Vejo a beleza da tentativa de Mike de imaginar uma ética ideal e aplaudo o facto de ele ter reconhecido que isso deve começar por pôr termo ao presente código sexual e começar um novo. A maior parte dos filósofos não tiveram coragem para isto; engolem as bases

do presente código: monogamia, padrão de família, abstinência, tabus corporais, restrições convencionais das relações sexuais, e por aí adiante; em seguida, brincam com os pormenores... mesmo um disparate tal como discutir se a visão do seio da mulher é ou não uma visão obscena!

»Mas, na sua maior parte, eles debatem como é que nós podemos *obedecer* a esse código: ignorando que a maior parte das tragédias que se dão em volta deles tem as suas origens no próprio código e não no facto de não lhe obedecer.

»Agora chega o Homem de Marte, olha para este sacrossanto código de um novo ponto de vista... e rejeita-o. Não conheço os detalhes do código de Mike, mas ele viola claramente as leis de qualquer nação importante e enraiveceria as pessoas «morais» de todas as mais importantes fés... e muitos agnósticos e ateístas, também. Contudo este pobre rapaz...

— Jubal, ele *não é* um rapaz, é um homem.

— Ele é um «homem»? Este pobre *ersatz* marciano diz que o sexo é uma forma de felicidade. O sexo *devia* ser um meio de felicidade. Ben, a pior coisa sobre o sexo é que nós usamo-lo para nos ferirmos uns aos outros. O sexo nunca deveria ferir; devia trazer felicidade, ou, pelo menos, prazer.

»O código diz: «Não deves cobiçar a mulher do teu vizinho.» O resultado? Castidade relutante, adultério, ciúmes, amargura, lutas e por vezes assassínio, lares destruídos e crianças perdidas... e pequenas tentativas furtivas, degradantes quer para o homem, quer para a mulher. Este mandamento é obedecido? Se um homem jurar sobre a sua Bíblia que se absteve de cobiçar a mulher do seu vizinho porque o código o proíbe, eu seria levado a pensar ou em autodecepção, ou em sexualidade anormal. Qualquer homem suficientemente viril para gerar um filho cobiçou várias mulheres, quer tenha ou não atingido os seus fins.

»Agora chega o Mike e diz: «Não há necessidade de cobiçarem a minha mulher... *amem-na!* Não há limite para o amor dela, temos tudo a ganhar... e nada a perder, a não ser o medo e culpa, o ódio e

o ciúme.» A proposta é incrível. Tanto quanto me recordo, apenas a pré-civilização esquimó era assim tão ingénu... e estavam tão isolados que eram quase eles próprios «homens de Marte». Mas nós demos-lhes a nossa virtude e agora eles têm castidade e adultério, tal como todos nós. Ben, que é que eles ganharam?

— Não gostaria de ser um esquimó.

— Nem eu. Peixe estragado faz-me mal ao fígado.

— Eu tinha em mente água e sabão. Acho que estou caduco.

— Eu também, Ben. Nasci numa casa que não tinha mais canalização do que um iglu; prefiro a actual. Apesar disso, os Esquimós eram invariavelmente discretos como o povo mais feliz da Terra. Qualquer infelicidade que eles sofriam, não era devida ao ciúme; não tinham uma palavra para isso. Trocavam de esposas por conveniência e por divertimento: isso não os tornava infelizes. Portanto, quem é que é parvo? Olha para este mundo mal-humorado à tua volta, e depois diz-me: os discípulos de Mike parecem mais ou menos felizes que as outras pessoas?

— Não falei com todos eles, Jubal. Mas... sim, são felizes. Tão felizes que parecem hipnotizados. Existe um truque algures.

— Talvez sejas tu o truque.

— Como?

— É uma pena que os teus gostos estejam canalizados, ainda tão novo. Mesmo três dias daquilo que te era oferecido devia ser uma coisa para guardares preciosamente na memória quando atingisses a minha idade. E tu, jovem idiota, deixaste que o ciúme te fizesse perder essa oportunidade! Na tua idade eu teria sido esquimó; ora, estou com tanta inveja de ti que o meu único consolo é a certeza de que tu o lamentarás sempre. A idade não traz sensatez, Ben, mas dá realmente perspectiva... e a visão mais triste de tudo é ver, olhando para trás, as tentações a que se resistiu. Tenho desses remorsos... mas nada comparado com o que *tu* vais sofrer!

— Deixa de insistir nisso!

— Céus, homem!..., ou será que és um rato..., estou a tentar espicaçar-te. Porque é que te estás a lamentar com um velho? Quando deverias era estar a caminho do Ninho, como um pombo regressando ao pombal! Com mil diabos, se eu tivesse menos *vinte* anos, eu próprio iria juntar-me à igreja de Mike.

— Deixa-te disso, Jubal. Que é que pensas realmente da igreja de Mike?

— Disseste que era apenas uma disciplina.

— É e não é. Pressupõe-se que é a «Verdade» com um «V» maiúsculo, tal como o Mike a comprou dos Velhos marcianos.

— Os «Velhos», hem? Para mim, eles não passam de invenção.

— O Mike acredita neles.

— Ben, uma vez conheci um fabricante que acreditava que consultava o fantasma de Alexander Hamilton. Contudo... Bolas, porque é que *eu* tenho de ser o advogado do Diabo?

— Que é que te mordeu agora?

— Ben, o pecador mais louco de todos é o hipócrita que faz da religião uma tábua de salvação. Mas temos de dar ao Diabo o que é do Diabo. O Mike acredita realmente e está a ensinar a verdade tal como a compreende. Quanto aos seus «Velhos», não *sei* se existem; simplesmente, acho a ideia difícil de engolir. Quanto ao seu credo do «Tu És Deus», não é nem mais nem menos digno de crédito do que qualquer outro. No dia do Juízo Final, se eles o fizerem, poderemos verificar que o Mumbo Jumbo, deus do Congo, foi o Patrão durante todo o tempo.

— Oh, por amor de Deus, Jubal!

— Todos os nomes estão dentro do chapéu, Ben. O homem é tão pretensioso que não é capaz de imaginar a sua própria morte. Isto conduz a um sem-número de religiões inventadas. Embora esta convicção sem quaisquer meios prove que a imortalidade é um facto, as questões geradas por ela são extremamente importantes. A natureza da vida, como é que o ego se instala dentro de um corpo, o problema do próprio ego e porque é que cada ego *parece* ser o

centro do universo, o objectivo da vida, o objectivo do universo: estas são questões proeminentes, Ben; nunca podem ser triviais. A ciência não lhes deu resposta; e quem sou eu para escarnecer das religiões por *tentarem* dar-lhes resposta, independentemente de me convencerem ou não? O velho Mumbo Jumbo ainda me pode comer; não o posso excluir por ele não possuir belas catedrais. Da mesma forma que não posso excluir um rapaz que dirige um culto sexual num sótão acolchoado; ele pode ser o Messias. A única opinião religiosa de que tenho a certeza é: autoconhecimento *não* é apenas um punhado de aminácidos entrechocando-se!

— Uf, Jubal, devias ter sido pregador.

— Escapei-me por sorte. Se o Mike nos pode mostrar uma maneira melhor de gerir este planeta poluído, a sua vida sexual não precisa de justificação. Os génios desdenham justificadamente a opinião inferior e são sempre indiferentes aos costumes sexuais da tribo; eles fazem as suas próprias regras. O Mike é um génio. Portanto não quer saber do que os outros dizem e faz o que lhe parece melhor.

»Mas, de um ponto de vista teológico, o comportamento sexual de Mike é tão ortodoxo como o do Pai Natal. Ele prega que todas as criaturas vivas são colectivamente Deus... o que faz de Mike e dos seus discípulos os únicos deuses conhecidos deste planeta... o que lhes atribui um cartão de união pelas regras dos deuses. Essas regras permitem *sempre* a liberdade sexual dos deuses, limitada apenas pelo seu próprio julgamento.

«Queres provas? Leda e o Cisne? Europa e o Touro? Osíris, Ísis e Hórus? Os incríveis incestos dos deuses nórdicos? Não citarei as religiões orientais; os seus deuses fazem coisas que nem um criador de martas toleraria. Mas observa as relações da Santíssima Trindade, uma das mais respeitadas religiões ocidentais. A única maneira de eu poder reconciliar os preceitos da religião com as inter-relações de quaisquer objectivos, para se ser monoteísta, é concluindo que as regras reprodutoras para a divindade não são as mesmas que para os mortais. Mas a maior parte das pessoas nunca pensa nisto; lacram e carimbam-no: «Sagrado — Não Perturbar.»

— Uma pessoa tem de conceder a Mike qualquer dispensa concedida a outros deuses. Um deus sozinho divide-se em pelo menos duas partes, e reproduz-se, não apenas Jeová: todos o fazem. Um grupo de deuses procriará como coelhos, e com igual desrespeito pelas conveniências humanas. Uma vez que Mike entrou no negócio dos deuses, as orgias eram tão predictíveis como o nascer do Sol; por isso, esquece os padrões de Podunk e julga-os pela moral do Olimpo. — Jubal resplandecia. — Ben, para compreender isto, tens de começar por reconhecer a sua sinceridade.

— Oh, eu reconheço! Só que...

— Reconheces? *Começas* por assumir que eles estão errados, julgando-os por aquele mesmo código que tu rejeitas. Tenta a lógica. Ben, esta «aproximação» pela união sexual, esta pluralidade-na-unidade, logicamente não tem lugar para a monogamia. Uma vez que é partilhada por todos, esta reunião sexual é essencial para o seu credo: um facto que o teu comportamento torna claro; por quê esperar que isso fosse feito às escondidas? Uma pessoa só esconde aquilo de que tem vergonha... mas *eles* não têm vergonha, regozijam-se com isso. Fornicar atrás de portas fechadas seria uma concessão ao código que eles rejeitaram... ou gritaria em voz alta que *tu* eras um intruso que nunca deverias ter sido admitido no lugar principal.

— Talvez não devesse realmente ter sido admitido.

— Claro que não devias. O Mike teve claramente dúvidas. Mas a Gillian insistiu. Hem?

— Isso só torna as coisas piores!

— Como? Ela queria que tu fosses um dos dos deles «em toda a plenitude», como diria Mike. Ela ama-te... e não tem ciúmes de ti. Mas tu tens ciúmes dela; e, embora digas que a amas, o teu comportamento não demonstra isso.

— Caramba, eu *amo-a*, sim!

— Verdade? Se assim é, então não compreendeste a honra olímpica que te estavam a oferecer.

— Parece-me que não — reconheceu Ben, sorumbaticamente.

— Vou oferecer-te uma saída. Perguntaste como é que Mike se livrou das suas roupas. Vou dizer-te.

— Como?

— Um milagre.

— Oh, por amor de Deus!

— Podia ser. Aposto um milhar de dólares em como foi um milagre. Vai perguntar a Mike. Ele que te mostre. Depois manda-me o dinheiro.

— Vai para o Diabo, Jubal, não quero tirar-te o teu dinheiro. — Não tirarás. Apostado?

— Jubal, vai tu ver qual é o truque. Eu não posso lá voltar.

— Eles receber-te-ão de braços abertos e nunca te perguntarão porque é que te foste embora. Aposto um milhar nesta profecia, também. Ben, tu estiveste lá menos de vinte e quatro horas. Concedeste-lhes a cuidadosa investigação que costumás conceder a uma das tuas bisbilhotices da vida pública, antes de a relatares?

— Mas...

— Concedeste?

— Oh, por amor de Deus, Ben! Dizes *amar* a Jill... contudo nem sequer lhe concedeste a oportunidade que concedes a um político sujo. Nem um décimo do esforço que *ela* fez para te ajudar quando *tu* estavas em sarilhos. Onde é que estarias se ela não te tivesse ajudado? A assar no Inferno, muito provavelmente. Estás a preocupar-te com fornicação pública; sabes com que é que eu estou preocupado?

— Com quê?

— Cristo foi crucificado por pregar sem a permissão da polícia. Preocupa-te antes com *isso!*

Caxton mordeu um dedo e não disse nada; depois levantou-se subitamente.

- Vou para lá.
- Depois do almoço.
- Agora.

Vinte e quatro horas mais tarde, Ben mandou a Jubal dois mil dólares. Quando, passada uma semana, Jubal ainda não tinha recebido mais nenhuma mensagem, enviou um telegrama para o escritório de Ben: «*Que diabo é que estás a fazer?*» A resposta chegou um pouco atrasada:

«A estudar marciano — aquafraternalmente teu — Ben.»

QUINTA PARTE - O SEU FELIZ DESTINO

XXXIV

Foster levantou o olhar do trabalho que tinha em mãos.

— Júnior!

— Senhor?

— Aquele rapaz que tu querias, está agora disponível. Os Marcianos libertaram-no.

Digby parecia confuso.

— Desculpe. Existia alguma criatura em relação à qual eu tinha um dever?

Foster sorriu angelicamente. Os milagres *nunca* eram necessários; na Verdade, o pseudoconceito «milagre» contradizia-se a si próprio. Mas estes jovens tinham sempre de aprender isto por si próprios.

— Não te apoquentes — disse gentilmente. É um martírio sem importância e eu próprio cuidarei disso e... Júnior?

— Senhor?

— Chama-me «Fos», por favor; a cerimónia está bem para o campo, mas não precisamos dela aqui no estúdio. E lembra-me para não te chamar «Júnior»; fizeste um bom trabalho nessa tua tarefa temporária. Que nome é que gostavas que te chamassem?

O seu assistente pestanejou.

— Eu tenho outro nome?

— Milhares. Tens alguma preferência?

— Bem, na verdade não me recordo neste preciso éon.

— Bem... gostarias de ser tratado por «Digby» ?

— Hum, sim. É um nome muito bonito. Obrigado.

— Não me agradeças. Mereceste-o.

O Arcanjo Foster voltou para o seu trabalho, não esquecendo o dever sem importância que tinha assumido. Por momentos pensou em como é que este cálice poderia afectar a pequena Patrícia — depois censurou-se a si próprio por um tão antiprofissional, e quase humano, pensamento. A piedade não era possível para um anjo; a compaixão angélica não deixava espaço para ela.

Os Velhos marcianos tinham chegado a uma elegante solução para o seu importante problema estético e tinham-no posto de lado por uns três anos-completos para deixar que gerasse novos problemas. Por volta dessa altura, calma e quase distraidamente, o estranho companheiro de ninho que eles haviam devolvido ao seu próprio mundo enviara em código o que tinha aprendido deste povo, por isso deixaram-nos, depois de o terem contemplado, uma vez que já não servia os seus interesses.

Observaram os dados que ele tinha acumulado e, tendo em vista um teste à elegante solução por eles encontrada, começaram a trabalhar para considerarem um inquérito conduzindo a uma investigação dos parâmetros estéticos envolvidos pela possibilidade da necessidade artística de destruírem a Terra. Mas seguir-se-ia uma longa espera, antes que a totalidade grocasse a decisão.

O Daibutsu, em Kamakura, foi de novo varrido por uma onda gigante derivada de uma perturbação sísmica a 280 quilómetros de Honshu. A onda matou 13.000 pessoas e alojou uma criança do sexo feminino no interior da imagem de Buda, onde foi encontrado e socorrido por monges sobreviventes. Esta criança viveu noventa e sete anos terrestres depois do desastre que aniquilou a sua família e não deixou descendência nem nada digno de nota a não ser uma reputação de suster erupções. Cynthia Duchess entrou para um convento com todos os benefícios da moderna publicidade e saiu sem fanfarra três dias depois. O ex-secretário-geral Douglas sofreu uma apoplexia que lhe impossibilitou o uso da mão esquerda mas não a habilidade para conservar os valores a si confiados. A Empresa Lunar Ltda. publicou um prospecto sobre a emissão de ações para a sua subsidiária Ares Chandler Corporation. A nave exploratória com a

Propulsão Lyle *Mary Jane Smith* aterrou em Plutão. Fraser, no Colorado, declarou que este era o Fevereiro mais frio de toda a sua história.

O bispo Ostongue, no Novo Templo da Grande Avenida, fez um sermão sobre o texto (Mat. XXIV: 24): «Nessa época aparecerão falsos Cristos e falsos profetas e mostrarão grandes sinais e maravilhas; a tal ponto que, se isso fosse possível, enganariam o próprio eleito.» Deixou bem claro que a sua diatribe não se dirigia aos mórmones, ou aos cristãos cientistas, ou aos católicos romanos, ou aos fosteritas — especialmente não aos últimos —, nem a nenhum companheiro de viagem cujas boas obras contavam mais que diferenças inconsequentes de credo ou ritual... mas somente a novos hereges que estavam a seduzir contribuintes fiéis para se afastarem das féis dos seus pais. Numa cidade subtropical da mesma nação, três queixosos juraram uma informação acusando de luxúria pública um pastor, três das suas assistentes, e John Doe, Mary Roe, e outros, acrescida de outras acusações de dirigir uma casa de desordem e de contribuir para a delinquência de menores. O procurador do condado não tinha interesse em instaurar um processo judiciário, pois tinha no seu arquivo uma dúzia de queixas idênticas; as testemunhas queixosas nunca tinham aparecido no tribunal.

Chamou a atenção para isto. O porta-voz deles disse:

— Terá montes de apoio desta vez. O Supremo Bispo Short está determinado a não permitir que este anticristo prospere durante muito mais tempo.

O promotor de justiça não estava interessado em anticristos.. mas aproximava-se uma eleição.

— Bem, lembrem-se apenas de que eu não posso fazer nada sem apoio.

— Tê-lo-á.

O Dr. Jubal Harshaw não tinha conhecimento deste incidente, mas sabia de muitos outros para seu descanso. Sucumbira àquele insidioso vício, as notícias. Por esta altura Jubal subscrevia apenas

um serviço de informações que o informava do que dissesse respeito ao «Homem de Marte», «V. M. Smith», «Igreja de Todos os Mundos», e «Ben Caxton». Mas continuava preocupado; por duas vezes, nos últimos dias, tinha lutado contra um impulso de pedir a Larry que lhe ligasse a caixa balbuciante.

Caramba, porque é que aquelas crianças não lhe podiam telegrafar uma carta de vez em quando, em vez de o deixarem preocupado?

— Quem é que está de serviço?

Anne entrou, mas Jubal continuou a olhar fixamente para a neve lá fora e para uma piscina vazia.

— Anne — disse ele — aluga-nos uma ilha tropical e põe este mausoléu à venda.

— Sim, patrão.

— Mas vê se arranjas um contrato de arrendamento antes de entregares isto outra vez aos índios; não suportarei hotéis. Há quanto tempo não escrevo artigos remunerados?

— Quarenta e três dias.

— Que isso seja uma lição para ti. Começa *Canção de Morte de Um Potro dos Bosques*.

As profundezas do Inverno são gelo no meu coração,
Os cacos de alianças quebradas ferem a minha alma,
Os espectros do enlevo há muito perdido ainda nos mantêm
afastados,

Os ventos sombrios da amargura ainda gemem nos pólos.

As cricratizes e os tendões torcidos, os cotos de membros
cortados,

O doloroso fosso da fome e o latejar de ossos deslocados

Os meus globos oculares em fogo, como a luz dentro deles
extingue-se,

Nada acrescenta ao tormento de jazer aqui, só...

As chamas tremeluzentes de febre atravessam o teu rosto abençoado,

Os meus tímpanos doentes ecoam ainda a tua voz dentro da minha cabeça.

Não temo a escuridão que se dirige para mim, depressa;

Temo apenas perder-te quando estiver morto.

»Agora — acrescentou friamente — assina «Louisa M. Alcott» e envia-a para a revista *Togetherness*.

— Patrão, é esta a sua ideia de «artigo remunerado»?

— Hã? Valerá alguma coisa, mais tarde; arquiva-o e o meu executor literário poderá usá-lo para ajudar a liquidar os encargos funerários. É esse o problema das profissões artísticas; o melhor trabalho só vale qualquer coisa depois de o artista já não poder receber. A vida literária... *Raios!* Consiste em fazer festas ao gato até ele ronronar.

— Pobre Jubal! Nunca ninguém tem pena dele, portanto tem de sentir pena de si próprio.

— Ainda por cima sarcasmo. Não admira que eu não consiga trabalhar.

— Não é sarcasmo, patrão. Somente quem os traz calçados é que sabe onde os sapatos apertam.

— As minhas desculpas. Está bem, aqui vai um artigo remunerado.

Título: Uma para a Estrada:

Existe amnésia num nó de uma forca, E conforto no machado,
Mas mesmo o simples método do veneno farão os vossos nervos

[relaxar.

Encontras repouso no fogo,
Ou o gás pode dar-te paz,
Mas a farmácia mais próxima tem paz em pílulas embaladas.
Existe refúgio na igreja
Quando estás farto de encarar os factos,
E a via mais calma é veneno, prescrito por gentis Quacks.

CORO:

Com um ugh! e um gemido, e um esticar de pernil,
A morte chega em silêncio, ou vem aos gritos...
Mas o local mais agradável para encontrares o teu fim
É um prato de comida da mão de um teu amigo.

— Jubal — disse Anne preocupadamente —, está mal disposto do estômago?

— Sempre.

— Isto também é para arquivar?

— Hã? Isto é para o *New Yorker*.

— Eles vão rejeitá-lo.

— Eles vão comprá-lo. É mórbido, compram-no.

— E, além disso, existe qualquer coisa de errado com o escanção.

— Claro! Temos de dar ao editor *alguma coisa* para mudar, ou ele fica frustrado. Depois de urinar nele gosta mais do sabor, por isso compra-o. Minha querida, eu já evitava trabalho honesto antes de tu nasceres: não ensines a missa ao padre. Ou preferirias que eu tratasse da Abigail enquanto tu escrevias artigos? Hey! É hora de a Abigail comer! Tu não estavas de serviço, era a Dorcas.

— Não fará mal à Abby esperar um bocadinho. A Dorcas está deitada. Enjoo matinal.

Disparates. Anne, eu descubro a gravidez duas semanas antes de qualquer outra pessoa... e tu sabe-lo.

— Jubal, deixe-a estar! Ela está com medo de não estar grávida... e quer pensar que o está o máximo de tempo possível. Não sabe *nada* sobre as mulheres?

— Hum... cheguei a pensar nisso: não. Está bem, não lhe farei perguntas embaraçosas. Porque é que não trouxeste a tua adorável bebê para a alimentares aqui?

— Estou contente por não a ter trazido, ela poderia ter compreendido o que estava a dizer...

— Com que então eu corrompo bebês?

— Ela é muito nova para saber das tristezas da vida, patrão. Mas, se eu a trouxesse, o senhor não trabalharia nada; apenas brincava com ela.

— És capaz de pensar numa maneira melhor de enriquecer horas vazias?

— Jubal, aprecio o facto de sentir carinho pela minha filha; também acho que ela é muito engraçada. Mas o senhor tem passado todo o seu tempo a brincar com a Abby... ou entristecendo-se.

— Dentro de quanto tempo precisaremos de recorrer a ajuda ?

— Não é disso que se trata. Se não deitar as suas histórias cá para fora, fica espiritualmente constipado. Isto atingiu o ponto em que a Dorcas, o Larry e eu estamos a roer as unhas; e quando você grita: «Quem é que está de serviço?», nós suspiramos de alívio. Mas é sempre um falso alarme.

— Se há dinheiro para pagar as contas, que é que te preocupa?

— Que é que o preocupa a *si*, patrão?

Jubal considerou isto. Deveria contar-lhe? Qualquer dúvida sobre a paternidade de Abigail tinha sido apagada, no seu espírito, com o nome: Anne tinha hesitado entre «Abigail» e «Zenóbia»; depois carregara a criança com ambos os nomes. Anne nunca

mencionara o significado desses nomes... presumivelmente não sabia que ele os conhecia...

Anne prosseguiu firmemente:

— Não está a enganar ninguém, Jubal. O Larry, a Dorcas e eu, todos sabemos que o Mike sabe tomar conta de si próprio. Mas o senhor tem estado tão freneticamente preocupado...

— Frenético! *Eu?*

— ... o Larry instalou o receptor no seu quarto e um de nós tem estado sempre a acompanhar as notícias, todas as transmissões. Não porque estejamos preocupados... excepto consigo. Mas quando o Mike aparece no noticiário (e é evidente que aparece), nós sabemo-lo antes de esses idiotas bilhetes chegarem a si. Gostava que deixasse de os ler.

— Como é que sabes da existência desses bilhetes? Tive um monte de trabalhos para ver se vocês não descobriam.

— Patrão — disse Arme numa voz cansada —, alguém tem de deitar fora o lixo. Acha que o Larry não sabe ler?

— Pois é. Aquele maldito escoador não trabalha bem desde que o Duke se foi embora. Raios! Nada tem trabalhado bem!

— Basta mandar um recado a Mike: o Duke aparecerá imediatamente.

— Sabes que não posso fazer isso. Jubal pensou que o que ela dissera era certamente verdade... e este pensamento foi seguido por uma amarga suspeita. — Anne! Ainda estás aqui porque o Mike te disse para ficares?

Ela respondeu prontamente:

— Estou aqui porque quero estar.

— Hum... não tenho a certeza de que isso seja uma resposta.

— Jubal, às vezes gostava que fosse suficientemente pequeno para lhe dar uma sova. Posso acabar o que estava a dizer?

— Tens a palavra.

Teria *algum* deles ficado ali? Teria Miriam casado com Stinky e ido para Beirute se o Mike não tivesse aprovado? O nome «Fátima Michèle» podia ser uma manifestação da religião que ela adoptara acrescida do desejo do seu marido de homenagear o seu amigo mais íntimo — ou podia ser código, tão explícito como o duplo nome da bebê Abigail. Se assim fosse, teria o Stinky chifres sem o saber? Hum... devia concluir-se que Stinky sabia os pormenores da vida da sua huri; a irmandade de água não permitia uma omissão tão importante. Se é que era importante, coisa de que Jubal, médico e agnóstico, duvidada. Mas para *eles* isso seria...

— Não está a ouvir nada.

— Desculpa. Estava na Lua. — (E pára de fazer isto, seu velho sórdido... ler significados nos nomes que as mães dão aos filhos! A seguir estarás a considerar a numerologia... depois a astrologia... depois o espiritismo... até a senilidade ter progredido tanto que tudo o que restará será tratamento mental para um velho demasiado senil para se desincorporar com dignidade. Vai até à nona gaveta que está fechada na clínica, código «Letes», e usa dois grãos, embora um seja mais que suficiente.)

— Não há necessidade de tais bilhetes, porque nós vigiamos as notícias sobre o Mike... e o Ben deu-nos uma promessa de água de nos comunicar quaisquer notícias privadas de que precisássemos, imediatamente. Mas, Jubal, o Mike *não pode* ser ferido. Se quisesse visitar o Ninho, como nós os três o fizemos, saberia isso.

— Nunca fui convidado.

— Nós também não recebemos convites. Ninguém tem de ser convidado para a sua própria casa. Está a arranjar desculpas, Jubal. O Ben incitou-o a fazê-lo, e o Duke e a Dawn pediram-lhe para lá ir.

— O Mike não me convidou.

— Patrão, aquele Ninho pertence-me a mim e a si, tal como pertence ao Mike. O Mike é o primeiro de entre iguais... tal como o senhor é aqui. Isto é o lar da Abby?

— Acontece — respondeu Jubal — que esse título passou para a posse dela... com um contrato de arrendamento vitalício para mim.

— Jubal modificara o seu testamento, sabendo que o testamento de Mike tornaria desnecessário atribuir quaisquer legados aos irmãos de água de Mike. Mas, como não tinha a certeza do estatuto de «água» desta pequenina (excepto que ela estava usualmente molhada), tomara disposições em seu favor e em favor dos descendentes de alguns outros. — Não fazia tenção de te dizer, mas não tem mal nenhum que o saibas.

— Jubal... fez-me chorar. E quase me fez esquecer o que estava a dizer. E tenho de o dizer. O Mike nunca o apressaria, o senhor sabe isso. Groco que ele está à espera de totalidade... e groco que o mesmo se passa consigo.

— Hum... groco que falas correctamente.

— Está bem. Acho que o senhor está hoje especialmente triste porque o Mike foi preso de novo. Mas isso aconteceu muitas vezes...

— Preso? Não sabia isso! E acrescentou. — Diabos te levem, rapariga...

— Jubal, Jubal! O Ben não telefonou; é tudo o que precisamos saber. Sabe quantas vezes o Mike foi preso: no exército, como artista de circo, e noutros lugares... meia dúzia de vezes como pregador. Ele nunca magoa ninguém; deixa-os fazê-lo. Eles nunca o podem condenar e ele sai assim que o deseja.

— Que é que foi, desta vez?

— Oh, o disparate do costume: luxúria pública, violação de estatutos, conspiração para defraudar, manter uma casa turbilenta, contribuir para a delinquência de menores, conspiração para fugir às leis da vadiagem...

— Hã?

— A licença deles para manterem uma escola paroquial foi cancelada; as crianças não voltaram para a escola pública. Não interessa, Jubal, nada disto interessa. A única coisa de que eles são legalmente culpados não pode ser provada. Jubal, se tivesse visto o Ninho, saberia que nem mesmo os serviços secretos da Federação poderia lá introduzir um espião. Portanto, descontraia-se. Depois de

um monte de publicidade, as queixas serão retiradas... e as multidões serão maiores do que nunca.

— Hum! Anne, é o Mike que dirige essas perseguições a si próprio? Anne ficou perplexa.

— Ora, nunca considere essa hipótese, Jubal. O Mike não pode mentir, você sabe.

— E isto envolve mentira? Supões que ele pôs a correr boatos verdadeiros? Mas que não possam ser provados em tribunal?

— Acha que o Michael faria isso?

— Não sei. Sei que a maneira mais hábil de mentir é dizer a quantidade certa de verdades; em seguida calar-se. Esta não seria a primeira vez que se correria o risco da perseguição, por causa do seu valor publicitário. Está bem, vou esquecer isto a menos que chegue a um ponto que ele não o possa controlar. Ainda estás de serviço?

— Se se conseguir coibir de apertar o queixinho da Abby e de lhe dizer cutchi-cutchi e outros similares ruídos não comerciais, vou buscá-la. De outra modo terei de ir dizer à Dorcas que se levante.

— Traz a Abby. Vou fazer um esforço sincero para fazer ruídos comerciais: um plano secreto novinho em folha, conhecido como «rapaz -conhece-rapariga».

— Digamos, que é um *bom* plano, patrão! Admira-me como é que ninguém pensou nele antes. Só um segundo... — Ela saiu a correr.

Jubal dominou-se realmente: menos de um minuto de actividade não comercial, apenas o tempo suficiente para provocar o angélico sorriso de Abigail, depois Anne voltou a instalar-se e deixou o bebê beber o biberão.

— Título — começou Jubal. — *As Raparigas São como os Rapazes, Só Que Um Pouco Mais*. Começa. «Henry M. Haversham tinha sido cuidadosamente educado. Acreditava que existiam apenas dois tipos de raparigas: aquelas que estavam na sua presença e aquelas que não estavam. Preferia muito mais a última espécie,

especialmente quando elas se mantinham nessa condição. Parágrafo. Não tinha sido apresentado à jovem que lhe caíra no colo, e não considerava um desastre comum como equivalente a uma apresentação for...» Que diabo é que tu queres?

— Patrão, disse Larry.

— Sai, fecha a porta e...

— *Patrão!* A igreja de Mike foi destruída pelo fogo!

Dirigiram-se em desordem para o quarto de Larry, Jubal meio comprimento atrás de Larry; Anne, com dez quilos a mais, aproximando-se rapidamente. Dorcas arrastava-se para não chegar atrasada à reunião; o barulho acordara-a.

— ... à meia-noite de ontem à noite. Estão a ver aquilo que era a entrada principal do templo do culto, como apareceu imediatamente a seguir à explosão. Este é o vosso repórter da New World Network com a ronda matinal. Fiquem sintonizados com este canal, sempre alerta aos acontecimentos. E agora um momento para o vosso patrocinador... — A cena mudou e foi substituída por um plano médio de uma encantadora dona de casa com um secador de roupa.

— Raios! Larry, desliga essa engenhoca e leva-a para o estúdio. Anne... não, Dorcas. Telefona ao Ben.

Anne protestou:

— Sabe muito bem que nunca existiu um telefone no Templo. Como é que ela pode telefonar?

— Então manda alguém lá verificar e... não, o Templo não teria lá ninguém; hum, telefona, ao chefe da polícia de lá. Não, ao procurador do distrito. A última vez que ouviram falar de Mike foi para dizer que ele estava na cadeia?

— Isso mesmo.

— Espero que ainda lá esteja... e os outros também.

— Eu também. Dorcas, leva a Abby. Eu faço isso.

Assim que voltaram para o estúdio, o telefone estava a emitir um sinal pedindo circuito fechado. Jubal praguejou e programou a combinação, tencionando insultar quem quer que fosse que estivesse na frequência.

Era Ben Caxton.

— Olá Jubal.

— Ben! Com mil diabos, como é que está a situação?

— Vejo que ouviste as notícias. Foi por isso que telefonei. Está tudo sob controle.

— E o fogo? Há alguém ferido?

— Não há danos. O Mike diz para te dizer...

— Não há *danos*? Acabo de ver uma imagem da igreja; parecia um total...

— Oh, isso... — Ben encolheu os ombros. — Jubal, escuta, por favor. Tenho de fazer outras chamadas. Não és a única pessoa que precisa de informações. Mas o Mike disse que te telefonasse em primeiro lugar.

— Hum... muito bem, senhor.

— Não há ninguém ferido, nem sequer um arranhão. Oh, alguns milhares de prejuízos materiais. Aquele sítio estava a abarrotar de experiências; Mike fazia tenção de o deixarmos brevemente. Sim, era à prova de fogo; mas qualquer coisa arde com bastante gasolina e dinamite.

— Trabalho de incendiários, hem?

— Por favor, Jubal. Eles tinham prendido oito de nós — tudo o que eles puderam apanhar do Nono Círculo, na sua maior parte mandatos em nome de John Doe. O Mike pôs-nos fora num par de horas, excepto a si próprio. Ele está na choldra...

— Vou já para aí!

— Calma. O Mike diz que venhas, se quiseres, mas que não há necessidade disso.

Concordo com ele. O fogo foi posto ontem à noite quando o Templo estava vazio, tinha sido tudo cancelado por causa das prisões... vazio, quer dizer, excepto o Ninho. Todos nós estávamos na cidade, excepto o Mike. Estávamos no Templo íntimo, celebrando uma Partilha da Água em honra de Mike, quando a explosão e o fogo deflagraram. Por isso transferimo-nos para um Ninho de Emergência.

— Pelo aspecto daquilo, tiveram sorte em conseguir sair.

— Nós fomos suprimidos, Jubal. Estamos todos mortos...

— O quê?

— Estamos todos dados como mortos ou desaparecidos. Estás a ver, ninguém deixou o edifício depois de o holocausto começar... por qualquer saída conhecida.

— Hum... uma passagem secreta?

— Jubal, o Mike tem métodos para essas coisas... e não vou discuti-los pelo telefone.

— Disseste que ele estava na cadeia?

— Pois disse. Ainda lá está.

— Mas...

— Já chega. Se vieres, não vás ao Templo. Isso acabou. Não te vou dizer onde estamos... e não estou a telefonar de lá. Se vieres... e eu não vejo qualquer interesse nisso... faz apenas como costumás fazer quando aqui vens: nós encontrar-te-emos.

— Mas...

É tudo. Adeus. Anne, Dorcas, Larry, e tu também Jubal, e o bebê. Partilhemos água. Tu és Deus. — A tela escureceu. Jubal praguejou.

— Eu já sabia! É o que dá andar por aí a pregar religião. Dorcas, arranja-me um táxi. Anne... não, acaba de dar de comer à tua filha. Larry, arranja-me uma mala. Anne, quero a maior parte do dinheiro que tivermos e o Larry pode ir amanhã levantar mais.

— Patrão — protestou Larry —, nós vamos *todos*. Claro que vamos — concordou Anne secamente.

— Acalma-te Anne. Fecha a boca, Dorcas. Esta não é uma altura em que as mulheres têm direito a voto. Aquela cidade é a linha de fogo e tudo pode acontecer. Larry, ficas aqui e proteges duas mulheres e um bebê. Esquece a ida ao banco; não precisarão de dinheiro porque nenhum de vocês vai sair daqui até eu voltar. Eles estão a jogar duro e há bastantes ligações entre esta casa e aquela igreja, por isso também podem jogar duro aqui. Larry, tem as luzes acesas durante toda a noite, liga a vedação eléctrica e não hesites em atirar. E não sejas lento a meter toda a gente na cave se isso for necessário; põe o berço da Abby lá, imediatamente. Agora despacha-te; tenho de ir mudar de roupa.

Meia hora depois, Jubal estava sozinho nos seus aposentos. Larry gritou:

— Patrão! O táxi está a aterrar.

— Vou já para baixo — respondeu Jubal, em seguida voltou-se para olhar para a *Cariátide Caída*. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas. Disse suavemente: — Tu tentaste, não tentaste, jovem? Mas essa pedra foi sempre demasiado pesada... demasiado pesada para qualquer pessoa.

Gentilmente tocou numa das mãos da figura esmagada, voltou-se e saiu.

XXXV

O táxi fez o que Jubal esperava da maquinaria, teve problemas e recolheu para ser arranjado. Jubal foi dar a Nova Iorque, mais afastado do seu destino do que nunca. Pensou que chegaria mais depressa se usasse uma carreira comercial do que se alugasse qualquer veículo. Chegou muitas horas mais tarde, tendo passado esse tempo engaiolado com estranhos e vendo estereovisão.

Viu uma comunicação do Supremo Bispo Short, proclamando uma guerra sagrada contra o anticristo, isto é, contra Mike, e viu

muitas imagens de um edifício completamente arruinado — não conseguiu compreender como é que alguém conseguira sair dali com vida. Augustus Greaves observou alarmado tudo sobre essa hipótese... mas chamou a atenção para o facto de que, em qualquer querela entre vizinhos, um dos vizinhos fornecia os incitamentos — e, na sua ambígua opinião, o chamado Homem de Marte era o culpado.

Finalmente Jubal encontrou-se de pé numa plataforma de aterragem municipal — sufocado dentro de roupas de inverno, notou que as palmeiras continuavam a parecer grandes espanadores, olhou tristemente para o mar que se estendia à sua frente, pensando que esse mar era apenas uma massa instável, contaminada com cascas de laranja e excrementos humanos... e perguntou a si próprio o que fazer.

Um homem aproximou-se, usando um boné de uniforme.

— Táxi, senhor?

— Hum, sim — Podia ir para um hotel, chamar a imprensa e dar uma entrevista que daria publicidade ao seu paradeiro.

— Por aqui, senhor. — O motorista conduziu-o a um velho táxi. Quando pôs a mala de Jubal dentro do táxi, depois de Jubal ter entrado, disse calmamente: — Ofereço-lhe água.

— Hã? Que nunca tenha sede.

— Tu és Deus. — O piloto do táxi fechou a porta e dirigiu-se para o seu compartimento.

Chegaram a uma ala de um hotel de praia: uma plataforma de aterragem privada para quatro carros, sendo a plataforma de aterragem do hotel numa outra ala. O piloto programou o carro para voltar sozinho para a garagem onde pertencia, pegou na mala de Jubal e escoltou-o para dentro.

— Não podia ter entrado pelo átrio — disse ele —, pois o átrio deste andar está cheio de cobras. Portanto, se quiser ir até à rua, peça a alguém que o acompanhe. A mim, ou a qualquer outra pessoa. Eu sou o Tim.

— Eu sou Jubal Harshaw.

— Eu sei, irmão Jubal. Por aqui. Cuidado com o degrau. — Entraram para uma *suite* grande e luxuosa, e continuaram a andar, para depois entrarem num quarto com banheiro; Tim disse: — Isto é seu. — Pôs a mala de Jubal no chão e saiu. Jubal encontrou água em cima de uma mesa, copos, cubos de gelo, e Brandy: — o seu Brandy preferido. Arranjou um para si, tomou-o de um trago e suspirou. Em seguida tirou o sobretudo.

Uma mulher entrou trazendo um tabuleiro com sanduíches. Jubal tomou o seu vestido por um uniforme de criada de quarto de hotel, pois era completamente diferente dos calções, sarões e roupões e de outras maneiras de dar nas vistas que caracterizavam esta estância de veraneio. Mas ela sorriu e disse:

— Bebe profundamente e que nunca tenhas sede, meu irmão — colocou o tabuleiro em cima de uma mesa e dirigiu-se ao banheiro; abriu a torneira da banheira e em seguida lançou um olhar verificador ao quarto e ao banheiro. — Precisa de alguma coisa, Jubal?

— Eu? Oh, não, está tudo ótimo. O Ben Caxton está por aqui?

— Está. Ele disse que o Jubal queria tomar um banho e pôr-se à vontade, primeiro. Se quiser alguma coisa, basta dizer. Peça a qualquer pessoa. Ou peça-me a mim. Eu sou a Patty.

— *Oh!* A Vida do Arcanjo Foster.

Ela sorriu, fazendo covinhas no rosto e subitamente pareceu muito mais nova do que os trinta anos que Jubal lhe tinha dado.

— Sou.

— Gostaria muito de ver isso. Interesse-me por arte religiosa.

— Agora? Não, eu groco que quer tomar banho. A não ser que queira ajuda?

Jubal recordou que a sua amiga japonesa tatuada tinha feito muitas vezes a mesma oferta. Mas ele queria simplesmente lavar a porcaria e enfiar-se dentro de roupas de verão.

— Não, obrigado, Patty. Mas quero ver as suas tatuagens quando lhe convier.

— Em qualquer altura. Não há pressa. — Patty saiu, sem pressa, mas movendo-se rapidamente.

Jubal *refreou* um impulso para se deitar. Passado pouco tempo estava a ver o que Larry lhe pusera dentro da mala e resmungou aborrecido por não encontrar um par de calças de verão. Resolveu-se por sandálias, calções e uma camisa vistosa, que o fazia parecer uma avestruz pintalgada e que acentuava as suas pernas, magras e peludas. Mas Jubal deixara de se preocupar com isso há muito tempo atrás; isto serviria, até necessitar de sair para a rua... ou para o tribunal. A associação de advogados deste sítio teria reciprocidade com Pensilvânia?

Encontrou o caminho para uma grande sala com a qualidade impessoal das acomodações dos hotéis. Várias pessoas viam estereovisão no maior receptor que Jubal jamais tinha visto, fora de um teatro. Um deles olhou para cima e disse:

— Olá, Jubal — e dirigiu-se a ele.

— Olá, Ben. Qual é a situação? O Mike ainda está na cadeia?

— Oh, não. Saiu pouco depois de eu ter falado contigo pelo telefone.

— O interrogatório preliminar já foi feito? Ben sorriu.

— As coisas não se passaram assim, Jubal. O Mike não foi solto: fugiu. Jubal parecia desolado.

— Que coisa tão pateta para se fazer. Agora, o caso será dez vezes mais difícil.

— Jubal, disse-te que não te preocupasses. Os restantes de nós estão dados como mortos... e o Mike está dado como desaparecido. Já acabámos o nosso trabalho nesta cidade, já não interessa. Vamos para qualquer lado.

— Eles vão extraditá-lo.

— Não receis isso. Não o faremos.

— Bem... onde é que ele está? Tenho de falar com ele.

— Está uns quantos quartos abaixo de ti. Mas está em transe, meditando. Deixou recado para te dizer que não encetasses qualquer ação. Podes falar com ele, se insistires; a Jill pode despertá-lo. Mas eu não o aconselho. Não há pressa.

Jubal estava diabolicamente ansioso por falar com Mike e dar-lhe uma descompostura por se ter metido numa destas confusões; mas perturbar Mike enquanto ele estava em transe era ainda pior do que incomodar o próprio Jubal quando este estava a ditar uma história: o rapaz saía sempre da auto-hipnose depois de ter «grocado na totalidade», o que quer que isto quisesse dizer... ou, se não o tivesse grocado, precisava de entrar de novo em transe. Seria tão despropositado como perturbar um urso em hibernação.

— Está bem. Mas quero vê-lo quando ele acordar.

— Ve-lo-ás. Agora descontraí-te e refaz-te da viagem. — Ben levou-o para junto do grupo em volta do receptor.

Anne olhou para cima.

— Olá, patrão. Ela aproximou-se. — Sente-se. Jubal foi para junto dela.

— Posso perguntar que diabo é que estás aqui a fazer?

— A mesma coisa que você: nada. Jubal, por favor, não fique zangado. Nós pertencemos aqui tanto como o senhor. Mas você estava muito perturbado para discutir isso. Por isso descontraia-se e veja o que eles estão a dizer de nós. O xerife anunciou que nos vai correr da cidade a todas nós, prostitutas. Anne sorriu. — Nunca fui corrida de nenhuma cidade, antes. Uma prostituta é metida num comboio? Ou tem de ir a pé?

— Acho que não há protocolo para isso. Vieram todos?

— Viemos, mas não se preocupe. O Larry e eu fizemos um acordo há um ano atrás com os rapazes da McClintock... só para o caso de ser necessário. Eles sabem como é que o aquecimento trabalha e onde estão os interruptores e outras coisas; está tudo bem.

— Hum! Estou a começar a pensar que não passo de um pensionista naquela casa.

— Você espera que nós dirijamos a casa sem o maçã. Mas é uma pena que não nos tenha deixado viajar todos juntos. Chegámos aqui há horas; deve ter tido problemas.

— Tive. Anne, quando chegar a casa, não tenciono voltar a sair de lá mais nenhuma vez durante a minha vida... e vou arrancar o telefone e levar um machado para aquela caixa palradora.

— Sim, patrão.

— Desta vez estou a falar a sério. Olhou de relance para a gigante caixa palradora. — Estes anúncios nunca mais param? Onde é que está a minha afilhada? Não me digas que a deixaste com aqueles idiotas da McClintock!

— Claro que não. Está aqui. Até tem uma ama só para ela, graças a Deus.

— Quero vê-la.

— A Patty vai mostrar-lha. Estou zangada com ela: portou-se como uma ferazinha durante toda a viagem. Patty querida! O Jubal quer ver a Abby.

A mulher tatuada deu uma corridinha não apressada através da sala.

— Claro, Jubal. Eu não estou ocupada. Venha por aqui.

»Tenho as crianças no meu quarto — explicou, enquanto Jubal se esforçava por a acompanhar —, para que a *Honey Bun* as possa vigiar.

Jubal ficou um tanto surpreedido ao ver o que Patrícia queria dizer. A jibóia estava instalada em cima de uma cama, enrolada em várias laçadas em forma de rectângulo, formando um berço — um berço duplo, pois uma das laçadas servia para dividir o rectângulo ao meio, formando duas bolsas, cada uma delas contendo um bebê.

A ama ofídea levantou a cabeça assim que eles entraram. Patty acariciou-a e disse:

— Está tudo bem, querida. O pai Juba quer vê-Jas. *Faça-lhe festas* e deixe que ela o groque, assim ela conhecê-lo-á da próxima vez.

Jubal fez cutchi-cutchi para a sua namorada favorita, quando ela esperneou e Ihe fez glu-glu, depois fez festas à serpente. Era o mais belo espécime de *Boidae* que ele já tinha visto — maior, calculou Jubal do que qualquer outra jibóia constritora em cativeiro. Listas vivamente marcadas e cores brilhantes muito vistosas. Invejou Patty pelo seu animal de estimação de flâmula azul e lamentou não ter tempo para se tornar amigo da serpente.

A cobra roçou a cabeça de encontro à sua mão, como um gatinho. Patty pegou em Abby e disse:

— *Honey Bun*, porque é que não me disseste? Ela diz-me imediatamente se alguma delas se engasga, ou se precisa de ajuda, pois não pode fazer muito mais do que impedi-las de gatinharem dali para fora. Mas não consegue mesmo grocar que um bebê molhado precisa de ser mudado: *Honey Bun* não vê nada de mal nisso. E a Abby também não.

— Eu sei. Nós chamamos-Ihe «Velha Fiel» (*N. do T.: Nome de um géiser famoso dos Estados Unidos*). Quem é a outra coisinha fofa?

— É a Fátima Michèle. Pensei que sabia.

— Eles estão cá? Pensei que estavam em Beirute!

— Pois, eles vieram realmente de um desses lugares no estrangeiro. A Miriam disse-mo, mas isso não significaria nada para mim; nunca estive em lado nenhum. Groco que todos os lugares são iguais: há apenas pessoas. Já está. Quer pegar na Abigail enquanto eu verifico a Fátima?

Jubal pegou na bebê e assegurou-Ihe que ela era a rapariga mais bonita do mundo, depois assegurou Fátima da mesma coisa. Foi sincero de ambas as vezes e as raparigas acreditaram nele — Jubal fizera a mesma coisa em ocasiões sem conta, começando na Administração Harding. Sempre falara a sério e nunca ninguém duvidara dele.

Pesarosamente saiu, depois de ter feito festas a *Honey Bun* e de lhe ter dito a mesma coisa.

Correram em direcção à mãe de Fátima.

— Patrão, querido! — Ela beijou-o e deu palmadinhas na barriga de Jubal. — Vejo que elas o têm alimentado.

— Alguma coisa. Estive a namorar com a tua filha. Ela é um amorzinho, Miriam.

— Bonito bebê, hem? Vamos vendê-la ao Rio de Janeiro.

— Pensei que o mercado era mais propício no Iémene.

— O Stinky diz que não. Temos de a vender para arranjar espaço. — Ela pôs a mão de Jubal na sua barriga. — Sente? O Stinky e eu estamos a fazer um rapaz: não temos tempo para filhas.

— Maryam — disse Patty em tom de censura —, isso não é maneira de falar.

— Desculpa, Patty. Não falarei assim do teu bebê. A Tia Patty é uma senhora, e groca que eu não sou.

— Eu também groco que *não* és, seu diabinho. Mas, se a Fátima está para venda, eu duplico a tua melhor oferta comercial.

— Resolva isso com a Tia Patty; a mim só me é permitido vê-la ocasionalmente.

— E tu ainda não tens barriga, portanto ainda és capaz de querer guardá-la para ti. Deixa-me ver os teus olhos. Hum... pode ser.

— É. O Mike grocou-o muito cuidadosamente e disse a Stinky que ele tinha feito um rapaz.

— Como é que o Mike pode grocar isso? Eu nem sequer tenho a certeza se tu estás grávida.

— Oh, está, sim, Jubal — confirmou Patty. Miriam olhou serenamente para ele.

— Ainda o mesmo céptico, patrão? O Mike grocou isto quando nós ainda estávamos em Beirute, antes de o Stinky e eu termos a certeza de que eu estava grávida. Por isso o Mike telefonou-nos.

Assim, o Stinky disse à universidade que íamos tirar um ano sabático. Portanto, aqui estamos.

— A fazer o quê?

— A trabalhar. Mais arduamente que você me fazia trabalhar, patrão; o meu marido é um condutor de escravos.

— A fazer o quê?

— Estão a elaborar um dicionário de marciano — disse-lhe Patty.

— Marciano-inglês? Isso deve ser difícil.

— Oh, não! Miriam quase parecia chocada. — Isso seria impossível. Um dicionário marciano em marciano. Nunca existiu um; os Marcianos não precisam dessas coisas. A minha participação é apenas trabalho de escritório; escrevo à máquina o que eles fazem. O Mike e o Stinky (principalmente o Stinky) elaboraram uma escrita fonética para a língua marciana, oitenta e um caracteres. Assim programámos um terminal da IBM com essa transcrição, e usamos ou o computador ou eu. Patrão, querido, estou *arruinada* como secretária; agora estenografo em marciano. Continuará a gostar de mim assim? Quando gritar, «Quem é que está de serviço?» e eu não servir para nada? Ainda posso cozinhar... e disseram-me que tinha outros talentos.

— Ditarei em marciano.

— Fá-lo-á quando o Mike e o Stinky acabarem de lhe ensinar. Groco.

Hem, Patty?

— Falas correctamente, meu irmão.

Voltaram os três para a sala, Caxton juntou-se-lhes e sugeriu que fossem para um lugar mais calmo; conduziu Jubal por uma passagem e foram para outra sala.

— Parece que vocês têm a maior parte deste andar.

— Todo ele — concordou Ben. — Quatro *suites*: a *suite* Secretarial, a Presidencial, a Real, e a Cabina do Proprietário, que dá

para outra inacessível a não ser pela nossa própria plataforma de aterragem... excepto por um átrio que não é lá muito seguro. Foste avisado disto?

— Fui.

— Não precisamos de muito mais espaço, agora... mas podemos vir a precisar; as pessoas estão a chegar aos poucos.

— Ben, como é que vocês se podem esconder tão abertamente? O pessoal do hotel entregar-vos-á.

— O pessoal não vem aqui. Compreendes, o Mike é proprietário deste hotel.

— Tanto pior.

— Não, a não ser que a nossa valente polícia tenha o Sr. Douglas na sua folha de pagamentos. O Mike adquiriu-o através de quatro entidades fictícias... e o Douglas não bisbilhota quando o Mike ordena uma coisa. Douglas já não me odeia desde que o Kilgallen ficou com a minha coluna, acho, mas não quer entregar-me o controle. O proprietário de registo é um dos nossos clandestinos do Nono Círculo. Portanto o proprietário fica com este andar para a época de praia e o administrador não pergunta porquê: ele gosta do seu trabalho. É um bom esconderijo. Até o Mike grocar para onde é que iremos.

— Parece que o Mike previu uma necessidade.

— Tenho a certeza de que previu. Há duas semanas atrás o Mike desocupou o ninho dos pequeninos, excepto Miriam e o seu bebê; a Miriam é necessária. O Mike mandou os pais com filhos para outras cidades... locais onde ele faz tenção de abrir templos, penso eu..., e, quando chegou a altura, só faltávamos doze para sairmos de lá. Não houve confusão.

— Mas vocês mal conseguiram sair com vida. Perderam todos os vossos bens?

— Oh, tudo o que era importante foi salvo. Coisas como as gravações de linguagem de Stinky e um aparelho de estenografar

que a Miriam usa... até aquela tua horrível Madame Tussaud. E o Mike trouxe algumas roupas e dinheiro.

Jubal protestou:

— Disseste que foi o *Mike* que fez isso? Pensei que o Mike estava na prisão nessa altura.

— O seu corpo estava na cadeia, enrolado em transe. Mas ele estava conosco. Compreendes?

— Não groco.

— Correção. Ele estava principalmente no espírito de Jill, mas estávamos todos juntos. Jubal, não posso explicar; *tu* tens de o fazer. Quando a explosão deflagrou, ele mudou-nos para aqui. Depois voltou e salvou as outras coisas.

Jubal franziu o sobrolho. Caxton disse impacientemente:

— Teletransporte, claro. Que é que é tão difícil de grocar, Jubal? Disseste-me para abrir os olhos e reconhecer um milagre quando visse um. Foi o que fiz... e eram verdadeiros. Só que não são milagres, tal como a rádio não o é. Grocas rádio? Ou estereovisão? Ou computadores electrónicos?

— Eu? Não.

— Nem eu. Mas poderia fazê-lo, se tivesse tempo para aprender a linguagem da electrónica; não é miraculoso: é apenas complexo. O teletransporte é simples, uma vez que se tenha aprendido a linguagem: a linguagem é que é difícil.

— Ben, podes teletransportar coisas?

— Eu? Eles não ensinam isso no jardim infantil. Sou um diácono por cortesia, simplesmente porque sou um «Primeiro Convocado»... mas os meus progressos andam à volta do nível do Quarto Círculo. Ainda estou a começar a ter controle sobre o meu próprio corpo. A Patty é a única que usa o teletransporte regularmente... e não tenho a certeza se ela o faz sem o apoio de Mike. Oh, o Mike diz que ela é capaz de o fazer, mas a Patty é curiosamente ingénua e humilde para o génio que é e sente-se dependente de Mike. Coisa de que ela não precisa. Jubal, eu groco

isto: realmente não precisamos de Mike. *Tu* poderias ter sido o Homem de Marte. Ou eu. O Mike é como o primeiro a descobrir o fogo. O fogo sempre existiu; depois de ele ter mostrado como o usar, qualquer pessoa o pode usar... qualquer pessoa com senso suficiente para não se queimar com ele. Estás a compreender-me?

— Groco alguma coisa.

— O Mike é o nosso Prometeu: nada mais do que isso. O Mike passa a vida a realçar isto. Tu és Deus, eu sou Deus, ele é Deus: tudo o que groca. O Mike é um homem como todos nós. Um homem superior, reconhecidamente; um homem inferior que soubesse as coisas que os Marcianos ensinaram a Mike, poderia ter-se proclamado um deus todo-poderoso. O Mike está acima dessa tentação. É Prometeu... nada mais do que isso.

Jubal disse lentamente:

— Prometeu pagou um preço elevado por ter trazido o fogo à humanidade.

— Não penses que o Mike não o está a pagar! Paga com vinte e quatro horas de trabalho por dia, sete dias por semana, tentando ensinar-nos como brincar com fósforos sem nos queimarmos. A Jill e a Patty aliviaram-lhe a carga, obrigando-o a tirar uma noite de folga por semana, muito antes de eu ter chegado. — Caxton sorriu. — Mas não se pode deter o Mike. Este burgo está cheio de casas de jogos, a maior parte delas clandestinas, pois isso é contra a lei, aqui. Assim, o Mike passa a sua noite de folga a jogar jogos desonestos... e a ganhar. Tentaram estrangulá-lo, tentaram matá-lo, tentaram drogá-lo e tentaram homens musculosos: Mike ganhou simplesmente a reputação de ser o homem com mais sorte da cidade... o que trouxe mais pessoas para o Templo. Depois tentaram impedi-lo de entrar: um erro. As bebidas congelaram, as roletas pararam de girar, os dados pararam de rolar. Por fim resolveram-se a suportá-lo... pedindo-lhe que saísse depois de ter ganho uma quantia razoável. Mike teria feito isso, se lho pedissem educadamente. — Caxton acrescentou: — Assim, temos mais um poderoso bloco contra nós. Não apenas os fosteritas e outras

igrejas; mas, agora, o sindicato do jogo e a máquina da cidade. Penso que o trabalhinho no Templo foi feito por profissionais; duvido que as brigadas de brutamontes dos fosteritas tenham tido alguma coisa a ver com isso.

Enquanto eles conversavam, pessoas entravam e saíam, em grupos. *Jubal sentiu neles um estranho sentimento, uma descontração calma que ao mesmo tempo era também uma tensão dinâmica.* Nenhum deles parecia excitado, nunca apressados... contudo, tudo o que faziam parecia intencional, até gestos aparentemente não premeditados como um beijo ou uma saudação a outro com quem se cruzavam. Pareceu a Jubal que cada movimento tinha sido planejado por um coreógrafo.

O silêncio e a tensão crescente —ou «espera», decidiu Jubal; estas pessoas não estavam tensas de qualquer mórbida maneira — recordaram algo a Jubal. Uma sala de operações? Com um mestre a trabalhar, sem barulho, sem gestos perdidos?

Depois lembrou-se. Muitos anos atrás, quando os foguetes movidos a energia química haviam sido usados para a primeira sondagem do espaço, ele assistira a uma contagem decrescente, num fortim. Recordou as mesmas vozes silenciosas, as ações descontraídas e variadas mas coordenadas, a mesma espera crescente e exultante. Eles estavam à espera de «plenitude», isso era certo. Mas porquê? Porque é que estavam tão alegres? O Templo e tudo o que eles tinham construído fora destruído... Apesar disso, pareciam crianças na véspera do Dia de Natal.

Jubal notara, ao chegar, que a nudez que tanto perturbara Ben, quando da sua primeira visita ao Ninho, não era prática corrente aqui, embora o local fosse suficientemente privado para isso. Jubal não reparou quando isso sucedeu; sentia-se tão intimamente ligado ao estado de espírito desta família que estar ou não vestido era irrelevante.

Quando ele reparou, não foi em pele, mas sim na mais densa, na mais bela cascata de cabelo negro que jamais tinha visto, que ornava a jovem mulher que entrou, falou com alguém, atirou um

beijo a Ben, apreciando aquela massa flutuante de plumagem de meia-noite. Só depois de ela sair é que reparou que ela apenas tinha vestido aquela glória de rainha... e em seguida apercebeu-se de que ela não era a primeira dos seus irmãos naquele estado.

Ben notou o seu olhar.

— Aquela é a Ruth — disse ele. — Uma nova alta sacerdotisa. Ela e o marido estiveram na outra costa — para preparar um novo Templo, penso. Fico contente por terem voltado. Parece que toda a família está reunida.

— Lindo cabelo. Gostava que ela tivesse ficado.

— Porque é que não a chamaste?

— Hã?

— A Ruth certamente veio aqui para te ver; devem ter acabado de chegar. Não reparaste que fomos deixados a sós muito tempo?

— Bem... sim — Jubal tinha procurado evitar intimidade excessiva... e viu que pisara um degrau que ali não existia. Fora tratado com hospitalidade, mas mais parecida com a delicadeza de um gato do que com a amizade esfuziante de um cão.

— Eles estão terrivelmente interessados no facto de tu estares aqui, e ansiosos por te verem... mas temem-te, com um temor respeitoso.

— *Oh, eu disse-te, no Verão* passado. Tu és um mito, não muito real e acima de todos os outros. Mike disse-lhes que tu eras o único humano que ele conhece que pode «grocar em totalidade» sem aprender marciano. A maior parte deles suspeita que tu lês pensamentos tão perfeitamente como o Mike.

— Que série de disparates! Espero que os tenhas esclarecido!

— Quem sou eu para destruir um mito? Se tu o fosses, nunca o admitirias. Tem um bocadinho de medo de ti: comes bebês ao café da manhã e, quando ruges, a terra treme. Qualquer deles ficaria encantado se tu o chamasses... mas não te imporiam a sua presença. Sabem que até o Mike presta atenção quando tu falas.

Jubal rejeitou a ideia com uma palavra explosiva.

— Claro — concordou Ben. — O Mike comete alguns erros; eu disse-te que ele era humano. Mas tu és o santo patrono... e não podes evitá-lo.

— Bem... eis que acaba de entrar alguém que eu conheço. Jill! *Jill!* Vem cá, querida!

A mulher voltou-se, hesitando.

— Eu sou Dawn. Mas obrigado. — Aproximou-se e Jubal pensou que o ia beijar. Mas ela pôs um joelho no chão, pegou na mão de Jubal e beijou-a. — Pai Jubal. Damos-te as boas-vindas e bebemos profundamente de ti.

Jubal tirou bruscamente a mão.

— Oh, por amor de Deus, criança! Levanta-te e senta-te. Partilhemos água.

— Sim, pai Jubal.

— Hã? Chama-me Jubal... e passa palavra que eu não aprecio ser tratado como um leproso. Estou no seio da minha família... suponho.

— Você é... Jubal.

— Portanto espero ser chamado por Jubal e tratado como um irmão de água: nem mais, nem menos. O primeiro que me tratar com respeito fica de castigo. Grocas?

— Sim, Jubal — concordou ela. — Eu disse-lhes.

— Hã?

— A Dawn quer dizer — explicou Ben — que ela disse a Patty, provavelmente, e que a Patty está a dizer a toda a gente que possa ouvir, com o ouvido interior, e estão a passar palavra a toda a gente que ainda seja um bocadinho surdo, como eu.

— Sim — concordou Dawn —, excepto que foi a Jill a quem eu disse: a Patty foi lá fora buscar qualquer coisa que o Mike quer. Jubal, tem estado a ver estereovisão? É muito excitante.

— Hã?Não.

— Estás a falar da cadeia arrombada, Dawn?

— Sim, Ben.

— Não tínhamos discutido isso. Jubal, o Mike não se limitou a sair e a vir para casa; deu-lhes milagres com que se entreterem. Fez desaparecer todas as grades e portas da prisão do condado, quando saiu... Fez o mesmo na prisão estatal, aqui perto, e desarmou toda a polícia. Em parte para os manter ocupados... e em parte porque Mike despreza puramente o facto de fecharem um homem, seja qual for a razão. Ele groca isso uma grande maldade.

— Isso ajusta-se — concordou Jubal. — O Mike é gentil. Magoá-lo-ia o facto de saber que alguém estava preso. Concordo.

Ben abanou a cabeça.

— O Mike não é gentil, Jubal. Matar um homem não o preocuparia. Mas ele é um anarquista fanático: encerrar um homem é uma maldade. Liberdade do eu... e total responsabilidade para o eu. Tu és Deus.

— Onde está o conflito, senhor? Matar um homem pode ser necessário. Mas aprisioná-lo é uma ofensa contra a sua integridade... e contra a nossa.

Ben olhou para ele.

— O Mike tem razão. Tu grocas, realmente, em plenitude: à maneira dele. Eu não, pelo menos completamente... ainda estou a aprender. — E acrescentou: — Como é que eles o estão a aceitar, Dawn?

Ela riu baixinho.

— Como vespas irritadas. O presidente da Câmara espuma de raiva. Pediu ajuda ao Estado e à Federação, e está a recebê-la; vimos aterrar vários veículos trazendo tropas. Mas, assim que eles saem dos carros, o Mike despoja-os de tudo: não só as armas, até os sapatos deles... e, assim que o carro fica vazio, também desaparece.

Ben disse:

— Groco que ele ficará em transe até que eles desistam. Ocupando-se de *tantos pormenores ao mesmo tempo, teria de ficar*

em *transe* quase eternamente.

Dawn parecia pensativa.

— Não penso assim, Ben. Eu teria de ficar todo esse tempo, mesmo lidando com um décimo do que ele se está a ocupar. Mas groco que o Michael pode fazê-lo tão facilmente como andar de bicicleta.

— Hum... eu não saberia, ainda estou a aprender a fazer castelos de areia. — Ben levantou-se. — Às vezes os vossos milagres dão-me uma ligeira dor de cabeça, meu amor. Vou ver estereovisão. — Parou para a beijar. — Entretém o velho papai Jubal; ele gosta de meninas pequeninas. — Caxton saiu, seguido por um maço de cigarros, que se meteram no seu bolso.

Jubal disse:

— Foste tu que fizeste aquilo, ou foi o Ben?

— Foi o Ben. Está sempre a esquecer-se dos cigarros; eles perseguem-no por todo o Ninho.

— Hum... que grandes castelos de areia ele faz.

— O Ben está a avançar muito mais depressa do que admite. É uma pessoa muito sagrada.

— Umpf. Dawn, tu és a Dawn Ardent que eu conheci no Tabernáculo Foster, não és?

— Oh, lembra-se! — Ela estava tão contente como se ele lhe tivesse dado um rebuçado.

— Claro. Mas mudaste. Estás muito mais bonita.

— Pois estou — disse ela simplesmente. — O senhor confundiu-me com a Jill. E ela também está mais bonita.

— Onde é que está essa criança? Esperava vê-la imediatamente.

— Está a trabalhar. — Dawn fez uma pausa. — Mas eu disse-lhe, e ela já aí vem. — Dawn tornou a fazer uma pausa. — Vou substituí-la. Se me der licença.

— Vai, minha filha.

Ela levantou-se e saiu ao mesmo tempo que Mahmoud se sentava. Jubal olhou para ele irritado.

— Podias ter tido a gentileza de me avisar de que estavas neste país, em vez de me deixar conhecer a minha afilhada através dos bons serviços prestados por uma serpente.

— Oh, Jubal, você está sempre com pressa.

— Senhor, quando uma pessoa chega à...

Jubal foi interrompido por umas mãos colocadas à frente dos seus olhos. Uma voz perguntou:

— Adivinhe quem é!

— Belzebu?

— Tente outra vez.

— Lady Macbeth?

— Quase. Terceira tentativa, ou perde.

— Gillian, pára com isso, dá a volta e vem sentar-te ao pé de mim.

— Sim, pai. — Ela obedeceu.

— *E pára de me chamar «pai»*, a não ser em casa. Senhor, estava eu a dizer que, quando uma pessoa chega à minha idade, tem forçosamente de ter pressa em relação a certas coisas. Cada nascer do Sol é uma jóia preciosa... porque pode não ser seguido pelo pôr do Sol.

Mahmoud sorriu.

— Jubal, tens a impressão de que, se deixares de existir, o mundo deixa de girar?

— Quase a certeza, senhor... do meu ponto de vista. — Míriam juntou-se-lhes silenciosamente e sentou-se ao lado de Jubal; ele pôs um braço à volta dela. — Embora não estivesse ansioso por tornar a ver a tua feia cara outra vez... nem sequer a cara um pouco mais aceitável da minha anterior secretária...

Miriam murmurou:

— Patrão, está a pedir um pontapé no estômago? Eu sou exoticamente bela; foi-me dito pela mais alta autoridade.

— Cala-te; as novas afilhadas pertencem a uma outra categoria. Devido a vocês não me terem mandado um postal, eu poderia não ter visto a Fátima Michèle. Caso esse em que eu teria de voltar para vos assombrar.

— Caso esse — Miriam chamou a atenção — em que poderia ver a Micky nessa mesma altura... roçando cenouras passadas, pelo cabelo dela. Uma visão desgostante.

— Eu estava a falar metaforicamente.

— Eu não. Ela come tudo o que apanha à mão.

— Porque é que estava a falar metaforicamente, patrão? — perguntou Jill.

— Hã? O conceito de «fantasma» é um daqueles de que eu não sinto necessidade, a não ser como uma figura de retórica.

— É mais do que isso—insistiu Jill.

— Hum, pode ser. Prefiro conhecer bebês em vida, incluindo eu próprio.

O Dr. Mahmoud disse.

— Mas era isso que eu estava a dizer, Jubal. Você ainda não está prestes a morrer. O Mike grocou-o. Ele diz que você ainda tem muitos anos à sua frente.

Jubal abanou a cabeça.

— Estabeleci um limite de três Algarismos, anos atrás.

— Que três Algarismos, patrão? — perguntou Míriam inocentemente. — Os três que Matusalém usava?

Ele abanou-a pelos ombros.

— Não sejas obscena!

— O Stinky diz que as mulheres deviam ser obscenas mas não deviam ouvir.

— O teu marido fala correctamente. No dia em que o meu relógio mostre pela primeira vez três Algarismos, desincorporo-me, quer no estilo marciano, quer através dos meus cruéis métodos. Não me podem tirar isso. Ir para os anjinhos é a melhor parte do jogo.

— Groco que fala correctamente, Jubal — disse Jill lentamente — ao dizer que isso é a melhor parte do jogo. Mas não conte com isso para muito breve. Ainda não atingiu a plenitude. A Allie fez o seu horóscopo a semana passada.

— Um horóscopo! Oh, meu Deus! Quem é essa «Allie»? Que atrevimento! Apresentem-na! Vou enviá-la para o Departamento da Melhor Parte do Jogo.

— Receio que não o possas fazer, Jubal — disse Mahmoud —, pois ela está a trabalhar no nosso dicionário. Quanto a quem ela é: Madame Alexandra Vesant.

Jubal estava encantado.

— Becky? Ela também está nesta casa de doidos?

— Sim, Becky. Nós chamamos-lhe «Allie» porque temos cá outra Becky. Não faça troça dos seus horóscopos, Jubal; ela tem a Visão.

— Oh, disparates, Stinky. A astrologia é um disparate, e tu sabe-lo.

— Oh, claro que é. Até a Allie sabe isso. E a maior parte dos astrólogos são fraudes. Apesar disso, a Allie pratica-o ainda mais assiduamente do que costumava, usando a aritmética e a astronomia marciana... muito mais completa do que a nossa. É o seu instrumento para grocar. Podia ser uma piscina cheia de água, ou uma bola de cristal, ou as entranhas de uma galinha. O instrumento não interessa. Mike aconselhou-a a continuar a usar os símbolos que costumava usar. A questão é: ela possui a Visão.

— Que diabo é que queres dizer por «Visão», Stinky?

— A habilidade para grocar mais do universo do que aquilo que está à nossa volta. O Mike possui-a devido a anos de disciplina marciana; a Allie era um semiadepo não treinado. O facto de ela

usar um símbolo tão sem significado como é a astrologia, não interessa. Um rosário também não tem significado... um rosário muçulmano, não estou a criticar os nossos competidores. — Mahmoud meteu a mão no bolso, tirou um, e começou a dedilhá-lo. — Se te ajuda a compreender as coisas... então ajuda. É irrelevante que o objecto tenha ou não poderes mágicos.

Jubal olhou para o instrumento islâmico e aventurou-se a fazer uma pergunta:

— Ainda continuas a ser um dos Fiéis? Pensei que talvez te tivesses juntado completamente à igreja de Mike.

Mahmoud pôs de lado o rosário.

— Sou ambas as coisas.

— Hã? Stinky, elas são incompatíveis.

— Apenas superficialmente. Poderás dizer que a Maryam adoptou a minha religião e que eu adoptei a dela. Mas, Jubal, meu amado irmão, eu ainda sou um escravo de Deus, submetido à Sua vontade... e, apesar disso, posso dizer: «Tu és Deus, eu sou Deus, tudo aquilo que groca é Deus.» O Profeta nunca declarou que era o último dos profetas nem pretendeu ter dito tudo o que havia para dizer. Submissão à vontade de Deus não é ser um *robô*, incapaz de escolher e conseqüentemente de pecar. A submissão pode incluir (*incluir*) uma grande responsabilidade pela maneira como, eu e todos nós, modelamos o universo. Cabe-nos a nós escolher entrar num jardim divino... ou arrancar e destruir. — Mahmoud sorriu. — «Com Deus todas as coisas são possíveis», se posso usar uma citação; excepto a única Impossível. Deus não pode fugir, Ele não pode abdicar da Sua total responsabilidade: deve permanecer para sempre submisso à Sua própria vontade. O Islão permanece: não pode passar a bola. É Dele... meu... teu... de Mike.

Jubal soltou um suspiro.

— Stinky, a teologia põe-me sempre neurasténico. Onde é que está a Becky? Só a vi uma vez durante vinte e estranhos anos; isso é muito tempo.

— Vais vê-la. Mas ela não pode parar agora, está a ditar. Deixa-me explicar. Até agora tenho passado parte de cada dia em comunicação com Mike; apenas alguns momentos, embora esses momentos pareçam oito horas. Depois imediatamente dito para a gravação tudo o que ele meteu dentro de mim. Dessas gravações, outras pessoas, que sabem a fonética marciana, fazem longas transcrições à mão. Depois a Maryam escreve-se à máquina, usando uma máquina especial... e esta cópia-mestra será corrigida por mim ou por Mike; devia ser o Mike, mas ele tem o tempo muito ocupado.

»Mas agora o Mike groca que vai mandar embora a Maryam e eu para acabarmos o trabalho... ou, mais correctamente, ele grocou que *nós* grocaremos essa necessidade. Assim, o Mike está a completar meses e anos de gravações, de modo a que eu as possa levar e transcrevê-la para fonética.

Além disso, temos excertos das prelecções de Mike, em marciano, que precisam de ser transcritas quando o dicionário estiver acabado.

»Sou forçado a admitir que a Maryam e eu vamos partir em breve, porque, ocupado como está, o Mike mudou o método. Existem aqui oito quartos equipados com gravadores. Aqueles que o podem fazer: a Patty, a Jill, eu próprio, a Maryam, a sua amiga Allie, e alguns outros... fazem turnos nesses quartos. O Mike põe-nos em transe, despeja linguagem: definições, idiomas, conceitos... dentro de nós, durante momentos que parecem horas... Depois nós ditamos *imediatamente* o que foi despejado para dentro de nós, enquanto está fresco. Mas isso não pode ser feito por qualquer pessoa. Requer uma pronúncia afinada e a habilidade para juntar a comunicação em transe e depois deitar cá para fora os resultados. O Sam, por exemplo, tem tudo, menos a pronúncia: ele consegue, sabe Deus como, falar marciano com a pronúncia de Bronx. Não o podemos usar, isso daria origem a uma infundável errata. É isto que a Allie está a fazer: a ditar. Ela está no semitransse necessário para uma memória total e, se a interromper, perderá o que não gravou.

— Groco — concordou Jubal — embora a imagem de Becky Vesey como adepta marciana me espante um pouco. Contudo, ela

era uma das melhores mentalistas no negócio do espectáculo; podia dar uma leitura fria que faria tremer de medo um espectador. Stinky, se vocês se vão embora em busca de calma e silêncio, porque é que não vêm para casa? Há muito espaço na ala nova.

— Talvez vamos. A espera é.

— Querido — disse Miriam sinceramente —, isso é uma solução que eu adoraria... se o Mike nos empurrar para fora do Ninho.

— Se nós grocarmos deixar o Ninho, queres tu dizer.

— É a mesma coisa.

— Tu falas correctamente, minha adorada. Mas quando é que se come nesta casa? Sinto uma urgência muito pouco marciana. O serviço era melhor no Ninho.

— Não podes esperar que a Patty trabalhe no teu maldito dicionário, veja se toda a gente está confortável, faça recados a Mike, e que, ainda por cima, tenha a comida na mesa no instante em que ficas com fome, meu amor. Jubal, o Stinky nunca atingirá o sacerdócio: é um escravo do seu estômago.

— Bem, pois sou.

»Vocês, raparigas, podiam dar uma mãozinha à Patty — acrescentou o marido de Miriam.

— Isso é uma sugestão muito antipática. Sabes que nós fazemos tudo o que ela nos deixar... e o Tony não permitirá de bom grado que qualquer pessoa entre na sua cozinha. — Ela levantou-se. — Venha daí, Jubal, vamos ver o que é que estão a cozinhar. O Tony ficará lisonjeado se você visitar a cozinha dele.

Jubal foi com ela, conheceu Tony, que franziu o sobrolho até ver quem vinha com Miriam e em seguida ficou radiosamente orgulhoso por mostrar o seu local de trabalho... acompanhando a apresentação com invectivas dirigidas aos patifes que tinham destruído a «sua» cozinha no Ninho. Entretanto, uma colher, autónoma, continuou a mexer uma panela de espaguete.

Pouco depois Jubal recusou sentar-se à cabeceira de uma longa mesa, e arranjou um lugar noutro lado. Patty sentou-se numa das pontas; a cadeira da cabeceira permaneceu vazia... excepto por uma sensação, que Jubal suprimiu, de que o Homem de Marte estava ali sentado e de que toda a gente o podia ver, menos ele.

Do outro lado da mesa estava o Dr. Nelson.

Jubal descobriu que teria ficado surpreendido era se o Dr. Nelson não estivesse presente. Acenou para ele e disse:

— Olá, Sven.

— Olá, doutor. Partilhemos água.

— Que nunca tenhas sede. Que é que você faz? É o médico do pessoal? Nelson abanou a cabeça.

— Estudante de medicina.

— Ah, sim? Aprendeu alguma coisa?

— Aprendi que a medicina não é necessária.

— Se me tivesses perguntado, poderia ter-te dito isso. Tens visto o Van?

— Deve cá vir, hoje à noite ou amanhã de manhã. A sua nave aterrou hoje.

— Vem sempre aqui? — perguntou Jubal.

— É um estudante externo. Não pode passar muito tempo aqui.

— Vai ser bom vê-lo de novo. Já não lhe ponho os olhos em cima há mais de um ano.

Jubal começou a conversar com o homem sentado à sua direita enquanto Nelson falava com Dorcas, à sua direita. Jubal notou, presente na mesa, a mesma excitante espera que já sentira antes, mas mais forte. Não havia nada palpável: um calmo jantar de família em intimidade descontraída. A certa altura, um copo de água foi passado à volta da mesa. Quando chegou a Jubal, ele bebeu um gole e passou-o à rapariga sentada à sua esquerda — de olhos

esbugalhados e demasiadamente invadida de temor respeitoso para tagarelar com ele — e disse:

— Ofereço-te água.

Ela conseguiu articular uma resposta:

— Agradeço-te a água, pa... Jubal.

E isto foi tudo o que Jubal conseguiu tirar dela. Quando o copo completou o circuito, atingindo a cadeira vaga na cabeceira da mesa, havia cerca de um centímetro de água dentro dele. O copo levantou-se, verteu, e a água desapareceu; o copo pousou em cima da toalha. Jubal pensou que acabara de tomar parte numa «Partilha da Água» do Templo Íntimo... provavelmente em sua honra — embora não se parecesse com as festas bacanalianas que ele pensara que iriam acompanhar a sua chegada. Seria por estarem num ambiente estranho? Ou teria ele lido, em relatos pouco explícitos, o que os seus impulsos instintivos queriam encontrar?

Ou seria que eles não o teriam feito por deferência para com ele próprio?

Parecia uma teoria provável — e isso vexou-o. Disse para consigo que estava satisfeito por ter sido poupado ao acto de recusar um convite que não desejava — e que não teria apreciado em qualquer idade, sendo os seus gostos como eram.

Mas mesmo assim, caramba...: «Ninguém fala em ir patinar no gelo; a avozinha é muito velha e frágil e isso não seria educado, Hilda, tu sugeres dominó e assim todos nós jogaremos: a avozinha gosta de dominó. Vamos esquiar noutra altura. Está bem, crianças?

Jubal não gostou da ideia; quase preferiria ir esquiar, mesmo com o risco de partir os ossos da bacia. Pôs a ideia de parte com a ajuda do homem à sua direita. O seu nome, descobriu Jubal, era Sam.

— Esta contrariedade é apenas aparente — assegurou-lhe Sam. — O ovo estava pronto para se partir, e agora vamos espalhar-nos. Claro que vamos ter problemas... porque nenhuma sociedade permitirá que os seus conceitos básicos sejam desafiados

impunemente. E nós estamos a desafiar tudo, desde a santidade da propriedade à santidade do casamento.

— A propriedade também?

— A propriedade nos moldes actuais. Até agora, o Michael apenas desafiou uns quantos jogadores desonestos. Mas que acontece quando existem milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares ou mais, de pessoas que não podem ser detidas pelos cofres dos bancos e que têm apenas autodisciplina para se refrearem de tirar qualquer coisa que eles queiram? Para haver segurança, a disciplina é mais forte do que qualquer restrição legal; mas nenhum banqueiro pode grocar isto até ele próprio viajar pela estrada tortuosa da disciplina... e depois de o fazer deixará de ser banqueiro. Que acontece ao mercado quando há iluminados que sabem a maneira como uma ação se vai deslocar?

— Você sabe?

Sam abanou a cabeça.

— Não estou interessado. Mas o Saul, aquele ali... e aquele grandalhão Hebe, meu primo... grocam isso, juntamente com Allie. O Michael diz-lhes para serem cautelosos, nada de grandes golpes, e eles usam uma dúzia de contas fícticias. Mas qualquer um dos disciplinados pode angariar uma grande quantia de dinheiro em qualquer coisa: fundos estatais, ações, corridas de cavalos, jogo, tudo... quando competindo com não disciplinados. Não, o dinheiro e a propriedade não vão desaparecer (o Michael diz que ambos os conceitos são úteis), mas vão ser virados de cima para baixo e as pessoas terão de aprender novas regras (de uma maneira difícil, tal como nós) ou serão irremediavelmente ultrapassadas. Que vai acontecer com a Empresa Lunar quando a carreira pública entre a Terra e a Lua for o teletransporte?

— Devo comprar ou vender?

— Pergunte ao Saul. Ele pode usar a actual corporação ou levá-la à falência. Ou poderá não lhe tocar durante um ou dois séculos. Mas considere *qualquer* ocupação. Como é que um professor pode lidar com uma criança que sabe mais do que ele?

Que vai ser dos médicos quando as pessoas forem saudáveis? Que acontecerá à indústria do vestuário quando as roupas não forem necessárias e as mulheres não se importarem tanto com o modo de vestir (elas nunca perdem completamente o interesse) e ninguém ligar a mínima ao facto de ser apanhado com o rabo à mostra? Que forma tomará «O Problema da Quinta» quando se disser às ervas daninhas para não crescerem e as colheitas puderem ser colhidas sem lucro para a International Harves-ter (*N. do T.: Empresa de máquinas agrícolas.*)? A disciplina torna as coisas irreconhecíveis. Considere a alteração que sacudirá tanto o casamento, na sua forma actual, como a propriedade. Jubal, tem alguma ideia de quanto se gasta por ano neste país em drogas malthusianas e outros meios?

— Tenho uma ideia, Sam. Quase um bilhão em contraceptivos orais e mais de meio em outras drogas que não servem para nada.

— Oh, é verdade, você é médico.

— Só por acaso.

— Que acontecerá a essa indústria, e às ameaças insistentes dos moralistas, quando uma mulher somente engravidar com um acto de vontade... quando ela for imune às doenças, apenas se interessar pela sua própria aprovação... e tiver a sua orientação tão modificada que deseje as relações sexuais com uma sinceridade com a qual Cleópatra nunca sonhou... mas qualquer homem que tente violá-la morreria tão rapidamente, se ela assim o grocasse, que não saberia o que o tinha atingido? Quando as mulheres forem livres de culpa e de medo, mas invulneráveis? Raios, a indústria farmacêutica será uma coisa sem importância... e outras indústrias, leis, instituições, atitudes, preconceitos, e outros disparates devem desaparecer.

— Eu não groco essa totalidade — admitiu Jubal. — Isso diz respeito a um assunto que tem muito pouca importância para mim.

— Uma instituição não será danificada. O casamento.

— Sim?

— Quase em nada. Em vez disso, será purificada, reforçada e tornar-se-á durável. Durável? Extática! Vê aquela rapariga lá em

baixo, aquela com cabelo preto comprido?

— Vejo. Fiquei encantado com a beleza do cabelo dela, há pouco.

— Ela sabe que ele é belo e cresceu cerca de quarenta e cinco centímetros desde que nos juntámos à igreja. É a minha mulher. Há cerca de pouco mais de um ano atrás, vivíamos juntos como cães mal-humorados. Ela era ciumenta... e eu não lhe prestava atenção. Aborrecidos. Raios, estávamos ambos aborrecidos um do outro e apenas os nossos filhos nos mantinham juntos: isso e o seu carácter possessivo; eu sabia que ela nunca me deixaria ir embora sem um escândalo... e eu, de qualquer modo, não tinha estômago para tentar outro casamento na minha idade. Assim eu fazia o que podia, quando tinha uma oportunidade (um professor tem muitas tentações, mas poucas oportunidades seguras), e a Ruth era silenciosamente amarga. Ou, por vezes, não silenciosa. E então, aderimos. — Sam riu-se alegremente. — E eu apaixonei-me pela minha mulher. É a minha namorada número um! Sam falara apenas para Jubal, pois as suas palavras eram abafadas pelo barulho. A sua mulher estava bastante afastada. Ela olhou para cima e disse claramente:

— Isso é um exagero, Jubal. Eu devo ser a número seis. O marido gritou:

— Sai da minha mente, beleza! Isto é uma conversa só para homens. Dá a Larry toda a tua atenção. — Atirou um pãozinho a Ruth.

Ela deteve-o no ar e devolveu-o.

— Estou a dar a Larry toda a atenção que ele quer... até daqui a bocado, talvez. Jubal, aquele bruto não me deixou acabar. O sexto lugar é uma maravilha! Porque o meu nome não estava na lista dele até nos juntarmos à igreja. Nunca tinha chegado nem ao sexto lugar com o Sam, durante vinte anos.

— A questão — disse Sam calmamente — é que agora somos sócios, mais do que alguma vez o fomos, lá fora; e chegámos a isso através de treino, culminando com o facto de partilharmos e nos

aproximarmos com outros que tinham o mesmo treino. Todos nós acabamos por ficar sócios dentro do grupo... geralmente com esposas-oficiais. Algumas vezes isso não acontece... e, se não acontece, o reajustamento faz-se sem dores de cabeça e cria um relacionamento mais quente e melhor, entre o casal «divorciado», do que jamais tinha existido, quer na cama quer fora dela. Nada se perde, tudo se ganha. Caramba, este acasalamento não precisa de ser entre um homem e uma mulher. A Dawn e a Jill por exemplo: elas trabalham juntas como uma equipe de acrobatas.

— Hum... tinha pensado que elas eram esposas de Mike.

— Tanto como são nossas. Ou tanto como o Mike é para o resto de nós. Mike tem estado demasiadamente ocupado para fazer mais do que assegurar que se divide com toda a gente. — Sam acrescentou: — Se alguém é esposa de Mike, esse alguém é a Patty, embora ela esteja sempre tão ocupada que a relação é mais espiritual do que física. Tanto o Mike como a Patty são muito distraídos quando chega a altura de maltratar o colchão.

Patty ainda estava mais afastada do que Ruth. Mas olhou para cima e disse: — Sam, querido, eu não me sinto distraída.

— Hã? — Sam anunciou aborrecidamente: — A única coisa de errado com esta igreja é que um homem não tem *absolutamente nenhuma privacidade!*

Isto trouxe-lhe um ataque aéreo da parte dos irmãos femininos. Ele mandou tudo para trás sem levantar uma mão... até um prato cheio de espagete o apanhar em cheio na cara — atirado, reparou Jubal, por Dorcas.

Por um momento, Sam pareceu uma vítima esmagada. Depois a sua cara ficou limpa e até o molho que salpicara a camisa de Jubal desapareceu.

— Não lhe dêis mais, Tony. Ela desperdiça-o; deixa-a ficar com fome.

— Há muito espagete na cozinha — respondeu Tony. — Sam, ficavas bem com o espagete. O molho estava bem bom, hem? — O prato de Dorcas saiu e voltou novamente cheio.

— O molho estava muito bom — concordou Sam. — Meti na boca um pouco do que me atingiu. Que era? Ou não devo perguntar?

— Polícia cortado aos bocadinhos — respondeu Tony.

Ninguém riu. Jubal perguntou a si próprio se a piada era mesmo uma piada. Depois recordou-se que os seus irmãos sorriam muito, mas raramente se riam — e, além disso, polícia devia ser boa comida. Mas o molho não podia ser de um «leitão velho», ou saberia a carne de porco. Este sabia a carne de vaca.

Jubal mudou de assunto.

— A coisa de que eu mais gosto nesta religião...

— «Religião»? — interpôs Sam.

— Bem, chamemos-lhe uma igreja.

— Sim — concordou Sam. — Ela preenche todas as funções de uma igreja, e a sua quase teologia coincide com algumas verdadeiras religiões. Vim para cá porque costumava ser um ateu irreduzível... e agora sou um alto sacerdote e já nem sei o que sou.

— Pensei, pelo que você disse, que era judeu.

— Descendente de uma longa linhagem de rabis. Assim, acabei por ser ateu. Agora olhe para mim. Mas o Saul e a minha mulher são judeus no sentido religioso... fale com o Saul; há-de verificar que isso não é um impedimento. A Ruth, depois de romper com as suas barreiras, progrediu mais depressa do que eu; ela já era sacerdotisa muito antes de eu me tornar sacerdote. Mas ela é da espécie espiritual; pensa com as suas gónadas. Eu tenho de o fazer da maneira mais difícil, com o que tenho entre os ouvidos.

— A disciplina — repetiu Jubal. — É disso que eu gosto. A fé em que fui educado não requeria que ninguém fizesse nada. Bastava confessarmo-nos e ser salvos, e aí estávamos nós, salvos nos braços de Jesus. Um homem podia ser suficientemente estúpido para contar carneiros... mas, apesar disso, presumia-se conclusivamente que ele era um dos eleitos de Deus, tendo garantida uma eterna bem-aventurança, porque se tinha «convertido». Podia nem sequer

ser um estudante da Bíblia e certamente não tinha de saber mais nada. Esta igreja não aceita «conversão», segundo eu groco...

— Groca correctamente.

— Uma pessoa tem de começar com boa-vontade para aprender e acompanhar essa aprendizagem com um longo e árduo estudo. Groco que isto é salutar.

— Mais do que salutar — concordou Sam. — Indispensável. Os conceitos não podem ser ensinados sem a linguagem, e a disciplina que resulta nesta cornucópia de benefícios... desde como viver sem lutar até como agradar à esposa... tudo deriva da lógica conceptual: compreender quem se é, porque é que se existe, como é que se funciona... e comportar-se de acordo com isso. A felicidade funciona da forma que um ser está organizado para funcionar... mas as palavras em inglês são uma tautologia, vazias. Em marciano são um estojo completo de instruções de funcionamento. Eu disse-lhe que tinha um cancro quando vim para cá?

— Hã? Não.

— Eu não sabia. O Michael grocou-o, mandou-me fazer raios X e outras coisas para que eu me assegurasse. Depois tivemos de trabalhar nele. Cura através da «fé». Um «milagre». O médico chamou-lhe «remissão espontânea», o que, segundo eu groco, quer dizer: «Fiquei bom.»

Jubal acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Conversa fiada profissional. Alguns cancros desaparecem sem nós sabermos porquê.

— Eu sei porque é que este desapareceu. Nessa altura, eu estava a começar a controlar o meu corpo. Com a ajuda de Mike reparei a avaria. Agora posso fazê-lo sem ajuda. Quer sentir um coração deixar de bater?

— Obrigado, já observei isso no Mike. O meu estimado colega, Croaker Nelson, não estaria aqui se o que você estivesse a contar fosse uma «cura pela fé». Trata-se de controle voluntário. Eu groco.

— Desculpe. Todos nós sabemos que o senhor groca.

— Hum... não posso chamar mentiroso ao Mike, porque ele não o é. Mas o rapaz tem um preconceito a meu respeito.

Sam abanou a cabeça.

— Estive a falar consigo durante todo o jantar. Queria verificar eu próprio, apesar de Mike o ter dito. Você groca. Pergunto a mim próprio o que é que conseguiria descobrir se se desse ao trabalho de aprender a linguagem.

— Nada. Sou um velho e tenho pouco com que contribuir.

— Reservo a minha opinião. Todos os outros Primeiros Convocados tiveram de aprender a linguagem para fazerem verdadeiros progressos. Até mesmo os três que o senhor manteve consigo tiveram um treino árduo, foram mantidos em transe durante a maior parte do tempo em que os tivemos conosco. Todos menos você... e você não precisa disso. A não ser que queira limpar espagete da sua cara sem precisar de uma toalha... e groco que o senhor não está interessado nisso.

— Apenas em observá-lo.

A maior parte dos outros tinham abandonado a mesa, sem formalidades, quando o desejaram. Ruth aproximou-se e ficou junto deles.

— Vocês os dois vão ficar aqui sentados o resto da noite? Ou devemos removê-los juntamente com os pratos?

— Sou dominado pela minha mulher. Venha daí, Jubal. — Sam fez uma pausa para beijar a esposa. Pararam na sala da estéreo visão. — Alguma coisa de novo? — perguntou Sam.

— O procurador do condado — respondeu alguém — tem estado a fazer um discurso dizendo que o desastre de hoje é trabalho nosso... sem admitir que não sabe como é que aquilo foi feito.

— Pobre sujeito. Está a morder uma perna de madeira e doem-lhe os dentes. — Encontraram uma sala mais calma; Sam disse: — Eu disse que estes problemas eram de esperar... e teremos piores até conseguirmos controlar suficientemente a opinião pública

para sermos tolerados. Mas o Mike não tem pressa. Fechámos a Igreja de Todos os Mundos: está fechada. Portanto mudamo-nos e abrimos a Congregação da Única Fé: e seremos corridos outra vez. Depois tornamos a abrir noutro lugar como o Templo da Grande Pirâmide: isso trará bandos de mulheres gordas e estúpidas, e algumas delas deixarão de ser gordas e idiotas... e, quando tivermos aos calcanhares a Associação Médica, a associação local de advogados, os jornais e os políticos... ora, abrimos a Irmandade do Baptismo, em qualquer outro lugar. Cada uma delas ganha um certo número de disciplinados, que não podem ser feridos. O Mike começou ainda não há dois anos, ele próprio hesitante e apenas com a ajuda de três sacerdotisas não treinadas. Agora temos um sólido Ninho... mais alguns peregrinos avançados com quem poderemos contar mais tarde. Um dia seremos demasiadamente fortes para sermos perseguidos.

— Bem — concordou Jubal —, Cristo fez bastante confusão apenas com doze discípulos.

Sam sorriu alegremente.

— Um rapaz judeu. Obrigado por O ter mencionado. Ele é o topo da história de sucessos da minha tribo... e todos nós sabemos isso, embora muitos de nós não falemos Dele. Por favor, note que Jesus não tentou ter tudo feito na quarta-feira. Ele estabeleceu uma forte organização e deixou-a crescer. Mike também é paciente. A paciência é uma parte tão integrante da disciplina que não é paciência; é uma coisa automática. Nunca se sua.

— Uma atitude saudável em qualquer altura.

— Não é uma atitude. É o funcionamento da disciplina. Jubal, groco que está cansado. Quer deixar de estar cansado? Ou prefere ir para a cama? Se não quiser, os nossos irmãos mantê-lo-ão acordado durante toda a noite, conversando. Nós não dormimos muito, sabe.

Jubal bocejou.

— Escolho um banho quente e oito horas de sono. Conversarei com os nossos irmãos amanhã... e outros dias.

— E muitos outros dias — concordou Sam.

Jubal viu que o seu quarto era mesmo ao lado do de Patty, a qual secou a sua banheira, lhe arranjou a cama sem lhe tocar, colocou o seu tabuleiro de bebidas ao lado da cama, preparou uma e colocou-a na prateleira da banheira. Jubal não a apressou a ir-se embora; ela chegara, exibindo todos os seus desenhos. Ele conhecia bem a síndrome que pode levar à tatuagem integral para ter a certeza de que ela ficaria ofendida se ele não lhe pedisse para as examinar.

Nem sentiu a mesma preocupação que Ben sentira em ocasião similar; despiu-se... e descobriu com um estranho orgulho que isso não interessava, embora tivessem passado vários anos desde a última vez que ele deixara alguém vê-lo nu. Isso parecia não interessar absolutamente nada a Patty; ela assegurou-se simplesmente de que a água estava a uma boa temperatura antes de o deixar entrar na banheira.

Depois ficou junto dele e disse-lhe o que cada desenho representava e em que sequência se deviam observar.

Jubal mostrou o devido respeito e deu os cumprimentos apropriados, embora permanecendo o crítico de arte habitual. Era, admitiu ele para consigo, o mais fantástico virtuosismo com uma agulha que ele jamais vira: fazia a sua amiga japonesa parecer uma carpeta barata comparada com a mais bela tapeçaria Princess Bokara.

— Os desenhos têm-se alterado um bocadinho — disse-lhe ela. — Repare na cena do nascimento sagrado, aqui: essa parede de trás está a começar a ficar curvada... e a cama quase parece uma mesa de hospital. Tenho a certeza de que o George não se importa. Nunca mais uma agulha me tocou desde que ele foi para o Céu... e se se verificam modificações miraculosas, tenho a certeza de que ele tem alguma coisa a ver com isso.

Jubal decidiu que Patty era um pouco tola, mas simpática... Preferia as pessoas que eram um pouco tolas; «o sal da terra» aborrecia-o. Não demasiado tola, corrigiu Jubal; Patty arrumara no armário as roupas que ele tinha despido — sem se aproximar delas.

Ela era provavelmente uma prova evidente de que não era preciso ser-se sã de espírito, fosse isso o que fosse, para beneficiar desta disciplina que o rapaz era aparentemente capaz de ensinar a qualquer pessoa.

Sentiu que ela se preparava para ir embora e sugeriu-o pedindo-lhe que desse um beijo de boas-noites às suas afilhadas — ele esquecera-se.

— Estava cansado, Patty.

Ela acenou em sinal de assentimento.

— E eu tenho de ir trabalhar no dicionário. — Inclinou-se e beijou-o, afectuosa mas rapidamente. — Vou levar este beijo para as nossas bebês.

— E uma festa para a *Honey Bun*.

— Sim, claro. Ela groca que o Jubal gosta de cobras.

— Óptimo. Partilhemos água, meu irmão.

— Tu és Deus, Jubal.

Patty saiu. Jubal recostou-se na banheira, e ficou surpreendido ao verificar que já não estava cansado e que os ossos já não lhe doíam. A Patty era um tónico... felicidade ao vivo. Desejou não ter dúvidas; mas depois admitiu para si que apenas queria ser ele próprio, velho, rabugento e comodista.

Por fim, ensaboou-se, passou-se por água e decidiu fazer a barba, para não ter de o fazer antes do café da manhã. Nesse momento trancou a porta, fechou a luz de cima, e meteu-se na cama.

Olhou à sua volta para ver se encontrava alguma coisa para ler e observou para seu aborrecimento que não havia nada — e ele era viciado neste hábito acima de tudo o resto. Em vez de ler, bebeu parte da sua bebida e apagou a luz da cabeceira da cama.

A conversa que tivera com Patty parecia tê-lo acordado e descansado. Ainda estava acordado quando Dawn entrou.

Jubal perguntou em voz alta:

— Quem está aí?

— É a Dawn, Jubal.

— Ainda não pode ser madrugada; ainda... Oh.

— Sim, Jubal. Sou eu.

— Raios, pensei que tinha trancado a porta. Minha filha, põe-te a mexer imedi... *Hei!* Sai desta cama. Põe-te a mexer!

— Sim, Jubal. Mas primeiro quero dizer-te uma coisa.

— Hã?

— Há muito tempo que te amo. Há quase tanto tempo como a Jill.

— Ora, o verdadeiro... Deixa de dizer disparates e vai abanar o teu lindo rabosque lá para fora.

— Irei, Jubal — disse ela humildemente. — Mas, primeiro, por favor, escute uma coisa. Uma coisa sobre as mulheres.

— Agora, não. Diz-me de manhã.

— *Agora*, Jubal. Ele suspirou.

— Fala. Fica onde estás.

— Jubal... meu amado irmão. Os homens ligam muita importância ao aspecto físico das mulheres. Portanto, nós tentamos ser belas e isso é uma virtude. Eu era uma *strip-teaser*, como sabes. Era uma virtude deixar os homens apreciarem a beleza que eu era para eles. Era uma virtude, para *mim*, saber que eles precisavam daquilo que eu tinha para dar.

»Mas, Jubal, as mulheres não são homens. *Nós* gostamos de um homem por aquilo que ele é. Pode ser uma coisa tão pateta como: ele é rico? Ou pode ser: ele será bom para os meus filhos, e cuidará deles? Ou, às vezes, pode ser: ele é bom? Tal como tu és bom, Jubal. Mas a beleza que nós vemos em ti não é a beleza que tu vêes em nós. Tu és belo, Jubal.

— Por amor de Deus!

— Penso que falas correctamente. Tu és Deus e eu sou Deus... e eu preciso de ti. Ofereço-te água. Deixas-me partilhar e aproximar-

me?

— Hum, escuta, minha menina, se eu estou a compreender o que estás a oferecer...

— Tu grocas, Jubal. Partilharmos tudo o que temos. Nós próprios. Seres.

— Calculei que era isso. Minha querida, tu tens muito para partilhar; mas eu... bem, chegaste atrasada muitos anos. Tenho realmente pena, acredita-me. Agradeço-te. Profundamente. Agora vai, e deixa um velho dormir.

— Dormirás, quando a espera se completar. Jubal... eu podia dar-te força. Mas groco claramente que isso não é necessário.

(Caramba — *não era* necessário!)

— Não, Dawn. Obrigado, querida. Ela ajoelhou-se e inclinou-se para ele.

— Só mais uma palavra então. A Jill disse-me que, se tu argumentasses, o que eu tinha a fazer era chorar. Devo encher de lágrimas todo o teu peito? E partilhar, assim, água contigo?

— Vou dar uma tarefa à Jill!

— Sim, Jubal. Vou começar a chorar.

Ela não fez qualquer som mas, passado um ou dois segundos, uma lágrima morna e densa espalhou-se no seu peito — foi seguida por outra... e outra — e outras mais. Ela soluçava quase em silêncio.

Jubal praguejou e chegou-se para ela... e cooperou com o inevitável.

XXXVI

Jubal acordou desperto, descansado e feliz e verificou que há muitos anos não se sentia tão bem antes do café da manhã. Durante muito, muito tempo passara por aquele negro período entre o acordar e a primeira xícara de café, dizendo a si próprio que no dia seguinte seria um pouco mais fácil.

Nesta manhã Jubal deu consigo a assobiar. Notou-o, disse a si próprio para parar com o assobio, esqueceu isto e começou outra vez a assobiar.

Viu-se ao espelho, sorriu orgulhosamente e depois sorriu-se:

— Seu velho bode incorrigível! Dentro em pouco estão a mandar o vagão vir-te buscar. — Apercebeu-se de um pêlo branco no seu peito e arrancou-o, não se importando com os muitos outros, igualmente brancos, e continuou a preparar-se para enfrentar o mundo.

Quando saiu do quarto encontrou Jill à porta. Acidentalmente?

Já não acreditava em qualquer «coincidência» que se passasse naquela casa; era tão organizada como um computador. Ela atirou-se para os seus braços.

— Jubal! Oh, nós *amamos-te* tanto! Tu és Deus.

Ele retribuiu o beijo dela tão calorosamente como fora dado, grocando que seria hipócrita não o fazer — e descobriu que beijar Jill era diferente de beijar Dawn, de uma maneira que não originava enganos, mas que não conseguia definir.

Nesse momento ele afastou-a.

— Sua Messalina... tu atraíste-me.

— Jubal, querido... foste *maravilhoso!*

— Hum... Como é que diabo tu sabias que eu era *capaz?* Ela olhou-o inocentemente.

— Ora, Jubal, tenho a certeza disso desde a primeira vez que eu e o Mike vivemos lá em casa. Compreendes, mesmo nessa altura, quando o Mike estava a dormir... em transe... ele podia ver em seu redor a uma distância bastante grande e às vezes ia observar-te... porque tinha uma pergunta a fazer-te ou qualquer outra coisa... para ver se estavas a dormir.

— Mas eu dormia sempre sozinho! Sempre!

— Sim, querido. Não era isso que eu queria dizer. Eu tinha sempre de lhe explicar as coisas que ele não compreendia.

— Umpf! — Decidiu não continuar com o assunto. — Mesmo assim, não devias ter-me atraído.

— Groco que o teu coração não é da mesma opinião, Jubal. Tínhamos de te ter no Ninho. Completamente. Nós precisamos de ti. Visto que és tímido e humilde na tua bondade, fizemos o que era necessário para te dar as boas-vindas sem te ofender. E não te ofendemos, segundo groco.

— Que é essa coisa do «nós»?

— Foi uma Partilha de Água de todo o Ninho, como tu grocas: estavas lá. O Mike acordou para isso... e grocou contigo e manteve-nos todos juntos.

Jubal apressou-se a abandonar este inquérito, também.

— Então o Mike está finalmente acordado. É por isso que os teus olhos estão a brilhar.

— Em parte. Nós ficamos sempre encantados quando o Mike não está em transe, é óptimo... mas, na verdade, ele nunca está afastado. Jubal, groco que tu não grocaste a totalidade da nossa maneira de Partilhar-Água. Mas a espera completar-se-á. Mike também não o grocou, ao princípio; pensava que era apenas para gerar ovos, tal como é em Marte.

— Bem... isso é o principal objectivo. Bebês. O que faz com que o comportamento da parte de uma pessoa, nomeadamente eu, que não tem nenhum desejo, na minha idade, de provocar um tal aumento de população, seja idiota.

Ela abanou a cabeça.

— Os bebês são um resultado... mas não o principal objectivo. Os bebês dão significado ao futuro, e isso é uma grande virtude. Mas uma mulher, durante toda a sua vida, gera apenas três ou quatro, ou uma dúzia de vezes, um bebê dentro dela... no conjunto de milhares de ocasiões que ela tem para se partilhar a si própria; e *isso* é o uso principal daquilo que podemos fazer tão frequentemente, mas que se fosse apenas para reprodução raramente precisaríamos de fazer. É partilha e aproximação para

todo o sempre. Jubal, o Mike grocou isto porque em Marte as duas coisas, gerar ovos e partilhar em aproximação, estão completamente separadas... e ele grocou também que o nosso método é melhor. Que coisa *maravilhosa* é não ter nascido marciano... para ser humano... e mulher!

Jubal olhou atentamente para ela.

— Filha, estás grávida?

— Estou, Jubal. Groquei que a espera tinha acabado e que estava livre para engravidar. A maior parte do Ninho não precisou de esperar... mas a Dawn e eu temos estado muito ocupadas. Mas, quando grocámos que se aproximava esta situação crítica, eu groquei que haveria espera depois da situação crítica... e tu podes ver que haverá. O Mike não voltará a construir o Templo de um dia para o outro; assim, esta alta sacerdotisa teria tempo para construir um bebê. A espera completa-se sempre.

De toda aquela pomposa trapalhada, Jubal abstraiu-se do facto central... ou da crença de Jill respeitante a tal possibilidade. Bem, não havia dúvida de que ele tivera montes de oportunidades. Resolveu tomar este assunto a seu cargo e levá-la para casa para a vigiar. Os métodos sobre-humanos de Mike estavam todos muito bem, mas não faria mal nenhum ter também um equipamento moderno à mão. Perder Jill por eclampsia ou por qualquer outro acidente... nunca deixaria que isso acontecesse, mesmo que tivesse de tomar uma atitude firme com os pequenos.

Pensou nessa possibilidade, mas decidiu não a mencionar.

— Onde é que está a Dawn? E onde é que está o Mike? Isto está horrivelmente silencioso.

Não se via ninguém e nem se ouviam vozes... e, apesar disso, aquela estranha sensação de espera alegre estava ainda mais forte. Teria esperado uma diminuição de tensão após a cerimónia a que ele aparentemente se tinha juntado... sem seu conhecimento; mas a atmosfera estava mais carregada do que nunca. Subitamente recordou-se de como se tinha sentido, quando era rapaz, enquanto

esperava pela sua primeira parada de circo... e alguém gritara: «Aí vêm os elefantes!»

Jubal sentiu que, se fosse um pouco mais alto, poderia ver os elefantes, por cima da excitada multidão. Mas não havia multidão.

— A Dawn disse-me que te desse um beijo por ela; vai estar ocupada durante as próximas três horas. E o Mike também está ocupado: voltou a entrar em transe.

— Oh.

— Não fiques tão desapontado; ele estará livre dentro de pouco tempo. Está a fazer um esforço especial para poder ficar livre para te ver.. e para deixar que todos nós fiquemos livres. O Duke passou a noite toda na cidade procurando os gravadores de alta velocidade que usamos para o dicionário e agora temos todas as pessoas que o podem fazer a serem cheias de símbolos fonéticos marcianos e, nessa altura o Mike terá acabado e ficará livre para conversar. A Dawn acaba de começar a ditar; eu acabei uma sessão, vim cá fora dizer bom dia... e estou prestes a voltar para lá a fim de deitar cá para fora a minha última parte do trabalho, por isso vou estar ausente mais tempo do que a Dawn. E aqui está o beijo de Dawn: o primeiro era só meu. — Jill pôs os braços à volta do pescoço de Jubal e colou avidamente a sua boca à dela. Finalmente disse:

— Meu Deus! Porque é que esperámos tanto? Despeço-me por pouco tempo!

Jubal encontrou alguns na sala de jantar. Duke olhou para cima, sorriu e acenou, e depois voitou a concentrar-se na comida. Não tinha aspecto de quem passara uma noite acordado — e não passara: há duas noites que não dormia.

Becky Vesey olhou em redor quando viu o Duke acenar e disse alegremente:

— Olá, seu velho devasso! — Agarrou-lhe na orelha, puxou-o para baixo e murmurou: — Eu sempre soube isso... mas porque é que não apareceste para me consolar quando o Professor morreu? — Depois acrescentou em voz alta: — Senta-te e vamos meter

alguma comida dentro de ti, enquanto me contas que diabruras tens feito ultimamente.

— Só um momento, Becky. — Jubal deu a volta à mesa. — Olá, comandante. Fez boa viagem?

— Sem problemas. Está a tornar-se numa rotina. Acho que ainda não conhece a Sra. Van Tromp. Minha querida, o fundador desta proeza, o único e notável Jubal Harshaw: dois iguais a ele seriam de mais.

A mulher do capitão era uma mulher alta e sem graça, possuindo os olhos calmos de alguém que observou o Passeio das Viúvas. Ela levantou-se e beijou Jubal.

— Tu és Deus.

— Hum, Tu és Deus. — Ele podia muito bem abrandar o ritual; com mil diabos, se dissesse isto vezes suficientes, arriscava-se a perder o resto das suas dúvidas e a acreditar... e ele tinha realmente um anel amigável, firmemente à sua volta, formado pelos braços da esposa do comandante. Jubal pensou que ela podia mesmo ensinar qualquer coisa a Jill sobre a arte de beijar. Ela... como é que a Anne o descrevera?, ela dava-lhe toda a sua atenção; não ia a lado nenhum.

— Suponho, Van, que não devo ficar surpreendido por o encontrar aqui — disse Jubal.

— Bem — respondeu o astronauta —, um homem que viaja para Marte deve ser capaz de parlamentar com os nativos, não acha?

— Só para aprender a língua, hem?

— Existem outros aspectos. — Van Tromp esticou o braço em direcção a um bocado de tosta; a tosta cooperou. — Boa comida, boa companhia.

— Hum, é verdade.

— Jubal — chamou Madame Vesant. — A sopa está na mesa!

Jubal voltou para o seu lugar, e encontrou ovos a cavalo, sumo de laranja e outros artigos. Becky deu uma palmadinha na coxa de

Jubal.

— Que rica reunião de orações, meu patife.

— Mulher, volta para os teus horóscopos!

— A propósito, querido, quero saber o instante exacto do teu nascimento.

— Hum, eu nasci em três dias sucessivos. Têm de se ocupar de mim por secções.

Becky respondeu rudemente:

— Eu vou descobrir.

— Não podes: a conservatória ardeu quando eu tinha três anos.

— Existem maneiras. Queres apostar?

— Continuas a fazer-me perguntas embaraçosas e acabas por descobrir que ainda estás em muito boa altura de levar uma sova. Como é que tens passado, rapariga?

— Que é que achas? Que tal pareço?

— Saudável. Um bocadinho assoprada no traseiro. Retocaste o cabelo.

— Isso é que não. Deixei de usar pena há meses. Continua com isto, meu amigo, e livrar-nos-emos dessa penugem branca que tu tens. Substituímo-la por um relvado.

— Becky, recuso-me terminantemente a rejuvenescer. Cheguei à minha decrepitude através de uma árdua via e faço tenções de a gozar bem. Pára de tagarelar e deixa um homem comer.

— Sim, senhor. Seu velho devasso.

Jubal preparava-se para sair da sala quando o Homem de Marte entrou.

— *Pai!* Oh, Jubal! — Mike abraçou-o e beijou-o. Jubal afastou-o gentilmente.

— Porta-te de acordo com a tua idade, meu filho. Senta-te e come o teu café da manhã. Eu sento-me contigo.

— Não vim aqui para tomar o café da manhã, vim à tua procura. Vamos à procura de um lugar para falarmos.

— De acordo.

Dirigiram-se para uma sala que não estava ocupada, Mike puxando Jubal pela mão como um garoto excitado por receber o seu avô favorito. Mike escolheu uma grande cadeira para Jubal e deitou-se num sofá ao pé dele. Estavam no lado da ala com plataforma de aterragem privativa; grandes janelas francesas abriam-se sobre ela. Jubal levantou-se para virar a sua cadeira de modo a não estar de frente para a luz; ficou ligeiramente aborrecido por ver que a cadeira se virara sozinha — o controle remoto sobre os objectos era um meio de poupar trabalho e provavelmente um meio de poupar dinheiro (pelo menos na lavandaria: a sua camisa salpicada pelo molho do espaguete ficara tão lavada que ele vestira-a outra vez), e era certamente preferível à teimosia das engenhocas mecânicas. Apesar disso, Jubal não estava acostumado a telecontrole feito sem fios ou frequências; espantara-o o modo como as carruagens sem cavalos tinham perturbado decentes e respeitáveis cavalos, pela altura em que Jubal nascera.

Duke entrou e serviu Brandy. Mike disse:

— Obrigado, Canibal. És o novo mordomo?

— Alguém tem de o fazer, Monstro. Puseste todos os cérebros que existem neste lugar a trabalharem como escravos para um microfone.

— Bem, eles terão acabado daqui a umas duas horas e tu poderás voltar para a tua costumeira indolência lúbrica. O trabalho está feito, Canibal. Pau. Trinta. Acabado.

— Toda a maldita linguagem marciana, de uma vez? Monstro, é melhor que eu verifique se tu tens os condensadores queimados.

— Oh, não! Apenas os conhecimentos primários que eu tenho... tinha, quero dizer; o meu cérebro é um saco vazio. Intelectuais como Stinky irão para Marte durante um século para aprenderem aquilo que eu nunca aprendi. Mas eu acabei realmente um trabalho: seis semanas de tempo subjectivo desde as cinco horas

desta manhã ou quaisquer que fossem as horas em que nós deixámos a partilha; e agora os vigorosos e firmes indivíduos podem acabá-lo enquanto eu descanso. — Mike espreguiçou-se e bocejou. — Sabe bem. Acabar um trabalho sabe sempre bem.

— Antes de o dia acabar vais estar outra vez a trabalhar como um escravo em qualquer outra coisa. Patrão, este monstro marciano não pode estar sem fazer nada. Esta é a primeira vez em que ele descansa, em dois meses. Devia inscrever-se nos «Trabalhadores Anónimos». Ou o senhor devia visitar-nos mais vezes. Você é uma boa influência.

— Deus proíba que eu o seja, alguma vez.

— Sai daqui, Canibal, e pára de dizer mentiras.

— Mentiras uma ova. Tu transformaste-me num compulsivo contador-de-verdades... e isso é uma desvantagem nos lugares que eu costumo frequentar.

Duke saiu. Mike levantou o seu copo.

— Partilhemos água, pai.

— Bebe profundamente, meu filho.

— Tu és Deus.

— Mike, eu suportei isso com os outros. Mas não venhas tu chamar-me Deus. Eu conheci-te quanto tu eras «apenas um ovo».

— Está bem, Jubal.

— Assim é melhor. Quando é que começaste a beber logo de manhã? Faz isso na tua idade e arruinarás o estômago. Nunca serás um bêbado velho e feliz como eu.

Mike olhou para o seu copo.

— Eu bebo quando se trata de uma partilha. Não tem qualquer efeito sobre mim, nem na maior parte de nós, a menos que nós queiramos que tenha. Certa vez deixei que o Brandy produzisse o seu efeito até eu desmaiar. É uma estranha sensação. Não é uma coisa boa, eu groco. É apenas uma maneira para nos desincorporarmos por um bocado, sem realmente nos

desincorporarmos. Através de transe posso conseguir um efeito similar e sem provocar danos que necessitem de reparação mais tarde.

— Económico, esse sistema.

— Uh, huh, a nossa conta de álcool não é nada. Na verdade, dirigir o Templo inteiro não custa sequer aquilo que te custa manter a nossa casa. Excepto o investimento inicial e a substituição de algumas coisas, a única coisa que custava dinheiro era o café e os bolos; nós fazemos os nossos próprios divertimentos. Precisávamos de tão pouco que eu costumava perguntar a mim próprio o que fazer com o dinheiro que entrava.

— Então porque é que faziam peditórios?

— Hã? Oh, tínhamos de os fazer, Jubal. Os espectadores não prestam atenção, se for de graça.

— Eu sabia disso, mas pensava que tu não sabias.

— Oh, sim, eu groco os espectadores, Jubal. Ao princípio eu pregava realmente de graça. Não resultava. Nós, humanos, temos de fazer progressos consideráveis antes de podermos aceitar uma oferta de graça, e dar-lhe o devido valor. Eu nunca os deixo terem qualquer coisa de graça até atingirem o Sexto Círculo. Nessa altura eles podem aceitar... e aceitar é muito mais difícil do que dar.

— Hum... filho, talvez devesse escrever um livro sobre a psicologia humana.

— Já escrevi. Mas é em marciano. O Stinky tem as gravações. — Mike bebeu um sibarítico e lento gole. — Nós usamos realmente algum álcool. Alguns de nós... o Saul, eu próprio, o Sven, e alguns outros..., gostam. Eu aprendi a deixar que ele tivesse apenas um pequeno efeito, depois detenho-o, e ganho uma aproximação eufórica muito parecida com o estado de transe sem ter de entrar em êxtase. — Bebeu mais um gole. — É isso que estou a fazer agora: a deixar-me a mim próprio ganhar o moderado clarão e estar feliz contigo.

Jubal estudou-o atentamente.

— Meu filho, tu tens alguma coisa em mente.

— Sim.

— Queres deitar isso cá para fora?

— Quero. Pai, é sempre grande virtude estar contigo, mesmo se nada me preocupa. Mas tu és o único humano com quem posso falar e saber que tu grocarás e não ficarás triste. A Jill... a Jill groca sempre; mas, se uma coisa me magoa, magoa-a ainda mais a ela. Com a Dawn passa-se o mesmo. A Patty... bem, a Patty pode sempre fazer desaparecer a minha dor, mas ela fá-lo guardando-a dentro de si. Elas magoam-se muito facilmente por minha causa, para partilharem em plenitude com elas qualquer coisa que eu não posso grocar e abranger antes de a partilhar. — Mike parecia muito pensativo. — A confissão é necessária. Os católicos sabem isso: têm um corpo de homens fortes para a receberem. Os fosteritas têm confissão de grupo e através dela as preocupações desaparecem. Eu tenho de introduzir a confissão na primeira purificação... oh, nós temo-la, mas espontaneamente, depois de o peregrino já não precisar de o fazer. Precisamos de homens fortes para isso: o «pecado» raramente está relacionado com uma verdadeira maldade, mas o pecado é aquilo que o pecador groca como pecado... e, quando nós grocamos com ele, isso pode magoar. Eu sei. — Mike prosseguiu sinceramente: — A virtude não é suficiente, a virtude nunca é suficiente. Esse foi um dos meus primeiros erros, porque entre os Marcianos a virtude e a sensatez são coisas idênticas. Mas conosco isso não acontece. Por exemplo: a Jill. A sua virtude era perfeita quando eu a conheci. Todavia, ela estava toda confundida por dentro; e eu quase a destruí, e a mim próprio também (porque eu estava igualmente confundido), antes de nos ajustarmos. A sua infinita paciência (que não é comum neste planeta) foi o que nos salvou... enquanto eu estava a aprender a ser humano e ela aprendia o que eu sabia.

»Mas a virtude só por si *nunca* é suficiente. Requer-se uma fria e árdua sensatez, juntamente com a virtude, para fazer o bem. Virtude sem sensatez leva sempre ao mal. — Mike acrescentou muito seriamente: — E é por isto que eu *preciso* de ti, pai, do

mesmo modo como te amo. Preciso da tua sabedoria e da tua força... por isso tenho de me confessar a ti.

Jubal estremeceu.

— Oh, por amor de Deus, Mike, não faças disto um drama. Diz-me apenas o que te consome. Encontraremos uma saída.

— Sim, pai.

Mas Mike não prosseguiu. Por fim, Jubal disse:

— Sentes-te arrasado pela destruição do teu Templo? Não te censuraria. Mas tu não estás falido, podes construí-lo outra vez.

— Oh, não, isso não tem importância nenhuma!

— Hã?

— Aquele templo era um diário com as páginas cheias. Era altura para um novo, em vez de escrever sobre páginas já preenchidas. O fogo não pode destruir as experiências... e, do ponto de vista político e prático, ser perseguido de maneira tão espectacular ajudará, na longa caminhada. As igrejas prosperam através do martírio e da perseguição; é a sua melhor publicidade. De facto, Jubal, os últimos dois dias têm sido um agradável intervalo numa atarefada rotina. Não foi feito qualquer diário. — A sua expressão alterou-se. — Pai... tardiamente, apercebi-me de que era um espião.

— Que é que queres dizer, filho?

— Para os Velhos. Eles enviaram-me para espiar o nosso povo.

Jubal pensou nisto. Finalmente disse:

— Mike, sei que tu és brilhante. Possuis poderes que eu não tenho e que nunca tinha visto antes. Mas um homem pode ser um génio e mesmo assim ter ilusões.

— Eu sei. Deixa-me explicar, e tu decidirás se sou ou não louco. Sabes como trabalham os satélites de vigilância usados pelas Forças de Segurança?

— Não.

— Não me refiro aos pormenores que interessariam a Duke; refiro-me ao sistema geral. Eles orbitam em volta do globo, recolhendo dados e memorizando-os. A certa altura, o Olho-Celeste é ligado e deita cá para fora tudo o que viu. Foi isso que eles fizeram comigo. Sabes que nós, os do Ninho, usamos aquilo a que se chama telepatia.

— Fui forçado a acreditar.

— Usamos. Mas esta conversa é privada... e, além disso, ninguém tentaria ler o teu pensamento; não tenho a certeza se seríamos capazes. Mesmo ontem à noite a ligação era feita através do espírito de Dawn, não do teu.

— Bem, isso é algum conforto.

— Eu sou «apenas um ovo» nesta arte; os Velhos são mestres. Eles ligaram-se a mim mas deixaram-me por minha conta, ignoraram-me; depois dispararam o meu mecanismo e tudo o que eu tinha visto e ouvido e feito e sentido passou para os seus registos. Não quero com isto dizer que eles limpam a minha mente de tudo isso; simplesmente puseram a fita a tocar, para falar, fazer uma cópia. Mas eu pude sentir o disparo... e estava tudo acabado antes que eu o pudesse deter. Em seguida eles cortaram a ligação; nem sequer pude protestar.

— Bem... parece-me que eles te usaram de um modo desprezível...

— Não, segundo os seus padrões. Nem eu teria objectado (teria ficado feliz por cooperar) se o tivesse sabido antes de deixar Marte. Mas eles não queriam que eu soubesse; queriam que eu grocasse sem interferência.

— Eu ia acrescentar — disse Jubal — que tu estás agora livre dessa maldita invasão da tua privacidade. Então, que mal é que foi feito? Parece-me que poderias ter tido um marciano à perna todos estes dois anos que se passaram, e que o único mal que isso faria era atrair olhares.

Mike pareceu muito sério.

— Jubal, escuta uma história. Escuta com atenção. — Mike contou-lhe tudo sobre o desaparecimento do quinto planeta do Sol, cujas ruínas eram asteróides. — Então, Jubal?

— Isso faz-me lembrar do mito sobre o Dilúvio.

— Não, Jubal. Nós não temos a certeza de que o Dilúvio aconteceu. Tens a certeza da destruição de Pompeia e de Herculano?

— Oh, sim. Esses são factos provados.

— Jubal, a destruição do Quinto Planeta pelos Velhos é tão certa como essa erupção do Vesúvio... e está provada com muitos mais pormenores. Não é um mito. É um facto.

— Hum, estipulemos isso. Será que eu entendo que tu receias que os Velhos de Marte dêem a este planeta o mesmo tratamento? Perdoar-me-ás se eu disser que isso custa a engolir?

— Ora, Jubal isso não teria de ser feito pelos Velhos. Para isso é apenas necessário o conhecimento de físicos... e do mesmo controle que tu me viste usar várias vezes. É simplesmente necessário, primeiro, grocar o que se quer manipular; eu posso fazê-lo, imediatamente. Digamos, um pedaço perto do centro da Terra com cerca de cento e cinquenta quilómetros de diâmetro: muito maior do que é necessário, mas nós queremos fazer isto depressa e sem dor, apenas para agradar a Jill. Sente-se o seu tamanho e local, groca-se cuidadosamente como é constituído... — O seu rosto perdeu qualquer expressão e os seus globos oculares começaram a rodar..

— Hei! — interpôs Jubal. — Pára! Não sei se podes ou não fazê-lo, mas não quero que tentes!

O rosto do Homem de Marte ficou normal.

— Ora, eu nunca o faria. Para mim, isso seria uma maldade: eu sou humano.

— Mas não para eles?

— Oh, não. Os Velhos podem grocar isso como beleza. Não sei. Oh, eu tenho a disciplina para o fazer... mas não a vontade. A Jill

pode fazê-lo... isto é, ela podia contemplar o método exacto. Mas ela nunca *poderia* ter vontade de o fazer; ela também é humana; este é o seu planeta. A essência da disciplina é, antes de mais, autoconhecimento e depois autocontrole. Na altura em que um humano está apto a destruir o seu planeta por este método, em vez de o fazer através de coisas desajeitadas como bombas de cobalto, não é possível para ele ter a vontade; isso eu groco completamente. Ele desincorporar-se-ia. E isso acabaria com qualquer ameaça; os nossos Velhos não passeiam por aí, como fazem em Marte.

— Hum... filho, já que estamos a verificar se tens ou não macaquinhos no sótão, esclarece-me uma coisa. Sempre falaste destes «Velhos» tão casualmente como eu falo do cão do vizinho do lado; mas eu acho os fantasmas uma coisa difícil de engolir. Qual é o aspecto de um «Velho»?

— Ora, tal como o de outro marciano.

— Então como é que sabes que não é apenas um adulto marciano? Ele anda através das paredes ou coisas assim?

— Qualquer marciano pode fazer isso. Eu fiz, ontem.

— Hum... irradiam luzes? Ou qualquer outra coisa?

— Não. Podemos vê-los, ouvi-los, senti-los... tudo. É como uma imagem num receptor de estereovisão, perfeita e introduzida directamente no nosso espírito. Mas... Escuta, Jubal, tudo isto seria uma pergunta pateta em Marte, mas eu compreendo que não o é aqui. Se tu estivesse presente à desincorporação... à morte... de um amigo, depois ajudasses a comer o seu corpo... e depois visse o seu fantasma, falasses com ele, tocasses nele, tudo... acreditarias então em fantasmas?

— Bem, ou isso, ou estaria hipnotizado.

— Está bem. Nisto podia haver uma alucinação... se eu groco correctamente que nós não andamos por aí quando nos desincorporamos. Mas, no caso de Marte, ou existe toda uma população gerida por alucinação de massas ou a clara explicação é correcta... a única que me ensinaram e que toda a minha experiência me leva a acreditar. Porque, em Marte, os «fantasmas»

são mais numerosos e mais poderosos do que todo o resto da população. Os que ainda estão vivos, os corpóreos, levam uma vida de forçados trabalhando para os Velhos. São seus servos.

Jubal acenou em sinal de assentimento.

— Está bem. Nunca receei cortar com a Rasoira de Occam. Embora isso seja contrário à minha experiência, essa minha experiência é limitada a este planeta: provinciana. Está bem, filho, tens medo de que eles nos possam destruir?

Mike abanou a cabeça.

— Não especialmente. Eu penso (isto não é um groque, é uma hipótese) que eles podem fazer uma de duas coisas: ou destruir-nos... ou tentarem conquistar-nos culturalmente, fazer-nos à imagem deles.

— Mas tu não estás preocupado com o facto de nós podermos ir pelos ares? Isso é um ponto de vista muito estranho.

— Não. Oh, eles podem decidir fazê-lo. Compreendes, segundo os seus padrões, nós somos doentes e coxos: as coisas que fazemos uns aos outros, o modo como falhamos em nos compreendermos, o nosso quase completo falhanço para grocarmos entre nós, as nossas guerras, doenças, fomes e crueldades... tudo isto é insanidade para eles. Eu *sei*. Portanto penso que eles se decidirão por uma morte piedosa. Mas isto é uma hipótese, eu não sou um Velho. Mas, Jubal, se eles o decidirem fazer, será... — Mike pensou durante um longo tempo — ... daqui a um mínimo de quinhentos anos, ou mais provavelmente decorrerão cinco milhares de anos antes que qualquer coisa seja feita.

— Isso é um longo tempo para um júri decidir.

— Jubal, a maior diferença entre as duas raças é que os Marcianos nunca têm pressa... e os humanos têm-na sempre. Eles preferem pensar no assunto durante um século extra ou durante meia dúzia deles, para terem a certeza de que grocaram toda a totalidade.

— Nesse caso, filho, não te preocupes. Se, daqui a quinhentos ou mil anos, a raça humana não for capaz de lidar com os seus vizinhos, tu e eu não o poderemos evitar. Todavia, suspeito que eles serão capazes de o fazer.

— Também groco isso, mas não em totalidade. Eu disse que não estava preocupado com *isso*. A outra possibilidade preocupa-me mais: que eles possam mudar-se para cá e tentar modificar-nos. Jubal, eles *não podem*. Qualquer tentativa para fazer com que nos comportemos como Marcianos matar-nos-ia igualmente, mas não sem dor. Seria uma grande maldade.

Jubal levou tempo a responder.

— Mas, filho, não é isso que tu tens estado a tentar fazer? Mike parecia infeliz.

— Era assim quando comecei. Mas *não* é isso que estou a tentar agora. Pai, sei que ficaste desapontado comigo quando comecei isto.

— Isso são assuntos teus, filho.

— Sim. O ser. Devo grocar cada situação crítica sozinho. Assim como tu... e como todos os seres. Tu és Deus.

— Não aceito a nomeação.

— Não podes recusá-la. Tu és Deus e eu sou Deus e tudo aquilo que groca é Deus, e eu sou tudo aquilo que já fui, vi, ou senti ou experimentei. Eu sou aquilo que groco. Pai, eu vi a horrível forma em que este planeta está modelado e groquei, embora não em totalidade, que o podia alterar. O que eu tinha para ensinar não podia ser ensinado nas escolas; fui forçado a disfarçá-lo de religião (coisa que isto não é) e atrair os espectadores a experimentá-lo através da sua curiosidade. Em parte isso funcionou, como eu sabia que funcionaria; a disciplina estava ao alcance dos outros, assim como estava ao meu alcance, para mim que fui educado num ninho marciano. Os nossos irmãos vivem juntos (tu viste, tu partilhaste), vivem em paz e felicidade, sem amargura e sem ciúmes.

»Só isso foi um triunfo. A polaridade homem-mulher é a maior dádiva que nós temos: o amor físico romântico pode ser único para este planeta. Se assim é, então o universo é um lugar mais pobre do que poderia ser... e eu groco debilmente que nós-que-somos-Deus salvaremos esta preciosa invenção e divulgá-la-emos. A junção de corpos com a fusão de almas em êxtase partilhado, dando, recebendo, deliciando-se um no outro... bem, não existe em Marte nada que se lhe compare, e isto é a origem, eu groco em totalidade, de tudo o que faz deste planeta um local tão rico e maravilhoso. E, Jubal, até uma pessoa, homem ou mulher, ter experimentado este tesouro banhado na alegria mútua de espíritos ligados tão estreitamente como os corpos, essa pessoa continuará a ser virgem e sozinha, como se nunca tivesse copulado. Mas eu groco que tu experimentaste; a tua própria relutância para arriscar uma coisa de menor valor prova-o... e, de qualquer maneira, eu sei isso directamente. Tu grocas. Sempre grocaste. Sem precisar da linguagem do grocar. A Dawn disse-nos que tu estavas tão profundamente dentro do seu espírito como dentro do seu corpo.

— Hum... a senhora exagera.

— A Dawn só pode falar correctamente sobre este assunto. E (perdoa-me) nós estávamos lá. Na mente dela, mas não na tua... e tu estavas conosco, partilhando.

Jubal absteve-se de dizer que a única altura em que ele tinha sentido que era capaz de ler pensamentos era precisamente em tal situação... e não se tratava de pensamentos, mas de emoções. Lamentava simplesmente que não fosse meio século mais novo; se assim fosse, Dawn deixaria de ter aquele «Menina» no seu nome e ele teria de bom grado arriscado um outro casamento, apesar das suas cicatrizes. Sentiu também que não trocava a noite anterior pelo resto dos anos que lhe restavam. Em essência, o Mike tinha razão.

— Continue, meu caro, senhor.

— Isso é o que a união sexual deve ser. Mas eu groquei lentamente que isso raramente acontece. Em vez disso, existia indiferença e actos mecanicamente executados, violação e sedução,

tal como um jogo não melhor que a roleta mas menos honesto, e prostituição e celibato, por escolha ou sem ser por escolha, e medo e ódio e culpa, e violência e crianças educadas para pensarem que o sexo era uma coisa «má» e «vergonhosa» e «animal» e algo que devia ser escondido e sempre de desconfiar. Esta maravilhosa e perfeita coisa, homem-mulher, completamente deturpada e transformada numa coisa horrível.

»E cada uma dessas coisas más é um corolário do «ciúme». Jubal, eu não podia acreditar nele. Ainda hoje não groco o «ciúme» em totalidade, a mim parece-me insanidade. Quando aprendi pela primeira vez o que este êxtase era, o meu primeiro pensamento foi que queria partilhá-lo com todos os meus irmãos, imediatamente: directamente com as mulheres, indirectamente convidando os homens a partilhá-lo. A ideia de tentar guardar só para mim essa fonte infalível ter-me-ia horrorizado, se eu tivesse pensado nisso. Mas eu era incapaz de pensar nisso. E como corolário perfeito disto eu não tinha qualquer desejo de tentar este milagre com alguém em que eu já não tivesse contemplado e confiado... Jubal, sou fisicamente incapaz de tentar fazer amor com uma mulher que não tenha partilhado água comigo. E o mesmo acontece com todo o Ninho. Impotência física... a não ser que os espíritos se fundam, tal como os corpos.

Jubal estava a pensar melancolicamente que este era um óptimo sistema — para anjos — quando um carro aéreo aterrou na plataforma privada de aterragem diagonalmente à sua frente. Voltou a cabeça para o ver e, mal as rodas tocaram no chão, o carro desapareceu.

— Sarilhos? — perguntou.

— Não — respondeu Mike. — Eles começam a suspeitar que nós estamos aqui... que eu estou aqui; eles pensam que os restantes estão mortos. O Templo Íntimo, quero eu dizer. Os outros círculos não estão a ser importunados... — Mike sorriu. — Podíamos conseguir um bom preço por estes quartos; a cidade está a abarrotar de tropas de choque do bispo Short.

— Não achas que é altura de mudar a família para outro sítio?

— Jubal, não te preocupes. Aquele carro não teve oportunidade de comunicar, mesmo pela rádio. Eu estou a guardá-los. Não é problema, agora que a Jill já ultrapassou os seus equívocos sobre «maldade» no acto de desincorporar pessoas que têm maldade dentro delas. Eu costumava ter de usar métodos complicados para nos proteger. Mas, agora, a Jill sabe que eu o faço apenas quando groco em totalidade. — O Homem de Marte sorriu jovialmente. — Ontem à noite ela ajudou-me num trabalho... não foi a primeira vez que o fez.

— Que espécie de trabalho?

— Oh, apenas uma consequência do arrombamento da prisão. Eu não podia libertar alguns dos que lá estavam: eram viciados. Portanto librei-me deles antes de me livrar das grades e das portas. Mas há meses que eu venho grocando lentamente esta cidade... e vários dos piores não estavam na cadeia. Tenho estado à espera, fiz uma lista, assegurando-me em plenitude em cada caso. Portanto, agora que nos vamos embora desta cidade... eles vão deixar de viver aqui. Foram desincorporados e enviados de novo para a linha de partida, para tentarem de novo. Incidentalmente, foi este o groque que mudou a atitude de Jill dos escrúpulos para uma aprovação sincera; quando ela grocou finalmente em totalidade que era impossível matar um homem, que o que estávamos a fazer era muito parecido com a atitude de um árbitro ao expulsar um jogador por «violência desnecessária».

— Não tens medo de fazer o papel de Deus, rapaz? Mike sorriu com uma alegria desinibida.

— Eu *sou* Deus. Tu és Deus... e qualquer bruto que nós expulsamos também é Deus. Jubal, diz-se que Deus repara em qualquer pardal que cai do ninho. E assim é. Mas a coisa mais parecida que se pode dizer em inglês é que Deus não pode evitar de reparar no pardal porque o Pardal é Deus. E quando um gato persegue um pardal, tanto um como outro são Deus, levando a cabo pensamentos de Deus.

Outro carro aéreo começou a aterrar e também desapareceu; Jubal não fez comentários.

— Quantos é que puseste fora do jogo, ontem à noite?

— Oh, cerca de quatrocentos e cinquenta; não contei. Isto é uma cidade bastante grande. Mas durante um certo tempo vai ser uma cidade invulgarmente decente. Não está curada, claro: não existe cura, excepto a da disciplina. — Mike parecia infeliz. — E é sobre isto que eu te quero falar, pai. Receio ter enganado os nossos irmãos.

— Como, Mike?

— Eles estão demasiado optimistas. Eles vêem como resulta bem para nós, sabem o quanto são felizes, quão saudáveis, fortes e conscientes... quão profundamente se amam uns aos outros. E agora pensam que grocam que é apenas uma questão de tempo até toda a raça humana poder atingir a mesma beatitude. Oh, não amanhã; alguns deles grocam que dois mil anos são apenas um momento para tal missão. Mas um dia.

»E eu também pensei assim, Jubal, ao princípio. Levei-os a pensar isso. »Mas, Jubal, eu falhei um ponto-chave: humanos não são marcianos. »Eu cometi este erro uma e outra vez... corriji-me a mim próprio... e continuei a fazê-lo. O que resulta para os Marcianos não resulta necessariamente para os Humanos. Oh, a lógica conceptual que apenas pode ser dita em marciano *resulta* na verdade para ambas as raças. A lógica é invariante... mas os dados são diferentes. Portanto, os resultados são diferentes.

»Eu não podia compreender porque é que, quando existem pessoas com fome, algumas delas não se ofereciam voluntariamente para serem trinchadas para que o resto pudesse comer... Em Marte isto é óbvio... e é uma honra. Eu não era capaz de compreender porque é que os bebês eram tão estimados. Em Marte, as nossas duas lindas raparigas seriam atiradas para fora de portas, para viverem ou morrerem... e nove de entre dez ninfas morrem na sua primeira estação. A minha lógica estava certa, mas eu li mal os dados: aqui, os bebês não competem, quem compete são os

adultos; em Marte, os adultos nunca competem, foram escolhidos enquanto bebês. Mas, de uma maneira ou de outra, tanto a competição como o arrancar das ervas daninhas existem... ou uma raça entra em declínio.

»Mas quer eu estivesse ou não errado ao tentar eliminar a competição em ambos os lados, comecei depois a grocar que a raça humana não me deixaria fazê-lo, fosse de que maneira fosse.

Duke meteu a cabeça dentro da sala.

— Mike, estiveste a observar o exterior? Está lá fora uma multidão reunindo-se em volta do hotel.

— Eu sei — concordou Mike. — Diz aos outros que a espera ainda não se completou. — Prosseguiu, falando para Jubal: — «Tu és Deus», não é uma mensagem de esperança e alegria, Jubal. É um desafio... e uma pretensão ousada e destemida de responsabilidade pessoal. — Ele pareceu triste. — Mas eu raramente consegui transmiti-lo. Alguns, muito poucos, apenas estes poucos que estão aqui conosco, nossos irmãos, me compreendem e aceitaram o doce juntamente com o amargo, se levantaram e beberam-no: grocaram-no. Os outros, centenas de milhares de outros, ou insistiram em tratá-lo como um prémio sem uma competição..., uma «conversão»..., ou ignoraram-no. Dissesse eu o que dissesse, eles insistiam em pensar em Deus como qualquer coisa fora de si próprios. Como uma coisa que anseia encostar todos os indolentes atrasados mentais ao seu peito e confortá-los. A noção de que o esforço tem de ser *deles próprios*... e a noção de que os problemas que têm são eles próprios que os criam... é uma coisa que eles não podem ou não querem conceber.

O Homem de Marte abanou a cabeça.

— Os meus falhanços ultrapassam em tão grande número os meus sucessos que pergunto a mim próprio se o grocar completo mostrará que estou no caminho errado... que *esta* raça *tem* de ser escolhida, odiando-nos uns aos outros, lutando, constantemente infelizes e lutando até mesmo com os seus próprios seres individuais... simplesmente porque só assim se conseguirá arrancar

as ervas daninhas, para que a raça possa continuar. Diz-me, pai! Tens de me dizer.

— Mike, que diabo é que te levou a pensar que eu era infalível?

— Talvez não sejas. Mas, sempre que eu precisei de saber alguma coisa, foste sempre capaz de me responder; e a plenitude mostrou sempre que tu tinhas razão.

— Diabos me levem, recuso terminantemente esta apoteose! Mas vejo realmente uma coisa, filho. Sempre impeliste todos os outros a não terem pressa: «a espera completará», costumavas dizer.

— Isso é verdade.

— Agora estás a violar a tua própria regra. Apenas esperaste um pouco: um período de tempo muito pequeno, pelos padrões marcianos; e queres dar-te por vencido. Provaste que o teu sistema resulta para um pequeno grupo: e fico contente por o confirmar; nunca vi pessoas mais felizes, animadas e saudáveis. Isto devia ser suficiente para o pouco tempo que tu lhe dedicaste. Torna a pensar nisso quando tiveres um milhar de vezes este número, todos a trabalhar, felizes e desprovidos de ciúmes, e nessa altura conversaremos sobre isto, outra vez. Achas justo?

— Tu falas correctamente, pai.

— Ainda não acabei. Tens-te preocupado com isso porque, uma vez que não conseguiste convencer noventa e nove de entre cem, a raça não podia continuar sem os seus males actuais, tinha de os ter para arrancar toda as suas ervas daninhas. Mas, caramba, rapaz, tu próprio estiveste a *arrancar* as ervas daninhas... ou melhor, as pessoas que falharam é que o fizeram, por não te darem ouvidos. Tinhas planeado eliminar o dinheiro e a propriedade?

— Oh, não! Dentro do Ninho nós não precisamos dele, mas...

— Nem nenhuma família saudável. Mas, lá fora, precisas dele para negociar com as outras pessoas. O Sam diz-me que os nossos irmãos, em vez de se desprenderem das coisas mundanas, estão mais destros do que nunca com o dinheiro. Certo?

— Oh, sim. Fazer dinheiro é um truque simples, depois de se grocar.

— Acabas de acrescentar uma nova beatitude: «Abençoado é o rico de espírito, pois ele fará riqueza.» Como é que a nossa gente se porta nos outros campos? Pior ou melhor do que a média?

— Oh, melhor, claro. Compreendes, Jubal, *não* se trata de uma fé; a disciplina é simplesmente um método de funcionamento eficiente em qualquer coisa.

— Respondeste a ti próprio, filho. Se tudo o que dizes é verdade (e eu não estou a julgar; estou a perguntar, tu estás a responder), então a competição, longe de ser eliminada, está mais forte do que nunca. Se um décimo de um por cento da população é capaz de fazer as coisas melhor do que os outros, então, tudo o que vocês têm a fazer é *mostrar-lhes*: e dentro de algumas gerações os estúpidos morrerão e aqueles que têm a tua disciplina herdarão a Terra. Seja quando for que isto acontecer (dentro de mil ou de dez mil anos), será bastante cedo para nos preocuparmos com alguma nova barreira para os fazer saltar mais alto. Mas não fiques intimidado porque apenas um punhado deles se transformaram em anjos de um dia para o outro. Nunca esperei que *alguém* o conseguisse. Pensei que te estavas a fazer passar por palhaço, pretendendo ser um pregador.

Mike suspirou e sorriu.

— Estava a começar a ficar com medo... a preocupar-me de ter deixado os meus irmãos ficarem em desvantagem.

— Continuo a desejar que tu lhe tivesses chamado «Hálito Cósmico» ou alguma coisa do género. Mas o nome não interessa. Se tu tens a verdade, podes demonstrá-la. Falar não prova isso. Mostra às pessoas.

Mike não respondeu. As suas pálpebras fecharam-se, ficou perfeitamente imóvel, o seu rosto perdeu toda a expressão. Jubal mexeu-se preocupadamente, receando ter falado de mais e forçado o rapaz a entrar em transe.

Depois os olhos de Mike abriram-se, e ele sorriu alegremente.

— Tu esclareceste-me completamente, pai. Estou pronto para lhes mostrar, agora: groco a plenitude. — O Homem de Marte levantou-se. — A espera acabou.

XXXVII

Jubal e o Homem de Marte entraram na sala do grande receptor de estereovisão. Todo o Ninho estava reunido, observando. O receptor mostrava uma densa e turbulenta multidão, algo restringida por polícias. Mike olhou de relance para o receptor e pareceu serenamente feliz.

— Eles vieram. Agora é a plenitude.

A sensação de espera extática que Jubal sentia crescer desde que chegara aumentou grandemente, mas ninguém se mexeu.

— É uma grande e poderosa multidão, querido — concordou Jill.

— E pronta a aquecer — acrescentou Patty.

— É melhor eu vestir-me para isto — comentou Mike. — Tenho algumas roupas nesta espelunca? Patty!

— Imediatamente, Michael.

Jubal disse:

— Filho, aquela multidão parece-me feia. Tens a certeza de que é altura para os atacar?

— Oh, claro — disse Mike. — Eles vieram para me ver... portanto, agora vou lá abaixo para os conhecer. — Fez uma pausa enquanto algumas roupas se afastavam da sua cara; estava a ser vestido a uma velocidade vertiginosa com a ajuda desnecessária de várias mulheres; cada peça de vestuário parecia saber o lugar onde se colocar e como se dispor. — Este trabalho tem obrigações, assim como tem privilégios: a estrela tem de brilhar para o espectáculo... grocam-me? Os espectadores esperam-no.

Duke disse:

— O Mike sabe o que está a fazer, patrão.

— Bem... eu não confio em multidões.

— Aquela multidão é na sua maior parte constituída por curiosos interessados, eles vêm sempre. Oh, estão lá alguns fosteritas e alguns outros com rancores... mas o Mike pode manobrar qualquer multidão. Vai ver. Certo, Mike?

— Kirrecte, Canibal. Junte-se uma multidão, depois dêem-lhe um espectáculo. Onde é que está o meu chapéu? Não se pode andar ao sol do meio-dia sem um chapéu. — Um caro panamá com uma faixa colorida deslizou pelo ar e veio colocar-se na cabeça de Mike; ele ajeitou-o com desenvoltura. — Já está! Estou bem? — Estava vestido com o seu traje habitual para os serviços externos, um fato branco, de bom corte e impecavelmente vincado, sapatos a condizer, camisa branca e um luxuoso lenço de pescoço.

Ben disse:

— Só te falta uma pasta.

— Grocas que eu preciso duma? Patty, temos uma? Jill aproximou-se dele.

— O Ben estava a brincar, querido. Estás perfeito. — Ela endireitou-lhe a gravata e beijou-o... e Jubal sentiu-se beijado. — Vai falar com eles.

— Sim. Chegou a altura de aquecer a assistência. Anne? Duke?

— Estamos prontos, Mike. — Anne vestia a sua túnica de testemunha, envolvendo-a em dignidade; Duke era exactamente o oposto, desleixadamente vestido, com um cigarro aceso baloiçando na boca, um velho chapéu caído para o pescoço com um cartão que dizia «IMPrensa» colado na aba, e ele próprio às voltas com câmaras e estojos.

Dirigiram-se para a porta que dava para o átrio comum às quatro *suites* do último andar. Apenas Jubal os seguiu; todos os outros, trinta ou mais, ficaram à volta do receptor. Mike deteve-se ao atingir a porta. Havia uma mesa ali com um jarro de água e copos, um prato de fruta e uma faca de fruta.

— É melhor não avançar mais — aconselhou ele a Jubal —, ou a Patty teria de o escoltar na volta através dos seus animaizinhos. — Mike encheu um copo com água, e bebeu parte dele.

— Pregar é um trabalho que dá muita sede. — Entregou o copo a Anne, depois pegou na faca da fruta e cortou um pedaço de maçã.

Pareceu a Jubal que Mike cortara um dedo... mas a sua atenção foi distraída, pois Duke acabava de lhe passar o copo. A mão de Mike não estava a sangrar e Jubal já estava um tanto acostumado a estes malabarismos. Aceitou o copo e bebeu um gole, verificando que a sua própria garganta estava muito seca.

Mike agarrou o braço de Jubal e sorriu.

— Pára de te preocupar. Isto levará apenas alguns minutos. Até logo, pai. — Eles continuaram o seu caminho através das cobras guardiãs e a porta fechou-se. Jubal voltou para a sala onde estavam os outros, levando ainda o copo na mão. Alguém lho tirou; ele não viu quem fora, pois estava a observar as imagens no gigantesco receptor.

A multidão parecia mais densa, agitando-se e sendo retida pela polícia apenas armada com cassetetes. Ouviam-se alguns gritos, mas na sua maior parte apenas se distinguia o balbuciar informe da multidão.

Alguém perguntou:

— Onde é que eles estão agora, Patty?

— Desceram pelo tubo. O Michael vai um pouco à frente, o Duke parou para apanhar a Anne. Estão a entrar no vestíbulo. Michael foi vislumbrado, estão a ser tiradas fotografias.

A cena do tanque mudou para um enorme plano de cabeça e ombros de um alegre e brilhante apresentador:

— Somos a unidade móvel da New World Networks, em cima do acontecimento... o vosso apresentador, Férias Felizes. Acabamos de saber que o falso messias, por vezes conhecido como o Homem de Marte, rastejou para fora do seu esconderijo num quarto de hotel

aqui na bela St. Petersburg, a Cidade Que Tem Tudo para o Fazer Cantar. Aparentemente, Smith está prestes a render-se às autoridades. Escapou ontem da prisão, usando poderosos explosivos que lhe foram entregues pelos seus fanáticos seguidores. Mas o cordão apertado que foi estabelecido em volta da cidade parece ter sido demasiado para ele. Ainda não sabemos... repito, ainda não sabemos... por isso fiquem com o amigo que está em todo o lado. E agora uma palavra do vosso patrocinador local que vos deu esta espreitadela pelo buraco da fechadura...

»Obrigado, Férias Felizes e obrigado também a todos vocês, meus amigos que estão vendo o canal NWNW! Qual é o Preço do Paraíso? Fantasticamente Baixo! Venham e vejam por vós próprios nos Campos Elísios, apenas aberto para uma clientela restrita. Terreno tirado às quentes águas do glorioso golfo e cada lote garantido pelo menos a quarenta centímetros acima da maré alta média e apenas um pequeno pagamento em uma Feliz... Oh, oh, mais tarde, amigos: telefonem para Golfe nove, dois, oito, dois, oito!

»E obrigado, a *ti*, Jick Morris e aos promotores dos Campos Elísios! Acho que temos alguma coisa, amigos! Sim, senhor, acho que temos...

(Estão a sair pela entrada da frente — disse Patty calmamente. — A multidão ainda não viu o Michael.)

— Talvez ainda tenhamos de esperar... mas pouco. Estão agora a olhar para a entrada principal do magnífico Hotel Sans Souci, Pedra Preciosa do Golfo, cuja gerência não é de modo algum responsável por este fugitivo e que cooperou com as autoridades de acordo com uma declaração acabada de emitir pelo chefe da polícia Davis. E enquanto esperamos para ver o que vai acontecer, algumas imagens da estranha carreira deste monstro meio humano educado em Marte...

A cena ao vivo foi substituída por rápidas imagens de arquivo: a *Envoy* partindo anos antes, a *Champion* flutuando silenciosamente e sem esforço devido à propulsão Lyle, marcianos em Marte, o regresso triunfante da *Champion*, uma rápida passagem da falsa

entrevista com o «Homem de Marte» — «Que é que pensa das raparigas, aqui na Terra»... «Uau!» —, uma imagem ainda mais rápida da conferência no Palácio Executivo e a muito publicitada condecoração de um doutorado em filosofia, tudo com comentários ultra-rápidos.

— Vês alguma coisa, Patty?

— O Michael está no cimo das escadas, a multidão está pelo menos a duzentos metros, sendo mantida fora dos terrenos do hotel. Duke tirou algumas fotografias e Mike está à espera de que ele mude as lentes. Não há pressa.

Férias Felizes continuou, enquanto a multidão aparecia novamente na tela, num plano panorâmico:

— Vocês compreendem, amigos, que esta maravilhosa comunidade está hoje numa condição única. Algo de estranho se está a passar e estas pessoas não estão com disposição para brincar. As suas leis foram infringidas, as suas forças de segurança foram tratadas com desprezo, eles estão zangados e com razão para isso. Os seguidores fanáticos deste alegado anticristo não se detiveram perante nada para criar tumulto, num esforço inútil para deixarem que o seu chefe escapasse à rede da justiça. Qualquer coisa pode acontecer... qualquer coisa! — A voz do apresentador subiu de tom: — Sim, ele vem agora a sair... dirige-se para as pessoas! — A cena mudou de ângulo; Mike dirigia-se directamente para a câmara. Anne e Duke vinham atrás e deixavam-se ficar cada vez mais para trás. — Aqui está! É isso! Isto é o número final!

Mike continuava a caminhar sem pressa em direcção à multidão, até aparecer no receptor de estereovisão em tamanho natural, como se estivesse na sala com os seus irmãos de água. Deteve-se no relvado em frente do hotel, a alguns escassos metros da multidão.

— Chamaram-me? Respondeu-lhe um rugido.

O céu apresentava algumas nuvens; nesse instante o Sol saiu de trás de uma delas e um raio de luz atingiu-o.

As suas roupas desapareceram. Estava de pé perante eles, uma juventude dourada, vestido apenas de beleza — uma beleza que fez com que o coração de Jubal doesse, pensando que Miguel Angelo, nos seus primeiros anos, teria descido do seu alto andaime para gravar esta imagem para as gerações vindouras. Mike disse gentilmente:

— Olhem para mim. Eu sou um filho de homem.

A cena foi interrompida para um reclame de dez segundos, uma fila de dançarinas de *can-can* cantavam:

Venham daí, senhoras, tirem as vossas roupas!

Na espuma mais macia e suave!

O Sabonete do Amor é gentil para com as mãos...

Mas assegurem-se de que salvam as fitas!

O receptor encheu-se de espuma à mistura com risos de raparigas e a cena mudou de novo:

Deus te amaldiçoe! Um tijolo atingiu Mike nas costelas. Ele voltou o rosto para o atacante:

— Mas tu próprio és Deus. Só te podes amaldiçoar a ti próprio... e não podes fugir a ti próprio.

— *Blasfémia!* — Uma pedra atingiu-o por cima do olho esquerdo e o sangue começou a brotar.

Mike disse calmamente:

— Ao combateres-me a mim, estás a combater-te a ti próprio... porque Tu és Deus... e eu sou Deus... e tudo o que groca é Deus... não existe outro.

Foi atingido por mais pedras, e começou a sangrar em vários sítios.

— Ouçam a Verdade. Não precisam de odiar, não precisam de lutar, não precisam de ter medo. Eu ofereço-vos a água da vida... — Subitamente a sua mão segurava um copo com água, brilhando à

luz do sol — ... e poderão partilhá-la quando o desejarem... e caminharem em paz, amor e felicidade.

Uma pedra atingiu o copo e partiu-o. Outro tijolo atingiu-o na boca.

Através de uns lábios sangrentos e pisados ele sorriu-lhes, olhando directamente para a câmara com uma expressão de ternura no rosto. Um estratagema do sol e da estereovisão fez aparecer uma auréola dourada em volta da sua cabeça.

— Oh, meus irmãos, eu amo-vos tanto! Bebam profundamente. Partilhem e aproximem-se uns dos outros infinitamente. Tu és Deus.

Jubal murmurou a mesma frase baixinho para ele. A cena foi cortada pela segunda vez:

— *Caverna Cahuenga! O nighth-club com o verdadeiro* nevoeiro de Los Angeles, importado todos os dias. Seis exóticas dançarinas.

— Linchem-no! Linchem o bastardo! — Uma carabina disparou de perto e o braço direito de Mike foi cortado pelo cotovelo e caiu. Flutuou suavemente até atingir o chão e depois descansou na relva fresca, a mão aberta num convite.

— Atira-lhe com a outra descarga, Shortie... e vê se apontas melhor! — A multidão ria e aplaudia. Um tijolo esmagou o nariz de Mike e mais pedras deram-lhe uma coroa de sangue.

— A Verdade é simples mas a Via do Homem é árdua. Primeiro têm de aprender a controlarem-se, a controlarem o vosso *ser*. O resto é uma consequência. Abençoado seja aquele que se conhece a si próprio e que se comanda a si próprio, pois o mundo é dele e o amor, a felicidade e a paz caminham com ele para onde quer que ele vá.

Outra descarga de carabina foi seguida por mais dois tiros. Um tiro, uma bala de calibre quarenta e cinco, atingiu Mike no coração, estilhaçando a sexta costela perto do esterno e fazendo uma enorme chaga; o chumbo e a outra bala atravessaram a tíbia esquerda cerca de dez centímetros abaixo da rótula e deixaram o perónio

descoberto, partido e branco, contrastando com o amarelo e vermelho da chaga.

Mike vacilou levemente e riu, continuando a falar, sendo as suas palavras claras e pausadas.

— Tu és Deus. Sabe isso e a Via está aberta.

— Maldito seja... vamos fazer com que este *pare* de empregar o Nome do Senhor em vão!

— Venham daí, homens! Vamos acabar com ele!

A multidão avançou dirigida por um destemido com uma moca na mão; caíram sobre ele com pedras e punhos, e depois com pés à medida que ele ia caindo. Ele continuava a falar enquanto eles lhe davam pontapés nas costelas e esmagavam o seu corpo dourado, enquanto lhe partiam os ossos e lhe arrancaram uma orelha. Finalmente, alguém gritou:

— Cheguem-se para trás para que o possamos regar com gasolina!

A multidão recuou um pouco ao ouvir este aviso e a câmara subiu para filmar o rosto e os ombros de Mike. O Homem de Marte sorriu para os seus irmãos, disse mais uma vez, suave e distintamente:

— Eu amo-vos.

Um incauto gafanhoto aproximou-se zumbindo para uma aterragem na relva a alguns centímetros do seu rosto; Mike voltou a cabeça, olhou para ele ao mesmo tempo que o gafanhoto o olhava fixamente.

— Tu és Deus — disse alegremente e desincorporou-se.

XXXVIII

Chamas e nuvens de fumo apareceram e encheram a tela.

— Deus! — disse Patty reverentemente. — Este é o melhor número final que jamais foi usado.

— Sim — concordou Becky judiciosamente. — Nem o próprio Professor alguma vez imaginou um melhor.

Van Tromp disse muito calmamente, aparentemente para consigo:

— Em beleza. Elegante e com estilo: o rapaz acabou em beleza.

Jubal olhou para os seus irmãos. Era ele a *única* pessoa que sentia alguma coisa? Jill e Dawn estavam sentadas com um braço à volta uma da outra — mas elas faziam isto sempre que estavam juntas; nenhum deles parecia perturbado. Até a Dorcas estava de olhos secos e calma.

O inferno no receptor deu lugar ao sorridente Férias Felizes, que disse:

— E agora, amigos, alguns momentos para os nossos amigos nos Campos Elísios que tão gentilmente desistiram do seu...

Patty desligou o receptor.

— A Anne e o Duke vêm a regressar — disse ela. — Vou ajudá-los a passarem pelo átrio e depois vamos almoçar. — Ela preparou-se para sair. Jubal deteve-a.

— Patty, *sabias* o que o Mike ia fazer? Ela pareceu surpreendida.

— Hã? Ora, claro que não, Jubal. Era necessário esperar pela totalidade. Nenhum de nós sabia. — Ela voltou-se e saiu.

— Jubal... — Jill estava a olhar para ele. — Jubal, nosso amado pai... por favor, pára e groca a plenitude. O Mike não está morto. Como é que ele pode estar morto, se ninguém pode ser morto? Nem nunca estará afastado de nós, nós que já o grocámos. Tu és Deus.

— «Tu és Deus» — repetiu ele inexpressivamente.

— Assim é melhor. Vem sentar-te com a Dawn e comigo... no meio.

— Não. Não, deixa-me só.

Dirigiu-se às cegas para o seu quarto, entrou e trancou a porta, deixou-se cair pesadamente, com ambas as mãos agarrando o pé da cama. Meu filho, oh, meu filho! Quem me dera ter morrido por ti! Ele tinha tanto para que viver... e um velho louco que ele respeitava demasiado teve de arrancar os seus gritos e incitá-lo para um martírio desnecessário e inútil. Se Mike lhes tivesse dado algo *grande* — como estereovisão ou bingo —, mas ele deu-lhes a Verdade. Ou um pedaço da Verdade. E quem é que está interessado na Verdade? Riu-se através dos seus soluços.

Passados uns momentos Jubal calou os soluços, tanto os soluços desesperados como as amargas gargalhadas, e procurou às apalpadelas algo dentro da mala de viagem. Tinha consigo o que queria; guardara uma reserva dentro do seu estojo de *toilette* desde que o ataque de coração de Joe Douglas lhe recordara que toda a carne é relva.

Agora o seu próprio ataque tinha chegado e ele não o podia suportar. Prescreveu a si próprio três comprimidos, para que fosse rápido e certo, tomou-os com água e deitou-se rapidamente na cama. Passado pouco tempo a dor tinha desaparecido.

De uma grande distância chegou-lhe a voz:

— Jubal...

— 'tou a 'escansar. Não me macem.

— Jubal! *Por favor*, pai!

— Hum... sim, Mike? Que é?

— Acorda! A totalidade ainda não chegou. Escuta, deixa-me ajudar-te. Jubal suspirou.

— Está bem, Mike.

— Deixou que ele o ajudasse e o conduzisse ao banheiro, deixou a sua cabeça ser segurada enquanto vomitava, aceitou um copo de água e gargarejou com ela.

— Estás bem, agora?

— Estou bem, filho. Obrigado.

— Então tenho de fazer umas coisas. Amo-te, pai. Tu és Deus.

— Amo-te, Mike. Tu és Deus.

Jubal demorou-se um bocado mais, pondo-se apresentável, trocando de roupas, tomando um pouco de Brandy para apagar o leve gosto amargo que ainda sentia no estômago; depois foi juntar-se aos outros.

Patty estava sozinha na sala da estereovisão e esta estava desligada. Ela olhou para cima.

— Quer almoçar agora, Jubal?

— Sim, obrigado. Ela dirigiu-se para ele.

— Isso é bom. Receio que a maior parte dos outros se tenham limitado a comer para logo se porem a andar. Mas cada um deles deixou um beijo para si. E aqui estão eles, todos numa só embalagem. — Ela conseguiu entregar na totalidade todo o amor que lhe tinha sido dado por procuração, juntamente com o dela própria; Jubal verificou que o beijo o tinha feito sentir-se mais forte, depois de partilhar a sua serena aceitação, e toda a amargura desaparecera. — Vem até à cozinha — disse ela. — O Tony já se foi embora, por isso a maior parte dos outros estão na cozinha... não que os seus grunhidos alguma vez impedissem alguém de entrar. — Patty parou e tentou olhar para a parte de trás de seu pescoço. — Essa cena final não está a mudar um bocadinho? Uma espécie de fumaça, talvez?

Jubal concordou solenemente. Não era capaz de ver qualquer alteração... mas não ia discutir com a idiosincrasia de Patty. Ela acenou com a cabeça.

— Já estava à espera disto. Posso ver à minha volta muito bem... excepto eu própria. Ainda preciso de dois espelhos para ver as minhas costas claramente. O Mike diz que a minha Visão incluirá isso dentro de pouco tempo. Não interessa.

Na cozinha, Jubal encontrou uns doze esperando sentados à mesa ou noutra lado; Duke fazia parte deste número, mexendo uma pequena panela.

— Olá, patrão. Mandei vir um aerocarro de vinte lugares. É o maior que pode aterrar na nossa plataforma de aterragem... e vamos precisar de um quase tão grande para as fraldas e os bichinhos da Patty. Está bem?

— Claro. Vêm todos para casa? — Se as camas não chegarem, as raparigas podem fazer camas improvisadas na sala, que servirão muito bem — e toda esta gente, provavelmente iria dormir dois a dois. Pensando nisto, talvez nem ele próprio fosse autorizado a dormir sozinho... Resolveu-se a não lutar. Era agradável ter um corpo quente do outro lado da cama, mesmo se as vossas intenções não forem activas. Por Deus, ele esquecera o quão agradável isso era! Aproximar-se...

— Nem toda a gente. O Tim pilotará o nosso carro, depois volta nele e vai para o Texas durante um tempo. O comandante e a Beatriz e o Sven, vamos deixá-los em Nova Jérquia.

Sam levantou o olhar.

— A Ruth e eu temos de voltar para os nossos filhos. E o Saul vem com a gente.

— Não podem parar lá por casa um dia ou dois, primeiro?

— Bem, talvez. Vou falar nisso com a Ruth.

— Patrão — disse Duke —, dentro de quanto tempo é que se pode encher a piscina?

— Bem, nunca a enchemos antes de Abril... mas, com os novos aquecedores, suponho que podemos enchê-la a qualquer momento. — Jubal acrescentou: — Mas ainda temos um tempo muito feio por lá: ainda ontem nevou.

— Patrão, deixe-me esclarecê-lo. Esta gente pode andar pela neve enterrada até às ancas em cima de uma girafa e não o notar... e terão vontade de nadar. Além disso existem meios mais baratos para impedir a água de gelar, além daqueles grandes aquecedores a óleo.

— Jubal!

— Sim, Ruth?

— Pararemos lá por um dia ou mais. As crianças não sentem a minha falta... e de qualquer maneira eu não sinto coragem para tomar conta delas sem a Patty para as disciplinar. Jubal, nunca me terás visto realmente até me veres dentro de água com o cabelo flutuando à minha volta.

— Está combinado. Digam-me, onde é que está o canadiano e o holandês? A Beatriz nunca esteve em casa; não podem estar assim com tanta pressa.

— Eu vou dizer-lhes, patrão.

— Patty, as tuas serpentes podem suportar uma cave limpa e quente durante um tempo? Até lhes arranjarmos coisa melhor? Não me refiro à *Honey Bun*, ela é gente. Mas acho que as cobras não devem dirigir a casa.

— Claro, Jubal.

— Hum... — Jubal olhou em redor. — Dawn, sabes estenografar?

— Ela não precisa — disse Anne —, tal como eu.

— Devia ter calculado. Escrever à máquina?

— Aprenderei, se assim o desejares — respondeu Dawn.

— Considera-te contratada... até que haja uma vaga para uma alta sacerdotisa em qualquer lado. Jill, esquecemo-nos de alguém?

— Não, patrão. Excepto que todos aqueles que já saíram se sentem livres para acampar em sua casa, em qualquer altura. E eles irão.

— Presumi isso. Ninho número dois, quando e como necessário. — Jubal foi até ao pé do fogão. Olhou de relance para a panela que Duke continuava a mexer. Continha uma pequena quantidade de caldo. — Hum... Mike?

— Sim. — Duke tirou um bocadinho com a colher, e provou. — Precisa de um pouco de sal.

— Sim, o Mike sempre precisou de um pouco de tempero. — Jubal pegou na colher e provou o caldo. Duke tinha razão; o sabor

era doce e poderia ter levado um bocadinho de sal. — Mas vamos grocá-lo tal como ele é. Quem é que falta para o partilhar?

— Apenas você. O Tony deixou-me aqui, com instruções para mexer à mão, juntar a água que fosse necessária, e esperar por si. E para não o deixar queimar.

— Então arranja duas xícaras. Partilharemos e grocaremos juntos.

— Imediatamente, patrão. — As duas xícaras vieram até à janela deslizando. — Isto é uma piada para o Mike: ele jurou sempre que havia de me sobreviver e de me servir como Ação de Graças. Ou talvez a piada seja para mim... porque tínhamos apostado e agora eu não posso receber o prémio.

— Apenas ganhaste por falta de comparência do adversário. Divide isso imparcialmente.

Duke assim fez. Jubal levantou a sua xícara.

— Partilhemos!

— Aproximemo-nos sempre.

Lentamente beberam o caldo, aos poucos, saboreando-o, protegendo e elogiando o seu doador. Jubal verificou, para sua surpresa, que, embora se sentisse esmagado pela emoção, aquela era uma felicidade calma, que não trazia lágrimas. Que estranho e desajeitado cachorrinho fora o seu filho, da primeira vez que o vira... tão ansioso por agradar, tão ingénuo nos seus pequeninos erros — e em que altivo poder ele se tinha transformado, sem nunca perder a sua angélica inocência. Groco-te finalmente, meu filho — e não mudaria uma linha sequer!

Patty tinha o almoço à sua espera; Jubal sentou-se e começou a comer, esfomeado e sentindo que tinham passado dias desde o café da manhã. Sam estava a falar:

— Eu estava a dizer ao Saul que não groco nenhuma necessidade de alterar os planos. Continuamos como antes. Se temos a mercadoria certa, o negócio cresce, embora o fundador tenha seguido o seu caminho.

— Eu não estava a discordar — protestou Saul. — Tu e a Ruth vão fundar um outro templo... e nós fundaremos outros. Mas temos de esperar um certo tempo, para acumular capital. Isto não é um renascimento de esquina de rua, nem sequer nada que se possa fazer numa loja desocupada; requer encenação e equipamento. Isso significa dinheiro; para não mencionar coisas como por exemplo pagar um ou dois anos de estada em Marte para o Stinky e para a Maryam... e isso é igualmente essencial.

— *Está bem!* Quem é que está a discutir? Esperamos por plenitude... e vamos em frente.

Jubal disse subitamente:

— Dinheiro não é problema.

— Como é que é isso, Jubal?

— Como advogado, não devia dizer isto... mas como irmão de água faço aquilo que groco. Só um momento... Anne.

— Sim, patrão.

— Compra aquele terreno. Aquele onde eles apedrejaram o Mike. É melhor ter um raio de cerca de trezentos metros em volta.

— Patrão, aquele terreno é propriedade pública. Um raio de trezentos metros cortará um pouco da estrada pública e um pedaço dos terrenos do hotel.

— Não discutas.

— Eu não estava a discutir. Estava a apontar-lhe os factos.

— Desculpa. Eles venderão. Reconstruirão a estrada. Caramba, se os souberem levar, eles até doarão a terra... e isso será feito pelo Joe Douglas, acho eu. E façam o Douglas reclamar da morgue a que quer que seja que sobrou do Mike quando aqueles vampiros acabaram com ele e enterrá-lo-emos nesse terreno... digamos, daqui a um ano... com toda a cidade enlutada e os mesmos polícias que hoje não o protegeram em sentido.

Que é que havemos de pôr por cima dele? *A Cariátide Caída?* Não, o Mike foi suficientemente forte para a sua pedra. A Sereiazinha seria melhor, mas não seria compreendida. Talvez uma

escultura do próprio Mike, tal como ele estava quando disse: «Olhem para mim. Eu sou um Filho do Homem.» Se o Duke não lhe tirou uma fotografia, a New World tirou; e talvez haja um irmão com o génio de Rodin dentro dele para o fazer tal como a realidade e não deturpar a sua imagem.

— Enterrá-lo-emos ali — prosseguiu Jubal — sem qualquer protecção, e deixaremos que as minhocas e a chuva gentil o groquem. Eu groco que o Mike apreciará isso. Anne, quero falar com o Joe Douglas assim que chegarmos a casa.

— Sim, patrão. Nós grocamos contigo.

— Agora, quanto ao outro assunto. — Jubal falou-lhes no testamento de Mike. — Portanto, como podem ver, cada um de vocês é, pelo menos, milionário... anda à volta disso, de acordo com os meus últimos cálculos... mas muito mais, mesmo depois dos impostos. Não existem quaisquer reservas em relação à maneira como deve ser gasto... mas eu groco que vocês vão gastá-lo como for necessário para a construção de templos, ou coisas similares. Mas não há nada que vos impeça de comprar iates se assim o desejarem. Oh, sim! O Joe Douglas continua como administrador para quem não se queira preocupar com o capital, com os mesmos honorários que antes... mas eu groco que o Joe não vai durar muito, por isso a administração passará para o Ben Caxton. Ben?

Caxton encolheu os ombros.

— Pode ficar em meu nome. Groco que vou contratar um verdadeiro homem de negócios, chamado Saul.

— Então está resolvido. Terá de se esperar algum tempo, mas ninguém se atreverá a contestar este testamento; Mike proveu-o do necessário. Vocês verão. Dentro de quanto tempo é que podemos sair daqui? A conta já está liquidada?

— Jubal — disse Ben gentilmente —, este hotel é *nosso*.

Não daí a muito tempo estava no ar, sem problemas de polícia: a cidade acalmara-se tão rapidamente como se tinha inflamado. Jubal sentou-se à frente com Stinky Mahmoud e descontraiu-se: descobriu que não estava cansado, nem infeliz, nem sequer

preocupado em voltar rapidamente para o seu santuário. Discutiram os planos de Mahmoud para ir a Marte aprender a língua mais profundamente..., depois (Jubal ficou contente por o saber) de completar o dicionário, coisa que, de acordo com os cálculos de Mahmoud, deveria levar um ano, só pela sua parte, a verificar as pronúncias fonéticas.

Jubal disse num tom rabugento:

— Suponho que serei obrigado a aprender essa maldita coisa, quanto mais não seja para entender as conversas à minha volta.

— Como grocares, irmão.

— Bem, diabos me levem, não vou suportar lições fixas e horas regulares de escola! Vou trabalhar como eu quiser, como sempre fiz.

Mahmoud ficou em silêncio por um momento.

— Jubal, nós tínhamos classes e horários no Templo porque estávamos a lidar com grupos. Mas alguns receberam atenção especial.

— É disso que vou precisar.

— A Anne, por exemplo, está muito, mas muito mais adiantada do que dá a perceber. Com a sua memorização total, ela aprendeu marciano apenas em comunicação mental com Mike.

— Bem, eu não tenho essa espécie de memória... e o Mike não está disponível.

— Pois não, mas a Anne está. E, teimoso como tu és, apesar disso a Dawn pode colocar-te em comunicação com a Anne... se tu a deixares. E já não precisarás de Dawn para a segunda lição; aí, a Anne já será capaz de o fazer. Estarás a pensar em marciano dentro de dias, pelo calendário: muito mais em tempo subjectivo, mas quem é que se importa? — Mahmoud sorriu ironicamente para ele.
— Vais gostar dos exercícios de aquecimento.

Jubal irritou-se.

— Tu és um árabe lúbrico, baixo, mau... e além disto roubaste uma das minhas melhores secretárias.

— Pelo que estarei para sempre em dívida para contigo. Mas tu não a perdeste inteiramente; ela também te dará lições. Ela vai insistir nisso.

— Vai-te embora e arranja outro lugar. Preciso de pensar. Algum tempo depois, Jubal gritou:

— Quem é que está de serviço?

Dorcas aproximou-se e sentou-se perto dele, com o aparelho de estenografar a postos.

Jubal olhou de relance para ela antes de começar a trabalhar.

— Criança, pareces ainda mais alegre do que o costume. Estás a brilhar. Dorcas disse sonhadoramente:

— Decidi chamar-lhe «Dennis». Jubal acenou em sinal de assentimento.

— Apropriado. Muito apropriado. Possuía um significado apropriado, mesmo se ela estivesse enganada quanto à paternidade, pensou Jubal para consigo. — Apetece-te trabalhar?

— Oh, sim! Sinto-me óptima.

— Começa. Peça para estéreo. Esboço. Título de trabalho: *Um Marciano Chamado Smith*. Cena de abertura: sobrevoando Marte, usando imagens de arquivo, sequência contínua, depois dissolvendo-se para uma maquete do verdadeiro sítio de aterragem da *Envoy*. Nave espacial a meia distância. Marcianos em movimento, típicos, com as imagens de arquivo disponíveis ou refotografados. Câmara aproxima-se: interior da nave espacial. Uma paciente feminina deitada...

XXXIX

O veredicto para o terceiro planeta à volta do Sol nunca esteve em dúvida. Os Velhos do quarto planeta não eram omniscientes e à sua maneira eram tão provincianos como os humanos. Grocando de acordo com os seus próprios valores locais, mesmo com a ajuda da sua lógica largamente superior, estavam certos em denotar uma «maldade» incurável em alguns dos atarefados, agitados e brigões

seres do terceiro planeta, uma maldade que requereria eliminação depois de ter sido grocada, contemplada e odiada.

Mas, pelo tempo que eles lentamente levariam a chegar a essa conclusão, seria altamente improvável, quase impossível, que os Velhos viessem a ser capazes de destruir esta estranha e complexa raça. O perigo era tão ténue que aqueles que estavam relacionados com o terceiro planeta não perderam sequer um meio éon com este assunto.

Foster certamente que não.

— Digby!

O seu assistente olhou para cima.

— Sim, Foster.

— Vou estar ausente alguns éons numa missão especial. Quero que conheças o teu novo supervisor. — Foster virou-se e disse: — Mike, este é o Arcanjo Digby, o teu assistente. Ele sabe onde é que está tudo aqui no estúdio e vais achá-lo um auxiliar muito útil para tudo o que conceberes.

— Oh, nós vamos dar-nos bem — assegurou-lhe o Arcanjo Michael, e disse para Digby: — Não nos conhecemos já?

Digby respondeu:

— Não, que eu me lembre. Claro, fora de tantos quando-ondes... — Ele encolheu os ombros.

— Não interessa. Tu és Deus.

— Tu és Deus — respondeu Digby. Foster disse:

— Guardem as formalidades, por favor. Deixei-vos um monte de trabalho e vocês não têm toda a eternidade para o fazerem. Claro que «Tu és Deus»... mas quem é que não é?

Foster saiu e Mike empurrou para trás a sua auréola e deitou mãos ao trabalho. Estava a ver uma série de alterações que queria fazer...

F I M

